



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA
Área: Linguística Aplicada**

PETR PASEK

**RECONFIGURAÇÕES DA/S IDENTIDADE/S SOCIOCULTURAL/IS NO
PROCESSO DE USO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA/L2 EM TCHECOS (FALANTES
DO PORTUGUÊS) E BRASILEIROS (FALANTES DO TCHECO)**

Salvador
2022

PETR PASEK

**RECONFIGURAÇÕES DA/S IDENTIDADE/S SOCIOCULTURAL/IS NO
PROCESSO DE USO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA/L2 EM TCHECOS (FALANTES
DO PORTUGUÊS) E BRASILEIROS (FALANTES DO TCHECO)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Maria Oliveira Zoghbi

Salvador
2022

Pasek, Petr

RECONFIGURAÇÕES DA/S IDENTIDADE/S SOCIOCULTURAL/IS
NO PROCESSO DE USO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA/L2 EM
TCHECOS (FALANTES DO PORTUGUÊS) E BRASILEIROS
(FALANTES DO TCHECO) / Petr Pasek. -- Salvador, 2022.
462 f.

Orientadora: Denise Maria Oliveira Zoghbi.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua
e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,
Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia,
2022.

1. Identidade. 2. Língua. 3. Cultura. 4.
Autocensura. 5. Papel social. I. Oliveira Zoghbi,
Denise Maria. II. Título.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Aprovada em 22 / 11 / 2022

Banca Examinadora 2022

Profa. Dra. Denise Maria Oliveira Zoghbi
Universidade Federal da Bahia
Orientadora

Prof. Dr. Jorge Hernán Yerro
Universidade Federal da Bahia
Membro Titular Interno

Profa. Dra. Daniele de Oliveira
Universidade Federal da Bahia
Membro Titular Interno

Prof. Dr. Eduardo Viana da Silva
University of Washington, Estados Unidos de América
Membro Titular Externo

Prof. Dr. Gláucia Silva
College of Arts & Sciences – UMass Dartmouth, Estados Unidos de América
Membro Titular Externo

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, por diversas razões, vivem em países diferentes de onde nasceram, e que, consciente ou inconscientemente, adaptaram-se a esta nova vida através da língua e da cultura. Eu os admiro e os parabenizo por seus grandes esforços.

Ademais, dedico o trabalho a todos aqueles que vivem em seus próprios países, mesmo que desejem morar em outros. Acredito que um dia eles poderão realizar seus desejos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que de alguma forma me ajudaram e me acompanharam durante a realização desta tese de doutorado, que foi orientada pela professora Denise Zohgbi.

Obrigado, Petr Pasek

IDENTIDADE

Pessoa é em si muitas almas diversas e estranhas.

Não sei quantas almas tenho.

Cada momento mudei.

Continuamente me estranho.

Nunca me vi nem achei.

De tanto ser, só tenho alma.

Quem tem alma não tem calma.

Quem vê é só o que vê,

Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,

Torno-me eles e não eu.

Cada meu sonho ou desejo

É do que nasce e não meu.

Sou minha própria paisagem,

Assisto à minha passagem,

Diverso, móbil e só,

Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo

Como páginas, meu ser

O que segue não prevendo,

O que passou a esquecer.

Noto à margem do que li

O que julguei que senti.

Releio e digo: «Fui eu?»

Deus sabe, porque o escreveu.

(PESSOA, 1973. p. 48)

Resumo

O autor, falante de tcheco, português e inglês, almejou entender as possíveis reconfigurações identitárias e os fatores que as influenciam. Por não identificar pesquisas entre falantes do tcheco e português, optou por realizá-la. Este estudo, vinculado ao campo da Linguística Aplicada, pode melhorar as práticas pedagógicas, percebendo o ensino das línguas como práticas sociais e culturais. A pergunta central é: Quais são os principais fatores de reconfiguração identitária sociocultural ao se falar uma língua não materna, neste caso o português brasileiro e o tcheco? O trabalho analisa as reconfigurações identitárias de tchecos e brasileiros. O pesquisador entrevistou, em ambas as línguas, nove brasileiros na República Tcheca e nove tchecos no Brasil, dos quais selecionou e posteriormente transcreveu, traduziu (de tcheco para português) e analisou cinco tchecos e cinco brasileiros na parte analítica, que mais possibilitam a percepção e documentam de forma inequívoca a reconfiguração das identidades dos sujeitos investigados. O capítulo teórico está dividido em três partes, que descrevem os conceitos de língua, cultura e identidade e as relações entre eles. É dada especial atenção à descrição das identidades (pessoais, nacionais, coletivas e plurais) e às suas reconfigurações, e são descritas as seguintes influências codeterminantes: motivação, translinguagem, emoções, era digital e autocensura, como foram levados em consideração antes da própria análise. A pesquisa está fundamentada em abordagens teóricas de diferentes autores de vários países (África do Sul, Alemanha, Austrália, Áustria, Brasil, Canadá, Coreia do Sul, Espanha, EUA, França, Grã-Bretanha, Hong Kong, Itália, Irã, Israel, Polônia, República Tcheca, Sri Lanka entre outros) como: Černý (1998), Bauman (2005), Block (2009, 2017), Boroditsky (2003), Everett (2012, 2019), Grosjean (1980, 2001), Hall (2000, 2006), Kramsch (1998), Le Page (1980), Moita Lopes (1994, 1996, 2002, 2003, 2006), Norton (1997, 2000, 2002, 2008, 2010), Pinker (2003, 2018), Rajagopalan (1998, 2003, 2004, 2006), van Dijk (1999), entre outros. Trata-se de uma investigação qualitativa, interpretativa e interdisciplinar, cuja metodologia é descrita em detalhes no terceiro capítulo, incluindo a descrição do projeto piloto, que foi realizado antes do início da pesquisa. As concepções das identidades são investigadas na perspectiva da língua adquirida, buscando conclusões na dimensão dos perfis dos entrevistados. O capítulo de análise oferece uma visão muito detalhada de todo o tópico sob investigação. Explica alguns fatos essenciais sobre a própria análise, apresenta a situação linguística e socioeconômica dos países em questão e, naturalmente, traz os dados obtidos nas entrevistas analisadas, que apresenta, discute e resume. A análise incide principalmente sobre as emoções, a autocensura e a motivação como cofatores na reconfiguração da identidade, bem como descreve as fases e aspectos da adaptação em diferentes ambientes socioculturais. As questões 7, 9, 14 e 15, consideradas as principais a serem analisadas são discutidas em subseções separadas. Na conclusão, a identidade sociocultural é expressa, corporificada e simbolizada pela língua em uma conexão indissociável com a cultura. Os fatores que entram nesse processo como codeterminantes, além dos descritos acima, são: oportunidade, necessidade, choque cultural, segurança, adaptação, assimilação, integração, papel social do indivíduo e frustração.

PALAVRAS-CHAVE: identidade, língua, cultura, autocensura, papel social

Abstract

The author, a Czech, Portuguese, and English speaker, aimed to understand possible identity reconfigurations and the factors that influence them. As he did not identify research between Czech and Portuguese speakers, he decided to conduct his own. This study, linked to the field of Applied Linguistics, may improve pedagogical practices and the perception of language teaching as social and cultural practices. The central question is: What are the main factors of the reconfiguration of sociocultural identity when speaking an acquired language, in this case Brazilian Portuguese and Czech? The work analyzes the identity reconfigurations of Czechs and Brazilians. The researcher interviewed, in both languages, nine Brazilians in the Czech Republic and nine Czechs in Brazil, out of whom he selected and later transcribed, translated (from Czech to Portuguese) and analyzed five Czechs and five Brazilians for the analytical session, which allowed the greatest perception and unequivocal documentation of the reconfiguration of the investigated subjects' identities. The theoretical chapter is divided into three parts, which describe the concepts of language, culture and identity and the relationships between them. Particular attention has been paid to the description of identities (personal, national, collective, and plural) and their reconfigurations, and the following co-determining influences have been described: motivation, translanguaging, emotions, digital age and self-censorship, as considered before the analysis itself. The research is based on the theoretical approaches of many authors from many countries (South Africa, Germany, Australia, Austria, Brazil, Canada, South Korea, Spain, USA, France, Great Britain, Hong Kong, Italy, Iran, Israel, Poland, Czech Republic, Sri Lanka among others) such as: Černý (1998), Bauman (2005), Block (2009, 2017), Boroditsky (2003), Everett (2012, 2019), Grosjean (1980, 2001), Hall (2000, 2006), Kramsch (1998), Le Page (1980), Moita Lopes (1994, 1996, 2002, 2003, 2006), Norton (1997, 2000, 2002, 2008, 2010), Pinker (2003, 2018), Rajagopalan (1998, 2003, 2004, 2006), van Dijk (1999), and others. It is a qualitative, interpretive, and interdisciplinary investigation, whose methodology is described in detail in the third chapter, including a description of the pilot project, which was carried out before the beginning of the research. The conceptions of identities have been investigated from the perspective of the acquired language, seeking conclusions in the dimension of the interviewees' profiles. The analysis chapter offers a very detailed look at the entire topic under investigation. It explains some essential facts about the analysis itself, presents the linguistic and socioeconomic situation of the countries in question, and naturally generates data from the analyzed interviews, which it presents, discusses, and summarizes. The analysis focuses mainly on emotions, self-censorship and motivation as cofactors in the reconfiguration of identity, as well as describing the phases and aspects of adaptation in different sociocultural environments. Questions 7, 9, 14 and 15, considered the main ones to be analyzed, are discussed in separate subsections. In conclusion, sociocultural identity is expressed, embodied, and symbolized by language in an inseparable connection with culture. The factors that enter this process as co-determinants, in addition to those described above, are opportunities, needs, cultural shock, security, adaptation, assimilation, integration, and the individual's social role and frustration.

KEYWORDS: identity, language, culture, self-censorship, social role

Resumé

Autor, česky, portugalsky a anglicky mluvící, se snažil porozumět možným rekonfiguracím identity a faktorům, které je ovlivňují. Protože nenašel podobný výzkum mezi česky a portugalsky mluvícími, rozhodl se jej provést. Tato doktorská práce, založená na aplikované lingvistice, může zlepšit pedagogickou praxi a vnímání výuky jazyků jako společenské a kulturní praxe. Hlavní otázka zní: Jaké jsou faktory rekonfigurace sociokulturní identity při mluvení nemateřským jazykem, v tomto případě brazilskou portugalštinou a češtinou? Práce analyzuje rekonfigurace identity Čechů a Brazilců. Autor vedl rozhovory v obou jazycích s devíti Brazilci v České republice a devíti Čechy v Brazílii, z nichž vybral a později přepsal, přeložil (z češtiny do portugalštiny) pět výpovědí Čechů a pět Brazilců, jejichž analýza nejvíce umožňuje vnímat a jednoznačně dokumentovat rekonfiguraci identit zkoumaných subjektů. Teoretická kapitola je rozdělena do tří částí, které popisují pojmy jazyk, kultura, identita a vztahy mezi nimi. Zvláštní pozornost je věnována popisu identit (osobní, národní, kolektivní a plurální) a jejich rekonfiguracím, přičemž jsou popsány tyto spoluurčující vlivy: motivace, translanguismus, emoce, digitální věk a autocenzura, jak byly brány v úvahu před samotnou analýzou. Výzkum je založen na teoretických přístupech autorů z mnoha zemí (mimo jiné Jižní Afrika, Německo, Austrálie, Rakousko, Brazílie, Kanada, Jižní Korea, Španělsko, USA, Francie, Velká Británie, Hongkong, Itálie, Írán, Izrael, Polsko, Česká republika, Srí Lanka) jako: Černý (1998), Bauman (2005), Block (2009, 2017), Boroditsky (2003), Everett (2012, 2019), Grosjean (1980, 2001), Hall (2000, 2006), Kramsch (1998), Le Page (1980), Moita Lopes (1994, 1996, 2002, 2003, 2006), Norton (1997, 2000, 2002, 2008, 2010), Pinker (2003, 2018), Rajagopalan (1998, 2003, 2004, 2006), van Dijk (1999) a další. Jde o kvalitativní, interpretační a interdisciplinární výzkum, jehož metodika je podrobně popsána ve třetí kapitole, včetně popisu pilotního projektu, který byl realizován před samotným zahájením práce. Koncepce identit jsou zkoumány z perspektivy osvojeného jazyka, který hledá závěry v dimenzi profilů dotazovaných. Kapitola analýzy nabízí velmi podrobný pohled na celé zkoumané téma. Vysvětluje některá zásadní fakta o samotné analýze, prezentuje jazykovou a socioekonomickou situaci daných zemí a přináší data získaná v analyzovaných rozhovorech, která prezentuje, diskutuje a shrnuje. Analýza se zaměřuje především na emoce, autocenzuru a motivaci jako spoluurčující faktory při rekonfiguraci identity a také na popis fází a aspektů adaptace v různých sociokulturních prostředích. Otázky 7, 9, 14 a 15, které jsou považovány za hlavní, které je třeba analyzovat, jsou diskutovány v samostatných podkapitolách. Závěrem lze říci, že sociokulturní identitu vyjadřuje, ztělesňuje a symbolizuje jazyk v neoddělitelném spojení s kulturou. Faktory, které do tohoto procesu vstupují jako spoluurčující, kromě výše popsaných, jsou: příležitosti, potřeby, kulturní šok, bezpečnost, adaptace, asimilace, integrace, sociální role jedince a frustrace.

KLÍČOVÁ SLOVA: identita, jazyk, kultura, autocenzura, sociální role

Resumen

El autor, que domina las lenguas checa, portuguesa e inglesa, aspiraba a comprender las posibles reconfiguraciones identitarias y los factores que influyen en ellas. Como no identificó encuestas entre hablantes de checo y portugués, optó por realizarla. Este estudio, vinculado al campo de la Lingüística Aplicada, puede mejorar las prácticas pedagógicas, percibiendo la enseñanza de idiomas como prácticas sociales y culturales. La pregunta central es: ¿Cuáles son los principales factores de reconfiguración de la identidad sociocultural al hablar una lengua no materna, en este caso portugués brasileño y checo? El trabajo analiza las reconfiguraciones identitarias de checos y brasileños. El investigador entrevistó, en ambos idiomas, a nueve brasileños en la República Checa y a nueve checos en Brasil, de los cuales seleccionó y luego transcribió, tradujo (del checo al portugués) y analizó cinco checos y cinco brasileños en la parte analítica, que mejor permiten la percepción y documentar inequívocamente la reconfiguración de las identidades de los sujetos investigados. El capítulo teórico se divide en tres partes en las que se describen los conceptos de lengua, cultura e identidad y las relaciones entre ellos. Se presta especial atención a la descripción de las identidades (personal, nacional, colectiva y plural) y sus reconfiguraciones, y se describen las siguientes influencias codeterminantes: motivación, translenguaje, emociones, era digital y autocensura, ya que se tuvieron en cuenta antes del propio análisis. La investigación se basa en enfoques teóricos de diferentes autores de varios países (Sudáfrica, Alemania, Australia, Austria, Brasil, Canadá, Corea del Sur, España, EE. UU., Francia, Gran Bretaña, Hong Kong, Italia, Irán, Israel, Polonia, República Checa, Sri Lanka entre otros) como: Černý (1998), Bauman (2005), Block (2009, 2017), Boroditsky (2003), Everett (2012, 2019), Grosjean (1980, 2001), Hall (2000, 2006), Kramsch (1998), Le Page (1980), Moita Lopes (1994, 1996, 2002, 2003, 2006), Norton (1997, 2000, 2002, 2008, 2010), Pinker (2003, 2018), Rajagopalan (1998, 2003, 2004, 2006), van Dijk (1999), entre otros. Se trata de una investigación cualitativa, interpretativa e interdisciplinar, cuya metodología se describe detalladamente en el tercer capítulo, incluyendo la descripción del proyecto piloto que se realizó antes del inicio de la investigación. Se investigan las concepciones de las identidades desde la perspectiva del lenguaje adquirido, buscando conclusiones en la dimensión de los perfiles de los entrevistados. El capítulo de análisis ofrece una visión muy detallada de todo el tema que se investiga. Explica algunos hechos esenciales sobre el propio análisis, presenta la situación lingüística y socioeconómica de los países en cuestión y, naturalmente, trae los datos obtenidos en las entrevistas analizadas, que presenta, discute y resume. El análisis se centra principalmente en las emociones, la autocensura y la motivación como cofactores en la reconfiguración de la identidad, además de describir las fases y aspectos de la adaptación en diferentes entornos socioculturales. Las preguntas 7, 9, 14 y 15, consideradas las principales a ser analizadas, se discuten en subsecciones separadas. En conclusión, la identidad sociocultural se expresa, encarna y simboliza a través del lenguaje en una conexión inseparable con la cultura. Los factores que entran en este proceso como codeterminantes, además de los descritos anteriormente, son: la oportunidad, la necesidad, el choque cultural, la seguridad, la adaptación, la asimilación, la integración, el rol social del individuo y la frustración.

PALABRAS CLAVE: identidad, lengua, cultura, autocensura, rol social

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Números de brasileiros com residência fixa na República Tcheca	100
Quadro 2 - Comparação da dimensão territorial	101
Quadro 3 - Referências para Línguas	105
Quadro 4 - Entrevistas com os brasileiros que residem na República Tcheca.....	109
Quadro 5 - Quantitativo de estrangeiros e porcentagem de estrangeiros em população.....	121
Quadro 6 - Entrevistado N°1 = entrevista N° 1 e 2.....	239
Quadro 7 - Entrevistado N° 3 = entrevista N° 5 e 6.....	258
Quadro 8 - Entrevistado N°5 = entrevista N° 9 e 10.....	282
Quadro 9 - Entrevistado N° 8 = entrevista N° 15 e 16.....	302
Quadro 10 - Entrevistado n° 9 = entrevista N° 17 e 18.....	326
Quadro 11 - Entrevistado N° 10 = entrevista N° 19 e 20.....	351
Quadro 12 - Entrevistado N° 11 = entrevista N° 21 e 22.....	369
Quadro 13 - Entrevistado N° 12 = entrevista N° 23 e 24.....	392
Quadro 14 - Entrevistado N° 16 = entrevista N° 31 e 32.....	418
Quadro 15 - Entrevistado N° 17 = entrevista N° 33 e 34.....	439

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Motivação para a pesquisa	16
1.2 Problema da pesquisa.....	18
1.3 Objetivo geral.....	19
1.4 Considerações iniciais e explicações do autor	21
CAPÍTULO 2. IDENTIDADE, LÍNGUA E CULTURA.....	24
2.1 Língua e cultura.....	25
2.1.1 Conceito(s) de cultura	26
2.1.2 Conceito(s) de interculturalidade.....	29
2.1.3 Conceito(s) de língua	37
2.1.4 Relações entre língua e cultura, e suas interações socioculturais	41
2.1.5 Recapitulação.....	53
2.2 Identidade(s).....	53
2.2.1 Conceito(s) de Identidade(s)	62
2.2.2 As identidades em situações de comunicação	68
2.2.3 Identidade linguística	72
2.2.4 Outros fatores codeterminantes	75
2.2.5 É a língua que reconfigura a identidade?	83
2.2.6 Recapitulação.....	91
CAPÍTULO 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	93
3.1 Natureza de pesquisa.....	93
3.2 Projeto-Piloto	95
3.3 Processo de construção da metodologia da pesquisa	96
3.3.1 Pesquisas anteriores	96
3.3.2 O conteúdo e cenário.....	98
3.3.3 Critérios de exclusão e inclusão dos informantes	99
3.3.4 Seleção dos sujeitos e pesquisa de campo	99
3.3.5 Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas	103
3.4 Geração dos dados.....	108
3.4.1 Os questionários	108
3.4.2 As entrevistas e gravações	110
3.5 Procedimentos e traduções dos dados	111

3.5.1 Transcrições adaptadas	112
3.5.2 Traduções	112
3.5.3 Quadro de referência para análise	114
CAPÍTULO 4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÕES DOS DADOS	115
4.1 Esclarecimentos sobre análise	115
4.2 Situação linguística nos países pesquisados	117
4.2.1 Situação na República Tcheca	117
4.2.2 Situação no Brasil	120
4.3 Notas factuais sobre os entrevistados	123
4.3.1 Entrevistas com os brasileiros na República Tcheca	123
4.3.2 Entrevistas com os tchecos no Brasil	124
4.4 Dados obtidos: apresentação, discussão e síntese	125
4.4.1 A emoção como cofator na reconfiguração da identidade	126
4.4.2 Etapas e aspectos da adaptação em diferentes ambientes socioculturais	131
4.4.3 A autocensura e suas consequências na reconfiguração identitária	150
4.4.4 A motivação como um dos fatores e suas consequências na reconfiguração identitária	157
4.4.5 Pergunta sete: Falando tcheco (português), como você se sente?	163
4.4.6 Pergunta nove: Você busca ambiente onde possa falar na sua língua materna?	173
4.4.7 Pergunta quatorze: Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país?	182
4.4.8 Pergunta quinze: Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua tcheca (portuguesa)?	194
4.5 Resumo da Análise.....	206
CAPÍTULO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	208
5.1 Síntese dos resultados da pesquisa	210
5.2 Conclusão	212
REFERÊNCIAS	213
APÊNDICE A: ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM BRASILEIROS MORANDO NA REPÚBLICA TCHECA, QUESTIONÁRIO APLICADO NA LÍNGUA PORTUGUESA	231
APÊNDICE B: ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM BRASILEIROS MORANDO NA REPÚBLICA TCHECA, QUESTIONÁRIO APLICADO NA LÍNGUA TCHECA	233
APÊNDICE C: ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM TCHECOS MORANDO NO BRASIL, QUESTIONÁRIO APLICADO NA LÍNGUA TCHECA	235
APÊNDICE D: ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM TCHECOS MORANDO NO BRASIL, QUESTIONÁRIO APLICADO NA LÍNGUA PORTUGUESA	237
APÊNDICE E: ENTREVISTADO Nº1	239

APÊNDICE F – ENTREVISTADO N° 3	258
APÊNDICE G – ENTREVISTADO N° 5	282
APÊNDICE H – ENTREVISTADO N° 8	302
APÊNDICE I – ENTREVISTADO N° 9	326
APÊNDICE J – ENTREVISTADO N° 10.....	351
APÊNDICE K – ENTREVISTADO N° 11	369
APÊNDICE L – ENTREVISTADO N° 12.....	392
APÊNDICE M – ENTREVISTADO N° 16.....	418
APÊNDICE N – ENTREVISTADO N° 17	439
APÊNDICE 0 – TABELA AUXILIAR	462

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

*Kolik jazyků umíš, tolikrát jsi člověkem*¹ diz um dito tcheco que, traduzido para a língua portuguesa seria: *Quantas línguas você sabe, tantas pessoas vivem dentro de você*. Traduzindo de forma menos literal, seria: *Quem aprende uma nova língua, adquire uma nova alma*.²

Este trabalho acadêmico é desenvolvido dentro da Linguística Aplicada de maneira interdisciplinar, interligando conceitos de identidade, cultura, interculturalidade e uso de língua estrangeira.

Questões relacionadas ao conceito de identidade têm ganhado muita atenção na Linguística Aplicada contemporânea. Na sociedade globalizada de hoje, que é indubitavelmente influenciada pela disseminação de informações tanto local como internacionalmente, é muito provável que pessoas passem por alterações identitárias, seja temporária ou permanentemente, porque o cruzamento das fronteiras culturais não só possibilita, mas pode exigir diretamente tal predisposição, que será discutida em outras partes do trabalho acadêmico. Nesse processo de globalização as pessoas entram em contato mais próximo com diferentes espaços socioculturais que não apresentam a mesma ambiguidade e centralidade, mas o contrário, são muito complexos, até híbridos, e assim oportunizam a criação de novas configurações de pessoas e principalmente de suas identidades. A pesquisa analisa as relações que existem entre identidade e linguagem³, e entre identidade e cultura. Além disso, discute como a linguagem afeta a (re)construção da identidade de sujeito e, para isso, utiliza-se vários conceitos da Linguística Aplicada.

O conhecimento e uso de línguas (maternas e não maternas) são poderosas “armas” do mundo de hoje. Qualquer pessoa que não consiga se comunicar precisa confiar na assistência ou na ajuda de pessoas e/ou nos instrumentos ao seu redor. Por outro lado, há muitos indivíduos que utilizam duas ou mais línguas todos os dias para se comunicar. Segundo o professor espanhol Angel Muñoz (2014), mais da metade da população mundial é usuária de duas ou

¹ Ditado de domínio geral tcheco. Trate-se de um dito mundialmente usado, citado e usado até, por exemplo, por François Grosjean, que se refere a ele em seus livros sobre bilinguismo (1982, 2001), Kanavillil Rajagopalan, falando sobre línguas e identidades (2004) ou Christine Revuz (1998).

² Traduções nossas.

³ Neste trabalho, será adotada ora a designação linguagem ora a designação língua, de acordo com cada contexto de discussão. No entanto, estabelece-se a distinção entre ambas, sendo, portanto, a linguagem entendida como a capacidade natural que o ser humano possui de se comunicar, seja por meio de palavras, gestos, imagens, sons, expressões etc. e, a língua, compreendida como o conjunto sistemático de signos, baseado em um certo número de regras e correções, que uma comunidade utiliza para se comunicar (nota do autor).

mais línguas cotidianamente, o que, de acordo com o linguista indo-brasileiro Kanavillil Rajagopalan, pode representar a teoria de bilinguismo ou até multilinguismo:

Num mundo que serve de palco para o contato, o intercâmbio sem precedentes entre povos, o multilinguismo adquire novas conotações. O cidadão desse novo mundo emergente é, por definição, multilíngue. O multilinguismo como língua franca (cf. Desai, 1995) já se tornou uma realidade no continente da África e nas comunidades como a União Europeia (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69).

Segundo o linguista francês Grosjean (2001), o bilinguismo pode ser entendido como a capacidade de se comunicar fluentemente em diversas situações sociais em uma língua diferente da língua materna como é o caso dos tchecos e brasileiros que serão objeto dessa pesquisa. O conceito de bilinguismo é abordado propositadamente para melhor compreensão sobre o que será tratado nesse trabalho. No entanto, deve-se notar que o objetivo não é questionar ou analisar o bilinguismo ou mesmo o multilinguismo.

1.1 Motivação para a pesquisa

Com base na premissa, geralmente aceita, de que língua e cultura são inseparáveis (como será tratado no subcapítulo 2.1 Língua e cultura) e, portanto, não devem ser estudadas e analisadas separadamente, não é possível determinar ou hipotetizar se é a língua ou a cultura ou ambas, que são responsáveis pela reconfiguração de identidade sociocultural de um indivíduo. De qualquer forma, a motivação para esta pesquisa de doutoramento é explorar um tema inovador por focar-se em duas línguas tão distantes: o tcheco e o português brasileiro e, em paralelo, suas culturas tão distantes: a tcheca e a brasileira.

Existem estudos acadêmicos que desenvolvem esse tema do trabalho, porém, sempre desde o ponto de vista psicológico e comportamental, como poderá ser observado detalhadamente no subcapítulo 3.3.1 Pesquisas anteriores. Explorar este tópico a partir de uma perspectiva linguística e cultural é inovador. No mundo lusófono, é um tema praticamente inexplorado, ainda mais no universo da língua materna do autor - o tcheco.

O fato de o autor ter⁴ nacionalidade tcheca, utilizar o tcheco como língua materna e falar a língua portuguesa diariamente como estudante em uma universidade brasileira, despertou-o

⁴ Embora a forma corrente nos estudos acadêmicos brasileiros na área da linguística aplicada seja o uso da voz ativa na primeira pessoa do singular, neste trabalho o autor utiliza deliberadamente a terceira pessoa para se referir

para as perspectivas de estudar a temática aqui apresentada (conforme explicado na seção 1.3 Objetivo geral). Ciente que já existem pesquisas no campo da sociolinguística e da psicologia, o autor decidiu seguir os caminhos da pesquisa no campo da Linguística Aplicada para obter suas conclusões sobre a re/configuração de identidades no uso de línguas maternas e não maternas.

Como já mencionado, há pesquisas sobre mudanças comportamentais e identitárias no uso de línguas não nativas do ponto de vista psicológico e sociolinguístico. No entanto, a relevância deste trabalho reside no fato de se centrar no campo da Linguística Aplicada e entender que serve como apoio para responder a questões sobre os aspectos socioculturais de falantes de línguas maternas e não maternas. Nessa perspectiva, esta tese pretende expor possíveis mudanças identitárias para além do conceito linguístico, dialogando com outras disciplinas, a fim de compreender e ampliar sua complexidade.

Convém ressaltar que o autor tem motivos pessoais para estudar tal tema da tese de doutorado. Hipoteticamente, o autor pôde se tornar objeto de pesquisa pelo fato de ter vivenciado ao longo de sua vida as transformações de identidade aqui estudadas. Em sua juventude, cursou o ensino médio nos Estados Unidos e depois como estudante universitário no Reino Unido, ambas as experiências se deram em um ambiente de língua inglesa.

Depois de vinte anos morando em seu país natal, a República Tcheca, e utilizando sua língua materna, decidiu retomar seus estudos universitários, desta vez no Brasil e em português, que se tornou sua terceira língua.

Apesar de o autor estar dentro dos parâmetros para se tornar possível objeto de pesquisa, pelo fato de falar três idiomas todos os dias e se sentir sujeito a mudanças de identidade, ele permanecerá apenas como um observador para maximizar a objetividade dos resultados da pesquisa, consciente dos desafios em manter a neutralidade nas análises aqui realizadas.

Espera-se que, a partir de estudos como este, alguns aspectos relacionados à reconfiguração identitária possam ser descritos na Linguística Aplicada. Este trabalho pode possibilitar uma maior compreensão da dimensão sociocultural a fim de abrir um escopo teórico e prático que permita novos espaços interdisciplinares na Linguística Aplicada.

a si mesmo e a voz passiva. Isso ocorre uma vez que na cultura tcheca essas são as formas presentes nos estudos acadêmicos por serem vistas como impessoais e desprovidas de emoção. Desse modo, a decisão por fazer uso desse estilo de escrita é uma forma do autor de reafirmar a sua identidade como estudante estrangeiro de pós-graduação (nota do autor).

1.2 Problema da pesquisa

Tudo indica que as identidades socioculturais são reconfiguradas ao se usar uma língua não materna. Esta tese de doutorado, portanto, vai um pouco mais além nessa discussão, centralizando na seguinte questão central: “Quais são os principais fatores de reconfiguração identitária sociocultural ao se falar uma língua não materna, especialmente no caso do português brasileiro e do tcheco?”

A língua é um instrumento poderoso que abre janelas para o mundo, aproxima informações e conhecimento (da mesma forma que, às vezes, pode servir para separar indivíduos) através da difusão de ideias ou sentimento de solidariedade. Pode ser utilizada para propagar educação, solidariedade e afabilidade, entre outros aspectos. Aristóteles, no seu tempo, já afirmava que o homem é excepcional graças à sua capacidade de sociabilidade e civilidade e, principalmente, da linguagem, pois ele possui a palavra (ARISTÓTELES apud CHAUI, 2006, p. 147). Acredita-se, portanto, que a palavra exerce um poder extraordinário sobre cada pessoa.

No atual contexto de globalização, as competências linguísticas assumem uma dimensão ainda mais significativa. As crianças precisam ser encorajadas e apoiadas a aprender e falar novas línguas quanto mais cedo melhor, permitindo-lhes uma maior abertura a outras culturas e uma melhor mobilidade. A esse respeito, a professora e tradutora francesa Elizabeth Deshays afirma que “nossos filhos viverão em um mundo ainda mais cosmopolita, [...] e devemos dar-lhes a ferramenta que lhes permita sentir-se à vontade em seus relacionamentos.” (2003, p. 39, tradução nossa).⁵ Hoje em dia, dominar a comunicação em outros idiomas, além da língua materna, é a principal ferramenta para que cada indivíduo se torne um cidadão do mundo linguisticamente competente.

Ser capaz de se comunicar em línguas estrangeiras tornou-se uma necessidade para milhões de pessoas que se deslocam pelo mundo e assim entram em contato com outras nações e culturas. Por isso também, argumenta-se que língua e cultura são sinergias efetivamente inseparáveis no processo de comunicação entre os indivíduos.

Se a cultura pode ser entendida como “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 55),

⁵ No original: nos enfants vivront dans un monde encore plus cosmopolite, [...] et il faut leur donner l’outil qui leur permettra d’être à l’aise dans leurs relations.

um modo de vida orientado pela linguagem, e se também pode ser entendido que a vida do indivíduo passa por constantes processos de identificação e desidentificação com a ressalva de que é um desafio para ele, então pode-se perceber que língua, cultura e identidade são conceitos internamente interligados, pois a cultura é constituída por meio da linguagem, graças à qual é dispersa, e por meio da qual também ocorrem processos de identificação.

O uso, em geral, da linguagem está ligado ao conhecimento sociocultural, compartilhado pelos membros de um grupo. Há autores que compreendem a interligação entre língua, cultura e identidade:

uma língua nunca é aprendida isoladamente, porque temos sempre fatores associados à língua, como é o caso do meio social em que o aprendizado acontece e das influências culturais e identitárias desse meio. Considera-se que a língua é sempre uma prática social e seu aprendizado, seja dentro ou fora de sala de aula, lida com sujeitos em relações sociais nas quais as identidades estão em constante reconstrução (BRISOLARA, 2015, p. 111).

Este trabalho acadêmico tem como objetivo analisar a linguagem utilizada no meio social, conforme descrito na citação anterior, onde o uso da linguagem torna-se crucial no contexto de reconfiguração identitária, como será explicado com mais detalhes nos capítulos seguintes.

Percebendo o mundo em suas dimensões global e multilíngue, não há outra maneira senão concordar com o teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2000), que em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, afirma que a identidade de um indivíduo não é fixa, em outros termos, está sujeita a mudanças. Esta afirmação se harmoniza com o conceito de Rajagopalan:

Vivemos, na verdade, uma época em que a questão da identidade já não pode ser mais considerada como algo pacífico. As identidades estão cada vez mais sendo percebidas como precárias e mutáveis, suscetíveis à renegociação constante. Uma das maneiras pela qual as identidades acabam sofrendo o processo de renegociação, de realinhamento, é o contato entre as pessoas, entre os povos, entre as culturas. [...] As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69).

1.3 Objetivo geral

Atualmente não se pode falar sobre e de identidade no singular, mas sempre sobre e das identidades no plural. Todos os membros da espécie humana passam por reconfigurações das

identidades socioculturais ao longo da vida, dependendo do estilo da vida e das situações em que se encontram.

Com base no entendimento de que a língua e a cultura são um dos principais impulsionadores das reconfigurações de identidade, pode-se prever que as pessoas que vivem em um novo país e se comunicam em um novo idioma experimentam tais reconfigurações. Mas o que prevalece: a língua, ou a cultura? Ou quaisquer outros fatores?

Espera-se que a tese seja capaz de subsidiar novas pesquisas sobre identidades, que possam ser desenvolvidas em outros países, com outras línguas, a fim de aprofundar este campo da Linguística Aplicada, e que seus resultados possam ser transferidos para a prática pedagógica, tradução e, possivelmente, para outros campos relacionados.

A tese, portanto, analisará e relacionará dados de brasileiros (falantes do tcheco) residentes na República Tcheca com tchecos (falantes do português) residentes no Brasil. Os locais foram escolhidos pelos seguintes motivos: o autor é de nacionalidade tcheca, sua língua materna é o tcheco e atualmente estuda e mora no Brasil, onde utiliza o português para sua comunicação cotidiana.

A fim de esclarecer como se dão essas reconfigurações de identidades socioculturais por meio do uso da língua e/ou da vivência em um novo ambiente cultural, propôs-se explorar e descrever a gênese das reconfigurações identitárias em falantes da língua tcheca e portuguesa.

Para tal fim foram elencadas as seguintes questões que ajudarão a complementar a pesquisa:

- a) De que modo os falantes de língua estrangeira (português e tcheco) configuram novas posições identitárias?
- b) De que modo as interações com nativos e não nativos influenciam as posições identitárias assumidas?
- c) Quais outros hábitos e aspectos acompanham a configuração de novas posições identitárias?
- d) De que modo a compreensão dessas configurações identitárias contribui para a interação sociocultural dos falantes das línguas estrangeiras em questão?

Assim o problema da pesquisa surge da análise da identidade de indivíduos que falam pelo menos uma língua a mais do que sua língua materna. O autor desta tese de doutorado estudou e morou nos Estados Unidos na adolescência, no Reino Unido durante o bacharelado,

e depois retornou à República Tcheca onde viveu em sua língua nativa: o tcheco. Atualmente estuda e mora no Brasil, onde utiliza a língua portuguesa para sua comunicação diária. Pelas razões descritas, a base deste trabalho pode ser enunciada: é possível que uma pessoa se torne diferente ao falar uma nova língua e viver em um novo ambiente cultural? É possível que o novo idioma reconfigure sua identidade a partir dessas experiências de vida?

A tese tem como objetivo geral “Identificar os principais fatores na reconfiguração identitária sociocultural ao se falar uma língua não nativa, especificamente no caso de tchecos (falantes do português) e brasileiros (falantes do tcheco)”.

Com relações aos objetivos específicos, esta pesquisa pretende:

- a) Identificar tchecos residentes no Brasil e brasileiros residentes na República Tcheca, que se identificam como falantes do português e tcheco, respectivamente.
- b) Estabelecer critérios para identificar quais são as relações entre língua, cultura e identidade no perfil dos sujeitos.
- c) Executar a pesquisa em si a partir de uso dos critérios predefinidos.
- d) Comparar as possíveis mudanças das identidades socioculturais quando os informantes se expressam numa segunda língua.

O autor da tese acredita que a globalização pode, em geral, afetar a fragmentação das identidades socioculturais. Posteriormente, isso será examinado em indivíduos (brasileiros e tchecos) que formam grupos que não podem ser percebidos como homogêneos; ao contrário, cada grupo pode ser visto como um conjunto de indivíduos que estão conectados por nacionalidade, língua materna e não materna e cultura. A pesquisa utiliza esses dois grupos como exemplo de internacionalização: cidadão brasileiro morando na República Tcheca, falante do tcheco e cidadão tcheco morando no Brasil, falante do português, respectivamente.

1.4 Considerações iniciais e explicações do autor

Nenhuma pesquisa acadêmica na área de ciências humanas pode revelar uma verdade “absoluta”. Pode, na verdade, ajudar a trazer algo muito próximo da realidade naquele momento. Deve-se ressaltar que a verdade absoluta não será buscada ao longo do texto, entretanto o problema de pesquisa e questões relacionadas serão analisados o mais profundamente possível para alcançar os objetivos estabelecidos. Não é possível encontrar dois

seres humanos idênticos na natureza, cada um é único. Conseqüentemente, é impossível compará-los. Cada fenômeno investigado consiste em um evento isolado. Tudo é único. Analisando essa perspectiva pode-se estabelecer diálogo com o linguista estadunidense Daniel Everett:

Normalmente, cada avanço científico tem sua origem em uma disputa que diz respeito à interpretação de evidências em favor de uma determinada tese ou contra ela. Fazer ciência não diz respeito à descoberta de uma teoria “verdadeira”, mas à descoberta da melhor teoria, à medida que os cientistas tateiam em direção à compreensão (EVERETT, 2019, p 30).

Este trabalho não visa comparar identidades, mas descobrir se os informantes expressam visões diferentes sobre as mesmas questões nas duas línguas pesquisadas e, assim, descobrir os motivos de sua reconfiguração. Os participantes não serão analisados como indivíduos ou grupos, mas como múltiplas identidades dentro de uma mesma pessoa. No caso da descrição de identidades a prerrogativa do autor é não utilizar fundamentos filosóficos que distingam entre “contrastar” (grupo heterogêneo) ou “comparar” (grupo homogêneo), o que não alterará os resultados desta pesquisa.

Há áreas teóricas que serão articuladas ao longo do texto, embora apenas desenvolvidas superficialmente na sua complexidade. Serão apresentadas de forma consistente e breve para apresentação dos conceitos em uma abordagem periférica, explicando o porquê da importância em conhecê-las e porque não serão mais exploradas nesta tese. Tal delimitação de tópicos e fontes teóricas de pesquisa são importantes para limitar a extensão da pesquisa para que não se tornasse interminável.

Cada pesquisador, em sua área, de estudo tenta ser neutro. Embora o autor seja tcheco, resida no Brasil e pesquise tchecos e brasileiros, durante todo o processo, desde a preparação até a análise, ele se manteve o mais distante possível para garantir resultados de qualidade, permanecendo fora de julgamento, reconhecendo emoções de outras pessoas apenas descrevendo-as, o que significa que não pode e não quer negar sua visão subjetiva do raciocínio dos respondentes, mas a reconhece sem permitir que interfira na leitura e posterior análise dos dados coletados.

Qualquer descrição sobre identidade já é subjetiva. Partindo do pressuposto que identidade está sempre em construção, por definição é mutável, a subjetividade do autor pode estar também se modificando na medida que suas percepções sobre o mundo estão mudando. Isso pode exprimir que, durante o tempo da escrita dessa tese, a sua compreensão sobre o mundo

e de si mesmo (levando também em consideração os efeitos da pandemia mundial) estava em constante mudança, evolução e reconfiguração.

CAPÍTULO 2. IDENTIDADE, LÍNGUA E CULTURA

Este estudo trabalha com as seguintes categorias teóricas: identidade, língua e cultura, e os termos e suas conexões serão explicados nas seções e subcapítulos adiante. Estudos e pesquisas com essa abordagem já podem ser encontrados, porém, não relacionados às línguas tcheca e portuguesa.

Como as questões e os termos, nesta tese, vinculam-se ao campo da Linguística Aplicada, é preciso esboçar algumas definições. Assim, pode-se recorrer ao conceito de Luiz Márcio Vilaça (2010, p. 10) que inclui uma definição resumida por vários outros autores:

A Linguística Aplicada é uma ciência social de estudos de linguagem de caráter interdisciplinar (MOITA LOPES, 1996) que focaliza questões de uso de linguagem em diferentes contextos e com diferentes propósitos comunicativos e interacionais (PEREIRA & ROCA, 2009). Apesar de sua importância e de suas contribuições sociais e educacionais (LEFFA, 2001), a disciplina ainda é pouco compreendida. A Linguística Aplicada tem em sua primeira fase de estabelecimento relação mais objetiva com pesquisas em ensino/aprendizagem de línguas, especialmente estrangeiras, e tradução (MOITA LOPES, 1996; TRASK, 2004; MENEZES, SILVA & GOMES, 2009). Hoje, no entanto, a ciência aborda uma grande diversidade de temas que incluem ensino/aprendizagem de línguas, tradução e interpretação, análise do discurso, formação de professores, letramento, comunicação profissional, EaD e mídia. (VILAÇA, 2010, p. 10)

A citação explica detalhadamente diferentes perspectivas da Linguística Aplicada e, portanto, pode-se identificar o quão insubstituível ela é por ser interdisciplinar. Portanto, a linguagem será estudada e analisada, nesta tese, sob diferentes aspectos e vários contextos (brasileiros morando na República Tcheca e falando língua tcheca x tchecos morando no Brasil e falando português); com finalidades diferentes (reconfigurações identitárias) e estabelecendo a relação mais objetiva com a pesquisa e o uso da linguagem (tchecos no Brasil, brasileiros na República Tcheca). É notório que os tópicos que a Linguística Aplicada abrange são, atualmente, tão amplos que para o desenvolvimento dos mesmos deve-se auxiliar de outras matérias e ciências. Os estudos interdisciplinares do funcionamento da linguagem têm uma influência decisiva e contribuem para a teoria linguística. Se se tratasse apenas da linguagem como meio de comunicação entre as pessoas para o entendimento mútuo, não seria possível mergulhar no problema exposto no primeiro capítulo, sobre cultura(s), idioma(s) e especialmente identidade(s). “Sob o viés de que não se pode dissociar linguagem e vida social, dada a complexidade desta, a Linguística Aplicada estabelece diálogos com outras áreas de estudos: Educação, Filosofia, Psicologia, Antropologia, Política, Sociologia etc.” (MOITA

LOPES, 2006, p. 23). Considerando os estudos das outras ciências, busca-se entender e, talvez, indicar se o uso de uma língua que não seja a materna nos reconfigura, isto é, se uma pessoa que utiliza duas ou mais línguas muda as suas atitudes, opiniões, percepção do mundo, o que irá ser aprofundado no subcapítulo 2.2. Identidade(s). Ademais, será considerado se outros fatores (especialmente cultura e ambiente social) no uso desta língua determinam como as pessoas se sentem e se identificam e se se reconfiguram quando usam a língua não materna, conforme os objetivos já explicitados no início da pesquisa, o que será analisado no capítulo 4. Análise e interpretação dos dados.

2.1 Língua e cultura

Este subcapítulo tem como propósito explicar os termos língua e cultura e, conseqüentemente, explorar a conexão entre eles sob a perspectiva de diferentes autores e diferentes conceitos. Também analisa a linguagem como uma ferramenta de interação sociocultural tendo em vista as diferentes perspectivas sobre a interculturalidade. Entre a cultura e a linguagem existe uma inter-relação, elas são indissociáveis. Portanto, na visão atual da Linguística Aplicada, uma influencia a outra, afetam-se (EVERETT, 2012, 2019; entre outros).

A linguista franco-estadunidense Claire Kramsch entende que “a língua expressa, abarca e simboliza a realidade cultural” (1998, p. 5). Ainda acrescenta:

através do sotaque, do vocabulário e dos seus padrões de discurso, os falantes identificam a si próprios e são identificados como membros desta ou daquela comunidade de fala ou discurso. Desta sociedade, eles retiram força pessoal e orgulho, como também um sentimento de importância social e continuidade histórica por usar a mesma língua usada pelo grupo ao qual pertencem. (KRAMSCH, 1998, p. 65)

A concepção de Kramsch permite refletir que ao conversar com uma pessoa, dependendo do ambiente sociocultural em que está imersa, através do uso da língua, é possível perceber a sua origem na dimensão sociocultural. Nessa perspectiva é possível afirmar que o linguista americano William Labov dialoga com esta concepção em seu livro *A estratificação social do inglês na cidade de Nova York* (1966, tradução nossa)⁶, ao analisar como a idade e a classe social pode se reparar no uso de determinadas palavras em suas variações linguísticas, consideradas atuais ou em desuso. Retornando, e analisando um pouco mais a compreensão de

⁶ No original: *The Social Stratification of English in New York City*.

Kramsch, pode-se imaginar que a sensação de pertencimento a um grupo social pode interferir na própria identidade pessoal do falante.

É possível entrelaçar o pensamento de Kramsch, com o próprio de Everett (2019, p. 13) quando ele diz que: “A linguagem surgiu gradualmente de uma cultura, formada por pessoas que se comunicavam umas com as outras. [...] A linguagem está a serviço da cultura.”

Essa afirmação de Everett permite de modo oportuno, dentro da pesquisa, indagar se realmente o uso de língua não materna pode ser desenvolvido de maneira cômoda sem estar determinado pela sua própria cultura, pela própria percepção predeterminada do mundo ou pela língua e cultura materna, ou se de forma inconsciente será sempre mediatizada pela própria cultura e não pela nova cultura que a nova língua pretende “servir”.

Essas considerações são inspiradoras para o objetivo dessa tese para a compreensão do tema de reconfigurações identitárias e, portanto, serão abordadas com mais cuidado e profundidade nas próximas seções.

2.1.1 Conceito(s) de cultura

A origem etimológica da palavra “cultura” pode ajudar a entender o significado do termo cultura. Em latim, a forma verbal *cultura*⁷ (do verbo *colō, colere*, com significado de cultivar, educar e adorar), originariamente significava o cultivo das plantas (por exemplo, “cultura do lúpulo”). Ao contrário das ervas daninhas que crescem sozinhas, as pessoas começaram a cultivar as plantações. Atualmente o termo é usado para descrever atividades humanas: arte, literatura, religião e educação, como foi apontado pelo linguista e antropólogo tcheco Zdeněk Salzmann no seu livro *Língua, cultura e sociedade: uma introdução à antropologia linguística*. (1997, p. 32, tradução nossa).⁸ No sentido mais amplo, especialmente nas ciências sociais, cultura é um sistema de todas as manifestações, atividades e padrões de comportamento que se adquire como membro da sociedade em que essa cultura é cultivada e transmitida (LARAIA, 2006. p. 25).

Porém, o antropólogo britânico Edward Burnett Tylor, quem foi o primeiro a definir o termo “cultura”, entendeu-a como um sistema de tudo o que se adquire como membro de uma sociedade em particular (língua, conhecimento, religião, arte, leis, moralidade ou

⁷ FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 508.

⁸ No original: Jazyk, kultura a společnost: úvod do lingvistické antropologie

costumes): “Cultura é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade.” (TYLOR, 1884, p. 31, tradução nossa).⁹

Neste sentido, segundo o antropólogo, a cultura abrange tudo o que o homem não possui no momento de nascimento, isto é:

- a) o que ele precisa aprender para se tornar um membro aceito de sua sociedade;
- b) o que ele normalmente não cria, mas recebe dos anciãos;
- c) o que é um trabalho acumulado, coletivo e, muitas vezes, anônimo, de muitas gerações;
- d) o que une a comunidade e a diferencia dos outros.

O psicólogo estadunidense David Matsumoto (2002) no seu artigo “Culture, Psychology, and Education” argumenta que a cultura é “o conjunto de atitudes, valores, crenças e comportamentos compartilhados por um grupo de pessoas, mas diferentes para cada indivíduo, comunicados de uma geração para a seguinte.” (MATSUMOTO, 2002, tradução nossa).¹⁰

Examinando as reflexões dos dois autores, nota-se que a citação de Matsumoto concorda com o pensamento de Tylor, ao confirmar que a cultura é algo aprendido no seu entorno social, no mesmo tempo Matsumoto acrescenta o elemento individual também.

Prosseguindo, Everett no livro *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade*, estende os pontos expostos acima, ampliando o pensamento de ambos os autores:

Cultura é uma rede abstrata moldando e conectando papéis sociais, domínios de conhecimento hierarquicamente estruturados e valores ranqueados. A cultura é dinâmica, mutável, reinterpretada momento a momento. Os papéis, o conhecimento e os valores da cultura são somente encontrados nos corpos (o cérebro é parte do corpo) e nos comportamentos de seus membros. A cultura é abstrata, porque ela não pode ser tocada, nem vista, nem inalada – ela não é diretamente observável. Porém, os produtos da cultura, tais como artes, bibliotecas, papéis políticos, alimentação, literatura, ciência, religião, estilo, arquitetura, tolerância ou intolerância, são não abstratos, visíveis e tangíveis. A cultura, como uma força dinâmica, é encontrada somente nos indivíduos de uma sociedade. Os membros de qualquer sociedade compartilham uma cultura quando concordam a respeito de uma série de valores e a respeito da prioridade relativa que dão a esses valores. Por sua vez, os membros de uma cultura compartilham conhecimento e papéis sociais. Observam-se, na ação de membros individuais da sociedade, valores e conhecimentos aplicados ou exemplos de expectativas de diferentes papéis sociais. Isso é a cultura em ação (EVERETT, 2019, p. 100).

⁹ No original: Culture... is that complex whole which includes knowledge, beliefs, arts, morals, law, customs, and any other capabilities and habits acquired by a human as a member of society.

¹⁰ No original: [...] the set of attitudes, values, beliefs, and behaviors shared by a group of people, but different for each individual, communicated from one generation to the next.

Tentando compreender a citação acima, pode-se deduzir que a cultura se revela, na maioria dos casos, em expressões intangíveis. Cada indivíduo que claramente pertence a um grupo específico tem noção e domínio do que é permitido ou não dentro desse grupo. As razões podem ser explicadas de várias maneiras, mas é suficiente ressaltar que a maioria das teorias antropológicas¹¹ concorda que o grupo conforma e é conformado culturalmente pelo sujeito ao longo da vida.

Quando se pensa em cultura, compreende-se que não é apenas um modelo abstrato e simbólico preservado como relíquias das gerações anteriores. Muito pelo contrário, a cultura é encontrada nas atividades práticas da vida cotidiana em que se desenvolve sob a influência e pressão dos objetivos e necessidades exigidos por outras culturas concorrentes. As culturas não existem simplesmente como diferenças estáticas a serem comemoradas e valorizadas, senão que se esforçam dinamicamente para melhorar vidas cotidianas criando e conduzindo atividades humanas da perspectiva das pessoas que vivem nessas culturas.

Verifica-se que cada pessoa possui um conjunto de determinados valores e conhecimentos (por exemplo, liberdade, justiça, respeito, igualdade, educação) da sociedade onde está inserida e, dependendo das suas experiências, habilidades, conhecimento, oportunidade e flexibilidade no cumprimento dos padrões sociais, esta pessoa é capaz de estabelecer relações sociais de maneira mais ou menos eficiente. Esses valores e conhecimentos internalizados podem servir como instrumentos para o indivíduo supostamente saber o que fazer, o que esperar, como reagir etc., nas diversas situações (perigos, prazeres e outras experiências da vida) sem ter que desenvolver uma resposta inteiramente original e imediata a cada estímulo da própria cultura. Esses instrumentos permitem gastar menos tempo e energia se preocupando com a forma em que e como se deve viver e fazer, para poder passar mais tempo vivendo e fazendo.

O antropólogo estadunidense, Clifford Geertz (1973, p. 50), argumenta que “Nossas ideias, nossos valores, nossos atos e até nossas emoções são, como o próprio sistema nervoso, produtos culturais - produtos fabricados, de fato, a partir de tendências, capacidades e disposições com as quais nascemos, mas fabricados de qualquer maneira.” (tradução nossa).¹²

¹¹ Teorias que aparecem nas obras dos seguintes antropólogos: E. E. Evans-Pritchard (1990), Bronisław Kasper Malinowski (1962) e Edward Burnett Tylor (1884) (nota do autor).

¹² No original: Our ideas, our values, our acts, even our emotions, are, like our nervous system itself, cultural products — products manufactured, indeed, out of tendencies, capacities, and dispositions with which we were born, but manufactured nonetheless.

Ao examinar essa afirmação, a cultura é algo que orienta cada indivíduo, assegurando-lhe como pensar, como responder e como se sentir em ambientes socioculturais, diferentes ou não, em diferentes situações de vida e usando a linguagem para se comunicar de forma mais eficaz.

2.1.2 Conceito(s) de interculturalidade

O conceito de interculturalidade é uma questão discutida, explorada e de interesse da Linguística Aplicada e, por isso, bem acolhido por pesquisadores do mesmo campo (BYRAM, 1997; BYRAM, GRIBKOVA, STARKEY, 2002; MOTA, SCHEYERL, 2004; MENDES, 2007), porém com frequência nos contextos de ensino/aprendizagem. Mesmo compreendendo a importância de tais contextos, este trabalho acadêmico não está focado nesses cenários, no entanto estuda interculturalidade do ponto de vista do uso das línguas e do confronto de duas culturas distintas e, conseqüentemente, possíveis reconfigurações identitárias que poderiam acontecer.

Mantendo o entendimento descrito no primeiro parágrafo, algumas considerações incluem a ideia de que a interculturalidade é um conceito em que a comunicação é o fator predominante e por meio do qual pode ocorrer. Pode ser definido também, segundo pesquisadores estadunidenses no campo das ciências da comunicação e sociologia, Larry A. Samovar, Richard E. Porter e Edwin R. McDaniel, como o envolvimento que advém a partir da “interação entre pessoas cujas percepções culturais e sistemas simbólicos são suficientemente distintos para alterar o evento da comunicação.” (SAMOVAR, PORTER, MCDANIEL, 2010, p.12, tradução nossa)¹³. A cultura torna-se assim a característica distintiva que produz uma interface diferente entre grupos ou indivíduos que se encontram e comunicam.

Interculturalidade emerge quando duas culturas diferentes se encontram. Como sugere o título desta dissertação, ao pesquisar a possível reconfiguração de identidades no processo de uso da língua materna, é presumível que haja um sério conflito de diferentes culturas a partir de um embate pacífico, e então cada indivíduo deve lidar com isto. Através do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, a pessoa passa a conhecer os elementos da cultura do país cuja língua está aprendendo. Neste processo de aprendizagem de nova língua naturalmente se fazem comparações entre nova cultura, dentre outras coisas, e a nossa cultura. Não se deve

¹³ No original: interaction between people whose cultural perceptions and symbolic systems are distinct enough to alter the communication event.

esquecer que muitas pessoas (como, por exemplo, na União Europeia com 24 línguas oficiais) vivem em uma comunidade multicultural e multilíngue desde o nascimento. E se houver mais de uma língua em um único grupo, isso implica a coexistência de diferentes culturas. Naturalmente, diferentes culturas podem se impactar e misturar em diferentes níveis e estes contatos podem ser abordados nos seguintes conceitos: multiculturalismo, pluriculturalismo, estudos interculturais, cosmopolitismo, transculturalismo. No entanto, este trabalho não aprofunda esses conceitos, pois teria que ir além das questões da culturologia.

A partir deste entendimento, pode-se concluir que a comunicação e, conseqüentemente, a compreensão mútua só se tornam efetivas, e talvez já estejam reconfigurando nossa identidade, quando é alcançado um nível de compreensão “pacífica” entre as pessoas em contato, através do diálogo e da comunicação, em outras palavras, a interculturalidade ocorre apenas quando as comunidades começam a entender e assumir os significados do comunicado na perspectiva dos “outros”. A importância da atenção plena na comunicação intercultural foi amplamente discutida pela professora hongkonesa-estadunidense de estudos da comunicação humana, Stella Ting-Toomey, no seu livro *Comunicação entre culturas* (tradução nossa)¹⁴, no qual fala sobre os benefícios de se comunicar de forma intercultural que incluem criar um sentimento de “ser entendido, apoiado e respeitado” (TING-TOOMEY 1999, p. 46-54, tradução nossa)¹⁵ nos indivíduos com quem a comunicação se realiza.

Como essa tese trata da análise de possíveis reconfigurações identitárias de tchecos que falam português e que vivem no Brasil e brasileiros que falam tcheco e que vivem na República Tcheca, considera-se importante tirar conclusões das possíveis diferenças (no modo geral) tendo em vista as diferentes abordagens sobre o conceito de interculturalidade na Europa e na América Latina. Justamente, esta visão pode ser representada pelo pesquisador mexicano, que desenvolve labor docente em Montreal no Canadá, Juan Carlos Godenzzi (2005, p. 4-10), que confronta a interculturalidade na Europa e na América Latina na época recente. Godenzzi afirma que na Europa está relacionada com os imigrantes vindos do terceiro mundo, defendendo que a interculturalidade ocorre na sociedade como uma nova aprendizagem entre os diversos grupos culturais por meio da comunicação intercultural. Enquanto na América Latina o autor acredita que está sendo influenciada pela convivência dos povos e comunidades que formam a parte de um todo das nações, a interculturalidade surge como uma crítica ao processo de enfrentamento dos problemas e conflitos das reivindicações dos povos indígenas.

¹⁴ No original: *Communicating Across Cultures*

¹⁵ No original: *being understood, supported and respected*

A diversidade cultural é uma realidade essencial na sociedade (amparada pelas várias organizações mundiais como União Europeia, Organização das Nações Unidas, entre outras) e precisa ser adequadamente incentivada e protegida para evitar situações de incompreensão e intolerância que possam levar a situações como discriminação, xenofobia e estereótipos. Em virtude de morar concomitantemente em ambos os países, o autor desta tese percebeu situações no cotidiano brasileiro nas quais o estereótipo que o define como “homem, branco, europeu”, logo “rico, colonizador e privilegiado”, o que não é percebido por ele com tais características quando está em quaisquer partes do mundo.

Não é recomendável comparar culturas, e nem se deve dizer que uma é superior à outra, porque cada uma tem em si sua própria forma, maneira de ser, hábitos e conhecimentos. Em princípio, não há cultura que seja melhor do que outra. Pelo contrário, ela se revela e, conseqüentemente, se percebe mais quando interage com outras que podem vir de diferentes contextos linguísticos e socioculturais. No entanto, é importante que esse contato aconteça de maneira respeitosa e, para tal, o conceito de interculturalidade deve ser levado em consideração.

É sabido que infelizmente há ideologias que comparam as culturas entre si, ao ponto de provocar conflitos desastrosos¹⁶. Porém, criar um sistema para medir o que torna uma cultura melhor do que outra seria automaticamente tendencioso desde o início. Seriam usados padrões segundo os quais cada um aprende a avaliar sua própria cultura. Como explicam os sociólogos tchecos Jan Jandourek e Filip Tesař, tais pensamentos e atitudes são exemplos de etnocentrismo: “é a visão de que a cultura do próprio grupo é superior à cultura de outros grupos.” (JANDOUREK, 2001, p. 76, tradução nossa)¹⁷. “Essa crença pode ser consciente ou inconsciente e é frequentemente associada a uma tendência de não se perceber os preconceitos envolvidos.” (TESAŘ, 2007, p. 68, tradução nossa)¹⁸. Quase todo mundo é um pouco etnocêntrico. No entanto, o etnocentrismo pode levar ao desprezo ou resistência a outras culturas e pode causar mal-entendidos e conflitos. Por exemplo: a maioria das pessoas que dirige no lado direito da estrada diz que pessoas da Inglaterra e do Japão dirigem no lado “errado” da estrada, em vez de dizer no “outro” lado.

Nesta parte do trabalho, faz-se necessário mencionar e aproximar resumidamente ao leitor o termo “choque cultural” para que possa acompanhar a discussão sobre interculturalidade.

¹⁶ Por exemplo, a Alemanha nazista, também chamada de Terceiro Reich na década de 40; a Federação Russa e seu ataque brutal à pacífica Ucrânia no ano 2022 (nota do autor).

¹⁷ No original: je názor, že kultura vlastní skupiny, je nadřazena kultuře jiných skupin.

¹⁸ No original: Toto přesvědčení může být vědomé i nevědomé, a často bývá spojováno s tendencí neuvědomovat si předpojatost v tom obsaženou.

Quando duas culturas se encontram pode acontecer, dependendo da situação, um “choque cultural” que é um conceito introduzido pelo antropólogo canadense Kalervo Oberg (1960, p. 180) e posteriormente aplicado na maioria dos estudos científicos de várias áreas do conhecimento desenvolvidas sobre o termo. Choque cultural é a experiência que uma pessoa pode ter ao se mudar para um ambiente cultural diferente do seu; é também uma desorientação pessoal que se pode experimentar ao vivenciar um modo de vida desconhecido como resultado da imigração ou de uma visita ao novo país; uma mudança entre ambientes sociais ou simplesmente uma transição para um outro tipo de vida. O choque cultural descreve a ansiedade sentida pelos indivíduos que vivem em uma nova cultura (OBERG, 1954, 1960) e foi descrita como uma doença porque, na época, era comum caracterizar qualquer desconforto que se sentisse como algo a ser curado. Já atualmente, os pesquisadores tendem a dividir o estudo dos choques culturais em cinco abordagens: cognitiva, comportamental, fenomenológica, psicológica e sociocultural (CHAPDELAIN e ALEXITCH, 2004; SEARLE e WARD, 1990).

Com o choque entre duas ou mais culturas podem surgir situações e problemas de conflito que ocorrem comumente, às vezes em menor grau (divertidos, engraçados) outras vezes em maior grau (desconforto, conflito). No entanto, no mundo globalizado de hoje, culturas, nações e línguas se misturam naturalmente (como sempre aconteceu porém com menor intensidade) por causa das movimentações humanas decorrentes do processo evolutivo e criam cenários que podem ser vistos em diferentes partes do mundo, inclusive no Brasil (cultura indígena misturada com a africana e a europeia, por exemplo) e na República Tcheca (cultura eslava hoje em dia misturada com a vietnamita, por exemplo), ambos países protagonistas (objetos da pesquisa) o que favorece o entendimento do conceito. Essas mudanças e movimentos parecem ser imparáveis: algo que sempre aconteceu, está acontecendo e sempre existirá, sendo fortalecido com a crescente globalização.

A interculturalidade é de natureza plural e compreendida de diferentes formas. Não obstante, existem correntes ideológicas¹⁹ no mundo inteiro que acreditam e proclamam a ideia de que ela não é benéfica e por isso lutam contra a conexão entre as culturas, contra a comunicação entre as pessoas distintas e contra a interação entre os “outros” – os “estranhos”.

¹⁹ Os filósofos Karl Popper, Hannah Arendt, Jacob Leib Talmon e Bernard Crick argumentaram sobre ideologias como o comunismo ou o fascismo que eram ideologias “fechadas” que reivindicavam o monopólio da verdade e se recusavam a tolerar ideias e opiniões incompatíveis com elas. As ideologias totalitárias são, portanto, “religiões seculares”: elas são totalizantes por natureza e servem como ferramentas de controle social porque garantem servilidade e obediência. Segundo Popper, por exemplo, o liberalismo é uma ideologia “aberta”, devido ao fato de ser baseada na liberdade, tolerância e diversidade (HEYWOOD, 2004, p. 27).

Por exemplo, o psicólogo e linguista canadense-estadunidense, Steven Pinker (2018, p. 522-524) mostra assertivamente como seria o pensamento oposto à interculturalidade, demonstrando como ficaria limitada a qualidade interativa das relações culturais. Pinker percebe que o cosmopolitismo²⁰ vem acontecendo desde o início da história, e que o maior desenvolvimento cultural ocorre nas cidades onde o comércio e o intercâmbio pessoal são mais ricos. No século passado, essa possibilidade aumentou e deve-se entender o intercâmbio cultural (apoiado por estados) não apenas como uma realidade (por mais que alguns tentem negá-lo) senão como uma oportunidade. Qualquer cultura que interaja e integre uma ou mais culturas, melhora o desenvolvimento da sociedade acolhedora que tira proveito do conhecimento de outras pessoas e se espalha. A simbiose não é apenas necessária e, sim, enriquecedora. Infelizmente, na realidade percebe-se que nem sempre isso acontece. No mundo de hoje cheio de extremismo, xenofobia e preconceitos, é possível até dizer que acontece o contrário. No entanto, a rejeição que existe em muitos países pode ser observada, do Brasil à Europa, até imigrantes culturalmente “inconformados”, a mistura “indesejada” necessariamente acontece.

Não se deve esquecer a relevância do papel social de cada indivíduo na sociedade. Por mais que pareça que os papéis sociais e a interculturalidade tenham pouco a ver um com o outro, no pensamento mais profundo, acontece o oposto. Antes de tudo, é preciso perguntar como se define o papel social?

Pode-se afirmar que, se o papel social é definido como padrões de comportamento impostos externamente ao indivíduo e relacionados às expectativas dos outros, o conceito do mesmo não terá relação com o próprio indivíduo; no entanto, o papel e a personalidade interagem e a maneira como este papel social é desempenhado depende diretamente da personalidade. Para o sociólogo espanhol, Manuel José Rodríguez Caamaño, “[...] o papel social está sempre sendo definido em termos das expectativas dos outros, nunca em termos das características do sujeito.” (RODRÍGUEZ CAAMAÑO, 2001, p. 29, tradução nossa)²¹. Não é preciso concordar plenamente com a citação acima. O indivíduo pode interpretar o papel social de forma subjetiva, mas é importante abordar essa definição como uma forma de abordagem inicial do conceito.

²⁰ O cosmopolitismo é um pensamento filosófico que discorda das fronteiras geográficas impostas pela sociedade, considerando que a humanidade segue as leis do Universo (cosmos); isto é, considera que os seres humanos devem formar uma única nação, sem separatismos culturais e avaliando o mundo na possibilidade de ser uma só pátria (nota do autor).

²¹ No original: ...el rol está siendo definido siempre en términos de las expectativas de los otros, nunca en términos de las características del sujeto.

Nas ciências sociais (JANDOUREK, 2003, p. 61-63), o papel social define-se como o conjunto de normas, direitos, deveres e explicativas que condicionam o comportamento dos indivíduos junto a um grupo ou dentro de uma instituição. O papel social, que pode ser herdado ou conquistado, surge dessa interação humana e é sempre resultado dela. Ampliando ainda mais esse pensamento, pode-se enxergar que o papel social e a interculturalidade estão interconectados e podem interagir entre si, com maior ou menor intensidade. O papel social não é decisivo para a interculturalidade, mas pode ser considerado como um dos aspectos que determina o grau de contato da comunicação sem problemas ou das complicações entre duas ou mais culturas. Os papéis sociais individuais associados à cultura podem evoluir quando duas ou mais culturas se encontram e interagem. Everett considera este fenômeno da seguinte maneira:

Cultura é o conhecimento tácito e a prática visível de papéis sociais, valores e formas de ser compartilhadas por uma comunidade. Cada um de nós tem muitos papéis diferentes. Eu sou pai, professor, administrador, marido, comprador, paciente e pesquisador. Cada um desses papéis é reconhecido pela maioria dos membros da minha comunidade. Na medida em que são reconhecidos, minha comunidade compartilha comigo esses componentes da cultura. A cultura nos distingue e nos modela, mesmo quando nossos papéis possam parecer universais, tais como “pai”, e então podem parecer independentes da cultura, à primeira vista. Mas, embora haja pais italianos e brasileiros, o conceito de “pai” não é idêntico em toda cultura. Parece mais possível que, entre quaisquer duas culturas, os pais vão apresentar papéis que se sobrepõem, mas que nunca são idênticos (EVERETT, 2019, p.362).

Everett reforça essa discussão analisando papéis sociais individuais entre diferentes culturas. A comparação que ele atribui diante do papel social pai “brasileiro” e pai “italiano”, demonstra como este padrão social ganha conotações diferentes a partir das culturas nas quais estão imersas no momento de fala. O termo “pai” parece inequívoco em todos os dicionários e enciclopédias do mundo. No entanto, se é aplicado o termo “pai” no Brasil ou em outro país, certamente, de acordo com Everett, diferentes definições são alcançadas e diferentes expectativas sociais (por exemplo, na dimensão cultural brasileira “o pai” é visto como: provedor do lar – ganha dinheiro fora da casa, não demonstra afetividade – fraqueza, o herói da criança etc.). O sociólogo e teólogo luterano austro-estadunidense, Peter L. Berger (1966), diz que todo papel social tem sua disciplina interna, que forma, determina e modela a ação e o ator. Geralmente as pessoas se tornam o papel social que desempenham. No entanto, o próprio conceito culturalmente adquirido anteriormente não deve ser esquecido e, nesse sentido, quando um indivíduo aceita o papel social de outra cultura, adapta sua própria cultura materna.

Para avançar um pouco mais a discussão, é preciso levar em conta as pessoas que vivem, temporária ou permanentemente, em outra cultura, em outro país. Nesse ponto, vale lembrar que culturas, linguagens e até identidades são mutáveis, instáveis e em constante evolução (o que será discutido com mais detalhes no subcapítulo 2.2 Identidade(s)). Para maior contextualização, convém citar linguistas brasileiras como Célia Silva, Maria Lacerda de Melo e Silvia Maria Anastácio, autoras do livro *Nômades Contemporâneos* (2009):

O que podemos perceber nas experiências multiculturais é que o expatriado carrega consigo, em suas mudanças, um repertório dos costumes, valores, ritos e legados da própria cultura, que passa a ser continuamente negociado. Tais negociações, sempre em processo, denunciam que o ser humano é um projeto inacabado, continuamente reinventado, e que se defronta, com certa frequência, com sensações de incompletude. O indivíduo, sendo um sujeito em construção, está no encalço de algo que nem ele sabe direito o que é, e tal sensação de inquietude aparece especialmente nos expatriados desse mundo global, em que os choques culturais dão maior visibilidade às angústias existenciais (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37).

De acordo com a citação, percebe-se que todos esses confrontos culturais, de papéis sociais e língua em um novo ambiente sociocultural, ocorrem com pessoas que vivem não apenas no seu ambiente sociocultural. São sintomas importantes da interculturalidade que se tornam parte comum de suas vidas, e conseqüentemente implicam nas múltiplas relações culturais.

Ressalta-se que a reflexão sobre a interculturalidade possui nuances que, por vezes, provocam o diálogo com aspectos das identidades sociais dos indivíduos, porém, a reconfiguração identitária será aprofundada no subcapítulo 2.2 Identidade(s).

Em consonância com o exposto acima, e como pessoa que nasceu no país muito fechado sob regime soviético: Tchecoslováquia, o autor pode afirmar que estas situações já voltaram e estão ocorrendo na Europa Leste, como sempre ocorreu naturalmente até a Segunda Guerra Mundial: as primeiras manifestações evidentes de interculturalidade entre membros de famílias dos migrantes recentes de segunda geração. Pessoas nascidas e criadas em países seculares (todos os países da União Europeia) devem misturar e reconfigurar sua posição na família, escola, amizade ou trabalho com os padrões de seus “novos” países. Às vezes, na percepção do autor, elas rejeitam a cultura de seus antepassados, mas a sua maioria consegue estruturar um novo papel no qual as duas culturas são misturadas.

Desenvolvendo ainda mais o pensamento sobre as pessoas que vivem inseridas em outras culturas não maternas e vivenciam a interculturalidade na experiência pessoal, talvez possa se

dizer que a interação é inevitável, pois nas situações que surgem é quando se encontra e enfrenta inelutavelmente de alguma forma a necessidade de comunicação. Aprofundando nessa ideia, pode-se continuar com a obra de Silva, Melo e Anastácio:

Há quatro situações distintas que podem ocorrer com o expatriado e/ou imigrante. Sendo minoria, não tem muita força ou relevância na cultura anfitriã e, ao sentir-se deslocado, o indivíduo é levado a fazer escolhas para engajar-se ou não na nova cultura. Dentro desse cenário, pode acontecer uma assimilação, quando o indivíduo não tem a preocupação de priorizar a sua herança cultural e procura absorver os comportamentos da cultura anfitriã com a qual interage; ou há uma separação, quando ele privilegia sua cultura e deseja evitar a interação com membros do novo contexto, acabando por isolar-se. Outra possibilidade é haver uma integração, quando há interesse em se manter a cultura de origem, ao mesmo tempo em que o expatriado e/ou imigrante interage com o novo ambiente. Ou, ainda, ocorre a marginalização, em que há pouco interesse em se manter a cultura de origem, por rejeição ou barreira do grupo dominante naquele novo contexto, o que leva a consequências desagradáveis, como exclusão ou discriminação (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37).

Migração pode ser vista como um dos aspectos de interculturalidade. A citação acima descreve de maneira sucinta que um indivíduo ao se tornar expatriado, migrante, ou simplesmente classificar-se como morador de um novo país, enfrentará situações desconhecidas, às quais ele terá que reagir de maneira imediata, às vezes sem ter expertise de como seria a forma mais eficaz. E, essas situações novas podem promover atitudes nas quais o indivíduo se perceba diferente de como se percebia. Neste momento, já é relevante especular que a cultura é uma das razões predominantes para estas mudanças pessoais, melhor dizendo, reconfigurações identitárias. Ao analisar mais adiante, e adicionando a este fato o novo idioma, o indivíduo certamente não estará isento da reflexão das possíveis mudanças identitárias em suas reconfigurações socioculturais.

Refletindo ainda sobre interculturalidade, é válido vê-la como um indicador de como uma cultura evolui e flui e, como durante esse fluxo se conecta com outras culturas e, portanto, pode ser vista como algo que se transforma constantemente influenciada pelo ambiente em que se desenvolve, seja mesclando os seus aspectos, seja adicionando novos elementos ou até mesmo excluindo os existentes.

As relações entre diferentes culturas formam a base da interculturalidade e envolvem vários processos de interação, com o objetivo de contribuírem para as pessoas estabelecerem conexões com princípios respaldados em valores tais quais respeito mútuo e julgamento justo.

2.1.3 Conceito(s) de língua

Como já mencionado, cultura e idioma estão relacionados. Para começar esta seção as diferenças e conexões entre língua e linguagem serão explicadas. O linguista tcheco František Čermák, no seu livro *Língua e linguística* (1994, p. 35, tradução nossa)²² observa que a língua é um sistema que serve como um meio básico de comunicação humana. Nesta compreensão a linguagem inclui a língua como um sistema linguístico que as pessoas conformaram e que é usado por grupos. Linguística é a área de estudo científico da linguagem e que se dedica aos estudos ao respeito da língua, fala²³ e linguagem. A linguística como ciência, ao contrário de todas as outras, tem uma situação muito mais complexa e difícil. Enquanto todas as ciências exploram seus objetos de interesse usando a língua, no caso da linguística a língua é utilizada para falar da própria língua. Isso não é uma tarefa simples.

As diferentes definições de linguagem e sistemas linguísticos também representam uma variação de abordagens e compreensão desses fenômenos de acordo com as diferentes escolas linguísticas e as épocas em que foram apresentadas.

Na segunda metade do século XX, todas as ciências experimentaram mudanças significativas (em virtude de novas invenções como, por exemplo, a computação) a linguística não foi exceção. Se em períodos anteriores a linguística lidava com o sistema da língua (estruturalismo) ou com qualquer parte dela (gramática comparativa e histórica), na segunda metade do século XX o interesse se fixou em disciplinas nas quais as questões linguísticas foram combinadas com sucesso com temas e métodos de outras disciplinas científicas tradicionais como matemática, lógica, psicologia, neurologia, sociologia, etnologia, antropologia etc. Isso deu origem a várias outras disciplinas (que conectam a linguística com campos relacionados) que gradualmente ganharam uma posição significativa na linguística contemporânea. Aqui estão alguns exemplos, fora da Linguística Aplicada:

- Linguística Quantitativa (utilização de métodos matemáticos, tradução por computador, processamento estatístico de fenômenos linguísticos);
- Neurolinguística (examina distúrbios da fala causados por danos cerebrais - terapia da fala, psiquiatria);

²² No original: Jazyk a jazykověda

²³ No sentido linguístico, o conceito de fala está em relação dicotômica com o de língua e pode ser definido como a materialização de um conjunto de conhecimentos abstratos que os falantes possuem sobre a estrutura e o funcionamento de um dado sistema linguístico (nota do autor).

- Psicolinguística (relação entre linguagem e pensamento, aspectos psicofisiológicos da atividade da fala);
- Pragmalinguística (fatores não linguísticos da atividade de fala, uso da linguagem nos textos, comunicação);
- Paralinguística (meios não verbais de comunicação - “linguagem” de expressões faciais e gestos);
- Sociolinguística (relação entre língua e sociedade - línguas de diferentes grupos sociais);
- Etnolinguística (língua e cultura das nações naturais);
- Linguística Antropológica (usa as teorias linguísticas existentes para iluminar a essência do homem, seu desenvolvimento e seu lugar no mundo).

Há uma compreensão pacífica na comunidade linguística sobre a evolução constante da linguagem e que como a maioria dos seus falantes não está ciente dela, porque está sob sua constante influência: algumas mudanças evolutivas, ora de maneira mais notável, ora menos perceptíveis. Ratificando, os idiomas mudam, ou evoluem com o tempo, do mesmo jeito que as realidades e culturas dos grupos sociais estão se transformando e desenvolvendo. As mudanças linguísticas podem ser em geral divididas em dois grupos: as intralinguísticas e extralinguísticas. À medida que as sociedades mudam, novas realidades devem ser nomeadas ou descritas, ou os sentidos das mesmas palavras mudam e evoluem.

O linguista tcheco Jiří Černý, no livro *Introdução ao estudo da linguística* (1998, p. 53, tradução nossa)²⁴ aponta que a língua é um sistema que, sobretudo, cria relação entre os esquemas de pensamento que moldam nossa compreensão do mundo e o código que os representa de maneira perceptível pelos sentidos. As pessoas usam muitos sistemas (idiomas) que são diferentes em muitos aspectos e semelhantes em muitos outros. A língua é um sistema extremamente complexo: inclui regras (formação de palavras, pronúncia, formação de frases, relação de formas com significados), itens lexicais (palavras e morfemas, com suas características gramaticais e significados), expressões idiomáticas etc. O que se chama de “língua” é uma das produções históricas da capacidade humana de se comunicar. Consequentemente todas as línguas estão profundamente enraizadas na cultura em que funcionam, logo essa questão será aprofundada nas seguintes partes da tese, as quais falarão sobre conexão entre língua e cultura.

²⁴ No original: Úvod do studia jazyka

Como já afirmara “o pai da linguística moderna”, Ferdinand de Saussure, linguista e filósofo suíço, a língua é um conjunto de saberes e conhecimentos linguísticos de cada pessoa que permitem julgar a identidade e a diferença. Esses conhecimentos estão no “espírito” das pessoas, na “consciência” da sociedade e é isso o que faz da língua um fato social. Segundo ele, no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1975, p.27), a língua “trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade”. A língua não está completa em nenhuma pessoa e só pode estar no todo, na sociedade inteira.

Como é notável, a linguística é uma ciência muito ampla e as percepções sobre ela estão mudando e evoluindo à medida que novas gerações de linguistas ao redor do mundo estão emergindo. Por exemplo, segundo o entendimento de Everett:

A linguagem é a interação entre significado (semântica), condições de uso (pragmática), propriedades físicas do inventário de sons (fonética), gramática (sintaxe ou estrutura da sentença), fonologia (estrutura do som), morfologia (estrutura da palavra), princípios organizacionais conversacionais do discurso, informações e gestos. A linguagem é ... maior do que a soma de suas partes, isto é, o todo não é entendido meramente como o exame de seus componentes individuais. (EVERETT, 2019, p. 32)

Segundo o autor, a língua e a linguagem são vistas como algo complexo que não pode ser separado e/ou usado separadamente (o conceito que já foi primeiro introduzido por Saussure). A língua pode ser dividida em partes com o objetivo de estudá-la, porém, utilizando a língua para se comunicar, devem-se utilizar todas ou a maioria das suas partes juntas. Como afirma Čermák (1994, p. 56), a linguagem humana é aberta, sempre em processo de evolução e diversificação, possui uma característica de produtividade e é baseada em uma gramática combinatória projetada para comunicar um número ilimitado de ideias (declarações e palavras) por meio de um número ilimitado de signos linguísticos. É utilizada por pessoas através da interação, da busca na memória e na aplicação de regras. O fato de nós, humanos, podermos aplicar um número ilimitado de pensamentos, reflexões e sentimentos é muito importante para que consigamos nos expressar. Cada um de nós usa dessa ferramenta – língua – para o nosso próprio propósito e à nossa maneira.

Quando se fala de linguagem como conceito geral (Černý, 1998, p. 83), definições que afetam diferentes aspectos desse fenômeno podem ser usadas. Definições diferentes também envolvem uma variedade de abordagens e compreensão da linguagem. Nuances semelhantes ocorrem em escolas linguísticas e teorias relacionadas ou sustentadas por elas.

A seguir, estão enumerados os exemplos que Černý (1998, p. 83-84) colocou:

- Um dos principais meios de comunicação entre as pessoas;
- Um sistema de signos que descreve coisas, ações, pensamentos e estados;
- A ferramenta que as pessoas usam para expressar suas ideias da realidade e comunicá-las a outras pessoas;
- Um sistema de significados compartilhados por seres humanos;
- Um conjunto de expressões gramaticalmente corretas (palavras, frases etc.);
- Em um sentido mais amplo, outros sistemas de codificação ou comunicação, como a linguagem dos surdos (linguagem de sinais), a linguagem de programação, o som dos animais etc.

A linguagem também é estudada como uma construção social. A linguista estadunidense, Wendy Leeds-Hurwitz (2009, p. 891), acredita que construção social é desenvolvida em grupos ou comunidades ao invés de individualmente e aponta que:

A construção social é uma teoria do conhecimento na sociologia e na teoria da comunicação que examina o desenvolvimento de compreensões do mundo construídas em conjunto que formam a base para suposições compartilhadas sobre a realidade. A teoria centra-se na noção de que os significados são desenvolvidos em coordenação com outros, e não separadamente dentro de cada indivíduo. (LEEDS-HURWITZ, 2009, p. 891, tradução nossa).²⁵

O linguista israelense Daniel Dor (2015) argumenta que todas as línguas são construídas socialmente; todas compartilham a mesma arquitetura geral; por outro lado, as línguas são tão diferentes umas das outras quanto possível em termos das soluções de engenharia específicas que empregam para enfrentar os desafios da instrução da imaginação. Todos os idiomas instruem a imaginação, e cada idioma o faz de uma maneira única.

Como Dor afirma:

Uma afirmação geral sobre a essência da construção social da linguagem: toda a tecnologia é construída coletivamente através de um processo social iterativo que chamarei de identificação mútua experimental da linguagem. A ideia básica é bastante simples: como falantes cujos mundos experimentais são diferentes, temos que trabalhar juntos para criar um modelo do mundo com o qual possamos concordar provisoriamente e, assim, usar como um canal para a comunicação instrutiva. Também temos que concordar com conjuntos de normas para o uso da tecnologia, para garantir que o ouvinte interpreta as instruções de uma maneira que seja semelhante o suficiente para o pretendido pelo orador. (DOR, 2015, p. 34, tradução nossa).²⁶

²⁵ No original: Social construct is a theory of knowledge in sociology and communication theory that examines the development of jointly-constructed understandings of the world that form the basis for shared assumptions about reality. The theory centers on the notion that meanings are developed in coordination with others rather than separately within each individual.

²⁶ No original: A general claim about the essence of the social construction of language: the entire technology is collectively constructed through an iterative social process that I will call experiential mutual-identification for

Segundo o autor, é nítido que a linguagem é uma ferramenta de comunicação, mas é mais que apenas isso. Pode ser atribuída à obrigação de servir à própria configuração do pensamento, pois força e obriga cada um a organizá-la de forma concreta e, posteriormente, criar sua própria visão de mundo. Claramente, se não houvesse regras que permitissem essa comunicação de ideias, seria apenas um grupo de sons mais ou menos incompreensível. É justamente essa regulamentação complexa da linguagem que ajuda a expressar as ideias, para que assim as outras pessoas com quem se comunica possam entendê-las e, assim, superar as barreiras da comunicação.

Embora a linguagem seja primariamente uma ferramenta de pensamento, também é uma ferramenta de comunicação²⁷. Isso significa que a linguagem é utilizada para pensar, e isso se faz sem perceber. O pensamento pode ser influenciado pela língua falada e está defendido por Everett (2012) que há alguma influência da linguagem na maneira como vemos e entendemos o mundo. Porém a conexão real entre linguagem e pensamento está entre o conhecimento e o uso da linguagem, os quais também são formas de pensar. Ao usar a linguagem não se utiliza apenas o conhecimento que temos dela, mas todos os tipos de conhecimento sobre o mundo.

2.1.4 Relações entre língua e cultura, e suas interações socioculturais

A relação entre língua e cultura tem sido objeto de pesquisa de muitos estudiosos. Por ser um assunto controverso seria difícil chegar a uma conclusão com a qual todos os linguistas concordassem.

Decide-se nesse trabalho entender a cultura como a combinação de manifestações, atividades e padrões comportamentais que um indivíduo adquire na sociedade em que se move e na qual a cultura é cultivada e transmitida; enquanto a língua é entendida como um sistema que serve como o meio básico de comunicação humana e como um fenômeno social. Por essas definições pode se dizer que língua e cultura são inseparáveis, conseqüentemente o uso da língua está profundamente conectado à cultura humana e vice-versa; isso significa que a cultura

language. The basic idea is quite simple: as speakers whose experiential worlds are different, we have to work together to create a model of the world that we can tentatively agree on and thus use as a channel for instructive communication. We also have to agree on sets of norms for the use of the technology, to make sure that the listener interprets the instructions in a way that is similar enough to that intended by the speaker.

²⁷ Conceito primeiro introduzido por psicólogo russo Lev Semionovitch Vygotsky em 1934, sendo que, aqui, ferramenta é entendida como uma construção social (nota do autor).

é influenciada pela linguagem enquanto a linguagem é conformada pela cultura de uma determinada sociedade. O linguista brasileiro, José Carlos Paes de Almeida Filho (2002, p. 210), afirma que “[...] o lugar da cultura é o mesmo da língua”, pois “[...] tudo o que fazemos quando interagimos com o mundo através da linguagem é um modo de produzir cultura” (MENDES, 2012, p. 375). A linguagem é um dos elementos culturais comuns da sociedade e um tipo de comunicação que torna a cultura única e específica. Língua precisa da cultura, assim como a cultura precisa da língua: uma influência a outra e uma não pode existir sem a outra.

Essa afirmação é alicerçada pela seguinte citação de Everett:

A cultura é essencial para a linguagem, no sentido de que resulta do conhecimento e do comportamento em rede com os outros e traz significado ao mundo. Esse é um componente crucial, porque essas características da cultura são o que nos motivam e nos capacitam, mas também são moldadas pelo crescimento da linguagem entre os grupos de nossa espécie. Portanto, a cultura é um produto e um produtor de linguagem. Da mesma forma, a linguagem é um produto e um produtor de cultura. (EVERETT, 2012, p. 169, tradução nossa).²⁸

O vínculo entre linguagem e cultura existe porque a cultura inclui manifestações linguísticas como: literatura (oral e escrita), humor, padrões e formalidades para diferentes eventos da vida (nascimento, funeral, casamento, reuniões de rua), vários atos administrativos (a organização de nossa sociedade é criada pela linguagem), a função estética, etc., todas essas manifestações são classificadas como expressões linguísticas especiais, isto pode significar que a cultura é assim projetada, e pode ser percebida, na fraseologia da sociedade. Após essas considerações sobre a conexão entre língua e cultura, chega-se à conclusão de que a linguagem é mais do que um meio de comunicação. A língua e a linguagem podem ser vistas como um símbolo da herança cultural que perdura através da mudança, mas também que evolui para se adaptar à transformação.

Nesse sentido caberia questionar-se se a linguagem consegue preencher todos os conteúdos e significados que cada grupo social requer. Pode-se supor que a própria cultura assume o papel de preenchimento das lacunas que porventura a língua deixa em aberto. Todas as culturas têm manifestações de códigos subentendidos, até sigilosos que possam aparecer, mas que, a depender da situação, podem ser compreendidos em contexto pelos grupos nos quais estão colocados. E é precisamente por isso que o usuário da língua não materna precisa ter

²⁸ No original: Culture is essential to language, in the sense that it results from networked knowledge and behavior with others and brings meaning from the world. This is a crucial component because these features of culture are what motivate and enable us but are also shaped by the growth of language among groups of our species. So, culture is both a product and a producer of language. Likewise, language is a product and a producer of culture.

conhecimento mínimo sobre as manifestações não idiomáticas e sim culturais que permitem o entendimento dos significados. “A língua nunca expressa tudo. A cultura preenche os detalhes.” refletiu Everett (2019, p. 272) no seu livro.

A linguagem em si, cumprindo com seu objetivo principal, se comunicar e interagir, serve também a muitos aspectos sociais, como por exemplo: pertencimento a um grupo social específico, estratificação social²⁹ ou mesmo para o entretenimento. A linguagem passa a ser considerada como uma atividade e um processo eminentemente social (sirva como exemplo o linguista neerlandês, Teun Adrianus van Dijk, no livro de 2000: *O discurso como interação social* (tradução nossa)³⁰), definindo-se como o acesso ao conhecimento e à adaptação social, voltados à comunicação social e à transmissão da cultura.

A língua e a linguagem, especificamente por serem fatores predominantemente sociais, são caracterizadas por aspectos culturais dos grupos aos quais pertencem e, como algo imaterial, são construídas pelas expressões culturais³¹, exteriorizando a mentalidade de comunidades e mostrando a “visão de mundo” daquele grupo, ao mesmo tempo em que se apoiam na cultura. Com intuito de ampliar a discussão, uma reflexão de Everett (2019, p. 369) é trazida: “Mudanças culturais provocam mudanças linguísticas”. Como já mencionado anteriormente, a relação é mútua e, em suma, pode-se acrescentar que as mudanças linguísticas também provocam mudanças culturais.

Pensar sobre a existência de uma “visão de mundo” apresentada nas discussões sobre a linguagem é uma ideia fundamentada no pensamento do filósofo alemão e fundador da Universidade de Berlim, Friedrich Wilhelm Christian Karl Ferdinand, Barão von Humboldt, no início do século XIX, quando apresentou o termo “visão de mundo”. O conceito por ele criado na ciência da antropologia linguística é bastante profundo. É preciso salientar na passagem do discurso sobre o aprendizado comparativo de idiomas em relação a diferentes períodos de desenvolvimento da linguagem, em 29 de junho de 1820: “... as línguas não são, com razão, um meio de apresentar a verdade já conhecida, mas de revelar a verdade anteriormente desconhecida. Sua diversidade não é uma variedade de sons e sinais, mas uma diversidade de cosmovisão (HUMBOLDT, 1820, 2000, p. 101). A língua permite o acesso ao determinado

²⁹ Estratificação social, é um conceito usado na sociologia: “classificação das pessoas em grupos com base em condições socioeconômicas comuns; um conjunto relacional das desigualdades com as dimensões econômicas, social, política e antropológica” (BARKER, 2011, p. 436).

³⁰ No original: *El discurso como interacción social*

³¹ Segundo o conceito de Unesco Portugal, a “expressão cultural” significa a maneira como pessoas ou grupos difundem determinado conhecimento ou cultura utilizando atividades e manifestações de cunho artístico e que tenham um significado simbólico para a identidade de sua esfera (Unesco Portugal).

“mundo” e ainda, segundo Humboldt, sugere que cada língua contém (e na maioria das vezes cria) uma “visão de mundo”.

A visão de mundo também pode ser entendida como uma forma pela qual cada indivíduo enxerga, compreende e se relaciona com o mundo. Para tal é necessário um conjunto específico de ferramentas para estudar o fenômeno deste mundo a partir de uma perspectiva particular, que seria então o paradigma científico ou social associado (DU PLESSIS e BRANDON, 2015).

Com o propósito de refletir ainda mais sobre o termo “visão de mundo”, pode-se estabelecer um pressuposto: cada indivíduo, conseqüentemente, vê um mundo de acordo com a sua própria – e limitada – ótica, o que pode dificultar a comunicação entre pessoas, especialmente nos ambientes interculturais e no uso da língua não materna. No aprendizado e uso de uma nova língua sempre se transmite a perspectiva da língua materna, em outras palavras, a interferência, como explica o professor britânico de inglês como língua estrangeira Mario Rinvoluceri:

Quando adultos e adolescentes estão aprendendo uma língua estrangeira, eles trazem consigo algum conhecimento de mundo e querem ser capazes de dizer e fazer na língua estrangeira aquilo que fazem na língua materna. Algumas vezes essa relação entre as línguas torna-se difícil para eles, pois “observam a língua materna como algo amplo e a língua estrangeira como algo pequeno e duvidoso”. (RINVOLUCRI, 2001, p. 41, tradução nossa).³²

Assim, os indivíduos procuram descobrir a complexidade de um novo idioma (visão de mundo) que aprendem tentando estabelecer relações entre esse idioma estrangeiro e o idioma materno no momento da aprendizagem e conseqüentemente no uso do novo idioma.

Nesta parte da tese, é necessário retornar a Humboldt, cujas contribuições mais significativas para a linguística e as ciências sociais incluem a historicamente primeira formulação de ideias que mais tarde ficou conhecida como teoria do relativismo linguístico. É uma teoria linguística e antropológica segundo a qual as estruturas da linguagem influenciam substancialmente o entendimento e a construção do mundo conhecido. As estruturas dos diferentes idiomas são muito diferentes umas das outras, de modo que seus falantes vivem em mundos diferentes e intransferíveis. Impressionados com essas diferenças, filósofos e cientistas alemães na virada dos séculos XVIII e XIX (Johann Georg Hamann, Johann Gottfried Herder,

³² No original: When adults and teenagers are learning a foreign language, they bring with them some knowledge of the world and want to be able to say and do in the foreign language what they do in the mother tongue. Sometimes this relationship between languages becomes difficult for them, as “they see the mother tongue as something broad and the foreign language as something small and doubtful”.

Wilhelm von Humboldt) começaram a pensar que as ideias de pessoas que falavam línguas diferentes também eram diferentes. Esse conceito, o relativismo linguístico, foi formulado pelo antropólogo americano Edward Sapir e seu aluno Benjamin Lee Whorf na década de 1930 (ČERNÝ, 1996) a partir de um levantamento minucioso das línguas indígenas na costa oeste dos EUA.

Vários linguistas (por exemplo, o linguista e neurocientista alemão-estadunidense Eric Heinz Lenneberg, ou já mencionado anteriormente Pinker) se opuseram à hipótese de Sapir-Whorf, os quais enfatizaram as características comuns ou universais de todas as línguas conhecidas (voz, acústica; articulação de voz e articulação de palavras; capacidade da linguagem de expressar o que for necessário; etc.).

Pesquisadores posteriores (por exemplo, o linguista e psicólogo estadunidense John A. Lucy, o linguista, antropólogo e psicólogo estadunidense Michael Silverstein, ou o linguista britânico Stephen C. Levinson) também mostraram que os defensores do relativismo exageraram e desconsideraram, por exemplo, a capacidade de uma pessoa para aprender outro idioma, traduzir de um idioma para outro ou os notáveis fenômenos de convergência linguística, onde há comunicação forte e sustentada.

Felizmente a compreensão mais abrangente do uso da língua permite aos indivíduos a capacidade de interação com percepção dos sentidos na comunicação. Nesta perspectiva, o linguista brasileiro, Luiz Carlos Travaglia, oferece uma definição muito oportuna, com a qual o autor da tese concorda:

O que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar, sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação (TRAVAGLIA, 2009, p. 23).

Analisando a reflexão de Travaglia, observa-se que a sua corrente do pensamento coloca a linguagem como um construto humano dependente do processo de interação social entre os falantes.

Língua é uma ferramenta de comunicação social e de relacionamentos, como é geralmente conhecido. E de fato, é uma das utilidades mais importantes das sociedades. É por ela que e como os membros da sociedade podem se comunicar e colaborar para atender às necessidades próprias e alheias. Como Everett (2019, p. 10) afirma: “Linguagem é a mais avançada forma de

comunicação que o planeta já produziu.” A linguagem permite que as pessoas criem cultura (através das interações socioculturais), acumulem experiências e transmitam comportamentos de geração para geração. A interconexão social através da linguagem pode vincular a presença do homem ao seu futuro, causar a coleta e transferência de conhecimento do passado para o presente, tanto quanto do presente para o futuro, e essa coleção é possível por meio da linguagem escrita ou oral.

Amparado mais uma vez no pensamento de Kramsch (1998, p. 65), como foi apresentado no subcapítulo 2.1, as pessoas reproduzem naturalmente a maneira como os outros falam: vocabulário, sintaxe, gramática, padrões de fala, sotaque e até irregularidade da fala (pais e filhos, colegas de trabalho, pessoas em grupos, por exemplo). Pode-se depreender que nessa mesma linha de pensamento percorre o autor Everett (2019, p. 371) ao declarar que “Falamos como aqueles com quem falamos.” Essa citação pode parecer um pouco ambígua. É claro que, no uso da linguagem, todo ser humano imita ou reproduz a outra pessoa, e se uma expressão de educação e cultura significa adaptar a linguagem à situação e às pessoas com as quais o indivíduo fala, por analogia, pode-se deduzir que as identidades dos falantes estão sendo reestruturadas dependendo do uso da língua e do ambiente sociocultural em que estão imersos no momento da fala.

O linguista britânico, Roger Fowler, destaca que: “a linguagem é uma prática social que cria realidade.” (FOWLER, 1985, p. 62, tradução nossa)³³. Neste processo de interações e relações sociais se dá a aprendizagem das pessoas e aquisição do conhecimento. O constante convívio com o mundo exterior leva ao desenvolvimento intelectual e à criação da própria realidade absorvendo a cultura em que estamos imersos.

A assimilação cultural é o processo no qual um grupo ou cultura minoritária se assemelha a um grupo dominante ou assume os valores, comportamentos e crenças de outro grupo (SPIELBERGER, 2004). Pode ser descrita como semelhante à aculturação (interpenetração de culturas), também pode envolver a chamada aculturação aditiva, na qual, em vez de substituir a cultura ancestral, um indivíduo expande seu repertório cultural existente (ABE, 2017). Essa tese analisa o sentido da assimilação cultural, pois entende-se que o seu processo em cada indivíduo pode mudar de acordo com o local, o tempo e os grupos sociais, e está inseparavelmente ligado à língua. Nesse contexto, a cultura tem grande influência na

³³ No original: language is a reality-creating social practice.

linguagem, porque o ser humano precisa expressar os elementos culturais de alguma forma, porém de maneira diferente da que está acostumado fazer em sua língua materna.

Para que haja comunicação de maneira inequívoca com o ambiente ao redor através das línguas o falante e o ouvinte devem entender não apenas a língua e, sim, também o contexto cultural e social em que estão localizados. As palavras e expressões da língua usadas em uma situação só fazem sentido no contexto em que a experiência dos sujeitos é descrita pela linguagem, mas não determinada por ela. Se falantes de diferentes idiomas maternos, utilizam uma língua em comum e assim mesmo não se entendem, talvez seja porque eles não compartilhem a mesma maneira de ver e interpretar os eventos e o mundo; eles podem discordar dos significados e valores que as palavras expressam. Em síntese, eles não percebem a realidade e não classificam as experiências da mesma forma. Tudo isso possivelmente está sendo influenciado pelos aspectos e valores culturais percebidos por cada um da sociedade. Levando em conta o que já foi dito anteriormente pode até parecer utópico esperar uma comunicação inequívoca, entretanto sempre deveria ser a meta de qualquer comunicação.

Assim, a língua é usada para se comunicar na crença de que as outras pessoas entendê-la. Consequentemente, o falante tem intuito de escolher as palavras “apropriadas” para situações concretas em contextos socioculturais e contemporâneos onde as conversas estão acontecendo. Olhando uns para os outros e suas próprias experiências em um ambiente escolar ou de trabalho e que às vezes, quando as pessoas foram expostas individualmente a certas situações incomuns ou desconhecidas (como falar em público, por exemplo), tanto desconforto como nervosismo ocorreram ou podem ter ocorrido. Muitas pessoas, sobrecarregadas da responsabilidade de serem entendidas ao usar certas palavras em diferentes contextos, têm medo de serem mal interpretadas e temem as possíveis consequências desagradáveis que podem eventualmente ocorrer (ser apontado posteriormente como incapaz de expressar pensamento, por exemplo).

Isso é o que Everett confirma:

A linguagem funciona somente porque as pessoas acreditam que os outros pensam como elas a ponto de entenderem o que elas querem lhes dizer. Quando alguém diz o que está pensando é porque acredita que o seu interlocutor vai ser capaz de entendê-lo, inferir conclusões a partir de suas próprias experiências e relacioná-las às palavras (EVERETT, 2019, p. 69).

Pensando nas vidas em geral, pode-se ver ou descobrir que as pessoas, inclusive nós (eu que escrevo - você que lê) dialogam por várias razões, uma delas é o instinto social³⁴, a outra é o compartilhamento de informações que facilita a vida através da comunicação e desenvolve laços sociais com os outros. Escolher como as pessoas falam permite que elas controlem como os outros as percebem, enquanto o instinto social as leva a conversar e formar laços sociais: a conversa “busca” a compreensão mútua. Conversar com alguém pode mostrar sinais sociais positivos ou não e, como resultado, isso revela às pessoas o quão importante ou não elas são consideradas, agradáveis o suficiente para passar um tempo juntas ou não.

Uma outra razão para que se dê a comunicação é a sobrevivência: o desejo e a necessidade de se comunicar estão firmemente enraizados em todos seres humanos. Desde o passado, tem sido um mecanismo de sobrevivência eficaz para os seres humanos (eles compartilhavam informações sobre a comida, perigos sobre predadores, clima etc.), de como entender o mundo, incluindo a ideia de qual comportamento era apropriado adotar, e de como agir em determinadas situações.

O ato de comunicar também é usado para que as pessoas se mostrem de uma perspectiva mais positiva, dizendo alguns fatos sobre si, omitindo outros, para que sejam percebidas positivamente³⁵. Como resultado, a identidade é constantemente moldada pelos diálogos que as pessoas conduzem, moldando seus valores e transferindo-os, desde grupo da família até às pessoas com quem estão em contato social.

As considerações descritas acima respaldam-se na compreensão de que as pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes para serem respeitadas e para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos. O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico (BOURDIEU, 1977). Em outras palavras, a capacidade de interpretar as intenções de um usuário da linguagem em um determinado contexto é crucial para que as pessoas se entendam.

Nas ciências sociais em geral e na linguística especificamente, o princípio cooperativo (GRICE, 1975, p. 45) descreve como as pessoas obtêm comunicação conversacional eficaz em

³⁴ O conceito de “instinto social” é usado na psicologia moderna: o desejo de contato social e um sentimento de pertencimento, manifestado pela tendência de congregação, afiliar-se e se envolver no comportamento do grupo. Usado pela primeira vez, no início do século XX, por Alfred Adler, psicólogo austríaco, fundador da psicologia do desenvolvimento individual (nota do autor).

³⁵ A teoria da polidez, da qual os proponentes são Penelope Brown e Stephen C. Levinson, explica a polidez que centraliza a reparação dos afrontamentos às autoestimas das pessoas de reivindicar efetivamente valores sociais positivos nas interações sociais (HENNINGSEN; HENNINGSEN, 2017).

situações sociais comuns, isto é, como ouvintes e palestrantes agem de forma cooperativa e mutuamente aceitam um ao outro para serem entendidos de uma maneira particular.

Segundo Everett, já encontramos este argumento em Aristóteles:

Aristóteles acreditava que os principais aspectos dos significados das palavras e das sentenças são definidos pela sociedade, como parte do esforço coletivo dos seres humanos para satisfazer nosso 'instinto social'. Não pode haver cultura sem linguagem, nem linguagem sem cultura, e não há sociedade sem os dois. Língua e cultura não são um problema do ovo, e da galinha; o relacionamento deles é mais como fogo e calor. (EVERETT, 2012, p. 187, tradução nossa).³⁶

Neste sentido o “instinto social” está enraizado na própria sociedade no uso da linguagem utilizada pelos indivíduos e ajudam na construção das identidades dos sujeitos.

As interações sociais podem acontecer nos ambientes comuns, conhecidos pelos falantes, porém no mundo globalizado de hoje, os falantes enfrentam novos desafios como por exemplo: necessitam estar em lugares, países e locais antes nunca visitados, com culturas e línguas distintas da sua, tanto pessoalmente quanto virtualmente.

As pessoas que conhecem o idioma, a cultura e sociedade local, não precisam se preocupar com situações para além da melhor forma de se expressar com objetivo de ser compreendido. Mas, se houver uma situação em que o falante não conheça a cultura ou o idioma local, ele terá que se situar nesse novo cenário. A linguagem, no sentido amplo, neste momento atua como um fator muito importante para a comunicação em si.

Porém, nessa nova perspectiva do mundo globalizado surgem novas formas de se comunicar propensas para a interação social, como já foi dito, uma necessidade humana. E, neste sentido, a citação de Silva, Melo e Anastácio (2009, p. 21), explica: “Com a movimentação dos expatriados pelo mundo, forma-se então, uma rede de línguas, etnias, culturas, conhecimentos e religiões, em que uns influenciam e são influenciados pelos outros.”

Pode-se dizer que é necessário, para que haja compreensão mútua, garantir que as pessoas que precisam ou desejam se comunicar usem os mesmos símbolos e que, além disso, os símbolos tenham o mesmo significado. Ambos os indivíduos em comunicação devem concordar que, por exemplo, o significado para “menina” é uma criança do sexo feminino,

³⁶ No original: Aristotle believed that the major aspects of word meanings and sentence meanings are set by society, part of humans' collective effort to satisfy our 'social instinct.' There can be no culture without language, no language without culture, and no society without both. Language and culture are not a chicken-egg problem; their relationship is more like fire and heat.

como o significado de “vazio” é a representação de algo sem conteúdo. De acordo com a citação de Everett, pode-se concluir, por exemplo, que as pessoas introduzidas em uma sociedade já configurada com seus valores, adotam o conhecimento mediado pela cultura, e através da linguagem:

[...] o propósito último e a concretização da linguagem é a construção de comunidades, culturas e sociedades. Estas são construídas por meio de histórias e conversas, orais e escritas; cada uma delas ajuda a estabelecer e a justificar as prioridades de valores compartilhadas pelas culturas ou pelos indivíduos. A linguagem, na verdade, constrói as estruturas de conhecimento que são características de uma cultura em particular (tais como as cores reconhecidas, os tipos de ofício e profissão considerados mais atrativos, o entendimento médico, a matemática e todas as outras coisas que os humanos sabem enquanto membros de uma sociedade) (EVERETT, 2019, p. 32).

É possível observar que as pessoas adaptam sua língua materna às situações da vida e às situações que estão acontecendo ao seu redor, quer dizer, se o falante não precisa ou não precisará expressar diferentes tipos de fenômenos da vida, logo, não saberá falar sobre tais. Além disso, Everett afirma que, por exemplo, as pessoas que vivem num país tropical não sabem descrever os diferentes tipos de neve como pessoas dos países nórdicos as quais precisam lidar com esta realidade em seu cotidiano e, analogamente, esse conhecimento é utilizado para viver melhor ou sobreviver. Por exemplo, também há línguas que não possuem os meios para expressar certos conceitos abstratos, exatamente porque essas ausências não refletem simplesmente as necessidades diárias dessas pessoas.

Já foi explicado que a linguagem pode ser entendida como a forma de comunicação para expressar ideias, opiniões e preferências. Pode-se chegar à conclusão de que quase tudo seja linguagem: o que e como algo é dito é uma forma de expressão. Já se pode deduzir que a linguagem neste momento é uma ferramenta usada para expressar, na maioria das vezes, pensamentos e sentimentos. Todos os sentidos podem ser envolvidos em algum tipo de linguagem.

Ademais, avaliando a conexão entre cultura, língua e suas relações, é preciso considerar a reflexão sobre língua em conexão com cultura, amparada na citação abaixo do Everett, segundo a qual a linguagem personifica a pessoa e a cultura como um todo, mesmo que essa pessoa não entenda exatamente tudo o que é falado. Porém, nesse momento, elementos culturais intervêm e podem ajudar na compreensão:

A língua envolve a pessoa e a cultura como um todo. Na verdade, é mais sério do que isso. Pode-se criar um cenário em que ninguém entende completamente o que as

outras pessoas estão dizendo. Nós entendemos apenas o suficiente para nos virarmos. Ou como Herbert Simon disse: a linguagem é apenas satisfatória – ela “satisfaz” as nossas exigências, mas de forma alguma é um sistema de comunicação perfeito. Ainda assim, quando opera diretamente com a cultura, a linguagem é incrivelmente complexa e rica (EVERETT, 2019, p. 344).

Para finalizar, precisa-se reafirmar que a língua é uma das maneiras pelas quais a capacitação humana está sendo utilizada para comunicar e se manifestar externamente. É preciso articular o conhecimento de que a relação entre a língua, a cultura e a sociedade são cruciais, ao observar que qualquer sociedade minimamente complexa pode funcionar através do uso da linguagem. A sociedade atua por meio da colaboração e/ou conflitos entre os indivíduos e o idioma possibilita esses processos de maneira fundamental. A língua que as pessoas falam faz parte da visão de si e do entorno.

2.1.4.1 Características de línguas em questão: tcheca e portuguesa

De acordo com os linguistas gregos, Argiris Archakis e Angeliki Tzanne (2005, p. 267), “a identidade linguística lhe permite considerar-se pertencente a uma determinada comunidade que é falante da sua língua natural”. Nesta perspectiva, a comunidade molda os seus valores e consequentemente os membros desta comunidade moldam os seus valores. A língua de um grupo é o que caracteriza de forma mais profunda a sua identidade, influenciada pelo recurso simbólico da língua o que leva a uma compreensão da relação interna entre a língua e cada indivíduo.

Para entender possíveis nuances que se revelam no processo da investigação entre brasileiros morando na República Tcheca e tchecos morando no Brasil, faz-se necessário apresentar algumas semelhanças e diferenças entre a língua portuguesa e a língua tcheca.

Destacam-se como semelhanças: ambas as línguas são de vista da origem indo-europeias; no esquema fonético e fonológico nota-se inventário relativamente rico de consoantes em ambas as línguas; morfologicamente ambas possuem flexão verbal, significativamente mais rica no português; ambas são do tipo SVO (sujeito-verbo-objeto); os países-mãe das duas línguas estão na Europa.

Embora haja infinidade de diferenças culturais entre os dois países, muitos aspectos podem ser previsíveis em ambas as culturas porque possuem suas bases nas mesmas raízes como, por exemplo, a cultura clássica, o cristianismo, conceito da família, em outras palavras,

“círculo de civilização ocidental”, de acordo com o cientista político Samuel P. Huntington (1996), no livro *O choque de civilizações e a reconstrução da ordem mundial* (tradução nossa)³⁷.

Destacam-se como diferenças na dimensão estrutural: o tcheco é uma língua eslava ocidental e, além disso, histórica e culturalmente influenciada pela língua alemã; já o português é uma língua românica pertencente ao ramo ibero-românico, influenciada pelas línguas celta, árabe, mas também em contato com muitas outras, por exemplo, africanas, nativas americanas etc.; no esquema fonético e fonológico o português é um sistema muito rico de vogais, incluindo nasais com função fonológica (a presença ou ausência de nasalização pode alterar o significado da palavra), o grau de abertura das vogais também (avó versus avô); as diferenças significativas estão na função e distribuição do acento tônico: em tcheco é regular, com pequenas exceções na primeira sílaba desde o início da palavra, e tem uma função de demarcação (separando unidades fonéticas ou “palavras”), já em português é distribuído de acordo com regras principalmente herdadas do latim e tem validade fonológica (capaz de mudar o significado); considerando a tipologia morfológica, o tcheco é flexivo (sintético), especialmente no que diz respeito à flexão nominal (sete casos, dois números, três gêneros), a flexão verbal é menos extensa; o português é flexivo em termos de verbos, mas a flexão desaparece nos nomes e é, portanto, bastante analítico; no português há categorias muito desenvolvidas de tempo e modo, existe o subjuntivo, tempos relativos e absolutos (para expressar anterioridade, ao contrário do tcheco), e a concordância de tempos verbais. Em conclusão, também vale a pena mencionar que a língua tcheca é monocêntrica, enquanto a língua portuguesa é pluricêntrica.

Na dimensão demográfica, há uma distinção significativa em número de falantes de ambas as línguas: o idioma tcheco, segundo fontes diversas apontam para aproximadamente 13 milhões de falantes como língua materna, enquanto em português estimam-se em 250 milhões. O português como língua oficial pode ser encontrado em todos os continentes habitados com exceção da Austrália, ao contrário do tcheco que é língua oficial apenas de um país.

Não há dúvidas que a dimensão sociocultural está sendo muito importante para o desenvolvimento dessa tese, analisando a situação sociocultural atual, entretanto será detalhado no capítulo 4. Análise e interpretações dos dados.

³⁷ No original: *The Clash of Civilizations and Remaking of World Order*

2.1.5 Recapitulação

Ao longo deste subcapítulo, foram abordadas apenas algumas teorias relacionadas à língua e à cultura. Dada a amplitude desses conceitos nos vários campos envolvidos, buscou-se indicar caminhos para desenvolver a capacidade de compreensão sobre o trabalho e os vários aspectos que as entrevistas podem apontar.

Foram destacados alguns pontos que são particularmente importantes para entender esta pesquisa e as suas possíveis conclusões finais. Portanto, é necessário enfatizar a importância de outras abordagens da Linguística Aplicada para agregar contribuições de várias áreas do conhecimento científico de forma interdisciplinar para subsidiar interpretações dos conceitos teóricos discutidos, a fim de se aproximar de uma melhor compreensão da linguagem e cultura. Seria improvável avançar nas discussões desses conceitos sem ter uma base alicerçada nas definições ou teorias de outras disciplinas envolvidas. Psicologia, sociologia, antropologia, neurologia, entre outras, são algumas das ciências utilizadas para complementar o entendimento dos conceitos que foram desenvolvidos no decorrer do capítulo.

Conceitos como interculturalidade, choque cultural, papel social, entre outros, são pilares importantes para a compreensão das abordagens explicadas neste capítulo. Língua e cultura têm uma entidade própria, embora necessitem de complementação por outros conceitos.

2.2 Identidade(s)

Compreender e entender a identidade é importante para uma melhor compreensão do funcionamento do mundo em sentido mais amplo, bem como das mudanças socioeconômicas e culturais que estão ocorrendo nas sociedades. Por isto, recentemente, o tema identidade tem sido discutido com muita intensidade em estudos sobre os atuais fenômenos sociais³⁸, tanto do ponto de vista individual quanto social.

Esta etapa da tese, intitulada “identidade(s)”, é uma extensão direta da primeira parte do segundo capítulo em que o foco era a compreensão de “língua” e “cultura”. Neste subcapítulo,

³⁸ Fenômenos sociais podem ser entendidos como pressões e influências individuais e externas em constante evolução que podem influenciar significativamente nosso comportamento e opiniões e podem ser causadas por políticas, eventos históricos e comportamento de outros. Por exemplo, globalização e migração em massa, para as quais o conhecimento de uma língua estrangeira é uma vantagem indiscutível (RAFINO, 2019).

será abordado o conceito de identidade: o que é; como pode ser entendida; em que campos de conhecimento pode ser investigada; além de refletir sobre qual é o seu significado para o mundo e como a identidade é formulada. Será introduzida e respondida também outra questão: a linguagem, como interface da construção das identidades, pode afetar as transformações identitárias?

A conexão entre identidade e linguagem aqui se fará presente em outro momento do trabalho ao refletir sobre dimensões, por exemplo, de como a identidade se manifesta na língua e como a língua é projetada na identidade. Na última sessão deste capítulo, o foco incidirá sobre a conexão entre a cultura, a identidade e a língua. Existe uma identidade cultural? O que é? Sobre o que versa? Quão importante é?

As pessoas, na maioria dos casos, podem se comunicar entre si. E a língua – as línguas dos lares e famílias, as conversas diárias com amigos, as histórias que são contadas sobre quem somos e de onde viemos – nos conectam uns aos outros e às nossas comunidades e culturas. Desta forma, é razoável começar por responder às hipóteses levantadas no meio acadêmico de que a linguagem é fundamental para as nossas identidades (JANÍKOVÁ, 2016).

Mas o que acontece com o relacionamento entre língua e identidade quando a pessoa se muda de um país para outro? Quando um indivíduo não fala mais a mesma língua de seus ancestrais? Quando, por exemplo, durante avanços e mudanças pessoais, a linguagem que a pessoa fala não “se ajusta” à maneira como essa pessoa se identifica ou é percebida pelos outros?

Como consequência de tais questionamentos é considerado que pessoas vivem suas vidas com o uso da linguagem e através dela, e geralmente a linguagem, e, portanto, a língua, pode ser considerada indicador direto de quem somos. Mas, a identidade é mais complicada do que apenas isso. Embora a linguagem seja uma parte importante da cultura, a depender de quem fala, qual língua e com quem, a linguagem pode mudar naturalmente quando as pessoas migram e se adaptam às novas circunstâncias.

Analisar a aquisição da língua materna (tipicamente: filho versus pai ou mãe) e o ensino e aprendizagem da língua não materna (geralmente: aluno versus professor), embora não os ignorando completamente, considerando que são parte inicial do processo de uso da língua. De fato, será analisada a conexão entre língua, cultura e identidade a fim de discutir possíveis implicações sobre essas relações, que foram indicadas como o objetivo geral da tese, como mencionado no capítulo 1.3 Objetivo geral.

O confronto com o mundo é uma parte essencial desta pesquisa, uma vez que o cotidiano das interações para além do ambiente acadêmico é o que ajudará no entendimento dos resultados obtidos. Para materializar esse direcionamento – fora dos muros da universidade – foi realizada uma sondagem para ver a variedade de opiniões sobre o conceito de identidade entre os contatos do autor, o que também pode ser considerada uma possibilidade de confirmação dos conceitos teóricos e opiniões acadêmicas trazidas para essa tese. É visível que as ideias dos indivíduos sobre o conceito de identidade são muito variáveis, mas há alguns atributos comuns, repetidos, conforme será explicado ao longo do texto.

Como em uma espécie de sondagem, foi enviada pelo WhatsApp, no dia 5 de abril de 2020, uma pergunta curta e simples (à primeira vista) aos membros da família, amigos, colegas e conhecidos do autor, sem distinção de gênero, com idade adulta, de diferentes áreas de formação assim como sem distinção de classe socioeconômica, e procedentes dos seguintes países: Brasil, Espanha, EUA, Irã, Itália, México, Países Baixos, República Dominicana, República Tcheca e Suíça. Eis a pergunta: “O que é identidade para você?” (em uma das três línguas: tcheca, portuguesa ou inglesa).

A diversidade e a pluralidade de respostas ajudam a ilustrar o fato de que a identidade é um conceito muito complexo para ser facilmente explicado, como será mostrado posteriormente, onde os conceitos de identidade serão introduzidos a partir de diferentes perspectivas acadêmicas. A visão dessas duas perspectivas, acadêmica e vulgar (o que se refere ou pertence ao povo), pode ser considerada proveitosa. Aqui, os leitores desta tese podem ler todas as respostas³⁹, mantendo a forma como foram redigidas:

1. O que a pessoa considera que torna ela “ela”.
2. Para mim é o que faz eu ser diferente das outras pessoas o que nos identifica um do outro.
3. Digo que identidade seria um conjunto de fatores e/ou características que diferem uma pessoa por meios ou coisas que possam individualizá-la.
4. Eu acho que é o que nos torna únicos, diferentes dos demais, diretamente ligado com a nossa personalidade.
5. Para mim, é quem você é ou acha que é, algo com o que se identifica.

³⁹ As respostas número 1 até 18 foram recebidas em português (sem interferência do autor na transcrição), respostas 19 – 31 foram recebidas em tcheco e 31 – 36 em inglês, ambas as línguas foram traduzidas pelo autor.

6. Eu entendo que seja pelo qual a pessoa é identificada. Se ela é do sexo feminino é uma identidade. Além claro de ser também um documento pelo qual o cidadão é identificado civilmente. Registro geral de identidade.

7. A marca pessoal.

8. Conjunto de características que me define.

9. A primeira coisa que me vem à cabeça é a minha digital, mas fazendo uma leitura mais profunda, “identidade” torna-se algo complexo, é quem você é em seu íntimo e qual parte sua você que expor para sua família, amigos, colegas...

10. Com relação a sua pergunta no modo de enxergar as coisas todo ser humano tem a sua própria identidade e age de acordo com o que ele acha correto conforme seus princípios e costumes sem prejudicar ninguém. Para mim podemos ter divergências de opiniões, mas isso não quer dizer que chegarmos a um consenso, você ou eu estamos perdendo a nossa identidade. Divergências de opiniões todos nós temos o que devemos e sempre escutar um ao outro pois de repente podemos mudar de opinião e não de identidade correto.

11. Minha percepção/consciência de mim como pessoa.

12. Identidade: reconhecimento de pertencimento a uma cultura.

13. Pode ser desde como você pensa, quem você é... até como você se identifica para autoridades.

14. Identidade para mim é um conjunto de valores que assumo como próprios.

15. Atualmente vivemos uma crise de relativização moral e de valores que dificulta a construção dessa identidade.

16. Uma série de informações relativas à pessoa que tenta a traduzir aos outros.

17. Acho uma pergunta muito complexa, afinal somos permeados de identidades. Pois nos constituímos de muitas identidades que nos atravessa durante a nossa existência aqui nesse lugar chamado planeta terra. Mais identidade também pode ser pertencimento a um território.

18. É o indivíduo e sua identidade.

19. Personalidade é provavelmente o conceito mais próximo.

20. Nome, sobrenome, data de nascimento ... A identidade cultural, nacional e religiosa não é importante para mim.

21. Personalidade. Ou um sinal de personalidade.

22. Conformidade.

23. O que caracteriza uma pessoa.

24. Meu “eu”, geralmente.

25. Para mim, identidade é uma mistura de experiências, valores, crenças e o ambiente cultural em que cresci.

26. Eu mesmo. Minha foto. Minha realidade. Minha personalidade.

27. Identidade: quem sou eu? Cidadão, de que país eu me sinto (de onde eu sou)? Que língua eu falo? De que família eu sou? Que tipo de infância/adolescência eu tive (ou seja, o que minha casa e minhas memórias associam: cheiros, comida, tradições e costumes, lugares, música, pessoas, livros e filmes, contos de fadas ...)? Então, principalmente, o olhar para trás e o que me moldou. Em um sentido mais amplo, onde/quem eu sou hoje ('o que eu tenho como um título acadêmico e da função do trabalho em um cartão de visita', qual grupo social eu pertencço, que amigos eu tenho e conheço), mas já é raso.

28. Minha nacionalidade, minha personalidade, o que eu gosto.

29. Autodeterminação.

30. Personalidade ou o que o caracteriza.

31. Identidade significa o que você é, ou como as coisas o tornam semelhante a outra pessoa, identidade pessoal, por exemplo, identidade nacional.

32. A identidade para mim é que eu sou um filho de Deus salvo por seu filho Jesus.

33. Identificar é quem eu sou e em que acredito e em que defendo.

34. Identidade são aquelas características que definem sua personalidade. É como os outros o reconhecem e é o que faz você pensar, se comportar e parecer de uma maneira diferente e particular.

35. Valores, sistema de valores.

36. Identidade não significa nada para mim, pois penso que não existe nada antes do nascimento de alguém e após a morte, não haverá ninguém além de uma identidade. Identidade pode ser como os outros nos definem/nos consideram, nacionalidade de gênero etc. Por uma

questão de fato nem sempre a identidade que os outros assumem para nós corresponde ao que assumimos por nós mesmos.

Analisar as respostas da sondagem não é a meta desse trabalho. Porém é possível enxergar alguns fatos relevantes: 1. Não dá para observar de onde os respondentes são: o conceito da identidade é heterogêneo na mente das pessoas em todo o mundo. 2. Há várias abordagens sobre a identidade: sociológica, psicológica, religiosa, até da Linguística Aplicada. 3. Definições incluem questões como: língua, cultura, roupa, identificação pessoal, religião, o que os respondentes acham importante, cientes ou não desta conotação.

Foi instrutivo, nesse confronto com a pergunta, encontrar um forte respeito pelo que a identidade significa para as pessoas, e as respostas dadas também permitem compreender que o sentido de identidade é múltiplo.

Embora tenha sido confirmado que o significado de identidade é múltiplo, ainda há necessidade de encontrar uma resposta para a pergunta: o que é identidade? Respondendo de maneira simplista é quem você é; individualidade; condição de ser uma pessoa. Fala-se sobre muitas identidades: social, de gênero, raça, cultural, religiosa, nacional, visual, corporativa, digital, entre outras, e não se pode esquecer de mencionar identidade linguística. Sabendo e destacando que todas elas estão interconectadas, conseqüentemente há compreensão e aceitação de que as identidades são múltiplas, como explica Hall:

as identidades não são nunca unificadas [...] elas são multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2000, p. 108).

Ao longo do texto, será dada ênfase aos conceitos de identidade que estão diretamente relacionados a este estudo, dada a amplitude do tema, não será possível abordá-lo em toda a sua dimensão.

Fundamentado no corpus da sondagem transcrita anteriormente, pode-se constatar que identidade é um sistema de muitos aspectos que formam um conjunto. Do ponto de vista didático, é como camadas, ou a soma de muitas partes: idioma (principalmente), cultura, história, educação, trabalho, relacionamentos, experiência etc. Resumindo o conteúdo da sondagem: a identidade é a soma de todos os aspectos possíveis (físicos, sociais, psicológicos e outros), que podem moldar quem somos. Cada indivíduo constrói sua própria identidade

através de experiências, emoções, conexão, aceitação e rejeição. A maneira mais oportuna de descrever a construção da identidade pode ser na identificação dos “contrastes” com as outras pessoas (como será evidenciado nas próximas páginas). Simplificando, sem abordar teorias, pode-se dizer que a identidade é um conjunto de muitas questões que podem ser expressas pela simples pergunta "quem sou eu?", como afirma o sociólogo e filósofo polonês-britânico Zygmunt Bauman (2005, p. 13).

É fundamental frisar que a identidade de uma pessoa é um conjunto de muitos fatores, dentre os quais a linguagem pode ser considerada um dos mais importantes. Isso é evidenciado de forma convincente por muitas pesquisas teóricas e empíricas (como será demonstrado no texto a seguir), especialmente na filologia, psicologia, sociologia, antropologia, análise de discurso e quaisquer outras ciências orientadas ao homem, a sua vida e a cultura. A pesquisa sobre identidade também pode ser uma forma de estudo importante, especialmente no campo da Linguística Aplicada.

De acordo com o explicitado acima, vê-se que é praticamente impossível explicar o conceito de identidade com uma única definição visto que a percepção da identidade evolui ao longo do tempo e, conseqüentemente, exibe uma série de identidade diferentes, de natureza profissional, social, étnica e cultural, como bem o explica o linguista belga, Dirk Geeraerts, dentre outros:

Costuma-se dizer, de fato, que uma das marcas da mentalidade pós-moderna é a fragmentação da identidade. As pessoas não mais experimentam uma única identidade pessoal, mas exibem um número de identidades diferentes, possivelmente mutáveis, de natureza profissional, social, étnica e cultural. (GEERAERTS, 2003, p. 27, tradução nossa).⁴⁰

Devido a toda esta complexidade a identidade é cada vez mais discutida nos círculos acadêmicos. Nos últimos sessenta anos, as pesquisas sobre os processos de aprendizagem e ensino de línguas estrangeiras (e subsequentemente identidades) têm se desenvolvido dinamicamente, refletindo não apenas o conhecimento mais recente das disciplinas científicas relevantes, como também os requisitos da sociedade atual para o ensino de idiomas. Essa tese, portanto, enfoca uma das áreas que recentemente se tornou um tópico muito comum do discurso profissional no campo do ensino de línguas estrangeiras, Linguística Aplicada, fora e dentro do

⁴⁰ No original: It is often said, in fact, that one of the hallmarks of the postmodern mentality is the fragmentation of identity. People no longer experience a single personal identity, but they exhibit a number of different, possibly shifting identities, of a professional, social, ethnic, cultural nature.

Brasil. Esta área constrói relações complexas e multidimensionais entre idioma(s) e identidade(s).

Considerando os trabalhos de autores como Pierre Bourdieu (sociólogo francês), Michel Foucault (filósofo, historiador das ideias, teórico social e filólogo francês), Mikhail Bakhtin (filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes), Lev Vygotsky (psicólogo russo) e outros, apresenta-se a perspectiva que sustenta a ideia de que a identidade não é “um conjunto de coordenadas fixas”, senão uma maneira pela qual o indivíduo negocia seu lugar no mundo e se envolve em significado – realizar atividades através de um processo de identificação social (NORTON, 1997, p. 419; WORTHAM, 2006), onde identificação social significa que cada falante tem suas próprias marcas sociais que também estão em seu idioma. Portanto, a forma de linguagem é influenciada pela posição que o falante ocupa na estrutura social e sua abordagem das ferramentas sociais e culturais faz a diferença na obtenção de sua forma de linguagem.

Nas últimas décadas, as trajetórias de pesquisas utilizadas por muitos antropólogos linguísticos e linguistas aplicados mudaram do foco na aquisição de habilidades em línguas (orais e escritas) para ênfase na construção de identidades sociais e nas maneiras pelas quais os usuários da língua propagam essas identidades e se relacionam com o mundo social. As práticas da linguagem envolvem uma redefinição e consenso de como uma pessoa se comunica e se relaciona com outras pessoas - um processo contínuo de construção e reconstrução de identidade (NORTON, 1997, 2000).

A dificuldade de definir identidade pode ser reconhecida em discursos científicos no campo da psicologia do desenvolvimento e das questões sociopsicológicas (VÝROST e SLAMĚNÍK, 2008), sociológicas, mas também sociopedagógicas (ŠVARŤÍČEK, 2007) ou, no caso da linguagem e da identidade em particular, sociocultural e sociolinguística (WERLEN, 2002) ou pragmalinguística (AGUADO, 2013). Quanto à linguística, o interesse recente pela identidade também pode ser visto no debate nas ciências sociais sobre identidades coletivas (MENDOZA-DENTON, 2002) que mais adiante será desenvolvido. Este trabalho trata da conexão e da possível relação que existe entre identidade e linguagem, discute como a linguagem afeta a reconfiguração da identidade do sujeito e se apoia no conceito da Linguística Aplicada que busca compreender como essa ciência tem contribuído para a formação do sujeito como falante de outra língua. “Os significados com que operamos, inclusive aqueles sobre quem somos, não são dados no mundo, não existem antes da linguagem, mas são produzidos nas práticas discursivas em que atuamos” (MOITA LOPES, 2002, p. 33), em outras palavras, a

linguagem constrói o mundo e cada pessoa. A Linguística Aplicada, que se configura como uma ciência social de estudos de linguagem de caráter interdisciplinar (MOITA LOPES, 1996), enfoca problemas de linguagem em diferentes contextos e com diferentes objetivos de comunicação e interação.

No mundo globalizado atual, e fortemente interconectado, as viagens de natureza privada e profissional estão na ordem do dia e são caracterizadas por um fluxo constante de identidades que vão e vêm, se cruzando, e isso é o que permite reinterpretar a percepção de si mesmo e das pessoas ao redor. Quando um indivíduo está na frente de algum desconhecido, pode, inconscientemente, usar o seu conhecimento e experiências da vida, ou, conscientemente, estruturar seu ato de comunicar diante da situação concreta. A possibilidade de se conectar com outras identidades e realidades culturais, linguísticas e cívicas significa que as múltiplas identidades são reconsideradas e até renegociadas, o que direciona a discussão para o grande número de identidades que existem.

É possível supor que todos os falantes de cada língua em particular podem compartilhar qualidades pessoais que os unam de alguma forma. A premissa básica desta tese é o fato de que o idioma que se fala é uma das principais fontes de identificação pessoal. Além disso, a língua pode ser vislumbrada como uma forma possível de se expressar e manifestar, no sentido mais amplo possível, diante do mundo, do mesmo jeito como a sociedade se manifesta através da própria língua. Na teoria, a elucidação de que a linguagem é um reflexo da sociedade em que vivemos e que o contrário também é verdadeiro (EVERETT, 2012, 2019).

Como mencionado acima, as identidades já foram consideradas fixas, embora esta visão já não se aplique, é justamente isso que pretende ser demonstrado neste trabalho. Existem mudanças no sentido de modificações e evoluções das identidades pessoais, mais ou menos previsíveis, mais ou menos desejáveis, mais ou menos controláveis. E sem sombra de dúvidas, sempre há e haverá mudanças. Por que deveríamos pensar que a identidade é fixa desde o nascimento até a morte? O sociolinguista hispano-estadunidense, David Martin Block (2017, p. 17) indica que, nas ciências sociais atuais e na Linguística Aplicada em particular, a posição padrão em relação à identidade é vista como um processo social em oposição a um produto determinado e fixo, seguindo os princípios de o que passou a ser conhecido como pós-estruturalismo. A linguista canadense Patricia Duff (2012, p. 412) descreve essa posição da seguinte maneira: “O pós-estruturalismo é uma abordagem de pesquisa que questiona categorias ou estruturas fixas, binários de oposição, sistemas fechados e 'verdades estáveis' e

abraça aparentes contradições.” Pesquisadores pós-estruturais examinam como essas categorias são discursivamente e socialmente construídas, adotadas, resistidas e assim por diante.

Complementando o que foi dito acima, é preciso salientar que, contemporaneamente, o termo identidade está sendo estudado em inúmeras disciplinas, incluindo antropologia, psicologia, educação, sociologia, literatura, política etc. (por exemplo, LIAMAS e WATT, 2010; RICENTO, 2005; RILEY, 2007). Com publicações atuais sobre identidade, esse tópico está no centro de interesse da Linguística Aplicada (por exemplo, ALMEIDA FILHO, 2002; BLOCK, 2009; FABRÍCIO, 2006, 2011; JOSEPH 2004; LEFFA, 2001; MOITA LOPES, 1994, 1996, 2002, 2003, 2006, 2013; NORTON, 1997, 2000, 2008, 2010; RAJAGOPALAN 1998, 2004, 2006). No entanto, a maioria dos estudos concentra-se na visão pós-estruturalista seguida por Mikhail Bakhtin, Pierre Bourdieu, Stuart Hall, Anthony Giddens, Manuel Castells, Chris Weedon e Zygmunt Bauman. Sendo que, os estudos de identidade no ensino de idiomas abordaram uma variedade de questões, incluindo identidade e ideologia, identidade e raça, identidade e gênero, identidade escrita, identidade dos alunos de línguas e identidade profissional dos professores.

De acordo com uma classificação elaborada por Block (2009), os estudos linguísticos de identidade podem ser divididos em três categorias principais, incluindo: identidade L2 entre imigrantes, identidade L2 no contexto de uma segunda língua e identidade L2 no contexto de uma língua estrangeira, o que é do interesse desta tese. Assim, as pesquisas sobre linguagem e identidade, abrangem uma ampla gama de pesquisas desenvolvidas em muitos países na escala mundial, para citar algumas: Canadá (NORTON, 2000), Reino Unido (BLOCK, 2009), Vietnã (HÁ e QUE, 2006), Japão (DUFF e UCHIDA, 1997), Indonésia (WIDIANTO, 2005) nas diferentes categorias descritas acima. No campo mais amplo da Linguística Aplicada, o interesse pela identidade também ganhou impulso considerável com trabalhos, por exemplo, sobre: identidade e pragmática (SPENCER-OATEY e FRANKLIN, 2009), identidade e sociolinguística (JOSEPH, 2004; EDWARDS, 2009) e identidade e discurso (WODAK, 2009; YOUNG, 2009).

2.2.1 Conceito(s) de Identidade(s)

Uma das primeiras perguntas que se fazem, nos primeiros encontros, é: “Qual é o seu nome?”, a qual pessoas respondem com o seu primeiro nome. Essa é a primeira identidade, o nome próprio. A segunda pergunta que geralmente segue nesses momentos de contato em

sociedade (justamente nos países onde o indivíduo pode ser considerado estrangeiro) em que se vive: “Você mora aqui?” No caso do autor, sabendo para onde esta conversa se direciona, é melhor limitar a resposta à pergunta exata e responder: “Sim, moro em Salvador”. Pode-se imaginar que a pergunta que a pessoa quer fazer seria: “Mas de onde você é realmente?” O segundo identificador agora é revelado: “Eu sou tcheco”. Esse elemento da identidade diz muito mais sobre quem a pessoa realmente é do que apenas o nome e onde mora. O nome próprio, a origem nacional e a cidadania são elementos muito particulares de seres humanos – isso é a uma parte importante da identidade. Muitas vezes as pessoas possuem pensamentos estereotipados, e geralmente imprecisos, entretanto estas prévias interpretações são as que determinam se a pessoa é aceita, ignorada ou rejeitada.

Na visão da linguista tcheca, Věra Janíková (2016, p. 24-50), a atual percepção de identidade e seu conteúdo é caracterizada por uma pluralidade de pontos de vista em uma estrutura interdisciplinar em relação ao fato de o indivíduo ser exposto a um grande número de interações nas quais sua identidade é afetada por inúmeros fatores. A identidade é concebida em toda a sua multicamada e multiplicidade e em conexão com o conceito de papéis internalizados de um indivíduo, pelo que muitos especialistas falam sobre não apenas uma, mas sobre múltiplas identidades formadas por relacionamentos e suas dinâmicas variáveis (HRDÁ e ŠÍP, 2011, p. 442). As características mais importantes do atual entendimento da identidade incluem:

- ênfase em contextos parciais da cultura e da história;
- investigação cuidadosa não apenas do próprio indivíduo, mas também do mundo exterior do qual está cercado;
- perspectiva múltipla (diferentes formas de visão dos eventos e o lugar dos atores);
- ênfase na mistura e fusão de identidades em uma rede de diversas relações com outras pessoas;
- multiplicidade (a identidade é formada por vários papéis que se alternam e mudam de maneira flexível na vida cotidiana);
- dinâmica (a identidade está em constante transformação);
- ênfase nos valores (a identidade é determinada pelos valores, que são interpretados e mudam continuamente);
- praticidade (a utilidade e os interesses práticos predominam na construção da identidade; a identidade é verificada pela prática e não apenas pela teoria);

- ênfase na linguagem (a linguagem é constitutiva da identidade, olha a realidade com certa perspectiva - através dos “olhos” da estrutura e, especialmente, da pragmática de uma determinada língua).

A visão da Janíková é compartilhada por Rajagopalan ao dizer:

[...] as identidades estão, todas elas, em permanente estado de transformação, de ebulição. Elas estão sendo constantemente reconstruídas. Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo. A única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo. Ou seja, as identidades são definidas estruturalmente. Não se pode falar em identidade fora das relações estruturais que imperam em um momento dado. (RAJAGOPALAN, 2004, p. 71).

Em consonância com o enunciado, compreende-se que as identidades (sempre identidades no plural) que o mesmo indivíduo possui são múltiplas, contraditórias, inacabadas e processadas. Não podem mais ser definidas como algo fixo ou predeterminado, mas sim como um fenômeno em constante mutação. Existe um caráter social e relacional, o que significa que as pessoas em suas individualidades não são os únicos criadores de sua própria identidade; e que as identidades não são mais consideradas um processo totalmente interno.

Nas fontes disponíveis para o autor, em quatro línguas, foram observadas três dimensões diferentes de como se pode entender a identidade: 1) como oposição ao outro (no grupo, na sociedade); 2) como reconhecimento do outro (social); 3) como processo de metamorfose. Essas categorias são descritas e explicadas a seguir.

2.2.1.1 Identidade como oposição ao outro

A identidade é definida pela maneira como os indivíduos se identificam com os membros de um grupo específico e é configurada a partir de uma cultura de identificação (CHNAIDERMAN, 1998/2006; REVUZ, 1998/2006), a qual é composta pela influência de uma pessoa ou grupo onde está inserida, na dinâmica de reconhecimento em que um indivíduo identifica suas próprias características em oposição às características de outros.

O sociolinguista sul-africano, Busayo Ige, declara que “A identidade é indiscutivelmente uma reflexão das várias maneiras pelas quais as pessoas se entendem em relação aos outros.”

(IGE, 2010, p. 3049, tradução nossa).⁴¹ Como enfatizam a pesquisadora tcheca de Estudos tchecos e Língua tcheca como língua não materna, Martina Hrdá, e o sociólogo tcheco, Radim Šíp: “Nossa identidade também participa da interpretação das identidades dos outros e da reconstrução dessas identidades.” (HRDÁ e ŠÍP, 2011, p. 451, tradução nossa).⁴² A linguista canadense e cofundadora da African Research Network for Applied Linguistics and Literacy, Bonny Norton, afirma que “Identidade se refere a: como uma pessoa entende seu relacionamento com o mundo, como esse relacionamento é construído através do tempo e no espaço.” (NORTON, 2013, p. 45, tradução nossa).⁴³

A identidade é principalmente percebida em comparação com o outro e é configurada, reconfigurada, confirmada, negociada ou alterada na interação com os seres ao seu redor e, de acordo com a forma como o indivíduo se apresenta aos outros, como age em diferentes situações sociais nas quais evolui ao longo da vida, sua presença e atividades são recebidas por outros; e é sempre rediscutida pelo discurso social de rotina (VAN DIJK, 1998, p. 154; ARCHAKIS e TZANNE, 2005; CHRYSOCHOOU, 2003). A identidade é um fenômeno dinâmico indistinguível do contexto situacional em que o falante atua ou ao qual o falante deseja inserir-se. Por esse motivo, o processo de transformação da identidade nunca termina e varia de acordo com a interação social, desejos e encontros nos quais o falante está envolvido durante sua vida, que geralmente são únicos e altamente subjetivos (TABOURET-KELLER, 1997, p. 316, apud MARTÍNEZ, 2005).

Falando em comunidades linguísticas ou grupos sociais diferenciados, a linguagem se mostra como um espaço representativo de identificação e é também influenciada por vários processos socioculturais, entre outros, os esforços do indivíduo para se adaptar ao grupo social. Esta interação é possível através da comunicação, do diálogo, da expressão, da troca de ideias etc. Com a ajuda e através da linguagem desse grupo social:

É preciso pensar a linguagem humana como lugar de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos, por palavras, é preciso encarar a linguagem não apenas como representação do mundo e do pensamento ou como instrumento de comunicação, mas sim, acima de tudo, como forma de interação social. (KOCH, 2003, p. 128)

⁴¹ No original: identity is unarguably a reflection of the various ways in which people understand themselves in relation to others.

⁴² No original: Naše identita se také podílí na interpretaci identit druhých i na rekonstrukci těchto identit.

⁴³ No original: identity refers to: how a person understands his or her relationship to the world, how that relationship is constructed across time and space.

Sendo assim, como é a identidade construída? É possível confirmar que a identidade é parcialmente ou até principalmente construída pela linguagem no contato social? A citação da linguista alemã-brasileira, Ingedore Grünfeld Villaca Koch, mencionada acima já responde a esses questionamentos. Norton e Koch estão em sintonia, os seus pensamentos se completam e conduzem ao conceito de que a identidade é parcialmente ou até principalmente construída pela linguagem no contato social. Segundo Norton:

[...]cada vez que as pessoas falam, eles não estão apenas trocando informações com seus interlocutores; eles também estão constantemente organizando e reorganizando um senso de quem são e como se relacionam com o mundo social. Em outras palavras, eles estão envolvidos na construção e negociação de identidades. (NORTON, 1997, p. 410, tradução nossa).⁴⁴

A identidade é controversa, interativa, social, porque definimos e rotulamos quem somos na presença do outro e em oposição ao outro. A maneira como definimos quem somos é dentro de nós, e é assim que nos vemos na frente dos outros.

2.2.1.2 Identidade como reconhecimento do outro

A formação da identidade, desde o ponto de vista teórico, pode ocorrer no contexto de relacionamentos que reconhecem o outro como equivalente ou diferente. Ao organizar e dar sentido ao mundo ao seu redor, o indivíduo se posiciona em termos de pertencimento categórico, o que permite que ele se defina enquanto define o outro, o que também pode ser visto como identidade social.

Complementando a ideia explicada acima, a filósofa brasileira Vera Maria Ferrão Candau, argumenta que: “identidade é um conceito polissêmico, podendo representar o que uma pessoa tem de mais característico ou exclusivo, ao mesmo tempo em que indica que pertencemos ao mesmo grupo.” (CANDAU, 2002, p. 31). Por conseguinte, o termo inclui as duas dimensões: o primeiro diz respeito à construção de subjetividade individual e o segundo diz respeito ao processo de identificação destes indivíduos com os grupos sociais aos qual eles pertencem, ou a que eles desejam pertencer. De fato, as duas dimensões estão intimamente ligadas, porque a subjetividade individual sempre evolui em relação à outra, que é externa a ela,

⁴⁴ No original: [...] every time people speak, they are not only exchanging information with their interlocutors; they are also constantly organizing and reorganizing a sense of who they are and how they relate to the social world. They are, in other words, engaged in identity construction and negotiation.

através de um processo de identificação/desidentificação (HALL, 2000; WOODWARD, 2000). “A identidade é relacional ... marcada pela diferença” (WOODWARD, 2000, p. 9). De acordo com a autora acima, isso significa que o indivíduo se define reconhecendo as peculiaridades de outras pessoas comuns ou diferentes ao seu entorno. Já Bourdieu afirma que a identidade é um “ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros” (BOURDIEU, 1989, p. 117).

Pode-se, portanto, afirmar que a teoria da identidade social procura entender exatamente como uma sociedade está interconectada o que não é uma construção abstrata indescritível, mas o resultado de um conjunto de ações dos indivíduos. A identidade social é “a representação que um indivíduo dá de si mesmo por pertencer a um grupo” (TAJFEL e TURNER apud WHETTEN e GODFREY, 1998). Pertencer a um grupo representa para o indivíduo uma possibilidade de redução da incerteza subjetiva (HOGG e TERRY, 2000). Segundo o psicólogo social polonês-britânico, Henri Tajfel, e o psicólogo social britânico, John Charles Turner (1979), os indivíduos:

- sempre procuram manter uma identidade social positiva;
- a identidade social positiva está ligada à comparação positiva que o indivíduo faz parte de grupos aos quais se vincula;
- quando a identidade social for insatisfatória o indivíduo pode tentar abandonar o seu grupo e buscar vinculação em outros grupos.

A última afirmação é ousada, corajosa e polêmica, seria discutível concordar completamente com ela. Certamente há casos em que um indivíduo é capaz de abandonar o seu grupo, porém isso também é relativo e está implicando a possibilidade de abandono de “certos grupos”, por exemplo, no caso de desvincular-se do grupo familiar para alguns indivíduos. No entanto, essa discussão pode ser considerada mais apropriada para outra direção de pesquisa científica.

2.2.1.3 Identidade como processo de metamorfose

A palavra metamorfose vem do grego μεταμόρφωσις (metamórphosis, “transformação”), formada pelos radicais μετα- (prefixo meta-), “mudar” + μορφή (sufixo -morfo), “forma”. A identidade, por sua vez, pode ser classificada como um processo de constante metamorfose,

pois representa a visão do ser humano como ser ativo e em constante processo de transformação. Nas palavras do psicólogo brasileiro, Antonio da Costa Ciampa, a identidade é vista:

como processo de metamorfose, como movimento das transformações que vão configurando nossas identidades, seja como história de vida – um passado que se fez pela minha atividade -, seja como projeto de vida – um futuro a ser buscado a partir do meu desejo -, ou seja, desenvolver a competência de falar e agir com autonomia para falar quem sou e quem gostaria de ser (CIAMPA, 2006, p. 14).

Segundo Ciampa, a identidade é compreendida como um modo de metamorfose contínua. A proporção temporal desse processo inclui vários momentos da vida de um indivíduo que pode se reconhecer no presente como um adulto e ao mesmo tempo é capaz de falar sobre suas próprias histórias quando criança que já foi no passado e ao mesmo tempo pode conversar sobre seu futuro - o que gostaria de ser.

No constante processo de configuração da identidade existem papéis sociais que o indivíduo pode adquirir gradativamente ao longo de sua vida, a partir da identidade presumida, em outras palavras, aquela que a pessoa idealiza em relação ao papel adquirido. Com o tempo, uma pessoa experimenta todas essas identidades. Assim, a identidade é continuamente criada, transformada, complementada e modificada. Conseqüentemente, o indivíduo sempre vivencia vários papéis sociais simultaneamente. Estas experiências formulam um caráter único nele, que muda de acordo com as condições do ambiente ao qual está exposto.

Se uma pessoa passa por uma grande mudança em um determinado momento da vida (por exemplo mudança para um novo país e aceitar o uso de uma língua não-materna) sua metamorfose pode ser significativamente afetada. É impossível prever se essa nova mudança será negativa, estereotipada e estigmatizante ou, ao contrário, positiva, nova e ingênua.

2.2.2 As identidades em situações de comunicação

A construção da identidade dos indivíduos está sempre relacionada com o contexto social e a cultura da comunidade. Exatamente por isso que as identidades (discursiva, social e cultural) estão sendo apresentadas juntas em uma secção. A identidade discursiva é construída a partir da interação (por exemplo, da fala) com o outro. A identidade social é um elemento que facilita o reconhecimento de uma pessoa no âmbito social designando o seu posicionamento em uma sociedade, contudo, as identidades são criadas em relação à diferença (ao outro). A identidade

cultural é caracterizada como um espaço de valores e sinais conhecidos e definidos preservado na forma autêntica de criações e relações entre eles que afetam a comunidade em termos de individualidade de manifestações, singularidade e insubstituibilidade de valores e relações dentro dela e toma a comunidade como sua, uma expressão de sua cultura distinta e consciência social. Identidade cultural se refere ao relacionamento entre indivíduos e membros de um grupo que compartilham uma história comum, uma linguagem comum e maneiras semelhantes de entender o mundo.

Segundo Norton (2006), os linguistas nas décadas de 1970 e 1980 perceberam diferenças entre identidade social e identidade cultural, vistas separadamente e individualmente. Nos anos mais recentes, a diferença entre identidade social e cultural é vista como mais fluida e as interseções entre identidades sociais e culturais são mais significativas do que suas divergências. Atualmente, por esses motivos, fala-se mais sobre identidades socioculturais.

Ao pensar na situação ou contexto de formação de uma identidade discursiva pode-se “aprender” a ser quem é nas práticas discursivas em que interage com os outros. Pesquisas mostraram que a construção da identidade pode ser alcançada através de expressões linguísticas, mais especificamente através do discurso e da narração. Para a linguista estadunidense, Deborah Schiffrin (1996, p. 198), as narrativas pessoais são uma lente linguística através da qual se pode descobrir as visões que as pessoas têm sobre si mesmas, sobre os outros, sobre estrutura e postura social e sobre a posição em que os falantes estão imersos. Da mesma forma, Archakis e Tzanne (2005, p. 271), argumentam que a identidade se materializa precisamente através do discurso, não apenas com a presença material. Complementando as afirmações, a linguista austríaca Ruth Wodak (1999, p. 153), declara que identidades sociais são criadas e reproduzidas por transformação, negociação e discurso. A mesma ideia é confirmada por o linguista estadunidense, Robert Schrauf (2016). No geral, as narrativas têm sido consideradas de forma convincente como meios adequados de estudar a base da identidade. O pesquisador brasileiro, Tomaz Tadeu da Silva, concorda com essa visão ao mencionar que “a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas” (SILVA, 2000, p. 97).

Vale inserir ainda nessa discussão os professores britânicos da Linguística Aplicada e educação intercultural, Adrian Holliday, Martin Hyde e John Kullman (2004), os quais entendem a identidade como formas diferentes pelas quais os indivíduos se definem ou desejam ser definidos nos contextos sociais dos quais fazem parte. Para os autores, a identidade é multifacetada e muda constantemente. Essa diversidade na construção da identidade pode ser

resumida nos vários discursos que os indivíduos usam para influenciar as percepções que os outros possam ter sobre eles. A historiadora estadunidense, Jennifer M. Miller, também afirma que “As identidades são discursivamente construídas, envolvidas em práticas sociais e amplos sistemas ideológicos.” (MILLER, 2004, p. 290, tradução nossa).⁴⁵

Como já afirmado no decorrer deste trabalho, pode-se entender a identidade de diferentes maneiras, mas a identidade sempre muda e evolui, através do discurso nas práticas sociais. Nestas situações, a linguagem desempenha um papel insubstituível. Como apontam as linguistas brasileiras, Viviane de Melo Resende e Viviane Ramalho:

Entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-la como um modo de ação historicamente situado, que é constituído socialmente, mas também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. (RESENDE e RAMALHO, 2004, p. 189).

A citação pode ser entendida como a dialética entre discurso e sociedade: estruturas sociais são construídas pelo discurso, mas também o discurso é moldado pela estrutura social. Assim como Resende e Ramalho, o linguista estadunidense James Paul Gee já tinha arguido, ao dizer:

A identidade é vista como construída discursivamente, onde o discurso é entendido em sentido amplo como modos de estar no mundo, ou formas de vida que integram palavras, atos, valores, crenças, atitudes e identidades sociais, assim como gestos, olhares, corpo, posições e roupas. Um discurso é uma espécie de kit de identidade que vem completo com o traje apropriado e instruções sobre como agir, falar e muitas vezes escrever para assumir um determinado papel social que outros reconhecerão. (GEE, 1996, p. 127, tradução nossa).⁴⁶

Compreendemos então que construímos a outros e somos construídos, em práticas discursivas, negociando o significado de cada identidade (MOITA LOPES, 2003, p. 309). O que determina a escolha das múltiplas identidades, para Moita Lopes, são as diferentes práticas discursivas nas quais as pessoas agem com as suas identidades distintas e contraditórias. Conseqüentemente, a construção das identidades de uma pessoa ocorre em um processo de negociação consigo mesmo, com os outros e com os discursos presentes na vida dessa pessoa. Como é observado, a comunicação desempenha um papel importante na formação das

⁴⁵ No original: Identities are discursively constructed, involved in social practices and broad ideological systems.

⁴⁶ No original: Identity is seen as discursively constructed, where discourse is understood in a broad sense as ways of being in the world, or forms of life which integrate words, acts, values, beliefs, attitudes and social identities, as well as gestures, glances, body positions, and clothes. A discourse is a sort of identity kit which comes complete with the appropriate costume and instructions on how to act, talk and often write so as to take on a particular social role that others will recognize.

identidades dos indivíduos, pois em suas diferentes formas é algo que representa, constrói e transmite significados. Os sentidos são transmitidos pelos discursos, modos de ver, ser e agir no mundo, integrados aos valores, crenças e práticas socioculturais.

Entende-se, portanto, que a identidade em muitos aspectos é moldada pela linguagem e, inversamente, as escolhas de linguagem podem estar relacionadas à identidade (IGE, 2010, p. 3047). A identidade, de fato, como a linguagem, é individual e social.

A identidade social é vista como a identidade do indivíduo formada a partir do idioma que utiliza em uma configuração de grupo social, e por isso a linguagem é responsável por criar identidade social e um meio de obter autoestima e poder na sociedade. A comunicação funciona como um meio para renegociar a posição individual na sociedade e fornece acesso ao poder. Ganhar força nesse sentido pode significar equilíbrio de poderes entre os falantes garantindo igualdade de tratamento. Através da linguagem, um é tratado como parte dessa sociedade. Isso significa que a linguagem, o indivíduo e a sociedade não podem ser separados na criação da identidade social.

Segundo Ige:

Identidade social denota as várias maneiras pelas quais as pessoas se entendem em relação aos outros e inclui as formas pelas quais veem o passado e o futuro, e como querem ser vistas e compreendidas. O “eu” modelado emprega a linguagem como uma ferramenta para exibir e fazer sentir sua presença. (IGE, 2010, p. 3047, tradução nossa).⁴⁷

Essa afirmação levanta a questão do papel da linguagem no desenvolvimento da identidade. Dialogando com Ige, Janíková (2016) também afirma que pelo uso da primeira língua (língua materna), geralmente as pessoas absorvem valores culturais (identidade cultural). A língua é uma expressão representativa da cultura, é também um aspecto fundamental da identidade cultural, é o meio pelo qual se transmite o “eu” interior de geração em geração. Para muitas pessoas, a construção da identidade é monolíngue, e essa primeira língua se torna não apenas um local seguro que cria e fortalece relacionamentos, mas também uma grande limitação que cria uma visão de mundo restrito desenvolvendo uma opinião que pode levar a que qualquer desvio da própria norma linguística seja vivenciado como algo estranho e ameaçador (KRUMM, 2013, p. 119). Assim, existem pessoas que, através do uso consciente de outras

⁴⁷ No original: Social Identity denotes the various ways in which people understand themselves in relation to others and includes the ways in which they view their past and future, and how they want to be viewed and understood. The shaped ‘self’ employs language as a tool for exhibiting and making its presence felt.

línguas, buscam uma maneira de expandir sua identidade, mas também aquelas que são impedidas de aprender outra língua e usá-la, porque imaginam como uma ameaça à sua identidade, que está intimamente ligada à linguagem (KRESIC, 2006). A importância da linguagem em termos do nível de domínio é sublinhada pelo sociólogo alemão, Lothar Friedrich Krappmann (1993), que atribui importância fundamental ao grau de chamado “virtuosismo” ao lidar com a língua no processo de desenvolvimento da identidade. Quanto melhor (mais virtuosamente) o indivíduo trata a língua, dominando e entendendo corretamente o significado da sua expressão, mais intensos são os processos de autocriação de personalidade no desenvolvimento da própria identidade.

2.2.3 Identidade linguística

Entende-se por identidade linguística a soma dos aspectos linguísticos que distinguem cada um de outras culturas e nações, porque a linguagem traduz-se como um reflexo exato dessas características peculiares. A identidade linguística pode ser exemplificada pelo ditado de um autor desconhecido: “Eu sei a que lugar você pertence, de acordo com o modo como fala”. A identidade linguística diferencia um povo das massas em geral⁴⁸ e dá a ele um senso de individualidade, além de dar a uma cultura uma base rica para florescer e se expressar.

Segundo Block:

A identidade do idioma pode ser entendida como a relação assumida e/ou atribuída entre o senso próprio e um meio de comunicação que pode ser conhecido como idioma (por exemplo, inglês), dialeto (Geordie) ou jargão (por exemplo, futebol). (BLOCK, 2009, p. 40, tradução nossa).⁴⁹

Reconhece-se então que as expressões linguísticas estão diretamente relacionadas com a criação do conceito de identidade. Considera-se a identidade linguística como uma conexão entre o indivíduo e a comunidade de fala à qual pertence, caracterizada pela configuração em conjunto com o desenvolvimento material e social do indivíduo. É muito importante mencionar

⁴⁸ Porém também uma nação de outra nação, região de região, cidade da cidade, bairro de bairro, ricos de pobres, empreendedores de empregados, padeiros de mineiros, geração de geração, e um de outro. Cada um de nós tem seu idioleto, seu conjunto específico de meios de expressão (nota do autor).

⁴⁹ No original: Language identity may be understood as the assumed and/or attributed relationship between one’s sense of self and a means of communication which might be known as a language (e.g. English) a dialect (Geordie) or a sociolect (e.g. football-speak).

que essa configuração não ocorre linearmente, é construída de forma dinâmica e recíproca (DUSZAK, 2002). Assim, pode-se dizer que um falante não cria uma identidade linguística única e unificada para diferentes situações de comunicação, mas constrói identidades linguísticas múltiplas e complexas, como os mesmos atos de interação comunicativa, produto do reconhecimento precoce.

Segundo o sociólogo e psicólogo brasileiro, Romeu Gomes (2008), a linguagem está umbilicalmente ligada ao conceito de cultura e é incorporada como um elemento que faz parte da essência do indivíduo. A linguagem, por sua vez, está relacionada à ideia de que um indivíduo pertence a uma comunidade e, conseqüentemente, o direito de se expressar em seu próprio idioma está vinculado ao conceito de identidade.

Assim, as expressões linguísticas usadas podem ser entendidas como atos de identidade. Em outras palavras, a variação estilística não é apenas um reflexo de situações interativas, mas um dos meios estratégicos do falante para ativar um significado potencial e, assim, criar dimensões relevantes de identidade em vários pontos da sequência discursiva (VAN DIJK, 1999). De acordo com a teoria do princípio de cooperação comunicativa (GRICE, 1975, p. 47), os membros da comunidade da fala ajustam seu discurso em interação com outros para reduzir ou enfatizar as diferenças entre eles e seus parceiros. Dessa maneira, os palestrantes podem promover relacionamentos harmoniosos adotando os modelos de fala de seus participantes; alternativamente, os palestrantes podem promover seu próprio modelo de intergrupo discursivo (TAYLOR, 2005).

Do ponto de vista do linguista sul-coreano, Joseph Sung-Yul Park (2012), a identidade linguística torna possível considerar-se parte de uma comunidade que fala sua língua natural ou nativa. Nessa perspectiva, a comunidade se adaptará aos seus valores e o indivíduo se adaptará aos seus valores.

Segundo o linguista britânico, Robert Le Page (1980), todo ato de fala é um ato de identidade. A linguagem é o índice por excelência da identidade. As escolhas linguísticas são processos inconscientes que o falante realiza e está associado às múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o usuário assume na comunidade de fala. O que determina a escolha de uma ou outra variedade é a situação concreta de comunicação.

Assim, como língua e cultura são indissociáveis, a identidade linguística também é intimamente ligada à identidade cultural, porque o uso da língua é uma forma de praticar e

mantê-la viva. Esta é a realidade estabelecida para um mundo globalizado onde as pessoas se deslocam de um lugar para outro e de tal modo como a identidade linguística está se tornando um elemento central desse mundo, visto que o movimento de pessoas, conhecimentos, produtos e formas culturais através das fronteiras nacionais e internacionais se intensificaram significativamente nas últimas décadas, tornando o contato entre idiomas e culturas uma parte habitual de nossas vidas.

Rajagopalan (1998) explica que a globalização tem implicações importantes para o desenvolvimento dos aspectos da linguagem. Para pessoas monolíngues pode ainda ser inconcebível que a maioria da população mundial fale mais de um idioma. Contudo, de acordo com a professora canadense da Escola de Fonoaudiologia e Fonoaudiologia da Universidade de Montreal e diretora do Laboratório de Plasticidade Cerebral, Comunicação e Envelhecimento do centro de pesquisa do Instituto Universitário de Geriatria de Montreal, Ana Inês Ansaldo et al. (2008), e o linguista holandês, Cornelis Kees de Bot (1992), apenas 40% da população mundial é monolíngue (falando apenas uma língua), 43% são bilíngues (capacidade de falar duas línguas), 13% são trilíngues (falam três línguas fluentemente), 3% são multilíngues (falam quatro línguas) e apenas 1% são políglotas (uma pessoa que pode falar cinco ou mais línguas).

Atualmente, duas tendências opostas podem ser observadas no debate sobre a identidade linguística no mundo global: 1) a globalização pode levar a uma maior homogeneidade do idioma e da cultura em todo o mundo (influenciada pelas línguas mais usadas - inglês e espanhol, entre outras); 2) as línguas minoritárias (a partir da quantidade dos usuários) e línguas indígenas estão sendo revividas (por exemplo, línguas europeias locais apoiadas pela União Europeia, ou línguas indígenas australianas apoiadas pelo governo australiano) o que pode levar a uma maior heterogeneidade do idioma e da cultura.

Rajagopalan ratifica essa discussão e a complementa com a noção de volatilidade e instabilidade:

Nunca na história da humanidade a identidade linguística das pessoas esteve tão sujeita como nos dias de hoje às influências estrangeiras. Volatilidade e instabilidade tornaram-se as marcas registradas das identidades no mundo pós-moderno. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 59).

Deve-se acrescentar que falar vários idiomas permite que todos se vejam de maneiras diferentes em diferentes contextos socioculturais e ajuda a todos a entender melhor os outros.

Falar mais idiomas não faz de ninguém uma pessoa melhor, mas proporciona um senso mais amplo de realidade e identidade, diferentemente dos monolíngues.

2.2.4 Outros fatores codeterminantes

Pode-se dizer que existem fatores e aspectos, além dos fatores mencionados, e aspectos que têm a capacidade de gerar reconfiguração da identidade. Essa parte do trabalho se concentrará brevemente em alguns aspectos e fatores que podem ser considerados elementos importantes nas escalas de reconfiguração da identidade, e se inicia com uma apresentação rápida de algumas outras “identidades”.

2.2.4.1 Identidade pessoal

Em filosofia⁵⁰ o conceito da identidade pessoal refere-se às condições que permitem identificar que uma pessoa, em certo momento, pode ser a mesma que em outro momento. A análise da identidade pessoal fornece um conjunto de condições necessárias e suficientes para identificar uma pessoa ao longo do tempo. Essa ideia é acentuada pelo filósofo estadunidense, Eric T. Olson:

A identidade pessoal lida com questões filosóficas que surgem sobre nós em virtude de sermos pessoas. Isso contrasta com as questões sobre nós mesmos que surgem em virtude de sermos coisas vivas, seres conscientes, objetos materiais ou semelhantes (OLSON, 2003, p. 325, tradução nossa).⁵¹

Na filosofia moderna (VIANA, 2010), o conceito de identidade pessoal às vezes é baseado na questão de quais características ou propriedades expressam uma determinada pessoa em um determinado momento.

É necessário combinar uma visão de identidade que integre as perspectivas sociais e pessoais de identidade, conforme o sugerido pelo sociólogo francês, Claude Dubar:

⁵⁰ Por exemplo estes autores: Hudson (2001, 2007), Johnston (1987, 2016), Lewis (1976), Noonan (2012) (nota do autor).

⁵¹ No original: Personal identity deals with philosophical questions that arise about ourselves by virtue of our being people. This contrasts with questions about ourselves that arise by virtue of our being living things, conscious beings, material objects, or the like.

[...] identidade nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições (DUBAR, 2005, p. 136).

Segundo a linguista alemã, Gabrielle Blell (2013, p. 30), a identidade pessoal é expressa pela primeira língua (materna), o que permite entender o seu “eu” e articulá-lo. A autora ainda afirma que a linguagem é um meio para a construção da identidade, tanto a língua materna quanto outras línguas.

2.2.4.2 Identidade nacional

É uma identidade baseada no conceito de nação entendido como o sentimento de pertencer à coletividade histórica e cultural definida pelas características da visão do mundo, mais ou menos local ou universal (tanto cultura como civilização), pelos hábitos de interação, pelo seu redor social, pelas organizações políticas (especialmente o estado) e pelos limites territoriais.

Rajagopalan (2003, p. 93) defende o conceito da língua e identidade enquanto condição da identidade nacional, ao dizer: “A língua é muito mais que um simples código ou um instrumento de comunicação. Ela é, antes de qualquer outra coisa, uma das principais marcas da identidade de uma nação, um povo.”

O uso da língua significa a transmissão de toda a vida e identidade da nação quando é falada. Mesmo as frases mais curtas ditas nos primeiros momentos de aprendizagem de um idioma específico são ilhas separadas no sistema linguístico; cada palavra é um mini mundo. Logo, em cada palavra falada está a identidade moral, patriótica e emocional do país. Identidades nacionais, como identidades em geral, são uma construção em constante evolução. Na era atual de mobilidade internacional, onde há uma maior intensidade de misturas e subsequente hibridação, as mudanças nas identidades nacionais acontecem naturalmente. Assim, pode-se assumir que as nações (no sentido que a palavra “nação” abrange) não são estáticas e, portanto, experimentam constantemente transformações morais e ideológicas, especialmente quando os recém-chegados mudam naturalmente a identidade de uma comunidade específica. E isso pode levar a uma reconfiguração na identidade nacional “original” em termos de evolução ou mutação.

Como argumentou o historiador e cientista político irlandês-estadunidense, Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma “comunidade imaginada” e definiu nação como “uma comunidade política imaginada - e imaginada tanto como limitada quanto soberana por excelência”. Anderson argumenta que as diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais são imaginadas. Ou, como disse o político britânico, linguista, soldado, filólogo e poeta, Enoch Powell: "a vida das nações, da mesma forma que a dos homens, é vivida, em grande parte, na imaginação" (POWELL, 1969, p. 245, apud: HALL, 2006, p. 51).

2.2.4.3 Identidade coletiva

A identidade coletiva e sua construção, tal qual a do indivíduo, é um fenômeno que ocorre em relação ao “outro”, neste caso a outros grupos. É uma representação do que identifica um indivíduo como membro de um grupo. Nessa construção da identidade, pode-se dizer que a memória é um elemento importante, tanto individual quanto coletiva.

A identidade pode ser descrita como um profundo senso de autoidentidade em algum grau, baseado em experimentar a própria comunidade. Que tipo de pessoa eu sou? Como eu me diferencio dos outros? Em outras palavras, como confirma a pesquisadora eslovaca no campo da psicologia, Viera Bačová: “Experimentar o que um indivíduo é (sua própria autenticidade, singularidade e consistência no tempo e no espaço), como indivíduo ou como membro de comunidades humanas.” (BAČOVÁ, 1997, p. 211, tradução nossa).⁵²

Todos podem se considerar um indivíduo, mas também um grupo. Ninguém pode agir separadamente como um coletivo. As escolhas linguísticas de cada um variam em suas próprias peculiaridades, mas são pessoais e grupais.

Além da capacidade das pessoas de escolher e usar a linguagem como um instrumento de comunicação, para comunicar informações e/ou para relações interpessoais, a linguagem também é um símbolo de identidade social ou de grupo', um emblema de pertencimento e solidariedade ao grupo.” (GROSJEAN, 1982, p. 117, tradução nossa).⁵³

⁵² No original: Prožívání toho, čím jedinec je (vlastní autenticity, jedinečnosti a konzistentnosti v čase a prostoru), buď jako individuum, nebo jako člen lidských společenstev.

⁵³ No original: Apart from the ability of people to choose and use language as an instrument of communication, either to communicate information, and/or for interpersonal relations, language is also a symbol of social or group identity, “an emblem of group membership and solidarity”.

2.2.4.4 Identidades plurais

Quando um indivíduo aprende e posteriormente utiliza nova língua, elementos de uma nova identidade começam a emergir nele, o que significa que ele tem uma multi-identidade (identidade plural), mas isso não significa automaticamente renunciar o que já é, o que foi formado pela sua língua materna.

Muitas pessoas nascem em um ambiente bilíngue ou multilíngue (nem sempre necessariamente a língua oficial do país), assim como muitas pessoas aprendem outra língua desde tenra idade. Por exemplo, alguns países pequenos, como a República Tcheca, incentivam o ensino do inglês (que tem a qualidade de língua franca nesta época) desde cedo, mesmo que o único idioma oficial seja o tcheco. Isso pode significar que a visão do mundo das pessoas seja mais ampla e possa trazer novas oportunidades para a sociedade local sem, no entanto, esquecer sua própria identidade como nação.

Segundo o linguista cingalês Suresh Canagarajah (2006, p. 197): “Com o prestígio de idioma global, o inglês passou a ser visto como uma língua com sistemas diversos e normas múltiplas que acomoda valores e identidades plurais.” Por analogia, pode-se concluir que aprender inglês não significa reconfiguração da própria identidade, mas a coexistência de várias identidades.

2.2.4.5 Motivação

A teoria da motivação baseada na identidade é uma teoria da psicológica social sobre motivação humana e da busca de metas que explica quando e em que situações as identidades ou autoconceitos das pessoas irão motivá-las a agir em direção a seus objetivos (OYSERMAN, 2015). Embora este trabalho não seja sobre aprender línguas estrangeiras, como já mencionado, é necessário compreender um dos aspectos que afeta essa aprendizagem e conseqüentemente seu uso: a motivação. Esse é um fator que afeta muito o uso da linguagem e, conseqüentemente, a possível reconstrução da identidade.

A motivação desempenha um papel crucial no desenvolvimento das habilidades linguísticas, como confirmam os linguistas iranianos, Leila Anjomshoa e Firooz Sadighi: “[...] em uma situação de aprendizado de idiomas ou em um contexto de aquisição de um segundo

idioma, a importância das atitudes e da motivação do aluno desempenha um papel importante.” (ANJOMSHOA e SADIGHI, 2015, p. 130, tradução nossa).⁵⁴

O professor brasileiro de psicologia Gerson Marinho Falcão (2001, p.62) complementa o conceito de motivação definindo-a como “um estado de tensão, uma impulsão interna, que inicia, dirige e mantém o comportamento voltado para um objetivo”, isto significa que nossas ações são regidas pela motivação que temos para praticá-las. Se não temos vontade de executar determinadas tarefas, o processo e o resultado dessas tarefas serão afetados negativamente. O professor britânico, Charles Williams (1995) a vê como os pensamentos e sentimentos que nos levam a querer fazer algo, bem como a querer continuar a fazê-lo e tornar essa vontade em ação.

A motivação como um fator que influencia o aprendizado e o uso de um novo idioma é estudada por muitos outros pesquisadores, incluindo o psicolinguista húngaro-britânico Zoltán Dörnyei (1998; 1994), Norton (2000) e a linguista nigeriano-estadunidense Uju Anya (2017).

A falta de motivação é um fator importante, como já foi identificado em o projeto piloto do autor e explicado na parte da Metodologia, quando uma das participantes da pesquisa hispano falante, após atingir um nível “suficiente” do português, parou de estudar e ficou “satisfeita” (em suas palavras) com o uso do “portunhol”⁵⁵ como meio de comunicação com os sujeitos locais durante sua longa, porém limitada estadia na cidade de Salvador, referindo-se ao fato de “todo mundo me entende”.

2.2.4.6 Translinguagem

Trata-se de um conceito teórico-analítico que, no caso de falantes não monolíngues, expressa métodos multilíngues na criação e entendimento do significado do mundo. É o processo pelo qual falantes multilíngues usam seus idiomas como um sistema de comunicação integrado (CANAGARAJAH, 2011, p. 401). Translinguagem é o processo pelo qual falantes bilíngues e multilíngues utilizam seus idiomas como um sistema de comunicação integrado, incluindo a complexa dinâmica linguística da família e o uso da troca de código linguístico. É um processo dinâmico no qual falantes multilíngues navegam em demandas sociais e cognitivas complexas por meio do emprego estratégico de vários idiomas (GARCÍA e WEI, 2014, p. 56).

⁵⁴ No original: [...] either in a language learning situation or in a second language acquisition context, the importance of the learner's attitudes and motivation plays a major role.

⁵⁵ Portunhol neste exemplo se refere a mistura de sílabas das palavras pela proximidade linguística entre as duas línguas: espanhol e português (nota do autor).

Segundo o linguista britânico, Colin Baker (2011, p. 288), a translanguagem é “o processo de construção de significados, moldar experiências, ganhar entendimento e conhecimento através do uso de duas línguas”. Como descrevem o linguista chinês-britânico Li Wei e a linguista chinês-britânica, Zhù Huá (2013):

A translanguagem não é simplesmente a mistura de formas linguísticas de diversas fontes linguísticas. Também envolve uma variedade de articulações e negociações identitárias dentro dos espaços sociais recém-criados. Essas identidades não são estáticas nem monolíticas, mas dinâmicas e complexas. (WEI e HUA, 2013, p. 532, tradução nossa).⁵⁶

E Canagarajah adiciona às ideias acima: “a conversa não precisa ser em um único idioma; os interlocutores podem usar os respectivos idiomas em que são proficientes.” (CANAGARAJAH, 2011, p. 14, tradução nossa).⁵⁷

2.2.4.7 Emoções

As emoções (MACHÁČ, 1985, p. 56) são processos mentais e socialmente construídos incluindo experiências subjetivas de prazer e desprazer, acompanhadas de alterações fisiológicas, manifestações motoras, alterações na atenção e no foco. Avaliam fatos, eventos, situações e resultados das atividades de acordo com o estado subjetivo e a relação com os avaliados, escolhendo uma posição sobre a situação.

As emoções são fatores que podem interferir na construção das identidades. Ao utilizar qualquer idioma, cada pessoa experimenta emoções. Idiomas diferentes têm um impacto emocional diferente em indivíduos bilíngues e multilíngues. A autora anglo-canadense Nancy Huston, que emigrou para a França ainda jovem, dá uma ilustração clara desse fenômeno:

Todo falso bilíngue deve ter um mapa específico de assimetria lexical; no meu caso, é em francês que eu sinto à vontade em uma conversa intelectual, em uma entrevista, em um colóquio, em qualquer situação linguística que se baseie em conceitos e categorias aprendidas na idade adulta. Por outro lado, se eu quero ficar brava, me

⁵⁶ No original: Translanguaging is not simply the mixing of linguistic forms from diverse language sources. It also involves a variety of identity articulations and negotiations within newly created social spaces. These identities are neither static nor monolithic, but rather dynamic and complex.

⁵⁷ No original: talk doesn't have to be in a single language; the interlocutors can use the respective languages they are proficient in.

jogar, xingar, cantar, gritar, ser movida pelo puro prazer da fala, é em inglês que eu faço (HUSTON, 1999, p. 61, tradução nossa).⁵⁸

O testemunho de Huston é apoiado por explorações psicolinguísticas e estudos de casos psicanalíticos, confirmando que quando uma segunda língua (L2) é aprendida após a puberdade (as duas línguas realmente podem ser diferentes), sendo a primeira a linguagem do envolvimento pessoal e a segunda a linguagem da distância e do desapego, ou pelo menos a linguagem de menor domínio emocional sobre o indivíduo (PAVLENKO, 2002, p. 58). A professora estadunidense de psicologia Jeanette Altarriba (2003, p. 312) argumenta que as palavras que rotulam emoção são representadas em um nível mais profundo de entendimento conceitual em uma língua nativa ou dominante em comparação com uma segunda língua. O linguista canadense Michael Harris Bond e o linguista honconguês Tat Ming Lai (1986, p. 182) e os professores estadunidenses de psicologia Rafael Art. Javier e Lucas Marcos (1989, p. 453) mostram que o uso da segunda língua pode atuar como uma função de distanciamento, permitindo que os usuários de L2 evitem situações provocadoras de ansiedade e expressem ideias em sua L2 que seriam muito perturbadoras na L1.

2.2.4.8 Era digital

A era digital trouxe novas possibilidades para o uso da linguagem e formas dinâmicas de criar significado, além de novas oportunidades para criar e representar identidades virtuais. Por meio de plataformas digitais on-line as pessoas estão praticamente sempre disponíveis on-line e conseqüentemente são capazes de formar novas identidades (youtuber, blogueiro etc.), o que não existia antes ou era em uma forma limitada: elementos como documentar e publicar suas vidas de várias maneiras nas redes sociais. Esta cultura de apresentação, na qual diferentes aspectos da vida são compartilhados com diferentes tipos de público, muda as percepções do espaço público e privado e influencia a maneira como percebemos a nós mesmos (BARTON e LEE, 2012), e como queremos ser percebidos.

Tirar uma foto e carregá-la ou publicar uma atualização de status em tempo real tornou-se uma atividade naturalizada para muitos usuários de mídias sociais. Por meio dos serviços de

⁵⁸ No original: Every false bilingual must have a specific map of lexical asymmetry, in my case it is in French that I feel at ease in an intellectual conversation, in an interview, in a colloquium, in any linguistic situation that draws on concepts and categories learned in adulthood. On the other hand, if I want to be mad, let myself go, swear, sing, yell, be moved by the pure pleasure of speech, it is in English that I do it.

localização, as representações geográficas da localização real de um indivíduo são registradas e esse deslocamento próprio, representado geograficamente no momento, dilui a linha entre a realidade online e offline (KRESS, 2009).

A tecnologia mudou as áreas em que a comunicação ocorre e entrelaçou-se em praticamente todos os aspectos da vida humana até se tornando natural, quase imperceptível. Esta tecnologia permite que as pessoas atravessem espaços transnacionais e oscilem entre os mundos online e offline. Por meio de novas mídias e conectividade os limites “aqui” e “ali” são indistintos e, é essa nova ordem social que marca precisamente essa fluidez e limitação. Para satisfazer sua necessidade social de se conectar com grupos as pessoas precisam adotar um pensamento digital que funcione com diferentes suposições e valores. A capacidade de promover a identidade está indissociavelmente ligada à capacidade de atrair a atenção de um público específico e usar estratégias inovadoras de comunicação. Os usuários on-line criam textos ativamente e, assim, preenchem esses espaços; tudo com a ajuda da linguagem, reconstruindo-a no intuito de atender às demandas e limitações de várias plataformas digitais.

A velocidade com que os textos orais e escritos podem ser entregues promoveu a alteração, no sentido de evolução, de estruturas linguísticas que combinam a linguagem escrita e a falada. As estruturas de redes sociais que aproximam pessoas de todo o mundo têm proporcionado mais oportunidades para reuniões multilíngues e práticas translínguas, revitalizando idiomas e promovendo novas identidades. Devido a essas novas áreas de socialização, que oferecem mais oportunidades de auto apresentação, a própria identidade se tornou mais complexa e fluida. No mundo digital os usuários on-line são capazes de criar identidades diferentes por meio de encontros criativos, aproximar-se de comunidades diferentes e imaginar novas identidades. A participação em publicações em rede (BOYD, 2014) que transcendem fronteiras geográficas parece moldar relações, fidelidades e noções de cidadania.

Com as novas tecnologias, surgem novas oportunidades e desafios na pesquisa na área da Linguística Aplicada, por exemplo nos estudos da linguagem e identidade na era digital.

2.2.4.9 Autocensura

A autocensura é a censura realizada pelo próprio autor do discurso, seja na forma escrita ou falada. O motivo mais comum para a autocensura é o medo de “punição” devido ao sistema sociocultural do ambiente. Pode-se falar sobre autocensura mesmo em atividades triviais como

aliviar e ajustar a própria opinião sobre a palavra falada dependendo com quem o sujeito está dialogando. O psicólogo austríaco Emerich Coreth (1994, p. 91) fala de liberdade externa, que é o oposto da autocensura, quando o sujeito não é restringido em sua atividade pela influência exterior. Igualmente é aplicável quando se fala de liberdade de pensamento e consciência, liberdade de religião, liberdade de expressão e de imprensa etc. Essa liberdade é essencial para uma pessoa em sua autorrealização, porque não se realiza apenas em si mesma e, portanto, precisa de espaço. A liberdade interior do homem reside então no fato de que não somos determinados nem mesmo por dentro, por nossa própria essência.

O sociólogo canadense Erving Goffman (1959) apresentou a ideia de que uma pessoa é como um ator na palma da sua mão. Pegando sua teoria da dramaturgia, Goffman credenciou que utilizamos o “gerenciamento de impacto” para apresentar nossas expressões conforme percebidas. Hoje em dia, a palavra “autocensura” representa algo negativo, que deve ser evitado, uma ameaça à sociedade, uma identidade deteriorada por uma ação social. Para Goffman (1963), a sociedade categoriza as pessoas de acordo com atributos considerados comuns e naturais. A rotina no convívio social em condições estabelecidas, permite-nos lidar com os outros de forma prevista sem especial atenção e reflexão. Quando alguém começa a se comunicar com indivíduos desconhecidos, a primeira revelação permite prever sua categoria e atributos, o que é conhecido como sua “identidade social”. Sempre todos fazemos certas suposições sobre quem um indivíduo deve ser na nossa frente e como deve se expressar e se comportar.

A autocensura é qualquer comportamento de um indivíduo no qual é moldado em virtude de “pressões” sociais e eventualmente ele adota e implementa em seu próprio comportamento e expressão para evitar possíveis conflitos com seu redor, contudo, o indivíduo pode sofrer frustrações ou sensações de desconforto ao se autocensurar.

2.2.5 É a língua que reconfigura a identidade?

A língua é um aspecto muito importante, senão crucial, na construção da identidade. Já é um símbolo em si e representa uma estrutura de valores representativos para a comunidade humana (JANÍKOVÁ, 2016). As relações entre identidade e língua estrangeira como ferramenta e símbolo de uma determinada cultura são muito complexas (HOFSTEDE e HOFSTEDE, 2007) e se refletem claramente nos conceitos de comunicação intercultural,

respectivamente nas especificidades culturais da comunicação (PRÚCHA, 2010). Em particular, indivíduos multilíngues costumam ter muito mais consciência do papel que os idiomas desempenham para eles. Alguns estudos (por exemplo KRUMM, 2003) mostram como as línguas geralmente estão profundamente enraizadas nas mentes de quem as fala, como a propriedade emocionalmente intensa da linguagem é ocupada e como pode ser doloroso saber que certas regras do uso da linguagem não se aplicam mais devido a condições de estruturas alteradas. Isso também pode se refletir no processo de desenvolvimento da identidade, que começa a se mover em uma direção diferente da qual deveria ou poderia tomar.

Se, de fato, fosse possível afirmar que cada idioma expressa a própria visão do mundo, surgiria a questão de como o mesmo idioma se comportaria em vários países e em que medida as influências socioculturais agem e influenciam o processo de construção da identidade cultural?

Fala-se usando palavras (unidades linguísticas) que, além de seu próprio significado, possuem e transmitem memória (no sentido e em termos de tradições culturais, sociais e históricas da comunidade), um componente básico na configuração da identidade. A linguagem, além de ser uma ferramenta de comunicação, é um meio organizacional de como vivemos. A realidade é estruturada pela língua, mas não é criada por ela, e não há línguas que organizem e estruturem a realidade mais profundamente do que outras. Todo mundo é imperfeito nesse empreendimento. Porque a linguagem, como já foi mostrado, não reflete com precisão uma ideia nem mesmo um sentimento. E a memória não é apenas manipuladora, mas também seletiva. Se a memória é o que as pessoas “registram”, o que aprendem observando quando participam da vida em sociedade, a identidade seria criada a partir dos laços sociais que mantêm a sociedade unida, pois o indivíduo dominará a cultura dessa civilização. Memória e identidade estão intrinsecamente ligadas. A memória que molda cada um de nós também é moldada por nós. Memórias e identidades se conectam, se alimentam, apoiam e criam uma trajetória, história, narrativa, um mito.

O indivíduo fala uma (ou mais) língua(s) que se desenvolve de uma maneira diferente em comparação com o outro. Os resultados desse processo são, portanto, diferentes mesmo que usem os mesmos significados. A linguagem não unifica comportamento ou pensamentos. Pelo contrário, os diversifica e distingue, porque cada pessoa “trabalha” com a língua de acordo com sua inteligência, educação, experiências e interesses, que raramente são os mesmos aos da outra pessoa. Esta é uma das suas características. Cada pessoa é única em materializar o que experimenta através da linguagem. Ao ouvir alguém falar sobre sua dor, a maioria das pessoas

pensa que a entende. Mas nada está mais longe da verdade. Ninguém entende a dor da mesma maneira, porque não a sente da mesma maneira.

A ideia de que a linguagem poderia moldar um pensamento tem sido considerada, por muito tempo, questionável, na melhor perspectiva e, mais frequentemente pensado, como simplesmente errado. Pesquisas na Universidade de Stanford e do MIT (Massachusetts Institute of Technology) ajudaram a reabrir essa questão. A pesquisadora bielorrussa Lera Boroditsky descreve:

O que aprendemos é que as pessoas que falam idiomas diferentes pensam de maneira diferente. [...]A linguagem é um dom exclusivamente humano, essencial para nossa experiência de ser humano. ... A maioria das perguntas sobre se e como a linguagem molda o pensamento e, conseqüentemente, a identidade, começa com a simples observação de que as línguas diferem umas das outras. (BORODITSKY, 2003, p. 66, tradução nossa).⁵⁹

Apreciando este desenvolvimento da autora acima, é apropriado mostrar alguns exemplos que ajudam a compreender as ideias expostas. Para falantes de diferentes línguas, pode ser uma questão do gênero gramatical. Por exemplo os falantes das línguas eslavas, como o tcheco, têm dificuldades com uso do gênero ao falarem línguas românicas, como o português.⁶⁰

Há estudos nos quais foi demonstrado que falantes de diferentes idiomas relacionam palavras que têm diferentes gêneros com aspectos notavelmente diferentes do mundo e codificam-nos para utilizar sua língua adequadamente, por exemplo, a percepção do tempo e do espaço (LEVINSON e WILKINS, 2006; EVERETT, 2012) e a percepção das cores (RONCHI, 2013).

Os idiomas podem exigir que os falantes alterem pronomes, adjetivos, terminações verbais etc., dependendo do número ou gênero gramatical. Pesquisadores do MIT estudaram as diferentes abordagens de falantes de diferentes idiomas. Acontece que gramáticas diferentes admitem que os falantes de diferentes línguas considerem, gramaticalmente, sujeitos como masculinos ou femininos (e, em algumas línguas, neutro). Como parte do estudo realizado por Boroditsky, foi solicitado aos falantes de alemão e espanhol que descrevessem objetos que

⁵⁹ No original: What we have learned is that people who speak different languages do indeed think differently. (...) Language is a uniquely human gift, central to our experience of being human. (...) Most questions of whether and how language shapes thought, and consequently identity, start with the simple observation that languages differ from one another.

⁶⁰ Diferenças entre a língua portuguesa e tcheca foram apresentadas na seção 2.1.4.1 Características de línguas em questão: tcheca e portuguesa (nota do autor).

tivessem atribuições de gênero opostas nos dois idiomas. As descrições dadas diferiram da maneira prevista pelo gênero gramatical:

[...] quando solicitados a descrever uma “chave” – uma palavra masculina em alemão e feminina em espanhol – os falantes de alemão eram mais propensos a usar palavras como “difícil”, “pesada”, “irregular”, “metálico”, “serrilhada”, e “útil”, enquanto os falantes de espanhol eram mais propensos a dizer “dourado”, “intrincado”, “pequeno”, “adorável”, “brilhante” e “minúsculo”. Para descrever uma “ponte”, feminina em alemão e masculina em espanhol, os falantes de alemão disseram “lindo”, “elegante”, “frágil”, “pacífico”, “bonito” e “esbelto” e os falantes de espanhol disseram “grande”, “perigoso”, “longo”, “forte”, “resistente” e “imponente”. Isso era verdade, apesar de todos os testes terem sido feitos em inglês, um idioma sem gênero gramatical. (BORODITSKY, 2003, p. 72, tradução nossa).⁶¹

Qualificando os substantivos como femininos ou masculinos, incorpora-se inconscientemente uma bagagem cultural que identifica feminino com X adjetivos, e masculino com Y adjetivos. Isso é mais um exemplo de como a língua materna determina a visão do mundo, o que seria mais uma mostra de identidade. Analogicamente pode-se coligir a ideia de que quando se fala uma segunda língua, estas mudanças gramaticais podem representar também mudanças no sentido de reconfigurações identitárias.

Pode-se dizer que mesmo as pequenas mudanças na gramática (como a flexão de gênero em substantivo) podem afetar a maneira como as pessoas imaginam objetos específicos. Everett usa o exemplo de Dan Slobin e descreve no seu livro outra perspectiva de gramática:

A linguagem afeta nosso pensamento na execução de tarefas de maneira rápida e sutil. Por exemplo, Dan Slobin, psicólogo da Universidade da Califórnia em Berkeley, demonstrou que os falantes de francês e de inglês desempenham diferentemente determinadas tarefas, com base na maneira como seus idiomas codificam o conceito de 'maneira de ação'. O modo de ação pode ser expresso diretamente no verbo. Em francês, não pode ser, mas deve ser expresso como uma frase separada: *The dog ran into the house.* / *O chien é entrado na maison courant.* / “O cachorro entrou em casa correndo.” (EVERETT, 2012, p. 264, tradução nossa).⁶²

⁶¹ No original: [...] when asked to describe a “key” — a word that is masculine in German and feminine in Spanish — the German speakers were more likely to use words like “hard”, “heavy”, “jagged”, “metal”, “serrated”, and “useful”, whereas Spanish speakers were more likely to say “golden”, “intricate”, “little”, “lovely”, “shiny”, and “tiny”. To describe a “bridge”, which is feminine in German and masculine in Spanish, the German speakers said “beautiful”, “elegant”, “fragile”, “peaceful”, “pretty”, and “slender”, and the Spanish speakers said “big”, “dangerous”, “long”, “strong”, “sturdy”, and “towering”. This was true even though all testing was done in English, a language without grammatical gender.

⁶² No original: Language affects our thinking in carrying out tasks quickly and in subtle ways. For example, Dan Slobin, a psychologist at the University of California at Berkeley, has demonstrated that French-speakers and English-speakers perform differently at certain tasks based on the way their languages encode the concept of ‘manner of action.’ In English the manner of action can be expressed directly in the verb. In French it cannot be, but must be expressed as a separate phrase: *The dog ran into the house.* / *Le chien est entré dans la maison en courant.* / ‘The dog entered the house by running.’

Esta reflexão vai além das mudanças identitárias. Conforme as citações acima mostram, duas línguas não podem ser consideradas como cópias perfeitas, e assim deveriam ser observadas e tratadas. Everett ainda questiona se: “Pode-se traduzir qualquer coisa de qualquer idioma para outro idioma?”, a resposta parece ser: ‘Não. Diferentes idiomas podem ter diferentes poderes expressivos para diferentes tipos de informação.’” (EVERETT, 2012, p. 294, tradução nossa).⁶³ Seguindo o mesmo ponto de vista, o linguista e tradutor ítalo-brasileiro Rodolfo Ilari afirma:

Já se disse que certas palavras apareceram em certas línguas porque o povo que as falava tinha um interesse singular pelas realidades que elas exprimem, e que por esse motivo elas não podem ser traduzidas. Um exemplo célebre é a palavra “saudade” que teria sido inventada pelos portugueses e que não teria um equivalente adequado em outras línguas (“nostalgia”, “regret”, “homesick” seriam, invariavelmente, traduções falhadas). Acreditar que somente os portugueses são capazes de sentir saudade é uma grande bobagem, mas a ideia de que a palavra portuguesa “saudade” é mais densa em português do que o são suas traduções em línguas antigas e modernas não é de todo absurda. (ILARI, 2004, p. 24).

Há uma possível contradição por trás desse tipo de reflexão: como saber se o que a palavra “saudade” expressa é mais denso? Se cada língua expressasse uma visão de mundo funcionando como sistemas fechados, não haveria comunicação possível entre as línguas e, portanto, seria impossível para falantes de línguas diferentes medir a densidade do que as palavras expressam. No entanto, as pessoas são capazes dessa distinção. Graças à sua capacidade de compreender ou absorver culturas diferentes, de aprender outras línguas com fluência, as pessoas começam a “sentir” o poder (densidade, força) das palavras, que certamente é diferente de acordo com o idioma, a cultura e os contextos em que essas palavras são usadas.

O fato de que essas pequenas diferenças na gramática e no vocabulário podem afetar o pensamento tem consequências importantes. Essas “pequenas mudanças” são onipresentes nas línguas: gênero, por exemplo, refere-se a todos os substantivos e adjetivos, o que significa que afeta o modo como as pessoas pensam sobre qualquer coisa que possa ser indicada por um substantivo⁶⁴.

Os processos linguísticos são onipresentes e inconscientemente moldam cognição e percepção em todas as áreas: dos conceitos abstratos às principais decisões da vida. A

⁶³ No original: ‘Can anything at all be translated from any language to any other language,’ the answer seems to be, ‘No. Different languages might have different expressive powers for different kinds of information.’

⁶⁴ Certamente existem idiomas que não fazem distinção de gênero, assim como existem idiomas que não distinguem tempos verbais. No entanto, isso não é essencial para este trabalho, cujo foco é o tcheco e o português (nota do autor).

linguagem está no centro de existência, e as línguas que as pessoas falam moldam a maneira como se pensa, a maneira como se vê o mundo, a maneira como se vive vidas. Esta ideia é reforçada pelo escritor e acadêmico espanhol, Arturo Pérez-Reverte:

Uma língua não apenas abrange as pessoas que a falam, mas também sustenta uma identidade, uma maneira de ver o mundo, de encará-lo, de compartilhá-lo, de interpretá-lo. Nesse sentido, as instituições culturais e a mídia também têm um campo intenso. (PÉREZ-REVERTE, 2019, tradução nossa).⁶⁵

A linguagem é mais do que um meio de comunicação. A linguagem é um símbolo da herança cultural que, se por um lado resiste às mudanças por outro evolui para se adaptar às novas circunstâncias.

A importância da cultura não é apenas como diz Pérez-Reverte, uma forma de compreender identidade através da própria língua (L1) senão como também afirma Rajagopalan, pode ajudar como meio de aprender e compreender uma nova língua (L2), talvez só assim se possa chegar a compreender a realidade da linguagem que se tenta aprender e não apenas o idioma. Então pode-se dizer que a cultura faz parte essencial da re/configuração identitária, porém será que ela é o fator mais importante?

Uma das maneiras pela qual as identidades acabam sofrendo o processo de renegociação, de realinhamento, é o contato entre as pessoas, entre os povos, entre as culturas. É por esse motivo que se torna cada vez mais urgente entender o processo de “ensino-aprendizagem” de uma língua “estrangeira” como parte integrante de um amplo processo de redefinição de identidades. Pois as línguas não são meros instrumentos de comunicação, como costumam alardear os livros introdutórios. As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa. (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69).

Segundo Rajagopalan, “quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa” o que expressa algo semelhante ao dito tcheco, apresentado na parte introdutória da tese e pode marcar a relevância da reflexão sobre as possíveis reconfigurações identitárias. Isto também é exposto pela linguista brasileira Christine Revuz (1998, p. 227): “aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se outro”. Na mesma linha pensa Koch (2003, p. 123) que afirma que linguagem, durante o seu uso, pode ajudar na modificação do seu usuário e pode

⁶⁵ No original: Una lengua no sólo abraza a la gente que la habla, sino que apuntala una identidad, una manera de ver el mundo, de afrontarlo, de compartirlo, de interpretarlo. En eso las instituciones culturales y los medios de comunicación tienen también un intenso campo de acción.

reconfigurar ou desenvolver, nas palavras da autora, sua própria identidade. A linguista paquistanesa, Isra Shaikh declara o semelhante ao dizer:

A língua molda a maneira pela qual as pessoas veem o mundo e também caracteriza a cultura de qualquer público em geral. [...] Mas a linguagem não se limita apenas à comunicação, pois tem um papel muito importante em nossas vidas. É a ferramenta pela qual conquistamos qualquer coisa no mundo. No entanto, além desses fatos, a linguagem tem o poder de dominar as ideias e criar identidades diferentes. (SHAIKH, 2019, p. 167, tradução nossa).⁶⁶

Há uma relação intrínseca entre as afirmações de Revuz (1998, p. 227), Koch (2003, p. 123) e Shaikh (2019, p. 167), e ainda de Rajagopalan (1998, p. 41), “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela”, em outros termos, a identidade é mutável e recíproca com a língua. Ambas, língua e identidade, estão inter-relacionadas.

Além dos autores citados, outros dialogam com a ideia de que a língua é primordial nas re/construções identitárias, por exemplo o linguista britânico, David Evans (2014, p. 16), ao dizer: “O indivíduo não pode ser retirado do idioma e, de fato, a identidade do indivíduo está, pelo menos até certo ponto, contida no idioma.” (EVANS, 2014, p. 16, tradução nossa).⁶⁷ e continuando com o seu pensamento ao analisar: “Se o indivíduo e a identidade estão contidos na linguagem, pode-se dizer que o indivíduo e as percepções do mundo são construídos pela linguagem.” (EVANS, 2014, p. 24, tradução nossa).⁶⁸ A linguista espanhola Carmen Llamas e o linguista britânico Dominic Watt vão além, concordando e interpretando que: “A língua não apenas reflete quem somos, mas, em certo sentido, é quem somos, e seu uso nos define direta e indiretamente.” (LLAMAS e WATT, 2010, p. 1, tradução nossa).⁶⁹ Porque como o linguista britânico John E. Joseph disse: “Nossas identidades são organizadas nos idiomas que falamos e escrevemos e na maneira como falamos e escrevemos. Essa organização não precisa ser intencional; as pessoas interpretarão nossas identidades com base em nossa linguagem,

⁶⁶ No original: A Language shapes the manner in which individuals see the world and it likewise characterizes culture of any general public. But language is not limited only for communication as it has a very vital role in our lives. It is the tool through which we conquer anything in the world. However, apart from these facts, language has the power to dominant over ideas and create different identities.

⁶⁷ No original: The individual cannot be extricated from language and in fact the individual’s identity is, at least to some extent, contained within language.

⁶⁸ No original: If the individual and identity are contained within language, then it can be said that the individual and perceptions of the world are constructed by language.

⁶⁹ No original: Language not only reflects who we are, but in some sense it is who we are, and its use defines us both directly and indirectly.

queiramos ou não.” (JOSEPH, 2016, p. 30, tradução nossa).⁷⁰ E por fim o linguista britânico Jean McAvoy (2016, p. 102) ao dizer: “A identidade reside nas práticas, é mantida, desafiada ou reinventada nas práticas, e é tornada relevante e reconhecível nas práticas. É nesse sentido que a identidade reside nas práticas de língua.” (McAVOY, 2016, p. 102, tradução nossa).⁷¹

É preciso concordar com os autores citados na medida em que é acreditado que a linguagem realmente influencia na formação da identidade, o que está sendo examinado nessa tese. O uso da língua materna determina a perspectiva do mundo ou permite a descrição de uma realidade conhecida e próxima, até mesmo uma visão da própria vida. A visão do mundo (realidade de cada ser humano) pode ser estruturada ou organizada diferentemente utilizando outro idioma (exatamente no que diz respeito ao mundo ao qual o novo idioma se refere) ou por palavras importadas de outro idioma que descrevem outra realidade inovadora ou desconhecida no idioma original.

No processo de conclusão deste subcapítulo não se pode deixar de citar quatro personalidades relevantes da esfera público-acadêmica para ilustrar a conexão simbiótica entre linguagem e identidade.

1. “Minha língua expressa melhor meu pensamento.” Raoni Metuktire: é o líder indígena mais relevante do Brasil, falante da língua materna caiapó, é considerado a maior autoridade indígena no Brasil sendo reconhecido mundialmente desde 1980.
2. “Os limites da minha língua significam os limites do meu mundo.” (tradução nossa)⁷² Ludwig Wittgenstein: foi um filósofo austríaco, naturalizado britânico. Foi um dos principais autores da virada linguística na filosofia do século XX. Suas principais contribuições foram desempenhadas nos campos da lógica, filosofia da linguagem, filosofia da matemática e filosofia da mente.
3. “Se você falar com um homem em um idioma que ele entende, isso vai à sua cabeça. Se você falar com ele na língua materna, isso vai para o seu coração.” (tradução nossa)⁷³ Nelson Mandela: foi um advogado, líder rebelde e presidente da África do Sul de 1994 a 1999, considerado como o mais importante líder da África Negra, vencedor do Prêmio

⁷⁰ No original: Our identities are indexed in the languages we speak and write and in how we speak and write them. This indexicality does not need to be intentional; people will interpret our identities based on our language whether we want them to or not.

⁷¹ No original: Identity resides in practices, it is maintained, challenged or reinvented in practices, and it is made relevant and recognizable in practices. It is in this sense that identity resides in language practices.

⁷² No original: Die Grenzen meiner Sprache bedeuten die Grenzen meiner Welt.

⁷³ No original: If you talk to a man in a language he understands, that goes to his head. If you talk to him in his mother language that goes to his heart.

Nobel da Paz de 1993, e pai da moderna nação sul-africana, onde é normalmente chamado como Madiba ou “Tata”.

4. “Quando você perde seu idioma, você perde sua alma.” (tradução nossa)⁷⁴ Ghil’ad Zuckermann: é linguista australiano, contribuiu para revitalização linguística, contato linguístico e lexicologia. É professor de linguística e línguas em extinção na Universidade de Adelaide, na Austrália; hiperpoliglota⁷⁵.

2.2.6 Recapitulação

A relação entre língua, identidade e cultura é imanente, porque não existe cultura sem língua e a identidade é construída através da língua e da cultura. A língua, assim como a identidade e a cultura, também passa por transformações na medida que é integrada a uma rede de relações sociais. O indivíduo pode adquirir a linguagem e a utiliza apenas para suas necessidades sociais, é uma ferramenta decisiva para a assimilação e disseminação da cultura, afinal, as experiências sociais são transmitidas pela linguagem.

Existe, portanto, uma relação intrínseca entre língua, cultura e identidade, uma vez que a língua identifica o indivíduo como parte da sociedade. O indivíduo como parte dessa sociedade, compartilhando sua cultura, está em constante processo de construção de identidade. Como ser social, é caracterizado por uma necessidade profunda de interagir com a realidade em que está limitado porque deve se comunicar com os outros. Por meio dessa comunicação ele compartilha sua visão de mundo, suas experiências, sentimentos, conhecimentos, enfim, sua cultura. A linguagem de um grupo social é, portanto, parte de sua cultura. A identidade é contínua, móvel e está em constante processo de construção, não é hermeticamente selada e finalizada. Nesse sentido língua, cultura e identidade fazem parte do processo de criação de um indivíduo como sujeito social e individual.

Os indivíduos utilizam a língua para criar identidades para si mesmos, enquanto as comunidades usam a língua como um meio de identificar seus membros e estabelecer limites. Cada indivíduo tem sua língua materna como a primeira orientação para a percepção do mundo.

Neste capítulo foi destacado que a identidade pode ser examinada de vários ângulos, por exemplo: status social, motivação, diferenças culturais, entre outros. Nesse sentido, pode-se

⁷⁴ No original: When you lose your language, you lose your soul.

⁷⁵ Quem é fluente em mais de seis línguas (nota do autor).

sentir o dilema que os Linguistas Aplicados podem enfrentar em suas pesquisas de identidade individual e coletiva já que nem todos os fatores podem ser incluídos na pesquisa ao mesmo tempo. No entanto, os estudiosos da Linguística Aplicada podem demonstrar sensibilidade, consciência e, finalmente, atenção à natureza necessariamente penetrante da identidade.

O autor desta tese está plenamente convencido de que a parte teórica e depois a parte de análise mostrarão a questão descrita da reconfiguração de identidades em conexão com o uso das línguas não-maternas, neste caso, português e tcheco.

CAPÍTULO 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo será explorado os aspectos relacionados com os procedimentos metodológicos encaminhados para a obtenção dos dados necessários para a construção da tese, expondo a natureza da pesquisa e descrevendo o projeto-piloto elaborado durante os estudos acadêmicos do autor que o inspirou para a escolha e desenvolvimento dessa tese, juntamente com outras pesquisas anteriores que ajudaram na delimitação do objeto de estudo.

Sobre a coleta de dados, será explicado o conteúdo dos questionários, os critérios de inclusão e exclusão dos sujeitos, a busca e seleção dos mesmos e o cenário no qual foi realizado o trabalho de campo. Posteriormente, serão apresentados os dados gerados, obtidos após a análise das entrevistas durante as gravações e finalmente, serão explicados os métodos relacionados das traduções e transcrições que foram usados para obtenção dos resultados mais exatos possíveis.

3.1 Natureza de pesquisa

Buscando verdades, ainda que sejam relativas e temporárias, desenhando um panorama de estrangeiros falando língua não materna, com uma determinada realidade, a pesquisa tem como objetivo criar reflexões sobre o conhecimento de identidade sociocultural, tentando interligar conceitos de identidade, língua e cultura, para o avanço na área da pesquisa sobre identidades, dentro da Linguística Aplicada.

O fundamento metodológico desse trabalho está baseado numa abordagem qualitativa interpretativa, não se preocupando com o fenômeno estatístico, segundo o professor estadunidense de sociologia, Norman K. Denzin e a metodologista estadunidense, Yvonna Sessions Lincoln (2006, p. 20-22), e o linguista brasileiro, Luiz Paulo da Moita Lopes (1994, p. 331), com foco na compreensão para descrever e explicar os fenômenos estudados (principais fatores de reconfiguração das identidades socioculturais) e o que eles representam ou não e observá-los na realidade onde estão inseridos. A pesquisa analisa as situações observadas durante as entrevistas nas singularidades ou qualidades de cada sujeito pesquisado, determinando como uma pessoa se diferencia do restante de seus semelhantes. O processo se dá de maneira descritiva, indutiva, examinando e levando em consideração a particularidade dos sujeitos e intangibilidade do fenômeno: as possíveis reconfigurações identitárias na

dimensão sociocultural dos grupos pesquisados, previamente estabelecidos. O estudo também propõe responder questões de natureza inerentes à Linguística Aplicada com foco na identidade sociocultural.

A pesquisa qualitativa foi escolhida por motivo de captar o máximo de informações relevantes, as quais podem ser intrínsecas, uma vez que é baseada na interpretação dos fenômenos observados, da compreensão subjetiva dos sujeitos, que talvez sejam imperceptíveis para eles mesmos. Segundo a socióloga brasileira, Maria Cecília de Souza Minayo:

a pesquisa qualitativa responde as questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1995, p. 21-22)

Quanto ao objetivo da pesquisa, considera-se como exploratória, proporcionando a construção de hipótese de maneira clara. Esse trabalho está buscando, de forma cuidadosa e com limitações, fazer generalizações, a partir das entrevistas formais, notas e gravações em vídeo entre pesquisador e os sujeitos pesquisados.

O trabalho usa procedimentos, técnicas e tipos de pesquisa de levantamento de dados pessoais, aspectos da pesquisa etnográfica, e foi realizado para conhecer e descrever características da identidade sociolinguística dos indivíduos por meio de questionários diretamente utilizados com eles, cujas possíveis reconfigurações identitárias se deseja identificar. O que determinou o tamanho da amostra foi a análise e cotejo dos dados que foi empregado, entendendo ser impossível entrevistar todos os sujeitos existentes no perfil desejado. Entretanto, manteve uma amostra ampla para garantir os resultados desta pesquisa, neste caso nove brasileiros e oito tchecos.

Já no âmbito da pesquisa etnográfica, foi aplicada apenas parcialmente sua abordagem, entendendo não ser possível uma imersão no cotidiano dos sujeitos pesquisados, dando foco às outras perspectivas na construção da análise. Como Rajagopalan conceitua:

[A Linguística Aplicada é] uma atividade mediadora, de caráter mais etnográfico, que busca acomodar uma explicação linguística a outras perspectivas parciais sobre a língua, de maneira a propor reformulações relevantes do mundo “real” (RAJAGOPALAN, 2004, p.165).

Esta tese usa pesquisa comparativa como método do estudo, comparando as diferenças nas respostas dos sujeitos entrevistados segundo a língua utilizada, entendendo que:

A comparação, enquanto momento da atividade cognitiva, pode ser considerada como inerente ao processo de construção do conhecimento nas ciências sociais. É lançando mão de um tipo de raciocínio comparativo que podemos descobrir regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças, e explicitando as determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais. (SCHNEIDER e SCHMITT, 1998, p. 49).

Conforme já mencionado anteriormente, a pesquisa investiga sujeitos de nacionalidade tcheca, falantes do português como segunda língua e morando no Brasil, e sujeitos de nacionalidade brasileira, falantes do tcheco como segunda língua e morando na República Tcheca.

3.2 Projeto-Piloto

Durante os seus estudos de doutorado, como atividade final para a disciplina da Linguística Aplicada II, o autor realizou o projeto intitulado “Estrangeiros em Salvador”: um vídeo com e sobre seis estrangeiros os quais moravam no ano de 2018 em Salvador da Bahia, e tinha como objetivo observar e identificar se as identidades desses sujeitos se reconfiguraram ou mudaram enquanto falavam língua estrangeira (no caso português). Neste projeto foram entrevistados três tchecos e três hispano falantes em Salvador.

A atividade foi realizada com o propósito de se tornar um “projeto-piloto”, consequentemente ser usado como “teste” da abordagem metodológica para esta tese de doutorado. Isso permitiu refletir sobre: a seleção dos sujeitos entrevistados; quais tipos de questões utilizar para estruturar um questionário eficiente para investigação de qualidade e com a capacidade de captar o máximo de possíveis informações (muitas vezes desconhecidas para os próprios sujeitos entrevistados); e em quais línguas aplicar tais questões (no projeto piloto, as entrevistas foram apenas em português; para uma análise detalhada da reconfiguração das identidades dos sujeitos pesquisados, optou-se por estender a duas línguas: português e tcheco).

Durante o processo de entrevistas com os sujeitos, a importância do questionário se revelou por demonstrar diferentes pontos de vistas e serviu para captação de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, vivências etc., ao respeito do objeto pesquisado. As

percepções reveladas fizeram acreditar que não poderiam ter sido facilmente observadas sem o uso do questionário e permitiram alcançar uma compreensão muito além do que o autor pensou no início do projeto-piloto.

O projeto-piloto foi realizado para testar instrumentos de coleta de dados, e para diminuir outras dúvidas práticas.

3.3 Processo de construção da metodologia da pesquisa

Como já mencionado, o projeto-piloto ajudou no processo de construção da metodologia da pesquisa. Para aprofundar ainda mais este processo foi necessário recorrer a pesquisas anteriores para que fosse possível planejar o cenário e o conteúdo a partir da análise dos critérios de exclusão e inclusão dos informantes. Posteriormente investigou-se qual seria a melhor forma para seleção dos sujeitos e, por fim, realização da pesquisa de campo.

3.3.1 Pesquisas anteriores

Desde a década de 1960, como está sendo demonstrado nesta secção, surgiram alguns estudos de maneira incipiente nos campos da psicologia e da sociolinguística, buscando relacionar a língua e a personalidade do ponto de vista comportamental. Alguns deles já mostraram que traços da identidade mudam de acordo com a língua que se utiliza e a cultura na qual o falante daquela língua está imerso. Nessa tese não se trabalha com o termo “personalidade”, muito utilizado no campo da psicologia e sim se trabalha com o termo “identidade” na perspectiva da Linguística Aplicada, que segundo Rajagopalan seria:

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isto significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas.” (RAJAGOPALAN, 2004, p. 41-42)

Um exemplo disso é o estudo elaborado pela psicolinguista, sociolinguista e feminista estadunidense, Susan M. Ervin-Tripp (1964), com mulheres japonesas que se casaram com soldados americanos após a Segunda Guerra Mundial na Califórnia, como foi descrito no livro de Grosjean:

No início de sua carreira, a professora emérita de Berkeley, Susan Ervin-Tripp, realizou um estudo no qual ela pediu que as mulheres japonesas-americanas preenchessem sentenças que a professora lhes deu em japonês e inglês. Ela descobriu que elas propuseram finalidades muito diferentes dependendo do idioma usado. Assim, para o início da frase, ‘Quando meus desejos conflitam com minha família ...’. O final em língua japonesa de uma participante foi: ‘... é um momento de grande infelicidade’, enquanto o final em inglês, da mesma participante, foi: ‘... eu faço o que eu quero’ (GROSJEAN, 2001, p. 10).

Neste estudo sociolinguístico intitulado *Uma análise da interação entre linguagem, tópico e ouvinte* (tradução nossa)⁷⁶, publicado pela Universidade de Califórnia em Berkeley, Ervin-Tripp pretendia mostrar a importância da língua como reflexão sobre a própria identidade, a partir da hipótese que: à medida que a linguagem muda, o conteúdo muda. Além de confirmar esta hipótese, a autora também demonstrou que a cultura e a língua são indissociáveis. Isso significa que a japonesa-estadunidense tem, com muita probabilidade segundo a pesquisadora, várias identidades culturais e sociais dentro de si e, certamente, atuará em concordância com uma identidade que seja mais próxima à situação enfrentada. É possível compreender que a japonesa falando em japonês se identifique com valores como: família, respeito, submissão, enquanto falando em inglês, se identifica com valores como: liberdade, carreira profissional ou até autoestima, “empoderamento”.

Outro exemplo é o trabalho acadêmico realizado pelos psicólogos da Universidade de Hong Kong, que desenvolveram pesquisa com estudantes chineses fluentes na língua inglesa, enquanto eles usavam o segundo idioma, observaram que os estudantes se tornavam visivelmente “mais assertivos, extrovertidos e abertos a novas experiências” (COLLINS, 2011, p. 128), características, segundo a sua conclusão, culturalmente mais próximas de quem cresceu em países falantes do idioma inglês.

Considerando os estudos mencionados acima, pode-se perceber que as fontes acerca do tema estão baseadas nos conceitos do ponto de vista psicológico e comportamental, e principalmente do universo da língua inglesa como segunda língua. No entanto, não foi encontrado nenhum estudo trabalhando com os idiomas tcheco e português conjuntamente. Considerando pesquisas na e sobre língua portuguesa vale mencionar trabalhos como *Língua, cultura e identidade: a língua portuguesa como espaço simbólico de identificação no documentário: Língua - vidas em português* (SANTANA, 2012), e *Língua portuguesa: cultura e identidade nacional* (BASTOS, 2010), entre outros. Tendo em vista a língua tcheca podemos indicar estudos, escritos no idioma tcheco, como *Comunicação linguística de jovens no*

⁷⁶ No original: An Analysis of the Interaction of Language, Topic, and Listener

território bilíngue da região tcheca de Těšín: Relatório de uma pesquisa por questionário (BOGOCZOVÁ, 1993, tradução nossa)⁷⁷, que trata de linguagem de jovens no território bilíngue da região tcheca de Těšín, e sobre língua tcheca, porém escrita na língua inglesa *Identidade étnica tcheca do Texas: então, quão tcheco você é, realmente?* (DUTKOVA-COPE, 2003, tradução nossa)⁷⁸, entre outros.⁷⁹

3.3.2 O conteúdo e cenário

O trabalho foi realizado por meio de entrevistas *in loco* usando roteiro semiestruturado com questionário misto através de perguntas abertas e fechadas para obter as informações dos sujeitos entrevistados, através de vídeo gravações com eles, para posterior análise dos dados coletados. Os questionários focaram nos objetivos determinados pelo percurso deste trabalho, e foram aplicados em ambas as línguas (tcheca e portuguesa) a fim de revelar as possíveis reconfigurações identitárias socioculturais no processo de uso da linguagem. Limitando-os em um total de 16 questões para cada língua (vide Apêndices A-D), condicionando o tempo de mais ou menos 30 minutos para cada entrevista, o que representa uma hora de gravação com cada sujeito entrevistado.

As entrevistas se deram em duas fases de coleta de dados (primeira na República Tcheca nos meses de junho e julho de 2019 e segunda no Brasil em outubro e dezembro de 2019 e março e abril de 2020), em locais sugeridos pelos sujeitos entrevistados, ou pelo pesquisador. Estes locais respeitaram elementos relevantes para garantir a qualidade das entrevistas, tais como: ambiente acolhedor, comodidade para os entrevistados, baixo ou quase nenhum ruído, entre outros. Vale a pena reforçar que os entrevistados sempre tiveram direito de escolha do local da gravação, precisamente para criar um ambiente o mais confortável possível, com o objetivo deles puderem sentir-se tranquilos e sem pressa e livremente a vontade para falar. Tudo isso com a tentativa de neutralizar qualquer sentimento de falta de confiança ou possível sensação de inferioridade e/ou insegurança entre os entrevistados e o pesquisador.

⁷⁷ No original: Jazyková komunikace mládeže na dvojjazyčném území českého Těšínska: Zpráva o dotazníkovém průzkumu

⁷⁸ No original: Texas Czech Ethnic Identity: So How Czech Are You, Really?

⁷⁹ Como não existem muitos estudos sobre as identidades dos falantes referentes as línguas pesquisadas nesta tese, esse trabalho acadêmico é único, pois compara dois idiomas ainda não pesquisados entre si. Foi decidido mencionar alguns estudos anteriores que podem ser considerados enriquecedores, por ter perspectivas de certa forma distintas pois limitam se a um ou ao outro idioma (nota do autor).

Entretanto foi difícil manter os critérios de locação estabelecidos previamente, uma vez que nem sempre foi possível realizar as entrevistas nos domicílios dos entrevistados, nem em locais não barulhentos, no caso do Brasil. Ao contrário da República Tcheca, na qual o autor pôde utilizar escritórios em casos semelhantes, quando não era possível o domicílio.

3.3.3 Critérios de exclusão e inclusão dos informantes

Com o propósito de garantir a qualidade da pesquisa de maneira assertiva, ficaram estabelecidos critérios para seleção, ou exclusão, dos informantes. Apoiado na experiência com o projeto-piloto, já mencionado anteriormente, foi entendido que não podem ser utilizados sujeitos que estudaram ou tiveram experiências com aprendizagem dos conteúdos da linguística, uma vez que influencia diretamente nas respostas. Os outros critérios foram selecionados de maneira subjetiva, baseado no senso comum e experiências anteriores.

1. Critérios de inclusão: sujeito autodeclara-se como falante da língua em questão (tcheco para brasileiros, e português para tchecos), sem distinção de gênero em idade adulta; escolarização a partir do nível médio; todas as regiões da República Tcheca e na Bahia ou no Brasil (a depender da localização dos possíveis entrevistados); sem distinção da classe socioeconômica.
2. Critérios de exclusão: pessoas formadas na área das línguas ou linguística e 15 anos de tempo de vivência fora do país de origem, considerando que a saída se deu em idade adulta.

3.3.4 Seleção dos sujeitos e pesquisa de campo

Para identificação dos sujeitos residentes que pudessem colaborar nas entrevistas, foi utilizada uma pesquisa documental com base nos dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ou da Polícia Federal, do departamento de Imigração no Brasil, e o Instituto Tcheco de Estatística (tradução nossa)⁸⁰ na República Tcheca.

Pelas informações oficiais da quantidade de estrangeiros morando na República Tcheca, pode-se destacar que nos registros oficiais de Instituto Tcheco de Estatística para o ano de 2017

⁸⁰ No original: Český statistický úřad

publicado em 2018 apresenta-se um número de 816 pessoas com nacionalidade brasileira e com residência fixa no território tcheco. Já para o ano de 2018, República Tcheca contava com 994 brasileiros com residência fixa, e no ano de 2019 foram 984 brasileiros (vide Quadro 1).

Quadro 1 - Números de brasileiros com residência fixa na República Tcheca

Ano	Números dos brasileiros na República Tcheca
2017	816
2018	994
2019	984

Fonte: Instituto Tcheco de Estatística, 2019.

Oposto a isso não foi possível conseguir dados estatísticos oficiais por parte das instituições brasileiras com relação a quantidade de tchecos morando no Brasil, e por esta razão foi decidido manter aproximadamente a quantidade da amostra aplicada na República Tcheca com os sujeitos brasileiros: oito.

Durante o período em que o autor esteve na República Tcheca (janeiro – agosto 2019), desenvolveu uma estratégia para selecionar os sujeitos brasileiros que atendessem os critérios de exclusão e inclusão, conforme a seção anterior, reportando-se à Embaixada do Brasil em Praga, redes sociais (Facebook – grupos *Brasileiros na República Tcheca*, *Brasileiros em Praga*, *Brasileiros em Brno*) e rede de amigos e colegas. Para ampliar as possibilidades de contatos com os possíveis entrevistados, foi criado um documento na plataforma digital⁸¹ com solicitação de pedido, na tentativa de captar sujeitos necessários para a pesquisa. Duas semanas após a publicação do pedido, 15 brasileiros já haviam se prontificado, nove dos quais foram selecionados para a entrevista.

De forma semelhante e de acordo com o projeto de doutorado, o autor tentou encontrar os sujeitos tchecos que morassem em Salvador ou no estado da Bahia. Infelizmente não foram localizados tchecos em quantidade suficiente estabelecidos para amostra morando em Salvador ou no estado da Bahia, ampliando o critério geográfico para quaisquer regiões do Brasil.

⁸¹ https://docs.google.com/forms/d/1fAvklxIKJP4lj0OMd1hQIq5eVOLOYdqyF_J-uIcKW1U

A Embaixada da República Tcheca em Brasília e o Consulado Geral da República Tcheca em São Paulo, como fonte “natural” destes dados de pesquisa, não puderam fornecer contatos dos cidadãos tchecos no Brasil (por razão da privacidade garantida pelas leis europeias), por isso foi criado um pedido na plataforma digital, alterado com informações para os tchecos no Brasil, e colocando no Facebook em grupos *Česi v Brasil* (Tchecos no Brasil) e *União cultural tcheco brasileira*. Desta forma foram conseguidos 20 contatos dos possíveis sujeitos, dos quais foram selecionados oito.

A primeira fase de pesquisa no campo foi realizada entre junho e julho de 2019 (após aprovação do Comitê de Ética em junho 2019) com nove sujeitos brasileiros na República Tcheca, tendo sido gravada em três cidades: Praga, Olomouc e Brno. Como a República Tcheca é um país com dimensão territorial da metade do estado brasileiro do Acre (vide Quadro 2), logisticamente foi fácil deslocar-se através de trem, ônibus e transporte público para realizações das entrevistas. Para estas entrevistas em três cidades, foram necessários aproximadamente quatro dias.

Quadro 2 - Comparação da dimensão territorial

Comparação da dimensão territorial	Território em km²
República Tcheca	78.866 km ²
Acre	152.581 km ²
Brasil	8.511.000 km ²

Fonte: Pesquisa campo, 2019.

Durante as gravações foram encontrados alguns problemas práticos, por exemplo: uma pessoa se autodeclarou como falante da língua tcheca, mas na realidade estava limitada ao nível muito básico de comunicação; um dos entrevistados chegou aparentemente embriagado e somente após uma hora de diálogo, sem gravação, informou que não se autodeclarava como falante da língua tcheca, o que não permitiu realizar a gravação, uma vez que não cumpria um dos critérios para seleção dos informantes. Em outro caso foi um sujeito, o qual foi encontrado por acaso na rua em Praga, falando português com a sua filha, e após abordá-lo, foi convidado para fazer parte da pesquisa. Infelizmente, somente durante a gravação percebeu-se que ele não

atendia todos os critérios de inclusão dos informantes, uma vez que a sua saída do país de origem se deu em idade infantil, aos seis anos de idade.

Infelizmente, o conhecimento dos fatos para a exclusão dos entrevistados somente pôde ser descoberto durante as gravações. Essa constatação não pode ser considerada uma espécie de fracasso, mas sim parte da própria pesquisa. A experiência comprova que a realização de pesquisas científicas é de fato uma tarefa difícil que pode ser planejada e executada somente se todos os aspectos forem considerados, mesmo com um bom planejamento. Essa experiência ajudou o autor a se preparar ainda melhor para novas entrevistas, que ocorreram sem problemas sérios ou intervenções prejudiciais.

A segunda fase da pesquisa foi planejada a ser realizada com oito tchecos morando no Brasil. Dois encontros realizaram-se de forma presencial nos meses de outubro e dezembro de 2019 nas cidades brasileiras: Feira de Santana / BA e Salvador / BA. Os demais encontros foram planejados para os meses de março e abril de 2020, nas cidades brasileiras: Campo Grande / MS, Curitiba / PA, Rio de Janeiro / RJ e São Paulo / SP. Infelizmente, com a pandemia global do COVID-19 que isolou inexoravelmente o mundo, as viagens tiveram que ser canceladas. Como uma alternativa possível, foi decidido realizar as entrevistas de modo virtual, por uma das plataformas que possibilitam vídeo gravações.

Tomando em conta o fato do Brasil ser um país com tamanho continental e, só a título de comparação com a República Tcheca, é preciso contextualizar o desafio nessa segunda fase da coleta dos dados. De acordo com o planejamento inicial, essas entrevistas teriam os custos de: 30 horas de voos, oito horas de ônibus, deslocamentos nas cidades com transporte público ou particular e com nove dias de hospedagem. É preciso também levar em consideração os quase dez dias planejando, comprando e organizando esses itinerários em consonâncias com a disponibilidade dos sujeitos tchecos a serem entrevistados. Contudo, a pandemia fez com que todo este esforço fosse redefinido para um novo caminho.

Partindo para análise das entrevistas realizadas tanto pessoalmente, quanto virtualmente, deve-se apontar as seguintes considerações em suas relevâncias:

- O contato pessoal possibilita captar certa energia invisível do sujeito entrevistado, o que infelizmente não acontece no contato virtual, onde alguns fatores acabam sendo imperceptíveis;
- O contato durante as entrevistas virtuais é mais curto, porque não possibilita a relação e interação social entre pesquisador e sujeito entrevistado antes e depois

do processo de gravações, por esta modalidade demandar mais objetividade, e consequentemente não oferece uma imagem mais ampla do sujeito;

- As entrevistas virtuais proporcionam muitas economias: financeiras, de tempo e energia com deslocamentos.

Foi muito gratificante para o autor poder vivenciar essa experiência comparativa inesperada, porém, cabe ressaltar que durante os encontros e gravações virtuais, surgiram alguns problemas, além dos descritos acima, como: conectividade oscilante; não se conseguiu vídeo gravação, apenas áudio. Para o problema de conectividade não houve solução, a não ser continuar tentando até conseguir (questão técnica). Mas para o problema de gravação sem vídeo, apenas com áudio se deu pelo fato de que o entrevistado não conseguiu acionar a sua webcam. Para esse fato específico, houve duas possibilidades: encerrar a entrevista, ou continuar sem a imagem. Optou-se pela segunda opção, o que pôde influenciar na percepção global do sujeito.

3.3.5 Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas

A avaliação do nível da língua não materna e competência linguístico-comunicativa dos sujeitos entrevistas não é objeto deste estudo, embora buscou-se apoio nas descrições dos níveis da língua não materna utilizada durante as entrevistas, para tentar aproximar o leitor ao nível do entrevistado – não para avaliá-los e sim para descrever com o máximo de precisão a situação real do uso da língua (vide Quadro 3).

O Quadro Europeu Comum de Referência⁸² para Línguas é um padrão utilizado também em países não europeus que serve para medir o nível de compreensão, expressão oral e escrita numa determinada língua. Está dividido em três tipos nas competências linguístico-comunicativas: a competência linguística, a competência sociolinguística e a competência pragmática, e estabelece uma escala de seis níveis comuns de referência.

É uma diretriz usada para descrever as realizações dos alunos de línguas estrangeiras na Europa e, cada vez mais, em outros países. Foi criado pelo Conselho da Europa como parte principal do projeto “Aprendizagem de línguas para a cidadania europeia” entre 1989 e 1996. Seu principal objetivo é fornecer um método de aprendizagem, ensino e avaliação que se

⁸² <https://europass.cedefop.europa.eu/sites/default/files/cefr-pt.pdf>

aplique a todas as línguas europeias. Em novembro de 2001, uma resolução do Conselho da União Europeia recomendou o uso do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas para estabelecer sistemas de validação da capacidade linguística. Os seis níveis de referência (veja abaixo) estão se tornando amplamente aceitos como, não apenas, padrão europeu para avaliar a proficiência linguística de um indivíduo.

Quadro 3 - Referências para Línguas

Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas					
Nível	Compreender		Falar		Escrever
	Compreensão auditiva	Compreensão de leitura	Interação oral	Expressão oral	Expressão escrita
A1	Reconheço palavras e expressões muito básicas que se usam habitualmente, relativas a mim mesmo, à minha família e ao meu ambiente imediato quando se fala devagar e com clareza.	Compreendo palavras e nomes conhecidos e frases muito simples, por exemplo, aquelas em letreiros, cartazes e catálogos.	Posso participar numa conversação de forma simples, sempre que a outra pessoa esteja disposta a repetir o que disse ou a dizê-lo com outras palavras e a uma velocidade mais lenta, e me ajudar a formular o que estou tentando dizer. Eu faço e respondo perguntas simples sobre temas de necessidade imediata ou assuntos muito habituais.	Utilizo expressões e frases simples para descrever o lugar onde vivo e as pessoas que conheço.	Eu sou capaz de escrever postais curtos e simples, por exemplo para enviar parabéns. Sei preencher formulários com dados pessoais, por exemplo, o meu nome, a minha nacionalidade e a minha morada no formulário de registo do hotel.
A2	Compreendo frases e o vocabulário mais habitual sobre temas de interesse pessoal (informação pessoal e familiar muito básica, compras, local de residência, emprego). Sou capaz de captar a ideia principal de avisos e mensagens breves, claras e simples.	Sou capaz de ler textos muito breves e simples. Sei encontrar informação específica e previsível em escritos simples e quotidianos, como anúncios publicitários, prospectos, menus e horários e compreendo cartas pessoais breves e simples.	Posso comunicar-me em tarefas simples e que requerem um intercâmbio simples de informação sobre atividades e assuntos quotidianos. Sou capaz de realizar intercâmbios sociais muito breves, embora, geralmente, não possa compreender o suficiente para manter a conversação por mim mesmo.	Utilizo uma série de expressões e frases para descrever, com termos simples, a minha família e outras pessoas, as minhas condições de vida, a minha origem educativa e o meu trabalho atual ou o último que tive.	Sou capaz de escrever notas e mensagens breves e simples relativas às minhas necessidades imediatas. Posso escrever cartas pessoais muito simples, por exemplo agradecendo algo a alguém.

B1	<p>Compreendo as ideias principais quando o discurso é claro e normal e se tratam assuntos quotidianos que têm lugar no trabalho, na escola, durante o tempo de ócio, etc.</p> <p>Compreendo a ideia principal de muitos programas de rádio ou televisão que tratam temas atuais ou assuntos de interesse pessoal ou profissional, quando a articulação é relativamente lenta e clara.</p>	<p>Compreendo textos escritos numa linguagem de uso habitual e quotidiano ou relacionadas com o trabalho. Compreendo a descrição de acontecimentos, sentimentos e desejos em cartas pessoais.</p>	<p>Sei desenvolver-me em quase todas as situações que se me apresentam quando viajo para onde se fala essa língua. Posso participar espontaneamente numa conversação que trate temas quotidianos de interesse pessoal ou que sejam pertinentes para a vida diária (por exemplo, família, hobbies, trabalho, viagens e acontecimentos atuais).</p>	<p>Sei relacionar frases de maneira simples com o fim de descrever experiências e factos, meus sonhos, esperanças e ambições. Posso explicar e justificar brevemente as minhas opiniões e projetos. Sei narrar uma história ou relato, o enredo de um livro ou filme e posso descrever as minhas reações.</p>	<p>Sou capaz de escrever textos simples e bem relacionados sobre temas que são conhecidos por mim ou de interesse pessoal. Posso escrever cartas pessoais que descrevam experiências e impressões.</p>
B2	<p>Compreendo discursos e conferências extensas e inclusive sigo linhas argumentais complexas sempre que o tema seja relativamente bem conhecido. Compreendo quase todas as notícias na televisão e os programas sobre temas atuais. Compreendo a maioria dos filmes que são falados num nível de linguagem padrão.</p>	<p>Sou capaz de ler artigos e reportagens relacionadas com problemas contemporâneos em que os autores adotam posturas ou pontos de vista concretos. Compreendo a prosa literária contemporânea.</p>	<p>Posso participar numa conversação com certa fluência e espontaneidade, o que possibilita a comunicação normal com falantes nativos. Posso tomar parte ativa em debates desenvolvidos em situações quotidianas, explicando e defendendo os meus pontos de vista.</p>	<p>Apresento descrições claras e detalhadas de uma ampla série de temas relacionados com a minha especialidade. Sei explicar um ponto de vista sobre um tema expondo as vantagens e desvantagens de várias opções.</p>	<p>Sou capaz de escrever textos claros e detalhados sobre uma ampla série de temas relacionados com os meus interesses. Posso escrever redações ou relatórios transmitindo informação ou propondo motivos que apoiem ou refutem um ponto de vista concreto. Sei escrever cartas que destacam a importância que lhes dou a determinados fatos e experiências.</p>

C1	<p>Compreendo discursos extensos inclusive quando não estão estruturados com clareza e quando as relações estão apenas implícitas e não são declaradas explicitamente.</p> <p>Compreendo sem muito esforço os programas de televisão e os filmes.</p>	<p>Compreendo textos longos e complexos de caráter literário ou baseados em fatos, apreciando distinções de estilo.</p> <p>Compreendo artigos especializados e instruções técnicas longas, mesmo que não estejam relacionadas com a minha especialidade.</p>	<p>Expresso-me com fluidez e espontaneidade sem ter que procurar de forma muito evidente as expressões adequadas. Utilizo a linguagem com flexibilidade e eficácia para fins sociais e profissionais. Formulo ideias e opiniões com precisão e relaciono as minhas intervenções habilmente com as de outros falantes.</p>	<p>Apresento descrições claras e detalhadas sobre temas complexos que incluem outros temas, desenvolvendo ideias concretas e terminando com uma conclusão apropriada.</p>	<p>Sou capaz de me expressar em textos claros e bem estruturados, expondo pontos de vista com alguma extensão. Posso escrever sobre temas complexos em cartas, redações ou relatórios, destacando o que considero que são os aspectos importantes. Seleciono o estilo apropriado para os leitores a quem os meus escritos são endereçados, inclusive posso estar na capacidade de me candidatar a um emprego.</p>
C2	<p>Não tenho nenhuma dificuldade para compreender qualquer tipo de linguagem falada, tanto em conversações ao vivo como em discursos retransmitidos, mesmo que se produzam a uma velocidade de falante nativo, sempre que tenha tempo de me familiarizar com o sotaque.</p>	<p>Sou capaz de ler com facilidade praticamente todas as formas de linguagem escrita, incluindo textos abstratos estruturalmente ou linguisticamente complexos, como manuais, artigos especializados e obras literárias.</p>	<p>Tomo parte sem esforço em qualquer conversação ou debate e conheço bem modismos, frases feitas e expressões coloquiais. Expresso-me com fluidez e transmito nuances subtis de sentido com precisão. Se tenho um problema, disfarço a dificuldade com tanta discrição que os outros dificilmente reparam.</p>	<p>Apresento descrições ou argumentos de forma clara e fluída e com um estilo que é o adequado ao contexto e com uma estrutura lógica e eficaz que ajuda o ouvinte a fixar-se nas ideias importantes e a recordá-las.</p>	<p>Sou capaz de escrever textos claros e fluídos num estilo apropriado. Posso escrever cartas, relatórios ou artigos complexos que apresentam argumentos com uma estrutura lógica e eficaz que ajuda o ouvinte a fixar-se nas ideias importantes e a recordá-las. Escrevo resumos e resenhas de obras profissionais ou literárias.</p>

Fonte: Resolução do Conselho da União Europeia, 2001.

3.4 Geração dos dados

Nesta parte, serão explorados os principais mecanismos e instrumentos de geração dos dados desta pesquisa, tarefa de grande importância para obtenção de dados autênticos, de qualidade, úteis e claros para serem analisados posteriormente. A seção é dividida em dois subcapítulos: os questionários e as entrevistas e gravações.

3.4.1 Os questionários

Tratando-se de sujeitos brasileiros, falantes do tcheco como língua não materna, residentes na República Tcheca e sujeitos tchecos, falantes do português como língua não materna, residentes no Brasil, os questionários (vide Apêndices A-D) focaram-se e investigaram as possíveis reconfigurações identitárias através da língua e cultura, e foram aplicados em ambas as línguas (tcheca e portuguesa).

Foram apresentados para o preenchimento e assinatura: o roteiro da entrevista para os participantes preencherem com os dados pessoais e o “Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)” para os voluntários assinarem, concordando com a participação na pesquisa.

O tempo da entrevista só iniciava após todas as dúvidas existentes serem esclarecidas entre o autor/pesquisador e o sujeito pesquisado, dirimindo quaisquer incertezas que comprometessem o andamento da entrevista. O entrevistado podia escolher: ou apenas ouvir as perguntas ou fazer a leitura do questionário durante o processo da entrevista, no caso de dificuldades com entendimento de algumas palavras na língua não materna.

O questionário é constituído por 16 questões em cada língua, condicionada ao tempo de mais ou menos 30 minutos para cada entrevista (em cada língua), o que representa uma hora de gravação com cada sujeito.

As questões foram elaboradas com a intenção de obter a melhor coleta dos dados necessários para análise e foram escolhidas de modo subjetivo, sendo primeiro utilizadas no projeto-piloto com o objetivo de serem melhoradas conseqüentemente para este trabalho acadêmico. As perguntas podem parecer simples, porém tratam de conseguir verificar se há variações nas respostas dependendo do idioma utilizado. As primeiras servem para aproximação dos entrevistados com o autor, a segunda parte já com a intenção de entender de

que modo se dá a interação do sujeito com a língua materna versus a língua oficial do país em que o entrevistado vive, a terceira parte do questionário tenta entender os efeitos culturais repercutidos no cotidiano do sujeito, e a última parte trata especificamente das questões das possíveis reconfigurações identitárias.

Abaixo seguem as questões aplicadas nas entrevistas com os brasileiros na língua materna que moram na República Tcheca. No quadro abaixo estão apenas em português⁸³ para facilitar a leitura que norteou a entrevista, com as intencionalidades esperadas para cada agrupamentos das questões (vide Quadro 4).

Quadro 4 - Entrevistas com os brasileiros que residem na República Tcheca

Questões do questionário em português para brasileiros na República Tcheca	Intencionalidades das questões
1. Quanto tempo, e por que você está morando aqui? 2. Você gosta de morar na República Tcheca? 3. O que você fazia em seu país, e o que está fazendo aqui (trabalho, estudo, etc.)?	<i>- aproximação dos entrevistados com o pesquisador</i>
4. Você se comunica na língua portuguesa aqui, ou é usuário de outras línguas também? Em quais situações e ambientes? 5. Com quem você, geralmente, fala em português? Falando português aqui, como você se sente? 6. Você fala a língua tcheca fluentemente? 7. Com quem você, geralmente, fala tcheco? Falando tcheco, como você se sente? 8. Quando você chegou aqui, teve dificuldades com a língua tcheca? Quais? 9. Você busca ambientes onde possa falar em sua língua materna? Por quê?	<i>- intenção de entender de que modo se dá a interação do sujeito com a língua materna versus a língua oficial do país em que ele vive</i>

⁸³ Os questionários completos em ambas as línguas, para ambas as nacionalidades, podem ser consultados nos apêndices de E-N (nota do autor).

<p>10. Como você percebe os hábitos e costumes dos tchecos? Tem algo marcante que poderia comentar?</p> <p>11. Você se identifica com estes costumes, ou se sente apenas como um “observador”?</p> <p>12. Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica mais? (cultura, comida, segurança, relações interpessoais etc.)</p> <p>13. Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica menos? (cultura, comida, segurança, relações interpessoais etc.)</p>	<p>- <i>entender os efeitos culturais repercutidos no cotidiano do sujeito</i></p>
<p>14. Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país? Se for o caso, como e por quê?</p> <p>15. Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua tcheca? Como?</p> <p>16. Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar? Por quê?</p>	<p>- <i>específica de identidades em suas reconfigurações</i></p>

Fonte: Pesquisa campo, 2019.

Para além do questionário, registrou-se em uma tabela (a qual pode ser consultada nos apêndices A-O) variáveis relevantes após as entrevistas, no momento de transcrições, para cada entrevistado. São elas: idade; gênero; cidade de origem; cidade de moradia atual; formação e ocupação atual; reflexão sobre fluência da língua; estado civil; número de filhos; tempo de moradia no país atual; tempo de gravação em ambas as línguas; fatores interessantes; data de entrevista e, por fim, local da entrevista.

3.4.2 As entrevistas e gravações

As entrevistas e gravações se deram nos lugares escolhidos pelos sujeitos pesquisados, por exemplo: escritório, domicílio; na cidade de Praga o autor sempre ofereceu o seu escritório ou sua casa, como uma possibilidade de local para gravação. O fato de ter escritórios em quatro

idades na República Tcheca facilitou a escolha do local de gravação. No caso do Brasil, os locais de gravações foram sugeridos pelos sujeitos entrevistados.

Todas as vídeo gravações presenciais foram realizadas por meio da câmera do aparelho do celular do autor, posteriormente foi realizado o download para computador para as futuras análises.

As gravações de vídeo também poderiam ser usadas para pesquisar os componentes não verbais de comunicação humana, porém não são analisadas intencionalmente por razões práticas e metodológicas. Não está se trabalhando com esses componentes nessa pesquisa, embora os resultados possam ser muito interessantes.

Foi estabelecida a ordem das gravações, sendo a primeira gravação na língua materna do entrevistado, e a segunda na língua local do país. Essa escolha foi feita por motivos subjetivos, com a intenção de os entrevistados se sentirem mais à vontade ao responderem primeiro em sua língua materna.

Por motivo de privacidade dos participantes, os nomes dos entrevistados foram omitidos dessa tese e utilizou-se a classificação numérica para identificá-los. Os vídeos gravados estão à disposição para poderem ser consultados na presença do autor.

3.5 Procedimentos e traduções dos dados

Há quatro categorias para serem trabalhadas, o que é explicado abaixo:

1. brasileiro respondendo em português – transcrição adaptada;
2. brasileiro respondendo em tcheco – foi traduzido e transcrito na língua portuguesa de maneira livre;
3. tcheco respondendo em português – transcrição adaptada;
4. tcheco respondendo em tcheco – foi traduzido e transcrito na língua portuguesa de maneira livre.

As transcrições e traduções revisadas dos dados foram realizadas com cuidado, ética e respeito às especificidades dos respondentes, para que futuras análises comparativas das

respostas obtidas reflitam os principais fatores de reconfiguração de identidades que já se sabe existem.

3.5.1 Transcrições adaptadas

Entende-se, por “transcrição adaptada” a remoção de vícios da linguagem presente na oralidade (por exemplo as peculiaridades como murmúrios e vícios de fala, como “né” e “uhum”), porém sem excluir a palavra literal narrada no discurso. Estas ocorrências podem ser consideradas como irrelevantes e por isso são omitidas no processo de análise. O conceito é utilizado na área de conhecimento da administração.

Transcrições das respostas na língua portuguesa dos tchecos e dos brasileiros podem mostrar erros (pela Norma padrão da gramática normativa), porém propositalmente não são corrigidas, nem alteradas para manter a autenticidade das transcrições; são apenas puras transcrições.

As transcrições adaptadas, como uma das partes de procedimento dos dados, se deram da seguinte forma: primeiro foram ouvidos os sujeitos no momento das gravações das entrevistas, depois foi assistido a cada vídeo em ambas as línguas: uma resposta na língua materna do entrevistado (para o brasileiro foi o português, para o tcheco foi o tcheco), imediatamente depois foi assistida à resposta da mesma pergunta na língua local do país (para o brasileiro foi o tcheco, para o tcheco foi o português). Foram escritas anotações cuidadosas para comparar as possíveis diferenças nas respostas. E transcritas apenas as entrevistas que são pertinentes para pesquisa, daqueles que apresentaram diferenças para serem analisadas posteriormente. Foi um trabalho que exigiu intensa concentração e, muitas vezes, a necessidade de assistir repetidamente aos trechos das entrevistas para transcrevê-las em todas as suas nuances. Esse processo durou em média seis horas para cada entrevistado, respeitando as categorias estabelecidas previamente.

3.5.2 Traduções

A tradução é uma transferência escrita de um texto original de uma língua para outra por meio de um tradutor, neste caso o autor desta tese. O importante é a exatidão factual e a compreensibilidade. A forma mais comum de tradução é a tradução entre duas línguas estrangeiras. Para obter os melhores resultados possíveis, chegou-se à conclusão de traduzir as

entrevistas em sua totalidade. Optou-se em fazer uma tradução de maneira mais livre, isso é: tradução do significado da mensagem, independente dos lapsos ou interferências nas frases usadas, e onde o autor deduziu o que os entrevistados queriam dizer em determinadas sentenças, compreendendo a complexidade no que se refere à tradução mais fiel possível da mensagem.

Com base na experiência profissional e pessoal do autor no campo das traduções (entre tcheco, inglês e português), pode-se afirmar que é mais fácil traduzir um falante nativo de qualquer idioma para o idioma de destino da tradução. Se a pessoa não está se comunicando na sua língua materna, a tradução para o idioma de destino pode ser complicada. Como resultado, não houve problemas para traduzir a fala dos tchecos para o português. Ao contrário, os entrevistados brasileiros, quando alguns não eram proficientes em tcheco, representaram um desafio maior com a tradução do tcheco para o português, pois utilizaram palavras e construções de frases inadequadas com interferências gramaticais. Isso às vezes levou a uma redobrada atenção e maior diligência no processo de tradução do tcheco para o português para que fosse compreensível para o leitor e ao mesmo tempo para não prejudicar a mensagem principal do respondente, respectivamente.

Tendo em vista que o autor, enquanto pesquisador imergiu na realidade sociocultural de ambos os países, porém tendo sua bagagem cultural e histórica influenciada pelo país materno – a República Tcheca, deve-se reconhecer que libertar-se da subjetividade no processo de tradução é quase impossível. De acordo com a indagação de Everett: “Pode-se traduzir qualquer coisa de qualquer idioma para outro idioma?”, a resposta parece ser: ‘Não. Diferentes idiomas podem ter diferentes poderes expressivos para diferentes tipos de informação.’” (Everett, 2012, p. 294, tradução nossa).⁸⁴

Em relação às considerações registradas na língua tcheca (dos brasileiros), o autor precisou ter muito cuidado com a tradução, pois além da tradução para o português, às vezes era necessário revelar o sentido exato das informações comunicadas.

⁸⁴ No original: ‘Can anything at all be translated from any language to any other language,’ the answer seems to be, ‘No. Different languages might have different expressive powers for different kinds of information.’

3.5.3 Quadro de referência para análise

Como ponto final da metodologia, é necessário explicar a tabela auxiliar que foi desenvolvida para uma análise de alta qualidade, transparente, e que pode ser encontrada no apêndice O. Não foi criada com objetivo de publicação nesta tese, porém compreendendo-se que esta poderia servir como inspiração e referência para outros pesquisadores e por essa razão que está disponibilizada para visualização. Não foi obtida de nenhuma outra pesquisa linguística, pelo contrário, foi criada pelo autor dessa tese. Foi benéfico que o autor é Mestre em marketing na Faculdade de Economia da Universidade Técnica de Ostrava, o que ajudou na criação da tabela.

Conforme será explicado no subcapítulo: 4.1 Esclarecimentos sobre análise, de todas as entrevistas gravadas, serão analisadas dez em total, cinco com os tchecos e cinco com os brasileiros.

Cada um dos dez entrevistados analisados respondeu 16 questões em dois idiomas, o que resultou em um total de 320 respostas, que foram descritas em palavras-chave, na tabela. Foram elencadas como mais importantes as palavras-chave na perspectiva do autor da tese, considerando os momentos mais relevantes de cada resposta, sua correspondência ou a diferença das respostas nos dois idiomas. A tabela, quando impressa, em original, tinha o dobro do tamanho do papel A3.

CAPÍTULO 4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÕES DOS DADOS

A análise final é sempre a parte mais difícil de qualquer trabalho. Esta seção será, portanto, dividida em vários subcapítulos nos quais serão explicados alguns pontos importantes da análise propriamente dita, a situação linguística nos países pesquisados (República Tcheca e Brasil), seguida das observações percebidas durante as gravações, aqui apresentadas.

A análise não incidirá sobre nacionalidades dos individuais separadamente, embora por razões didáticas possa ser tratada desta forma, isso quer dizer analisando os entrevistados tchecos e brasileiros em conjunto. Haverá tentativa de descobrir se existem semelhanças entre os dois grupos de indivíduos representando duas nacionalidades, focando em possíveis reconstruções de identidade. Nessa parte do trabalho serão apresentadas discussões e sínteses dos dados obtidos, que serão analisados em conjunto, e conseqüentemente será determinado se nas duas nacionalidades podem ser observadas semelhanças em possíveis reconfigurações de identidade.

4.1 Esclarecimentos sobre análise

Recomenda-se sempre ir passo a passo. A metodologia vista da ótica do momento no qual foi planejada parecia à prova de balas. No entanto, depois de todas as entrevistas, assistindo todas as gravações, a análise inicial e a tradução das entrevistas para o português, vale a pena olhar para trás, parar, pensar e voltar a verificar se a metodologia foi configurada corretamente.

Certamente é possível pensar que equívocos podem ter sido cometidos. E estes sempre irão ocorrer. Pode-se pensar e examinar o que teoricamente poderia ter acontecido:

- O entrevistado pode sentir-se influenciado pelo fato de que o investigador e autor da tese de doutorado é cidadão tcheco. Talvez alguns dos brasileiros entrevistados poderiam se sentir assim e é idem para os tchecos. Isso poderia prejudicar esta pesquisa? Não, porque todos os entrevistados antes e no momento da gravação tinham ciência das informações relevantes sobre a pessoa do pesquisador.
- As alterações nas respostas podem ser causadas por diversos elementos, como por exemplo, o respondente já ter respondido e não querer se repetir. Claro, isso poderia ter acontecido. No entanto, não há como tratar esse ponto assertivamente.

- O entrevistado não conhece o idioma bem o suficiente para responder. Esse conhecimento ou desconhecimento da língua é um dos fatores determinantes nas mudanças de identidade. Este trabalho não avalia o conhecimento do idioma adquirido, mas procura analisar as mudanças de identidade com o uso de uma língua não-materna. Além disso, cada um dos entrevistados participou voluntariamente, sem reivindicar qualquer compensação financeira ou outra.

Neste ponto é necessário voltar mais uma vez à avaliação do nível da língua estrangeira dos entrevistados, como foi descrito no subcapítulo 3.3.5 Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas. Deve-se enfatizar que a avaliação do nível é importante para a análise geral, pois o conhecimento da língua afeta a posição de comunicação com as outras pessoas, o que por sua vez pode afetar a autoestima e identidade sociocultural do falante.

A avaliação do nível pode ser desafiadora e subjetiva. Porém, é um risco que foi necessário correr para que o leitor da língua portuguesa tenha uma ideia melhor da situação geral das respostas nas entrevistas e da pesquisa.

Vale ressaltar que a avaliação ocorreu somente após a realização das entrevistas, de maneira discricionária e não compartilhada. Vale lembrar também que uma das perguntas no questionário era se os participantes se consideravam falantes da outra língua não-materna (no caso tcheca ou portuguesa) – o que todos confirmaram.

As gravações se deram presencialmente com os 11 primeiros entrevistados (nove brasileiros e dois tchecos). Com os demais (seis tchecos) se deram, infelizmente, pela plataforma on-line (Skype), devido a pandemia global e as proibições em conjunto com os perigos sanitários para viajar pelo Brasil. Como resultado, foram gravadas 17 entrevistas, que foram transcritas e submetidas a uma análise preliminar para comparação dos dados obtidos. Foram escolhidas dez entrevistas (cinco com brasileiros e cinco com tchecos) que foram mais capazes de documentar reconstruções identitárias e, conseqüentemente, foram usadas para a análise final. Cada entrevista foi analisada individualmente e de acordo com o seu percurso específico. Devido ao seu tamanho, todas as entrevistas analisadas estão disponíveis entre os apêndices E e N desta tese, enquanto nesta parte analítica principal da tese apenas segmentos selecionados que apoiam a direção desta tese de doutorado e respondem às questões levantadas no início da tese serão apresentados.

4.2 Situação linguística nos países pesquisados

A situação linguística na dimensão sociocultural foi muito importante para a elaboração deste trabalho, por isso é analisada detalhadamente nesta parte do trabalho. A primeira descreve a situação na República Tcheca e depois se voltará para o Brasil. Haverá também uma importante questão que está intimamente relacionada com a reconfiguração da identidade de um indivíduo: é “possível sobreviver” sem conhecer a língua local no novo país?

Esta reflexão não foi originalmente pensada como parte das questões de pesquisa desta tese. No entanto, com o desenvolvimento natural e a compreensão da pesquisa em si, pode-se raciocinar que países, em que um indivíduo sem o conhecimento da língua local terá dificuldades, naturalmente condicionam o estrangeiro para aprender a língua local. Este é um exemplo encontrado na análise das respostas dos tchecos que vivem no Brasil.

Por outro lado, países em que o imigrante pode livremente utilizar outro idioma não local (inglês no caso da República Tcheca), o estrangeiro não precisa aprender a língua local para suas necessidades cotidianas, como é percebido nas respostas dos brasileiros que vivem na República Tcheca.

Como resultado, esses fatores podem atuar como codeterminantes para uma possível reconfiguração das identidades socioeconômicas.

4.2.1 Situação na República Tcheca

Analisando a situação linguística na República Tcheca, a primeira questão que surge é: por que os tchecos não têm paciência para permitir que o estrangeiro fale em tcheco?

Existem várias razões que explicam a dúvida acima, algumas das quais serão listadas aqui com base em fatos históricos e sociais.

Com base em razões históricas, quando a sociedade tcheca era mais homogênea, pode-se refletir hoje que os tchecos não são muito tolerantes, ou não estão preparados e são incapazes de se comportar empaticamente em situações em que um estrangeiro demonstra dificuldades em usar o idioma tcheco. Tanto com pronúncia inadequada ou incompreensível (vogais longas versus curtas, diferente inventário fonético, “ř” vibrante, múltipla alveolar sonora, grupos consoantes ...), mas especialmente gramatical (conjugação ou flexão verbal etc.). O que muitas

vezes acontece pela dificuldade da própria língua e às vezes a desnecessidade de se comunicar na língua local, uma vez que o próprio cidadão tcheco prefere utilizar o inglês para acelerar o diálogo ou até a língua materna do estrangeiro (quando conhece), porém em alguns casos extremos, optam por encerrar a conversa.

Isso nos remete a outra pergunta: por que isso acontece?

- 1) A estrutura da língua tcheca, assim como a origem do vocabulário, é bastante diferente de todas as línguas românicas, isso significa que parece difícil, e pode até levar mais tempo para ser aprendida, e esse processo de aprendizagem pode ser considerado trabalhoso, como nos revela a pesquisa da agência do governo dos Estados Unidos da América⁸⁵, pela qual um aluno médio (inglês falante) precisará de aproximadamente 44 semanas de aula, 25 aulas por semana, totalizando em 1100 horas de estudos do idioma tcheco para se tornar moderadamente fluente. A título de comparação, por exemplo, para aprender a língua alemã é somente preciso estudar 30 semanas, já para aprender o português ou o espanhol essa perspectiva seria apenas de 24 semanas. Destaca-se que o tempo total depende muito da capacidade natural de aprendizado de uma pessoa, suas motivações, qualidade da instrução e do nível de proficiência na língua que deseja obter. Por esta razão há casos em que o estrangeiro mesmo morando na República Tcheca e tendo contato cotidiano com a língua local, não aprende. Além disso, o padrão da língua tcheca é muito rigoroso e inflexível (a língua escrita formal é, na verdade, uma língua do século XIX, e por isso muito conservadora). Esse é um outro ponto a ser considerado: o idioma tcheco falado e o escrito são dois sistemas muito distintos⁸⁶ (especialmente no que tange léxico e a gramática) que até poderiam existir como se fossem dois idiomas diferentes, como afirma, por exemplo, Bermel (2010).
- 2) Também há influências históricas (BĚLINA et al., 1992). Depois da Batalha da Montanha Branca⁸⁷ no século XVII, a maior parte da sociedade tcheca letrada foi forçada a emigrar e houve um esvaziamento da intelectualidade. Também é preciso

⁸⁵ Foreign Service Institute: <https://theculturetrip.com/europe/articles/this-map-shows-you-how-hard-it-is-to-learn-different-languages-around-the-world/>, acesso em 24 junho 2020.

⁸⁶ Esta diferença pode estar ligada e pode ser explicada pelas normas linguísticas usadas, conhecidas como o prescritivismo e o descritivismo, que são abordagens contrastantes da gramática e do uso, particularmente da maneira como são ensinados. Ambos estão preocupados com o estado de uma linguagem - descritivismo com o modo como é usado, prescritivismo com o modo como deve ser usado (nota do autor).

⁸⁷ Na Batalha da Montanha Branca, travada em 8 de novembro de 1620 perto de Praga (na “montanha branca”, em tcheco: Bílá hora), o exército do Rei da Boêmia Frederico V, Eleitor Palatino foi derrotado por forças da Liga Católica (nota do autor).

levar em consideração que o território que compõe hoje a República Tcheca fez parte do Estado onde existia apenas o idioma alemão como língua oficial e houve a tentativa de exterminação da língua tcheca, o que quase ocorreu durante período monárquico multinacional dos Habsburgos, sendo somente “ressuscitado” apenas no século XIX, durante o Renascimento nacional dos tchecos em 1818⁸⁸. É necessário considerar que foram dois séculos de opressão linguística de maneira violenta e, talvez por este fato, hoje em dia o tcheco seja uma língua tão rigorosamente guardada como se fosse um tesouro. Após a criação da Tchécoslováquia independente⁸⁹, que consistiu na unificação de tchecos e eslovacos em um único Estado, e com o fim da Segunda Guerra Mundial, o Regime Soviético Totalitário (1948-1989) se instalou e perdurou por 40 anos. Em decorrência disso, mais uma vez a língua foi ameaçada. Além da decadência moral por conta do regime comunista, a ausência forçada de contatos com nações fora do regime soviético significou que a maioria dos tchecos se desacostumou à presença de estrangeiros.

- 3) Deve-se levar em consideração que a República Tcheca faz parte da União Europeia que é um espaço multinacional e multilíngue (composta de 24 línguas oficiais); há, também, pelo menos entre as pessoas com estudos universitários, o uso de duas ou mais línguas cotidianamente; e há hoje em dia um conhecimento amplo das línguas estrangeiras entre as pessoas abaixo da faixa etária entre 45 e 50 anos de idade (na República Tcheca principalmente), uma vez que União Europeia promove estudos fora do país de origem, e também flexibiliza por meio de políticas públicas o movimento constante de pessoas entre as nações da comunidade europeia. Além disso, e de acordo com Michal Kořan (2010, p. 52), a sociedade tcheca sofre de um sentimento de inferioridade e falta de autoconfiança. Este sentimento pode estar relacionado ao fato de que a República Tcheca é um país pequeno na perspectiva

⁸⁸ O estado da Boêmia era a parte mais industrializada da Áustria. As condições eram muito melhores para o desenvolvimento de um movimento nacional de massas nas terras tchecas que, na Eslováquia. Na Boêmia, uma pujante revolução industrial transformou uma nação de camponeses numa sociedade diferenciada que inclui trabalhadores industriais, uma classe média e os intelectuais. Sob a influência do iluminismo e do romantismo, o renascimento nacional tcheco levou à criação do Museu Nacional de Praga em 1818 e do Teatro Nacional de Praga em 1881. Além disso, alguns tchecos faziam reivindicações políticas que incluíam a reconstituição de um autônomo Reino da Boêmia. As conquistas culturais e políticas tchecas foram vigorosamente contestadas pelos alemães da Boêmia, que temiam perder sua posição privilegiada (nota do autor).

⁸⁹ A criação da Tchécoslováquia em 1918 foi o ápice de uma longa luta dos tchecos contra seus governantes austríacos e dos eslovacos contra a magiarização de seus governantes húngaros. O país foi fundado como um dos estados sucessores do Império Austro-Húngaro, no final da Primeira Guerra Mundial e como parte do Tratado de Versalhes. Consistia nos territórios atuais da República Tcheca, Eslováquia e Transcarpátia. Seu território incluía algumas das regiões mais industrializadas da antiga Áustria-Hungria (nota do autor).

global, é um dos países menores desde uma perspectiva europeia, por não ser muito conhecido e por fazer fronteira com grandes e fortes vizinhos (econômica e politicamente) principalmente a Alemanha, Áustria e Polônia. A população tcheca representa cerca de 2,1% da população de toda a União Europeia. Talvez em um sentido prático nos relacionamentos entre tchecos e estrangeiros, as pessoas tchecas se sintam mais internacionais pelo fato do uso da língua inglesa (majoritariamente) ao invés do próprio idioma tcheco nas muitas situações informais (com amigos) e formais (nos bancos, médicos etc.). Esta lógica ampara-se na ideia de que a maioria dos estrangeiros que vivem na República Tcheca não tem conhecimento da língua local. Entretanto, esses elementos de comunicação no idioma inglês fortalecem ainda mais a facilidade de comunicação sem necessidade da língua tcheca, o que acaba não estimulando os estrangeiros na aprendizagem da língua local.

4.2.2 Situação no Brasil

Esta parte da tese incidirá sobre a situação linguística na dimensão sociocultural no e do Brasil. Destacando que parcialmente focará na Bahia, como um recorte específico, por este trabalho ter nascido aqui e pela razão que será apresentado e defendido na Universidade Federal da Bahia, na cidade de Salvador. Como não havia amostra suficiente de sujeitos tchecos morando na Bahia (mas sim em diferentes estados brasileiros) não foi possível fazer um corte limitando-se apenas a este estado. Compreendendo o tamanho continental do Brasil e, como tal, as diferenças interestaduais, que são extensas e com uma heterogeneidade gigante, foi preciso entender os pontos de convergência de todo país.

Como aproximação inicial, caberia analisar as diferenças que podem ser encontradas a respeito do sinalizado sobre a República Tcheca e de acordo com o observado nas entrevistas dos tchecos morando no Brasil. Neste sentido valeria a pena mencionar uma pergunta cabível: os brasileiros estão acostumados com estrangeiros? A maioria dos baianos não, como será explicado a seguir.

De acordo as informações oficiais⁹⁰ mais atuais da quantidade de estrangeiros morando na Bahia, no Brasil, ou na República Tcheca, e na União Europeia, pode se observar que menos

⁹⁰ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, As Nações Unidas – ONU Brasil, Governo Federal do Brasil – Ministério de Justiça e Segurança Pública, Český statistický úřad (Instituto Tcheco de Estatística),

estrangeiros moram na Bahia (apenas 0,25%) e mais na República Tcheca (mais do que 5%). Os dados do Brasil e da União Europeia estão apresentados para se ter uma visão mais genérica da situação e para comparação completa, levando em conta que a República Tcheca é um país e faz parte da União Europeia, e a Bahia é um dos estados brasileiros (vide Quadro 5).

Na experiência pessoal do autor, que pode ser limitada, os brasileiros “admitem” qualquer pronúncia por mais longe que esteja da sua pronúncia normativa e fazem um esforço enorme para entender qualquer estrangeiro falando alguma coisa parecida ao português, ou apenas fingem que entendem, porém não corrigem ou não sabem como corrigir um estrangeiro para não parecer rude, (experiência pessoal do autor), o que será demonstrado abaixo.

A gramática é rica e deveria ser estrita, porém, no falar cotidiano qualquer aproximação serve para a comunicação acontecer. Inclusive o fato de não corrigir ninguém por educação faz com que às vezes os estrangeiros cometam equívocos graves sem eles terem percebido.

Quadro 5 - Quantitativo de estrangeiros e porcentagem de estrangeiros em população

País / estado /união	População	No. de estrangeiros	% de estrangeiros em população
Bahia	14.016.906	36.200	0,25
Brasil	211.688.007	774.200	0,36
República Tcheca	10.694.364	593.000	5,54
União Europeia	446.800.000	21.800.000 ⁹¹	4,87

Fonte: IBGE, ONU, Instituto Tcheco de Estatística, Gabinete de Estatísticas da União Europeia Eurostat, 2020.

Neste momento, para ampliar o pensamento descrito acima, faz-se necessário mencionar a experiência do autor da tese, ministrando aulas para alunos graduandos de biblioteconomia da Universidade Federal da Bahia durante o tirocínio docente (estágio docente supervisionado) durante o semestre 2019.2. Como mais marcante, destaca-se o fato que dos 20 alunos da turma, apenas uma havia tido experiência com estrangeiros. Surpreendentemente os outros 19 nunca falaram com um estrangeiro pessoalmente. Isto requisitou em primeiro lugar situar os estudantes em um mundo mais globalizado ao tratar sobre interculturalidade, a fim de evitar ou

Eurostat: European Statistical Office (O Gabinete de Estatísticas da União Europeia Eurostat), todos acessos em 24 junho 2020

⁹¹ Nesse valor, os “estrangeiros” são as pessoas consideradas que possuem nacionalidade de um país fora da União Europeia (nota do autor).

minimizar os choques culturais que pudessem advir. Foi explicitado que o autor da tese (como estrangeiro) desejava ser corrigido no caso de uso de palavras inadequadas e/ou construções gramaticais não compreensíveis etc.

Outra suposição relacionada à primeira questão pode ser a sua extensão: é possível que o pequeno número de estrangeiros morando na Bahia e no Brasil seja um dos fatores para que os brasileiros não falem outras línguas? Uma possível explicação poderia ser a menor necessidade devido a poucas oportunidades para praticar uma língua estrangeira e, conseqüentemente, menos motivação para estudá-la?

O complexo de tamanho: 1) o Brasil é considerado o país com dimensão continental, e 2) o número de população é enorme. Além disso, o “isolamento físico”, especialmente a Bahia é isolada do mundo onde se falam outras línguas além de português, por ter em limites fronteiriços apenas com estados brasileiros.

Um exemplo prático para ilustrar: se o indivíduo pegar um avião na cidade de Praga na República Tcheca e voar por 3 horas, poderá visitar quase toda a Europa, contemplando cerca de 25 países, com quase 20 línguas diferentes. Ao usar esse mesmo exemplo no Brasil, viajando por 3 horas de avião, com saída da cidade de Salvador, não se ultrapassaria as fronteiras brasileiras.

E, também dada a situação socioeconômica, é possível especular que os brasileiros não tenham acesso ao conhecimento de línguas estrangeiras. De qualquer forma, fica claro que a compreensão de línguas estrangeiras e sua necessidade é muito diferente em comparação com a República Tcheca.

Para se ter uma ideia, em geral, os níveis de proficiência em inglês no Brasil são muito baixos, com apenas cerca de 5% dos brasileiros afirmando ter algum conhecimento de inglês, de acordo com a pesquisa do British Council (2014), e, destes, apenas 1% é fluente. O Brasil ocupa a 41ª posição no ranking de 70 países, abaixo de outros países da América Latina como Equador, Chile, Peru e México, afirma o British Council.

Não cabe neste trabalho aprofundar as razões destes fatos, porém pode-se crer que talvez seja porque não têm as oportunidades de aprendê-lo, ou não percebem a necessidade de usá-lo, até porque não tem possibilidades econômicas para viajar e explorar o mundo fora. E quem sabe inglês, talvez o use como oportunidade para sair do país, como mostra, por exemplo, a

pesquisa elaborada pela Receita Federal⁹² que foi respondida por 1.239 profissionais brasileiros que vivem no Brasil. Entre eles, 91% afirmam ter vontade de se mudar para fora do Brasil em busca de uma oportunidade de trabalho.

4.3 Notas factuais sobre os entrevistados

Esta parte do texto, muito resumidamente, apresenta observações factuais, em outras palavras, informações estatísticas sobre os entrevistados que são analisados para que o leitor possa ter uma melhor visão geral dos dados obtidos.

4.3.1 Entrevistas com os brasileiros na República Tcheca

Todos os entrevistados, como foi descoberto durante as entrevistas gravadas, falam inglês como segunda língua, sendo o tcheco para eles a terceira língua (aprenderam inglês antes do tcheco). Alguns aprenderam o tcheco apenas após se mudarem para a República Tcheca, e alguns começaram a aprender o tcheco ainda no Brasil por várias razões. Para a maioria deles a aprendizagem da língua tcheca não foi planejada anteriormente, o que pode significar outro tipo de relacionamento com a língua (e conseqüentemente com a cultura tcheca). A maioria deles percebe a língua tcheca como algo “extra”, não como uma necessidade ou ferramenta para se comunicar e sobreviver na República Tcheca.

Os entrevistados da nacionalidade brasileira analisados estão nomeados com os números: 1, 3, 5, 8 e 9 (vide Apêndices E-I), e assim descritos ao longo de toda a pesquisa.

A ordem das gravações foi mantida, sendo a primeira gravação na língua materna (portuguesa) e a segunda na língua local (tcheca).

Os nomes dos entrevistados foram apagados desta tese para manter privacidade dos participantes e foi utilizada a classificação numérica para identificá-los.

Estatisticamente, a parte da seleção dos sujeitos brasileiros garante o máximo possível de neutralidade nas informações obtidas, num sentido de grande variedade de percepções do mundo em virtude: dos lugares de nascimento do Brasil inteiro (em ordem alfabética pelas

⁹² <https://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2019/01/91-dos-brasileiros-tem-vontade-de-deixar-o-pais-para-trabalhar-no-exterior.html>, acesso em 24 junho 2020

idades: Belém / PA, Campo Grande / MS, Jaboticabal / SP, Manaus / AM, Salvador / BA); dos lugares de moradia atual: quatro cidades diferentes na República Tcheca: Praga, Olomouc, Brno, Uhlířské Janovice); das idades (mais jovem tinha 27 anos de idade, mais velha 47 anos); dos gêneros (três homens e duas mulheres); do tempo de permanência na República Tcheca (entre dois e 15 anos); das diferentes profissões.

4.3.2 Entrevistas com os tchecos no Brasil

Todos os tchecos no Brasil falam inglês como segunda língua, isso significa que o português para eles é a terceira, ou até quarta/quinta língua (aprenderam inglês antes do português). Com exceção de um, nenhum deles falava português fluente na chegada no Brasil, porém todos falavam outras línguas: espanhol, alemão e/ou russo. A maioria dos tchecos planejaram aprender a língua portuguesa para morar no Brasil, como uma necessidade para se integrarem no mercado de trabalho ou por razões pessoais.

Os entrevistados da nacionalidade tcheca analisados estão nomeados com os números: 10, 11, 12, 16 e 17 (vide Apêndices J-N), e assim descritos ao longo de toda a pesquisa.

A ordem das gravações foi mantida, sendo a primeira gravação na língua materna (tcheca) e a segunda na língua local (portuguesa).

Os nomes dos entrevistados foram apagados desta tese para manter privacidade dos participantes e foi utilizada a classificação numérica para identificá-los.

Estatisticamente, a parte da seleção dos sujeitos tchecos garante o máximo possível de neutralidade nas informações obtidas, num sentido de grande variedade de percepções do mundo em virtude: dos lugares de nascimento da República Tcheca inteira (em ordem alfabética pelas cidades: Dačice, Kolín, Praga, Vysoké Mýto, Zlín); dos lugares de moradia atual (em ordem alfabética pelas cidades no Brasil: Curitiba / PR, Feira de Santana / BA, Salvador / BA, Rio de Janeiro / RJ); das idades (mais jovem tinha 31 anos de idade, mais velha 48 anos); dos gêneros (três homens e duas mulheres); do tempo de permanência no Brasil (entre cinco e nove anos); das diferentes profissões.

4.4 Dados obtidos: apresentação, discussão e síntese

A transcrição e tradução de todas as respostas renderam uma riqueza de dados que foram submetidos a um exame detalhado. Os respondentes analisados foram dez, com dezesseis questões para cada um deles, em dois idiomas, gerando um total de 320 respostas. Para algumas perguntas, respostas extremamente diferentes apareceram em um e outro idioma, algumas revelaram respostas semelhantes em ambos, o que permitiu observar realidades muito distintas e reveladoras dos respondentes. Todas as análises individuais de cada sujeito entrevistado podem ser conferidas nos apêndices E ao N, pois trata-se de um compilado detalhado superando o total de 200 páginas.

Neste ponto, vale lembrar que o trabalho tem como objetivo geral: “Identificar se há re/configurações da/s identidade/s sociocultural/is nos falantes da língua estrangeira quando se trata de tchecos (falantes do português) e brasileiros (falantes do tcheco)”, com as seguintes perguntas específicas como um guia para uma melhor compreensão de toda a questão relacionada:

- De que modo os falantes de língua estrangeira (português e tcheco) configuram novas posições identitárias?
- De que modo as interações com nativos e não nativos influenciam nas posições identitárias assumidas?
- Quais outros hábitos e aspectos acompanham a configuração de novas posições identitárias?
- De que modo a compreensão dessas configurações identitárias contribui favoravelmente para a interação sociocultural dos aprendizes das línguas estrangeiras em questão?

É útil e necessário ver cada indivíduo como único, mas também é importante procurar conexões e semelhanças entre as diferentes nacionalidades, o que pode ser um grande desafio que foi facilitado pela transcrição e análise de cada resposta individual com outras relevantes. Muitos elementos nas respostas se repetiram, o que é natural no contexto das perguntas, enquanto outras apresentaram diferenças significativas na visão dos respondentes.

Há um entendimento coletivo de que as pessoas podem ser levadas a mudar seu comportamento, pensamento e comunicação, seja por oportunidade ou necessidade. Pode-se

argumentar também que as motivações não são essencialmente dicotômicas, que outros motivos podem interferir no processo e que, em uma última análise, pode haver um fortalecimento ou interação entre diferentes fatores. A análise a seguir faz parte do contexto dessas considerações e busca identificar os motivos que interferem na criação de novas identidades por meio de pesquisas qualitativas aliadas a elementos quantitativos. Enquanto a primeira visão sugere a possibilidade de várias razões, a segunda - criada com base nos dados das entrevistas geradas - confirma a presença de tais razões.

Alguns fatores (por exemplo emoções, motivações, oportunidades, necessidades, choque cultural, segurança, adaptação, assimilação, integração, papel social do indivíduo, autocensura, frustração, entre outros) serão analisados no contexto das questões sete, nove, quatorze, quinze, e suas respostas respectivamente, que são consideradas as mais reveladoras e relevantes para o estudo da própria reconfiguração das identidades dos indivíduos examinados. Esses fatores, caso apareçam nas respostas, serão mencionados e analisados detalhadamente ao final deste capítulo, levando em conta a nacionalidade dos respondentes para maior contextualização dos resultados globais analisados neste trabalho acadêmico.

4.4.1 A emoção como cofator na reconfiguração da identidade

As emoções são processos construídos mental e socialmente, incluindo experiências subjetivas de prazer (simpatia) e desprazer (aversão) (MACHÁČ, 1985, p. 56), acompanhadas de alterações fisiológicas (mudança da frequência cardíaca, alteração da frequência respiratória etc.), manifestações motoras (expressões faciais, gestos), alterações no estado de alerta e foco. Avalia os fatos, acontecimentos, situações e resultados das atividades de acordo com o estado subjetivo e a relação com o avaliado, levam a uma atitude diante de uma situação. No entanto, de acordo com todas as informações disponíveis, as respostas fisiológicas às emoções dadas não são uniformes. Todavia, pode-se afirmar que as emoções afetam tudo, o que é claramente visível em muitas das respostas analisadas, levando em consideração a perspectiva sociocultural das emoções na reconstrução das identidades dos entrevistados.

Os trechos das entrevistas apresentados abaixo são casos específicos em que as emoções ocorrem como o principal elemento evidente das reconfigurações identitárias.

A entrevistada No 8, brasileira, para a décima sexta pergunta (Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar?) afirma na língua tcheca: “Sim, eu voltaria. Porque ... porque lá é o

meu país.”, a resposta registra emoções, porém, pelas respostas anteriores pode-se deduzir que ainda não chegou a sua hora de voltar ao Brasil, no entanto pode ser interpretada como uma certa adaptação à cultura local. Na língua materna (o português) confirma: “Eu voltaria. Porque é o meu país, é onde eu me identifico. Eu nunca me identifiquei totalmente aqui na República Tcheca.” Suas filhas são o único vínculo que descreve atualmente para permanecer em seu novo país, afirmando: “a casa das minhas filhas é aqui, elas nasceram aqui”. Nas duas línguas, admite a vontade e o fato de querer voltar ao Brasil, mas ao mesmo tempo justifica que ainda não é o momento certo, além disso, ao continuar respondendo, se concentra praticamente apenas na situação das suas filhas, e isso é muito forte e decisivo para ela.

Ao falar o idioma tcheco, é notório como a entrevistada usa o pronome “eles” para descrever e se referir aos tchecos. A língua reflete a reconfiguração total ou no mínimo parcial da identidade, de acordo com a língua que utiliza: quando fala em tcheco, ela se considera tcheca ou no mínimo não estrangeira, quando fala português, ela é brasileira.

Por meio das respostas às perguntas finais, conclui-se que o sujeito pesquisado se integrou (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37) à sociedade tcheca de forma incomum, mas nunca se assimilou à cultura tcheca (SPIELBERGER, 2004) e que o desejo de retornar ao seu país de origem é muito forte e prevalece sobre os demais, e só é postergado por pensar no bem de seus próprios descendentes.

A resposta na língua materna (o tcheco) para a primeira pergunta (Por que você está morando no Brasil?) do entrevistado No 10 apresenta argumentos fortes, porém mais racionais do que na resposta em português. O desejo de mudar de vida se sobrepõe, inclusive destacando sua vivência na República Tcheca, ele revela: “Eu queria mudar minha vida, não gostava mais da minha vida na República Tcheca, tive a impressão de que minha vida estava esgotada, e porque tive oportunidade, me mudei para o Brasil. Bom, isso é tudo para a primeira pergunta.” Já em português ele destaca aspectos mais relacionados ao campo das emoções e de forma mais relaxada e tranquila: “Conheci uma menina em Coimbra, quando eu fazia meu estágio, em Coimbra na universidade, eu conheci uma brasileira e eu terminei o meu doutorado e me mudei para cá, para mudar minha vida um pouquinho.” O fato de ter conhecido a brasileira vem logo a princípio. Mudar de vida já parece menos significante como “um pouquinho”. Já não é mais a primeira razão que move a sua escolha.

Analisando a resposta de acordo com a linguista tcheca Janíková (2016), a língua é fundamental para nossas identidades. Em consonância a essa afirmação, pode-se relacionar as respostas apresentadas pelo entrevistado. A comunicação pode ser usada em uma determinada

língua para tentar mostrar-se ao interlocutor a partir de uma perspectiva mais positiva, ao enaltecer alguns fatos e omitir outros para que dessa forma sejamos percebidos mais positivamente. A visão da Janíková é também confirmada por Rajagopalan (2004, p. 71) ao dizer, que “em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo. [...] Não se pode falar em identidade fora das relações estruturais que imperam em um momento dado.” Como resultado, a identidade se molda pelos diálogos que são conduzidos e, com isso, os valores são formados e transmitidos aos ouvintes com os quais há comunicação.

Cada indivíduo constrói sua própria identidade através de experiências, emoções, conexão, aceitação e rejeição. A maneira mais apropriada de descrever a construção da identidade pode identificar “contrastes” com outros e estranhos. Em síntese, a identidade torna-se um conjunto de muitas questões que podem ser expressas em uma simples pergunta “quem sou eu?”, conforme afirma Bauman (2005, p. 13).

E justamente isso pode ser visto com o mesmo entrevistado No 10, tcheco, com as respostas para a segunda pergunta (Você gosta de morar no Brasil?) Na resposta em português destaca:

Eu gosto, eu prefiro calor, eu prefiro o clima. Para dizer a verdade quando eu cheguei aqui o que me impressionou, invadiu, acho que invadiu é uma palavra certa, são cores, muitas cores, calor também, imensidade do céu brasileiro, e cheiros, tudo isso que não tem na Europa (ENTREVISTADO No 10, 2019, p. 350).

Fala muito sobre emoções, sensações táteis, cromáticas, e a sua escolha da palavra “invadiu” pode significar algo que o domina por inteiro sem que tenha possibilidade de reação. Sua resposta na língua materna é mais complicada, abstrata e profusa:

É uma oportunidade para eu viver de forma criativa ou do meu jeito, e por isso eu gosto. É claro que não estou completamente feliz com a maneira como vivo até agora, mas nos nove anos em que estou aqui, estou me aproximando do estilo de vida que quero viver no futuro (ENTREVISTADO No 10, 2019, p. 350).

Tratando-se do entrevistado, na resposta em português, as emoções ocorrem em grande escala, como sugere Macháč (1985, p. 56). É relevante considerar que as emoções são fatores que podem interferir na construção das identidades, o que foi identificado na resposta em português. Emoções são vivenciadas no uso de qualquer língua, naturalmente com mais

intensidade na língua materna. Surpreendentemente, este entrevistado as mostra em um modo maior e mais descontraído na sua nova língua, pois de todas as respostas nesta e em outras questões, dá para observar que ele se sente mais livre e relaxado na língua portuguesa. Ao contrário, em tcheco parece fechado e rígido, o que está relacionado à cultura materna, à forma como foi criado e à configuração do funcionamento da sociedade tcheca, isso se reflete em sua linguagem não tão emotiva e aprisionada.

Ao responder a décima segunda pergunta (Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica mais?) na língua tcheca afirma: “Eu me sinto muito livre aqui. Não sinto a vinculação das normas brasileiras, que provavelmente nem conheço todas.”, ao contrário, na língua portuguesa diz: “Eu acho que talvez poderia me dar satisfação no futuro”, parou para pensar e prosseguiu: “poderia ser educação e comunicação com os estudantes, onde eu poderia me desenvolver nas emoções.” Essas respostas mostram claramente como as “emoções” são elementos importantes para o entrevistado, seja diretamente em sua fala, ou pelo conteúdo explicitado. As emoções são um fator muito importante para a construção e reconstrução das identidades socioculturais, são as que causam mudanças na atenção e são acompanhadas por mudanças fisiológicas, conforme descrito por Macháč (1985, p. 56). Ao se comunicar por meio da linguagem, cada um de nós experimenta emoções. No entanto, diferentes línguas têm diferentes impactos emocionais, de acordo com o cientista Huston (1999, p. 61). As emoções são uma importante manifestação da percepção da língua e da cultura para o sujeito entrevistado. Elas o controlam, dão-lhe uma sensação de novo e exótico e isso se reflete nas expressões de sua linguagem. Em resumo, pode-se dizer que a identidade se constrói por meio das emoções também.

Como Kramersch (1998, p. 65) declara, as pessoas reproduzem naturalmente a maneira como os outros falam: vocabulário, sintaxe, gramática, padrões de fala, sotaque e até mesmo irregularidades na fala. Everett (2019, p. 371) também concorda com essa ideia, afirmando que: “Falamos como aqueles com quem falamos.” Na língua tcheca muitas vezes o entrevistado No 10 se restringe a falar “tecnicamente”, um comportamento linguístico percebido pelo fato de estar em interlocução com um outro falante da língua tcheca. Porém, já em português, integra aspectos culturais e linguísticos do Brasil (por exemplo emoções, liberdade etc., o que pode ser confirmado na primeira resposta em ambos os idiomas, entre outros exemplos). Utiliza aspectos da norma culta da língua portuguesa devido ao seu ambiente cotidiano, com o qual interage e conseqüentemente se desenvolve, o que é mais profissional do que pessoal/familiar. O uso da língua é claramente uma imitação e reprodução de outras pessoas (pais, professores,

influenciadores etc.), que pode ser percebido como uma educação e adoção de uma nova cultura, adaptando nossa língua e linguagem à situação e às pessoas com quem falamos. Como consequência, pode-se falar em reconfiguração da identidade dos falantes em função do uso da língua e do meio sociocultural em que estão imersos no momento da fala. Além de Kramsch (1988) e Everett (2019), esta confirmação é também percebida no trabalho de Labov (1966), ao analisar como a idade e a classe social podem ser percebidas ao utilizar determinadas palavras em suas variações linguísticas, consideradas atuais ou não utilizadas.

Cada indivíduo traz suas expectativas ao se mudar para um novo país, uma nova cultura. A expectativa do entrevistado No 10 era obter uma experiência e conhecimento mais profundo de uma vida parcialmente conhecida - sentimento esse adquirido por meio de sua esposa brasileira, com quem morava em Praga, e posteriormente por meio da segunda esposa brasileira, a quem conheceu em Portugal. Essas expectativas podem determinar o desenvolvimento que uma pessoa alcança em uma nova vida (RAJAGOPALAN, 1998, 2003). O entrevistado transparece a sensação da liberdade pessoal que ao deixar a Europa, poderia alcançar no Brasil, o que era difícil para ele obter em sua cultura materna. No entanto, essa liberdade absoluta não existe em nenhuma sociedade. Códigos e regras sociais existem em todas as culturas e são “impostos” por ela. É interessante e ao mesmo tempo surpreendente ver como explica que não está disposto a seguir essas regras sociais na nova cultura. Está tentando fugir do mundo europeu, mas não consegue mergulhar completamente no mundo brasileiro, exatamente porque não existe essa liberdade individual que tanto buscou. A diferença pode estar na percepção das consequências dos seus atos entre a sociedade materna e a nova.

Durante a entrevista, quando questionado na língua tcheca, o entrevistado No 10 buscou em suas respostas demonstrar fatos e decisões movidos pela razão com perspectiva positiva sobre seus atos, revelando com isso uma preocupação em parecer socialmente aceito na perspectiva da cultura tcheca. Esta conclusão é concebida a partir da comparação com as respostas para as mesmas questões na língua portuguesa, desprovidas de tais preocupações “sociais”. Respondendo em português, traduz o próprio pensamento de forma despreocupada em agradar ou não as expectativas ao seu redor, e talvez demonstre que ele já está mais próximo da cultura brasileira do que expressou em sua resposta anterior.

A experiência emocional é cocriada pela cultura, mas também a determina. O entrevistado No 12, tcheco, comenta em português, ao responder a segunda pergunta (Você gosta de morar no Brasil?) sobre o “ambiente diferente” do Brasil em relação a outras partes do mundo, e percebe a sociedade brasileira como “mais aberta para famílias e crianças pequenas”. Não

comenta esses fatos na língua tcheca, porque o uso de uma segunda língua pode atuar como uma função de distância, permitindo que os usuários de L2 evitem situações de ansiedade e expressem ideias em sua L2, o que seria muito preocupante em L1, conforme apresentado por Bond e Lai (1986, p. 182) e Javier e Marcos (1989, p. 453).

Percebe-se que a identidade pode ser entendida como as diferentes formas pelas quais os indivíduos definem ou querem ser definidos nos contextos sociais aos quais pertencem (HOLLIDAY, HYDE e KULLMAN, 2004) nos vários discursos que os indivíduos utilizam para influenciar as percepções que outras pessoas podem ter sobre eles. Nesse ponto, também é importante mencionar as emoções negativas que são legíveis a partir das reações e que reconfiguram ativamente as identidades dos indivíduos.

É observável, mas infelizmente dificilmente transmissível para os leitores desta tese, que praticamente todos os entrevistados durante a entrevista não demonstraram sinais de nervosismo ou estresse ao falar em sua língua nativa, ao contrário, mostraram-se descontraídos e abertos em suas falas, do que se deduz que na sua língua materna as pessoas falam com muito mais calma, precisão e conforto.

4.4.2 Etapas e aspectos da adaptação em diferentes ambientes socioculturais

O choque cultural é um choque psicológico e social causado por um achado surpreendente, inesperado ou incrível, que foi causado pelo contato direto de um indivíduo, grupo social ou sociedade com um todo, uma cultura desconhecida, ainda não interiorizada. Assim, são sentimentos da vida em um ambiente culturalmente estranho que são evocados pela constante interação entre o recém-chegado e o novo ambiente. Os estímulos frequentes que contribuem para o choque cultural são: culinária, clima, linguagem, novos hábitos, mas também a dificuldade de usar a habilidade de interação social adquirida no ambiente original. Como afirma o sociólogo tcheco que trabalha no campo da sociologia aplicada, Jiří Kocourek:

Algumas pessoas lidam com o choque cultural com mais facilidade, outras apenas com grandes dificuldades, cada uma para um momento diferente, mas todo mundo que quer ficar tem que lidar com isso. Gradualmente, a pessoa começa a criar mecanismos pelos quais resiste à influência de uma nova cultura, preserva sua

identidade cultural ou aceita uma nova identidade (KOCOUREK, 2008, p. 11, tradução nossa).⁹³

A aculturação é um processo psicossocial que ocorre em situações em que membros de duas ou mais comunidades culturais entram em contato de longa duração (VETEŠKA, PRŮCHA, 2012), no caso deste trabalho, tchecos que vivem no Brasil e brasileiros que vivem na República Tcheca. De acordo com a teoria da psicologia intercultural, o processo de aculturação pode ter as seguintes estratégias principais: integração dos imigrantes, que adotam a cultura da sociedade majoritária ou do país de acolhimento, mas também retêm sua original; assimilação, quando os recém-chegados se fundem com a nova cultura e deixam a sua original; separação em que os indivíduos vivem isolados da nova cultura, apenas com a sua antiga (PRŮCHA, 2004).

Todos os aspectos acima que incidem na reconfiguração da identidade do indivíduo, por meio do uso de uma nova língua e do contato com a nova cultura, estão registrados nos trechos analisados das entrevistas e serão apresentados com mais detalhes nas linhas a seguir.

O entrevistado brasileiro No 1 para a décima pergunta (Como você percebe os hábitos e costumes dos tchecos?) descreve vários costumes da cultura tcheca em ambas as línguas. Descreve a Páscoa, o Natal e o Spartakiáda⁹⁴. Percebe-se que a Páscoa em particular, além dos dois outros costumes e tradições e comportamentos sociais durante as celebrações desta festa provocam um choque cultural (OBERG, 1954; 1960) que pode ser fruto do esforço e da ansiedade decorrentes do contato com a nova cultura, do sentimento de perda, confusão e desamparo resultantes da perda de informações culturais e regras sociais anteriormente utilizadas.

Na sua língua materna, o português, destaca:

Lá no interior da Irena é muito engraçado, você tem de tudo, já em Praga não tem tanta coisa assim. Coisas de Mikuláš⁹⁵, Páscoa, isso é o mais exótico (*risos*) ... os

⁹³ No original: Někdo se s kulturním šokem vyrovnává snáze, někdo jen s velkými těžkostmi, každý různou dobu, ale všichni, kdo chtějí zůstat, se s ním vyrovnat musí. Postupně si člověk začíná vytvářet mechanismy, pomocí kterých se brání vlivu nové kultury, uchovává svou kulturní identitu, nebo přijímá identitu novou.

⁹⁴ Spartakiáda (em russo: Спартакиада) foi um evento esportivo de ginástica usado pela União Soviética como oposição e complemento dos Jogos Olímpicos. Evento esportivo ideológico e megalômano (750 mil atletas ao mesmo tempo), promovendo ideias socialistas e desenvolvido para ser utilizado como forma de propaganda política e agitação durante a dominação soviética da ex-Tchecoslováquia (nota do autor).

⁹⁵ Mikuláš é uma versão de São Nicolau e uma figura semelhante ao Papai Noel. Mikuláš está cada vez mais confundido com o Papai Noel. Mesmo assim, acredita-se que Mikuláš chega para comemorar seu dia, 6 de dezembro (alguns países o celebram, em 5 de dezembro), mas acontece antes do Natal. Esta tradição é bem

homens batem na bunda da mulher. O mais exótico tcheco é a coisa da Páscoa. Durante a Páscoa eles fazem galhos, enrolam e eles batem na bunda das mulheres para fertilizá-las. Isso, eles me disseram que é uma das coisas legais, porque você se vinga das mulheres. Isso é uma coisa inescapável (ENTREVISTADO No 1, 2019, p. 245).

Já em tcheco revela:

Acho que a história do comunismo é ótima para mim. Agora estou aprendendo sociologia do esporte na universidade e temos um texto sobre o Spartakiáda, como eles organizaram tudo, o pai da Irena participou. Você está se preparando por um ano para uma exposição, isso é famoso. Eu estive aqui por 3 ou 4 natais e vi carpas⁹⁶ - como eles matavam carpas, era muito exótico para mim. O pai de Irena me disse no primeiro Natal, você pode matar carpa, eu disse não, não. Mas porque não? Eu tentei e não consegui matá-la. Eu não mato carpas depois disso (ENTREVISTADO No 1, 2019, p. 245).

É preciso apontar que ao descrever esses tais hábitos, expressa o pronome “eles” ao se referir aos tchecos, porém vale lembrar que o entrevistado é casado com uma cidadã tcheca, morando na República Tcheca há seis anos e com filho tcheco de 14 meses. O uso deste pronome pode representar o sentimento de que não se sente “em casa” na República Tcheca. Procura assimilar-se com a cultura local, porém ainda se sente deslocado. Dentro desse cenário, pode até acontecer uma assimilação, que é quando o indivíduo não tem a preocupação de priorizar a sua herança cultural e procura absorver os comportamentos da cultura anfitriã com a qual interage (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37), porém é observável o quanto a sua cultura materna o influencia na linguagem, por exemplo.

O choque cultural das tradições tchecas, assimilação e, ao mesmo tempo, a percepção dos tchecos como “eles” indubitavelmente levam a uma reconfiguração da identidade sociocultural, seja temporária ou permanente.

O entrevistado brasileiro No 3 sempre tenta utilizar a língua tcheca com as pessoas locais, porém muitas vezes elas variam para a língua inglesa para otimização da comunicação (em sua visão) em virtude do fato de ser perceptivelmente estrangeiro e, conseqüentemente, isso pode dificultar a melhoria da sua fluência na língua tcheca. Para a quarta pergunta (Você se comunica na língua portuguesa aqui na República Tcheca) ele responde em português: “[...] sempre que eu posso tento utilizar tcheco [...]”, e em tcheco enfatiza a mesma informação: “[...] principalmente em tcheco - mas na minha versão de tcheco: neandertal (*risos*) [...]”.

conhecida na Romênia (Moș Nicolae), Eslovênia (Miklavž), República Tcheca, Eslováquia (ambos Mikuláš), Croácia (Sv. Nikola) e Polônia (Mikołaj) (nota do autor).

⁹⁶ A carpa é um prato tradicional tcheco para o jantar de Natal (nota do autor).

O entrevistado quer se integrar e não quer se sentir excluído por um novo grupo sociocultural (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37). Tal fato ocorre porque entendemos a identidade como construída discursivamente, onde o discurso é tudo relacionado à comunicação humana (GEE, 1996, p. 127). Posteriormente, podemos falar de identidade como reconfigurada nas práticas discursivas (MOITA LOPES, 2003, p. 309). O entrevistado busca integração, que se materializa no contato entre as pessoas. Como as línguas são uma expressão da identidade daqueles que as possuem, aqueles que se movem entre diferentes línguas definem sua própria identidade. Em outras palavras, todo aquele que aprende um novo idioma é redefinido como uma nova pessoa. (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69).

O mesmo entrevistado No 3 responde de forma bastante similar em ambas as línguas para a décima primeira pergunta (Você se identifica com estes costumes ou se sente como um “observador”?). Em português destaca: “[...] não sou o tipo que acredita na pureza cultural ... acho que puro, puro mesmo só vodca russa e cocaína colombiana (*risos*) ... são duas coisas puras no mundo ... então eu sou totalmente a favor de misturar tudo.”, em tcheco: “[...] me identifico como se pertencesse [...]”. Não se sente um observador, ao contrário, pelas suas respostas, verifica-se que deseja e, está conseguindo, integrar-se à cultura de seu novo país. Pode-se falar neste momento do esforço para assimilar e ao mesmo tempo se integrar. Sua integração se dá por meio da comunicação, observação e comparação da nova cultura com a sua nativa, graças à interação entre pessoas cujas percepções culturais e sistemas simbólicos são diferentes, nesse caso específico os tchecos e os brasileiros, para mudar o evento de comunicação (SAMOVAR; PORTER; MCDANIEL, 2010, p 12). A cultura, portanto, torna-se um traço característico que cria uma interface diferente entre grupos ou indivíduos que se encontram e se comunicam.

O entrevistado No 5 para a quarta pergunta (Você se comunica na língua portuguesa na República Tcheca?) responde praticamente da mesma maneira. Fica claro pelas respostas que tenta utilizar o tcheco o máximo possível, mas tem uma situação difícil pelo fato de não usar cotidianamente o tcheco nos ambientes de trabalho (trabalhe em inglês) e casa (casado com uma brasileira). As respostas também mostram que, se ele não quisesse, não teria nenhum motivo real para aprender a língua tcheca. Na parte da resposta em tcheco, se expressa no sentido de aprendizagem da língua: “[...] tenho que tentar (falar tcheco), porque moro aqui”; e para o conhecimento da cultura: “[...] sou brasileiro, mas gosto de hóquei no gelo porque moro aqui”. Usa a explicação “porque eu moro aqui” como principal argumento para sua integração.

Uma possível explicação para o acima exposto é que o entrevistado deseja se integrar à sociedade local por meio da língua e da cultura, sendo essa a sua maneira de viver melhor, simplificando e tornando sua vida mais agradável. Pinker (2018, p. 522-524) pensa na mesma direção, mostrando de forma assertiva e por meio de exemplos a importância de relações culturais de qualidade entre outras culturas, em outras palavras, a interculturalidade. Uma cultura capaz de interagir e se integrar a outras culturas fortalece o desenvolvimento de uma sociedade solidária, onde a simbiose não só é necessária, mas também enriquecedora. Aqui pode-se concluir que o contato entre pessoas, nações e culturas envolve naturalmente o processo de reconfiguração das identidades dos indivíduos e, conseqüentemente, pode se deduzir que o entrevistado está passando por uma reconfiguração de sua própria identidade.

O entrevistado brasileiro No 5 ao responder a décima primeira pergunta (Você se identifica com estes costumes ou se sente como um “observador”?) é muito claro na resposta em sua língua materna e novamente usa a expressão “moro aqui” como uma justificativa. Tem dificuldade para expressar alguns dos seus pensamentos em tcheco, no entanto, é cognoscível que tenta se envolver e participar da vida em seu novo país, tanto quanto possível.

Quando os tchecos vivem na República Tcheca, a maioria deles, aceitam e usam as normas e costumes da sua cultura, porém para o sujeito pesquisado isso não se aplica, porque eles são desconhecidos. Ele mora em um novo país, isto é: seu universo mudou, os costumes locais tornaram-se normas que vêm de algum momento da história e tenta conhecê-los e entendê-los para aceitá-los. A adaptação é vista novamente em suas respostas, mas neste caso não é apenas uma adaptação simbiótica, mas uma adaptação consciente porque tenta entender como a sociedade e a cultura funcionam. Isso é interessante porque o entrevistado não fica na superfície, sempre quer ir mais longe, procurando motivos. Nesse caso, a integração pode ser vista como uma adaptação da própria vida do sujeito, de suas próprias medidas e um esforço para compreender as diferenças entre a cultura materna e a cultura anfitriã. Pelas suas respostas fica claro que há uma integração onde existe o interesse em interação com o novo ambiente (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37).

Ao responder a décima segunda pergunta (Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica mais?), em ambas as línguas, o entrevistado No 5 foi muito emotivo, falando muito rápido e com uma voz animada que indicava grande interesse. Em tcheco disse: “Os tchecos são diretos. Gosto que os tchecos sejam muito diretos ... porque ... quando você diz “não”, é não. Quando você diz “sim”, é sim. Quando os brasileiros dizem “é bom”, eles acham que não é bom. Não é não, sim é sim. Eu adoro isso.”. Em português respondeu basicamente o

mesmo. Sua linguagem corporal também expressou entusiasmo pelo assunto enquanto se inclinava em direção ao pesquisador, olhando-o diretamente nos olhos, e a soma de seus movimentos corporais, entonação e velocidade expressava a carga positiva embutida em suas respostas. No fundo, gosta das relações pessoais e do seu funcionamento, que percebe de forma muito positiva, o que exprime nas duas línguas quando disse: “eu adoro isso”.

Pode se qualificar que a sua identidade está sendo reconfigurada nesse ponto. O entrevistado justamente fala apenas de duas palavras que ganharam significados exatos e reais na sua vida na República Tcheca. Sim é sim. Não é não. Diferentemente do que em português quando destaca que não é compreendido da mesma forma no Brasil.

Aqui é muito apropriado apoiar-se na ideia de Kramsch (1998, p. 65), como já foi descrito no capítulo 2.1, as pessoas reproduzem naturalmente a maneira como os outros falam. Everett (2019, p. 371) também compartilha essa visão, declarando que “falamos como aqueles com quem falamos”. Fowler (1985, p. 62) vai ainda mais longe, enfatizando que “a linguagem é uma prática social que cria a realidade”. Ao utilizar a linguagem as pessoas automaticamente e naturalmente imitam ou reproduzem fala das outras pessoas próximas. Se se pode partir da ideia de que aprender uma nova cultura pode significar adaptar a língua à situação e às pessoas com quem se fala, pode-se então falar em reconfiguração identitária em função do uso da língua e do ambiente sociocultural em que o falante está localizado no momento. Nesse processo de interação e relacionamento social, as pessoas naturalmente aprendem e adquirem novos conhecimentos. O contato constante com o mundo exterior leva ao desenvolvimento intelectual e à criação da própria realidade, absorvendo a cultura na qual o indivíduo está imerso.

O entrevistado No 5 ao responder a décima terceira pergunta (Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica menos?) responde da mesma forma em ambas as línguas. É muito diplomático, não reclama da culinária tcheca, mas admite que carece de um cardápio variado como o brasileiro, principalmente de carnes, dizendo em português: “[...] não estou falando que a comida tcheca seja ruim ... na verdade ela é muito boa, eu só tô falando que sinto falta ... um pouco da minha comida brasileira ... principalmente sendo paraense, ne?”. Na língua tcheca confirma o mesmo ao dizer: “Tenho saudades da comida brasileira, mas é só isso.”

A reconfiguração consciente pode ser deduzida dessas respostas ao afirmar: “estou bem aqui, gosto daqui, contudo sinto falta de algumas coisas boas do meu país”. A partir dessas respostas na entrevista, é possível observar alguns aspectos de assimilação cultural (SPIELBERGER, 2004), quando o sujeito pesquisado aceita os valores, comportamentos e crenças do novo grupo social do qual está cercado. Ainda mais precisamente, pode-se falar em

aculturação (interpenetração de culturas), que pode incluir a chamada aculturação aditiva, onde ao invés de substituir a cultura dos ancestrais, o indivíduo expande seu repertório cultural existente (ABE, 2017), que é exatamente o caso do entrevistado. Nesse contexto, vale lembrar que a cultura tem grande influência na linguagem, pois o ser humano precisa expressar os elementos culturais de uma determinada maneira, entretanto de uma forma diferente de que está acostumado em sua língua materna.

A entrevistada No 8 é um exemplo de pessoa que faz um grande esforço para preservar parcialmente sua cultura original, visto sua obstinação perante as leis na nova sociedade para batizar suas filhas com nomes brasileiros, mesmo nascidas na República Tcheca.

Ao responder a primeira pergunta (Por que você está morando na República Tcheca?) na sua língua materna ele relata: “Bom, para falar a verdade, eu moro aqui por causa do meu marido. Eu vim pra cá. Só.” Porém na língua tcheca, a língua do seu novo país, disse:

Moro aqui por causa do meu marido, vim para a República Tcheca por causa dele. Temos três filhas aqui: 13 anos e gêmeas de nove. Seus nomes são Tainara, Habaguanex e Araci, são nomes indígenas. Mas elas também têm nomes tchecos, mas eu uso esses nomes brasileiros. E não permito que as pessoas as chamem por nomes tchecos, insisto que todos as chamem de nomes indígenas: na escola, atividades depois da escola. Eu tenho configurado dessa forma. Quando elas tiverem 18 anos, as deixarei fazer o que quiserem. Não foi fácil registrar os nomes brasileiros no cadastro⁹⁷. Portanto, elas têm dois nomes e sobrenome: brasileiro, tcheco e sobrenome. E o sobrenome é só Duba, não é Dubová⁹⁸ não, eu não queria isso (ENTREVISTADA No 8, 2019, p. 300).

⁹⁷ A regulamentação dos nomes próprios varia consideravelmente de país para país e de período para período. Em alguns países é possível dar às crianças apenas nomes de uma lista predefinida; em outros, existem regras de procedimento para avaliar e aprovar nomes incomuns; em muitos países, não há restrições fixas. Na Tchecoslováquia socialista, medidas muito rígidas estavam em vigor com relação à possibilidade de escolher nomes para seus descendentes. Uma nova lei está em vigor na República Tcheca democrática desde 2001. É importante para esta tese de doutorado apontar que nomes que não constam na lista de nomes “aprovados” só podem ser utilizados em caso de justificações e defesas “adequadas”; por exemplo, no caso de estrangeiros. Mesmo assim, o nome deve ser aprovado pelo cadastro central de nomes que vai decidir (nota do autor).

⁹⁸ A mudança de sobrenome consiste na adaptação quanto ao gênero, ou também de estado civil do portador, e na expressão de seu gênero gramatical. Algumas línguas endossam o sobrenome para determinar rapidamente o gênero de seu portador, a declinação correta e, assim, uma melhor compreensão das relações na frase (por exemplo, entender quem é o sujeito da frase e quem é o objeto). Ou a variante feminina do sobrenome é formada como uma variante masculino básica, ou as variantes masculino e feminina são gramaticalmente simétricas. Além disso, em algumas línguas e culturas, os sobrenomes das mulheres (expressando afiliação familiar) foram distinguidos pelos sobrenomes dos maridos. O apelido de sobrenomes é típico especialmente para línguas flexionadas, nas quais geralmente é executado com sufixos específicos. No caso desta tese de doutorado, o sobrenome do marido é "Duba", a esposa automaticamente se chamaria "Dubová". No caso do autor da tese seria: "Pasek" e "Pasková". No caso de mulheres estrangeiras, elas podem solicitar uma isenção, que normalmente lhes é concedida (nota do autor).

A entrevistada fala de forma breve e concisa em sua língua materna. Ao contrário, na língua tcheca descreve, além da resposta em si, também sua trajetória familiar, onde fala enfaticamente sobre suas três filhas. Na parte em que explica a escolha dos nomes, a dificuldade de registrar esses nomes em seu novo país e a decisão de não adaptar o seu sobrenome e de suas filhas aos costumes culturais tchecos, há uma predisposição pela preservação do seu patrimônio cultural.

A entrevistada deseja se integrar ao máximo à sociedade tcheca, o que será observável nas próximas respostas. Porém, pela resposta em língua tcheca, fica visível seu esforço pela chamada aculturação, que neste caso inclui a aculturação aditiva, na qual consegue expandir seu repertório cultural existente (ABE, 2017), quando dá grande ênfase ao uso dos nomes de suas filhas que já nasceram na República Tcheca e com isso deseja transmitir a elas, por meio de seus nomes e sobrenomes pessoais, parte de sua cultura brasileira. O processo de aculturação pode variar para cada indivíduo de acordo com o lugar, a época e os grupos sociais e está intimamente ligado à linguagem. Portanto, a cultura, neste contexto, tem uma influência significativa na língua, pois cada indivíduo necessita expressar os elementos culturais de uma determinada forma, mas de uma forma nova e diferente daquela a que está habituada na sua língua materna.

A entrevistada número 8 é, também, um exemplo de uma pessoa que se muda para outro país e não se satisfaz com isso há muito tempo e cai em uma “armadilha” de onde não pode sair sem causar um grande colapso da própria família.

Ao responder a segunda pergunta (Você gosta de morar na República Tcheca?) respondeu em português:

Agora ... gosto. Mas nunca foi assim. Eu não gostava de morar aqui. Eu acho que ... eu sentia muita falta da minha família, do Brasil, tal ... eu praticamente deixei tudo lá pra vir pra cá, por essa escolha, por eu ter vindo pra cá, por causa do meu marido [...] foi difícil para mim ... antes, agora não ligo (*risos*) (ENTREVISTADA No 8, 2019, p. 302).

Na língua tcheca, a entrevistada fala de forma breve e concisa, com o mesmo conteúdo: “Agora posso dizer que sim. Mas não foi assim. Foi mais difícil, mas está tudo bem. Estou acostumada, não me importo.” Pelas respostas, é compreensível a não classificação da sua vida no novo país em escalas de “Gostar Vs Não Gostar”, e sim pela ideia de que ela esteja “acostumada”.

De acordo com as respostas, pode-se deduzir que vivenciou um choque cultural considerável, que experienciou ao se mudar para um novo ambiente cultural e, principalmente, por ter emigrado do seu ambiente de origem, o círculo de sua família e amigos. O choque cultural como um sentimento de ansiedade de uma nova cultura (OBERG, 1954; OBERG, 1960) não é mais percebido como uma doença como no passado e pode ser dividido em diferentes categorias; no caso deste sujeito de pesquisa uma abordagem comportamental, psicológica e sociocultural pode ser considerada (CHAPDELAIN e ALEXITCH, 2004; SEARLE e WARD, 1990). Pode-se induzir que já atingiu o ponto de reconciliação interior com o fato de viver em um novo país quando diz em português: “Não ligo”, e em tcheco confirma: “Estou acostumada, não me importo”.

O sujeito pesquisado em sua língua nativa, ao responder a décima pergunta (Como você percebe os hábitos e costumes dos tchecos?) fala expressamente sobre o machismo, semelhanças e diferenças entre o Brasil e a República Tcheca e o papel subalterno da mulher na cultura tcheca, a partir do seu exemplo pessoal. Pondera em voz alta que as mulheres tchecas também podem ser, sem saber, machistas. Além disso, menciona que considera alguns cidadãos tchecos inflexíveis e tradicionais:

[...] o que não percebi logo no começo, é o país muito machista. Do meu ponto de vista. Mas é o machismo muito mais duro, do que o machismo que eu tava acostumada no Brasil ... tipo assim ... que a mulher mesmo ... não sei se a mulher em si se ela também se auto ... inconscientemente ... se autodefine como machista ..., mas o homem senta e a mulher tem que o servir, o homem não vai ajudá-la. E ele meio que exige que a mulher, além de trabalhar fora, tem que cuidar dos filhos, e cuidar da casa ... e dele também. Você tem que ter tudo ... meio que vamos dizer perfeita para ele ... pacote. [...] além disso os tchecos gostam muito das tradições (ENTREVISTADA No 8, 2019, p. 310).

Pelo contrário, na língua tcheca fala exclusivamente sobre a sua experiência negativa com a adaptação ao ambiente tcheco, que não se sentiu bem recebida e que sempre foi ela quem teve de se adaptar: “Eles são fechados completamente. [...] Eu era estrangeira, tive que me adaptar, não eles. Se eu quisesse estar com eles e entendê-los, eu tinha que tentar entender, conversar. Não foi muito agradável.” No entanto, cria a hipótese para essa experiência de “distanciamento” ter sido causado em virtude do comunismo antes da época da sua chegada (como ela menciona) e por essa razão acredita que os tchecos não estavam acostumados com os estrangeiros, o que - a seu ver - mudou muito nos dias de hoje. Também destaca o estranhamento com o costume de as famílias tchecas se reunirem em pequeno número, em comparação com às brasileiras, pois, para os tchecos a família significa apenas o primeiro núcleo familiar.

Na resposta em português, se expressa com carga positiva, falando da experiência própria como algo que a moveu para frente e que não a incomoda mais hoje. Já na língua tcheca tem entonação e linguagem corporal mais triste, com a fala mais devagar, deixa claro que os fatos que descreve foram desagradáveis para ela e que lhe custou muita energia lidar com os acontecimentos. Em síntese apontou as diferenças, porém o conteúdo não se contrapõe.

Como já foi mostrado e explicado nas seções anteriores desta tese, a identidade nunca é formada por um único aspecto, mas depende de muitos impulsos e elementos ao redor do indivíduo, que estão em constante mudança. Neste caso é evidente que por muito tempo a entrevistada experimentou um choque cultural significativo (OBERG, 1954; OBERG, 1960) com a nova cultura, com o pensamento dos tchecos e os costumes com os quais teve que lidar e aos quais teve que se adaptar. Na contemporaneidade, é necessário compreender a identidade como formada por relações e suas dinâmicas variáveis (HRDÁ e ŠÍP, 2011, p. 442), neste caso particular, é possível focar especificamente: contextos parciais de cultura e história; um exame cuidadoso não apenas do próprio indivíduo, mas também do mundo exterior com o qual ele está rodeado; ênfase na combinação e fusão de identidades em uma rede de relacionamentos diversos com outras pessoas; ênfase em valores (a identidade é determinada por valores que são interpretados e mudam constantemente).

É instigante notar que nas respostas em tcheco menciona praticamente apenas experiências negativas, enquanto em português tenta falar de forma mais neutra e buscar aspectos positivos também. Por este ângulo, vale muito a pena lembrar que a própria linguagem dificilmente pode explicar todo o conteúdo sem o conhecimento da cultura. “A língua nunca expressa tudo. A cultura preenche os detalhes.” (EVERETT, 2019, p. 272) exprime precisamente a necessidade de o usuário de uma língua não-materna ter um conhecimento mínimo das expressões não linguísticas e culturais que permitam a compreensão dos significados.

A entrevistada usou as afirmações: “Não me importo; estou acostumada” várias vezes em respostas anteriores, o que pode significar uma certa renúncia, devido a uma situação de conformidade em relação à sua situação familiar, mas também pode denotar uma certa expressão de paz interior, algo com o que não se preocupa mais por entender que não mudará. Sua resposta no idioma tcheco é mais uma vez muito breve e curta, enquanto, na resposta em português se abre mais, com mais detalhes, e demonstra descontentamento com a prática social local em relação à necessidade de marcar um encontro nos espaços coletivos, diferente do costume brasileiro, e enfatiza a falta de maior espontaneidade dos tchecos. Além disso, é

relevante observar, que mesmo após uma estadia relativamente longa de quase 15 anos no ambiente tcheco, afirma não ter amigos tchecos, diferentemente dos outros sujeitos brasileiros pesquisados.

As práticas sociais estão intimamente ligadas aos papéis sociais, que são definidos como padrões de comportamento impostos externamente aos indivíduos e relacionados às expectativas dos outros (RODRÍGUEZ CAAMAÑO, 2001) e não têm relação com o próprio indivíduo. No entanto, papéis sociais e personalidades, na concepção da Linguística Aplicada, identidade, interação, se influenciam e se moldam. As ciências sociais relatam os papéis sociais (JANDOUREK, 2003, pp. 61-63) como um conjunto de normas, direitos, deveres e explicações que condicionam o comportamento dos indivíduos em um grupo. A partir das respostas, pode-se deduzir que o sujeito entrevistado não tinha alcançado, por diversos motivos, os papéis sociais que a sociedade e a cultura local esperam dele e, portanto, pode vivenciar seus sentimentos de decepção e incompletude. O papel social não é um fator decisivo para a interculturalidade, porém pode ser considerado como um dos aspectos que determinam o grau de problemas ou complicações entre duas ou mais culturas, onde a cultura é o conhecimento tácito e a prática visível dos papéis sociais, posições e formas de compartilhar na comunidade (EVERETT, 2019, p. 362).

A entrevistada brasileira No 9, ao responder a décima pergunta (Como você percebe os hábitos e costumes dos tchecos?) em português afirma:

Eu acho que já me adaptei muito aqui. [...] o que eu acho interessante é que os tchecos, eles são, em maioria, ateístas, que eu tinha escutado que cerca de 70 por cento de ateístas ou então que não têm religião e no Brasil é o contrário, 70 por cento ... cristianismo. [...] vocês continuam tendo as tradições cristãs e mantendo ... por exemplo na Páscoa vocês comemoram, ou no Natal vocês ensinam as crianças sobre o menino Jesus [...], mas eu acho muito bonito e interessante isso ... que vocês mantêm as tradições até mesmo em Praga, uma cidade grande ... eu acho muito bacana isso aqui. No Brasil mesmo sendo muito cristão não tem isso de manter tradição ... é mais festa (ENTREVISTADA No 9, 2019, p. 335).

A entrevistada disse que se “adaptou”, então não se surpreende mais. Em qualquer caso, comenta em ambas as línguas sobre o fato de que existem tradições cristãs muito vigentes na República Tcheca, embora a população local seja, em sua maioria, descrente. Na língua tcheca, é muito significativo que usa “vocês” ao falar sobre os tchecos, entretanto isso pode ser contextualmente entendido como uma forma de resposta quando a pergunta é formulada no sentido: fale sobre os tchecos.

A entrevistada passou por uma forma muito branda de choque cultural (OBERG, 1954; OBERG, 1960), quando conheceu a nova realidade em uma nova sociedade. O choque cultural é uma parte muito natural da mudança para um novo país, todavia a rejeição de uma nova cultura deve ser superada no interesse de uma integração mais profunda. Como já foi demonstrado em análises de questões anteriores, o sujeito pesquisado aceita a cultura tcheca, no entanto, em relação às questões religiosas e ao fato de os tchecos respeitarem fortemente as tradições, obviamente a surpreendeu. O que é muito positivo em sua abordagem é o fato de ela usar essas diferenças culturais para pensar, refletir, comparar com os hábitos brasileiros e finalmente aceitá-las quando diz: “eu acho muito bacana isso aqui”. Também sob esse ponto de vista, confirma-se que está passando por uma reconfiguração parcial de sua identidade.

Como ela mesmo estava declarando, sente-se “mais observadora do que ... eu acho que estou perdida entre dois mundos”, quer se identificar com os costumes tchecos, todavia se sente como uma observadora desses costumes e tradições que gosta. Não fica claro nas respostas à décima primeira pergunta se não se sente mais parte da cultura e dos costumes brasileiros e, também é possível, de acordo com as respostas, estimar que já está envolvida nos costumes tchecos, ao confirmar em tcheco que se sente: “Mais como uma observadora, porque ... eu não cresci com isso. Porém é algo que eu gosto. Mas não sinto os costumes em mim.”

Interculturalidade, cosmopolitismo são dois termos que podem ser identificados com clareza em suas respostas, quando ambos existem desde o início da humanidade, e quando ambos devem ser entendidos como realidade e oportunidade que promove sociedades amigáveis e abertas nas quais a simbiose é necessária e benéfica (PINKER, 2018, pp. 522-524). Nessa entrevista, novamente, pode-se observar um grande esforço de integração e adaptação, em nenhum caso se pode falar em rejeição ou sentimento de exclusão (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37). Seu esforço para equilibrar seu estado atual, quando realmente desistiu de seus costumes brasileiros e tenta “mergulhar” em novos costumes tchecos, pode ser visto como um processo de renegociação, organização não só dentro de seu atual grupo social, mas principalmente dentro e em harmonia com a nova cultura, para a qual, é claro, seu conhecimento da língua tcheca abre as portas (EVERETT, 2019, p. 32). Similarmente a identidade do indivíduo examinado deve, portanto, ser observada através de uma visão pluralista na estrutura interdisciplinar em conexão com o fato de ela estar exposta a um grande número de intrusões nas quais essa identidade é reconfigurada (JANÍKOVÁ, 2016, p. 24-50). Ressalta-se também que as identidades de cada indivíduo estão em constante estado de transformação e reajustamento, adaptando-se às novas circunstâncias e relações estruturais

(RAJAGOPALAN, 2004, p. 71) que ocorrem a cada momento individual da vida de um ser humano e, após aquele momento muda novamente, se transforma e tem que se recalibrar. Até que ocorra uma mudança de identidade mais forte e de longo prazo, especialmente no caso de mudanças importantes como a mudança para um novo país, o indivíduo pode se sentir como a entrevistada, “perdida entre dois mundos”. Em vista disso pode-se supor que os hábitos dos outros às vezes são difíceis de entender, porque não estão nos genes transferidos, temos que adaptar nossos próprios hábitos aos novos. Cada país tem tradições aceitas por gerações que não são questionadas porque não somos observadores e quando nos posicionamos como observadores, qualificamos não apenas os costumes do país anfitrião, mas também dos nossos ancestrais.

O entrevistado No 10, o homem tcheco, ao responder a décima pergunta (Como você percebe os hábitos e costumes dos brasileiros?) em tcheco, destaca: “É muito complicado. Em nossa cultura, por exemplo, espera-se que o homem se distancie racionalmente, e não demonstra emoções, o que não se compara ao homem brasileiro.”, pensando um pouco, continua: “Não percebo hábitos e costumes porque não vivo de acordo com eles. No entanto, isso me afeta porque os arredores esperam que eu faça.”, pensando de novo, continua: “Somos obrigados a nos adaptar, mas internamente tenho problemas em aceitar. Eu resisto e fico na defensiva [...], este é o componente mais difícil da adaptação [...]”. Já está claramente mais relaxado do que no início da entrevista e, conseqüentemente, mais à vontade para expor suas impressões internas sem a preocupação de ser julgado.

Na língua portuguesa responde da seguinte maneira:

Muito distante de mim, muito diferente. Eu sinto que devo me afastar ou devo me adaptar em seguir o mesmo. Eu sou uma vez assim, outra vez assim. Às vezes me sinto à vontade e às vezes não. Por exemplo, socialização das pessoas. O que é bem conhecido – os brasileiros não sabem como ficar sós, eles não são capazes de ficar sós. Eles não se vivenciam sós mesmos, eles se vivenciam só em contanto com os outros. Psicologicamente falando eles não são conscientes de si mesmos. Eu, ao contrário, gosto muito de minha privacidade, de ficar só. Eu fico bem. Eu saio quando quero, eu não sinto obrigação quando tem algum evento de ficar com os outros. Eu escolho. Enquanto os brasileiros sempre vão (ENTREVISTADO No 10, 2019, p. 356).

Do ponto de vista de Gee (1996, p. 127), identidade é vista como construída discursivamente, podendo ser implementada nos modos de vida, nas interações, nas expectativas culturais de uma determinada sociedade. Essas expectativas se dão através da comunicação com as “instruções” relevantes, por exemplo, como agir, como falar etc.

Considerando o pensamento de Gee, pode-se observar que o sujeito entrevistado reluta em se adaptar a essas instruções, “luta” contra elas, o que é reconhecível por seus comentários nas respostas para a décima pergunta, em tcheco ao dizer: “Eu resisto e fico na defensiva.”, já em português comentou: “Eu sinto que devo me afastar ou devo me adaptar em seguir o mesmo.”

O entrevistado ao comentar sobre a sua “incompreensão das piadas locais” (sétima resposta em português: “Existem situações as quais eu não entendo, gíria, piadas, isso continua sendo problema.”, décima primeira resposta em português: “[...]não entendo sempre as piadas.”), mostra o choque cultural que pode ser atribuído à sua incapacidade de compreensão da cultura local. A implementação da sua cultura em uma nova cultura lhe traz sentimentos de incompletude e inquietação, o que pode ser compreendido pelo conceito do choque cultural, descrito pela primeira vez por Oberg (1960, p. 180). O choque cultural causa desorientação pessoal do desconhecido modo de vida. Segundo Silva, Melo e Anastácia, autoras do livro *Nômades Contemporâneos* (2009), um indivíduo que vive temporária ou permanentemente em outra cultura tenta, sem saber, refletir nela os costumes, valores e legados de sua própria cultura.

Quando o entrevistado tcheco No 11 ao responder a décima pergunta (Como você percebe os hábitos e costumes dos brasileiros?) fala sobre a cultura local, comenta em língua tcheca sobre a riqueza da cultura de Salvador, uma mistura das culturas africana e colonial (cristã), e que, graças a essa diferença, gosta da cidade:

[...] eles são obviamente muito diversos, lindos e eu realmente aprecio que Salvador seja uma cidade cultural que mantém muito a sua bagagem cultural e os vários feriados que aqui acontecem. [...] o povo soteropolitano realmente não renunciou a esse folclore e é uma parte muito importante da cultura deles, que me atrai e eu gosto e é legal. Viaja-se para outros países justamente para ver alguma alteridade, para olhar algo diferente do que se conhece e é isso que Salvador cumpre maravilhosamente. Em outras partes do Brasil eles não têm tanta cultura, não que sejam menos culturais, mas a cultura é em muitos aspectos mais parecida com a europeia. Mas Salvador graças a uma síntese da cultura africana e colonial, cristã ... oferecendo uma grande diversidade. Tem muita coisa que você tem que se acostumar aos poucos porque, por exemplo, do nosso ponto de vista, falta lógica, ou até mesmo a gente vê os próprios brasileiros reclamando, porém ao mesmo tempo não resolvendo coisas que são ... iguais todos os dias. É preciso se acostumar com o fato de que algumas coisas são apenas ditas e não significam nada ... algumas coisas são ditas e querem dizer demais... é assim ... eles nem falam e querem dizer alguma coisa. O tom com que se fala é muito importante aqui. Não importa o que você diga se você falar de forma mais sublime, mas expresse no tom errado, então já está errado, então o conteúdo aqui não é tão importante se você o explicar no tom certo, então você precisa ter cuidado com o que tom que uma pessoa fala (ENTREVISTADO No 11, 2019, p. 376).

Na parte portuguesa da resposta observa, de uma forma geral, que temos de aprender e respeitar, porque não existe outro caminho, não é bom tentar mudar o mundo como pessoa de fora. Quer entender a cultura local para se sentir melhor ao dizer:

[...] não tenho problema nenhum com os hábitos, com os costumes, eu acho que é o diferente ambiente cultural, que coisas culturais são coisas culturais, que ... que nós, como pessoas que estamos morando aqui ... temos que aprender e respeitar, porque não tem outro jeito, não cheguei aqui para mudar o mundo, não cheguei aqui para mudar Salvador ... ou o jeito como as pessoas percebem a realidade delas. Isso é coisa que só quero entender melhor, para me sentir melhor aqui, mas não quero mudar nada aqui. Depende das situações, são coisas ... posso imaginar que como turista ... você tem vida muito boa aqui, porque não está confrontado com coisas da realidade dia por dia que tem os brasileiros que estão morando aqui. Tipo ... se você tem que resolver coisas aqui ... coisas oficiais, ir para um escritório, usar o banco, qualquer lugar ... tem que receber o CPF, tem que preencher o registro.... isso tudo demora muito, demora tanto tempo, que alguma pessoa pode facilmente perder a paciência. Isso não é só coisa pessoal que eu percebo que eu posso ver, que ninguém ... de que as pessoas locais também ... não estão felizes por esperar o dia todo para resolver uma coisa só e várias vezes não resolvem nada. Então ... são coisas que são complicadas para pessoas que ... que não estão acostumadas para demorar dia todo para ... receber um carimbo ... resolver uma coisa. Mas ... não sei o que eu posso fazer mais do que esperar como qualquer outra pessoa aqui, então espero (ENTREVISTADO No 11, 2019, p. 376).

Responde à segunda parte da pergunta de maneira um pouco diferente nas duas línguas. Em tcheco, descreve a necessidade de se acostumar com as situações locais e recorrentes. O entrevistado também menciona, repetidamente, a necessidade de usar um tom adequado na comunicação: “O tom com que se fala é muito importante aqui.”. Em português, retrata mais a diferença entre a vida dos cidadãos locais e dos turistas. Aqui fala muito sobre a realidade de que tudo leva muito tempo e como é difícil para as pessoas se acostumarem com esse modo de vida, inclusive os próprios brasileiros.

Durante parte das suas respostas a forma como o entrevistado se expressa pode ser caracterizada como irônica e até moralizadora, mas não aplica nenhuma crítica específica da sociedade que descreve. Fala sobre folclore e cultura local, e sua abordagem aos detalhes curiosos do folclore geralmente tem um aspecto romântico. Seu interesse por pequenos detalhes, cores e locais pitorescos pode ser rastreado, e seu interesse pelo tema é óbvio. É tcheco que observa e descreve a cultura baiana e, ao falar do cotidiano em português, sente-se brasileiro, esquece a riqueza do folclore e reclama dos obstáculos do cotidiano. As respostas em ambas as línguas são muito diferentes.

Como já mencionado, a língua é um fator social e se caracteriza pelos aspectos culturais dos grupos aos quais pertence e, como algo intangível, é construída por expressões culturais, externalizando a mentalidade da comunidade e retratando a “visão de mundo” na qual eles confiam. É apropriado citar, neste contexto, o pensamento de Everett (2019, p. 369): “Mudanças

culturais causam mudanças linguísticas”. A partir disso, pode-se deduzir que a relação entre cultura e língua é mútua e, posteriormente, pode-se concluir que as mudanças linguísticas também trazem mudanças culturais.

O entrevistado No 12, ao responder a décima pergunta (Como você percebe os hábitos e costumes dos brasileiros?) na sua língua materna, o tcheco, descreve suas visões sobre os brasileiros e algumas de suas características específicas:

[...] é o mundo completamente diferente aqui, uma cultura completamente diferente [...] quando se trata de relacionamentos e coisas assim, acho que muitas vezes é superficial aqui ..., mas apenas você vai entender quando você mora aqui. [...] sim, os brasileiros são abertos, são muito acolhedores, eles fariam tudo, mas no momento em que você começa a trabalhar aqui, você basicamente descobre que eles realmente prometem tudo isso ou dizem “sim” só porque não querem dizer “não”. [...] e é um problema. Mas eles nem mesmo acham isso estranho. Eles simplesmente aceitam [...] eu diria como “Deus não deu”. Eu prometi, mas Deus não deixou, eu não tenho culpa, porque ... a minha foi só a promessa, o que não aconteceu é culpa de outra pessoa. Aí tem outra coisa que eu ... que é desagradável para mim ... O brasileiro absolutamente não admite a sua responsabilidade por nenhuma coisa, por nada. Mas ele xinga e aponta para os outros quando eles fazem isso, mas quando se trata de si mesmo, está tudo bem e é algo que é comum e que todos têm que entender. [...] O tempo ... o horário não desempenha nenhum papel aqui. No momento em que você tem um encontro marcado - não só a pessoa chega uma hora depois e leva tudo normalmente - ou nem chega - porque está chovendo, por exemplo. Essas são as desculpas (ENTREVISTADO No 12, 2020, p. 404).

Em contraste, em português, compara o Brasil duas vezes com a República Tcheca de forma bastante consciente e clara, com basicamente o mesmo conteúdo da resposta:

Sim ... é o mundo e a cultura completamente diferente do que eu estou acostumado. Completamente diferente do mundo tcheco, e dos hábitos tchecos ... em forma de comprometimento, confiança e ... e essa poder de pegar ... tomar responsabilidade para as próprias decisões das pessoas aqui no Brasil. É muito diferente, me incomoda ... que a pessoa que mora aqui ... acho que precisa ser ... eu preciso estar pronto para enfrentar essas situações. O que eu não falei é que essas situações, como comprometimento, confiança e responsabilidade sobre os atos pessoais ... é sim ... é pior aqui do que na República Tcheca. As pessoas ... eles prometem, mas eles não entregam. Eles falam, eu vou fazer isso, isso e isso, mas quando você ... vai buscar, você não vai receber ... e todo mundo tá ... calmo, aceita isso, eu não. Para mim ... se eu falo alguma coisa, não precisa ser escrito, eu falo e eu estou fazendo ... e essas são as diferenças. Então, isso me incomoda. Porque lá, na República Tcheca, eu posso me sentir mais seguro, mais certo com a maior grupo das pessoas que eu nem conheço ... aqui as pessoas que eu conheço ... e eu toda vez tenho que estar pronto que algo não vai dar certo (ENTREVISTADO No 12, 2020, p. 404).

Não tenta ser extra diplomático em nenhuma das línguas. É interessante notar que, apesar de sua longa vida no Brasil, percebe essas diferenças culturais com tanta intensidade.

Quando duas culturas se encontram, o que se chama de interculturalidade (como discutido no capítulo 2.1.2 Conceito(s) de interculturalidade), na maioria das vezes, e nesse respondente é bastante evidente, ocorre um choque cultural. O entrevistado experimenta desorientação pessoal porque não está acostumado com os fenômenos que descreve: relações pessoais superficiais, promessas não cumpridas, falta de responsabilidade, uma visão diferente do valor do horário. Um modo de vida desconhecido, novas regras sociais e culturais podem causar ansiedade (OBERG, 1954; OBERG, 1960), que o entrevistado descreve quando, entre outras coisas, diz que isso o “incomoda” duas vezes em uma resposta. O choque cultural afeta a identidade pessoal de um indivíduo e pode ser de curto prazo ou persistente.

Analisando a décima primeira pergunta (Você se identifica com estes costumes, ou se sente apenas como um “observador”?) do mesmo entrevistado No 12, na língua tcheca, disse: “[...] ainda me surpreendo, não posso dizer que lidaria com isso, que aceitaria ... e aprovaria. [...] eu penso que uma pessoa tem que aprender a aceitar isso [...] senão ficaria louco [...]”. Resposta na língua portuguesa confirma a sua postura ao dizer: “[...] isso me incomoda, isso tem a influência da ... na minha vida ... então eu não sou somente o observador [...], mas eu tenho que aceitar que tenho que ficar pronto para essas situações.”

O entrevistado ainda, depois de tanto tempo de moradia no Brasil, é afetado pelos costumes dos brasileiros e não se identifica com eles e, porém, não se considera um observador. Ele os aceita, mas tenta explicar seu ponto de vista para aqueles que estão ao seu redor. Esses costumes o incomodam muito, mesmo assim age com otimismo e está disposto a seguir trabalhando com eles. Em ambas as línguas responde de forma muito semelhante, em português é claro que dedica mais energia para encontrar as palavras adequadas para exprimir os seus sentimentos.

A partir de ambas as respostas, é possível confirmar a presença de um choque cultural que ainda vive, que afeta a identidade pessoal do indivíduo, podendo ser de curto prazo ou permanente, indicando uma reconfiguração da identidade.

Além do choque cultural, pode-se observar também que o entrevistado carrega consigo um repertório próprio de costumes, valores, rituais e patrimônios da própria cultura, que negocia incessantemente (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37). Essas discussões em andamento mostram que ele é um projeto inacabado, em constante transformação e que, muitas vezes, luta com sentimentos de incompletude. Cada indivíduo vive em uma reconfiguração permanente lutando por algo que nem ele mesmo sabe exatamente o que é e esse sentimento de inquietação

ocorre principalmente entre os expatriados neste mundo global onde os conflitos culturais dão um maior panorama das angústias existenciais.

A entrevistada tcheca No 17 para a oitava pergunta (Quando você chegou aqui, teve dificuldade com a língua portuguesa?) revela na sua língua materna que: “Falava nada [...] nos disseram que todo mundo aqui fala inglês [...] o que não é inteiramente verdade [...] então foi um choque cultural [...].” Em português confirma o mesmo ao dizer: “Eu não tive dificuldades (*rindo muito*), porque não falava nada. ... isso foi um fator bastante difícil [...] eu chorei nos primeiros seis meses, eu chorei. Isso foi um choque cultural grande.”

A entrevistada descreve seu choque cultural no primeiro contato com o Brasil, que ocorreu de forma diferente do que esperava. Sem capacidade de comunicação na língua local, o choque foi muito intenso, o que comenta ao dizer “chorei nos primeiros seis meses”. Experimentou o maior choque cultural em comparação com todos os indivíduos pesquisados nesta tese. Sem conhecimento do idioma, mesmo com intérprete, em um ambiente novo e desconhecido onde ninguém fala inglês (em suas palavras), e grávida, deve ter experimentado grande desorientação e ansiedade pessoal (OBERG, 1954; OBERG, 1960). Acredita-se que a entrevistada passou por todos os cinco tipos de choque cultural em seu processo de adaptação: cognitivo, comportamental, fenomenológico, psicológico e sociocultural (CHAPDELAINE e ALEXITCH, 2004; SEARLE e WARD, 1990).

A entrevistada No 17 diz o mesmo conteúdo nos dois idiomas ao responder a décima primeira pergunta (Você se identifica com estes costumes, ou se sente apenas como um “observador”?) É muito clara sobre o que gosta na cultura brasileira e o que não é do seu gosto. Percebe alguns aspectos da cultura positivamente e que a motiva, outros observa e ainda não está acostumada com eles.

A entrevistada, como a grande maioria dos seres humanos, está em constante processo de interação e relações sociais com o seu entorno. O contato contínuo com o exterior leva à aprendizagem, à aquisição de conhecimento, ao desenvolvimento intelectual e à criação da sua própria realidade e à absorção da cultura na qual estamos imersos. Do ponto de vista da respondente, pode-se elencar em assimilação cultural, que é um processo no qual um grupo ou a cultura minoritária tenta se assemelhar a um grupo dominante ou adota os valores, comportamentos e crenças desse grupo (SPIELBERGER, 2004). Pode ser descrito como uma analogia de aculturação (penetração mútua de culturas), também pode ser uma chamada aculturação aditiva, em que o indivíduo expande seu repertório cultural atual ao invés de substituir a cultura ancestral (ABE, 2017), que é o caso deste sujeito pesquisado. O processo de

assimilação de cada indivíduo pode variar de acordo com o lugar, a época e os grupos sociais e está intimamente ligado à linguagem. Nesse contexto, a cultura exerce grande influência sobre a linguagem, pois é necessário expressar os elementos culturais de alguma forma, mas de forma diferente na própria língua materna, conforme evidenciado por Fowler (1985, p. 62): “a linguagem é uma prática social que cria realidade”.

Continuando com a análise da entrevistada No 17, ao responder a décima terceira pergunta (Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica menos?), revela na sua língua materna, o tcheco, que:

A falta de confiabilidade ... que eu vejo como o outro lado dessa tolerância ... é a simplicidade com a qual eles tiram conclusões ... [...] e simplesmente não são confiáveis no sentido de “se Deus quiser”. [...] Porque estamos esperando que algo aconteça ... aconteça sozinho (*risos*). Eles lamentam que você tenha um problema porque eles não fizeram algo ... e eles sinceramente e empaticamente lamentam que isso tenha acontecido ..., mas não têm um segundo passo para fazer o que prometeram ... então é uma coisa que me irrita aqui todos os dias (ENTREVISTADA No 17, 2020, p. 452).

A entrevistada apresenta um pensamento muito analítico e vincula as perguntas e respostas ao que ela mesma disse nas seções anteriores. Basicamente, coloca tolerância e falta de confiabilidade em uma cesta, o que não é um elo muito comum. Em sua língua materna, é mais enfática, dizendo: “isso me irrita”, do que em português, onde se preocupa essencialmente com os brasileiros quando diz:

Comprometimento ... comprometimento e responsabilidade que eu acho que ... na verdade, tem mais uma coisa, que lembrei agora ... eles têm muita confiança ... então é fácil de manipular, não acho bom, não sei se é falta da educação ... ou é falta da experiência (*risos*), mas eu acho que eles comprem qualquer coisa, eles acreditam ... não é que não gosto, para vender é bom, mas acho que é perigoso (ENTREVISTADA No 17, 2020, p. 452).

Em suas respostas, a entrevistada descreve o seu cotidiano que é claramente relacional ao choque cultural (OBERG, 1954; OBERG, 1960) ao falar sobre as justificativas, desculpas, falta de confiança e outros aspectos culturais que a “irritam a cada dia”. Pode-se considerar que há implícita desorientação pessoal, ansiedade e desconforto. Na sua interação com o seu entorno imediato, cujas percepções culturais e sistemas simbólicos se diferenciam para mudar o acontecimento comunicacional (SAMOVAR, PORTER, MCDANIEL, 2010, p.12), a cultura torna-se um traço distintivo que cria uma interface diferenciada entre os grupos ou indivíduos

que se encontram e se comunicam, pode-se falar de interculturalidade. Em princípio, não existe uma cultura melhor que a outra.

4.4.3 A autocensura e suas consequências na reconfiguração identitária

Das entrevistas analisadas pode-se deduzir que a autocensura é uma retenção deliberada e voluntária de informações aos outros sem obstáculos formais, isso acontece por medo ou respeito pela sensibilidade ou preferências dos outros. Pode-se falar de autocensura em atividades tão comuns como reduzir e ajustar a própria opinião na comunicação, dependendo de com quem o diálogo é, o que acontece muito frequentemente em contatos interculturais.

As pessoas muitas vezes se comunicam para confirmar sua identidade e sentimento de pertencimento. Podem expressar suas opiniões ou ocultá-las por medo de exclusão ou impopularidade. As normas e crenças sociais compartilhadas, na perspectiva de autocensura, criam um sentimento de pertencimento, mas também podem criar repressão de expressão para se adequar ou pertencer a elas. As pessoas podem ajustar suas crenças ou opiniões para se adequarem à atitude da maioria. São vários os fatores que contribuem para a autocensura, como gênero, idade, escolaridade e a intensidade do contato com a cultura majoritária. Para alguns, o motivo da mudança de crenças e opiniões é o medo do isolamento e da exclusão. Para essas pessoas, expressar suas próprias crenças é menos importante do que o medo das reações negativas dos outros ao expressar essas crenças.

Ao aplicar a autocensura, ou apenas quando é impossível expressar a sua opinião para alguém (por exemplo, devido a habilidades linguísticas limitadas, o que é o caso dos sujeitos analisados), o indivíduo pode sentir frustração por não conseguir expressar aquilo que deseja no caso de uma informação ou posicionamento importante. Nestes momentos podem ocorrer decepção ou frustração, especialmente se a comunicação em um futuro próximo não for possível contornar, seja porque simplesmente não funciona mais ou por impedimento.

Se um indivíduo é exposto por muito tempo à autocensura em combinação com outros fatores, isso pode afetar sua percepção de mundo, a cultura majoritária e leve a uma reconfiguração de sua identidade.

O primeiro entrevistado, para a oitava pergunta (Quando você chegou aqui, teve dificuldades com a língua tcheca?) respondeu na sua língua materna: “Eu tive. [...] Tive muitos problemas, sim. Logo percebi que preciso tcheco para passar por toda a burocracia tcheca.”. Na

sua nova língua, o tcheco, relatou: “Sim, na polícia para estrangeiros, quando estive lá pela primeira vez, tentei falar em inglês, mas recusaram, porque aqui se fala tcheco. [...] O mesmo no meu trabalho, a nossa secretária só fala tcheco comigo, porque é uma língua oficial.”

Em suas respostas, confirma que teve problemas com a língua tcheca. No entanto, além disso, suas respostas diferem em seu conteúdo. Será que é em razão de ele não querer se repetir? É porque outros aspectos são mais importantes para ele em cada idioma? Analisando ainda mais a resposta na língua tcheca, também pode se contestar sua afirmação sobre a secretária da universidade: ela o ajuda a aprender a língua tcheca? Ou o coloca deliberadamente em uma posição inferior?

Em qualquer caso, a pergunta da entrevista e suas respostas indicam claramente a relação entre língua e cultura e suas interações socioculturais. As pessoas falam para serem “ouvidas”, por vezes respeitadas e para influenciar o ambiente em que realizam as suas atividades linguísticas. O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e de concentrá-la no ato de linguagem (BOURDIEU, 1977). Isso significa que a capacidade de interpretar as intenções de linguagem de um usuário em um determinado contexto é essencial para que as pessoas se entendam. A linguagem é considerada uma atividade extremamente social, e ao mesmo tempo individual (VAN DIJK, 2000), que é definida como uma abordagem do conhecimento e da adaptação social voltada para a comunicação social e a transmissão da cultura. O sujeito investigado encontra-se em situações de interações socioculturais, na posição de “ignorado”⁹⁹ e isso pode reconfigurar temporária ou permanentemente a identidade sociocultural do sujeito pesquisado.

O mesmo entrevistado No 1 para a décima segunda pergunta (Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica mais?) responde de forma inesperada e inusitada em sua língua materna, o português, dizendo:

Acho que, como sabia desde o início das fofocas do departamento de português, a Irena tinha estudado lá, então.... e a situação da República Tcheca em termos de traduções de obras literárias brasileiras é muito diferente do que por exemplo dos Estados Unidos, você compara, porque nos Estados Unidos você tem uma procura comercial de livros que são mais fáceis de traduzir, você tem muita gente traduzindo esses livros de, não se, Bruna Surfistinha, ou essas coisas que saem de tradução, inclusive talvez até Cidade de Deus, mas têm poucas traduções de Guimarães Rosa, de alguém que é mais difícil de traduzir, então, quando eu ... eu me identifico mais com esta parte cultural (ENTREVISTADO No 1, 2019, p. 247).

⁹⁹ Ignorado no sentido de desconsiderado, não ouvido, e por isso não respeitado (nota do autor).

Porém em tcheco, destaca assuntos muito diferentes:

Quando eu estive aqui... a mãe da Irena é especialista em cozinha tcheca, ela faz de tudo. Quando estamos lá, temos que comer¹⁰⁰ a verdadeira cozinha tcheca todos os dias. Eu disse a ela: não temos que comer esse tipo de carne. E ela me disse: não, é assim que a gente faz. Não é comida muito saudável, é verdade, mas comemos (ENTREVISTADO No 1, 2019, p. 247).

Na sua língua materna, o entrevistado se identifica com universo cultural literário da República Tcheca, utilizando-se do argumento da dificuldade nas traduções de autores brasileiros, como por exemplo Guimarães Rosa, creditando ao fato da linguagem utilizada nessas obras, tratar-se de um conhecimento da língua portuguesa maior que, por exemplo obras como o livro de Bruna Surfistinha etc. Diferentemente, responde na língua tcheca sobre algo mais próximo da pergunta em si, focando na descrição do hábito cotidiano dos pais da sua esposa. Dá ideia de imprecisão nas últimas respostas quando fala sobre assuntos diferentes nas diferentes línguas, como se não tivessem relação entre si. Uma explicação possível é que ele permanece dentro da “zona de conforto” em tcheco justamente para evitar frustração, mas expressa livremente suas opiniões em sua língua materna. Pode-se pensar que se autocensura na sua fala, mesmo que não fale sobre isso abertamente. Acredita-se que não veja a República Tcheca como seu lar, embora tente respeitar e se assimilar a cultura de sua esposa e filho. Claramente, como Norton (1997, p. 410) discute esse assunto, toda vez que as pessoas falam, não apenas trocam informações com seus parceiros, também organizam e reorganizam constantemente o sentimento de quem são e como se relacionam com o mundo social. A identidade pessoal lida com questões filosóficas que surgem em nós em virtude de sermos pessoas, contrastando com as questões sobre nós mesmos que surgem em virtude de sermos coisas vivas, seres conscientes (OLSON, 2003, p. 325), como se percebe com o entrevistado em suas respostas.

O entrevistado No 3, brasileiro, ao responder a quinta pergunta (Falando português aqui, como você se sente?), mistura seus sentimentos tanto sobre a língua portuguesa, tanto sobre a língua tcheca:

¹⁰⁰ Na cultura tcheca, se a pessoa faz parte de uma família e é convidada para uma visita, “tem que comer” o que foi preparado como prato principal. Especialmente para as gerações mais velhas e nas cidades menores, uma possível recusa pode significar um insulto à dona da casa. Também se espera que, se for oferecido “para colocar mais um pouco para continuar comendo”, a pessoa não deve recusar (nota do autor).

[...] Como me sinto? Ontologicamente¹⁰¹ solitário. É uma sensação esquisita, [...] quando você se dá conta de que as coisas que você quer expressar é apenas uma tradução imperfeita do que você tem na cabeça. E piora muito quando você percebe que todas as pessoas ao seu redor ... elas estão pensando numa lógica um pouco diferente da sua ... causa um pouco de desespero. Vivo aqui há dez anos, mas sempre que tenho que ir ao médico é um momento muito tenso na minha vida, é uma situação de perigo, eu tenho alergia aos medicamentos, é tenso de comunicar. Falando em tcheco. E falando em português – eu me sinto solitário. Felizmente eu tenho a sorte de trabalhar como professor com estudantes da língua portuguesa. Isso é mais fácil. Mas de vez em quando você percebe ... você se lembra que as pessoas estão traduzindo automaticamente algo o que foi construído ..., mas tem lógica linguística diferente. Conhecer a língua ajuda muito, você percebe como aquela pessoa chegou naquele ponto (ENTREVISTADO No 3, 2019, p. 262)

Na língua tcheca confirma o mesmo, com menos palavras, ao dizer:

[...] Quando falo português, sinto-me ... sozinho. Quando alguém fala português, eu sei que não é a sua primeira língua - ou seja, antes de falar é preciso traduzir na cabeça. É um pouco como ... tenho a sensação estranha de que estou ontologicamente sozinho ... só eu ... e minha filha está falando português também, então é bom com minha filha (ENTREVISTADO No 3, 2019, p. 262).

O sujeito pesquisado enfatiza o mesmo pensamento em ambas as línguas ao dizer que se sente “ontologicamente solitário” usando o português na República Tcheca. Comenta que esta é uma “sensação estranha”. Se pergunta se alguém, no modo geral, é capaz de utilizar a língua não materna em um nível que não seja uma “tradução automática na cabeça”. Desenvolve ainda mais essa ideia quando fala sobre uma “lógica diferente de pensamento”, a qual, em sua visão, é usada quando se fala uma língua estrangeira. Isso aparentemente o frustra, lhe dá uma sensação de insatisfação, solidão.

Já foi descrito em detalhes que a língua que falamos afeta nosso pensamento, conseqüentemente, as pessoas que falam outras línguas percebem o mundo de forma diferente (EVERETT, 2012, p. 264). O entrevistado percebe que se comunica com palavras em uma nova língua, que além de seu próprio significado possui e transfere a memória das tradições culturais, sociais e históricas da comunidade, parte essencial da identidade. Vale salientar que, mesmo nas situações em que falamos a nossa língua materna, nem sempre conseguimos compreender a mensagem do outro, logicamente, numa situação em que nos comunicamos na nossa língua não materna, pode haver e há mal-entendidos ainda maiores. Esta é exatamente a situação que o entrevistado descreve.

¹⁰¹ Ontologia é parte da filosofia que se dedica ao estudo das características mais gerais do ser, separando-as das categorizações que ofuscam sua essência absoluta. Também pode ser visto como o raciocínio sobre a significação mais geral do ser, exemplificando aquilo que faz com que seja possível as várias existências (nota do autor).

O entrevistado No 5, ao responder a segunda pergunta (Você gosta de morar aqui?) em português expressa sua satisfação em morar na República Tcheca: “Muito. A República Tcheca em geral, [...], me oferece coisas básicas que eu não tenho no Brasil como segurança, transporte de qualidade e infraestrutura. [...] aqui eu encontro tudo isso [...] de uma forma bem atingível.”

Na língua tcheca, tenta responder da mesma maneira, porém com suas limitações linguísticas, não consegue: “Eu realmente gosto. Amo morar aqui porque tenho muitas coisas aqui que não tenho no Brasil. Por exemplo transporte (*risos*) ... meu vocabulário é muito limitado porque eu aprendo sozinho, então ... eu aprendo sozinho.”

Em suas respostas, exprime o mesmo conteúdo nas duas línguas: gosta de viver em seu novo país, principalmente por razões de segurança, conforto e necessidades básicas atendidas. Pausou um pouco na língua tcheca, deixando clara a ausência de vocabulário, no entanto, ele conseguiu se expressar e explicar sua “limitação” em tcheco: “eu aprendo sozinho” e está ciente de seus conhecimentos, ou melhor dizendo, das suas limitações. Ao final da resposta na língua tcheca, perde a confiança, o que se mostra por sua linguagem corporal, em comparação com a resposta em português. Isso pode modificar seu bem-estar e sua paz e, subsequentemente, reconfigurar sua identidade sociocultural.

Como foi mencionado, o entrevistado está ciente dos limites ao falar a língua tcheca. Conforme conceito já consolidado por Rajagopalan (2004, p. 41-42) que argumenta que a identidade de um indivíduo é criada em e por meio da linguagem, o que significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa antes e fora da linguagem. À medida que a linguagem evolui e o indivíduo penetra cada vez mais nos segredos da nova linguagem, fica claro que, de acordo com Rajagopalan, as identidades individuais e as identidades linguísticas interagem. Aqui, pode-se logicamente concluir que um indivíduo que está aprendendo um novo idioma está vivenciando várias novas identidades de acordo com o momento do processo de aprendizagem: no início ele pode se sentir limitado, frustrado, impotente em sua fala, sentimentos que, com a melhora do nível de linguagem, na maioria dos casos, se transformarão em sentimentos positivos quando esse indivíduo for capaz de se comunicar perfeitamente no novo idioma. Shaikh (2019, p. 167) também compartilha dessa visão quando apresenta as conclusões de seus próprios estudos ao dizer que a linguagem molda a maneira como as pessoas veem o mundo e que tem o poder de dominar ideias e criar identidades diferentes.

A entrevistada No 16, ao responder a décima pergunta (Como você percebe os hábitos e costumes dos brasileiros?) afirma na sua língua materna, o tcheco:

Oh Meu Deus (*risos*) ... eles são muito ... mimimi. Você tem de falar bla, bla, bla... tomar cuidado, não pode dizer nada direito, porque é rude. Às vezes eles me dizem que sou rude. Porque às vezes eu digo algo diretamente e esse é provavelmente o maior problema para mim aqui. Não é permitido dizer as coisas direitinho, nada pode ser dito. Isso é o maior problema para mim, não é natural para mim, é terrível, mas já estou aprendendo (ENTREVISTADA No 16, 2020, p. 425).

Em português, comenta outras percepções suas:

[...] eles sempre prometem um monte de coisa (*risos*) ... sim, claro, com certeza venha para minha casa ... claro que eu vou vir, ... ninguém chega. Eles adoram festa, todo mundo junto, ninguém se escuta, mas todo mundo tava junto (*risos*) (ENTREVISTADA No 16, 2020, p. 425).

Em ambas as línguas, a entrevistada comenta costumes diferentes que são marcantes para ela. De acordo com o contexto e as formas de falar, expressões faciais e expressões não linguísticas com que comunicou essas informações, são os hábitos e costumes que não lhe agradam e que lhe causam algum desconforto. As respostas apontam dois aspectos adequados para análise. Choque cultural, que se manifesta nas duas línguas, bem como autocensura, que a entrevistada revela apenas na resposta em tcheco.

O choque cultural foi identificado e analisado muitas vezes com os outros entrevistados. A entrevistada encontra um ambiente cultural diferente do seu materno (eles sempre prometem muitas coisas), experimenta rompimento de expectativas, em outras palavras desorientação (claro que venho, ... ninguém chega) e tudo isso devido à imigração para um novo país, mudança entre ambiente social e transição para um modo de vida diferente. O choque cultural descreve a ansiedade experimentada por indivíduos que vivem em uma nova cultura (OBERG, 1954; OBERG, 1960).

A autocensura que se apresenta em suas respostas foi também identificada nos outros respondentes. A entrevistada No 16 se autocensura porque “não se pode dizer nada direito, porque é rude. Às vezes eles me dizem que sou rude” e percebe que “não é permitido dizer as coisas direitinho, nada pode ser dito”. Por esse motivo, se sente incomodada, até mesmo com medo de ser “punida” pelo meio sociocultural em que vive, e assim restringe sua liberdade externa (CORETH, 1994, p. 91). A autocensura também pode ser observada em atividades triviais, como mitigar e ajustar a opinião da palavra falada de acordo com quem o sujeito está falando. A entrevistada não sente liberdade de expressão ao dizer “não é natural para mim, é terrível, mas já estou aprendendo”, porém, essa liberdade é essencial para uma pessoa na sua

autorrealização, para a qual precisa de espaço pessoal. A liberdade interior do homem reside então no fato de que não somos determinados nem mesmo por dentro por nossa própria essência (GOFFMAN, 1959). Segundo Goffman (1963), a sociedade categoriza as pessoas de acordo com atributos considerados normais e naturais. A interação social rotineira sob condições especificadas permite-nos lidar com os outros de uma forma previsível, sem atenção e pensamento especiais, o que não é possível para a entrevistada e, portanto, sua identidade social está sob pressão, sob a qual se reconfigura.

A mesma entrevistada No 16 ao responder a décima primeira pergunta (Você se identifica com estes costumes, ou se sente apenas como um “observador”?) responde na língua tcheca: “[...] mais como um observador [...] celebrações gigantescas, me dá nos nervos, tem muita gente, ninguém se conhece [...] eles te convidam para todos os lugares e não foi um convite de verdade ... claro que eu irei e eles não virão de jeito nenhum [...].” Em português confirma ao dizer: “[...] me sinto mais como um observador, sim ... porque ... não sou assim, ficar com muita gente, prometer as coisas ... aquela coisa do mimimi que falei, né ... tem que falar tudo com cuidado [...], claro que estou aprendendo e eu sou mais ..., mas não é nada natural para mim (*risos*).”

Em geral, as respostas à pergunta são as mesmas em ambos os idiomas. Em ambos, problematiza os hábitos e costumes que descreveu nas respostas anteriores. Por não se identificar com certos aspectos culturais dos costumes brasileiros, ainda se sente apenas uma observadora.

Por estar em uma cultura nova, não a sua materna, a respondente é exposta a interações entre pessoas cujas percepções culturais e sistemas simbólicos são diferentes o suficiente para mudar o evento de comunicação (SAMOVAR, PORTER, MCDANIEL, 2010, p.12). A cultura, portanto, torna-se uma característica distintiva que cria uma interface diferente entre grupos ou indivíduos que se encontram e se comunicam. Este cenário, com o qual a respondente ainda não se identifica totalmente, inclui também o choque cultural e a autocensura, conforme descrito na análise da décima pergunta.

Ainda analisando as respostas da entrevistada No 16, ao responder a décima terceira pergunta (Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica menos?) fornece mais informações. Na língua tcheca responde:

Um pouco de tudo, um pouco de segurança, isso me assusta ... já fui assaltada, então estou com medo. Da cultura também um pouco ... o que não combina comigo também ... estou reclamando sempre de algo ... não devo, porque depois eles me dizem para sair daqui e voltar para minha terra. Eles sempre prometem muitas coisas, porém você

não pode contar com eles, é preciso ter muito cuidado em quem pode confiar e em quem não pode confiar, elas inventam muito e mentem, não gosto disso não. Não vejo isso na República Tcheca, lá não preciso ter tanto cuidado com as pessoas. Aqui eu tenho que escolher as pessoas certas (ENTREVISTADA No 16, 2020, p. 428).

Em português fala um pouco menos: “Principalmente segurança, e umas das partes da cultura que já falei, né? Aquele mimimi, aquelas festas, aí eu não curto não ... a bebida, porque eles bebem pra caramba (*risos*).”

A entrevistada fornece mais informações, com mais detalhes na língua tcheca. Seria porque ela quer ser mais diplomática em português? Suas respostas criam cenário implícito da relação de dualidade, amor e ódio com o Brasil. Uma relação que envolve emoções atuais ou alternadas de amor e ódio, o que é especialmente comum quando as emoções são intensas. No entanto, suas respostas expressam principalmente choque cultural (OBERG, 1954, 1960) e autocensura (CORETH, 1994; GOFFMAN, 1959, 1963), aspectos teóricos estes que já foram descritos com mais detalhes na análise da décima resposta.

4.4.4 A motivação como um dos fatores e suas consequências na reconfiguração identitária

Para todos os entrevistados, a motivação é um dos fatores codeterminantes para se mudar para um novo país e aprender um novo idioma. Para alguns, esse fator é claramente visível, para outros menos, mas é importante para cada um de nós. A motivação é um fator interno ou um conjunto de fatores que levam à energização de um organismo. A motivação direciona nosso comportamento e ações para atingir um determinado objetivo que no caso dos entrevistados é, entre outras coisas, aprender um novo idioma e conhecer uma nova cultura.

O entrevistado No 3 chegou na República Tcheca sem nenhum conhecimento da língua local. Para a sexta pergunta (Você fala a língua tcheca fluentemente?) destacou, na resposta em português: “Já nevím, řekni Ty.¹⁰² (*risos*) Eu considero que a língua tcheca é linda, mas selvagemmente indomável ... então é um trabalho ... é uma guerra sem fim. Eu sempre tenho a sensação de que falo como meio neandertal em tcheco (*risos*).” Na língua tcheca confirmou o mesmo: “Não (*gritando, rindo*), Jesus Maria. Sou muito crítico, estou no nível básico (*risos*).”

A sexta questão foi respondida de uma forma muito lúdica, descontraída, fazendo piadas de si, rindo e aproveitando ao responder brincando: utiliza uma frase em tcheco no início da

¹⁰² Em tcheco “Já nevím, řekni Ty.” significa “Eu não sei, você diz.” em português (nota do autor).

resposta na língua portuguesa do questionário, e depois se avalia de forma modesta como uma piada, brincadeira e diversão para si mesmo. Pela resposta em português, percebe-se que quer aprimorar seus conhecimentos da língua tcheca quando diz: “é uma guerra sem fim”, o que comprova seu esforço para aprender, como pode ser observado na próxima pergunta e suas respostas.

Para a oitava pergunta (Quando você chegou aqui, teve dificuldades com a língua tcheca?) o mesmo entrevistado responde na sua língua materna:

Não tive nenhum problema porque não soube uma palavra (*risos*). Mas é por isso que eu estava procurando um emprego onde só se falasse tcheco - e encontrei um local de trabalho na fábrica. Isso me ajudou muito e em pouco tempo... cerca de um ano... consegui falar o básico (*risos*) (ENTREVISTADO No 3, 2019, p. 265).

Na língua tcheca destaca o mesmo e apenas acrescenta: “[...] Depois de um ano, eles me entenderam. Depois de dois anos, foi ótimo.”

A oitava questão mostra aspectos muito semelhantes à sexta pergunta. Embora não falasse o idioma tcheco, tentou uma integração imediata, e não fez isso da maneira mais fácil possível: procurou um emprego onde pudesse falar apenas na língua tcheca com objetivo de aprender o idioma mais rápido e mergulhar na cultura do país.

As respostas revelam um interesse muito grande pela língua tcheca, que se reflete na motivação para se integrar na cultura e especialmente na língua local, embora possa falar em inglês ou português. Nesse sentido, é muito apropriado, importante e esclarecedor direcionar esta análise para a própria motivação, que está intrinsecamente ligada às possíveis mudanças de identidade, pois explica quando e em que situações motiva as pessoas a agirem de acordo aos seus objetivos (OYSERMAN, 2015). A motivação é, sem dúvida, um fator que afeta significativamente o uso da língua e em seguida uma possível reconstrução da identidade, além de também ser um fator que afeta diretamente a aprendizagem por meio do uso de uma nova língua e, portanto, uma integração mais profunda em uma nova cultura (DÖRNYEI, 1998; 1994; NORTON, 2000; ANYA, 2017). A motivação, ou a falta dela, desempenha um papel crucial na situação de aprendizagem de uma nova língua e no desenvolvimento de competências linguísticas (ANJOMSHOA e SADIGHI, 2015, p. 130), o que se confirma no caso deste entrevistado que, embora utilizando tcheco praticamente menos do que português e inglês, tem o conhecimento do idioma local bastante avançado.

O entrevistado No 5 mostra o mesmo interesse e motivação quando responde a oitava pergunta (Quando você chegou aqui, teve dificuldades com a língua tcheca?) em português: “[...] Sim, por claro ser uma língua nova e não por dois motivos. [...] já estava estudando seis meses antes, e eu havia estudado dois anos de russo¹⁰³. E por ser uma língua eslava tem algumas similaridades [...]”. Na língua tcheca completa: “Eu não tive muitos, mas às vezes eu estou me esforçando ... minha pronúncia não é perfeita o maior problema é fazer compras ... o pior (na língua tcheca) são as sete declinações ... stejný, stejné, stejným¹⁰⁴ ... (risos).”

Pela sua resposta em português, deduz-se que é muito cuidadoso e planeja sua vida (começou a aprender muito antes de chegar) o que poderia ser caracterizado como uma certa disposição antes de se mudar para a República Tcheca. Também se pode ver o seu interesse por línguas estrangeiras, antes de se mudar para a Europa: já falava inglês e aprendeu russo, o que não é mencionado em sua resposta em tcheco. Na sua resposta em tcheco, confirma que teve problemas e que está se esforçando muito para aprender o novo idioma. No entanto, é natural que, como estrangeiro, tenha dificuldades com as sete declinações que não existem no idioma português.

As identidades estão sempre em reconfiguração, como explica Rajagopalan (2004, p. 69), implica-se que a aprendizagem de uma nova língua é muito importante para entendê-la como parte integrante do processo amplo de redefinições de identidades. As línguas expressam a identidade de quem as fala, conseqüentemente, pode-se explicar por uma linha lógica de raciocínio que as pessoas que falam outra língua reconfiguram sua própria identidade. Como argumenta Dubar (2005, p. 136), a identidade é o resultado de vários processos de socialização, que são ao mesmo tempo estáveis e temporários, individuais e coletivos, subjetivos e objetivos, biográficos e estruturais, que juntos formam os indivíduos. A socialização está intrinsecamente ligada à comunicação: compartilhar informações, tentativa de entender o mundo, instruções sobre como se comportar em diferentes situações etc. A necessidade e o desejo de comunicar estão firmemente enraizados em todos os seres humanos. Logo, a comunicação torna-se automaticamente uma parte significativa da socialização através da qual as identidades são constantemente alteradas.

¹⁰³ O tcheco e o russo não são mutuamente inteligíveis. No entanto, é certamente mais fácil aprender tcheco por um falante de russo (e vice-versa) devido às estruturas gramaticais e vocabulário semelhante (nota do autor).

¹⁰⁴ A palavra “stejný” que significa “o mesmo” em português tem as seguintes declinações na língua tcheca: singular: 1. stejný, 2. stejného, 3. stejnému, 4. stejný, 5. stejný, 6. stejném, 7. stejným; plural: 1. stejné, 2. stejných, 3. stejným, 4. stejné, 5. stejných, 6. stejných, 7. stejnými (nota do autor).

A entrevistada No 8 explica, respondendo a oitava pergunta (Quando você chegou aqui, teve dificuldade com a língua tcheca?) a sua situação, primeiro na sua língua materna:

[...] primeiro ano foi super difícil porque no trabalho eles não queriam falar em inglês, então eu tinha que me esforçar ... e falar o tcheco, então ... muitas coisas tipo falava o essencial em inglês ... algumas coisas ... e tinha que tentar o tcheco, então nesse período ... nesse primeiro ano foi basicamente mais difícil, eu frequentava três vezes por semana um curso, né, intensivo de tcheco à noite, depois do trabalho ... no trabalho falava também, tentava falar, em casa assistia muita televisão, meu marido também me ajudava em certo momento nesse período e ... é isso. O primeiro ano foi hiper difícil pra mim. Tinha hora que eu queria mandar pra aquele lugar o idioma tcheco e todas as pessoas (*explodindo em risos altos*) (ENTREVISTADA No 8. 2019, p. 307).

Na língua tcheca confirma o mesmo que em português. Pode-se estimar e reconhecer que a entrevistada colocou muita energia, tempo, motivação e entusiasmo pessoal para aprender a língua tcheca. Ainda que com as inúmeras dificuldades e em alguns momentos a vontade de não continuar, resistiu e pela necessidade de se comunicar com todas as pessoas no trabalho e na rua, conseguiu a fluência da língua. Não foi um período fácil para ela, como destaca em ambas as línguas. Essa dedicação e movimento em direção à meta podem ser entendidos como seu esforço extremo para se integrar e adaptar, por meio da língua local, à vida local.

A entrevistada, pelas respostas anteriores (vide apêndice H), está ciente do fato de que fala tcheco fluentemente, embora não no nível de um falante nativo, porém, o que é importante é, que se sente confortável mesmo sabendo que às vezes usa expressões inexatas na língua tcheca. Nas respostas à oitava pergunta, fala sobre seus esforços para aprender o idioma local da melhor maneira possível. De todas as respostas, sentiu-se um esforço enorme e muito intenso para se integrar no ambiente sociocultural local através da língua. Nesse sentido vale destacar, novamente, que a motivação também pode ser vista como um impulso interno que inicia, dirige e mantém o comportamento em direção ao objetivo (FALCÃO, 2001, p. 62).

Silva, Melo, Anastácio (2009, p. 37) descrevem quatro possíveis situações que podem ocorrer com os imigrantes, como uma minoria que tem pouco poder ou importância na nova cultura. Se essas pessoas se sentirem inadequadas, têm que decidir como vão (ou não) aderir uma nova cultura. A entrevistada não embarcou no caminho da assimilação total, mas sim no caminho da integração, onde tem um interesse evidente em preservar sua língua materna, enquanto tenta se integrar o máximo possível na nova cultura através da língua local.

Como resultado, verifica-se que o sujeito está passando por uma reconfiguração de sua identidade sociocultural em relação ao uso da língua tcheca, no ambiente tcheco e com falantes

nativos tchecos. Tal resultado fica evidente à medida que as identidades são consideradas construídas discursivamente e envolvidas em práticas sociais e sistemas ideológicos amplos (MILLER, 2004, p. 290), onde o discurso é entendido em um sentido amplo bem como modos de estar no mundo ou modos de vida que integram palavras, ações, valores, crenças, atitudes e identidades sociais, bem como gestos, aparência, posições corporais e vestimentas. Posteriormente, a fala pode ser vista como parte de identidades que vem com roupas adequadas e instruções sobre como agir, conversar e escrever para assumir um papel social específico que os outros reconhecem (GEE, 1996, p. 127).

A entrevistada No 9 ao responder a oitava pergunta (Quando você chegou aqui, teve dificuldade com a língua tcheca?) responde na sua língua materna, o português:

Eu tive. Porque quando eu ainda tava no Brasil, tentei procurar ... as informações na internet sobre a língua e tudo e ... fiz um curso, digamos, com um estudante brasileiro que tinha acabado de voltar de intercâmbio, então ele ensinou palavras básicas e tudo ..., mas eu lembro que primeira vez que achei ... antes desse curso, eu achei uma ... um site ensinando tcheco e eu colocava um áudio e tentava repetir as palavra, e eu lembro que tava aprendendo os dias da semana: pondělí¹⁰⁵ ... oooo eu sei disso ... úterý ... consegui repetir ... středa¹⁰⁶ ... eu falei “ai, ai, ai” ... demorou algumas tentativas, aí ... čtvrtek ... eu falei “Meu Deus do céu, nunca vou falar essa língua” (*rindo*). E quando cheguei aqui ... falavam muito rápido e eu não consegui distinguir uma palavra e outra, só que tinha aprendido algumas palavras que ... eu consegui me orientar ..., mas pensei: “nunca vou conseguir aprender uma língua assim” ... era difícil, mas consegui (*rindo*) (ENTREVISTADA No 9, 2019, p. 332).

Na língua tcheca amplia um pouco mais ao dizer:

Sim, porque é uma linguagem muito complicada (*risos*). No início nunca entendi por que tudo tinha que mudar, não pude fazer aquelas declinações. Eu me lembro, bem no começo, quando eles me disseram: “Deniso¹⁰⁷, Deniso!”, e eu disse: “O que é Deniso?”, E eles disseram: “Esse é o seu nome.” e eu disse: “Não” (*risos*). E eles me explicaram, esta é a declinação, e está mudando ... essas diferenças (ENTREVISTADA No 9, 2019, p. 332).

¹⁰⁵ Pondělí, úterý, středa, čtvrtek significa em português: segunda, terça, quarta, quinta (nota do autor).

¹⁰⁶ A gramática da língua tcheca é desafiadora, mas ainda mais poderia ser a pronúncia das consoantes e de certa vogal. Alguns exemplos: č (c com acento na forma de um pequeno “v” acima da letra) é pronunciado como “ts” e “ch”. O som mais difícil de todos é ř (r com acento na forma de um pequeno “v” acima da letra), até mesmo algumas crianças tchecas recebem aulas extras de pronúncia se não disserem esse som corretamente. Também é muito difícil para estrangeiros combinar consoantes em uma palavra, por exemplo, “čtvrtek”, que significa quinta-feira em português (nota do autor).

¹⁰⁷ Quando se precisa tratar a alguém na língua tcheca, usa-se a quinta declinação, aqui “Denise” muda para “Deniso”. Nesse caso, o nome foi alterado para preservar a privacidade da entrevistada, o nome Denise não é o nome real da entrevistada. Outro exemplo, no caso do autor da tese, a alteração será: Petr - Petře (nota do autor).

Pode-se certamente discutir novamente a motivação e o esforço para se integrar à sociedade local, porém este caso é mais complexo, mais interessante e ainda mais misterioso, exigindo tempo e reflexão cuidadosa. No caso desta entrevistada, deve-se levar em consideração que as identidades e suas reconfigurações não são unificadas, são diferentes e muito diversas caso a caso. Aqui se pode reconhecer a identidade com sua dinâmica multifacetada e variável, onde é necessário levar em conta o exame cuidadoso não só do indivíduo, mas também do mundo exterior que o cerca, usar múltiplas perspectivas, examinar também os valores que a pessoa desenvolve e a muda e, principalmente, a ênfase na linguagem que é um elemento constitutivo da identidade (HRDÁ e ŠÍP, 2011, p. 442). Desse modo, é necessário reiterar que embora não fale tcheco na sala de aula e fale tcheco-ínglês com o marido em casa, o seu nível de conhecimentos é muito elevado, como se utilizasse apenas a língua local para a sua comunicação.

O último exemplo apresentado de motivação é o entrevistado No 12 que responde a oitava pergunta (Quando você chegou aqui, teve dificuldade com a língua portuguesa?) na sua língua materna, o tcheco, da seguinte forma:

[...] não sabia uma palavra em português. No entanto, estou habituado a estas situações, falo tcheco, inglês, português, francês e russo. Comecei com o português do zero. Hoje, quando penso nisso ... olhando atrás ... é interessante que quando estou aqui no Brasil, primeiro eu me lembro das palavras em português. Mas quando estou na Europa, a palavra francesa vem primeiro na minha cabeça. E o francês me ajudou muito a aprender português aqui (ENTREVISTADO No 12, 2020, p. 402).

Na língua portuguesa adiciona:

Eu aprendi o português aqui em andamento, aprendi só ... na maioria só pelo uso do idioma e necessidade de entender o português. No começo nós tivemos aulas ... os seis meses ... o básico ... duas vezes por semana, mas depois foi somente por utilizar o idioma. [...] Eu achei que iria usar outros idiomas como em qualquer outro lugar do mundo (ENTREVISTADO No 12, 2020, p. 402).

Seu modo de vida cosmopolita e o conhecimento de cinco línguas lhe dão a oportunidade de ver os obstáculos como desafios. Sua leve observação de que sua presença física no Brasil o ajuda a falar português, enquanto na sua estadia na Europa evoca palavras em francês, pode representar um fator potencialmente relevante, ou a compreensão de que as vivências no uso do idioma francês lhe remetem às memórias topofílicas daquele lugar.

A motivação é o principal aspecto que pode ser observado em suas respostas a essa pergunta. Se alguém está ciente de que não é capaz de expressar um de seus pensamentos em uma língua estrangeira, deve ser influenciado de alguma forma. Aí vêm as emoções que essencialmente mudam a identidade. Se uma pessoa aprende um novo idioma na idade adulta, seu uso será diferente do uso de sua língua materna. A língua materna é a língua do envolvimento pessoal e a segunda língua é a língua da distância e do desapego, ou pelo menos a língua de menor controle emocional sobre o indivíduo (PAVLENKO, 2002, p. 58). O segundo fator determinante na reconfiguração da identidade desse respondente é a motivação que é forte em seu caso. A motivação, neste caso, é a predestinação sociopsicológica do indivíduo, que o direciona à busca por objetivos (OYSERMAN, 2015). Quando o respondente não entende, sente um certo estado de tensão, um impulso interno que inicia sua ação, neste caso a busca por novas palavras e frases e, assim, controla suas ações e mantém o comportamento para atingir a sua meta (FALCÃO, 2001, p.62), em outras palavras, ser capaz de se comunicar melhor.

4.4.5 Pergunta sete: Falando tcheco (português), como você se sente?

A princípio, a pergunta em si precisa ser esclarecida. Aos brasileiros que moram na República Tcheca foi perguntado: “Falando tcheco, como você se sente?”, cabe a ressalva de que a intencionalidade da pergunta investiga sobre os sentimentos dos entrevistados na nova terra, nesse caso específico a República Tcheca, onde as entrevistas foram gravadas. A mesma lógica foi aplicada para os tchecos que moram no Brasil com a pergunta: “Falando português, como você se sente?”

Esta questão é uma das mais importantes em termos de uso da linguagem no novo ambiente e, portanto, todos os dez respondentes analisados são trazidos para esta análise final. Todos, brasileiros e tchecos, têm o esforço, motivação e determinação para falar a língua local no novo país.

De modo geral, nenhum brasileiro se mudou para a República Tcheca com conhecimento do idioma tcheco em nível comunicativo. Apenas dois de cinco começaram a aprender a língua antes da mudança.

Por outro lado, três dos cinco tchecos falavam português a nível comunicativo antes da mudança, sendo que dois deles não esperavam ter a necessidade do português, porque lhes foi dito que poderiam falar em inglês no Brasil sem limitações.

Para aqueles que não falavam a língua local antes de se mudar, é observada no discurso uma certa frustração, sentimento de inferioridade e insegurança. Uma entrevistada chega a exprimir que “se sente retardada” e que “não consegue se defender” na nova língua, o que pode ser observado nas análises a seguir.

O entrevistado No 1, o primeiro brasileiro de cinco analisados, ao responder à pergunta (Falando tcheco, como se sente?) em português, disse:

[...] eu me sinto ... depende da situação. Quando eu tenho que falar, é trabalho, eu me esforço mais. Quando é na família da Irena, eu posso falar tudo errado, não tem feminino, masculino, tudo é “isso”, as vezes me sinto bem analfabeto, ignorantão (ENTREVISTADO No 1, 2019, p. 242).

Na língua tcheca, confirma o mesmo sentimento, acrescentando:

[...] isso me frustra um pouco (*risos*), [...]. Quando falo tcheco, é como quando meu avô não sabia escrever e só aprendeu a escrever aos 30 anos. Eu me sinto como ele porque geralmente penso que não sei nada [...] (ENTREVISTADO No 1, 2019, p. 242).

É claro que falar na língua tcheca não é nada natural ou aspirado para ele. Em ambas as respostas, expressa sentimentos negativos. Em português: “eu me sinto analfabeto, ignorantão”, entretanto na língua tcheca, relatou se sentir como o seu avô que “não sabia escrever”. Existem muitos pontos de vista e opiniões sobre como explicar essas respostas do entrevistado. No entanto, é claro que as atitudes e hábitos estrangeiros em um grupo que utiliza a língua tcheca como língua materna podem causar grande desconforto para ele, até mesmo frustração. Nesse caso, pode se tratar de choque cultural (OBERG, 1954; 1960) o que já foi descrito anteriormente.

Nesse caso, pode-se falar também da identidade linguística, que se considera ser a união do indivíduo e da comunidade de fala a que pertence, caracterizada pela configuração em conjunto com o desenvolvimento social do indivíduo, que não é linear, porém construída de forma dinâmica e recíproca (DUSZAK, 2002). Assim, nenhum de nós cria uma identidade linguística única e unificada para diferentes situações de comunicação, mas constrói identidades linguísticas múltiplas e complexas, como os mesmos atos de interação comunicacional. Do ponto de vista de Park (2012), a identidade linguística permite que nos consideremos parte de uma determinada comunidade que fala sua língua natural ou nativa. Nessa perspectiva, a comunidade se adapta aos valores do indivíduo e o indivíduo se adapta aos valores da

comunidade. Indivíduos que ainda não possuem uma nova língua em um bom nível de comunicação podem vivenciar situações que incluem emoções negativas de exclusão e frustração, e que ainda não podem ser considerados parte da comunidade linguística.

O entrevistado No 3 respondeu em português: “[...] falando tcheco eu sinto que sou um assassino da língua tcheca (*risos*). Mas eu ... como ... tem um ditado que fala: falo errado, mas com muita confiança (*risos*).” Na língua tcheca disse o mesmo, adicionando: “[...] Gosto do tcheco, não tenho vergonha, por isso falo, tenho confiança. Só tenho medo de falar com o médico porque tenho medo de que eles não entendam algo importante.”

O sujeito pesquisado não se limita ao falar na língua tcheca, não tem medo de falar e, se não for uma situação delicada, na grande maioria dos casos para comunicação usa a língua local. Tenta se integrar o máximo possível na sociedade e cultura local através do uso do tcheco, ao ponto de recusar a usar o inglês com seus amigos tchecos para praticar sua fluência em tcheco. O entrevistado tenta, nas suas palavras, assimilar a cultura hospedeira com a qual interage, mas também se interessa em preservar sua cultura original, como pode ser explicado pelos Silva, Melo e Anastácio (2009, p. 37). Mesmo sentindo confiança na fala, é ciente de não ter pleno domínio do uso da língua tcheca especialmente em certas situações, por exemplo consultas no médico, que geram medo de não ser entendido e disso provocar consequências reais para a sua saúde. Essa atitude pode ser explicada na visão de Everett (2019, p. 362), que examina a conexão entre cultura e papéis sociais. O entrevistado, como cada um de nós, tem muitos papéis sociais diferentes. Ele é, por exemplo, um pai, um professor, um marido, assim dizendo, papéis sociais onde “se permite” utilizar a língua tcheca com “confiança”. No entanto, também tem, por exemplo nesse caso específico, o papel social de paciente no médico, onde já não tem tanta “confiança” e dá sinais do medo de incompreensão linguística. Essas mudanças em seus papéis sociais afetam claramente, embora breve e temporariamente, sua identidade sociocultural, o que o próprio Everett (2019, p. 100) afirma.

O entrevistado brasileiro No 5 responde na língua portuguesa:

[...] eu me sinto inseguro, porém um pouco tempo depois eu me sinto bem porque eu ... apesar dos erros gramaticais constantes, a gramática é difícil (*sorrindo*), mas eu consigo me fazer entender em 90 por cento, 80 por cento das situações e isso ajuda muito. [...] Felizmente, nunca foi necessário tentar o meu tcheco com os médicos, espero que continue assim (ENTREVISTADO No 5, 2019, p. 286).

Na língua tcheca falou significativamente menos: “Bem, mas creio que não sei falar tanto. Então eu ... eu penso e penso. Isso me frustra muito (*risos*), mas estou estudando. Então, em um ou dois anos, serei perfeito. Ou depois de quatro cervejas (*risos*). [...]”

Apresenta a mesma opinião em ambas as respostas: as suas habilidades linguísticas dão-lhe um sentimento de insegurança em algumas interações sociais específicas. Expressa um hipotético medo de ir ao médico, um sentimento muito forte que, sem dúvida, reconfigura a identidade de um indivíduo, pois a incapacidade de se comunicar de maneira eficaz pode prejudicar o atendimento.

Conforme discutido na parte teórica deste trabalho (capítulo 2.1.4 Relações entre língua e cultura, e suas interações socioculturais), um dos motivos da comunicação, de uma forma geral, é a sobrevivência: compartilhar informações, tentar entender o mundo, instruções sobre como se comportar em diferentes situações etc. Conclui-se que o desejo e a necessidade de se comunicar estão firmemente enraizados em cada um de nós. A comunicação automaticamente se torna uma socialização, por meio da qual nossas identidades estão constantemente se reconfigurando. Como Dubar (2005, p. 136) argumenta, a identidade nada mais é do que o resultado de diferentes processos de socialização simultaneamente estáveis e temporários, individuais e coletivos, subjetivos e objetivos, biográficos e estruturais que juntos constroem os indivíduos. As identidades sempre sofrem reconfigurações, conforme explica Rajagopalan (2004, p. 69), e é por isso que é muito importante compreender o processo de aprendizagem de uma nova língua como parte integrante de um processo mais amplo de redefinição de identidades. As línguas são a expressão da identidade de quem delas se apropria. Aqueles que mudam de idioma em breve redefinirão sua própria identidade.

A entrevistada No 8 respondeu a essa questão na sua língua materna, em português:

[...] eu sei que eu falo com sotaque e as pessoas percebem que sou estrangeira ... porque eu não falo o ... não é o perfeito ... a gramática 100 por cento. Tem os erros, mas eu não ligo pra isso ... eu falo ... eu não penso pra falar. Eu consigo explicar tudo em tcheco. Talvez eu não use as palavras corretas no momento ... exatas como os tchecos utilizam, mas consigo (ENTREVISTADA No 8, 2019, p. 306).

Utiliza a língua tcheca sem restrições na vida cotidiana, outrossim, percebe que fala com sotaque brasileiro e com imprecisões que um falante nativo de tcheco reconhece e, portanto, identifica a origem estrangeira nela. Mas tem certeza de que na língua tcheca consegue explicar tudo o que precisa e faz se entender em cada situação. Se sente confortável mesmo sabendo que às vezes usa expressões inexatas na língua tcheca.

Infelizmente, a entrevistada não comentou a questão na língua tcheca, então só pode ser estimado que quando fala em tcheco, não se sente desconfortável, nem estressada, mesmo sabendo que não tem a mesma proficiência da sua língua materna, isso não a limita. De acordo com as respostas, pode-se deduzir que o choque cultural não é mais vivenciado (OBERG, 1954; OBERG, 1960), mas também pode-se concluir que ela atingiu um estado em que se dá conta de que é diferente e que sua própria identidade pode ser deduzida comparando às outras (BOURDIEU, 1989, p. 117), com essa realidade a entrevistada revela estar internamente equilibrada.

As identidades são consideradas discursivamente construídas e envolvidas em práticas sociais e sistemas ideológicos amplos (MILLER, 2004, p. 290), no qual o discurso é entendido em um sentido abrangente como modos de estar no mundo ou modos de ser que integram palavras, ações, valores, crenças, atitudes e identidades sociais, bem como gestos, aparência, posição corporal e vestuário. O resultado evidencia e constata que o entrevistado está passando pelo processo de reconfiguração da sua identidade sociocultural em relação ao uso da língua tcheca, no ambiente tcheco e com falantes nativos da língua tcheca.

A entrevistada brasileira No 9 respondeu na língua portuguesa:

[...] eu me sinto ... eu acho que um pouco ansiosa, porque não sei ... claro que não é minha língua nativa pra mim então ... não sai tão natural, eu acho, quanto português mas ... eu tenho que às vezes ficar prestando atenção numa palavra ou outra ... e quando escuto que o meu sotaque não é bom ou que ... eu fiz um erro ... ou alguma coisa assim ... eu fico mais retraída.... isso me limita no sentido de que eu fico mais quieta, não quero falar tanto quanto no português ou em inglês (ENTREVISTADA No 9, 2019, p. 331).

Na língua tcheca

[...] fico um pouco nervosa, um pouco, porque sei que tenho que ... não quero falar mal ..., mas às vezes eu percebo que falo mal ou ..., mas não sei ... estou feliz por conseguir falar assim (*risos*) e por entender. Algumas pessoas me corrigem ... e depende de como elas me corrigem, como estão se expressando. É diferente quando alguém corrige e ajuda o senhor e às vezes quando diz apenas “não é assim” ... então depende disso (ENTREVISTADA No 9, 2019, p. 331).

Das suas respostas, pode-se decifrar que se sente uma pessoa diferente dependendo do idioma que fala. Se apresenta como uma pessoa perfeccionista e quer falar “corretamente”, como ela mesma diz, nos dois idiomas. Compreender os erros e acertos de linguagem a “limita”

a ponto de não querer falar tanto a língua tcheca quanto o português ou o inglês, e por isso se sente “retraída”.

Seus sentimentos e emoções indubitavelmente a influenciam e foram descritos em grande detalhe nas seções anteriores (por exemplo MACHÁČ, 1985, p. 56; HUSTON, 1999, p. 61; PAVLENKO, 2002, p. 58 entre outros). Nesta seção, é importante lembrar que “As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa.” (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69) Pode-se afirmar que essa entrevistada reconfigurou sua identidade.

O entrevistado No 10, o primeiro tcheco dos cinco analisados, ao responder a mesma pergunta (Falando português, como você se sente?) respondeu na sua língua materna dizendo: “[...] Não sinto português. Quando não sinto o meu corpo, é saudável. Porém no avião da empresa portuguesa TAP, já me sinto diferente, é outro português, estou diferente lá, já em Lisboa sinto-me diferente, sinto a diferença ali.” Na língua do Brasil, o português, adiciona: “[...] Me sinto bem. Existem situações as quais eu não entendo, gíria, piadas, isso continua sendo problema.”

Confirma, que na verdade, enfrenta problemas com a língua local, diferentemente do que relata na língua materna. Para um observador, percebe-se uma fluência no uso da língua portuguesa, reforçado pelo seu argumento ao comparar com a língua portuguesa usada em Portugal. Sua observação corrobora com a questão da pesquisa deste trabalho de que a linguagem usada em um determinado lugar afeta a identidade do indivíduo (LABOV, 1966; KRAMSCH, 1998). Pode-se entrelaçar o pensamento de Kramsch, com o próprio de Everett (2019, p. 13) quando diz que: “A linguagem surgiu gradualmente de uma cultura, formada por pessoas que se comunicavam umas com as outras. [...] A linguagem está a serviço da cultura.” Nesse sentido, seria fascinante e auspicioso para a comunidade científica pesquisar possíveis reconfigurações identitárias de brasileiros em Portugal e portugueses no Brasil, principalmente por utilizarem uma “língua semelhante”: o português europeu e o português brasileiro, respectivamente.

O entrevistado No 11 respondeu na sua língua materna, o tcheco: “[...] quando falo português, me sinto bem. Bem ... depois desses anos aqui, bem.” Na língua portuguesa responde:

[...] Falando português eu me sinto bem. Eu realmente me sinto bem ... desde que eu posso entender as pessoas, claro que o sotaque baiano pode ser às vezes bem complicado para mim, mas ... no geral eu gosto de falar português, porque acho que já o posso entender e me deixa sentir bem quanto eu posso fazer ... falar piadas com as pessoas locais, quando a gente pode compartilhar esse tempo juntos e falar ... e aprender as coisas novas então ... eu gosto de falar português (ENTREVISTADO No 11, 2019, p. 373).

Em ambas as respostas, comenta que quando fala português “sente-se bem”. Também afirma na resposta em português que está feliz por poder se comunicar e se integrar socialmente com a população local. Conclui positivamente: “gosto de falar português”.

Em momentos diferentes da entrevista declarou que falava português, inglês, tcheco e espanhol diariamente, logo isso significa que o entrevistado utiliza qualquer idioma em que possa se comunicar, e isso não por uma decisão dele e, sim, dos seus interlocutores. Nesse caso, a linguagem se torna um meio de comunicação, conforme definido por muitos linguistas, incluindo Čermák (1994, p. 35), Černý (1998, p. 83-84), Everett (2019, p. 10) e Travaglia (2009, p. 23), entre outros.

O entrevistado tcheco No 12 responde na língua tcheca:

[...] Quando falo português ... não tenho nenhum problema por ter vergonha de falar uma língua estrangeira mesmo que não falo essa língua perfeitamente. Eu não tenho problema com isso. Deixo isso para essa pessoa se ela me entende ou não ... ou se quer ou não quer entender ... não tenho nenhum problema com isso. Eu pessoalmente sinto basicamente uma limitação em ... dizer realmente o que eu quero ... apresentar minha ideia ... o conteúdo exato como eu sinto e o que é necessário ... às vezes eu tenho que esclarecer as coisas descrevendo com outras palavras ... eu tento explicar. Isso não preciso fazer em tcheco, porque tenho uma certa expressão ... ou uma certa frase para isso. Mas eu não sei em português ou meu vocabulário não é suficiente para eu conseguir dizer com tanta precisão. E às vezes me incomoda o fato de não conseguir expressar exatamente o que quero ou preciso. Também depende muito da situação ... não é para me frustrar, mas sim para me limitar ... às vezes tenho que procurar no dicionário ... encontrar as frases, encontrar as palavras ... me incomoda ..., mas novamente me obriga a lembrar-se disso e aprender a evitar a situação no futuro (ENTREVISTADO No 12, 2020, p. 401).

Na língua portuguesa menciona:

Falando português ... eu me sinto bem, eu me sinto bem, porque ... porque ... eu não tenho problema de tentar falar o que eu quiser. Às vezes, eu sinto a dificuldade com as expressões para falar exatamente o que quero falar, porque como eu já falei, o meu vocabulário e o meu conhecimento da língua não é tal ... que eu falo perfeitamente. Então eu uso o jeito que eu consigo. Mas ... senão eu não sei ... não sei exatamente o que eu quero, eu estou usando essas ... ah ... é agora é essa situação. Eu não sei como falar em português, então preciso pensar sobre, sobre como explicar o que eu quero falar ... então estou usando outras palavras para explicar o que eu poderia dizer por uma frase, por exemplo. Mas as vezes eu me sinto bravo comigo porque eu preciso

usar o tradutor ... usar outras palavras porque não posso me explicar no mesmo como na língua tcheca, por exemplo (ENTREVISTADO No 12, 2020, p. 401).

O entrevistado em suas respostas, que são praticamente idênticas, é muito detalhado e explica seus sentimentos internos sobre o uso da língua portuguesa. Pelas respostas, percebe-se que para ele o desconhecimento não é uma frustração, pelo contrário, uma motivação para se aperfeiçoar. Em suas respostas, também foge da pergunta brevemente, explicando que ainda fala ativamente a língua inglesa.

No uso da língua materna os indivíduos estão pessoalmente envolvidos. O entrevistado pode se sentir distante durante o uso de sua segunda língua, esta é a língua de menor controle emocional sobre o indivíduo (PAVLENKO, 2002, p. 58). Todos têm alguns sentimentos internos quando percebem que não são capazes ainda de expressar adequadamente seus pensamentos em uma língua estrangeira. Neste caso, a identidade é fundamentalmente reconfigurada através das emoções. Nesta perspectiva é naturalmente possível concluir que se uma pessoa aprende uma nova língua na idade adulta, seu uso será diferente do que utilizando a língua materna. O entrevistado em questão quando não entende, como ele explica, sente uma certa tensão, um impulso interior que move suas ações em busca de novas palavras e frases, e assim reequilibra seu comportamento e motivação para atingir seu objetivo (FALCÃO, 2001, p. 62) e, conseqüentemente, poder se comunicar/expressar melhor. A motivação, neste caso, é a predisposição sociopsicológica do indivíduo, que o direciona a monitorar e atingir seus objetivos (OYSERMAN, 2015), o que é muito forte, é o segundo fator determinante nessa identidade reconfigurada no caso deste entrevistado.

A entrevistada No 16 na sua língua materna, língua tcheca, responde: “[...] é bom, para mim é bem natural, não me sinto mal. Só que não consigo pronunciar “três” e “dez”, tudo bem ... eu vou dizer essas palavras e eles sempre acham que estou dizendo o outro número (*risos*).”

Na língua portuguesa contesta:

Igual. Não tem muita, muita diferença. Fora do “dez” e “três” ... quer dizer que eu pronuncio quase igual ... e “ele”, “ela” ... então têm essas coisas que às vezes é uma confusão, né? Então, eu evito ... vou no mercado e ... quando peço pão, não peço dez, peço onze, ninguém confunde com três (*risos*), e pronto, tá resolvido. Mas fora disso, não sei, as vezes pode acontecer alguma outra palavra que pergunto, mas ... só que sim, agora lembrei uma coisa ... eu acho que o tcheco tem mais humor do que o português, sei lá ... ou, de repente, tem essa diferença, eu acho que sim, nas línguas. De repente não sei muito humor em português. No tcheco a gente brinca muito com as palavras ... os filmes antigos. Em português eu não consigo brincar com as palavras da mesma forma como eu brinco no tcheco. Faço diminutivo, rimos, invento palavra,

tem o dobro sentido em tudo. É uma diferença que agora eu percebi aqui, que agora lembrei (ENTREVISTADA No 16, 2020, p. 422).

Mesmo sabendo da dificuldade de algumas palavras, não é estressante para a entrevistada e ela tem estratégias para resolver. Além disso, reflete sobre o português e a sua incapacidade de “brincar com a língua”, que compara com a sua língua materna.

Nesse sentido, caberia questionar se a linguagem pode preencher todos os conteúdos, significados que todo grupo social requer. A resposta seria sim. A própria cultura assume o papel de preencher as lacunas que a linguagem pode deixar em aberto. Todas as culturas têm manifestações de códigos implícitos, mesmo silenciosos, que podem aparecer, mas que, dependendo da situação, podem ser compreendidos no contexto dos grupos em que estão inseridos. E é por esta razão que o respondente necessita de um conhecimento mínimo de expressões não linguísticas, mas culturais que possibilitem uma compreensão dos significados na língua materna. A linguagem não é capaz de expressar tudo. A cultura adiciona os detalhes restantes (EVERETT, 2019, p. 272). Então, é possível que a respondente não conheça a cultura local o suficiente se não conseguir, em suas palavras, “brincar com a língua”? Ou esse conhecimento é dado pelo grupo em que vive e com quem tem contato? As respostas a essas perguntas são claras: é compreensível que o indivíduo fale como aquele com quem fala (EVERETT, 2019, p. 371). Claro, a entrevistada imita e reproduz outras pessoas no uso da língua local e absorve a educação e a cultura da língua nas situações sociais dadas e das pessoas com quem fala. O resultado lógico é a reconfiguração de sua identidade dependendo do uso da linguagem e do ambiente sociocultural em que está imersa na fala.

A entrevistada No 17 ao responder na sua língua materna, língua tcheca, revela:

[...] me sinto retardada ... me sinto mal. Quando falo, não é um grande problema para mim, mas às vezes as pessoas não me entendem e têm medo de perguntar, então às vezes não me sinto completamente à vontade e confortável para falar. É pior para mim com a comunicação escrita, nem quero começar porque sinto que quando erro - porque nunca estudei o português - sinto que eles acham que tenho uma educação baixa, por isso tenho um problema com isso. Portanto, no trabalho, sempre peço aos meus colegas que editem meu texto escrito. Porque não me sinto ... não confio em mim mesma nessas situações. Mas quando a gente oferece algum produto ou um cliente liga ... eles sempre querem falar comigo (*risos*) ..., mas eu tento evitar (*risos*) ... não me sinto confiante (ENTREVISTADA No 17, 2020, p. 444).

Sua réplica na língua portuguesa revela:

[...] Mal, eu me sinto como ... eu não consigo me expressar o que eu quero ... isso ... preciso improvisar, com bastante coisas. Isso pode me frustrar um pouco, às vezes ... depende da situação. Se é uma situação um pouco mais apertada ... mais específica ... por exemplo situação profissional, eu me sinto mal ... porque se tiver algum argumento ... claro que não é bom ... porque eu não consigo explicar, não consigo convencer a pessoa (*risos*) ... não consigo me defender (*risos*), com mesmo jeito e mesma eficiência ... apresentar um projeto, por exemplo (ENTREVISTADA No 17, 2020, p. 444).

Utilizar a língua portuguesa não é natural para ela. Usa uma afirmação forte de que se sente “retardada”, se sente “mal” e às vezes tenta evitar a comunicação na língua portuguesa até no trabalho, sente que não pode “se defender em português” com a mesma eficiência.

Apesar de tudo o que disse, durante a entrevista não apresentou sinais de nervosismo nem estresse ao falar em português, mas é simplesmente perceptível que na sua língua materna é muito mais calma e precisa na fala.

Cada um constrói sua própria identidade por meio de experiências, emoções, conexões, aceitações e rejeições. No momento em que a entrevistada não se sente bem ao usar uma nova língua (o português) e se contrapõe às outras, pode se fazer muitas perguntas para se “orientar” em seu novo papel, nova situação e, assim, verificar sua nova identidade. Um conjunto dessas possíveis perguntas pode ser materializado em uma pergunta básica: “Quem sou eu?” (BAUMAN, 2005, p. 13), o que pode ajudar a todos, inclusive o sujeito estudado, a descrever a própria identidade. Percebe-se que a identidade pode ser entendida como as diferentes formas pelas quais os indivíduos definem ou querem ser definidos nos contextos sociais aos quais pertencem (HOLLIDAY, HYDE e KULLMAN, 2004). Nos vários discursos que os indivíduos utilizam para influenciar as percepções que outras pessoas podem ter sobre eles. Neste ponto, também é importante mencionar suas emoções negativas, que são legíveis pelas respostas. As emoções, como processos mentais e socialmente construídos, são fatores que podem interferir na construção de identidades, incluindo experiências subjetivas de prazer e ressentimento, acompanhadas de mudanças fisiológicas, manifestações motoras, mudanças na atenção e no foco (MACHÁČ, 1985, p. 56). Sentimos emoções ao utilizar qualquer idioma. Línguas diferentes têm impactos emocionais diferentes em indivíduos bilíngues e multilíngues. Resulta do exposto que a entrevistada está experimentando uma reconfiguração da sua própria identidade.

Ao final desta seção, pode-se afirmar que não há muitas diferenças nas respostas independente se é um entrevistado tcheco ou brasileiro. Falando nova língua evidencia-se que são seres humanos sem distinção e as diferenças, às vezes vastas em seus sentimentos e, é que

determina a percepção sobre o mundo. Entre os entrevistados tchecos e brasileiros há os que veem a nova língua como um desafio (por exemplo os entrevistados No 8 e 10), e há aqueles que a veem como um incômodo e frustração (por exemplo os entrevistados No 1 e 17).

Ao se tratar de situações semelhantes, os indivíduos adaptam e reconfiguram sua identidade de acordo com as necessidades e possibilidades linguísticas ou culturais a depender das circunstâncias em que estão imersos. Aqueles que veem a língua como um desafio acabam interagindo com seu entorno da mesma forma, apesar de não conhecerem a língua. Aqueles que percebem a língua como frustração vivenciam sua reconfiguração de identidade de forma mais introspectiva ou porque se autocensuram, não têm a oportunidade, não querem mergulhar totalmente na cultura local, ou todos esses fatores em conjunto.

4.4.6 Pergunta nove: Você busca ambiente onde possa falar na sua língua materna?

Para contextualizar e ajudar na compreensão dessa questão, é necessário observar as mudanças ocorridas nos últimos anos na conectividade global, tanto a movimentação física de grandes volumes de pessoas de todas as nacionalidades em todo o planeta quanto os avanços tecnológicos que conectam todos os cantos do mundo. Assim, mesmo que as pessoas vivam longe de seus países de origem, podem se comunicar diariamente com familiares, amigos e com o próprio país, mantendo-se informado usando a sua língua, por exemplo, ao assistir as notícias “locais”. Portanto, todos os entrevistados utilizam o idioma materno, mesmo vivendo cercados de pessoas que não falam esse idioma. Essa pergunta e suas respostas são únicas pelas razões acima. Primeiramente, todos os entrevistados responderam igualmente em sua língua nativa e no novo idioma. Em segundo lugar, todos declaram que não estão procurando um ambiente para usar sua língua materna. No entanto, eles não se opõem ativamente a essas situações e as desfrutam por vários motivos.

O entrevistado No 1, brasileiro, ao responder a esta pergunta na sua língua materna revela: “Eu nunca senti necessidade [...] ativamente não procuro falantes do português [...]”. Na língua tcheca completa: “Não, não, porque moramos em uma cidade pequena [...]. Quando morávamos em Praga, Irena estudava português na universidade, então falei aqui e ali com um brasileiro ou com um português.”

O sujeito entrevistado não procura ambiente onde possa falar em sua língua materna. Quando isso acontece é mais uma questão de encontros casuais ou por causa do trabalho da sua esposa. Não há a necessidade de busca, uma vez que já possui esse contato direto em casa.

Devido à nacionalidade da sua esposa (cidadã tcheca), o sujeito passa por uma assimilação cultural, a qual se descreve como entrelaçamento de culturas (SPIELBERGER, 2004), que pode incluir também a chamada aculturação aditiva, na qual o indivíduo amplia seu repertório cultural existente (ABE, 2017).

O entrevistado No 3 ao responder em português, destaca:

Não. Eu não tenho ... tinha ... agora sim devo admitir que quando um brasileiro chega aqui eu tenho muitas reticências em encontrá-lo [...] geralmente eu evito contato ... tem grande diferença entre você estudar, passear e viver num lugar. Quando estuda ou está de turismo, é um período de tempo, então eu penso que não deve ser uma obrigação de saber a língua tcheca. Mas eu penso que quando você decidiu viver no país e você não quer se integrar no país, é um ato de desrespeito. Não é que os brasileiros não sejam dignos para encontrar com eles, mas porque não me ajuda aprender sobre os hábitos, não aprendo sobre a cultura ... porque são esses pequenos fatores ... mais do que a perfeição na língua ... esses fatores cotidianos que te ajudam a se integrar mais perfeitamente. Quando você domina essas peculiaridades culturais, ajuda muito. Eu quero me integrar. Então por isso evito os brasileiros. Por exemplo, minha ex-namorada havia encontrado com sua amiga tcheca e numa festa em Salvador falavam tcheco e as pessoas se irritaram. Eu acho grosseiro fazer isso (ENTREVISTADO No 3, 2019, p. 265).

Em língua tcheca responde: “Não, porque moro aqui, não sou turista, não sou estudante, moro aqui. Acho que se os estrangeiros querem morar em algum lugar, acho decente aprender sobre cultura, idioma. Você precisa, ou não é integração, você nunca estará integrado.”

O entrevistado comentou sobre a questão da integração em um país, destacando inclusive a sua própria perspectiva da vida na República Tcheca, analisando as diferenças entre ser estudante, turista e morador - residente. Em sua visão, um estudante ou um turista não precisam falar a língua do lugar. Ao contrário, quando uma pessoa decide morar num país, deveria aprender a língua e as peculiaridades da cultura local e não buscar ambientes onde possa falar na língua materna, o que classificou como “obrigação”. Percebe como “grosseira”, em suas palavras, quando as pessoas não falam a língua local com as pessoas locais, mencionando como exemplo duas mulheres tchecas, uma delas sua ex-namorada, em uma festa na cidade de Salvador da Bahia, onde se comunicaram em tcheco entre si, e os brasileiros ficaram irritados, porque não conseguiam compreender.

Das suas respostas, à sétima e à nona questão (vide apêndice G), fica evidente que a integração máxima é muito importante para ele, uma meta na nova vida, e considera praticamente um “dever” a aprendizagem da língua local, caso decida-se viver permanentemente em um novo país. Aqui, novamente, chega-se à explicação com a ajuda de teóricos Silva, Melo e Anastácio (2009, p. 37), como já mencionado anteriormente. Tem interesse em preservar a sua cultura original, mas é muito importante para ele se integrar à nova cultura.

O entrevistado brasileiro No 5 responde em português:

Não de propósito ... vai parecer um preconceito contra brasileiros, mas eu acho ... sempre que eu encontro brasileiros que não são meus bons amigos ... há essa reclamação: eles não falam inglês muito bem por aqui ... ou os serviços não são tão bons ... então são reclamações que ... não deveriam existir, que não deveriam causar, na minha opinião, não deveriam ... atrapalhar o bem-estar do outro. Se a pessoa não vai falar inglês, não deveria atrapalhar sua vida ... você deveria falar a língua que ela fala ... língua local. Essas pessoas estão constantemente reclamando de alguma coisa relacionada ao lugar ... e eu não gosto de estar perto de alguém que reclama bastante (ENTREVISTADO No 5, 2019, p. 287).

Na língua tcheca revela: “Não. Mas tenho amigos brasileiros. Não estou buscando porque já falo português. E não são muitos, apenas amigos e esposa.”

O entrevistado comentou sobre a questão de não ter boa experiência com outros brasileiros que encontrou na República Tcheca, porque estão reclamando demais. Fica claro pela resposta em português que não se sente confortável com isso e que, pelo contrário, está tentando evitar essas situações.

Uma estimativa qualificada pode ser usada para dizer que é pautado pela praticidade, em outras palavras: tenta viver o melhor que pode. Percebe-se que se preparou para morar em um novo país. A língua tcheca é indispensável para ele, quer aprendê-la, embora saiba que na República Tcheca é possível viver sem saber o tcheco, no entanto, para ele seria desconfortável não saber.

De acordo com a pesquisa de Janíková (2016, p. 24-50), a visão atual da identidade e de seu conteúdo é caracterizada por uma pluralidade de aspectos na estrutura interdisciplinar em relação ao fato de um indivíduo estar exposto a muitas interações em que sua identidade é afetada por uma série de fatores. Na opinião de Hrdá e Šíp (2011, p. 442), a identidade é concebida em todas as suas múltiplas camadas e em conexão com o conceito de papéis internalizados de um indivíduo, o que implica que se pode falar não apenas de uma, mas de

mais identidades formadas pelas relações e suas dinâmicas variáveis. Neste contexto, deve-se ter em mente que uma das características mais importantes da compreensão atual da identidade é, entre outras coisas, uma investigação aprofundada não apenas do próprio indivíduo, mas também do mundo exterior do qual está rodeado; e, no caso do entrevistado, também a praticidade: a utilidade e os interesses práticos que predominam na construção da sua identidade, o que pode ser confirmado por suas respostas.

A entrevistada brasileira No 8 ao responder em português contesta: “Não, não busco. Eu busco um ambiente que me agrada, somente. Independentemente do idioma que está lá dentro.” Na língua tcheca confirma o mesmo: “Não, não busco, estou bem em qualquer lugar.”

A entrevistada demonstra estar integrada à língua, ambiente e cultura local, que para ela o que importa é se o local propicia sensação de agradabilidade e se atende às suas expectativas e aos seus interesses. Nesse sentido, a sua integração já foi explicada pelas Silva, Melo, Anastácio (2009, p. 37) na análise da resposta anterior.

A entrevistada No 9 responde na língua portuguesa:

Não. É totalmente contra ... o que eu ... porque eu penso: eu vim pra cá, eu escolhi, eu tinha vindo como intercambista, depois resolvi vim pra cá pra morar ... então quero me adaptar a cultura daqui. Então eu acho que ... por exemplo sempre ... na internet tudo bem ... eu tô no grupo de brasileiros em Praga e eu tenho grupo de brasileiros na República Tcheca ... e ... tudo bem, na internet eu converso com eles, se alguém precisa de ajuda, eu oriento e alguma coisa assim ..., mas eu não gosto dessas coisas de “há festa brasileira”, e isso brasileiro ... eu não gosto, não me sinto muito bem, tipo, eu saí de lá, eu não quero ... ficar nessa bolha brasileira ... porque não é o que vim buscar (ENTREVISTADA No 9, 2019, p. 334).

Na língua tcheca completa: “Não. Porque eu acho que quando eu moro aqui tenho que me adaptar e falar em tcheco ou inglês, porque agora muitos estrangeiros vivem aqui ..., mas ... eu não me importo de falar português, mas não preciso disto.”

A entrevistada expressa a mesma opinião nos dois idiomas: quer se integrar e se adaptar à cultura local e não quer ou não tem motivo, para se encontrar com os brasileiros no seu novo país, porque não gosta do sentimento de comunidade fechada: “bolhas”. Tem uma visão bem definida do assunto e, também é interessante detectar a sua visão da língua inglesa, a qual percebe como uma possível alternativa em relação à língua local, o tcheco.

A entrevistada já se reorientou e identificou com o seu novo papel, o que significa que se sente como uma cidadã da República Tcheca, além do que já se considere suficientemente integrada na sociedade. Seu novo papel social pode ser percebido como impulsionado pelas

expectativas alheias e internas, conforme definido, por exemplo, por Rodríguez Caamaño (2001, p. 29), o que é uma afirmação muito polêmica. Os papéis sociais e as identidades devem interagir naturalmente uns com os outros e, como o papel social muda uma pessoa em particular é compreensível que também seja influenciado por essa pessoa. O papel social também é visto como um conjunto de normas, direitos, responsabilidades e explicações que condicionam o comportamento dos indivíduos em um grupo ou instituição (JANDOUREK, 2003, pp. 61-63). Entretanto outros aspectos como: interculturalidade (MOTA, SCHEYERL, 2004; MENDES, 2007), motivação para aprender uma nova língua (ANJOMSHOA e SADIGHI, 2015), integração, adaptação e possível rejeição de sua cultura original (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37), entram na formação de um papel social, que posteriormente afeta a identidade sociocultural do indivíduo.

O entrevistado No 10, tcheco, ao responder na sua língua materna relata: “Não. Por coincidência encontrei você no LinkedIn. Não estou procurando ativamente a comunidade tcheca.” Em português confirma o mesmo ao dizer: “Não. Não sinto falta. Não sinto saudade de falar minha língua.”

O pesquisado não procura uma comunidade de outros compatriotas onde possa falar sua língua materna. Essa compreensão, segundo Silva, Melo e Anastácio (2009, p. 37) significa que ele faz esforço de convivência na nova cultura, no novo ambiente, o que refletirá posteriormente em sua reconfiguração sociocultural.

O entrevistado tcheco No 11 ao responder em tcheco conta: “Não. Não é necessário. [...] esse ambiente não existe aqui [...] eu não sinto falta. Acho que a comunicação em tcheco, seja hoje nas redes sociais ou em outro lugar ... é tão grande que não sinto falta de falar em tcheco.” Em português narra mais:

[...] não, porque tenho oportunidade de falar o tcheco pelas redes sociais ... então não estou procurando aqui. Se eu souber que tem outra pessoa que fala o tcheco, eu não tenho problema de me encontrar com ela, mas geralmente não é o caso. No início quando cheguei em Salvador, eu tava procurando trabalho, para fazer algo e não ficar em casa só. Então, eu procurei trabalho e claro que as outras línguas que eu falava ajudaram. Eu fui trabalhar, no início, como recepcionista num hotel. E por isso, também, eu pude usar as outras línguas, no mesmo tempo pude trabalhar e no mesmo tempo pude melhorar o meu português porque, é claro, que vários clientes que chegaram lá no hotel também ... foram daqui do Brasil, as pessoas que trabalharam comigo foram brasileiros ... eu melhorei lá, muito (ENTREVISTADO No 11, 2019, p. 375).

O entrevistado é um cidadão do mundo, cosmopolita, que não se fixa em um único idioma. O seu trabalho e estilo de vida permitem-lhe ter um contato muito regular e muito próximo com diferentes culturas e diferentes línguas. Não busca ativamente ou sente falta do ambiente de língua tcheca e da língua em si. Pelas suas respostas, que são muito semelhantes, compreende-se que é capaz de se adaptar ao novo ambiente e encontrar nele o melhor que lhe convém.

Em certo sentido, pode-se falar de semelhanças com a oitava questão, ou melhor, com suas respostas. Para a comunicação, privada e profissional, utiliza linguagens que conhece, mas ainda não é possível traçar e, assim, analisar a imersão na cultura.

O aspecto social e a sobreposição social do uso da linguagem, que cumpre seu objetivo principal, podem ser utilizados para analisar essa questão. Pertencendo a um grupo social específico, a estratificação social ou mesmo a diversidade no uso da linguagem é considerada eminentemente uma atividade e processo social (VAN DIJK, 2000), e é definida como uma abordagem de cognição e adaptação social com foco na comunicação social, que é exatamente um exemplo do entrevistado.

O entrevistado tcheco No 12 ao responder em sua língua materna revela:

Acho que não me importo, não estou procurando um ambiente onde eu possa falar tcheco, porque não tem muito aqui em Curitiba. Quando vou para São Paulo ou viajo para algum lugar onde os tchecos estejam e conheço eles, é claro que fico feliz em encontrá-los e aproveitar essa oportunidade. Mas não posso dizer que gostaria de me limitar ao ambiente tcheco ou que seria algo que eu procuraria, ou seja, quando eu puder escolher ir a algum lugar onde se fale tcheco ou onde se fale português ... então eu escolheria o lugar apenas porque o tcheco é falado lá, não posso dizer isso (ENTREVISTADO No 12, 2020, p. 403).

Em português, responde de forma bem parecida:

Na verdade, não posso dizer, não posso dizer que eu busco, não posso dizer que estou evitando, não posso dizer nada. Não tenho essa preferência, se eu tenho dois lugares e em um lugar eles falam tcheco e em outro lugar eles falam português, eu não posso dizer que vou escolher esse, onde eles falam tcheco somente porque eles falam tcheco. Sim, eu estou aproveitando as oportunidades de encontrar amigos, encontrar outros tchecos aqui no Brasil, é verdade, mas ... na verdade, não é preferência de procurar somente esse lugar onde eles falam tcheco (ENTREVISTADO No 12, 2020, p. 403).

O entrevistado expressou de forma muito clara, em ambas as línguas, a sua opinião: não procura locais onde se fala o idioma tcheco, mas também não os evita. Sua opinião pode ser

classificada como asséptica e os lugares e as pessoas (fora da família própria) que o cercam não são selecionados com base na língua falada nesses espaços.

O indivíduo entrevistado não deseja restringir o acesso a diferentes ambientes dependendo do idioma utilizado, fala ativamente o tcheco, o português e o inglês no Brasil. Apesar da cultura tcheca que carrega consigo, ser minoria no novo país e não ter muita força ou importância na cultura anfitriã, graças à sua família, seus colegas e amigos tchecos, ele não se sente isolado, rejeitado ou marginalizado nesse novo lar e com isso pode se implicar que não seja levado a necessidade de tomar a decisão se vai ou não assimilar a cultura nova, como Silva, Melo e Anastácio (2009, p. 37) descreveram em suas pesquisas. Pode-se constatar que o homem pesquisado não está distinguindo entre assimilação total e integração total e, simplesmente, usa todas as possibilidades de que dispõe, sem preferências significativas. Essa atitude permite que o entrevistado transite suavemente entre sua cultura original e a nova, usufruindo assim sua cultura de origem e ao mesmo tempo se mantendo aberto à nova cultura do Brasil.

A entrevistada tcheca No 16 ao responder na sua língua materna diz:

Se estou buscando? Não, não muito. Às vezes eu encontro amigos tchecos. Mas não é por falar tcheco, é por causa da cultura, por causa do humor que temos, por causa da percepção da realidade, não é por falar tcheco. Falamos meio tcheco, meio português quando os brasileiros estão conosco ... os maridos e as esposas, então falamos português. E quando ficamos um pouco a sós, falamos tcheco. É bom falar tcheco, tcheco é lindo! (ENTREVISTADA No 16, 2020, p. 424).

Em português revela:

Assim ... buscar, não busco por causa disso não, busco mais as pessoas do meu país, para compartilhar as coisas, temos a mesma visão das coisas, enfrentamos os mesmos problemas culturais. Assim, é legal desabafar. Não busco para falar tcheco, não é isso. Ah, quero falar tcheco – não. É mais ... quero estar com alguém quem está percebendo as coisas da mesma forma, é da mesma cultura e tá enfrentando as mesmas dificuldades, não é pra falar tcheco (ENTREVISTADA No 16, 2020, p. 424).

Em sua resposta tcheca, confessa seu amor pela língua tcheca, dizendo: “É bom falar tcheco, tcheco é lindo!”. Em ambas as línguas, confirma a exatidão do provérbio tcheco “vrána k vráně sedá, rovní rovního si hledá”, que existe em português como “pássaros da mesma plumagem voam juntos”, e ratifica a ideia de que a semelhança é um determinante fundamental da atracção interpessoal. Nesse caso particular, a respondente se refere à semelhança cultural.

Os sentimentos e o comportamento da entrevistada podem ser claramente caracterizados pelo conceito de Tylor (1870, p. 31) que é entendido como um sistema abrangente de tudo o que a entrevistada ganhou como membro da sociedade tcheca: linguagem, conhecimento, religião, arte, leis, morais e/ou costumes. No confronto diário com uma nova cultura, a brasileira, às vezes sente falta da sua cultura materna e, por isso, quando se encontra com cidadãos tchecos, utiliza a língua materna, porque a cultura é o que une uma determinada comunidade e a diferencia das demais. É perceptível que em todas as sociedades em que a entrevistada viveu, aceita a cultura local e tenta assimilá-la, o que ratifica que a cultura é algo aprendido no meio social e, portanto, pode ser entendida como um conjunto de atitudes, valores, crenças e comportamentos compartilhados por um grupo de pessoas (MATSUMOTO, 2002). Deve-se acrescentar, como extensão e confirmação dos autores citados acima, que membros de qualquer sociedade compartilham cultura quando concordam com um conjunto de valores e a prioridade que dão a esses valores (EVERETT, 2019, p. 100). Do exposto, a interpretação lógica subsequente é que a respondente reconfigura sua identidade, de acordo com a sociedade, as línguas e, portanto, a cultura em que se encontra atualmente. A entrevistada expressa o prazer/tranquilidade de se encontrar com pessoas que têm uma cultura materna comum e, ao mesmo tempo, enfrentam o desafio de uma nova cultura, que também se tornou comum.

A última entrevistada No 17 ao responder na língua tcheca narra:

Provavelmente não, não estou buscando, pode ser porque tenho marido e filhas que falam tcheco ..., porém eu não me preocupo com a língua ..., mas eu fico muito mais calma quando estou na República Tcheca, resolvo tudo sozinha e rapidamente. Aqui é mais difícil, porque as pessoas concordam com muitas coisas, mesmo que elas não entendam uma palavra e conseqüentemente as coisas não acontecem, e eu não sei se é por causa da língua ou por outro motivo. Em tcheco, resolvo tudo muito rapidamente. Em português, tudo leva mais tempo, talvez seja porque eles me entendem mal. Não sei se é a língua ou é cultural, porque os brasileiros resolvem as coisas mais rápido. Quando nos encontramos com os tchecos, há mais uma razão cultural do que a língua. Os brasileiros não têm muito senso de humor, do tipo que estamos acostumados (*risos*). E me parece que aqui é difícil formar laços pessoais, todos relacionamentos são mais de trabalho. Não há brasileiros com os quais eu conseguiria conversar normalmente (ENTREVISTADA No 17, 2020, p. 447).

Em português adiciona: “Não, eu não tenho ... não sinto necessidade. Não sinto falta da língua tcheca ... falo bastante em casa em língua tcheca com crianças ... e o marido ... agora não ... às vezes ... sim.”

Na sua língua materna, tem uma necessidade óbvia de falar mais sobre a pergunta, enquanto a sua resposta em português é muito breve. Além da pergunta, suas ideias na língua

tcheca a levam a considerar a velocidade de resolução de diversas situações em sua língua materna em relação ao português, e complementam-na com comentários sobre alguns aspectos culturais que considera diferentes.

Principalmente, sua resposta em sua língua materna mostra sinais de choque cultural e sua comparação das duas culturas. Essas respostas não serão analisadas aqui, pois a análise da questão anterior seria repetida.

Mostra-se, em um panorama geral da questão analisada, que os respondentes não têm a necessidade de procurar um ambiente para utilizar sua própria língua e que estão interessados em aprender um novo idioma de maneira fluente. Nesse ponto, é possível observar certas diferenças entre as duas nacionalidades. Os tchecos assumem a necessidade de falar português para seu próprio desenvolvimento e possibilidade de comunicação no Brasil. Ao contrário, os brasileiros não necessariamente precisam do idioma local para se comunicar, porém sentem-se obrigados por uma questão cultural e de respeito ao país hospedeiro, mesmo sendo possível se comunicar em inglês.

No entanto, todos concordam que somente o conhecimento da língua do país anfitrião permite o entendimento e a imersão na cultura local. Sabem, consciente ou inconscientemente, que a língua é necessária não apenas para a sobrevivência, mas também para a integração, interação e o sentimento de que fazem parte da sociedade em que querem se inserir sempre que decidirem permanecer no país.

É evidente que, quando encontram o ambiente de seus compatriotas sem procurá-lo ativamente, desfrutam dele e ficam felizes com ele, mas não apenas pelo idioma, senão pela cultura que absorveram desde o nascimento e da qual às vezes sentem falta.

Por fim, é pertinente destacar um aspecto que pode mostrar o quão grande pode ser a integração se um indivíduo puder se comunicar fluentemente em um novo idioma. Os inquiridos não procuram pessoas que falem a sua língua e partilhem a sua cultura, mas sim pessoas de quem gostem (por exemplo os entrevistados 8 e 16).

4.4.7 Pergunta quatorze: Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país?

É relevante dizer que o “aqui” na pergunta sempre se refere ao país em que o sujeito pesquisado se encontra no momento da entrevista, em outras palavras o “aqui” é a República Tcheca para os brasileiros e vice-versa o Brasil para os tchecos.

A pergunta é clara e inequívoca e se concentra na análise das reconfigurações das identidades dos entrevistados que vivem em outro país, o que acontece através da cultura, contatos sociais, papel social e principalmente do uso da língua local.

É realmente possível que os imigrantes não se sintam diferentes quando se mudam e moram em um novo país? Ou sentem o mesmo? As respostas a essas perguntas devem ser estudadas no contexto da observação de reconfigurações de identidade. Antes de analisar as próprias entrevistas, e para compreender as conclusões, foi necessário fazer a pequena introdução sobre como cada um dos países em que os entrevistados residem tem padrões culturais muito determinantes, tanto para os locais como para os imigrantes. Assim, o leitor também conhecerá a forte idiosincrasia das culturas brasileira e tcheca, que marcarão também a nova visão que cada um dos entrevistados tem sobre si mesmo. Segurança, disciplina, clima, confiabilidade marcam assim a percepção do novo país e a identidade de cada um deles.

O entrevistado No 1, brasileiro, ao responder a primeira pergunta na sua língua materna revela: “[...] é uma das questões que estava pensando agora. [...] ... tento ser a mesma pessoa [...].” Em tcheco aponta: “Provavelmente não, estou tentando ser o mesmo. [...] ... provavelmente já que estou muito tempo fora do Brasil, então pensei, não é assim, lá me sinto diferente [...].”

O entrevistado afirma ser a mesma pessoa, ou “tentando ser”. Em seu discurso, porém, fica claro que está pensando nessas situações e possíveis reconfigurações e, que está lidando naturalmente com elas. Em português, fala mais sobre o Brasil e o pensamento dos jogadores brasileiros de futebol que conhece na República Tcheca (vide Apêndice F), comparando-os consigo mesmo, pensando sobre alguns comportamentos naturalizados dos brasileiros que não poderem ser aplicados na cultura local. Enquanto em sua fala no idioma tcheco, reflete sobre a realidade da República Tcheca. A esse respeito, é proveitoso utilizar a visão de Rajagopalan (2004, p. 71), e intercalar com as informações trazidas pelo entrevistado, que afirmam estarem todas as identidades em constante estado de transformação, em ebulição. Estão constantemente

sendo reconstruídos. Em um determinado momento, as identidades se adaptam e se adequam às novas circunstâncias que surgem.

O entrevistado brasileiro No 3 ao responder em português declara:

Muito ... uma coisa é você viver numa sociedade que normatizou a violência, a agressão ... e vim para um lugar desse ... [...] Quando cheguei em Olomouc, porque eu sou brasileiro, primeiro hábito do brasileiro antes de ir pra cidade nova ... né ... um brasileiro esperto ... é identificar os índices da criminalidade (*rindo*). E quando cheguei aqui há sete anos, me disseram que era menos alguma coisa menos zero alguma coisa ... eu não entendi ... o índice de homicídios, de assassinatos, né. Não fazia sentido para mim ... o que é isso? E eu fui perguntar aos colegas de estatística e eles me explicaram que a cidade perdeu alguém assassinado, mas a pessoa teve delicadeza de morrer fora da cidade. Então apesar de haver pessoas de Olomouc assassinados, eles não morreram em Olomouc (*risos*) ... não tem preço, não tem preço ... deitar-se no parque no sol, abrir um livro, um computador, qualquer coisa e saber que ninguém vai te botar uma arma na cabeça, acho que a maior mudança é ... porque a gente não percebe isso morando lá, se alguém que mora fora fala isso aos brasileiros, o brasileiro toma isso como ofensa O Brasil não tem conceito de liberdade. Morando aqui sou pessoa mais calma, menos agressiva ... eu tive arma três vezes na minha cabeça lá no Brasil, aqui nada ... que tedioso (*risos*) ... isso muda a pessoa. Vocês têm liberdade aqui. Quando cheguei ... qualquer grito na rua eu já olhava ... sempre estamos na defensiva, sempre com estresse. Vida aqui me fez pessoa melhor ... não é porque a cultura é superior ... nada disso. É simplesmente uma coisa que todo ser humano deve ter direito a ter, que é dignidade existencial. Todo mundo devia ter isso. [...] (ENTREVISTADO No 3, 2019, p. 272).

Na língua tcheca completa:

Acho que sou uma pessoa melhor hoje. Estou mais calmo. Não me sinto tão estressada como durante toda a minha vida. As pessoas aqui me ajudaram muito. Quando posso, sou voluntário para caridade. Eu acho que tenho que fazer isso. Quando as pessoas são legais com você, acho que temos que retribuir. Para ser justo. Tem muita gente lá, eles estão deprimidos ... Eu tô lá com eles, dou risada com eles, eles riem e a gente tá um pouco melhor (ENTREVISTADO No 3, 2019, p. 272).

Suas respostas são muito reveladoras. Na língua tcheca confirmou o mesmo conceito do pensamento apresentado na língua portuguesa, porém não com um repertório tão amplo como na língua materna: “sou pessoa melhor, sou mais calmo”. Isso pode ser percebido como a cultura, as circunstâncias ou o ambiente que pode ter influência na reconfiguração pessoal.

Na segunda resposta, já comentou sobre o mesmo sentimento, confirmando que “isso me tornou uma pessoa melhor aqui na República Tcheca”. Já aí, o “respeito” surgiu como um dos principais fatores dessa mudança (EVERETT, 2019, p. 100). Outra consideração relevante é o fato de ele ser um filósofo graduado. É axioma: os indivíduos precisam satisfazer as necessidades básicas: meios de subsistência (saúde, alimentação etc.); proteção (sistemas de

segurança e prevenção, habitação etc.); e afeto (família, amigos, privacidade etc.) para desenvolver sua alma. Aparentemente, ao se mudar para a República Tcheca, resolveu o lado pragmático de sua vida e posteriormente se tornou altruísta.

O entrevistado brasileiro No 5 ao responder na sua língua materna confessa: “Sim. Primeiro me sinto muito seguro com transporte público. [...] Segurança, também ... à noite eu posso voltar a pé do centro com a minha esposa, a minha esposa pode voltar do centro a pé sozinha. E é basicamente isso.” Na língua tcheco complementa: “Quase, porque apenas dois anos não são suficientes. Mas acho que serei diferente em mais um ou dois anos.”

Vale a pena pensar na resposta em português sobre o seu argumento de se sentir uma pessoa diferente. Mas seria importante sinalizar que essa mudança veio de estímulos externos, como segurança nas ruas e sua tranquilidade quanto à segurança da esposa. Porém não se deve falar apenas na reconfiguração identitária, quanto uma mudança comportamental promovida pelas circunstâncias externas. Já na resposta em tcheco, expressa opinião de que não se sente tão diferente e que essa mudança ocorrerá no futuro breve. No entanto, é possível especular que foi incapaz de expressar todos os seus pensamentos e sentimentos na língua tcheca. Mesmo assim dá para entender que fala sobre reconfiguração identitária, e não comportamental.

Quando um indivíduo não precisa se preocupar com o ambiente externo (segurança), ele se torna pessoa mais livre, capaz de canalizar energias para melhorias do seu cotidiano no sentido mais amplo. Neste contexto, a identidade pode ser entendida como um processo de metamorfose, que inclui essencialmente: “transformação”, “mudança” e “forma”, conforme já discutido na parte teórica, pois apresenta a visão do ser humano como um ser ativo em constante processo de reconfiguração. Como Ciampa (2006, p. 14) acrescenta, a identidade é vista como um movimento de transformações que moldam nossas identidades, seja como uma história de vida - o passado criado pelo meu trabalho; ou como um projeto de vida (um futuro que precisa ser traçado a partir do desejo), em outras palavras, desenvolver a competência de falar e agir de forma independente para expressar sobre quem eu sou e quem eu gostaria de ser. Se a pessoa passa por mudança fundamental em um determinado momento da vida (por exemplo, mudança para um novo país e a necessidade de usar uma nova língua) é compreensível que sua metamorfose seja significativamente desenvolvida. É impossível prever se essa mudança será negativa, estereotipada e estigmatizante ou, inversamente, positiva, nova e tranquila. No caso do entrevistado pesquisado pode-se dizer com nitidez que ele percebe a mudança que é fundamental e a caracteriza como positiva para si e para sua vida.

A entrevistada No 8 antes de responder na sua língua materna, o português, pensou por cinco segundos, só após esse tempo explicita:

Eu me sinto mais fechada, mais sozinha, mas não diferente em si. Tipo assim ... eu sou o que eu sou ... as pessoas se meio adaptam pouco a mim ... não é que eu não me adapto à situação ... eu sou muito flexível, eu me adapto muito bem ao ambiente, tanto que já morei em outros países, mas ... eu respeito aqui as tradições, respeito como eles são e tudo, então eu sou bem adaptável ..., mas ... eu internamente, do jeito que eu sou, não me sinto diferente, por exemplo, eu sei que eu tenho os limites até ao onde ir, até ao chegar, até ao falar e tal, eu sei e eu respeito, uma boa. Eu consigo me adaptar ... ser uma pessoa ... durante a convivência, né, com os tchecos, mas aí eu me solto, por exemplo, eu fico mais à vontade, eu sou realmente mais leve ... quando estou quando estou com ah ... com as pessoas com quem eu possa estar mais leve, vamos dizer assim. Não precisa ser apenas com os brasileiros, mas não com os tchecos no dia a dia, vamos dizer assim, entendeu? O ambiente me fecha muito. Aqui me sinto totalmente fechada, meio isolada, sozinha ... não sei ... é isso (ENTREVISTADA No 8, 2019, p. 316).

Pelo contrário, sua resposta em tcheco é muito curta: “Eu acho que não. Eu sou a mesma.”.

No entanto, isto contrasta fortemente com a resposta na língua portuguesa, onde confirma que é diferente e as razões para esta reconfiguração. Pondera longamente sobre os motivos pelos quais se sente outra pessoa e por isso tem uma identidade diferente, na qual o ambiente é essencial para ela. Pode-se inferir que essas questões não são fáceis, nem resolvidas, para ela, como se estivesse lutando por quem ela é. Além das informações expostas, é evidenciado em muitas de suas respostas que ela quer se adaptar à cultura local, que quer estar livre de problemas, porém, apesar de seus esforços de longo prazo (15 anos na República Tcheca), se sente “totalmente fechada, meio isolada, sozinha”.

Falou sobre essa questão por dois minutos, o que pode ser considerado muito tempo. Ao contrário, no idioma tcheco respondeu em apenas sete segundos e deu a entender que já não queria alongar mais a sua resposta. Analisando as respostas, é necessário refletir, dentre outras coisas, sobre as emoções humanas, sobre a formação de identidades por meio do ambiente sociocultural, e sobre se expressar de forma completamente diferente em diferentes línguas. Todos esses fatores citados podem ser identificados nas respostas.

As emoções como processos construídos mental e socialmente, incluindo experiências subjetivas de prazer e desprazer (MACHÁČ, 1985, p. 56), avaliam fatos, eventos, situações e resultados de atividades de acordo com o estado subjetivo das pessoas e, assim, definem atitudes para como enfrentar a situação dada. As emoções do sujeito de pesquisa se manifestam inserindo suas falas de acordo com a língua que utiliza e, assim, alterando o conteúdo da

mensagem: na língua tcheca é “fechada” e, portanto, fala muito estritamente; em português se sente “livre” e expressa verbalmente tudo o que deseja.

Em todas as respostas é possível observar e analisar que são em sua maioria mais curtas na língua tcheca, o que pode estar relacionado ao fato de que as pessoas que falam línguas diferentes pensam de forma diferente (BORODITSKY, 2003, p. 66), formulam seu pensamento de forma diferente (EVERETT, 2012, p. 264), e, em interação com seu ambiente, eles organizam e reorganizam constantemente a visão de si mesmos e sua relação com o mundo ao seu redor, mergulhando assim, sem perceber, na reconfiguração e renegociação de sua própria identidade (NORTON, 1997, p. 410).

A entrevistada No 9 ao responder na sua língua materna, o português, diz:

Yes¹⁰⁸, sim, eu me percebo diferente, porque ... eu acho ... aqui eu sei que sou mais ansiosa, sou mais fechada, mais introvertida ... por exemplo, eu lembro uma vez quando fui ao Brasil, eu tava com a minha mãe no shopping, e ela me pegou e colocou o braço dela sobre mim ... e eu automaticamente retirei o braço dela, dizendo: “O que você está fazendo?”. Ela disse: “Oh, meu Deus! Você mudou.” Aquele foi o primeiro momento que eu percebi que tinha realmente mudado e tudo ... por exemplo a questão de ansiedade, uma vez eu comprei um pacote de Haribo (*ursinhos de goma: nota do autor*) e eu comi ... tipo de ansiedade. Eu levei esse pacote pra Brasil, no avião ... fiquei no Brasil duas semanas e pacote ficou fechado, o tempo todo, eu não tive vontade ... assim que voltei pra cá, do aeroporto, cheguei em casa, eu abri ... não sei ... tipo não é uma coisa ... eu não queria comer doce, eu não queria comer nada no Brasil tipo ... eu tava feliz lá e tudo ..., mas quando chego aqui, tô ansiosa, tô ... tipo ... nervosa ... são coisas diferentes que já percebi que ... é diferente aqui ... quando tô falando português ... aqui ... uma vez eu encontrei essa minha amiga que já tinha falado, com outra brasileira que tinha recém-chegado ... foi única vez que encontrem elas duas juntas ... ficamos duas horas andando pela cidade conversando ... e eu estava sorrindo, feliz, alegre ... tudo ..., mas em tcheco sou mais fechada, não que eu seja infeliz, mas que sou mais retraída, mais fechada (ENTREVISTADA No 9, 2019, p. 342).

Na língua tcheca confirma o mesmo ao dizer: “Sim. Estou aqui mais fechada, introvertida.... acho que quando eu comecei a aprender a língua tcheca, eles sempre me diziam que não falo bem e que tinha sotaque errado, e isso me machucou e me fechou ... falando inglês me sinto melhor, sou outra pessoa em inglês.”

A parte tcheca da resposta revela que tem um “trauma” da época em que estava aprendendo a língua tcheca, quando tinha um professor que não a motivava adequadamente. É interessante que também cita a língua inglesa nesta resposta, porque representa conforto no uso, ou uma certa neutralidade para ela, quando o português está ligado ao Brasil e o tcheco está

¹⁰⁸ Yes é uma palavra inglesa, que significa sim em português (nota do autor).

conectado ao novo ambiente sociocultural em que vive. Na parte portuguesa da resposta, falou muito e descreveu em detalhes sua percepção da mudança de identidade, incluindo a experiência com a mãe.

Nas respostas em ambas as línguas, declara que se sente diferente quando está em um ambiente tcheco e fala tcheco. Menciona um incidente muito interessante quando caminhou por Praga com duas brasileiras e falou português e isso a “remeteu” à sua identidade original. Nesse trecho do discurso, pode-se deduzir, logicamente, que a mudança de identidade é causada principalmente pela linguagem, pelas pessoas com quem falamos e, também, pela cultura. Numa visão mais global da entrevistada, percebe-se que o processo de aculturação (SPIELBERGER, 2004; ABE, 2017) é um assunto bastante complexo, como será discutido na próxima parte do texto.

Suas respostas se encaixam exatamente na hipótese desta tese de doutorado que aqui é confirmada de forma convincente. Assim a identidade se reconfigura de acordo com a língua que falamos. Inconscientemente, as pessoas reproduzem a maneira como os outros falam (KRAMSCH, 1998, p. 65), e isso é confirmado por Everett (2019, p. 371) quando diz: “Falamos como aqueles com quem falamos”. Porém, a partir de suas respostas, pode-se deduzir que a identidade é de fato reconfigurada durante o uso ativo de línguas estrangeiras. Então o idioma é o principal, e a cultura? Aqui, novamente, a citação de Everett (2019, p. 344) pode ajudar: “A linguagem inclui o homem e a cultura como um todo.” Assim, a cultura não está excluída, é parte essencial da reconfiguração.

O entrevistado No 10, tcheco, ao responder na sua língua materna afirma:

Com certeza me sinto mais livre. Há situações em que não me sinto livre porque sinto a vinculação de normas e a pressão da sociedade. Acho que me tornei muito conservador aqui. Você nasce de acordo com alguns padrões, e os seus pais lhe programaram. Porém chega em certa idade em que você percebe que a trajetória não combina mais com você. A cultura local sempre exige algo de mim (ENTREVISTADO No 10, 2019, p. 359).

Na língua portuguesa, se aventura a revelar seu pensamento de forma diferente, mais livre:

Claro, eu sou outra pessoa. Eu acho que eu pertencço mais a mim mesmo, no meu país eu acho que eu pertencia mais a cultura do meu país, meus ancestrais. Por exemplo, em relação ao corpo. O corpo é livre aqui. Diferente da Europa. Lá o corpo é disciplinado, por exemplo, o meu pai me disciplinou para ter bom desempenho. Outro exemplo é a educação. A educação tem que conter o lúdico. Na Europa isso não existe. Para mim é um grande desafio. Eu nunca tinha abordado educação como coisa lúdica. Para mim foi sempre coisa da disciplina. Educação é disciplina, autoridade, ordem.

Aqui não. Na escola pública as crianças não têm disciplina. É totalmente diferente da Europa. Eu gosto muito da disciplina.”, parou para pensar e continuou: “Mas para ser criativo, você precisa liberdade”, mais uma vez pausou antes de terminar a resposta: “Eu posso escolher o que eu quero das duas culturas” (ENTREVISTADO No 10, 2019, p. 359).

As respostas revelam a dimensão sociocultural da República Tcheca e suas implicações quanto à visão do mundo ao descrever sua experiência em relação à criação. Contudo, mesmo no Brasil existindo algumas normas e regras, se sente livre diferentemente da sua terra natal. Em português confirma a sensação de liberdade, porém problematiza e analisa os aspectos culturais do Brasil e da Europa. Enfatizando o fator de ele se referir à Europa e não mais à República Tcheca é possível especular que, ao falar em português no Brasil, ele se apresenta como um europeu e não como cidadão tcheco, sendo essa uma forma de se definir para o interlocutor qual é seu lugar de origem. A sua visão é formada pela experiência de: disciplina, autoridade, hierarquia, mais uma vez enfatizando elementos tão enraizados da cultura tcheca.

A liberdade pode ser entendida como valor humano e social da cultura na qual o sujeito é educado e depois inserido, seja a cultura materna ou nova. Geertz (1973, p. 50) percebe esses valores como um produto cultural que nos foi inculcado, e isso nos orienta e nos direciona em nosso pensamento e nos ajuda a responder adequadamente no ambiente sociocultural em que nos encontramos no momento da fala. Nossas respostas tornam-se inevitavelmente mais eficazes quando utilizamos o idioma de acordo com o ambiente cultural. Nota-se no discurso do entrevistado que a referida liberdade pode ser entendida como uma “vitória” na luta em que conquistou “tais liberdades” em sua trajetória histórica. Isso fica evidenciado nas respostas às questões 12 e 14 na língua tcheca e 14 na língua portuguesa, onde ele expressa “ser livre”.

O entrevistado, pelas respostas, duela internamente entre disciplina (a qual menciona quatro vezes na 14ª resposta em português), hierarquia e ordem (como foi “programado” por seus pais, como mesmo destacou na 14ª resposta em tcheco), e liberdade e ludicidade (que aprendeu no Brasil – vide na 14ª resposta em português). Como descreve Peter L. Berger (1966), cada papel social tem sua própria disciplina interna e molda, determina e modela a ação e os atores. Aqui podemos observar uma grande polaridade interna, se o entrevistado aceita uma nova cultura, aceita-a ou se rebela, rejeita-a e continua seus ensinamentos. Revela certa insegurança e admite grandes dúvidas sobre em qual dos “lados” se apoiar (liberdade ou disciplina – o que pode ser conferido em sua resposta em português para 14ª questão: “Eu gosto muito da disciplina. Mas para ser criativo, você precisa liberdade.”). Partindo das respostas para análise pode ser ressaltado que esse duelo o aflige, porém aceita conviver com as práticas

sociais da cultura em que está imerso sem deixar de apontá-las, conforme dito na 13ª resposta em português: “Eu posso escolher o que eu quero das duas culturas.”

O entrevistado No 11 ao responder na sua língua materna diz: “Eu mesmo acho que sou mais paciente ..., mas os outros não me percebem assim (*risos*).”

Na língua portuguesa tenta fazer piadas sobre o assunto perguntado:

Depende de que lado ... eu me sinto diferente porque aqui é calor, então estou suado cada dia (*risos*). Eu acho que bebo mais água do que a cerveja aqui mas geralmente eu não me sinto tão diferente que ... que eu gosto das mesmas piadas, eu gosto mesmo tipo de pessoas, gosto de aproveitar o dia, ficar positivo, essas coisas que são bem parecidas com outros países. É a coisa: no início, quando você chega, tudo é diferente, você acha que tudo é 180 graus diferente. Mas você conhece, você vê que tudo tem um motivo, tudo tem a razão por que, e você chega até o entendimento porque as coisas funcionam assim, e você chega também a entender que não é tão diferente ... são os jeitos diferentes, mas no final ... é igual (ENTREVISTADO No 11, 2019, p. 383).

As respostas em ambos os idiomas são completamente diferentes. A resposta em tcheco é curta e fala apenas sobre o fortalecimento da paciência do entrevistado. Fala muito mais em português e filosofa sobre outras questões: condições climáticas, sobre o fato de gostar das mesmas piadas, das mesmas pessoas. Embora o novo país pareça muito diferente, com o tempo entendeu os motivos pelos quais as coisas funcionam de determinada forma e as pessoas reagem à sua maneira. Concluiu enfatizando que, apesar das várias formas distintas, tudo “é igual”.

Quando o entrevistado comenta que “você chega até o entendimento de porque as coisas funcionam assim”, na verdade pode-se concluir que está dizendo que a princípio não entendia e agora entende. Dessa forma, realmente descreve a assimilação cultural quando ele assumiu os valores, comportamentos e crenças do grupo dominante, ou local, e os compreendeu (SPIELBERGER, 2004). Sua atitude também pode ser descrita como um entrelaçamento de culturas, onde o entrevistado amplia seu repertório cultural existente (ABE, 2017). A assimilação cultural está intrinsecamente ligada à linguagem e se deve ter em mente que a cultura influencia a linguagem neste contexto, porque todos precisam expressar os elementos culturais de alguma forma, mas isso se faz de uma forma diferente daquela a que estão acostumados em sua língua materna.

O entrevistado tcheco No 12 ao responder na língua tcheca fala:

Eu penso que sim. Eu acho (*risos*) que é porque talvez ... e é uma espécie de paradoxo ... aqui o modo de vida é mais calmo, é muito mais descontraído. Quando algo

acontece, ninguém resolve extra. O que é mais agradável porque você tem tempo ... e mais tempo e mais paz de espírito para reagir. Mais uma vez, por outro lado, você deve estar constantemente alerta e sempre pronto para quando for surpreendido com o que não espera daquilo a que a pessoa está acostumada. Na República Tcheca, e agora vou comparar diretamente com a República Tcheca, porque estamos falando de tcheco e português, então na República Tcheca a pessoa parece estar sempre estressada e ainda precisa ... e ainda persegue algo, e algo precisa ser feito e é necessário fazê-lo e assim e se eu não fizer isso até ... então a pessoa está sob tal estresse. Mas, novamente, você conhece as consequências e pode esperá-las e controlá-las, você tem muito mais controle sobre o que está acontecendo. Estou muito mais calmo lá porque posso contar com um grupo muito mais amplo de pessoas, incluindo pessoas que nem conheço pessoalmente, enquanto estou aqui no Brasil ... eu acho que ... eu não estou tão calmo e muitas vezes eu xingo e fico com raiva ..., mas é porque algo me deixa estressado e pode ser uma e outra vez ... acontecem para mim situações que não são normais e confortáveis para mim e sim para os brasileiros, e mesmo que eu esteja pronto para isso e tenha que contar com isso, ... muitas vezes me encontro em situações em que não posso continuar assim e isso acaba saindo de mim ... Eu sinto isso mais enquanto dirijo, por exemplo (*risos*) (ENTREVISTADO No 12, 2020, p. 410).

Pela resposta em português conclui-se que teve dificuldades de entender a pergunta e conseqüentemente a resposta não pode ser considerada relevante, porém fica aqui evidenciada para que o leitor possa tirar suas próprias conclusões:

Eu gosto de morar em ambos os lugares. Na verdade, agora moramos aqui. Quando estou aqui, eu sinto saudades da República Tcheca e da família lá. Quando nós estamos lá, depois de algum tempo eu já sinto saudades do Brasil, então eu gosto dos dois lugares e posso morar aqui mesmo que lá, eu gosto dos dois lugares (ENTREVISTADO No 12, 2020, p. 410).

O entrevistado responde de forma diferente. O conteúdo da resposta em português se aproxima da sua resposta em tcheco à segunda pergunta, e é possível especular que não tenha entendido a pergunta corretamente. Na resposta em língua tcheca, admite que se vê de forma diferente, porém, defende essa mudança pelas diferenças culturais dos dois países. Em virtude do não entendimento da questão em português, a possibilidade de comparar e avaliar as duas respostas em suas diferenças é reduzida. No entanto, é possível observar elementos adequados para a análise da reconfiguração das identidades socioeconômicas. Devido aos aspectos muito semelhantes aplicáveis à análise, esta parte da entrevista está ligada à décima quinta questão, e ambas serão analisadas em conjunto, no próximo subcapítulo dessa análise.

A entrevistada tcheca No 16, ao responder na sua língua materna, internaliza a pergunta: “Se eu me percebo diferente? Não, não acho que não. Não me percebo diferente.”

Porém na língua portuguesa diz o contrário:

Diferente me mesmo? Não me percebo diferente, mas claro que tinha que mudar algumas coisas, reclamar menos. Tchecos adoram reclamar, aqui eles não gostam disso. Tenho que parar um pouco. Também não posso ser tão direta tenho que falar com as pessoas com muito cuidado depois de quatro anos eu tô mudando essas coisas, né? Mas algumas coisas acho que tô mudando até pra bem porque vejo que as pessoas aqui são muito agradecidas, mais do que a gente, né? Então isso também estou aprendendo ... ser mais agradecida pelas coisas. Isso acho positivo, né? Mas aquela coisa que tem que ..., mas reclamar menos também é positivo, né? Mas aquela coisa que tem que falar com a pessoa ... com muito cuidado, Nossa Senhora! (*risos*) Isso é perda de tempo acho, eu queria falar coisas papapa (*mostrando movimentos rápidos da mão como se estivesse atirando*) aqui não posso (ENTREVISTADA No 16, 2020, p. 429).

Há uma diferença marcante em suas respostas. Na língua tcheca, está convencida de que não mudou em nada. Por outro lado, admite grandes mudanças na sua resposta em português: não pode reclamar tanto como na língua tcheca, tem que falar com mais cautela, no entanto, reconhece que avalia algumas mudanças positivamente.

A entrevistada percebe sua própria identidade se reconfigurando ao falar em português, em comparação com os locais, e essa identidade é sempre reconfigurada a partir da/na interação com as pessoas ao seu redor, e de acordo com a forma como se apresenta, atua e como sejam os seus discursos aceitos por outros, em outras palavras, sua identidade seja reformulada pelo discurso social de rotina, conforme descrito por diversos autores (por exemplo VAN DIJK, 1998, p. 154; ARCHAKIS e TZANNE, 2005; CHRYSOCHOOU, 2003). Essa interação é possível por meio da comunicação, do diálogo, da expressão, da troca de ideias etc., quando a linguagem entra nela, o que é importante para constituir identidades e desse ponto de vista percebemos a linguagem não apenas como uma representação do mundo e do pensamento ou como ferramenta de comunicação, mas também, como forma de interação social (KOCH, 2003, p. 128). É possível confirmar, analisando a entrevistada, que a identidade é parcialmente ou mesmo predominantemente construída pela linguagem no contato social. Em outras palavras, toda vez que as pessoas falam, não apenas trocam informações com seus parceiros de comunicação; eles também organizam e reorganizam constantemente seu senso de quem são e como se relacionam com o mundo social, aliás, tratam da construção e negociação identitária (NORTON, 1997, p. 410). E esse é exatamente o exemplo da pessoa que está sendo examinada, onde sua identidade é polêmica, interativa, social, porque ela define e rotula quem é, na presença do outro e em oposição ao outro. A maneira como se define é quem é e, é assim que se vê na frente dos outros.

Essas respostas são muito ricas em pontos para possíveis análises, porém, aspectos como a autocensura e sua assimilação da cultura brasileira seriam apenas uma repetição do que já foi mencionado nas respostas anteriores.

A entrevistada tcheca No 17 ao responder na sua língua materna revela:

Sim, é mais uma vida profissional aqui, é muito sobre trabalho, não tenho muitos amigos aqui, enquanto na República Tcheca ... pode ser devido ao fato de eu ter chegado grávida (*risos*) ... então na República Tcheca as possibilidades eram diferentes ... então pode ser porque foi antes das crianças e depois das crianças ... minha vida na República Tcheca é mais social (*risos*) ..., aqui não ... aqui é tudo profissional, apenas relações profissionais (ENTREVISTADA No 17, 2020, p. 453).

Em português diz:

Sim. Eu acho que aqui fico mais tranquila (*risos*). Por causa da cultura, porque não tem tanta exigência nas pessoas. Por exemplo, com minha educação aqui, eu consigo várias coisas ... meus resultados na República Tcheca são de média, não são muito extraordinários. Mas aqui com a minha educação ... sou excelente ... eu percebo que consigo fazer mais coisas, sou mais calma aqui, porque me pareço mais competente aqui. Lá na República Tcheca minha vida foi mais social, aqui é trabalho (ENTREVISTADA No 17, 2020, p. 453).

A entrevistada descreve o que se pode chamar duas vidas diferentes: a passada na República Tcheca e a atual no Brasil. Porém, sua experiência é incomparável, pois descreve a vida “antes e depois das filhas” e ademais o fato de nunca ter trabalhado na República Tcheca, enquanto trabalha no país atual. O nível definido do padrão educacional brasileiro a satisfaz porque ela o excede e, conjuntamente e conseqüentemente, a faz se sentir mais relaxada.

Quando a entrevistada se mudou para o Brasil, teve que aprender um novo idioma e se orientar em um novo ambiente cultural. Seu papel social também mudou significativamente. A nova língua não poderia ser aprendida isoladamente porque está sempre associada a fatores como o ambiente social em que a aprendizagem ocorre e as influências culturais e de identidade desse ambiente. A língua é sempre uma prática social e seu aprendizado se dá nas relações sociais nas quais as identidades são constantemente reconstruídas (BRISOLARA, 2015, p. 111). A importância do papel social do sujeito examinado na nova sociedade também não deve ser esquecida. O papel social pode ser visto como padrões de comportamento impostos ao indivíduo de fora e relacionados às expectativas dos outros, onde o papel é sempre definido em termos das expectativas dos outros, nunca em termos de características do sujeito (RODRÍGUEZ CAAMAÑO, 2001, 29). Seu papel de mãe “brasileira” é definido por um

conjunto de normas, direitos, obrigações e explica o que condiciona seu comportamento na nova sociedade (JANDOUREK, 2003, pp. 61-63). É provável que os pais tenham papéis sobrepostos, mas nunca idênticos, entre as duas culturas diferentes (EVERETT, 2019, p. 362). Os papéis sociais na nova cultura são parte da interculturalidade, eles interagem, embora os papéis sociais não sejam decisivos para a interculturalidade, mas podem ser considerados um dos aspectos que determinam o grau de contato e comunicação contínuos entre duas ou mais culturas. O papel social individual da entrevistada se desenvolve ao longo de sua vida, quando implementa uma nova cultura em sua vivência cultural materna, e em certa medida adapta-se. Aqui, vale lembrar que a identidade é um fenômeno dinâmico indistinguível do contexto situacional em que a respondente pesquisada atua ou ao qual deseja pertencer. Por esse motivo, o processo de transformação da identidade nunca se esgota e muda de acordo com as interações sociais, desejos e encontros dos quais a entrevistada participa durante sua vida e que geralmente são únicos e altamente subjetivos (TABOURET-KELLER, 1997, p. 316, apud MARTÍNEZ, 2005). Do exposto, pode-se determinar que sua identidade é polêmica, interativa, social, pois define e rotula quem ela é, na presença do outro e em oposição ao outro. A forma como a entrevistada define quem é, está dentro de si mesma e, é assim que se vê na frente dos outros.

Todos os entrevistados responderam afirmativamente na questão analisada que se sentem diferentes quando moram no novo país. Quando eles aceitam a nova cultura, não querem dizer que a aceitam sem ressalvas, eles a aceitam em essência. Mesmo que se rebelassem contra ela, eles tentam continuar aprendendo suas regras culturais na tentativa de aceitá-las gradualmente. Cada um, claro, por um motivo diferente. Assim a assimilação cultural pode ser descrita como o local onde os valores, comportamentos e crenças de um grupo local, majoritariamente dominante, são assumidos (SPIELBERGER, 2004). Há também um evidente entrelaçamento de culturas onde cada indivíduo, querendo ou não, expande seu repertório cultural atual. Muitos entrevistados tchecos mencionam a inquietude como um fator importante que os afeta nesses processos, o que pode ser atribuído aos papéis sociais esperados da sociedade, que podem ser entendidos como certos padrões de comportamento impostos a cada indivíduo de fora, em outras palavras, esses papéis sociais devem ser entendidos como definidos em função das expectativas dos grupos sociais presentes, nunca em função da vontade e das crenças do próprio indivíduo.

4.4.8 Pergunta quinze: Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua tcheca (portuguesa)?

Todos os entrevistados respondem afirmativamente à premissa desta tese, todos percebem que reconfiguraram, que mudaram a sua “maneira de ser” e conseqüentemente confirmam a reconfiguração. É de tirar o fôlego ver como cada um deles apresenta as suas posições. A maioria responde da mesma forma nos dois idiomas, três respondem de forma diferente em cada idioma. Quando eles respondem de forma diferente em ambas as línguas, é sempre o caso que eles se recusem a admitir sua reconfiguração em sua língua nativa, porém ao mesmo tempo admitem sua reconfiguração utilizando a nova língua. É muito fascinante observar que alguns precisam comentar o motivo de sua reconfiguração identitária atribuindo ao idioma, outros à cultura. Contudo, essas reflexões dos entrevistados não são levadas em consideração para esta tese, uma vez que são de dimensão empírica. No entanto, e talvez por isso, suas declarações são tão gratificantes.

Na seção seguinte, todos os respondentes serão citados, comentados e analisados na respectiva sequência, primeiro cinco brasileiros e depois cinco tchecos.

Em sua língua nativa, o português, o respondente No 1 comenta:

[...] eu não uso “dělám, udělám, dívám, podívám¹⁰⁹” essas combinações verbais, essas coisas ainda não consigo usar ... como falante do tcheco eu me percebo diferente ... talvez em português eu podia dizer “se eu fizesse”, seria condicional, porém em tcheco não sai assim. Isso definitivamente me limita. Eu gosto muito desse verbos condicionas em inglês “could, would¹¹⁰”, isso não te dá certeza das coisas (*risos*), exatamente isso gosto de “não sei”, não quero dar certeza – em tcheco eu preciso dizer precisamente e não gosto, isso é complicado para mim (ENTREVISTADO No 1, 2019, p. 251).

Em sua nova língua nativa, em tcheco, o respondente No 1 afirma:

[...] Acho que sou diferente, tenho problemas quando quero dizer algo e não quero dizer “eu” ou “não” e não quero dizer algo específico, difícil. Isso é um problema, porque em inglês posso dizer frases complicadas, hipotetizar, mas em tcheco não consigo e tenho que dizer de outra forma e isso me frustra. O tcheco não é uma língua

¹⁰⁹ Forma condicional é uma forma verbal de expressar que a realização de um certo evento ou estado é condicionada por determinadas circunstâncias. A forma condicional também pode ser usada para expressar uma solicitação educada. Em tcheco, os métodos de condicionamento atual e passado são: presente condicional que expressa uma ação ou condição à qual ainda não ocorreu, mas pode ocorrer sob certas condições; o passado condicional que é usado para expressar que um evento pode ter ocorrido no passado, mas não ocorreu porque as condições não foram atendidas, e sua implementação não é mais possível (nota do autor).

¹¹⁰ Poderia ser traduzido para o português como: poderia, gostaria (nota do autor).

abstrata para mim. Eu não sei, mas acho que a língua tcheca é ... você sempre pode falar alguma coisa ... [...] e a gramática tcheca é muito detalhada, complexa - declinação, tempos verbais ... cada situação tem uma palavra diferente. É um problema para mim, é uma língua muito precisa (ENTREVISTADO No 1, 2019, p. 252).

Culturalmente o entrevistado demonstra hábitos herdados ainda da língua materna, e dos costumes socioculturais do seu ambiente nato. Quer implementar os mesmos hábitos linguísticos do português na língua nova, no sentido de falar de maneira mais imprecisa, como ele mesmo confirma, porém não está conseguindo-os por falta dos recursos linguísticos, principalmente a gramática dos verbos condicionais, que o “frustra”.

O entrevistado não conseguiu falar de assuntos abstratos na língua tcheca, e isso aflorou nele um sentimento de frustração, e em certa medida de inferioridade ao responder à pergunta. Afirmou que não consegue utilizar frases condicionais, quer usar, mas sai diferentemente do que desejava. Isso às vezes lhe cria problemas para se sentir "definitivamente" limitado. Ao responder no idioma tcheco, confirmou sua ideia e concretamente mostrou a sua limitação: “tcheco não é uma língua abstrata para mim”.

É visível que a língua afeta nosso pensamento (EVERETT, 2012, p. 264) e que a língua própria ou materna expressa melhor nosso pensamento, como afirma Raoni Metuktire (líder indígena com relevância social no Brasil e no mundo).

O entrevistado brasileiro No 3 ao responder a essa pergunta na língua portuguesa comenta:

Mudou muitas coisas, porque ... a coisa que ... que é o politicamente correto de se falar não é verdadeiro. Não há possibilidade de integração se você não domina em algum nível a língua local. Porque quando você não domina a língua local e se fecha no seu grupo, você cria um ponto de tensão. E no Brasil esse ponto de tensão pode durar muito tempo porque os espaços são vastos, mas um país como a República Tcheca, que cabe como espaço dentro da Bahia, é muito pouco espaço para isso acontecer. E eu penso que isso não é uma coisa confortável de se afirmar, mas é pragmaticamente verdadeiro. Sem acesso a língua não há possibilidade de integração. Nenhuma. É ilusório. Inclusive o termo “politicamente correto”, que tá na moda, as pessoas ... infelizmente as pessoas de esquerda gostam de usar muito esse termo “politicamente correto”. Mas o politicamente correto nasce no nazismo. É a pena que nós de esquerda, eu me considero quase tão esquerda que digo que sou a pessoa púrpura (*risos*) ... não sou vermelho, mas chego ao púrpuro profundo (*risos*) uma pena que nós de esquerda usamos o vocabulário dos fascistas para tentar fazer alguma coisa positiva, mas que não ajuda (ENTREVISTADO No 3, 2019, p. 274).

Na língua tcheca é muito mais breve ao dizer:

Sim. Eu tenho um grande vocabulário ... Arthur Schopenhauer¹¹¹ escreveu certa vez que quando aprendemos um novo idioma, nosso idioma cresce, ficamos mais inteligentes porque podemos dizer coisas que não existem em meu idioma, ou soa melhor em seu idioma, como um “pohovka¹¹²” ... por que direi “sofá”, quando você tem um “pohovka”, já que isso lembra de “pohoda¹¹³” (*risos*) (ENTREVISTADO No 3, 2019, p. 274).

Respondendo em sua língua materna, diz que o conhecimento de uma língua está diretamente relacionado à possibilidade de integração, quando não falamos a língua local, criamos pontos de tensão, porque sem acesso à língua não há possibilidade de integração. Ao responder em tcheco, cita Arthur Schopenhauer: “quando aprendemos uma nova língua, nossa língua cresce, ficamos mais inteligentes porque podemos dizer coisas que não existem na minha língua”. Aqui é possível enxergar a conexão entre suas respostas.

Quando aprendemos e utilizamos uma nova língua, descobrimos a sua complexidade, estabelecendo naturalmente relações entre a língua estrangeira e a língua materna no momento da aprendizagem e, posteriormente, na sua utilização. Às vezes, essa relação entre as línguas é difícil para nós porque olhamos para a língua materna como algo amplo e para uma língua estrangeira como algo pequeno e duvidoso (RINVOLUCRI, 2001, p. 41). No mundo global de hoje, deve-se considerar a questão da identidade incerta e mutável. As identidades passam naturalmente por um processo de novas negociações, uma nova ordem, que é provocada pelo contato entre pessoas, entre nações, entre culturas. As línguas são, então, uma expressão natural da identidade daqueles que as consideram adequadas. Aqueles que se movem entre diferentes línguas logo definem sua própria identidade. Em outras palavras, quem aprende um novo idioma é redefinido como uma nova pessoa (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69).

O entrevistado brasileiro No 5 ao responder em português nega: “Não, não. Não muda minha maneira de ser, mas ... me tornou ... me fez com que eu compreendesse mais certos aspectos da cultura local, que é natural.”

No entanto, em sua resposta na língua tcheca, se arrepende do que disse em português e admite que houve sim, a reconfiguração da sua identidade:

Um pouco ... Eu disse não em português, mas em tcheco tenho que dizer sim. Minha personalidade mudou porque tenho que falar muito diretamente ..., mas não muito, só isso. (*pensado um pouco e adicionado em português*) Perdão pela resposta em

¹¹¹ Arthur Schopenhauer foi um filósofo alemão do século XIX (nota do autor).

¹¹² A palavra „pohovka“ em língua tcheca significa „sofá“ em língua portuguesa (nota do autor).

¹¹³ A palavra „pohoda“ em língua tcheca significa „legal“ em língua portuguesa (nota do autor).

português. (*E continuando, novamente em tcheco*) Peço desculpas (ENTREVISTADO No 5, 2019, p. 296).

Suas respostas mostram uma contradição clara, sobre a qual não havia pensado antes desta entrevista. Na sua língua materna, tem a certeza de que não mudou (depois de aprender o tcheco) e que a língua local apenas o ajuda a compreender melhor a cultura local. Ao responder em tcheco, imediatamente se dá conta e admite que é diferente, porque tem que falar “mais diretamente”. É interessante que ele tenha uma necessidade (o que pode indicar a sua surpresa interior com as próprias respostas), pedir desculpas imediatamente duas vezes: em português e depois em tcheco. A comparação e a reflexão profunda sobre essas respostas confirmam claramente a reconfiguração da sua identidade em função da língua que fala.

Os contatos sociais são o essencial para reconfigurar o entrevistado, levando a reconfiguração sociológica que se viu nas respostas. Sente necessidade de ser mais direto. Não consegue aplicar o condicional “talvez”, usado tanto na cultura brasileira, em seu novo país. Leeds-Hurwitz (2009, p. 891) desenvolveu esse tópico justamente nos seus estudos. A construção social é uma teoria do conhecimento em sociologia e teoria da comunicação que examina o desenvolvimento de compreensões do mundo construídas conjuntamente que formam a base de suposições compartilhadas sobre a realidade. Essa teoria se concentra na ideia de que os significados são desenvolvidos em coordenação com outros, não separadamente para cada indivíduo. É justamente nessa teoria, que o entrevistado pode ser visto: na língua tcheca, deve coordenar-se com os demais para usar uma frase adequada e, assim, ser corretamente compreendido e, posteriormente, aceito na sociedade local. Como Dor (2015, p. 34) apropriadamente acrescenta, as pessoas devem concordar com conjuntos de padrões de comunicação para garantir que o ouvinte interprete a comunicação recebida de uma maneira suficientemente semelhante ao que o falante pretendia transmitir.

A entrevistada brasileira No 8 ao responder em português afirma:

Um pouco sim. Um pouquinho. Mas não tanto. Talvez a maneira de, de ... eu acabei entendendo melhor os tchecos, vamos dizer assim. Através do idioma, porque eu sabia o que eles estavam falando, o pensamento, como eles agiam, como eles ... do que eles estavam falando, entendeu? Com certeza, mudou bastante essa parte, mas não que eu mudei por causa disso. Eu só tive uma outra ... outra visão, vamos dizer. Dos tchecos. Eu acabei conhecendo-os melhor (ENTREVISTADA No 8, 2019, p. 318).

Na língua tcheca diz: “Como me vejo, sei mais sobre as pessoas ... o que pensam e falam. Também consigo prestar mais atenção aonde ir, onde dar o próximo passo. Até o meu limite. Mas por outro lado, me adaptei e a língua me ajudou.”

É mais confiante na resposta na língua portuguesa, e fala novamente sobre sua adaptação e que conheceu melhor os tchecos depois de ter compreensão sobre/da língua tcheca. Conclui-se que após a efetiva possibilidade de comunicabilidade por meio da língua ela se reconfigura no sentido de entender que as referências que trazia enquanto estrangeira não se aplicavam na mesma lógica no novo país e que a compreensão da forma pensamentos dos cidadãos tchecos por meio da língua e da cultura a ajudaram compreender que a diferença não se traduzia sobre si, e sim sobre um comportamento social local. E essa percepção do outro só foi dirimida quando buscou adaptabilidade por meio do uso da língua.

Primeiro começou a aprender a língua tcheca e depois a entender e absorver a cultura local. A língua é sempre a primeira no processo de aprendizagem sobre um novo país, uma nova cultura. No entanto, a língua e a cultura não podem ser separadas uma da outra e devem ser estudadas, compreendidas e absorvidas juntas para que o indivíduo possa conhecer suficientemente a nova comunidade. Consequentemente se deduz que a língua não pode ser aprendida isoladamente sem cultura, nem a cultura sem a língua. A linguagem inclui o homem e a cultura como um todo, dessa forma é possível especular que ninguém entende totalmente o que as outras pessoas estão dizendo. Nós entendemos o suficiente, o idioma apenas “satisfaz” nossos requisitos, mas não é de forma alguma um sistema de comunicação perfeito. No entanto, quando usado diretamente com a cultura, o idioma é incrivelmente complexo e rico (EVERETT, 2019, p. 344).

A entrevistada brasileira No 9 ao responder no idioma português afirma:

Mudou ... acho que mais o jeito que eu entendo as outras línguas, o jeito que eu vejo o mundo ... mudou bastante nessa área, eu acho ... por exemplo, depois de começar a aprender tcheco, aí eu entendi por que que no português uma coisa funciona num jeito do que de outro ... e alemão, e inglês, então, realmente me ajudou entender isso, é mais uma visão do mundo, é mais uma visão de cultura um pouco ... (ENTREVISTADA No 9, 2019 p. 344).

Na língua tcheca amplia sua resposta com mais detalhes:

Acho que não posso avaliar completamente só por causa do idioma, porque aprendi tcheco aqui ..., mas também há uma nova cultura, novas pessoas, novos pensamentos. Portanto, não posso julgar que foi apenas por causa do tcheco. Mas quando comecei

a aprender tcheco, ajudou-me a compreender português ou inglês ... como funciona a língua, a cultura do mundo, o tcheco ajudou-me muito. Eu tive que aprender principalmente as declinações e o que cada uma dela faz, agora posso identificar mais ou menos essas declinações em português (ENTREVISTADA No 9, 2019 p. 344).

Embora não tenha formação acadêmica na área de línguas, em comparação com outros entrevistados, fala sobre os benefícios de aprender uma nova língua do ponto de vista da linguística e, claro, do seu próprio ponto de vista. Outrossim, destaca o fato de ter obtido uma visão geral muito melhor de como as línguas funcionam e, conseqüentemente, ter descoberto novas perspectivas sobre o mundo. Suas respostas, praticamente idênticas em ambas as línguas, dizem: a língua abriu novas possibilidades e me mostrou novos mundos, em vez de dizer: mudei porque aprendi a língua.

A língua local abriu um novo mundo para ela. É a prova de que todos nós usamos a linguagem para pensar e, inversamente, influenciemos a linguagem com os pensamentos (EVERETT, 2012). A verdadeira conexão entre linguagem e pensamento está no próprio conhecimento que uma determinada linguagem nos transmite sobre o mundo inteiro. A linguagem é então usada para construir comunidades, culturas e sociedades, onde - graças à linguagem - as prioridades de valor de uma dada cultura são determinadas e explicadas (EVERETT, 2019, p. 32). Em suma, ao adquirir conhecimento de um novo idioma e, posteriormente, de uma nova cultura, a entrevistada certamente ganha novas oportunidades de reconfigurar suas identidades.

O entrevistado No 10, o sujeito tcheco, ao responder na sua língua materna diz:

Eu não acho que essa mudança tenha relação com a língua, o que muda você quando você fala com o nativo, você entra num outro espaço psicológico, em outro mundo, em outra cultura, você vive em outra língua, que é uma coisa psicológica que é só consequência dessa língua. Eu sou a mesma pessoa aqui, não mudei nada, apenas estou me autocensurando enquanto falo com brasileiros (ENTREVISTADO No 10, 2019, p. 361).

Sua resposta na língua portuguesa é muito mais curta: “Sim, mudou, mas tem muito mais a ver com a cultura do que com a língua.”

Evidencia-se o efeito ambíguo nas respostas apresentadas por ele. Ao mesmo tempo que confirma uma mudança, afirma não ser pela língua. Porém responsabiliza a língua por uma mudança psicológica no sujeito. Isso pode ser explicado por Everett (2012, 2019) ao dizer que a língua é um reflexo da sociedade em que vivemos, logo a língua falada é uma das principais

fontes de identificação pessoal. Além disso, é uma forma possível de se expressar e se manifestar, no sentido mais amplo possível, para o mundo. Já na língua portuguesa o entrevistado também confirma haver uma mudança, entretanto atribui-la à cultura, e não a língua. Devido ao fato que o entrevistado não possui conhecimento do campo linguístico, ingenuamente apresenta uma separação entre língua e cultura, entretanto já é sabido que língua e cultura são indissociáveis. Amparado nessa compreensão, percebe-se que quando interagimos com o mundo através da linguagem é uma maneira de produzir cultura (MENDES, 2012, p. 375) e que o lugar da linguagem é o mesmo que o da cultura (ALMEIDA FILHO, 2002, p. 210).

No contexto de toda a resposta em português, é preciso colocar uma lupa na afirmação do entrevistado sobre a “autocensura”. Autocensura se caracteriza como: censura do autor da fala, seja escrita ou falada, onde o motivo mais comum para este fenômeno ocorrer é o medo da “punição” do sistema sociocultural. Coreth (1994, p. 91) fala de liberdade externa, que é o oposto de autocensura, onde o sujeito não é limitado por influências externas, o que vale também quando falamos de liberdade humana de pensamento e consciência, liberdade de religião, de expressão etc. Complementando, a liberdade interior do homem reside no fato de que não somos determinados nem por dentro, pela nossa própria natureza.

Autocensura pode ser vista como algo questionável e que limita o desenvolvimento da sociedade em razão de uma vigilância do comportamento social, quando as identidades não podem ser exacerbadas livremente. Quando um sujeito social se comunica com o outro pela primeira vez, é possível prever sua categoria e atributos, o que é conhecido como sua “identidade social”. Enquanto sociedade, as pessoas estão constantemente fazendo certas inferências sobre quem um indivíduo deve ser em público e/ou como deve se expressar e comportar.

A autocensura é observada na resposta à décima quinta pergunta quando o respondente sofre um impacto em sua identidade social que a agrava, e afeta as relações cotidianas em que vive conforme sugere Goffman (1963), embora o entrevistado não reconheça sua reconfiguração e, de fato assume a autocensura.

O entrevistado No 11 ao responder na sua língua materna, o tcheco, confirma:

Acho que mudei depois de passar alguns anos no Brasil. Um tem uma perspectiva ligeiramente diferente. Mas se se mudou pelo uso da linguagem ... mudou bastante porque eu aprendi a entender a vida aqui, a linguagem local me abriu mais entendimento sobre a vida local ... o universo brasileiro é mais compreensível para

mim quando falo português, porque a gente tem as coisas explicadas de mais pontos de vista e tem melhor acesso a elas. O mal-entendido é como se ... um entendimento de que não apenas as palavras devem ter significado, mas também o entendimento em torno delas lhes dá uma dimensão diferente. Isso significa que aprender a língua em si, palavra por palavra, e nunca vir aqui, não faria, de fato, muito sentido para entender Salvador ou a vida em Salvador (ENTREVISTADO No 11, 2019, p. 384).

Na língua portuguesa responde:

Não acho que muito. Facilitou minha vida que eu posso explicar o que eu quero explicar para qualquer pessoa ... eu posso deixar pessoas entender várias vezes, não sempre, mas o jeito como eu estava, como eu sou ... como eu sou ... não mudou muito ... com a língua portuguesa. Eu acho que ... agora eu me sinto muito mais seguro, tipo eu posso explicar as coisas, fazer piadas, posso falar com as pessoas, isso ... isso ... é bom, porque facilita a vida. Então eu me sinto melhor por falar português. Mas só por causa que eu aprendi outro idioma – o português – não me mudou como uma pessoa (ENTREVISTADO No 11, 2019, p. 384).

Nota-se uma dicotomia ao se analisar mais detalhadamente as respostas. Na resposta na língua tcheca, confirma uma mudança e vê a linguagem como algo que o ajudou e tornou mais fácil para ele entender a população local, e ser entendido nesse cotidiano da vida local. Já na língua portuguesa, ao final da sua resposta, disse não sofrer mudança por ter aprendido a língua portuguesa. Percebe que aprender palavras em uma nova língua é uma coisa, mas apenas aplicando essas palavras à vida local, ganha-se uma nova dimensão de compreensão da linguagem e conseqüentemente do contexto local e a cultura local se torna mais compreensível. O entrevistado se sente mais seguro e se sente bem quando fala português.

O entrevistado apoia com precisão, embora sem saber, a visão de que duas línguas diferentes não podem ser consideradas cópias perfeitas e devem ser trabalhadas dessa forma. Nenhum idioma pode ser traduzido com precisão para outro idioma, pois diferentes idiomas podem ter diferentes habilidades expressivas para diferentes tipos de informação (EVERETT, 2012, p. 294). Um exemplo amplamente utilizado é a palavra “saudade” em português, que, segundo muitos teóricos (por exemplo, ILARI, 2004, p. 24), não pode ser traduzida com precisão para outras línguas. Nesse ponto, a cultura torna-se importante, porque muda e complementa o contexto da informação comunicada, pois a cultura é, portanto, produto e produtora da linguagem. Da mesma forma, a linguagem é um produto e produtor de cultura (EVERETT, 2012, p. 169). Nesse ponto, vale lembrar que o usuário de uma língua não nativa precisa ter um conhecimento mínimo de expressões não linguísticas e, portanto, culturais, que permitam a compreensão de significados, porque a língua nunca expressa tudo, a cultura

complementa os detalhes (EVERETT, 2019, p. 272). Essa indissociabilidade entre língua e cultura é claramente perceptível nas respostas do sujeito pesquisado.

O entrevistado tcheco No 12 ao responder em tcheco, afirma:

Eu acho que não. Eu acho que não. Porque tenho a oportunidade de comparar. Porque eu estive aqui... a maior parte do tempo que estamos aqui, já morei aqui e basicamente não falava português diariamente, como falo agora. Então acho que as situações que surgiram foram exatamente as mesmas, e não acho que mudaria de forma alguma conforme eu passasse a me comunicar mais em português e a falar mais em português, acho que não (ENTREVISTADO No 12, 2020, p. 411).

Na língua portuguesa diz:

Eu acho que não, eu acho que não. Com certeza não mudou por causa de aprender a língua portuguesa. Mudou ... eu acho que os meus hábitos ... os meus ... como eu estou atuando se mudou por de morar em cultura diferente, porque as coisas que são comuns lá na República Tcheca não são comuns aqui ... então às vezes eu me sinto ... lá ... eu me sinto mais na pressão ..., mas bem ... mais seguro, porque como são as expectativas. Aqui tudo tá mais calmo, mais tranquilo, mas nunca se sabe o que vai acontecer, alguma coisa que você não acha que vai chegar ... de novo eu estou falando sobre comprometimento, confiança ... é isso (ENTREVISTADO No 12, 2020, p. 411).

O entrevistado responde da mesma forma em ambos os idiomas. Admite que se reconfigurou, no entanto, vê essa mudança devido às diferenças culturais entre os dois países.

O entrevistado desloca-se num mundo multilíngue e, para além da sua língua materna, está também habituado a utilizar diariamente línguas não maternas. Então, pode-se dizer que é influenciado por todas as línguas que fala? Sim, porque toda língua precisa de uma cultura, e assim mesmo, toda cultura precisa de uma língua. As culturas têm manifestações de códigos invisíveis que se manifestam em cada situação, e é por isso que o usuário do idioma precisa desse conhecimento para facilitar a compreensão das expressões individuais da linguagem, porque nunca é capaz de expressar tudo, a cultura está aqui para completar os detalhes (EVERETT, 2019, p. 272), conforme documentado anteriormente. O que o entrevistado faz ao utilizar a língua não é apenas traduzir e externalizar a ideia ou passar informações para outras pessoas, mas realizar ações, agir, reagir com o interlocutor. Assim, a linguagem é um lugar de interação humana, interação comunicativa por meio da produção de efeitos de sentido entre os parceiros em uma dada situação de comunicação (TRAVAGLIA, 2009, p. 23). Isso significa que a linguagem é utilizada para pensar e agir, e é criada sem que o indivíduo se dê conta disso. O pensamento pode ser influenciado pela linguagem falada e Everett (2012) argumenta que há

alguma influência da linguagem na maneira como vemos e entendemos o mundo. Posteriormente, a identidade é o resultado de vários processos de socialização simultaneamente estáveis e provisórios, individuais e coletivos, subjetivos e objetivos, biográficos e estruturais, que juntos constroem os indivíduos (DUBAR, 2005, p. 136).

A entrevistada tcheca No 16 ao responder no idioma tcheco diz:

[...]... não, como essa língua teria algum efeito nisso? Não. Não é a língua. Eu tive que mudar por causa da cultura, não posso reclamar tanto, não posso dizer coisas de maneira tão direta (*risos*). Mas isso não é coisa da língua, é da cultura. Não sinto que a língua me mudou. Não sentia isso com nenhuma língua a qual eu aprendi, como se essa linguagem me mudasse, não (ENTREVISTADA No 16, 2020, p. 431).

Na língua portuguesa dá continuidade ao seu pensamento iniciado na língua tcheca:

[...] Não, acho que não. Só daquela coisa que falei de humor, de brincar com palavras. Em tcheco eu brincava mais do que eu brinco com o português, fora disso ... não sei, estava pensando se ... pode ser porque não seja minha língua materna ... se não sei tanto brincar com as palavras ..., mas eu não escuto as pessoas brincar com as palavras aqui, me parece que não tem isso igual que em tcheco, eu não escuto as pessoas. Aquela coisa que você pega uma palavra e você remonta ela e usa ela ... sei lá ... não tem isso. E, também outra coisa que a gente usa muito, as partes dos filmes clássicos, todo mundo fica falando daquelas partes do filme e todo mundo começa a rir ... não tô escutando isso também não. Talvez seja que eu não conheço e tal ... não escuto as pessoas usando, é muito raro. E o tcheco tem um humor negro (*risos*) ... que aqui não vale muito (*risos*). Aí ... me lembrei de uma coisa das línguas, isso é interessante, que em tcheco tem muito que fala assim “Já se z toho zabiju. Já skočím z mostu. Já se snad zabiju.¹¹⁴” e essas coisas, né? E o que acontece. Eu falo isso em português, mas quando falo isso, aqui não se fala isso, aqui acham que tô falando sério. E aí começa ... você não valoriza sua vida! Já entendi que não posso falar isso ... vou me matar ... como assim, essa menina é doida, ela tá querendo se matar (*risos*). É engraçado para mim (ENTREVISTADA No 16, 2020, p. 431).

A resposta em língua portuguesa é, comparando com a sua língua materna, enorme e de conteúdo muito abrangente. Em tcheco, a entrevistada compara a situação quando aprendeu e usou outras línguas e coloca sua mudança na cultura. Em português, fala mais sobre brincar com a língua, aspecto que não percebe na língua portuguesa e que sente falta na cultura local e gostaria de utilizar. Também menciona o humor negro, frequentemente usado na língua tcheca, como algo significativo para ela.

No exemplo da entrevistada pode-se observar que sua língua está a serviço da cultura (EVERETT, 2019, p. 13), e que a língua emerge de uma cultura formada por pessoas que se

¹¹⁴ Traduzido para língua portuguesa significa: Eu vou me matar por isso. Vou pular da ponte. Talvez eu me mate (nota do autor).

comunicam. Esta comunicação é multicultural, gerando experiências em que carrega consigo um repertório de costumes, valores, rituais e património da sua própria cultura, que pensa e reflete constantemente na nova cultura. Seu pensamento e comportamento mostram que o ser humano é um projeto inacabado, constantemente remodelado, e que muitas vezes luta com sentimentos de incompletude. A entrevistada, como sujeito em construção, luta por algo que nem sabe exatamente o que é, e esse sentimento de inquietação ocorre principalmente entre os expatriados neste mundo globalizado, onde os conflitos culturais podem tornar visíveis os sentimentos existenciais de ansiedade dos indivíduos (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37). É perceptível que o sujeito pesquisado vê o mundo a partir de uma perspectiva própria e limitada, o que pode dificultar a comunicação, principalmente em um ambiente intercultural e no uso de outra língua que não seja sua língua materna. Quando esta entrevistada utiliza sua nova língua, o português, traz consigo seu próprio conhecimento do mundo e quer ser capaz de dizer e fazer numa língua estrangeira o mesmo que na língua materna. Sua relação entre as línguas é difícil porque vê sua língua materna como algo amplo e a língua estrangeira como algo pequeno e duvidoso (RINVOLUCRI, 2001, p. 41).

A entrevistada No 17 ao responder na sua língua materna, o tcheco, afirma:

Certamente algumas coisas mudaram. Eu mudei a maneira como me comunico de “direta” e “objetiva” para mais “comunicativa no sentido de bla, bla, bla”, então você não diga apenas “sim” e “não” (*risos*) ... o que é definitivamente bom, para que eu possa perguntar “como você está, e seus filhos?” ... sinto que isso é importante aqui, as pessoas esperam ... e me ajuda às vezes ... elas ficam mais felizes quando você fala mais com elas. Provavelmente estou mais calma ..., mas não é a língua, é a cultura ... eu não me sinto tão estressada aqui ... Com o tempo, entendi o que é apropriado dizer e o que não é, eles são muito sensíveis a isso. Não temos essa maneira lá, perguntamos quando precisamos descobrir algo e temos a resposta. Aqui não. Quando você pergunta direto, é ofensivo para eles e eles não responderão de qualquer maneira (ENTREVISTADA No 17, 2020, p. 455).

Na língua portuguesa comenta:

Acho que sim, acho que fico mais amigável, talvez não seja a palavra certa ... mais paciente, mais tranquila, para receber resposta (*risos*). Não fico tão insistente, às vezes isso ajuda. Se a pessoa não quer se abrir, não se abre, não ajuda pressão. Lá funciona ao contrário, na República Tcheca, se eu preciso alguma coisa, eu preciso criar um pouco de pressão (*risos*). Aqui é ao contrário, pessoa se precisa acalmar (*risos*) (ENTREVISTADA No 17, 2020, p. 455).

Sua descrição é prática, entendeu as regras culturais da sociedade local que criam a cultura brasileira, e para ela, a língua é um meio prático de comunicação que usa de forma consciente.

Descreve, de fato, diferenças equilibradas nos aspectos culturais usados para uma comunicação bem-sucedida em ambas as culturas dessemelhantes.

Neste ponto é muito oportuno pensar sobre o contexto da formação da identidade discursiva. A entrevistada “aprende” a ser quem precisa ser em um novo ambiente social e cultural, em práticas discursivas em que interage com outras pessoas. A construção e, portanto, a reconstrução da identidade pode ser alcançada por meio de expressões linguísticas, mais especificamente por meio da fala e da narração. A identidade da respondente se materializa por meio do discurso (ARCHAKIS e TZANNE, 2005, p. 271; SCHIFFRIN, 1996, p. 198; SCHRAUF, 2016, p. 128; WODAK, 1999, p. 153). O sujeito pesquisado é um exemplo de identidade instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, incompleta e associada a estruturas discursivas e narrativas (SILVA, 2000, p. 97), sendo que as identidades são construídas discursivamente, envolvidas em práticas sociais e amplos sistemas ideológicos (MILLER, 2004, p. 290). A entrevistada entende o uso da linguagem como uma prática social que implica a compreensão desta como uma forma de agir historicamente situada e socialmente constituída, mas também constitutiva de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crenças (RESENDE e RAMALHO, 2004, p. 189). Resulta do exposto que o sujeito passa por um processo de reconfiguração de sua identidade em relação ao uso de uma nova língua - o português.

Quando as perguntas para o questionário deste trabalho acadêmico foram formuladas para serem submetidas aos respondentes, não foi determinado qual delas poderia provar-se como questão-chave que revelaria a possível reconfiguração da identidade objeto dessa tese. Ressalta-se que o critério de exclusão de não participação de sujeitos com formação em linguística foi fundamental para que eles não refletissem sobre esse tema ou que não apontassem o tema principal da pesquisa do ponto de vista tão próximo da Linguística Aplicada.

Todos entrevistados pensaram inesperadamente sobre o que afetou sua identidade, alguns até se surpreenderam com o conteúdo de suas próprias respostas. Nota-se que em outras perguntas da tese o repertório de respostas foi muito variado, o que não permitiu uma análise tão homogênea como nesta questão. Se em outras perguntas do questionário a história do respondente, a bagagem da vida, a formação social e cultural no país de origem e no novo país se relacionavam entre si, aqui as respostas vão além desses fatores.

4.5 Resumo da Análise

A ideia principal pode ser resumida da seguinte forma: Eu me sinto diferente porque vivo em uma nova cultura. E para estar integrado a essa cultura, compreendê-la e participar dela, preciso utilizar uma nova língua.

Língua e cultura estão interligadas, pode-se até dizer que inextricavelmente. Com certeza é válido confirmar que língua e cultura são igualmente dependentes uma da outra. Por exemplo, o entrevistado No 11 apontou que aprender vocabulário local sem viver em Salvador não permitiria conhecer a cidade. Outro exemplo é a entrevistada No 9 que afirmou que ao aprender a língua tcheca, conseguiu ampliar sua visão do mundo e compreender ainda melhor sua língua materna: o português.

Esses pontos permitem indicar que no processo de construção da identidade de cada sujeito, todos os fatores do meio social que o acompanham em sua vida se refletem em sua própria identidade, não apenas de forma clara, mas também de maneira contínua e multifacetada. O mais notável e mais importante é a qualidade na imersão em uma nova cultura por meio de um idioma recém-adquirido.

Pode-se raciocinar que países em que um indivíduo sem o conhecimento da língua local terá dificuldades naturalmente condicionam o estrangeiro para aprender a língua local. Este é um exemplo encontrado na análise das respostas dos tchecos que vivem no Brasil. Por outro lado, países em que o imigrante pode livremente usar outro idioma não local (inglês no caso da República Tcheca), o estrangeiro não precisa aprender a língua local para suas necessidades cotidianas, como é percebido nas respostas dos brasileiros que vivem na República Tcheca. Como resultado, esses fatores podem atuar como codeterminantes para uma possível reconfiguração das identidades socioculturais.

A “sobrevivência” por si só é possível sem o conhecimento da língua local, mas nenhum dos entrevistados queria apenas sobreviver, todos queriam se integrar para que pudessem viver “inteiramente” na nova cultura. Todos indicaram que precisavam do conhecimento da língua local e até da cultura para que pudessem não apenas sobre/viver em um novo país, mas também aproveitá-lo ao máximo.

Os resultados também mostram que os motivos vão além da lógica binária de oportunidade versus necessidade, incluindo outros fatores que serão sintetizados na conclusão. Neste sentido, foram apresentados em detalhes os fatores mais fundamentais que influenciam a

reconfiguração da identidade de um indivíduo, tal como apresentados na subseção 2.2.4 Outros fatores codeterminantes. É preciso ressaltar que esses cofatores foram identificados por meio da tabela auxiliar, explicada na seção 3.5.3 Quadro de referência para análise. Outros possíveis aspectos e cofatores que podem estar diretamente relacionados à reconfiguração das identidades socioculturais (por exemplo, raça e gênero) não foram evidenciadas nas respostas dos entrevistados e, portanto, não foram mencionados na parte teórica desta tese de doutorado. Embora ciente de que aspectos relacionados a raça e gênero são relevantes nos estudos de identidade, o foco desta pesquisa se concentrou na língua e seu poder na reconfiguração das identidades.

No próximo capítulo serão enfatizados os pontos principais da análise, tirando conclusões e avaliando o alcance dos objetivos estabelecidos no início deste trabalho acadêmico.

CAPÍTULO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar inequivocamente, como foi demonstrado ao longo do texto, que as identidades socioculturais são sempre plurais, que se reconfiguram e evoluem a partir da língua e do ambiente cultural e social em que o falante está atualmente inserido e isso foi especificamente comprovado tanto no caso dos brasileiros que falam a língua tcheca e moram na República Tcheca, como com os tchecos que falam português e moram no Brasil.

As perguntas específicas apresentadas no início da tese, como guia para uma melhor compreensão de toda a pesquisa são, nesta seção, respondidas de forma objetiva e em resumo da análise anterior.

Os falantes de língua estrangeira (neste caso o português e o tcheco) configuram novas posições identitárias por meio de: emoções, motivações, oportunidades, necessidades, choque cultural, segurança, adaptação, assimilação, integração, papel social do indivíduo, autocensura, frustração, entre outros, o que já foi detalhadamente exemplificado no capítulo anterior.

As interações com nativos e não nativos influenciam as posições identitárias assumidas, como demonstrado nas falas, como os seguintes entrevistados: No 1: “Isso definitivamente me limita.” (p. 192¹¹⁵); No 3: “Conhecer a língua ajuda muito.” (p. 151); No 8: “Eles são fechados completamente. [...] Eu era estrangeira, tive que me adaptar, não eles.” (p. 137); No 9: “[...] eu fico mais retraída.” (p. 165); No 10: “[...] não entendo sempre as piadas.” (p. 142); No 12: “O brasileiro absolutamente não admite a sua responsabilidade por nenhuma coisa, por nada ... [...] ... eu penso que uma pessoa tem que aprender a aceitar isso.” (p. 144); “[...] às vezes me incomoda o fato de não conseguir expressar exatamente o que quero ou preciso. Também depende muito da situação ... não é para me frustrar, mas sim para me limitar ... [...].” (p. 167); No 16: “[...] não pode dizer nada direito, porque é rude.” (p. 152); “Eles sempre prometem muitas coisas, porém você não pode contar com eles.” (p. 154); “[...] busco mais as pessoas do meu país, para compartilhar as coisas, temos a mesma visão das coisas, enfrentamos os mesmos problemas culturais. Assim, é legal desabafar.” (p. 177); “Não me percebo diferente, mas claro que tinha que mudar algumas coisas, reclamar menos.” (p. 188); No 17: “[...] e simplesmente não são confiáveis no sentido de “se Deus quiser”.” (p. 147); “Eu mudei a maneira como me comunico de “direta” e “objetiva” para mais “comunicativa no sentido de bla, bla, bla”, então você não diga apenas “sim” e “não”.” (p. 201) Aqui vale ressaltar que mesmo falando sobre a

¹¹⁵ Páginas nesse parágrafo indicam onde as falas foram analisadas (nota do autor).

língua, é importante entender como se coloca, consciente ou subconscientemente, o assunto dos costumes, da idiosincrasia do próprio estrangeiro em contraste com os nativos do novo país. As questões linguísticas, o uso da linguagem e, também seus significados implícitos geram questionamentos nos respondentes, mas sempre a partir de sua própria perspectiva adquirida e em “oposição” à nova situação.

Há outros hábitos e aspectos que acompanham a configuração de novas posições identitárias, como pode ser visto nos exemplos a seguir: o entrevistado No 3: “O Brasil não tem conceito de liberdade. Morando aqui sou pessoa mais calma, menos agressiva ... eu tive arma três vezes na minha cabeça lá no Brasil, aqui nada ... que tedioso (*risos*) ... isso muda a pessoa. Vocês têm liberdade aqui.” (p. 180¹¹⁶); No 5: “[...] sou brasileiro, mas gosto de hóquei no gelo porque moro aqui.” (p. 132); “Não é não, sim é sim.” (p. 133); “A República Tcheca em geral, [...], me oferece coisas básicas que eu não tenho no Brasil como segurança, transporte de qualidade e infraestrutura. [...] aqui eu encontro tudo isso [...] de uma forma bem atingível.” (p. 151); “[...] à noite eu posso voltar a pé do centro com a minha esposa, a minha esposa pode voltar do centro a pé sozinha.” (p. 181); “Eu disse não em português, mas em tcheco tenho que dizer sim. Minha personalidade mudou porque tenho que falar muito diretamente ..., mas não muito, só isso. (*pensado um pouco e adicionado em português*) Perdão pela resposta em português. (*E continuando, novamente em tcheco*) Peço desculpas.” (p. 194); No 8: “Aqui me sinto totalmente fechada, meio isolada, sozinha [...]” (p. 182); No 10: “Com certeza me sinto mais livre.” (p. 185); No 12: “[...] ... aqui o modo de vida é mais calmo, é muito mais descontraído.” (p. 187) Novamente, é interessante observar como a “nova sociedade” é criticada ou valorizada a partir da sociedade do país em que cada indivíduo foi criado. Os entrevistados das ambas as nacionalidades falam sobre o *estresse*, porém o aplicam a situações diferentes. Enquanto a questão da *segurança* é importante para os brasileiros, o que falta em seu país de origem e, é essa segurança na República Tcheca que os deixa mais tranquilos (até mais livres). Diferentemente, os tchecos sentem que as *exigências* (“disciplina”) na República Tcheca são tão rígidas, que morando no Brasil ficam mais tranquilos quando podem aproveitar o relaxamento da sociedade local. É óbvio que a falta ou existência de “algo” só pode ser observada a partir de sua própria perspectiva e sempre em comparação com sua própria cultura e sociedade.

Conclui-se que a compreensão das configurações identitárias contribui favoravelmente para a interação sociocultural dos aprendizes das línguas estrangeiras em questão a partir de

¹¹⁶ Páginas nesse parágrafo indicam onde as falas foram analisadas (nota do autor).

algumas afirmações relevantes dos entrevistados como: a entrevistada No 8: “Agora posso dizer que sim. Mas não foi assim. Foi mais difícil, mas está tudo bem. Estou acostumada, não me importo.” (p. 137¹¹⁷); No 9: “Eu acho que já me adaptei muito aqui.” (p. 139); “[...] eu me percebo diferente ..., mas em tcheco sou mais fechada, não que eu seja infeliz, mas que sou mais retraída, mais fechada.” (p. 184); No 10: “Somos obrigados a nos adaptar [...].” (p. 141); No 11: “Nós, como pessoas que estamos morando aqui ... temos que aprender e respeitar.” (p. 142) As respostas à décima questão são as principais e decisivas, justamente porque reconhecer essas mudanças (mesmo que seja apenas no momento da entrevista) ajuda a compreender a si mesmo e aos outros. Primeiro observando, depois interagindo e, finalmente, analisando com uma visão integradora, o que facilita o convívio com os outros (eles) à aculturação, como já mencionado anteriormente.

Todas as ponderações apresentadas no trabalho foram contextualizadas de acordo com dois idiomas: tcheco e português; e de acordo as culturas: tcheca e brasileira.

Os resultados obtidos sobre as reconfigurações identitárias podem ser aplicados para esses pares predefinidos, apenas? Ou essa pesquisa pode ser generalizada para quaisquer combinações linguísticas e culturais? Ou também para variações linguísticas de um idioma, por exemplo, português europeu e brasileiro, ou espanhol europeu e mexicano?

Com uma probabilidade beirando a certeza, pode-se dizer que sim. De qualquer forma, deve-se ter em mente que qualquer generalização, sem ampliação e novas pesquisas, pode ser percebida como cientificamente infundada. Portanto, essa possível discussão não deve ser iniciada até que outros pesquisadores realizem trabalhos semelhantes com outras realidades linguísticas e culturais.

5.1 Síntese dos resultados da pesquisa

A pesquisa, síntese da teoria e das entrevistas e suas análises, podem ser resumidas nas seguintes reflexões do autor.

O uso de diferentes línguas reconfigura as identidades socioculturais do falante. No entanto, a linguagem o faz por meio da cultura a qual pertence, portanto, a cultura aparece como elemento essencial da linguagem e, assim, entra em cena sendo algo muito importante. As

¹¹⁷ Páginas nesse parágrafo indicam onde as falas foram analisadas (nota do autor).

línguas isolam e determinam as culturas da melhor maneira possível, o que significa que elas não são neutras e, assim sendo, carregam uma bagagem cultural. A linguagem também é parte integrante da expressão da cultura (por exemplo EVERETT, 2019; KRAMSCH, 1998), como meio de comunicação de valores, crenças e costumes, desempenha um importante papel social e promove sentimentos de identidade e solidariedade grupais. É um meio pelo qual a cultura e suas tradições e valores compartilhados podem ser transmitidos e preservados, bem como uma forma de construir relações e vínculos sociais, além de criar um senso de comunidade.

Língua e cultura se cruzam e, ao mesmo tempo seguem em paralelo. Uma determinada linguagem geralmente aponta para um determinado grupo de pessoas, o que foi visto ao longo da pesquisa. Quando uma pessoa se comunica em outra língua, isso significa que ela também se comunica através da cultura que fala essa língua. Não é possível compreender qualquer cultura sem acesso direto a essa língua. Compreender a cultura permite dar a cada palavra o significado correto em um contexto mais amplo, pois o indivíduo é assim capaz de pensar em uma língua estrangeira. Ao entender as diferenças culturais no uso de uma nova língua, novos horizontes podem ser encontrados para se expressar melhor e com mais precisão, razão pela qual a cultura é essencial ao utilizar línguas em novos ambientes culturais e sociais.

A linguagem tem por essência uma representação social muito forte porque tem a capacidade de moldar completamente a identidade pessoal do ser humano. O uso de palavras e frases, considerando o seu teor cultural, afeta significativamente os pensamentos e o caráter/identidade pessoal dos indivíduos. A linguagem é uma ferramenta extremamente poderosa que ajuda a construir novos relacionamentos e experiências.

Como resultado deste trabalho, pode-se dizer que a cultura, através da língua, influencia as crenças de um indivíduo sobre o que é correto/apropriado e o que não é, suas atitudes, incluindo o que gosta e não gosta, seus valores do bem e do mal, e seu comportamento. É a partir dessas influências culturais que se forma a identidade de cada pessoa.

A formação e o desenvolvimento da identidade são influenciados por uma série de fatores internos e externos, como: sociedade, família, seres queridos, etnia, cultura, lugar, oportunidades, interesses, aparência, autoexpressão e experiências de vida. Interagir com pessoas de diferentes culturas ajuda a perceber (e talvez compreender) a vida de uma perspectiva diferente. Ao acessar e aprender sobre essas diferentes culturas, o indivíduo pode criar outras formas de pensar, abordar e resolver problemas. Como resultado, se torna uma mistura complexa, onde a identidade é uma escolha entre esses fatores. Porém é preciso destacar que o ser humano não pode apagar completamente sua identidade primária.

O processo de comunicação humana torna-se desafiador diante do fato que muitas mensagens são transmitidas através de paralinguagem¹¹⁸. Essas técnicas auxiliares de comunicação são culturalmente específicas, de modo que a comunicação com pessoas de outras sociedades ou grupos étnicos corre o risco de ser mal-entendida quando a estrutura mais ampla da cultura for ignorada.

Ao crescer em uma determinada sociedade, todos aprendem naturalmente como usar gestos, pontos de vista, pequenas mudanças de tom ou voz e outros meios de comunicação para mudar ou enfatizar o que é dito e o que é feito. Os grupos sociais estão aprendendo essas técnicas culturalmente específicas ao longo dos anos.

O choque cultural (OBERG, 1954, 1960) se dá quando acontecem as interações interculturais (por exemplo BYRAM, 1997; BYRAM, GRIBKOVA, STARKEY, 2002; MOTA, SCHEYERL, 2004), em outras palavras, quando os criadores e destinatários da mensagem vêm de diferentes culturas. Os contatos interculturais estão crescendo em um mundo cada vez mais globalizado e a comunicação intercultural é essencial para quem quer se conectar e entender aqueles cujas crenças e experiências podem ser muito diferentes das suas.

5.2 Conclusão

Em conclusão, a identidade sociocultural é expressa, corporificada e simbolizada pela língua em uma conexão indissociável com a cultura. Os fatores que entram nesse processo como codeterminantes são: emoções, motivações, oportunidades, necessidades, choque cultural, segurança, adaptação, assimilação, integração, papel social do indivíduo, autocensura e frustração.

¹¹⁸ A paralinguística (ou paralinguagem) examina o lado do áudio da comunicação verbal. A paralinguagem pode ser expressa consciente ou inconscientemente. Também inclui o tom, o volume e, às vezes, a entonação da fala usada na comunicação. Às vezes, a definição de paralinguística se limita a examinar o uso da voz humana (nota do autor).

REFERÊNCIAS

ABE, D. K. *Rural Isolation and Dual Cultural Existence: The Japanese-American Kona Coffee Community*. Cham: Palgrave Macmillan, 2017.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. *Língua além de cultura ou além de cultura, língua? Aspectos do ensino da interculturalidade*. In: CUNHA, M. J.; SANTOS, P. (Orgs.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília. Editora Universidade de Brasília Brasília, 2002, p. 210-215.

ALTARRIBA, J. Does cariño equal “liking”? A theoretical approach to conceptual nonequivalence between languages. *International Journal of Bilingualism*, 2003, p. 305-322.

ANYA, U. *Racialized identities in second language learning: Speaking blackness in Brazil*. Routledge, 2017.

AGUADO, K. Chunks, Imitation und Ko-Konstruktion: Wie nicht-kindliche Fremdsprachenlernende ihre L2-Identität(en) entwickeln können. In: BURWITZ-MELZER, E; KÖNIGS, F. G.; RIEMER, C. (Orgs.), *Identität und Fremdsprachenlernen*. Tübingen: Narr Verlag, 2013, p. 9-18.

ANDERSON, B. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso. 1991. p. 224.

ANGEL MUÑOZ, Miguel. *Does being bilingual make you smarter?* British Council, jun. 2014. Disponível em: <<https://www.britishcouncil.org/voices-magazine/does-being-bilingual-make-you-smarter>> Acesso em: 09 novembro 2017.

ANJOMSHOA, L.; SADIGHI, F. *The Importance of Motivation in Second Language Acquisition*. *International Journal on Studies in English Language and Literature (IJSELL)*, Volume 3, Issue 2, 2015. p. 126-137.

ANSALDO, A. I.; MARCOTTE, K.; SCHERER, L.; RABOYEAU, G. *Language therapy and bilingual aphasia: Clinical Implications of psycholinguistic and neuroimaging research*. *Journal of Neurolinguistics*, 21, 2008, p. 539-557.

ANYA, U. *Racialized Identities in Second Language Learning: Speaking Blackness in Brazil*, New York: Routledge, 2017.

ARAÚJO, G. L. F.; QUEIRÓZ, S. S. L. S. de; BUENO, E. S. da S. *língua: um instrumento de fala, de identidade pessoal e social*. *Web-Revista SOCIODIALETO*, v. 2, n. 2, nov. 2012.

Disponível em <<http://www.sociodialetto.com.br/edições/13/01122012013110.pdf>>. Acesso em: 9 novembro. 2017.

ARCHAKIS, A.; TZANNE, A. Narrative positioning and the construction of situated identities. Evidence from conversations of a group of young people in Greece. *Narrative Inquiry*. 2(2), 2005, p. 267-291.

BAČOVÁ, V. Identita v sociálnej psychológii. In: VÝROST, J.; SLAMĚNÍK, I. (Orgs.), *Sociální psychologie*. Praha: ISV, 1997, p. 211-234.

BARKER, C. *Cultural Studies: Theory and Practice*. London: Sage, 2011.

BAKER, C. *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*. Bristol: Multilingual Matters Limited, 2011.

BARMEL, N. O tzv. české diglosii v současném světě. *Slovo a slovesnost*, volume 71, number 1, 2010. p. 5-30.

BARTON, D. AND LEE, C.K.M. Redefining vernacular literacies in the age of Web 2.0, *Applied Linguistics*, 33(3), 2012, p. 282-298.

BASTOS, N.B. *Língua portuguesa: cultura e identidade nacional*. São Paulo: EDUC. 2010.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BĚLINA, P.; POKORNÝ, J.; GRULICH, T.; HALADA, J.; HRBEK, J.; MAREŠ, P.; MORAVCOVÁ, D.; RAK, J.; ROČEK, P.A.; TOMEŠ, J. *Dějiny země Koruny české 1-2*. Praha: Paseka, 1992.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. (1966) *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge*. Garden City, NY: Anchor Books, 1966.

BLELL, G. Sprach(en)lernen und Identität im Kontext eines literatur- und kulturdidaktischen Fremdsprachenunterrichts. In: BURWITZ-MELZER, E; KÖNIGS, F. G.; RIEMER, C. (Orgs.), *Identität und Fremdsprachenlernen*. Tübingen: Narr Verlag, 2013, p. 9-18.

BLOCK, D. *Second Language Identities*. London: Continuum International Publishing Group, 2009.

_____. Journey to the centre of language teacher identity, In: BARKHUIZEN, G. (Org.), *Reflections on Language Teacher Identity Research*. New York: Routledge, 2017. p. 89-102.

BOGOCZOVÁ, I. *Jazyková komunikace mládeže na dvojjazyčném území českého Těšínska: Zpráva o dotazníkovém průzkumu*. Ostrava: Sfinga, 1993.

BOND, M.; LAI, T. Embarrassment and code-switching into a second language. *The Journal of Social Psychology* 126 (2), 1986. p. 179-186.

BORODITSKY et al. Sex, Syntax, and Semantics, In: GENTNER, D.; GOLDIN-MEADOW, S. (Orgs.), *Language in Mind: Advances in the Study of Language and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 2003, p. 61-79.

BOURDIEU, P. Cultural reproduction and social reproduction, In: KARABEL, I.; HALSEY, A H. *Power and ideology in education*. New York: Oxford University, 1977.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOYD, D. M. *It's complicated: The social lives of networked teens*. New Haven: Yale University Press, 2014.

BYRAM, M. *Teaching and Assessing Intercultural communicative Competence*. Clevedon: Multicultural Matters, 1997.

BYRAM, M.; GRIBKOVA, B.; STARKEY, H. *Developing the intercultural dimension in language teaching; a practical introduction for teachers*. Europe, Council of Europe, 2002.

CANAGARAJAH, S. Negotiating the local in English as a lingua franca, *Applied Linguistics review*, v. 26, 2006. p. 197-218.

_____. Translanguaging in the Classroom: emerging issues for research and pedagogy. *Applied Linguistic review*, v. 2, 2011. p. 1-28.

CANDAU, V. M. (Org). *Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CHAPDELAINÉ, R.; ALEXITCH, L. Social skills difficulty: Model of culture shock for international students. *Journal of College Student Development*, 5(2), 2004. p. 167-184.

CHNAIDERMAN, M. Língua(s)- language(ns)-identidade(s)- movimento(s): uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, I. (Org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Mercado de Letras, 1998/2006. p. 47-68.

CHRYSSOCHOOU, X. Studying identity in Social Psychology. Some thoughts on the definition of identity and its relation to action. *Journal of Language and Politics*, 2(2), 2003. p. 225-241.

CHAUÍ, M. *A linguagem*. In: _____. *Convite à filosofia*. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006.

CIAMPA, A. C. (2006). O sintagma identidade-metamorfose-emancipação, *Revista Construção Psicopedagógica*. 14(1), 2006.

COLLINS, N. Polyglots Might Have Multiple Personalities. *Scientific American*. 2011, Disponível em <<http://www.scientificamerican.com/article/speaking-with-affect>>. Acesso em: 8 novembro 2017.

CORETH, E. *What is a Man?*. Prague: Zvon, 1994. p. 91.

ČERMÁK, F. *Jazyk a jazykověda*. Praha: Pražská imaginace, 1994.

ČERNÝ, J. *Dějiny lingvistiky*. Olomouc: Votobia, 1996.

_____. *Úvod do studia jazyka*. Olomouc: Rubico, 1998.

ČESKÝ STATISTICKÝ ÚŘAD. **Cizinci v ČR podle státního občanství v letech 1994–2018** (k 31. 12.). 2018. Disponível em <www.czso.cz/csu/cizinci/4-ciz_pocet_cizincu#cr>. Acesso em: 2 agosto 2019.

ČESKÝ STATISTICKÝ ÚŘAD. **Cizinci: počet cizinců**, 2020. Disponível em: <<https://www.czso.cz/csu/cizinci/cizinci-pocet-cizincu>>. Acesso em: 24 junho 2020.

DESHAYS, E. *L'enfant bilingue*. Paris: Robert Laffont, 2003.

DE BOT, K. A bilingual production model: Levelt's 'speaking' model adapted. *Applied Linguistics*, 13 (1), 1992. p. 1-24.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DU PLESSIS, C; BRANDON, P. An ecological worldview as basis for a regenerative sustainability paradigm for the built environment. *Journal of Cleaner Production*, 2015.

DOR, D. *The Instruction of Imagination: Language as a Social Communication Technology*, Oxford University Press, 2015.

DÖRNYEI, Z. Motivation and motivating in the foreign language classroom. *The Modern Language Journal*, 78(3), 1994. p. 273-284.

_____. Motivation in second and foreign language learning. *Language Teaching*, 31(2), 1998. p. 117-135.

DUFF, P. A.; UCHIDA, Y. The negotiation of teachers' sociocultural identities and practices in postsecondary EFL classrooms. *TESOL Quarterly*, 31(3), 1997, p. 451–86.

DUFF, P. Issues of identity. In: GASS, S.; MACKEY, A. (Orgs.), *The Routledge handbook of second language acquisition*. London: Routledge, 2012. p. 410-426.

DUBAR, C. *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUSZAK, A. *Us and others. Social Identities across languages, discourses and cultures*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.

DUTKOVA-COPE, L. Texas Czech Ethnic Identity: So How Czech Are You, Really?, *The Slavic and East European Journal*. Vol. 47, No. 4. 2003. p. 648-676.

EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

EDWARDS, J. *Language and identity*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2009.

ERVIN-TRIPP, S. An Analysis of the Interaction of Language, Topic, and Listener. *American Anthropologist*. vol. 66, no. 6, 1964, p. 86–102.

- EUROSTAT STATISTICS EXPLAINED - *Migration and migrant population statistics*. O Gabinete de Estatísticas da União Europeia, 2020. Disponível em: <https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migration_and_migrant_population_statistics#:~:text=The%20number%20of%20people%20residing,of%20the%20EU%2D27%20population.>. Acesso em: 24, junho 2020.
- EVANS, D. *Language and Identity: Discourse in the World*, Bloomsbury Publishing, 2014
- EVERETT L., D. *Language The Cultural Tool*. New York: Pantheon Books, 2012.
- _____. *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2019.
- FALCÃO, G. M. *Psicologia da Aprendizagem*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2001.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.
- FABRÍCIO, B. F. O processo de negociação de novas identidades profissionais. In: SZUNDY, P. T. C. et al. (Orgs.) *Linguística aplicada e sociedade: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro*. Campinas: Pontes, 2011. p. 137-157.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 508.
- FOWLER, R. P. In: VAN DIJK, T. (Org.) *The Handbook of Discourse Analysis*, vol 4: Discourse Analysis in Society. London: Academic Press, 1985, p. 61-82.
- GARCÍA, O.; WEI, L. *Translanguaging: Language, Bilingualism and Education*. Palgrave Macmillan. 2014.
- GEE, J. P. *Social Linguistics and Literacies: Ideology in Discourses*. London: Falmer. 1996.
- GEERAERTS, D. Cultural models of linguistic standardization. In: DIRVEN, R.; FRANK, R.; PÜTZ, M. *Cognitive Models in Language and thought. Ideology, Metaphors and Meaning*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.
- GEERTZ, C. *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*. New York: Basic Books, 1973.

- GODENZZI, J. C. Introducción/Diversidad histórica y diálogo intercultural. Perspectiva latinoamericana. *Tinkui Boletín de Investigación y Debate*, Universidad de Montreal, n. 1, 2005, p. 4-10. Disponível em: <www.littlm.umontreal.ca/documents.doc.> Acesso em: 29 novembro 2019.
- GOFFMAN, E. *The Presentation of Self in Everyday Life*. Anchor Books. New York, 1959.
- _____. *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. Prentice-Hall. Englewood Cliffs, NJ, 1963.
- GOMES, R. *Sexualidade masculina, Gênero e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- GRICE, P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (Orgs.). *Syntax and semantics. 3: Speech acts*. New York: Academic Press, 1975. p. 41–58.
- GROSJEAN, F. *Life with Two Languages*. Harvard University Press, Massachusetts/London, 1982.
- _____. The bilingual's language modes. In: NICOL, J. (Org.). *One mind, two languages*. Oxford: Blackwell, 2001.
- HA, P. L.; QUE, P. V. Vietnamese educational morality and the discursive construction of English language teacher identity. *Journal of Multicultural Discourses*, 1, 2006. p. 136-151.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HENNINGSEN, D. D.; HENNINGSEN, M. L. M. Nuanced Aggression in Group Decision Making, *International Journal of Business Communication*, vol. 57, 1, 2017. p. 145-158.
- HOLLIDAY, A.; HYDE, M.; KULLMAN, J. *Intercultural Communication: an advanced resource book*. London: Routledge, 2004.
- HOGG, M.; TERRY, D. Social identity and self-categorization processes in organizational context. *Academy of Management Review*, v. 25, n. 1, 2000. p. 121-140.
- HOFSTEDE, G. *Cultures and Organizations: Software of the Mind*. New York: McGraw-Hill, 2005.

HOFSTEDE, G.; HOFSTEDE, G. J. *Kultury a organizace: software lidské mysli: spolupráce mezi kulturami a její důležitosti pro přežití*. Praha: Linde, 2007.

HUNTINGTON, S. *The Clash of Civilizations and Remaking of World Order*. New York, Simon and Schuster, 1996.

HEYWOOD, A. *Politologie*. Praha: Eurolex Bohemia, 2004.

HRDÁ, M.; ŠÍP, R. Role pragmatické kompetence ve výuce češtiny jako cizího jazyka a utváření sociální identity. *Pedagogická orientace*, Brno: ČPdS, roč. 21, č. 4, 2011. p. 436-457.

HUDSON, H. *A Materialist Metaphysics of the Human Person*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2001.

_____. "I Am Not an Animal!". In: INWAGEN, P.; ZIMMERMAN, D. (Orgs.) *Persons: Human and Divine*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 216–234.

HUMBOLDT, A. V. *Über das vergleichende Sprachstudium in Beziehung auf die verschiedenen Epochen der Sprachentwicklung* (1820), 2000, p. 101.

HUSTON, N. *Nord perdu suivi de Douze France*. Arles: Actes Sud. Coll. Babel, n° 637, 1999.

IGE, B. Identity and language choice: 'We equals I'. *Journal of Pragmatics*. 42. 2010. p. 3047-3054.

ILARI, R. *Reflexões sobre língua e identidade*. Anais do 6º Encontro Celsul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Florianópolis/SC, 2004.

JANDOUREK, J. *Sociologický slovník*. Praha: Portál, 2001.

_____. *Úvod do sociologie*. Praha: Portál, 2003.

JANÍKOVÁ, V. Učení a vyučování cizích jazyků a identita. *Pedagogická orientace*, [S.l.], v. 26, n. 1, 2016. p. 24–50.

JAVIER, R.; MARCOS, L. The role of stress on the language-independence and code-switching phenomena. *Journal of Psycholinguistic Research* 18 (5), 1989. p. 449-472.

JOHNSTON, M. Human Beings, *The Journal of Philosophy*, 84(2), 1987. p. 59–83.

_____. Remnant Persons: Animalism's Undoing. In: BLATTI, S.; SNOWDON, P.F. (Orgs.) *Animalism: New Essays on Persons, Animals, and Identity*. Oxford University Press; 2016. p. 89–127.

JOSEPH, J. *Language and Identity: National, Ethnic, Religious*. Basingstoke. Palgrave Macmillan, 2004.

_____. Historical perspectives on language and identity. In: PREECE, S. *The Routledge Handbook of Language and Identity*, Routledge, 2016. p. 19-33.

KOBENA, M. Welcome to the Jungle: Identity and Diversity in Postmodern Politics. In: RUTHERFORD, J. (Org.) *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence and Wishart, 1990.

KOCH, I. V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCOUREK, J. *Vzdělávání o interkulturním setkávání: 3. Kulturní šok*, Praha: Portál, 2008.

KOŘAN, M. *Czech Foreign Policy in 2007–2009*. Prague: Institute of International Relations, 2010.

KRAMSCH, C. *Language and culture*. New York: Oxford University Press, 1998.

KRAPPMANN, L. *Soziologische Dimensionen der Identität. Strukturelle Bedingungen für die Teilnahme an Interaktionsprozessen*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1993.

KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. Abingdon: Routledge, 2009.

KRESIC, M. *Sprache, Sprechen und Identität. Studien zur sprachlich-medialen Konstruktion des Selbst*. München: Iudicium, 2006.

KRUMM, H. J. "Mein Bauch ist italienisch ..." Kinder sprechen über Sprachen. *Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht*, 8(2/3), 2003. p. 110–114.

_____. Identität und Mehrsprachigkeit. In: BURWITZ-MELZER, E; KÖNIGS, F. G.; RIEMER, C. (Orgs.), *Identität und Fremdsprachenlernen*. Tübingen: Narr Verlag, 2013. p. 119-128.

LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Center for Applied Linguistics, 1966.

LEARNING ENGLISH IN BRAZIL. **British Council**, 2014. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/learning_english_in_brazil.pdf>. Acesso em: 24, junho 2020.

LLAMAS, C.; WATT, D. (eds.). *Language and Identities*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.

LEEDS-HURWITZ, W. Social construction of reality. In: Littlejohn, Stephen W.; Foss, Karen A. (eds.). *Encyclopedia of communication theory*. Thousand Oaks, California: SAGE Publications. 2009, p. 891.

LEFFA, V. J. *A linguística aplicada e seu compromisso com a sociedade*. CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 6. Trabalhos apresentados. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

LE PAGE, R. Projection, focusing and diffusion. *York Papers in Linguistics*, University of York, v.9, 1980. p. 9-32.

LEWIS, D. K. Survival and Identity, In: RORTY, A.O. (Org.) *The Identities of Persons*, Berkeley: University of California Press, 1976. p. 17-40.

LEVINSON, C.S.; WILKINS, D. (eds.). *Grammars of Space: Explorations in Cognitive Diversity*. Cambridge, New York, Melbourne, Madrid, Cape Town, Singapore, and Sao Paulo: Cambridge University Press, 2006.

LIAMAS, C.; WATT, D. *Language and identities*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.

MACHÁČ, M.; MACHÁČOVÁ, H.; HOSKOVEC, J. *Emoce a výkonnost*. Praha: SPN. 1985.

MARTÍNEZ, H. *La articulación del habla en individuos con hendiduras labiopalatinas corregidas*. Estudio de dos casos. Tesis de Maestría, Universidad de Los Angeles, 2005.

MATSUMOTO, D. *Culture, Psychology, and Education*. Online Readings in Psychology and Culture. N. 2. 2002.

MCAVOY, J. Discursive psychology and the production of identity in language practices. In: PREECE, S. *The Routledge Handbook of Language and Identity*, Routledge, 2016. p. 98-112.

MENDES, E. A perspectiva intercultural no ensino de línguas: uma relação entre culturas. In: ALVAREZ, M. L. O.; SILVA, K. A. da. (Orgs.) *Linguística Aplicada: múltiplos olhares*. Brasília: UnB/ FINATEC; Campinas: Pontes, 2007. p. 119-139.

_____. Aprender a ser e a viver com o outro: materiais didáticos interculturais para o ensino de português LE/L2. In: SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, S. *Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 355-378.

MENDOZA-DENTON, N. Language and Identity. In: CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter.; SCHILLING-ESTES, Natalie. (Ed.). *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 475-499.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: Deonde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MILLER, J. Identity and Language Use: The Politics of Speaking ESL in Schools. In PAVLENKO, A., BLACKLEDGE, A (Orgs.). *Negotiation of Identities in Multilingual Contexts*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2004. p. 290-315.

_____. Second language acquisition and social identity. *Queensland Journal of Educational Research*. 13 (2), 1997, p. 84.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOITA LOPES, L. P. *Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução*. D.E.L.T.A.. 1994.

_____. Afinal, o que é Linguística Aplicada?. In: MOITA LOPES, L.P. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____. *Identidades Fragmentadas: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

_____. Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. In: MOITA LOPES, L. P. *Discursos de identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 13-34.

_____. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOTA, K; SCHEYERL, D. (Orgs.). *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador: Edufba, 2004.

NORTON, B. Language, Identity, and the Ownership of English. *TESOL Quarterly*. 31, 1997. p. 409-429.

_____. *Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change*. Harlow, England, Longman, 2000.

_____. Investment, acculturation, and language loss. In: McKAY, S; WONG, S. L. (Orgs.) *English language learners in the United States: a resource for teachers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

_____. Identity as a sociocultural construct in second language education. In: CADMAN, K.; O'REGAN, K. (Orgs.), *TESOL in Context* [Special Issue], 2006. p. 22-33.

_____. Identity, language learning, and critical pedagogies. In: CENOZ, J.; HORNBERGER, N. H. (Orgs.) *Encyclopedia of Language and Education*, 2nd Edition, Volume 6. Springer Science Business Media LLC, 2008.

_____. Language and identity. In: HORNBERGER, N. H.; MCKAY, S.L. (Orgs.) *Sociolinguistics and Language Education*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2010.

_____. *Identity and language learning: Extending the conversation* (2nd ed.). Bristol, UK: Multilingual Matters, 2013.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Bahia é o Estado do Nordeste que mais recebe migrantes internacionais, Nações Unidas Brasil, 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/bahia-e-o-estado-do-nordeste-que-mais-recebe-migrantes-internacionais/>>. Acesso em: 24, junho 2020.

NOONAN, H. W., *Personal Pronoun Revisionism: Asking the Right Question*, Analysis, 72(2). 2012. p. 316–318.

OBERG, K. *Culture shock*. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1954.

_____. Culture shock: Adjustment to new cultural environments. *Practical Anthropology*, 7, 1960. p. 177-182.

OLSON, E.T. An Argument for Animalism. In: Martin, R. and Barresi, J., (Orgs.). *Personal identity. Blackwell readings in philosophy* (11). Blackwell, Oxford, 2003. p. 318-334.

OYSERMAN, D. *Pathways to Success Through Identity-Based Motivation*. Oxford University Press, 2015.

OLIVEIRA, F.K.; BRISOLARA, V. *Influências Culturais e Identitárias no Ensino/Aprendizagem de Língua Inglesa como uma Língua Adicional no Brasil*. Nonada: Letras em Revista, Porto Alegre, Brasil, vol. 1, núm. 24, 2015, p. 111-121

PARK, J. S. Y. Linguistic Identities, In: JUERGENSMEYER, M.; ANHEIER, H. (Orgs.), *The Encyclopedia of Global Studies*, Thousand Oaks: Sage. 2012. p. 1080-1084.

PAVLENKO, A. *Bilingualism and emotions*. *Multilingua*, 21(1), 2002. p. 45-78.

PÉREZ-REVERTE, A. *El español es un extraordinario espacio común*. EL MUNDO, 1 outubro 2019. Disponível em: <www.elmundo.es/espana/2019/10/01/5d93ac67fdddffad598b4653.html> Acesso em: 9 fevereiro 2020.

PEREIRA, R. C.; ROCA, P. *Linguística Aplicada um caminho com diferentes acessos*. [S.l.]: Editora Contexto, 2019.

PINKER, S. *The Blank Slate: The Modern Denial of Human Nature*. New York: Viking, 2002.

_____. *O novo iluminismo, em defesa da razão, da ciência e do humanismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PESSOA, F. do livro *Novas Poesias Inéditas*. (Direcção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno.) Lisboa: Ática, 1973. p. 48.

PRŮCHA, J. *Interkulturní psychologie*. Praha: Portál, 2004.

_____. *Interkulturní komunikace*. Praha: Grada, 2010.

RAFFINO, M. E. *Fenómenos Sociales*. Concepto.de. 6 dezembro 2019, Disponível em: <<https://concepto.de/fenomenos-sociales/>> Acesso em: 29 fevereiro 2020.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: Fapesp, 1998.

_____. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

_____. *Por uma linguística crítica – linguagem, identidade e a questão ética*. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. *Por uma linguística Crítica: Linguagem, Identidade e a Questão ética*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Mercado de Letras, 1998/2006. p. 213-230.

RESENDE, V. M., RAMALHO, V. C. V. S. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas, *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 5, n. 1, 2004. p. 185-207.

RICENTO, T. Considerations of identity in L2 learning. In: HINKEL, E. (Org.), *Handbook of Research in Second Language Teaching and Learning*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2005. p. 895-911.

RILEY, P. *Language, Society and Identity*. London: Continuum, 2007.

RINVOLUCRI, M. Mother tongue in the foreign language classrrom. *Modern English teacher*, London, v. 10, n. 2, 2001. p. 41-44.

RODRÍGUEZ CAAMAÑO, M. J. *Temas de sociología. volumen I*. Madrid: Huerga y Fierro editores. 2001, p. 29

RONCHI, L. *Experimentation Color Vision, Psychophysical and Interacting with Color Language*, Volume I, Firenze, Fond. G. Ronchi, 2013, p. 117.

SALZMANN, Z. *Jazyk, kultura a společnost: úvod do lingvistické antropologie*, Praha: Ústav pro etnografii a folkloristiku AV ČR, 1997.

SAMOVAR, L. A.; PORTER, R. E.; MCDANIEL, E. R.; ROY, C. S. *Communication between cultures*. Boston: Cengage learning, 2017.

SAMOVAR, L.A.; PORTER, R.E.; MCDANIEL, E.R. *Communication between Cultures*. 7th Edition, Boston: Wadsworth Cengage Learning, 2010.

SANTANA, J. D. *Língua, cultura e identidade: a língua portuguesa como espaço simbólico de identificação no documentário: Língua - vidas em português*. Linha D'Água. Janeiro 25, 2012, p. 47-66. doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i1p47-66. Acesso em 2 agosto 2019.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.

SCHIFFRIN, D. Narrative as self-portrait: Sociolinguistic constructions of identity. *Language in Society*, v. 25, n. 2, 1996, p. 167-203.

SCHNEIDER, S.; SCHMITT, C. J. *O uso do método comparativo em Ciências Sociais*. Cadernos de Sociologia, PPGS/UFRGS, Porto Alegre, v.9. 1998. p. 49-87.

SEARLE, W.; WARD, C. The prediction of psychological and sociocultural adjustment during cross-cultural transitions. *International Journal of Intercultural Relations*, 14, 1990. p. 449-464.

SHAIKH, I, *The power of language. How can language create Individual identities?*, Munich: GRIN Verlag, 2019.

SILVA, C. N.; MELO, M.G. P. L.; ANASTÁCIO, S. M. G. *NÔMADES CONTEMPORÂNEOS: famílias expatriadas e um mosaico de narrativas*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da; HALL, S., WOODWARD, K. (Orgs.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. *Intercultural interaction: A multidisciplinary approach to intercultural communication*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

SPIELBERGER, C. *Encyclopedia of Applied Psychology*. New York: Academic Press, 2004. p. 615.

SCHRAUF, R. W. *Mixed Methods: Interviews, Surveys, and Cross-Cultural Comparison*. Cambridge University Press, 2016.

ŠVARŤÍČEK, R. Zkoumání konstrukce identity učitele. In: ŠVARŤÍČEK, R.; ŠEĐOVÁ, K., et al., *Kvalitativní výzkum v pedagogických vědách*. Praha: Portál, 2007. p. 335-355.

TAJFEL, H.; TURNER, J. An integrative theory of intergroup conflict. In: AUSTIN, W.G.; WORCHE, S. (Orgs.), *The Social Psychology of Intergroup Relations*. Monterey: Brooks and Cole, 1979. p. 33-47.

_____. The social identity theory of inter group behavior. In: JOST, J. T.; SIDANIUS, J. (Orgs.), *Key readings in social psychology*. Political psychology: Key readings. Psychology Press, 2004. p. 276-293.

TESAŘ, F. *Etnické konflikty*. Praha: Portál, 2007.

TING-TOOMEY, S. *Communicating across cultures*. New York: The Guilford Press, 1999.

TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2009.

TYLOR, E. B. *Popular Science Monthly*. 26. Public Domain. 1884. p. 145.

TAYLOR, S. Self-narration as rehearsal. A discursive approach to the narrative formation of identity. *Narrative Inquiry* 15, 1. 2005. p. 45-50.

UNESCO PORTUGAL. Diversidade das expressões culturais. Disponível em <<https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/diversidade-das-expressoes-culturais>>. Acesso em: 9 fevereiro 2020.

VAN DIJK, T. *Ideología. Una aproximación multidisciplinaria*. Barcelona: Gedisa, 1998.

_____. *Critical Discourse Analysis and Conversation Analysis*, Volume: 10, Issue: 4, 1999. p. 459-460

_____. *El discurso como interacción social*. Barcelona: Gedisa, 2000.

VARGHESE, M.; MORGAN, B.; JOHNSON, B.; JOHNSON, K. Theorizing language teacher identity: three perspectives and beyond. *Journal of Language, Identity, and Education*, 4(1), 2005. p. 21-44.

VETEŠKA, J.; PRŮCHA, J. *Andragogický slovník*. Praha: Grada Publishing, 2012.

VIANA, N. *Cérebro e Ideologia - Uma Crítica do Determinismo Cerebral*. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

VILAÇA, M. L. C. Pesquisas em linguística aplicada: domínios, perspectivas e metodologias. *Almanaque Unigranrio de Pesquisa*, ano 4, n. 1, 2010.

VYGOTSKY, L. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins Editora, 1934.

VÝROST, J.; SLAMĚNÍK, Z. *Sociální psychologie*. Praha: Grada, 2008.

WEI, L., HUA, Z. Translanguaging Identities and Ideologies: Creating Transnational Space Through Flexible Multilingual Practices Amongst Chinese University Students in the UK, *Applied Linguistics*, Volume 34, Issue 5, 2013, p. 516-535.

WERLEN, I. *Sprachliche Relativität. Eine problemorientierte Einführung*. Stuttgart: UTB, 2002.

WIDIANTO, Y. N. *The making of a multicultural English teacher*. *English Teaching: Practice and Critique*, 1, 2005. p. 106-117.

WILLIAMS, C. *Secondary education: teaching in the bilingual situation*. The language policy: Taking stock, v. 12, n. 2, 1995. p. 193-211.

WHETTEN, D.; GODFREY, P. *Identity in organizations*. London: Sage Publications, 1998.

WODAK, R.; CILLIA, R.; REISIGL, M.; LIEBHART, K. *The discursive construction of national identity*. Edinburgh, UK: Edinburgh, 1999, p. 153;

_____. *A construção discursiva da identidade nacional*. Edimburgo: Edimburgo University Press, 2009.

WORTHAM, S.; *Learning Identity: The Joint Emergence of Social Identification and Academic Learning*. Cambridge University Press, 2006.

WRCHER, S.; AUSTIN, W. G. *Psychology of inter group relations*. Chicago: Nelson-Hale Publishers, 1986.

YOUNG, R. *Discursive practice in language learning and teaching*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2009.

APÊNDICE A: ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM BRASILEIROS MORANDO NA REPÚBLICA TCHECA, QUESTIONÁRIO APLICADO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Local da entrevista:

Data: _____ Início: _____ h Término: _____ h No da entrevista: _____

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Nome:
2. Idade:
3. Local de nascimento:
4. Local de moradia:
5. Formação acadêmica:
6. Profissão:

II. QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA

1. Quanto tempo, e por que você está morando aqui?
2. Você gosta de morar na República Tcheca?
3. O que você fazia em seu país, e o que está fazendo aqui (trabalho, estudo etc.)?
4. Você se comunica na língua portuguesa aqui, ou é usuário de outras línguas também?
Em quais situações e ambientes?
5. Com quem você, geralmente, fala em português? Falando português aqui, como você se sente?
6. Você fala a língua tcheca fluentemente?
7. Com quem você, geralmente, fala tcheco? Falando tcheco, como você se sente?
8. Quando você chegou aqui, teve dificuldades com a língua tcheca? Quais?
9. Você busca ambientes onde possa falar em sua língua materna? Por que?

10. Como você percebe os hábitos e costumes dos tchecos? Tem algo marcante que poderia comentar?
11. Você se identifica com estes costumes, ou se sente apenas como um “observador”?
12. Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica mais? (cultura, comida, segurança, relações interpessoais etc.)
13. Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica menos? (cultura, comida, segurança, relações interpessoais etc.)
14. Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país? Se for o caso, como e por quê?
15. Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua tcheca? Como?
16. Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar? Por quê?

APÊNDICE B: ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM BRASILEIROS MORANDO NA REPÚBLICA TCHECA, QUESTIONÁRIO APLICADO NA LÍNGUA TCHECA

Místo rozhovoru:

Datum: _____ Začátek: _____ h Konec: _____ h Číslo rozhovoru: _____

I. IDENTIFIKACE

1. Jméno:
2. Věk:
3. Místo narození:
4. Místo pobytu:
5. Vzdělání:
6. Zaměstnání:

II. OTÁZKY PRO ROZHOVOR

1. Jak dlouho a proč zde žijete?
2. Žijete rádi v České Republice?
3. Co jste dělali ve své zemi a co děláte zde (práce, studium atd.)?
4. Komunikujete zde v portugalské, nebo používáte i jiné jazyky? V jakých situacích a prostředích?
5. S kým obvykle mluvíte portugalsky? Když zde mluvíme portugalsky, jak se cítíte?
6. Mluvíte plynule česky?
7. S kým obvykle mluvíte česky? Když mluvíte česky, jak se cítíte?
8. Když jste sem přistěhovali, měli jste problémy s češtinou? Jaké?
9. Vyhledáváte prostředí, ve kterém můžete mluvit ve svém rodném jazyce? Proč?
10. Jak vnímáte zvyky a návyky Čechů? Je něco zajímavého, co byste chtěl komentovat?

11. Identifikujete se s těmito zvyky, nebo se cítíte jako “pozorovatel”?
12. S jakou částí každodenního českého života se nejvíce ztotožňujete? (kultura, jídlo, bezpečnost, mezilidské vztahy atd.)
13. S jakou částí každodenního českého života se nejméně ztotožňujete? (kultura, jídlo, bezpečnost, mezilidské vztahy atd.)
14. Vnímáte sám sebe jinak, když žijete zde? Pokud ano, jak a proč?
15. Myslíte, že jste se změnil, po tom, co jste se naučil česky? Jak?
16. Pokud byste mohl, vrátil byste se natrvalo zpět do vaší země? Proč?

APÊNDICE C: ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM TCHECOS MORANDO NO BRASIL, QUESTIONÁRIO APLICADO NA LÍNGUA TCHECA

Místo rozhovoru:

Datum: _____ Začátek: _____ h Konec: _____ h Číslo rozhovoru: _____

I. IDENTIFIKACE

1. Jméno:
2. Věk:
3. Místo narození:
4. Místo pobytu:
5. Vzdělání:
6. Zaměstnání:

II. OTÁZKY PRO ROZHOVOR

1. Jak dlouho a proč zde žijete?
2. Žijete rádi v Brazílii?
3. Co jste dělali ve své zemi a co děláte zde (práce, studium atd.)?
4. Komunikujete zde v českém jazyce, nebo používáte i jiné jazyky? V jakých situacích a prostředích?
5. S kým obvykle mluvíte v češtině? Když zde mluvíme česky, jak se cítíte?
6. Mluvíte plynule portugalsky?
7. S kým obvykle mluvíte portugalsky? Když mluvíte portugalsky, jak se cítíte?
8. Když jste sem přistěhovali, měli jste problémy s portugalštinou? Jaké?
9. Vyhledáváte prostředí, ve kterém můžete mluvit ve svém rodném jazyce? Proč?
10. Jak vnímáte zvyky a návyky Brazilců? Je něco zajímavého, co byste chtěl komentovat?

11. Identifikujete se s těmito zvyky, nebo se cítíte jako “pozorovatel”?
12. S jakou částí každodenního brazilského života se nejvíce ztotožňujete? (kultura, jídlo, bezpečnost, mezilidské vztahy atd.)
13. S jakou částí každodenního brazilského života se nejméně ztotožňujete? (kultura, jídlo, bezpečnost, mezilidské vztahy atd.)
14. Vnímáte sám sebe jinak, když žijete zde? Pokud ano, jak a proč?
15. Myslíte, že jste se změnil, po tom, co jste se naučil portugalsky? Jak?
16. Pokud byste mohl, vrátil by se natrvalo zpět do vaší země? Proč?

APÊNDICE D: ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM TCHECOS MORANDO NO
BRASIL, QUESTIONÁRIO APLICADO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Local da entrevista:

Data: _____ Início: _____ h Término: _____ h No da entrevista: _____

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Nome:
2. Idade:
3. Local de nascimento:
4. Local de moradia:
5. Formação acadêmica:
6. Profissão:

II. QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA

1. Quanto tempo, e por que você está morando aqui?
2. Você gosta de morar no Brasil?
3. O que você fazia em seu país, e o que está fazendo aqui (trabalho, estudo etc.)?
4. Você se comunica na língua tcheca aqui, ou é usuário de outras línguas também? Em quais situações e ambientes?
5. Com quem você, geralmente, fala em tcheco? Falando tcheco aqui, como você se sente?
6. Você fala a língua portuguesa fluentemente?
7. Com quem você, geralmente, fala português? Falando português, como você se sente?
8. Quando você chegou aqui, teve dificuldades com a língua portuguesa? Quais?
9. Você busca ambientes onde possa falar em sua língua materna? Por quê?

10. Como você percebe os hábitos e costumes dos brasileiros? Tem algo marcante que poderia comentar?
11. Você se identifica com estes costumes, ou se sente apenas como um “observador”?
12. Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica mais? (cultura, comida, segurança, relações interpessoais etc.)
13. Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica menos? (cultura, comida, segurança, relações interpessoais etc.)
14. Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país? Se for o caso, como e por quê?
15. Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua portuguesa? Como?
16. Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar? Por quê?

APÊNDICE E: ENTREVISTADO N°1

Quadro 6- Entrevistado N°1 = entrevista N° 1 e 2

Idade e gênero	31, masculino
Naturalidade	Manaus, AM
Residente em	Uhlířské Janovice (uma vila 30 quilômetros da capital – Praga)
Profissão	Estudante bolsista na universidade em Praga
Formação	Mestre em antropologia
Língua não materna	O sujeito pesquisado apresentou fluência limitada no idioma tcheco, porém foi capaz de entender as ideias principais de fala que tratou de temas concretos, inclusive linguagem específica de sua área de especialização. Pôde interagir com falantes nativos com um grau suficiente de fluência e naturalidade na forma como a comunicação ocorreu, sem esforço por parte de nenhum dos interlocutores. Nota-se uma limitação no uso da língua tcheca, quando falamos sobre assuntos abrangentes. Todos os dias ele utiliza três línguas: português (com a esposa e o filho, e amigos), tcheca (com os pais da esposa, e amigos) e inglês (uso profissional na universidade). Possui amplo vocabulário, no entanto, quanto à fluência e à gramática, o nível é intermediário. Ademais, no momento de uso da língua tcheca, sua linguagem corporal revelou menos confiança e ele demandou mais tempo para “utilizar” as palavras adequadas.
Estado civil	Casado com uma cidadã tcheca, de modo que a integração na língua é cotidiana e intensa. Tem um filho tcheco de um ano e dois meses, nascido na República Tcheca, com o qual ele utiliza o português. Na residência moram: ele, a esposa, o filho e os pais da sua esposa (que não falam português).
Tempo na Rep. Tcheca	Seis anos
Tempo de gravações	Língua portuguesa: 23 minutos, língua tcheca: 30 minutos.

Observação relevante	Morou em vários países da Europa, porém conheceu sua esposa tcheca no Brasil.
Data de entrevistas	13 de junho de 2019
Local de entrevistas	Apartamento do autor na cidade de Praga.

Fonte: do autor

O seu comportamento corporal foi claramente diferente durante o uso de cada umas das línguas. Por exemplo: às vezes utilizando a língua tcheca, durante as respostas ele sorria como se fosse para “ocultar” a incerteza no uso da língua, ou da palavra adequada. Esse subterfúgio pode ser entendido como a tentativa de um apoio para se expressar melhor.

Primeira seção das perguntas (aproximação dos entrevistados com o pesquisador):

O ambiente criado no apartamento em Praga não foi objeto de estresse para o entrevistado uma vez que ele já conhecia o pesquisador. Ele é uma pessoa muito tranquila e positiva, e os elementos da sua formação acadêmica o influencia nesse aspeto. Em português ele é muito mais relaxado e comunicativo, porém sem constância linear dos seus pensamentos, alternando entre uns e outros. Ao contrário, em tcheco, ele por vezes parou, tentando procurar as palavras certas para se expressar.

Primeira pergunta: Por que você está morando na República Tcheca?

Língua portuguesa:

“Eu tinha terminado meu mestrado na Suécia e eu tinha tentado validar no Brasil e eu via que o processo demoraria muito ... ou não ia dar certo ... e daí eu disse a Irena ... Irena é minha namorada, esposa tcheca ... a gente tinha um relacionamento muito estranho, a gente ficava muito tempo sem se ver e tal ...

Língua tcheca:

“Tenho uma namorada aqui, somos casados e temos um filho - Beníček.”

eu tinha que viajar então nesse 2012 por exemplo a gente se viu umas duas vezes só. Era relacionamento que eu acho que eu investia muito pouco, ela investia mais, mas ainda pouco. Nesse período foi daquela coisa – vou mandar e-mail para ti.... E daí a gente resolveu mesmo, vamos ver se dá certo morar juntos.”

Ao falar português, ele é muito descontraído, falando detalhadamente sobre tudo o que quer, sobre situações que vão além da questão. Na língua tcheca, entretanto, limita-se a falar sobre os fatos exigidos. Isso pode ser explicado pela falta de fluência e vocabulário no uso da língua tcheca.

Percebe-se que de fato o entrevistado fala de “oportunidade” em português. Ter estudado em diferentes países da Europa por muito tempo, e pôr as coisas não terem dado certo para ele no Brasil e movido pela “estranha relação” que ele tinha com a namorada, podem tê-lo levado a aplicar novos valores culturais em seu cotidiano aprendidos nessas vivências, como Everett (2019, p. 100) explica. Eles refletem no fato de que usamos todo o nosso conhecimento e papéis sociais, dessa forma a cultura é uma força dinâmica encontrada apenas em indivíduos da sociedade. No contexto referido, cada indivíduo que claramente pertence a um determinado grupo, tem um senso e domínio do que é ou não permitido dentro desse grupo. Todos possuem um conjunto de determinados valores e conhecimentos (como liberdade, justiça, respeito, igualdade, educação) da sociedade em que estão inseridos, e, dependendo de sua experiência, habilidades, conhecimentos, oportunidades e flexibilidade no cumprimento de suas responsabilidades, padrões sociais, essa pessoa é capaz de estabelecer relações sociais de forma mais ou menos eficaz. O entrevistado usou esses valores e conhecimentos internalizados para saber o que fazer, o que esperar e como responder aos estímulos das suas escolhas da vida. Segundo Geertz (1973, p. 50) ele argumenta que nossos valores são nossos produtos culturais, nesse sentido pode-se ver a “oportunidade” de entrevistado como um produto cultural que ele se deixou levar para atingir seu objetivo.

Segunda pergunta: Você gosta de morar aqui?

Língua portuguesa:

“Olha, eu acho que a vida tcheca é mais tranquila, né? Eu estava falando com alguns jogadores de futsal e eles disseram que às vezes tem que pegar ônibus, né ... e disseram que pegar ônibus aqui você não fica tudo entulhado assim (*risos*), então o transporte público funciona bem aqui.”

Língua tcheca:

“Sim, eu acho que sim. A República Tcheca é tranquila e moramos em uma cidade pequena, então isso é bom.”

Pode-se entender, que a pergunta foi respondida com mesmo sentido de: “sim, a vida aqui é mais tranquila”. Para além desta observação, a resposta não ofereceu mais informações relevantes. Assim sendo, elas não fornecem material para uma análise posterior da reconfiguração da identidade, mas traduz aspectos sociais que o estudado considera relevantes.

Terceira pergunta: O que você fazia em seu país, e o que está fazendo aqui?

Língua portuguesa:

“Estudava (*risos*) ... bolsista ... eu sempre era estudante. Aqui eu trabalhava um tempo no central de atendimento ao cliente em inglês, não foi um trabalho legal, mas aprendi algumas coisas.”

Língua tcheca:

“Estudei lá e, também, sou estudante aqui. No Brasil, estudei ciências sociais em Manaus e Natal. Depois estudei estudos de gênero na Suécia e depois na Holanda e, quando terminei, vim para cá. E eu também trabalhei aqui no central de atendimento ao cliente em inglês. Aprendi algo novo.”

A pergunta foi respondida da mesma forma em ambas as línguas, embora fornecesse mais fatos na língua tcheca. Não foram registrados elementos relevantes para análise.

Segunda seção das perguntas (intenção de perceber como se dá a interação do sujeito com a língua materna versus a língua oficial do país em que ele vive):

A segunda parte da entrevista continuou com a energia do ambiente de forma agradável e amigável. Às vezes, seus fluxos de pensamento são incoerentes, mudando de assunto ou até mesmo não respondendo à pergunta. Seu discurso pode até parecer ilógico, porém, por acontecer nas duas línguas, não pode ser atribuído às reconfigurações de identidade.

Quarta pergunta: Você se comunica na língua portuguesa aqui, ou é usuário de outras línguas também?

Língua portuguesa:

“Então, a gente mora todo mundo junto, né, até agora. Então mora eu, Irena, os pais dela, todo mundo junto. Eu tento falar tcheco com eles ... o meu tcheco muito ruim. Quando eu cheguei aqui, comecei a estudar tcheco, achando se eu não estudar, não vou aprender e foi bom. Mas depois eu entrei em doutorado, comecei a ter outras obrigações e aí depois eu desisti. Mãe da Irena fala um pouco de inglês. Porém no cotidiano falamos em tcheco, o problema é que ela fala, fala, fala e digo ... ah ... e eu me perco. Na universidade eu falo inglês.”

Língua tcheca:

“Eu e Irena falamos português e quando tenho que falar com os pais dela, falo tcheco, mesmo que não seja bom. Na universidade, eu uso o inglês com os alunos, então uso três idiomas todos os dias.”

Na língua materna está rindo constantemente, especialmente ao se referir à mãe da sua esposa, achando engraçado as situações cotidianas quando não a entende. Em tcheco se restringe a resposta breve, procurando cada palavra em seu repertório não fluído.

O entrevistado está entre a maior metade da população mundial, que usa duas ou mais línguas todos os dias (ANGEL MUÑOZ, 2014). Segundo Rajagopalan (2004, p. 69), há um contato crescente entre as nações, o multilinguismo assim ganha uma nova conotação. O cidadão deste mundo emergente é inerentemente multilíngue. Essa habilidade de falar vários idiomas tem um impacto direto na reconfiguração da identidade sociocultural do indivíduo.

Quinta pergunta: Com quem, geralmente, você fala em português? Falando português aqui, como você se sente?

Língua portuguesa:

“Com Irena, ou com guias, amigas dela, ou com pessoal brasileiro. Antes eu me sentia mais não sei é tipo muito diferente do que falar tcheco, tentar falar tcheco e não saí, ou você sabe o que dizer e de repente não vai. Mas não é como eu tô em casa, porque não tem gente de Manaus aqui. Com os meus jogadores de futebol, eu vou atrás deles para entrevistar eles, mas é algo muito engraçado: a percepção das pessoas brasileiras sobre nós de Manaus. Não me sinto em casa mesmo falando com eles. Mas eu ... não tenho aqui uma comunidade, assim, de brasileiros que eu vou.”

Língua tcheca:

“Com Irena e agora tenho que falar com jogadores de futebol, porque temos um projeto - migrantes esportivos na República Tcheca, Eslováquia e Hungria, e tenho que falar com eles em português. Quando falo português eu sinto ... não é como em casa porque eles não são de Manaus, não temos muito em comum, mas é melhor porque continuamos conversando porque não tenho problema em terminar a ideia.”

Ele não descreve o que sente quando fala em português na República Tcheca, mesmo com os outros brasileiros. Um ponto forte do seu discurso é a questão dos brasileiros com os quais ele se encontra, por razões pessoais (sua esposa como guia turística) e do trabalho (pesquisa na universidade), não serem da sua cidade natal. Inclusive esse é um fato que ele narra, apontando a sensação de não estar em “casa”, no contexto do uso da língua. Nesse sentido a “casa” pode ser percebida como sua cidade natal.

O “choque cultural” (OBERG, 1954; 1960) pode ocorrer quando duas ou mais culturas se encontram. É uma experiência que podemos ter quando nos mudamos para um ambiente cultural diferente do nosso; é também uma desorientação pessoal que pode ser vivenciada ao experimentar um modo de vida desconhecido como resultado da imigração ou de uma visita a um novo país, uma mudança no ambiente social ou simplesmente uma transição para outro tipo de vida. Em um encontro entre duas ou mais culturas, situações de conflito e problemas comumente ocorrem, às vezes em menor grau (por exemplo situações socialmente cômicas), às vezes em maior grau (por exemplo desconforto, conflito). É possível analisar que o entrevistado

está passando por diferentes choques culturais. O primeiro: da comunidade brasileira que conhece e que não se sente pertencente, uma vez que sua compreensão de casa é Manaus; e segundo: da cultura tcheca, onde se sente frustrado pelo fato de muitas vezes não conseguir completar seus pensamentos falando na língua local.

Sexta pergunta: Você fala a língua tcheca fluentemente?

Língua portuguesa:

“Não, não posso dizer que eu falo fluente tcheco, não (*risos*). Eu tento me comunicar, eu acho que ... eu diria que preciso me esforçar mais ... para passar mais tempo para aprender tcheco relativamente bom, ou seja, minimamente passável (*risos*).”

Língua tcheca:

“Quando tenho que falar no trabalho, para me comunicar com os tchecos, tenho que falar, então falo, cometo erros ... não é ótimo, mas consigo (*risos*).”

Esta pergunta foi respondida de forma igual em ambas as línguas, não foram observados elementos relevantes para serem analisados na perspectiva dos objetivos dessa tese, o entrevistado apenas confirmou que sim, consegue se comunicar na língua tcheca, declarando a sua fluência “relativamente bom – minimamente passável”.

Sétima pergunta: Com quem, geralmente, você fala tcheco? Falando tcheco aqui, como você se sente?

Língua portuguesa:

“Com os pais da Irena, com a família da Irena no modo geral. Eles são do campo, nada de inglês, é tudo de batata, tudo de porco e assim. Eu me sinto ... depende da situação. Quando eu tenho que falar, é trabalho, eu me esforço mais. Quando é na família da Irena, eu posso falar tudo errado, não tem feminino, masculino, tudo é “isso”, as vezes me sinto bem analfabeto, ignorantão.”

Língua tcheca:

“Na universidade com uma secretária, porque ela me viu tentando falar tcheco, então ela não quer o contrário. Mas quando temos um problema técnico, é difícil. Isso me frustra um pouco (*risos*), mas um pouco de inglês funciona. Quando falo tcheco, é como quando meu avô não sabia escrever e só aprendeu a escrever aos 30 anos. Eu me sinto

como ele porque geralmente penso que não sei nada e não sei nada.”

À sétima pergunta, ele respondeu narrando uma história na língua portuguesa, não obstante apresentando outra narrativa para a mesma história na língua tcheca. Isso torna difícil realizar uma análise, pelo motivo de no uso das línguas não aparecer em sua fala o contraditório. Porém respondeu distintamente a mesma questão. Em português: “eu me sinto analfabeto, ignorantão”, entretanto na língua tcheca, ele relatou se sentir como o seu avô que “não sabia escrever”. Existem muitos pontos de vista e opiniões sobre como explicar essas respostas do entrevistado. No entanto, é claro que as atitudes e hábitos estrangeiros em um grupo que usa a língua tcheca como língua materna podem causar grande desconforto para ele, até mesmo frustração. Nesse caso, pode se tratar de choque cultural (OBERG, 1954; 1960) o que já foi descrito na pergunta anterior.

Oitava pergunta: Quando você chegou aqui, teve dificuldades com a língua tcheca? Quais?

Língua portuguesa:

“Eu tive. Eu morava na Suécia, depois morava na Holanda, depois voltei para o Brasil e percebi que meu inglês estava piorando. Quando voltei para cá, queria estudar francês, mas depois disse – tá, vou estudar tcheco. Tive muitos problemas, sim. Logo percebi que preciso tcheco para passar por toda a burocracia tcheca.”

Língua tcheca:

“Sim, na polícia para estrangeiros, quando estive lá pela primeira vez, tentei falar em inglês, mas recusaram, porque aqui se fala tcheco. Um ucraniano me ajudou. O mesmo no meu trabalho, a nossa secretária só fala tcheco comigo, porque é uma língua oficial.”

Em suas respostas, ele confirma que teve problemas com a língua tcheca. No entanto, além disso, suas respostas diferem em seu conteúdo. Será que é em razão de ele não querer se repetir? É porque outros aspectos são mais importantes para ele em cada idioma? Analisando ainda mais a resposta na língua tcheca, também pode se contestar sua afirmação sobre a secretária da universidade: ela o ajuda a aprender a língua tcheca? Ou ela o coloca deliberadamente em uma posição inferior?

Em qualquer caso, a pergunta da entrevista e suas respostas indicam claramente a relação entre língua e cultura e suas interações socioculturais. As pessoas falam para serem “ouvidas”, por vezes respeitadas e para influenciar o ambiente em que realizam as suas atividades linguísticas. O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e de concentrá-la no ato de linguagem (BOURDIEU, 1977). Isso significa que a capacidade de interpretar as intenções de linguagem de um usuário em um determinado contexto é essencial para que as pessoas se entendam. A linguagem é considerada uma atividade e um processo extremamente sociais (VAN DIJK, 2000), que é definida como uma abordagem do conhecimento e da adaptação social voltada para a comunicação social e a transmissão da cultura. O sujeito investigado encontra-se em situações de interações socioculturais, na posição de “ignorado¹¹⁹” e isso pode reconfigurar temporária ou permanentemente a identidade sociocultural do sujeito pesquisado.

Nona pergunta: Você busca ambiente onde possa falar na sua língua materna? Por quê?

Língua portuguesa:

“Eu nunca senti necessidade, agora eu preciso por causa do meu trabalho. Mas ativamente não procuro falantes do português, eles aparecem, às vezes por causa do trabalho da Irena, quando ela não pode, eu levo os turistas dela do aeroporto para hotel, e tal.”

Língua tcheca:

“Não, não, porque moramos em uma cidade pequena e me disseram que tem um cubano que dá aulas de salsa, mas eu nunca o vi. Mas há dois estrangeiros lá. Quando morávamos em Praga, Irena estudava português na universidade, então falei aqui e ali com um brasileiro ou com um português.”

O sujeito entrevistado não procura ambiente onde possa falar em sua língua materna. Quando isso acontece, é mais uma questão de encontros casuais ou por causa do trabalho da sua esposa. Não há a necessidade de busca, uma vez que ele já possui esse contato direto em casa.

Devido, não apenas, à nacionalidade da sua esposa (cidadã tcheca), o sujeito passa por uma assimilação cultural, a qual descrevemos como entrelaçamento de culturas

¹¹⁹ Ignorado no sentido de desconsiderado, não ouvido, e por isso não respeitado (nota do autor).

(SPIELBERGER, 2004), que pode incluir também a chamada aculturação aditiva, na qual o indivíduo amplia seu repertório cultural existente (ABE, 2017).

A título de observação, é preciso considerar o fato de que, ao responder à pergunta, o sujeito fala de um “vizinho cubano da aldeia”, o que pode ratificar as considerações explicitadas anteriormente sobre as inconstâncias de pensamento do entrevistado.

Terceira seção das perguntas (entender os efeitos culturais repercutidos no cotidiano do sujeito):

É perceptível que ele gosta de falar sobre os costumes tchecos que o fascinam, sobre a história e as obras literárias brasileiras que ele menciona. Ele fala muito sobre suas preferências políticas, comparando a história política tcheca com suas ideias sobre o mundo ideal. A entrevista e a terceira parte em geral decorreram com um espírito agradável, copiando o clima das duas primeiras partes.

Décima pergunta: Como você percebe os hábitos e costumes dos tchecos?

Língua portuguesa:

“Lá no interior da Irena é muito engraçado, você tem de tudo, já em Praga não tem tanta coisa assim. Coisas de Mikuláš¹²⁰, Páscoa, isso é o mais exótico (*risos*) ... os homens batem na bunda da mulher. O mais exótico tcheco é a coisa da Páscoa. Durante a Páscoa eles fazem galhos, enrolam e eles batem na bunda das mulheres para fertilizá-las. Isso, eles me disseram que é uma das coisas legais,

Língua tcheca:

“Acho que a história do comunismo é ótima para mim. Agora estou aprendendo sociologia do esporte na universidade, e temos um texto sobre o Spartakiáda¹²¹, como eles organizaram tudo, o pai da Irena participou. Você está se preparando por um ano para uma exposição, isso é famoso. Eu estive aqui por 3 ou 4 natais e vi carpas¹²² - como eles matavam carpas, era muito exótico

¹²⁰ Mikuláš é uma versão de São Nicolau e uma figura semelhante ao Papai Noel. Mikuláš está cada vez mais confundido com o Papai Noel. Mesmo assim, acredita-se que Mikuláš chega para comemorar seu dia, 6 de dezembro (alguns países o celebram, em 5 de dezembro), mas acontece antes do Natal. Esta tradição é bem conhecida na Romênia (Moș Nicolae), Eslovênia (Miklavž), República Tcheca, Eslováquia (ambos Mikuláš), Croácia (Sv. Nikola) e Polônia (Mikołaj).

¹²¹ Spartakiáda (em russo: Спартакиада) foi um evento esportivo de ginástica usado pela União Soviética como oposição e complemento dos Jogos Olímpicos. Evento esportivo ideológico e megalomático (750 mil atletas ao mesmo tempo), promovendo ideias socialistas e desenvolvido para ser utilizado como forma de propaganda política e agitação durante a dominação soviética da ex-Tchecoslováquia (nota do autor).

¹²² A carpa é um prato tradicional tcheco para o jantar de Natal (nota do autor).

porque você se vinga das mulheres. Isso é uma coisa inescapável.”

para mim. O pai de Irena me disse no primeiro Natal, você pode matar carpa, eu disse não, não. Mas porque não? Eu tentei e não consegui matá-la. Eu não mato carpas depois disso.”

Ele descreve vários costumes da cultura tcheca em ambas as línguas. Descreve a Páscoa, o Natal e o Spartakiáda. Percebe-se que a Páscoa em particular, além dos dois outros costumes e tradições, e comportamentos sociais durante as celebrações desta festa provocam um choque cultural (OBERG, 1954; 1960), que pode ser fruto do esforço e da ansiedade decorrentes do contato com a nova cultura, do sentimento de perda, confusão e desamparo resultantes da perda de informações culturais e regras sociais anteriormente utilizadas.

É preciso apontar que ao se referir sobre tais hábitos, ele expressa o pronome “eles” ao se referir aos tchecos, porém vale lembrar que ele é casado com uma cidadã tcheca, morando na República Tcheca há seis anos, e com filho tcheco de 14 meses. O uso deste pronome pode representar o sentimento de que não se sente “em casa” na República Tcheca. Ele procura se assimilar com a cultura local, porém ainda se sente deslocado. Dentro desse cenário, pode até acontecer uma assimilação, que é quando o indivíduo não tem a preocupação de priorizar a sua herança cultural e procura absorver os comportamentos da cultura anfitriã com a qual interage (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37), porém é observável o quanto a sua cultura materna o influencia na linguagem, por exemplo.

O choque cultural das tradições tchecas, assimilação e, ao mesmo tempo, a percepção dos tchecos como “eles” indubitavelmente levam a uma reconfiguração da identidade sociocultural, seja temporária ou permanente.

Décima primeira pergunta: Você se identifica com estes costumes ou se sente como um “observador”?

Língua portuguesa:

“Eu já recebi algumas propostas para fazer o Mikuláš para os meninos aqui, porque você é realmente negro. Já assustei alguns meninos

Língua tcheca:

“Sim, e porque agora estou na universidade e a Irena estava muito na universidade e conhecemos gente que traduzia literatura

no Natal aqui, não foi de propósito. Já disse que eu sou “čert”¹²³ (*rindo*).”

brasileira e eu sei que a cultura tcheca é muito próxima de mim. Provavelmente quando estão fazendo algo pelo Brasil.”

Em essência, ele não respondeu à pergunta em nenhum idioma. Em português ele descreve sua experiência com uma das tradições natalinas, já em tcheco fala sobre a literatura brasileira. No entanto, pode-se identificar seus esforços para se assimilar na nova cultura. Conforme observa Everett (2012, p. 169), a cultura é essencial para a linguagem, no sentido de resultado da conspiração e da compreensão na rede com os outros e no sentido do mundo. Este é um componente crucial, visto que essas são as características da cultura que são nossas motivações e capacidades.

Décima segunda pergunta: Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica mais?

Língua portuguesa:

“Acho que, como sabia desde o início das fofocas do departamento de português, a Irena tinha estudado lá, então.... e a situação da República Tcheca em termos de traduções de obras literárias brasileiras é muito diferente do que por exemplo dos Estados Unidos, você compara, porque nos Estados Unidos você tem uma procura comercial de livros que são mais fáceis de traduzir, você tem muita gente traduzindo esses livro de, não se, Bruna Surfistinha, ou essas coisas que

Língua tcheca:

“Quando eu estive aqui... a mãe da Irena é especialista em cozinha tcheca, ela faz de tudo. Quando estamos lá, temos que comer¹²⁴ a verdadeira cozinha tcheca todos os dias. Eu disse a ela: não temos que comer esse tipo de carne. E ela me disse: não, é assim que a gente faz. Não é comida muito saudável, é verdade, mas comemos.”

¹²³ Čert significa “diabo” na língua portuguesa. De acordo com a crença popular, Mikuláš desce do céu à terra todas as noites do dia 5 de dezembro, caminha por habitações humanas e, junto com o diabo e o anjo, distribui guloseimas e frutas para crianças bem comportadas, bem como carvão e batatas para crianças travessas. O anjo é tradicionalmente representado pela cor branca, enquanto que o diabo pela cor preta, e por não extir homens pretos na República Tcheca, eles se pintam com a cor preta (nota do autor).

¹²⁴ Na cultura tcheca, se você faz parte de uma família e é convidado a uma visita, “tem que comer” o que é preparado como prato principal. Especialmente para as gerações mais velhas e nas cidades menores, uma possível recusa pode significar um insulto à dona da casa. Também se espera que, quando lhe for oferecido “para colocar mais um pouco para continuar comendo”, você não deve recusar (nota do autor).

saem de tradução, inclusive talvez até Cidade de Deus, mas têm poucas traduções de Guimarães Rosa, de alguém que é mais difícil de traduzir, então, quando eu ... eu me identifico mais com esta parte cultural.”

Na sua língua materna, o entrevistado se identifica com universo cultural literário da República Tcheca, utilizando-se do argumento da dificuldade nas traduções de autores brasileiros, como por exemplo Guimarães Rosa, creditando ao fato da linguagem utilizada nessas obras, tratar-se de um conhecimento da língua portuguesa maior que, por exemplo obras como o livro de Bruna Surfistinha etc. Diferentemente, ele responde na língua tcheca sobre algo mais próximo da pergunta em si, focando na descrição do hábito cotidiano dos pais da sua esposa. Ele dá ideia de imprecisão nas últimas respostas quando fala sobre assuntos diferentes nas diferentes línguas, como se não tivessem relação entre si. Uma explicação possível é que ele permanece dentro da “zona de conforto” em tcheco, mas expressa livremente suas opiniões em sua língua materna. Pode-se pensar que se autocensura na sua fala, mesmo que não fale sobre isso abertamente. Analisando as respostas, ele não considera a República Tcheca como seu lar, embora tente respeitar e se assimilar à cultura da sua esposa e filho. Claramente, como Norton (1997, p. 410) discute esse assunto, toda vez que as pessoas falam, elas não apenas trocam informações com seus parceiros, também organizam e reorganizam constantemente o sentimento de quem são e como se relacionam com o mundo social. A identidade pessoal lida com questões filosóficas que surgem em nós em virtude de sermos pessoas, contrastando com as questões sobre nós mesmos que surjam em virtude de sermos coisas vivas, seres conscientes (OLSON, 2003, p. 325), como se percebe com o entrevistado em suas respostas.

Décima terceira pergunta: Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica menos?

Língua portuguesa:

“Acho que a política tcheca é muito estranha. Não tem oposição, não tem ... ah! Tem os Piratas, eu acho que é uma grande oposição ..., mas não tem oposição no Parlamento, que

Língua tcheca:

“Não gosto da política tcheca. Mas não, eu não gosto de política, provavelmente em todos os lugares. Não há oposição. Não existe um partido político pro-imigração.”

vai falar a favor da imigração, ... que vai falar ... vai ser abertamente pro-UE. Não acho que tem uma eu acho que muita a gente apela para esse discurso anti-imigração, todo mundo ganha com isso, ou tudo mundo acha que vai ganhar votos. Então, não tem oposição forte.”

Política é um tema com bastante relevância para ele, por essa razão se preocupa muito com ela. Ao responder à pergunta, ele apresenta os mesmos argumentos em ambas as línguas. Ele enfatiza que gostaria que os políticos tchecos promovessem propostas de políticas favoráveis à imigração e apoiassem iniciativas compatíveis com as da União Europeia. A partir de seus discursos, pode-se concluir que é possível que ele se sinta, enquanto minoria, desassistido pelas políticas e pelos interesses dos grandes partidos políticos. Isso também poderia explicar por que na décima pergunta ele utilizou “eles” quando se referiu aos tchecos.

Apesar de seus esforços de assimilação, o que foi apresentado em respostas anteriores, ele pode se sentir desassistido. Isso pode levar a consequências desagradáveis, como um sentimento de exclusão ou discriminação (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37).

Quarta seção das perguntas (específica de identidades em suas reconfigurações):

O entrevistado passa uma impressão de calma, às vezes rindo de si mesmo enquanto responde em português. Porém, durante a entrevista na língua tcheca ele responde às mesmas perguntas de maneira diferente. Seu comportamento conota “animação”, “agitação”, deixando perceptível que ele quer responder e dizer “algo a mais sobre si mesmo”, porém (como ele mesmo disse) é limitado na língua tcheca, e com isso ele se utiliza da comunicação não verbal ao usar fortemente a linguagem corporal: ele gesticula repetidamente com as mãos, “torce o corpo” de várias formas como numa tentativa de “ajudar-se” para expressar melhor o que não consegue com as palavras. Às vezes suas respostas em tcheco não fazem muito sentido - ele não conclui um pensamento e segue com outro, o que provoca muitas vezes a perda do que quer comunicar sobre algo que disse no início na resposta.

Décima quarta pergunta: Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país?

Língua portuguesa:

“Então, isso é uma das questões que estava pensando agora. Eu tenho trabalhado com os jogadores do futebol, e uma das coisas que vem na minha cabeça toda hora, eles viajam muito ... e uma das coisas que fico pensando, eles são muito de direita, muito pro-Bolsonaro, em grande parte evangélicos ... eles são brasileiros. E é muito difícil dizer para eles, olhe, pare para pensar: aqui tem controle de armas, aqui as pessoas não se matam numa briga de bar, porque tem uma lei X para protegê-las. É muito difícil fazê-los parar para pensar e comparar o que eles vivem aqui e o que eles poderiam viver lá ... eles estão abertamente em favor disso ... Em comparação com eles eu acho ... eu acho que ... tento ser a mesma pessoa, nunca tive um carro no Brasil, sempre peguei ônibus, economizava para andar de bicicleta ... é difícil porque eu me lembro da última vez quando estava no engarrafamento no ônibus, eu fiquei com uma sensação terrível ... as coisas são mais lentas, o tempo passa mais devagar, e você não pode fazer nada no ônibus ... só ler e ... é muito ... às vezes me sinto ... você pode pagar por um carro e você vai mais rápido, né ... ou por um taxi ... se você tenta ser a mesma pessoa nos dois lugares ... o seu tempo é muito desvalorizado lá ... mas tento ser a mesma pessoa, sempre

Língua tcheca:

“Provavelmente não, estou tentando ser o mesmo. Quando eu morava em Praga e morava em apartamento, me sentia seguro, andava ou pegava um ônibus todos os dias. Fazia isso no Brasil e faço aqui. Interiormente, provavelmente me sinto diferente quando estive em Portugal pela primeira vez, estudei lá, depois estive em Praga, então pensei, agora está melhor, porque não tenho outra identidade, estou aqui, já conheço as pessoas aqui, mas provavelmente ... como se diz ... provavelmente já que estou há muito tempo fora do Brasil, então pensei, não é assim, lá me sinto diferente, não sei. Como as coisas funcionam é diferente. Quando você está procurando um emprego, agora eu vi que era muito fácil para eu fazer entrevistas de emprego, não era muito complicado encontrar um emprego e você vê outra coisa.”

andei na rua em Manaus. Pensando agora, por ser negro é mais fácil porque as pessoas têm medo de mim, ou contrário de alguém que é branco já andei de madrugada na parada de ônibus, lá em Manaus ... e alguém escondeu a bolsa ... se isso acontecesse aqui ... eu já tô acostumado com isso, então não tem problema ... agora Manaus deve tá muita mudado. Eu não sei, mas tento a ser a mesma pessoa.”

O entrevistado afirma ser a mesma pessoa, ou “tentando ser”. Em seu discurso, porém, fica claro que ele está pensando nessas situações e possíveis reconfigurações, que está lidando naturalmente com elas. Em português, ele fala mais sobre o Brasil e o pensamento dos jogadores brasileiros de futebol que conhece na República Tcheca, comparando-os consigo mesmo, pensando sobre alguns comportamentos naturalizados dos brasileiros não poderem ser aplicados na cultura local. Enquanto em sua fala no idioma tcheco, ele reflete sobre a realidade da República Tcheca. A esse respeito, é proveitoso utilizar a visão de Rajagopalan (2004, p. 71), ao intercalar com as informações trazidas pelo entrevistado, que afirmam estarem todas as identidades em constante estado de transformação, em ebulição. Eles estão constantemente sendo reconstruídos. Em um determinado momento, as identidades se adaptam e se adequam às novas circunstâncias que surgem.

Décima quinta pergunta: Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua tcheca?

Língua portuguesa:

“Olha, pois é ... eu acho que o meu tcheco ... é muito ... por exemplo eu não uso “dělám, udělám, dívám, podívám¹²⁵” essas

Língua tcheca:

“Ainda digo que não falo tcheco, mas quando tenho que falar, digo que não falo, mas falo muito. Mas não é perfeito, não é super tcheco.

¹²⁵ Forma condicional é uma forma verbal de expressar que a realização de um certo evento ou estado é condicionada por determinadas circunstâncias. A forma condicional também pode ser usada para expressar uma solicitação educada. Em tcheco, os métodos de condicionamento atual e passado são: presente condicional que expressa uma ação ou condição à qual ainda não ocorreu, mas pode ocorrer sob certas condições; o passado

combinações verbais, essas coisas ainda não consigo usar ... como falante do tcheco eu me percebo diferente ... talvez em português eu podia dizer “se eu fizesse”, seria condicional, porém em tcheco não sai assim. Isso definitivamente me limita. Eu gosto muito desse verbos condicionas em inglês “could, would”, isso não te dá certeza das coisas (*risos*), exatamente isso gosto de “não sei”, não quero dar certeza – em tcheco eu preciso dizer precisamente e não gosto, isso é complicado para mim.”

Acho que sou diferente, tenho problemas quando quero dizer algo e não quero dizer “eu” ou “não” e não quero dizer algo específico, difícil. Isso é um problema, porque em inglês posso dizer frases complicadas, hipotetizar, mas em tcheco não consigo e tenho que dizer de outra forma e isso me frustra. O tcheco não é uma língua abstrata para mim. Eu não sei, mas acho que a língua tcheca é ... você sempre pode falar alguma coisa ... em português o poder possessivo é caótico e a gramática tcheca é muito detalhada, complexa - declinação, tempos verbais ... cada situação tem uma diferente palavra. É um problema para mim, é uma língua muito precisa.”

Culturalmente o entrevistado demonstra hábitos herdados ainda da língua materna, e dos costumes socioculturais do seu ambiente nato. Ele quer implementar os mesmos hábitos linguísticos do português na língua nova, no sentido de falar de maneira mais imprecisa, como ele mesmo confirma, porém não está conseguindo por falta dos recursos linguísticos, principalmente a gramática dos verbos condicionais, que o “frustra”.

O entrevistado não conseguiu falar de assuntos abstratos usando a língua tcheca, e isso aflorou nele um sentimento de frustração, e em certa medida de inferioridade ao responder à pergunta. Ele afirmou que não consegue usar frases condicionais, quer usar, mas sai diferentemente do que ele desejava. Isso às vezes lhe cria problemas sentir-se “definitivamente” limitado. Ao responder no idioma tcheco, confirmou sua ideia e concretamente mostrou a sua limitação: “tcheco não é uma língua abstrata para mim”.

É visível que a língua afeta nosso pensamento (EVERETT, 2012, p. 264) e que a língua própria ou materna expressa melhor meu pensamento, como afirma Raoni Metuktire (líder indígena com relevância social no Brasil e no mundo).

condicional que é usado para expressar que um evento pode ter ocorrido no passado, mas não ocorreu porque as condições não foram atendidas, e sua implementação não é mais possível (nota do autor).

Décima sexta pergunta: Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar?

Língua portuguesa:

“Não sei ... depende, né? Eu acho que ... O Brasil é tão grande que tem algum jeito de escapar ... do caos, sei lá ... agora é muito mal ... talvez algum interior em Goiás com água quente lá, alguma coisa tranquila. Não preciso morar na cidade de 2 milhões das habitantes ... no Brasil isso é insuportável, com trânsito e tal. Não sei, a gente tá pensando, eu acho que ... como eu venho de Manaus ... também ficar um tempo enfurnado no meio do mato, é possível. Não sei, na verdade ... realmente não sei. Algum dia vou ... minha mãe tá lá ... se acontecer alguma coisa com ela, preciso cuidar dela ... é uma boa possibilidade, preciso pensar nisso.”

Língua tcheca:

“Não sei, tem o Bolsonaro aí agora e não queremos isso. Mas eu não sei, eu ainda tenho família lá, minha mãe está lá e ela não será mais nova. Mas veremos o que faço. Mas também é bom para Beníček falar bem o português. Ele já entende, mas ainda não fala. Mas já se percebe que ele fala mais tcheco do que português.”

O entrevistado respondeu com o mesmo conteúdo em ambos os idiomas. Ele manifesta sua indecisão ou melhor, não saber o que fazer. Ele mensura entre o que deve e o que pode fazer, considerando a situação política brasileira, o tamanho do país, a sua mãe, o seu filho. É interessante ver que ele não menciona a República Tcheca e sua esposa.

No entanto, essas respostas não abrangem a essência para análise, o que ajudaria esclarecer ainda mais as possíveis mudanças nas identidades.

Ao longo da entrevista, principalmente para as questões em que o entrevistado responde no idioma tcheco, ele conota um certo constrangimento ou chateação por não ter o mesmo domínio da língua local como no português. Está procurando palavras “adequadas” e a expressão do pensamento de forma geral é mais lenta. No entanto, é visível, e pode ser constatado em muitas das suas respostas que ele faz um grande esforço para se integrar na República Tcheca, com a língua e os costumes locais que o fascinam (cultura), e que dialogam

diretamente com a assimilação cultural (SPIELBERGER, 2004; SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37), a qual é perceptível especialmente para a nona e décima pergunta.

Ele não se sente “em casa” na República Tcheca, e isso é evidenciado pela resposta à quinta pergunta, dentre outras. É possível, nesse contexto, concluir que ele está vivenciando o choque cultural de longa duração e desorientação pessoal (OBERG, 1954), que já foi descrito em detalhes acima.

A partir da sétima pergunta, ao expressar seus sentimentos fazendo uso das palavras “analfabeto, ignorantão” e ao se referir aos tchecos como “eles”, pode-se concluir que está em um processo, sem dúvida, de reconfiguração da sua identidade sociocultural, temporária ou permanente. Essa constatação, reforçada na resposta à décima terceira questão, em que ele expressa seus sentimentos de exclusão por sua orientação política, pode causar desagradáveis sentimentos de discriminação (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37).

Em resposta à décima quinta questão, observa-se na sua fala que o entrevistado ainda deseja utilizar os hábitos linguísticos e socioculturais de seu ambiente nativo para se comunicar no novo idioma, o que se mostra impossível devido à falta de recursos linguísticos no novo idioma, o que o “frustra”.

Do exposto pode-se concluir por fim que a identidade do entrevistado foi e está sendo reconfigurada, pois a identidade como instável, contraditória, fragmentada, inconsistente e incompleta (SILVA, 2000, p. 97), naturalmente muda e se desenvolve durante cada novo contato social e discursivo com seus arredores.

APÊNDICE F – ENTREVISTADO Nº 3

Quadro 7 - Entrevistado Nº 3 = entrevista Nº 5 e 6

Idade e gênero	40, masculino
Naturalidade	Salvador, BA
Residente em	Olomouc (cidade universitária, 2 horas de trem de Praga)
Profissão	Professor de língua portuguesa na Universidade de Olomouc
Formação	Mestre em filosofia
Língua não materna	Foi perceptível a sua facilidade no uso do idioma tcheco, ressaltando algumas limitações. Pôde entender os pontos principais da entrevista e, segundo ele, conseguia lidar com situações cotidianas do país, e opinar de maneira limitada sobre fatos apresentados ou narrados, além de interagir com falantes nativos com um grau de fluência e naturalidade de forma que a comunicação ocorresse com pouco esforço por parte dos seus interlocutores.
Estado civil	É casado com uma cidadã tcheca, logo a integração é maior, pois está cercado pelo cotidiano tcheco de maneira mais intensa. Tem uma filha nascida na República Tcheca.
Tempo na Rep. Tcheca	10 anos
Tempo de gravações	Língua portuguesa: 40 minutos, língua tcheca: 18 minutos; o tempo maior nas respostas na língua portuguesa pode estar relacionado com sua característica pessoal: comunicativo e pela sua formação acadêmica: filósofo, porém, a mesma capacidade não se apresentou na entrevista na língua tcheca.
Observação relevante	Sempre morou em Salvador na Bahia, onde conheceu sua ex-namorada tcheca, e principal motivo por ter se mudado para República Tcheca.
Data de entrevistas	19 de junho de 2019

Local de entrevistas	Seu local de trabalho, no escritório universitário em Olomouc.
----------------------	--

Fonte: do autor

A entrevista durou muito mais tempo na língua portuguesa (mais do que o dobro) que na língua tcheca, com aprofundamento e complexidade nas respostas, uma vez que o entrevistado se mostrou bastante comunicativo e gosta de falar filosofando por ter um forte repertório sociocultural.

Primeira seção das perguntas (aproximação dos entrevistados com o pesquisador):

A entrevista decorreu de forma bastante descontraída e agradável. O sujeito em estudo transparece calmo, discreto, mas ao mesmo tempo gosta de “entrelaçar” as respostas com as suas histórias divertidas, muitas vezes muito além do conteúdo da pergunta. Isso é especialmente evidente quando ele fala sua língua nativa. Quando fala no idioma tcheco, ele expressa o que deseja, fala com prudência, mas aparenta certa “apreensão” que pode ser explicada pelo fato de que, como ele mesmo destacou, o tcheco ainda é uma “língua estrangeira” para ele e não uma parte de si mesmo.

Primeira pergunta: Por que você está morando na República Tcheca?

Língua portuguesa:

“Foi acaso, destino. Encontrei uma garota tcheca em Salvador e vivemos juntos por um tempo e ela queria me apresentar seus pais e o Natal de verdade, com neve e tudo. E umas semanas depois, uma professora da Universidade descobriu que havia brasileiro nativo e me convidou para falar. E depois dessa fala eles me convidaram para fazer uma disciplina na universidade em Brno, fiquei lá por dois anos.”

Língua tcheca:

“Conheci minha ex-namorada em Salvador, vivemos lá por 3 anos. Aí ela quis voltar e mostrar para mim aqui e por isso estou aqui.”

Ao falar em português, ele age de forma descontraída, fala detalhadamente sobre tudo que deseje, detalhes estes que vão para além do escopo da pergunta. Na língua tcheca, entretanto, limita-se a falar sobre os fatos exigidos pela pergunta. O seu vocabulário é amplo, no entanto, as respostas curtas podem ser consequência do nível de conhecimento da língua tcheca, com a qual ele não se sente tão “confortável”.

As primeiras perguntas foram primordiais para abordagem da temática, haja vista que o entrevistado tem percepções de respostas distintas e não classifica as experiências da mesma forma. Isso pode ser influenciado pelos aspectos e valores culturais percebidos por cada sociedade. Como Everett (2019, p. 69) confirma, a linguagem só pode funcionar porque o falante acredita que o ouvinte está pensando como ele e que entende o que se quer dizer. Quando falamos, acreditamos que nossa contraparte será capaz de entender. Nesse momento, entra em análise o instinto social, que nos orienta como, o que e por que dizer em determinadas situações. Isso pode explicar a diferença na extensão das respostas à primeira pergunta (e subsequentemente, as próximas perguntas). A nossa identidade, em constante transformação (RAJAGOPALAN, 2004, p. 71), adapta-se às novas circunstâncias no momento da comunicação - língua, cultura, interlocutores.

Segunda pergunta: Você gosta de morar aqui?

Língua portuguesa:

“Muito, gosto muito. Eu gosto ... eu penso que ... percebo muito bem várias qualidades que as pessoas aqui têm, eu sei que não é uma opinião muito comum entre os estrangeiros, mas eu não tenho nada a reclamar das pessoas aqui ou da vida que eu levo aqui ... apesar de todos os avisos que eu recebi antes que ia sofrer ... iam me maltratar na rua, ser rudes comigo, que eram europeus do Leste e que são muito racistas e tal. Porém a minha

Língua tcheca:

“Gosto de toda a atmosfera. Olomouc parece um pouco com o Pelourinho¹²⁶, tenho essa sensação. E todo brasileiro que conhece a Bahia diz a mesma coisa. E as pessoas são muito simpáticas, apesar de precisar de um tempo para abrir o coração.”

¹²⁶ O Pelourinho, popularmente chamado de Pelô, é um bairro da cidade de Salvador, no Brasil. Localiza-se no Centro Histórico da cidade, na área que abrange apenas as ruas que vão do Terreiro de Jesus até o Largo do Pelourinho, o qual possui um conjunto arquitetônico colonial barroco brasileiro preservado e integrante do Patrimônio Histórico da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (nota do autor).

experiencia por acaso é muito diferente da comum. As pessoas tchecas que cruzaram o meu caminho sempre foram muito generosas. E eu devo muito da pessoa que eu sou às pessoas que me cercam aqui. Me tornei uma pessoa melhor. Eu gosto da tranquilidade. Não há ostentação que há no Brasil e outros países, vida mais simples, mas é mais seguro. Atmosfera de respeito é muito interessante para mim. É respeito ... que eu gosto bastante, não é respeito meloso, exagerado, falso, isso não tem aqui.”

A diferença em profundidade e extensão das respostas é enorme. Em tcheco, ele se concentra apenas em informações básicas atendendo à pergunta, enquanto em sua língua materna ele fala, explica, contextualiza e aprofunda. Ele menciona sobre a questão do racismo que não vivenciou apesar de ter sido “avisado”, dá ênfase às questões sociais também como tranquilidade, respeito e segurança. Outrossim, chegou a mencionar que “se tornou uma pessoa melhor” devido as suas experiências com os nativos na República Tcheca.

O pesquisado tem aderido à cultura local e a tem inserido ao seu cotidiano, que, de um ponto de vista geral, molda e conecta papéis sociais e sua identidade em si. A cultura é dinâmica, mutável e reinterpretada a cada momento, assim como a identidade. A cultura é abstrata, seus valores e produtos ocorrem apenas no comportamento dos membros do grupo, estes também incluem tolerância, respeito ou intolerância (EVERETT, 2019, p. 100). O entrevistado pesquisado se reuniu com membros da sociedade tcheca que demonstraram respeito (e não apenas tolerância), o que é muito importante para ele e que pode ser considerado um dos cocriadores da identidade no modo geral. Pode-se dizer que a cultura se reflete nas atividades práticas da vida cotidiana e essa cultura local “fez dele uma pessoa melhor”.

Pode-se concluir que respeito e identidade estão interligados e interagem a cada momento. A comunicação intercultural que ele experimenta em sua rotina no novo país enfatiza as semelhanças e diferenças que nos distinguem, dando muito mais oportunidades de ser uma pessoa melhor. Nesse ponto, é importante enfatizar que a tolerância é inferior, na escala imaginária das interações interculturais, do que o respeito.

Terceira pergunta: O que você fazia em seu país, e o que está fazendo aqui?

Língua portuguesa:

“Bom, em meu país eu passei boa parte do final da minha adolescência e juventude até adulto tentando compreender então eu estudava muito, me dedicava à filosofia por muitos anos, quase não dormia, vivia para a filosofia e ... tinha que me virar lá para encontrar dinheiro porque a situação econômica na década de 90 foi horrível ... uma catástrofe total. Eu tinha muita pouca perspectiva de futuro. Melhorou bastante quando Lula entra, mas já é tarde, eu já estou partindo, porque não conseguia ... muito ... não quero ser pouco desagradável, porque os brasileiros vão ver isso ... há muito nepotismo, não de parente, mas de padrinho, há muito apadrinhamento ... as universidades brasileiras, principalmente as públicas que eu estudei por um tempo também, elas têm essa arrogância de acreditar que não só os cursos de entrada são especiais e melhores que os outros, mas que mestrado e doutorado é luxo, não é para todos, para você conseguir tem que fazer uma prova que acho isso justo, mas você tem que ter padrinho ou madrinha, isso sempre me incomodou bastante. Definitivamente jamais seria aceito no mestrado da UFBA, o que é curioso porque aqui eu fui aceito muito rapidamente aqui, não só no mestrado, mas no doutorado que é

Língua tcheca:

“No Brasil principalmente fiz filosofia. Eu a estudei. Antes a economia estava péssima, antes de Lula, e as pessoas não tinham emprego. Era assim que eu precisava vender quaisquer coisas na internet: videogame, livros, qualquer coisa. Sou professor universitário aqui, mas também trabalho para empresas internacionais. Com traduções etc.”

mais difícil também. Os professores daqui
alguns eu lia na faculdade ... têm cabeça
muito mais aberta e mente maior.”

Em ambas as línguas, ele respondeu praticamente o mesmo conteúdo e compartilhou dos mesmos fatos básicos. Na língua portuguesa, no entanto, ele foge do objetivo da pergunta deste trabalho, tratando de pormenores do funcionamento do sistema de ensino superior público (acesso), e ponderando com relação às questões políticas que influenciam o fato. Mesmo depois de uma longa vida fora do país de origem, esses marcadores ainda se refletem em seu pensamento. Pode ser percebido como certo ressentimento. O entrevistado deixa a entender que fala da meritocracia existente na Europa e não no Brasil, na sua opinião. O sujeito faz exatamente o que os teóricos não recomendam: ele comparou a cultura de seu país natal com a do novo. Basicamente, não existe cultura melhor do que outra. Em sua língua nativa, ele faz isso de forma inconsciente, o que muitas vezes está associado a uma tendência a não se dar conta do preconceito envolvido (TESARŮ, 2007, p. 68).

Segunda seção das perguntas (intenção de perceber como se dá a interação do sujeito com a língua materna versus a língua oficial do país em que ele vive):

A segunda parte da entrevista transcorreu com um espírito agradável, onde o entrevistado mostra opiniões muito claras e bem definidas, e sem receio de expressá-las. Ao responder em sua língua materna, tem a tendência de “tangenciar o tema”, explicando conotações políticas, históricas e sociais de sua vida brasileira, sobre a qual ele fala com sentimentos mistos de lembranças agradáveis e não tão agradáveis. No entanto, sua comunicação não verbal é limitada a “gargalhadas” ocasionais quando obviamente se diverte consigo mesmo. Devido ao fato de ele estar sentado à sua mesa em seu escritório, não é possível avaliar com precisão inequívoca as suas expressões não verbais.

Quarta pergunta: Você se comunica na língua portuguesa aqui, ou é usuário de outras línguas também?

Língua portuguesa:

Língua tcheca:

“Eu uso a língua portuguesa majoritariamente na universidade, em casa com a minha filha. Mas sempre que eu posso tento utilizar tcheco, porém tenho muito poucas oportunidades, por que geralmente quando as pessoas se aproximam de mim na rua, entram no inglês, então falam inglês, até eu conseguir convencê-las que vou entender em tcheco.”

“Falo português no trabalho, às vezes inglês. Mas principalmente em tcheco - mas na minha versão de tcheco: neandertal (*risos*). Falo tcheco na rua, na loja, no barzinho ou quando tenho algumas traduções. Ou no médico.”

O sujeito pesquisado utiliza a língua portuguesa no ambiente de trabalho (universidade) e em casa com a sua filha. Ele sempre tenta usar a língua tcheca com as pessoas locais, porém muitas vezes elas variam para a língua inglesa para otimização da comunicação (na visão delas) em virtude do fato de ele ser perceptivelmente estrangeiro, e conseqüentemente, isso pode dificultar a melhoria da sua fluência na língua tcheca.

O entrevistado quer se integrar e não quer se sentir excluído por um novo grupo sociocultural (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37). Tal fato ocorre porque entendemos a identidade como construída discursivamente, onde o discurso é tudo relacionado à comunicação humana (GEE, 1996, p. 127). Posteriormente, podemos falar de identidade como reconfigurada nas práticas discursivas (MOITA LOPES, 2003, p. 309). O entrevistado busca integração, que se materializa no contato entre as pessoas, no seu caso com as pessoas locais. Como as línguas são uma expressão da identidade daqueles que as possuem, aqueles que se movem entre diferentes línguas logo definem sua própria identidade. Em outras palavras, todo aquele que aprende um novo idioma é redefinido como uma nova pessoa. (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69).

Quinta pergunta: Com quem, geralmente, você fala em português? Falando português aqui, como você se sente?

Língua portuguesa:

Língua tcheca:

“Na universidade e em casa. Como me sinto? Ontologicamente¹²⁷ solitário. É uma sensação esquisita, você deve ter sentido isso morando sozinho no Brasil, quando você se dá conta de que as coisas que você quer expressar é apenas uma tradução imperfeita do que você tem na cabeça. E piora muito quando você percebe que todas as pessoas ao seu redor ... elas estão pensando numa lógica um pouco diferente da sua ... causa um pouco de desespero. Vivo aqui há dez anos, mas sempre que tenho que ir ao médico é um momento muito tenso na minha vida, é uma situação de perigo, eu tenho alergia aos medicamentos, é tenso de comunicar. Falando em tcheco. E falando em português – eu me sinto solitário. Felizmente eu tenho a sorte de trabalhar como professor com estudantes da língua portuguesa. Isso é mais fácil. Mas de vez em quando você percebe ... você se lembra que as pessoas estão traduzindo automaticamente algo o que foi construído ..., mas tem lógica linguística diferente. Conhecer a língua ajuda muito, você percebe como aquela pessoa chegou naquele ponto.”

“Com alunos e família. Quando falo português, sinto-me ... sozinho. Quando alguém fala português, eu sei que não é a sua primeira língua - ou seja, antes de falar é preciso traduzir na cabeça. É um pouco como ... tenho a sensação estranha de que estou ontologicamente sozinho ... só eu ... e minha filha está falando português também, então é bom com minha filha.”

O sujeito pesquisado enfatiza o mesmo pensamento em ambas as línguas ao dizer que se sente “ontologicamente solitário” usando o português na República Tcheca. Ele comenta que esta é uma “sensação estranha”. Se pergunta se alguém, no modo geral, é capaz de usar a língua

¹²⁷ Ontologia é parte da filosofia que se dedica ao estudo das características mais gerais do ser, separando-as das categorizações que ofuscam sua essência absoluta. Também pode ser visto como o raciocínio sobre a significação mais geral do ser, exemplificando aquilo que faz com que seja possível as várias existências (nota do autor).

não materna em um nível que não seja uma “tradução automática na cabeça”. Ele desenvolve ainda mais essa ideia quando fala sobre uma “lógica diferente de pensamento”, a qual, em sua visão, é usada quando se fala uma língua estrangeira. Isso aparentemente o frustra, lhe dá uma sensação de insatisfação, solidão.

Já foi descrito em detalhes que a língua que falamos afeta nosso pensamento, conseqüentemente, as pessoas que falam outras línguas percebem o mundo de forma diferente (EVERETT, 2012, p. 264). O entrevistado percebe que se comunica com palavras em uma nova língua, que além de seu próprio significado possui e transfere a memória das tradições culturais, sociais e históricas da comunidade, parte essencial da identidade. Vale salientar que, mesmo nas situações em que falamos a nossa língua materna, nem sempre conseguimos compreender a mensagem do outro, logicamente, numa situação em que nos comunicamos na nossa língua não materna, pode haver e há mal-entendidos ainda maiores. Esta é exatamente a situação que o entrevistado descreve.

Sexta pergunta: Você fala a língua tcheca fluentemente?

Língua portuguesa:

“Já nevím, řekni Ty.¹²⁸ (*risos*) Eu considero que a língua tcheca é linda, mas selvagemmente indomável ... então é um trabalho ... é uma guerra sem fim. Eu sempre tenho sensação de que falo como meio neandertal em tcheco (*risos*).”

Língua tcheca:

“Não (*gritando, rindo*), Jesus Maria. Sou muito crítico, estou no nível básico (*risos*).”

A sexta questão foi respondida de uma forma muito lúdica, descontraída, fazendo piadas de si, rindo e aproveitando ao responder brincando: utiliza uma frase em tcheco no início da resposta na língua portuguesa do questionário, e depois se avalia de forma muito modesta, até irreal - claramente como uma piada, brincadeira e diversão para si mesmo.

Pela resposta em português, percebe-se que quer aprimorar seus conhecimentos da língua tcheca quando diz: “é uma guerra sem fim”, o que comprova seu esforço de integração na cultura local, conforme já descrito na análise da quarta pergunta.

¹²⁸ Em tcheco “Já nevím, řekni Ty.” significa “Eu não sei, você diz.” em português (nota do autor).

Sétima pergunta: Com quem, geralmente, você fala tcheco? Falando tcheco aqui, como você se sente?

Língua portuguesa:

“Com alguns amigos e amigas que não falam português ou inglês, ou que percebem que eu não quero falar inglês com eles porque também eu quero praticar o meu tcheco ... português em casa, na rua tcheco, porque pouca gente fala português. Às vezes faço trabalhos para os internacionais, aí é tudo em inglês. No ano passado eu falei mais inglês do que português. ... e falando tcheco eu sinto que sou um assassino da língua tcheca (*risos*). Mas eu ... como ... tem um ditado que fala: falo errado mais com muita confiança (*risos*).”

Língua tcheca:

“Com os vendedores, as pessoas na rua que querem falar comigo, na sala de chá, no bar. Quando falo, me sinto um assassino do idioma tcheco (*risos*). Gosto do tcheco, não tenho vergonha, por isso falo, tenho confiança. Só tenho medo de falar com o médico porque tenho medo de que eles não entendam algo importante.”

O sujeito pesquisado não se limita ao falar na língua tcheca, não tem medo de falar e se não for uma situação delicada, na grande maioria dos casos, para comunicação, usa a língua local. Ele tenta se integrar o máximo possível na sociedade e cultura local através do uso do tcheco, a ponto de recusar a usar o inglês com seus amigos tchecos para praticar sua fluência em tcheco. O entrevistado tenta, nas suas palavras, assimilar na cultura hospedeira com a qual interage, mas também se interessa em preservar sua cultura original, como pode ser explicado pelos Silva, Melo e Anastácio (2009, p. 37). Mesmo sentindo confiança na fala, ele é ciente de não ter pleno domínio do uso da língua tcheca especialmente em certas situações, por exemplo consultas no médico, que geram medo de não ser entendido e disso provocar consequências reais para a sua saúde. Essa atitude pode ser explicada na visão de Everett (2019, p. 362), que examina a conexão entre cultura e papéis sociais. O entrevistado, como cada um de nós, tem muitos papéis sociais diferentes. Ele é, por exemplo, um pai, um professor, um marido, assim dizendo, papéis sociais onde ele “se permite” usar a língua tcheca com “confiança”. No entanto, também tem, por exemplo, nesse caso específico, o papel social do paciente no médico, onde

ele já não tem tanta “confiança” e dá sinais do medo de incompreensão linguística. Essas mudanças em seus papéis sociais afetam claramente, embora breve e temporariamente, sua identidade sociocultural, o que o próprio Everett (2019, p. 100) afirma.

Oitava pergunta: Quando você chegou aqui, teve dificuldades com a língua tcheca? Quais?

Língua portuguesa:

“Não tive nenhum problema porque não soube uma palavra (*risos*). Mas é por isso que eu estava procurando um emprego onde só se falasse tcheco - e encontrei um local de trabalho na fábrica. Isso me ajudou muito e em pouco tempo... cerca de um ano... consegui falar o básico (*risos*).”

Língua tcheca:

“Quando me mudei para cá, eu não sabia de nada, era difícil. Procurei um emprego como operário para estar entre pessoas que não falam português, nem inglês, para aprender tcheco mais rapidamente. Depois de um ano, eles me entenderam. Depois de dois anos, foi ótimo.”

A oitava questão mostra aspectos muito semelhantes à questão anterior. Embora ele não falasse o idioma tcheco (o que é confirmado em ambas as respostas), ele tentou uma integração imediata, e não fez isso da maneira mais fácil possível: ele procurou um emprego onde pudesse falar apenas na língua tcheca com objetivo de aprender o idioma mais rápido, e mergulhar na cultura do país. A análise desta questão seria idêntica à questão anterior e às suas respostas, por isso não será aqui repetida.

Nona pergunta: Você busca ambiente onde possa falar na sua língua materna? Por quê?

Língua portuguesa:

“Não. Eu não tenho ... tinha ... agora sim devo admitir que quando um brasileiro chega aqui eu tenho muitas reticências em encontrá-lo porque imagino o pior, se eles são de região do Rio para baixo eu não me encontro ... honestamente ... eu sou muito honesto com preconceito e eu não falo com fascista, então

Língua tcheca:

“Não, porque moro aqui, não sou turista, não sou estudante, moro aqui. Acho que se os estrangeiros querem morar em algum lugar, acho decente aprender sobre cultura, idioma. Você precisa, ou não é integração, você nunca estará integrado.”

... não. Evito, é um preconceito eu sei ... as vezes me encontro com os portugueses, por incrível que pareça ... eu fui por muitos anos muito mais bem tratado na Embaixada Portuguesa do que na Embaixada Brasileira. Eu fui convidado várias vezes para Embaixada Portuguesa como professor da língua portuguesa aqui eles me trataram sempre ... normal ... comportamento humano. Na Embaixada Brasileira nem me chamaram do nome, eles falaram: o senhor portador do passaporte número tal, tal ... até o dia que eu fui lá ... agora mudou ... aliás eu tenho um amigo brasileiro que eu tenho aqui na República Tcheca. Mas geralmente eu evito contato ... tem grande diferença entre você estudar, passear e viver num lugar. Quando estuda ou está de turismo, é um período de tempo, então eu penso que não deve ser uma obrigação de saber a língua tcheca. Mas eu penso que quando você decidiu viver no país e você não quer se integrar no país, é um ato de desrespeito. Não é que os brasileiros não sejam dignos para encontrar com eles, mas porque não me ajuda aprender sobre os hábitos, não aprendo sobre a cultura ... porque são esses pequenos fatores ... mais do que a perfeição na língua ... esses fatores cotidianos que te ajudam a se integrar mais perfeitamente. Quando você domina essas peculiaridades culturais, ajuda muito. Eu quero me integrar. Então por isso evito os brasileiros. Por exemplo, minha ex-namorada

havia encontrado com sua amiga tcheca e na festa em Salvador falavam tcheco e as pessoas se irritaram. Eu acho grosseiro fazer isso.”

O entrevistado comentou sobre a questão de integração em um país, destacando inclusive a sua própria perspectiva da vida na República Tcheca, analisando as diferenças entre ser estudante, turista e morador - residente. Em sua visão um estudante e turista não precisa falar a língua do lugar. Ao contrário, quando uma pessoa decide morar num país, deveria aprender a língua e as peculiaridades da cultura local e não buscar ambientes onde possa falar na língua materna, o que ele classificou como “obrigação”. Ele percebe como “grosseira”, em suas palavras, quando as pessoas não falam a língua local com as pessoas locais, mencionando como exemplo duas mulheres tchecas, uma delas sua ex-namorada, em uma festa na cidade de Salvador da Bahia, onde elas se comunicaram em tcheco entre si, e os brasileiros ficaram irritados, porque não conseguiam compreender.

Das suas respostas, à sétima e à nona questão, fica evidente que a integração máxima é muito importante para ele, uma meta na nova vida, e ele considera praticamente um “dever” a aprendizagem da língua local, caso decida-se viver permanentemente em um novo país. Aqui, novamente, chega-se à explicação com a ajuda de teóricos Silva, Melo e Anastácio (2009, p. 37), como já mencionado na resposta à sétima pergunta. Ele tenta se integrar, mas há interesse em preservar a sua cultura original.

Terceira seção das perguntas (entender os efeitos culturais repercutidos no cotidiano do sujeito):

Na terceira parte da entrevista, o destaque é se o pesquisado entende a cultura local, e é influenciado por ela e como percebe o cotidiano de um novo país. Ele fala muito a sério sobre fatos históricos e políticos o que, segundo ele, influencia o ambiente da sociedade até hoje em seu país de origem, enquanto ao se referir sobre por exemplo a culinária tcheca e outros assuntos “mais leves”, ria de maneira descontraída durante a sua fala.

Décima pergunta: Como você percebe os hábitos e costumes dos tchecos?

Língua portuguesa:

“Eu ... positivos ou negativos ...? Eu acho que sendo do Brasil, o país que foi colônia por muito tempo e agora se volta a ser de novo, eu percebo uma certa insegurança identitária ... eu percebo ... como menor o tcheco se sente em relação aos outros países europeus, mais os ocidentais, mais agressivos ... eles se tornam ... mais xenófobo. Mas eu penso que no fundo, no fundo a raiz não é muito étnica ... porque ... tava na lista do Hitler para sumir ... os inferiores ... no museu em Berlin você pode ver, tem murro só para os tchecos ... então eu penso que quando o extremista, uma forma gentil de chamar o nazista, né ... ele, muitas vezes, se não for completamente ignorante, acredita que ele também faz parte da ariana ... eu penso que tem muita a ver com isso ... com essa autodefesa de não querer ser reconhecido como inferior, então eu ajo absurdamente como agressor pra puder provar que não sou igual ao agredido. Isso é umas das coisas negativas, que penso que ... as pessoas aqui fogem de discutir temas dessa natureza porque são desagradáveis e porque fazem as pessoas se sentirem mal e é triste porque muitos problemas poderiam ser evitados assim Coisas boas, tem muitas. Eu acho que os tchecos são excelentes amigos ... para mim foi muito chocante quando cheguei ... porque no Brasil você chaga e em 15 minutos depois você tá cheio de amigos. Aqui não. Aqui leva tempo. Mas

Língua tcheca:

“Não tenho nenhum problema ... gosto da atmosfera em que vivemos aqui. Nós temos paz ... Salvador é três vezes maior que Praga, então tem menos turistas então não batemos na rua, então isso é bom. Eu gosto dos tchecos ... você não tem pressa. Quando tem um evento, você pensa com antecedência, eu gosto disso.”

uma vez que você quebra a casca e entra ... com este amigo você pode contar sempre. Passa anos, você pode mudar do país ... pessoa vai te escrever, vai te mandar lembranças ... isso não é muito comum nas Américas, não é só do Brasil ... sociedade mais fluida, mais líquida, então ... aqui ainda há estruturas, talvez por causa do comunismo, ainda há estruturas muito socialmente conservador, que mantém estrutura ... não permite este ... liquidez fácil. Penso que o povo que tenta ser sério, mas que por dentro tem grande evocação para ser feliz e bagunceiro. Eu costumo dizer que depois de quatro cervejas todo tcheco vira baiano (*risos*) ... porque daquelas pessoas sérias que você vê na rua desaparecem completamente ... vira outra coisa.”

Ele fala coisas diferentes em ambas as línguas. Em tcheco ele destaca o quanto os tchecos são planejados, o que para ele é muito positivo. Já em português ele aponta que não gosta da sensação de opressão dos tchecos, ao mesmo tempo ele compreende que isso se deve aos fatos históricos em que os tchecos foram oprimidos e agora adotam atitude de opressores. Ele também elogia os tchecos por saber fazer e manter amizade, que leva mais tempo para ser estabelecida, porém depois dura para a vida toda.

Suas respostas podem ser interpretadas como tentativa de integração (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37; MILLER, 1997; RAJAGOPALAN, 2004, p. 69) e assimilação (SPIELBERGER, 2004; ABE, 2017). No entanto, ele percebe que ainda não “foi tão longe” para se sentir parte da cultura local e, portanto, ele “gosta” e “não tem problemas”, como ele mesmo comentou.

Décima primeira pergunta: Você se identifica com estes costumes ou se sente como um “observador”?

Língua portuguesa:

“Não ... acho que tem muitas coisas bonitas que ... a mesma forma que o Brasil tem muitas coisas bonitas para ensinar ... e não tem oportunidade e às vezes não tem tanto valor pensando que não é bom como samba no Brasil ..., é um fenômeno muito parecido ... são muitos hábitos que encontrei aqui da cultura tcheca ... acho que ... não sou o tipo que acredita na pureza cultural ... acho que puro, puro mesmo só vodca russa e cocaína colombiana (*risos*) ... são duas coisas puras no mundo ... então eu sou totalmente a favor de misturar tudo.”

Língua tcheca:

“Não, não ... para algumas coisas sim, me identifico como se pertencesse. Mas me identifico com algumas coisas ... Acho que a forma como essas pessoas se comporta aqui é uma coisa positiva para mim. A atmosfera de respeito ... é uma boa atmosfera de respeito. Não é muito. Apenas. As pessoas sentem que são alguém. É muito bom para a sociedade. Economicamente e socialmente digno. É ok.”

O sujeito pesquisado responde de forma bastante similar em ambas as línguas. Ele não se sente um observador, ao contrário, pelas suas respostas, pode-se identificar que ele deseja, e está conseguindo muito, integrar-se à cultura de seu novo país. Pode-se falar neste momento do esforço para assimilar e ao mesmo tempo se integrar. Sua integração se dá por meio da comunicação, observação e comparação da nova cultura com a sua nativa, graças à interação entre pessoas cujas percepções culturais e sistemas simbólicos são diferentes, nesse caso específico os tchecos e os brasileiros, para mudar o evento de comunicação (SAMOVAR; PORTER; MCDANIEL, 2010, p 12). A cultura, portanto, torna-se um traço característico que cria uma interface diferente entre grupos ou indivíduos que se encontram e se comunicam.

Décima segunda pergunta: Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica mais?

Língua portuguesa:

Língua tcheca:

“Acho que relações interpessoais. Porque tem ... acho que a parte na qual eu mais atuo são relações interpessoais aqui ... eu costumo dizer que o tcheco precisa de abraço. Mas vocês são muitos reticentes para fazer isso ... e não é raro as pessoas me encontrarem pela primeira vez que me contarem tudo da vida... no Brasil isso é normal, você sabe disso, aqui não. Eu acho que as vezes só ... as pessoas poderiam sorrir um pouco mais umas com as outras.”

“Relações interpessoais. Eu gosto de pessoas, então preciso de pessoas ao meu redor. Acho que os tchecos são ... muito, muito bons amigos. Eles são leais. Mas precisamos de paciência. É como um caçador, espere, espere e no lugar certo ... pegue!”

Basicamente, ele fala apenas sobre relacionamentos interpessoais. Ele comentou o mesmo na décima questão em português. Sendo ele um indivíduo com formação na área das ciências humanas, é algo tão importante e próximo que ele pensa constantemente e naturalmente comparando e contrastando, como por exemplo, o que ele “teve” no Brasil e o que ele “tem” agora na República Tcheca. No entanto, ele não comenta em sentido negativo, ao contrário: ele quer entender, ele quer “usar” esse conhecimento para integrar-se à cultura tcheca. Nesse cenário, a assimilação pode ocorrer quando um indivíduo não prioriza seu patrimônio cultural e busca absorver o comportamento da cultura hospedeira com a qual interage (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37).

Décima terceira pergunta: Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica menos?

Língua portuguesa:

“Eu acho que com a comida. Eu gosto muito de algumas, mas a maioria não gosto. Mas não é porque eu sou brasileiro ... é porque eu sou estranho mesmo ... sou uma pessoa muito

Língua tcheca:

“Comida. Mas porque sou uma pessoa complicada na hora de escolher a comida. Foi difícil para mim também no Brasil (*risos*).”

chata ... para escolher alimentos, viu. Mas guláš, svíčková¹²⁹, as costelas de porco ...”

A pergunta foi respondida com praticamente o mesmo conteúdo nos dois idiomas. As respostas são tão curtas e idênticas que não permitem identificar elementos para a análise de possíveis alterações identitárias que possam sustentar esta tese de doutorado em particular.

Quarta seção das perguntas (específica de identidades em suas reconfigurações):

Na quarta parte da conversa, ele continua seu discurso espontaneamente, aparentemente não se sente envergonhado ou tímido em nenhuma língua, está tranquilo, mas pensa em sérios problemas sociais, políticos e históricos. Pessoalmente e na transcrição, é perceptível que ele consegue mudar o discurso relaxado muito rapidamente, se for tematicamente apropriado, para uma postura muito séria, às vezes até crítica, pensativa. Em ambas as línguas, ele consegue a sua despedida emocional à sua terra natal na posição de um sombrio à linguagem triste.

Décima quarta pergunta: Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país?

Língua portuguesa:

“Muito ... uma coisa é você viver numa sociedade que normatizou a violência, a agressão ... e vim para um lugar desse ... Olomouc ... me mudei pra cá sete anos atrás, vivo aqui há 10 anos, mas três anos eu vivi em Brno e os outros sete eu vivo aqui em Olomouc. Quando cheguei em Olomouc, porque eu sou brasileiro, primeiro hábito do brasileiro antes de ir pra cidade nova ... né ...

Língua tcheca:

“Acho que sou uma pessoa melhor hoje. Estou mais calmo. Não me sinto tão estressado como durante toda a minha vida. As pessoas aqui me ajudaram muito. Quando posso, sou voluntário para caridade. Eu acho que tenho que fazer isso. Quando as pessoas são legais com você, acho que temos que retribuir. Para ser justo. Tem muita gente lá, eles estão deprimidos ... Eu tô lá com eles,

¹²⁹ O guláš é um prato muito comum na República Tcheca, é composto por carne de panela, servida com molho e knedlíky (massa de pão ou batata, cortada em fatias médias e depois pré-cozida em água fervente por breves minutos). Svíčková (contrafilé com molho à base de creme de leite), é um dos pratos típicos mais populares da República Tcheca. É composto de contrafilé, preparado com legumes (cenoura, salsa, aipo-rábano e cebola), temperado com pimenta do reino, folha de louro e tomilho, e cozinhado com nata. É geralmente servido com knedlíky (nota do autor).

um brasileiro esperto ... é identificar os índices da criminalidade (*rindo*). E quando cheguei aqui há sete anos, me disseram que era menos alguma coisa menos zero alguma coisa ... eu não entendi ... o índice de homicídios, de assassinatos, né. Não fazia sentido para mim ... o que é isso? E eu fui perguntar aos colegas de estatística e eles me explicaram que a cidade perdeu alguém assassinado, mas a pessoa teve delicadeza de morrer fora da cidade. Então apesar de haver pessoas de Olomouc assassinados, eles não morreram em Olomouc (*risos*) ... não tem preço, não tem preço ... deitar-se no parque no sol, abrir um livro, um computador, qualquer coisa e saber que ninguém vai te botar uma arma na cabeça, acho que a maior mudança é ... porque a gente não percebe isso morando lá, se alguém que mora fora fala isso aos brasileiros, o brasileiro toma isso como ofensa O Brasil não tem conceito de liberdade. Morando aqui sou pessoa mais calma, menos agressiva ... eu tive arma três vezes na minha cabeça lá no Brasil, aqui nada ... que tedioso (*risos*) ... isso muda a pessoa. Vocês têm liberdade aqui. Quando cheguei ... qualquer grito na rua eu já olhava ... sempre estamos na defensiva, sempre com estresse. Vida aqui me fez pessoa melhor ... não é porque a cultura é superior ... nada disso. É simplesmente uma coisa que todo ser humano deve ter direito a ter, que é dignidade existencial. Todo mundo devia ter isso. Aqui

dou risada com eles, eles riem e a gente tá um pouco melhor.”

parece que é um paraíso. Não é, tem seus problemas.”

Suas respostas são muito reveladoras. Apenas para lembrar o leitor, para a pergunta em português: “Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país?”, ele respondeu: “Muito. Uma coisa é você viver numa sociedade que normatizou a violência, a agressão e vim para um lugar desse.” ... “não tem preço ... deitar-se no parque no sol, abrir um livro, um computador, qualquer coisa e saber que ninguém vai te botar uma arma na cabeça, acho que a maior mudança é que você tem liberdade” ... “por isso sou pessoa mais calma, menos agressiva”. Na língua tcheca ele confirmou o mesmo conceito do pensamento apresentado na língua portuguesa, porém não com um repertório tão amplo como na língua materna: “sou pessoa melhor, sou mais calmo”. Isso pode ser percebido como a cultura, circunstâncias ou o ambiente que pode ter influência na reconfiguração pessoal.

Na segunda resposta, ele já comentou sobre o mesmo sentimento, confirmando que “isso me tornou uma pessoa melhor aqui na República Tcheca”. Já aí, o “respeito” surgiu como um dos principais fatores dessa mudança (EVERETT, 2019, p. 100). Outra consideração relevante é o fato de ele ser um filósofo graduado. Todas as pessoas têm necessidades básicas que precisam ser atendidas: meios de subsistência (saúde, alimentação etc.); proteção (sistemas de segurança e prevenção, habitação etc.); e afeto (família, amigos, privacidade etc.) para o desenvolvimento de sua alma. Aparentemente, ao se mudar para a República Tcheca, ele resolveu o lado pragmático de sua vida e posteriormente se tornou um idealista.

Décima quinta pergunta: Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua tcheca?

Língua portuguesa:

“Mudou muitas coisas, porque ... a coisa que ... que é o politicamente correto de se falar não é verdadeiro. Não há possibilidade de integração se você não domina em algum nível a língua local. Porque quando você não

Língua tcheca:

“Sim. Eu tenho um grande vocabulário ... Arthur Schopenhauer¹³⁰ escreveu certa vez que quando aprendemos um novo idioma, nosso idioma cresce, ficamos mais inteligentes porque podemos dizer coisas que

¹³⁰ Arthur Schopenhauer foi um filósofo alemão do século XIX.

domina a língua local e se fecha no seu grupo, você cria um ponto de tensão. E no Brasil esse ponto de tensão pode durar muito tempo porque os espaços são vastos, mas um país como a República Tcheca, que cabe como espaço dentro da Bahia, é muito pouco espaço para isso acontecer. E eu penso que isso não é uma coisa confortável de se afirmar, mas é pragmaticamente verdadeiro. Sem acesso a língua não há possibilidade de integração. Nenhuma. É ilusório. Inclusive o termo “politicamente correto”, que tá na moda, as pessoas ... infelizmente as pessoas de esquerda gostam de usar muito esse termo “politicamente correto”. Mas o politicamente correto nasce no nazismo. É a pena que nós de esquerda, eu me considero quase tão esquerda que digo que sou a pessoa púrpura (*risos*) ... não sou vermelho, mas chego ao púrpuro profundo (*risos*) uma pena que nós de esquerda usamos o vocabulário dos fascistas para tentar fazer alguma coisa positiva, mas que não ajuda.”

não existem em meu idioma, ou soa melhor em seu idioma, como um “pohovka¹³¹” ... por que direi “sofá”, quando você tem um “pohovka”, já que isso lembra de “pohoda¹³²” (*risos*).”

Respondendo em sua língua materna, ele diz que o conhecimento de uma língua está diretamente relacionado à possibilidade de integração, quando não falamos a língua local, criamos pontos de tensão, porque sem acesso à língua não há possibilidade de integração. Ao responder em tcheco, cita Arthur Schopenhauer: “quando aprendemos uma nova língua, nossa língua cresce, ficamos mais espertos porque podemos dizer coisas que não existem na minha língua”. Aqui é possível enxergar a conexão entre suas respostas.

¹³¹ Palavra „pohovka“ em língua tcheca significa „sofá“ em língua portuguesa (nota do autor).

¹³² Palavra „pohoda“ em língua tcheca significa „legal“ em língua portuguesa (nota do autor).

Quando aprendemos e utilizamos uma nova língua, descobrimos a sua complexidade, estabelecendo naturalmente relações entre a língua estrangeira e a língua materna no momento da aprendizagem e, posteriormente, na sua utilização. Às vezes, essa relação entre as línguas é difícil para nós porque olhamos para a língua materna como algo amplo e para uma língua estrangeira como algo pequeno e duvidoso (RINVOLUCRI, 2001, p. 41). No mundo global de hoje, deve-se considerar a questão da identidade incerta e mutável. As identidades passam naturalmente por um processo de novas negociações, uma nova ordem, que é provocada pelo contato entre pessoas, entre nações, entre culturas. As línguas são, então, uma expressão natural da identidade daqueles que as consideram adequadas. Aqueles que se movem entre diferentes línguas logo definem sua própria identidade. Em outras palavras, quem aprende um novo idioma é redefinido como uma nova pessoa (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69).

Décima sexta pergunta: Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar?

Língua portuguesa:

“Não. O meu país não existe mais. Meu país está sendo esquartejado e entregue aos Estados Unidos e às multinacionais. Eu voltaria apenas se um milagre acontecesse e a Bahia e Nordeste se juntassem para um processo de formar um novo país, voltaria sim. Sou baiano, eu nunca fui brasileiro. Só quem chama brasileiro de baiano é estrangeiro. Brasileiro chama de baiano e cospe. Nunca fui brasileiro.”

Língua tcheca:

“Não. Porque estou sempre no Brasil. E não vejo mais o Brasil como brasileiro. Nunca me senti brasileiro lá depois da mudança para cá. Não acho que o Nordeste do Brasil se sinta parte do Brasil. Eu acho que não. E principalmente agora que temos um grande fascista como presidente, o Brasil não existe mais. Ele vendeu tudo para empresas internacionais e outros países. O Brasil não existe mais. Não sou mais brasileiro. É triste.”

É místico como ele expressa suas ideias de maneira muito emocionante e forte. Em respostas nos dois idiomas, ele fala frases semelhantes, às vezes idênticas: “O Brasil não existe mais”, “Sou baiano, nunca fui brasileiro”, “Não sou mais brasileiro”. Como ele mesmo comenta “é triste”.

Conforme explicitado na parte teórica desta tese, a identidade também se baseia no conceito de nação, como afirma Rajagopalan (2003, p. 93), um sentimento de pertencimento à

coletividade histórica e cultural, costumes de interação, ambiente social, organizações políticas e limites territoriais. Dessa forma, percebe-se que o entrevistado está passando por uma luta interna, quando já aparentemente rejeitou seu país de origem, todavia é um tema que mexe com o seu emocional e desperta a sua sensibilidade. Quando uma língua é usada, toda a vida e identidade da nação são transmitidas. Em cada palavra falada existe uma identidade moral, patriótica e emocional do país, no caso do entrevistado, por exemplo, pode ser “pohovka”. Ele aparentemente vive em uma “comunidade imaginária”, um conceito introduzido por Benedict Anderson (1983), e pode ser também vinculado à comparação de que a vida das nações e dos povos é guiada em grande parte pela imaginação (Powell 1969, p. 245).

Pela consideração crítica e análise de todas as respostas, pode-se confirmar que a identidade do respondente foi reconfigurada. Essa conclusão é confirmada por Rajagopalan (2004) e pelo próprio entrevistado em sua décima quinta resposta, quando confirmou "sim, mudei". O conhecimento de um novo idioma está diretamente relacionado ao redesenho da identidade. Aqueles que se movem entre diferentes línguas logo definem sua própria identidade. Em outras palavras, todo aquele que aprende um novo idioma é redefinido como uma nova pessoa (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69).

O sujeito pesquisado menciona repetidamente as seguintes, para simplificar, elas podem ser chamadas de palavras-chave: respeito, segurança, integração. Percebe-se que nas duas respostas que ele fala de si mesmo como uma “pessoa melhor”, a saber, a segunda resposta em português e décima quarta em ambas as línguas: português e tcheco.

O respeito e a segurança foram mencionados na resposta à segunda pergunta em português e na resposta à décima quarta pergunta na língua tcheca. Ambos os desafios, que ele conhece como baiano negro da realidade brasileira, como explica ele, e que vivencia em um contexto novo e mais agradável em seu novo país, podem claramente reconfigurar a identidade (EVERETT, 2019, p. 100). Assim também é possível explicar, por que ele mencionou várias vezes que “se tornou uma pessoa melhor”.

Integração fica patente em inúmeras das suas respostas. É muito legível que o entrevistado deseja se integrar e não quer se sentir excluído por um novo grupo sociocultural (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37). A sua integração é discursiva e por meio do contato com a população local (GEE, 1996, p. 127; MOITA LOPES, 2003, p. 309). Nesse ponto, é oportuno reafirmar que um indivíduo que aprende um novo idioma é redefinido como uma nova pessoa. (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69). A integração do sujeito estudado é intensa e bem descrita

pelos seguintes teóricos: Silva, Melo, Anastácio (2009); Miller (1997); Rajagopalan (2004), e Samovar, Porter e McDaniel (2010).

O entrevistado se sente “ontologicamente solitário”, tem uma “sensação estranha” quando fala tcheco, tem consciência da “tradução automática na sua cabeça” e “uma lógica de pensamento diferente” quando fala tcheco ou com tchecos. Ele também se sente “obrigado” a conhecer a língua de seu novo país e vê como “grosseria”, em suas palavras, quando as pessoas não falam a língua local. Aqui a mudança de identidade é clara, pois quando falamos qualquer língua, isso afeta nosso pensamento e, portanto, as pessoas que falam outras línguas percebem o mundo de forma diferente (EVERETT, 2012, p. 264).

Como sugere o título desta tese de doutorado, na busca de uma possível reconfiguração de identidades no processo de uso de língua não-nativa, ela acontece desde um encontro pacífico até um sério conflito entre diferentes culturas e, é preciso lidar com isso. Suponha-se que através do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira o indivíduo possa conhecer os elementos da cultura do país cuja língua está aprendendo e, conseqüentemente, reconfigurar sua identidade.

APÊNDICE G – ENTREVISTADO Nº 5

Quadro 8 - Entrevistado Nº5 = entrevista Nº 9 e 10

Idade e gênero	30, masculino
Naturalidade	Belém, PA
Residente em	Brno (segunda maior cidade no país)
Profissão	Analista de T.I. em uma empresa multinacional
Formação	Jornalista
Língua não materna	Na língua tcheca ele conseguiu se expressar o suficiente sem muito esforço. Estava frequentando aulas de língua tcheca. Trabalhava com uma equipe internacional – o que significa que falava 40 % em tcheco e 60 % em inglês, porém tentava se integrar ao máximo com os tchecos. Considerando o fato que ele estava na República Tcheca há pouco tempo, e não falar 100 % o idioma tcheco em seu ambiente do trabalho e, em casa só falar o português, ele se expressou muito bem, no nível intermediário superior.
Estado civil	É casado com uma cidadã brasileira, sem filhos.
Tempo na Rep. Tcheca	Está domiciliado na República Tcheca há dois anos.
Tempo de gravações	Tempo de gravações: língua portuguesa: 12 minutos; língua tcheca: 14 minutos.
Observação relevante	Morou em Belém e no interior de estado de São Paulo por 10 anos, a República Tcheca é o local de sua primeira experiência internacional.
Data de entrevistas	29 de junho de 2019
Local de entrevistas	Seu apartamento em Brno.

Fonte: do autor

O entrevistado é um homem brasileiro que migrou para a República Tcheca a trabalho, revela-se uma pessoa calma, com energia positiva e abordagem cordial, ao mesmo tempo profissional durante o planejamento da entrevista e durante ela. Mora com esposa brasileira, que não fala tcheco e não tem interesse em aprender. Eles atualmente não têm filhos, e se mudaram para Brno juntos. Diante do fato de ser um Bacharel em Jornalismo, talvez ele tenha sido muito sucinto em suas respostas e não entrou em detalhes. Toda a entrevista aconteceu em um ambiente agradável.

Primeira seção das perguntas (aproximação dos entrevistados com o pesquisador):

A primeira parte da entrevista foi muito serena. Nesta parte, ele respondeu estrita e inequivocamente às perguntas sem desenvolver suas respostas com detalhes. Quando fala na língua tcheca, não tem tanta certeza e se comunica com um vocabulário limitado, fato este que ele comenta.

Primeira pergunta: Por que você está morando na República Tcheca?

Língua portuguesa:

“Eu recebi uma proposta de trabalho da IBM e vim transferido da IBM Brasil para IBM Brno.”

Língua tcheca:

“Trabalho aqui em Brno, trabalho na IBM, mudei da IBM Brasil para IBM República Tcheca.”

No primeiro conjunto de respostas, o sujeito pesquisado esclarece a razão de morar atualmente na República Tcheca, que foi a oferta de emprego e, portanto, a motivação para se mudar. Ele responde de forma idêntica em ambas as línguas. Essas respostas não são adequadas para analisar potencial reconfiguração de identidade, no entanto, são aqui apresentadas para que o leitor deste trabalho acadêmico tenha a oportunidade de contextualizar e retratar melhor a pessoa que responde.

Segunda pergunta: Você gosta de morar aqui?

Língua portuguesa:

Língua tcheca:

“Muito. A República Tcheca em geral, não apenas Brno, me oferece coisas básicas que eu não tenho no Brasil como segurança, transporte de qualidade e infraestrutura. A gente insiste às vezes, quando a gente é jovem, a gente tenta melhorar a vida etc., mas às vezes a gente simplesmente não aguenta e aqui eu encontro tudo isso o que mencionei de uma forma bem atingível.”

“Eu realmente gosto. Amo morar aqui porque tenho muitas coisas aqui que não tenho no Brasil. Por exemplo transporte (risos) ... meu vocabulário é muito limitado porque eu aprendo sozinho, então ... eu aprendo sozinho.”

Em suas respostas, exprime o mesmo conteúdo nas duas línguas: gosta de viver em seu novo país, principalmente por razões de segurança, conforto e necessidades básicas atendidas. Ele pausou um pouco na língua tcheca, deixando clara a ausência de vocabulário, no entanto, ele conseguiu se expressar e explicar sua “limitação” em tcheco: “eu aprendo sozinho”, e está ciente de seus conhecimentos, ou melhor dizendo, das suas limitações. Ao final da resposta na língua tcheca, perde a confiança que se mostra por sua linguagem corporal, em comparação com a resposta em português. É razoável considerar que isso modifique o seu bem-estar e sua paz e, subsequentemente, reconfigure sua identidade sociocultural.

Como foi mencionado, ele está ciente dos limites ao usar a língua tcheca. Rajagopalan (2004, p. 41-42) argumenta que a identidade de um indivíduo é criada em e por meio da linguagem, o que significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa antes e fora da linguagem. À medida que a linguagem evolui, e o indivíduo penetra cada vez mais nos segredos da nova linguagem, fica claro que, de acordo com Rajagopalan, as identidades individuais e as identidades linguísticas interagem. Aqui, pode-se logicamente concluir que um indivíduo que está aprendendo um novo idioma está vivenciando várias novas identidades de acordo com o momento do processo de aprendizagem: no início ele pode se sentir limitado, frustrado, impotente em sua fala, sentimentos, que, com a melhora do nível de linguagem, na maioria dos casos, se transformarão em sentimentos positivos quando esse indivíduo for capaz de se comunicar perfeitamente no novo idioma. Shaikh (2019, p. 167) também compartilha dessa visão quando apresenta as conclusões de seus próprios estudos ao dizer que a linguagem molda a maneira como as pessoas veem o mundo e que tem o poder de dominar ideias e criar identidades diferentes.

Terceira pergunta: O que você fazia em seu país, e o que está fazendo aqui?

Língua portuguesa:

“Eu fazia mesma coisa lá do que faço aqui, trabalhava com tecnologia de informação, foco em espaço de armazenamento.”

Língua tcheca:

“Mesma coisa. Trabalhei na IBM, tecnologia da informação. E eu faço o mesmo aqui. Eu trabalho com cloud storage.”

Suas respostas foram idênticas em ambas as línguas. No entanto, é interessante notar que em português ele decidiu traduzir o termo em inglês “cloud storage”, termo comumente empregado na área de TI, enquanto em tcheco permaneceu com a definição em inglês. Essas respostas, como no caso da primeira questão, não possuem aspectos aplicáveis à análise de possíveis reconfigurações identitárias, porém, são aqui fornecidas para uma melhor compreensão do objeto estudado.

Segunda seção das perguntas (intenção de perceber como se dá a interação do sujeito com a língua materna versus a língua oficial do país em que ele vive):

Na segunda parte da entrevista, o entrevistado, graças às questões colocadas, esclarece indiretamente a sua relação com a língua local, quando expressa as suas opiniões de forma moderada e definidas com precisão. Ele se expressa, naturalmente, com mais detalhes em sua língua materna. Os seguintes pontos são importantes nesta parte: ele começou a aprender tcheco muito antes de se mudar para a República Tcheca; ele tenta falar e aprender a língua local o máximo possível, porque “ele mora aqui”; ele se tornou um fã do esporte local típico, porque “ele mora aqui”; ele estudou russo no passado. Assim, sua única eventual restrição para aumentar o conhecimento do idioma tcheco pode ser o fato de ele não falar tcheco no trabalho nem em casa.

Quarta pergunta: Você se comunica na língua portuguesa aqui, ou é usuário de outras línguas também?

Língua portuguesa:

Língua tcheca:

“Sim, com conhecidos e amigos brasileiros apenas. Uso inglês cotidianamente no trabalho para me comunicar com pessoas de vários países, aqui é bem comum que a gente trabalhe em grupos, meu grupo tem um búlgaro, um tcheco e eu. No trabalho, no escritório, eu tento usar o tcheco sempre que é possível, mas acaba sempre ficando 40 por cento tcheco e 60 por cento inglês. O português em casa, com a minha esposa que é brasileira, assistindo TV ... talvez, e com amigos quando a gente eventualmente se reúne com algum brasileiro ou português.”

“Sim, com minha esposa e amigos também. Inglês e um pouco de tcheco. Tcheco no trabalho, mas menos do que inglês, mas tenho que tentar porque moro aqui. Quando estou na loja, quando peço uma pizza ou um hambúrguer em um restaurante, ou quando eu torço para meu time de Kometa¹³³. Sou brasileiro, mas gosto de hóquei porque moro aqui. Então tento, mas vai ser um longo caminho.”

O indivíduo pesquisado responde às perguntas praticamente da mesma maneira. Fica claro pelas respostas que ele tenta usar o tcheco o máximo possível, mas tem uma situação difícil pelo fato de não usar cotidianamente o tcheco nos ambientes de trabalho e casa. As respostas também mostram que, se ele não quisesse, não teria nenhum motivo real para aprender a língua tcheca. Na parte da resposta em tcheco, ele se expressa no sentido da língua: “... tenho que tentar (falar tcheco), porque moro aqui”; e pela segunda vez no sentido da cultura: “... gosto de hóquei porque moro aqui”. Ele usa a explicação “porque eu moro aqui” como principal argumento para sua integração.

Uma possível explicação para o acima exposto é que o entrevistado deseja se integrar à sociedade local por meio da língua e da cultura, sendo essa a sua maneira de viver melhor, simplificando e tornando sua vida mais agradável. Pinker (2018, p. 522-524) pensa na mesma direção, mostrando de forma assertiva e por meio de exemplos a importância de relações culturais de qualidade entre outras culturas, em outras palavras, a interculturalidade. Uma cultura capaz de interagir e se integrar a outras culturas fortalece o desenvolvimento de uma sociedade solidária, onde a simbiose não só é necessária, mas também enriquecedora. Aqui pode-se concluir que o contato entre pessoas, nações, culturas envolve naturalmente o processo de reconfiguração das identidades dos indivíduos. Aqueles que mudam de idioma em breve

¹³³ Kometa é uma equipe tcheca de hóquei no gelo que compete na liga principal tcheca, com sede em Brno (nota do autor).

redefinirão sua própria identidade. Em outros termos, quem aprende uma nova língua será redefinido como uma nova pessoa (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69). Se essa lógica for aplicada ao respondente, conclui-se que ele está passando por uma reconfiguração de sua própria identidade.

Quinta pergunta: Com quem, geralmente, você fala em português? Falando português aqui, como você se sente?

Língua portuguesa:

“Sinto bem, natural, claro, é nossa primeira língua. Ao mesmo tempo que eu acho natural, com certeza nós vamos perdendo coisas como gírias locais que mudam toda hora e até mesmo sotaque. Eu sou de Belém, mas eu morei dez anos em São Paulo, no interior de São Paulo, então a gente perde essa essência de onde viemos, mas é realmente bom a gente poder falar a nossa língua.”

Língua tcheca:

“Com minha esposa, meus amigos, três ou quatro. Sinto-me bem porque é a minha língua materna, é natural para mim.”

Em ambas as respostas, o entrevistado enfatiza que se sente bem quando fala sua língua materna, pois é natural para ele. Na resposta em português, ele acha que perderá naturalmente a “essência” da sua linguagem por morar fora do Brasil. Em contrapartida, na resposta no idioma tcheco, ele fala de forma muito limitada, concisa, o que se pode atribuir ao seu conhecimento limitado da língua local.

Conforme o descrito na parte teórica, a linguagem é um sistema extremamente complexo (ČERNÝ, 1998, p. 53) e, o que chamamos de linguagem, é uma das produções históricas da capacidade de comunicação humana o que causa o enraizamento profundo do idioma na cultura em que atua. Assim, quando o sujeito pesquisado fala português, ele automaticamente se desloca (temporariamente se reconfigura) para a cultura brasileira e, portanto, para essa identidade brasileira, que para ele está associada à língua portuguesa. Quando o entrevistado fala sua língua materna, ele comenta que se sente “bem”, “natural”, o que corresponde à visão de Saussure (1975, p. 27) de que a língua é um tesouro guardado pela prática da fala de todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade.

Sexta pergunta: Você fala a língua tcheca fluentemente?

Língua portuguesa:

“Um pouco. Eu comecei estudar seis meses antes de saber que vinha pra cá, então dois anos e meio.”

Língua tcheca:

“A2. Porque eu posso ir a um restaurante, ao Ministério de Interior¹³⁴, então posso fazer algumas coisas, mas como já falei, meu vocabulário é limitado, então procuro ouvir música e assistir filmes. Eu entendo, mas não falo muito.”

O entrevistado estava na República Tcheca há dois anos no momento da entrevista, porém começou a estudar o idioma tcheco quando soube da sua transferência: seis meses antes de acontecer, o que mostra seu interesse em se integrar à população local por meio do idioma. Ele está ciente das limitações linguísticas, mas está interessado em melhorar: “ouvir música local e assistir filmes”, em tcheco.

Esta, a sétima e a oitava pergunta, e suas respectivas respostas, estão muito interligadas e, portanto, serão analisadas em conjunto, como parte da análise da oitava pergunta.

Sétima pergunta: Com quem, geralmente, você fala tcheco? Falando tcheco aqui, como você se sente?

Língua portuguesa:

“Com colegas no trabalho e com qualquer gente que está prestando serviço: garçom, no consulado quando eu tenho que renovar o meu visto, quando eu vou ao mercado, quando eu vou pedir uma comida, uma pizza, sempre tenho que usar o tcheco, o tratamento é sempre melhor quando a gente tenta falar a língua local, muito melhor (*sorrindo*).

Língua tcheca:

“Bem, mas creio que não sei falar tanto. Então eu ... eu penso e penso. Isso me frustra muito (*risos*), mas estou estudando. Então, em um ou dois anos, serei perfeito. Ou depois de quatro cervejas (*risos*). Mas tem que ser Pilsner Urquell, não Starobrno¹³⁵ (*risos*).”

¹³⁴ Com o Ministério de Interior ele provavelmente quer se referir ao mesmo como se fossem Serviços de imigração prestados pela Polícia Federal no Brasil (nota do autor).

¹³⁵ Pilsner Urquell e Starobrno são marcas de cervejas tchecas (nota do autor).

Falando tcheco eu me sinto inseguro, porém um pouco tempo depois eu me sinto bem porque eu ... apesar dos erros gramaticais constantes, a gramática é difícil (*sorrindo*), mas eu consigo me fazer entender em 90 por cento, 80 por cento das situações e isso ajuda muito. Quando a gente foi pra consulado para renovar o meu visto agora, um mês atrás, mês atrás não, alguns meses atrás, as pessoas ... apesar de ser uma instituição para receber os estrangeiros, eles não estão completamente prontos pra te atender em inglês ... na verdade é Ministério de Interior ... e ... a gente vai tentando falar algumas palavras-chave, eles vão apontando e no final das contas eles não falavam inglês, eu não falava completamente tcheco, mas a gente conseguiu se entender. Felizmente, nunca foi necessário tentar o meu tcheco com os médicos, espero que continue assim.”

O entrevistado tenta usar o tcheco tanto quanto possível, comenta que o tratamento é melhor quando se usa a língua local. Apresenta a mesma opinião em ambas as respostas: as suas habilidades linguísticas dão-lhe um sentimento de insegurança ou frustração. Por outro lado, ele expressa positivamente que consegue comunicar-se e que falará perfeitamente dentro de um ou dois anos. Esta abordagem pode novamente ser explicada como um esforço para se integrar à sociedade local por meio do conhecimento da língua. Expressa um hipotético medo de ir ao médico, um sentimento muito forte que, sem dúvida, reconfigura a identidade de um indivíduo, pois a incapacidade de se comunicar de maneira eficaz pode prejudicar o atendimento.

Como já mencionado, a análise da sétima pergunta e suas respostas será dada no final da oitava pergunta.

Oitava pergunta: Quando você chegou aqui, teve dificuldades com a língua tcheca? Quais?

Língua portuguesa:

“Sim e não. Sim por claro ser uma língua nova e não por dois motivos. Primeiro: já estava estudando seis meses antes, segundo: eu havia estudado dois anos de russo¹³⁶. E por ser uma língua eslava tem algumas similaridades. Não é completamente próximo, do ponto de você falar devagar uma com a outra e se entender, mas algumas palavras ajudam bastante, principalmente números.”

Língua tcheca:

“Eu não tive muitos, mas às vezes eu estou me esforçando ... minha pronúncia não é perfeita o maior problema é fazer compras ... o pior (*na língua tcheca*) são as sete declinações ... stejný, stejné, stejným¹³⁷ ... (*risos*).”

Pela sua resposta em português, deduz-se que é muito cuidadoso e planeja sua vida (começou a aprender muito antes de chegar) o que poderia ser caracterizado como uma certa disposição antes de se mudar para a República Tcheca. Também se pode ver o seu interesse por línguas estrangeiras, antes de se mudar para a Europa: já falava inglês e aprendeu russo, o que não é mencionado em sua resposta em tcheco. Na sua resposta em tcheco, ele confirma que teve problemas e que está se esforçando muito para aprender o novo idioma. No entanto, é natural que, como estrangeiro, tenha dificuldades com as sete declinações que não existem no idioma português.

A análise a seguir está vinculada às três perguntas anteriores e suas respostas, respectivamente: sexta, sétima e a oitava pergunta.

Conforme discutido na parte teórica deste trabalho, um dos motivos da comunicação, de uma forma geral, é a sobrevivência: compartilhar informações, tentar entender o mundo, obter instruções sobre como se comportar em diferentes situações etc. Conclui-se que o desejo e a necessidade de se comunicar estão firmemente enraizados em cada um de nós. A comunicação automaticamente se torna uma socialização, por meio da qual nossas identidades estão

¹³⁶ O tcheco e o russo não são mutuamente inteligíveis. No entanto, é certamente mais fácil aprender tcheco por um falante de russo (e vice-versa) devido às estruturas gramaticais e vocabulário semelhante (nota do autor).

¹³⁷ A palavra „stejný“ que significa „o mesmo“ em português tem as seguintes declinações na língua tcheca: singular: 1. stejný, 2. stejného, 3. stejnému, 4. stejný, 5. stejný, 6. stejném, 7. stejným; plural: 1. stejné, 2. stejných, 3. stejným, 4. stejné, 5. stejných, 6. stejných, 7. stejnými (nota do autor).

constantemente se reconfigurando. Como Dubar (2005, p. 136) argumenta, a identidade nada mais é do que o resultado de diferentes processos de socialização simultaneamente estáveis e temporários, individuais e coletivos, subjetivos e objetivos, biográficos e estruturais que juntos constroem os indivíduos. Devido ao seu esforço de integração, o sujeito sob investigação está em contato constante com as pessoas locais, com a cultura local, e assim as identidades sempre sofrem reconfigurações, conforme explica Rajagopalan (2004, p. 69). É por isso que é muito importante compreender o processo de aprendizagem de uma nova língua como parte integrante de um processo mais amplo de redefinição de identidades. As línguas são a expressão da identidade de quem delas se apropria. Aqueles que mudam de idioma em breve redefinirão sua própria identidade. Isso significa, quem aprende um novo idioma será redefinido como uma nova pessoa.

Nona pergunta: Você busca ambiente onde possa falar na sua língua materna? Por quê?

Língua portuguesa:

“Não de propósito ... vai parecer um preconceito contra brasileiros, mas eu acho ... sempre que eu encontro brasileiros que não são meus bons amigos ... há essa reclamação: eles não falam inglês muito bem por aqui ... ou os serviços não são tão bons ... então são reclamações que ... não deveriam existir, que não deveriam causar, na minha opinião, não deveriam ... atrapalhar o bem-estar do outro. Se a pessoa não vai falar inglês, não deveria atrapalhar sua vida ... você deveria falar a língua que ela fala ... língua local. Essas pessoas estão constantemente reclamando de alguma coisa relacionada ao lugar ... e eu não gosto de estar perto de alguém que reclama bastante.”

Língua tcheca:

“Não. Mas tenho amigos brasileiros. Não estou buscando porque já falo português. E não são muitos, apenas amigos e esposa.”

O entrevistado comentou sobre a questão de não ter boa experiência com outros brasileiros que encontrou na República Tcheca, porque estão reclamando demais. Fica claro pela resposta em português que ele não se sente confortável com isso e que, pelo contrário, está tentando evitar essas situações.

Uma estimativa qualificada pode ser usada para dizer que é pautado pela praticidade, em outras palavras: ele tenta viver o melhor que pode. Até este ponto da entrevista, percebe-se que ele se preparou para morar em um novo país. A língua tcheca é indispensável para ele, ele quer aprendê-la, embora saiba que na República Tcheca é possível viver sem saber o tcheco, no entanto, para ele seria desagradável não saber.

De acordo com a pesquisa de Janíková (2016, p. 24-50), a visão atual da identidade e de seu conteúdo é caracterizada por uma pluralidade de aspectos na estrutura interdisciplinar em relação ao fato de um indivíduo estar exposto a muitas interações em que sua identidade é afetada por uma série de fatores. Na opinião de Hrdá e Šíp (2011, p. 442), a identidade é concebida em todas as suas múltiplas camadas e em conexão com o conceito de papéis internalizados de um indivíduo, o que implica que se pode falar não apenas de uma, mas de mais identidades formadas pelas relações e suas dinâmicas variáveis. Neste contexto, deve-se ter em mente que uma das características mais importantes da compreensão atual da identidade é, entre outras coisas, uma investigação aprofundada não apenas do próprio indivíduo, mas também do mundo exterior do qual ele está rodeado; e, no caso do entrevistado, também a praticidade: a utilidade e os interesses práticos que predominam na construção da sua identidade, o que pode ser confirmado por suas respostas.

Terceira seção das perguntas (entender os efeitos culturais repercutidos no cotidiano do sujeito):

O entrevistado tem pela primeira vez problemas mais sérios com as respostas na língua tcheca. Deve-se notar aqui que lhe foram oferecidas perguntas em formato de papel, o que foi planejado pelo pesquisador para tornar mais fácil o entendimento de algumas das palavras mais difíceis. Ele rejeitou essa opção. Em suas respostas é muito diplomático e simplesmente aceita os costumes locais, e sempre argumenta da mesma forma: “eu moro aqui”. A cultura local lhe convém bastante em alguns aspectos, mesmo que haja coisas que lhe falem em seu novo país. Observando a sua linguagem corporal, percebe-se que enquanto em português ele é um homem adulto autoconfiante, em tcheco ele se transforma em um homem inseguro que torce e gesticula

com as mãos e tenta falar com todo o corpo, numa óbvia tentativa de substituição para a falta de habilidades da língua local utilizando os gestos, movimentos, expressões faciais para compor a compreensão das suas respostas.

Décima pergunta: Como você percebe os hábitos e costumes dos tchecos?

Língua portuguesa:

“De uma forma natural ... são ... eu não vejo nada tão diferente que a gente fique ... surpreso, falando “olha, como é diferente, os hábitos locais e como gente tem que obrigatoriamente se encaixar” ... são pessoas que falam idioma diferente, têm uma etnia diferente, uma origem, passaram por coisas diferentes do que meu povo passou, mas é ... uma cidade com uma estrutura de cidade ... bastante urbana, e a gente ... pensando mais sobre os hábitos ... a parte de “espancamento” das mulheres na Páscoa achei bem interessante, junto com a cerveja verde, que são coisas recentes ... muito interessante. E os feriados locais, assim ... nos fazem buscar a história, por exemplo o próximo dia 8, Dia da libertação, ou então o 28 de outubro ... a gente busca saber o que originou esses feriados e é apenas isso ... nada de super diferente, estranho (*risos*). Por trabalhar numa empresa internacional, estou acostumado com diversidade.”

Língua tcheca:

“Em tcheco só sei dizer “natal”, os outros como “Páscoa” não sei ... Gostaria de comentar essa questão, mas não sei como (*risos*), pois tenho um vocabulário limitado.”

O sujeito pesquisado, na sua resposta em português, expressa compreensão pelos costumes culturais locais, não se detém muito neles, mas tenta, no entanto, encontrar as raízes históricas desses costumes. Na resposta em tcheco, ele não conseguiu expressar sua opinião

devido às suas limitações linguísticas e, quando riu, sua risada expressou um pedido “de desculpas”. O fato de trabalhar para uma empresa internacional e global, lhe dá uma vasta experiência com diferentes culturas e situações incomuns, e isso se reflete na sua forma de observação sobre as diversidades culturais.

As respostas à décima e décima primeira questão serão analisadas em conjunto, pela proximidade do conteúdo no final da décima primeira pergunta.

Décima primeira pergunta: Você se identifica com estes costumes ou se sente como um “observador”?

Língua portuguesa:

“Me identifico, com certeza, moro aqui.”

Língua tcheca:

“Me sinto por dentro porque não é tão diferente assim ... Eu quero aprender, então procuro ouvir de tudo ... no ônibus, no elétrico, música tcheca, televisão.”

Ele é muito claro em sua resposta em sua língua materna e novamente usa a expressão “moro aqui” como uma justificativa. Ele tem dificuldade para expressar alguns de seus pensamentos em tcheco, no entanto, é cognoscível que tenta se envolver e participar da vida em seu novo país, tanto quanto possível.

As respostas à décima e décima primeira pergunta são analisadas nesta seção, conforme descrito acima.

Quando os tchecos vivem na República Tcheca, eles, a maioria, aceitam e usam as normas e costumes da sua cultura, porém para o sujeito pesquisado isso não se aplica, porque eles são desconhecidos. Ele mora em um novo país, isto é: seu universo mudou, os costumes locais tornaram-se normas que vêm de algum momento da história, e ele tenta conhecê-los e entendê-los para aceitá-los. A adaptação é vista novamente em suas respostas, mas neste caso não é apenas uma adaptação simbiótica, mas uma adaptação consciente que tenta entender como a sociedade e a cultura funcionam. Isso é interessante porque o entrevistado não está na superfície, ele sempre quer ir mais longe, procurando motivos. Nesse caso, a integração pode ser vista como uma adaptação da própria vida do sujeito, de suas próprias medidas e um esforço para compreender as diferenças entre a cultura materna e a cultura anfitriã. Pelas suas respostas

fica claro que há uma integração onde existe o interesse em interação com o novo ambiente (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37).

Décima segunda pergunta: Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica mais?

Língua portuguesa:

“Relações interpessoais. Estranho para brasileiro falar isso, eu acho ... porque o brasileiro é gente sorridente, abraça, beija, mas uma coisa que eu gosto muito, talvez por trabalhar com TI ... os tchecos, os eslavos, no geral, são muito diretos, honestos, sinceros. Se ele não gosta de uma coisa, ele vai te falar porque não gosta e pronto. Ele não vai falar ... “ah eu gosto”, sem gostar na verdade, só para te agradar. Ela vai te falar que “não” e por quê, e é isso. Eu adoro isso. É uma sinceridade que deveria ser mais praticada talvez entre nós brasileiros. “Não” é não. Aqui “não” é não. Ne je ne¹³⁸.”

Língua tcheca:

“Os tchecos são diretos. Gosto que os tchecos sejam muito diretos ... porque ... quando você diz “não”, é não. Quando você diz “sim”, é sim. Quando os brasileiros dizem “é bom”, eles acham que não é bom. Não é não, sim é sim. Eu adoro isso.”

Ao responder a esta pergunta, em ambas as línguas o sujeito foi muito emotivo, falando muito rápido e com uma voz animada que indicava grande interesse. Sua linguagem corporal também expressou entusiasmo pelo assunto enquanto ele se inclinava em direção ao pesquisador, olhando diretamente em seus olhos, e a soma de seus movimentos corporais, entonação e velocidade expressava a carga positiva embutida em suas respostas. No fundo, gosta das relações pessoais e do seu funcionamento, que percebe de forma muito positiva, o que exprime nas duas línguas quando disse: “eu adoro isso”.

Pode-se entender que a sua identidade está sendo reconfigurada aqui. Ele justamente fala apenas de duas palavras que ganharam significados exatos e reais na sua vida na República Tcheca. Sim é sim. Não é não. Diferentemente do que em português quando argumenta que não

¹³⁸ “Ne je ne” significa na língua portuguesa “Não é não” (tradução do autor).

é da mesma forma no Brasil. Em outras palavras pode se perceber que ele só foi capaz de compreender a verdadeira relevância dessas palavras no novo país. Ele entendeu a sua dimensão depois de encontrar uma sociedade que as usa exatamente para expressar “sim” ou “não” sobre fatos, sem a ideia equivocada de ter que agradar o outro, mesmo que isso mascare o verdadeiro sentimento sobre o ocorrido.

Aqui é muito apropriado apoiar-se na ideia de Kramsch (1998, p. 65), como já foi visto no capítulo 2.1, as pessoas reproduzem naturalmente a maneira como os outros falam. Everett (2019, p. 371) também compartilha essa visão, declarando que “falamos como aqueles com quem falamos”. Fowler (1985, p. 62) vai ainda mais longe, enfatizando que “a linguagem é uma prática social que cria a realidade”. Ao usar a linguagem, pessoas automaticamente e naturalmente imitam ou reproduzem fala das outras pessoas próximas. Se se pode partir da ideia de que aprender uma nova cultura pode significar adaptar a língua à situação e às pessoas com quem se fala, pode-se então falar em reconfiguração identitária em função do uso da língua e do ambiente sociocultural em que o falante encontra a si mesmo. Nesse processo de interação e relacionamento social, as pessoas naturalmente aprendem e adquirem novos conhecimentos. O contato constante com o mundo exterior leva ao desenvolvimento intelectual e à criação da própria realidade, absorvendo a cultura na qual o indivíduo está imerso.

Décima terceira pergunta: Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica menos?

Língua portuguesa:

“Talvez com ... eu acho que isso vai ser resposta de todos os brasileiros (*risos*) ... no Brasil a gente tem uma fartura de comida, diversidade de comida que é impressionante ... e a gente tem acesso a tudo fácil. Assim aqui se você quiser um determinado tipo de carne ou se você quiser comer o sushi, digamos é muito caro, se você quiser uma carne especial, no Brasil você encontra em qualquer açougue ... então ... não estou falando que a comida tcheca seja ruim ... na

Língua tcheca:

“Tenho saudades da comida brasileira, mas é só isso.”

verdade ela é muito boa, eu só tô falando que sinto falta ... um pouco (*risos*) da minha comida brasileira ... principalmente sendo paraense, ne? (*risos*) Mas é isso, não tem nada que não me identifico pra falar: “eu não gosto por estar aqui”.”

Ele responde da mesma forma em ambas as línguas. Ele é muito diplomático, não reclama da culinária tcheca, mas admite que carece de um cardápio variado como o brasileiro, principalmente de carnes.

A reconfiguração consciente pode ser deduzida dessas respostas ao ele afirmar: “estou bem aqui, gosto daqui, contudo sinto falta de algumas coisas boas do meu país”. A partir dessas respostas na entrevista, é possível observar alguns aspectos de assimilação cultural (SPIELBERGER, 2004), quando o sujeito pesquisado aceita os valores, comportamentos e crenças do novo grupo social do qual está cercado. Ainda mais precisamente, pode-se falar em aculturação (interpenetração de culturas), que pode incluir a chamada aculturação aditiva, onde ao invés de substituir a cultura dos ancestrais, o indivíduo expande seu repertório cultural existente (ABE, 2017), que é exatamente o caso do entrevistado. Nesse contexto, vale lembrar que a cultura tem grande influência na linguagem, pois o ser humano precisa expressar os elementos culturais de uma determinada maneira, entretanto de uma forma diferente da que está acostumado em sua língua materna.

Quarta seção das perguntas (específica de identidades em suas reconfigurações):

O entrevistado se expressa com calma, pensa nas respostas, não entra em detalhes além das perguntas feitas. Pode-se dizer que (em comparação com outros entrevistados) ele se expressa de forma breve. No entanto, suas respostas fornecem revelações muito profundas das quais se pode inferir que sua identidade está passando por um processo de reconfiguração sociocultural.

Décima quarta pergunta: Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país?

Língua portuguesa:

“Sim. Primeiro me sinto muito seguro com transporte público. Brasil é o país com proporções continentais então eu tenho carro desde idade que não poderia dirigir ... com 17 anos tinha carro para ir pra escola, pra ... fazer tudo que precisava e ... por necessidade ... mesmo. O transporte público não funciona como deveria lá e ... aqui eu não tenho carro, nem quero ter ... nunca gostei de dirigir, apesar de ter carro nunca gostei de dirigir. Segurança, também ... à noite eu posso voltar a pé do centro com a minha esposa, a minha esposa pode voltar do centro a pé sozinha. E é basicamente isso.”

Língua tcheca:

“Quase, porque apenas dois anos não são suficientes. Mas acho que serei diferente em mais um ou dois anos.”

Vale a pena pensar na resposta em português sobre o seu argumento de sentir-se uma pessoa diferente. Mas seria importante sinalizar que essa mudança veio de estímulos externos, por exemplo: não é preciso ter carro, há segurança nas ruas, reforça sua tranquilidade quanto à segurança da esposa. Porém não se deve falar apenas na reconfiguração identitária, quanto uma mudança comportamental promovida pelas circunstâncias externas. Já na resposta em tcheco, ele expressa opinião de que não se sente tão diferente e que essa mudança ocorrerá no futuro breve. No entanto, é possível especular que ele foi incapaz de expressar todos os seus pensamentos e sentimentos na língua tcheca. Mesmo assim dá para entender que ele fala sobre reconfiguração identitária, e não comportamental.

Quando um indivíduo não precisa se preocupar com o ambiente externo (segurança), ele se torna pessoa mais livre, capaz de canalizar energias para melhorias do seu cotidiano no sentido mais amplo. Neste contexto, a identidade pode ser entendida como um processo de metamorfose, que inclui essencialmente: “transformação”, “mudança” e “forma”, conforme já discutido na parte teórica, pois apresenta a visão do ser humano como um ser ativo em constante processo de reconfiguração. Como Ciampa (2006, p. 14) acrescenta, a identidade é vista como um movimento de transformações que moldam nossas identidades, seja como uma história de

vida - o passado criado pelo meu trabalho; ou como um projeto de vida - um futuro que precisa ser traçado a partir do desejo - ou seja, desenvolver a competência de falar e agir de forma independente para expressar sobre quem eu sou e quem eu gostaria de ser. Se uma pessoa passa por uma mudança fundamental em um determinado momento da vida (por exemplo, mudança para um novo país e a necessidade de usar uma nova língua), é compreensível que sua metamorfose seja significativamente desenvolvida. É impossível prever se essa nova mudança será negativa, estereotipada e estigmatizante ou, inversamente, positiva, nova e tranquila. No caso do entrevistado pesquisado pode-se dizer com nitidez que ele percebe a mudança que é fundamental e a caracteriza como positiva para si e para sua vida.

Décima quinta pergunta: Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua tcheca?

Língua portuguesa:

“Não, não. Não muda minha maneira de ser, mas ... me tornou ... me fez com que eu compreendesse mais certos aspectos da cultura local, que é natural.”

Língua tcheca:

“Um pouco ... Eu disse não em português, mas em tcheco tenho que dizer sim. Minha personalidade mudou porque tenho que falar muito diretamente ..., mas não muito, só isso. *(pensado um pouco e adicionado em português)* Perdão pela resposta em português. *(E continuando, novamente em tcheco)* Peço desculpas.”

Suas respostas mostram uma contradição clara, sobre a qual ele não havia pensado antes desta entrevista. Na sua língua materna, ele tem a certeza de que não mudou (depois de aprender o tcheco) e que a língua local apenas o ajuda a compreender melhor a cultura local. Ao responder em tcheco, imediatamente se dá conta e admite que é diferente, porque tem que falar “mais diretamente”. É interessante que ele tenha uma necessidade (o que pode indicar a sua surpresa interior com as próprias respostas), pedir desculpas imediatamente duas vezes: em português e depois em tcheco. A comparação e a reflexão profunda sobre essas respostas confirmam claramente a reconfiguração da sua identidade em função da língua que fala.

Os contatos sociais são o essencial para reconfigurar o entrevistado, levando que a reconfiguração sociológica que se viu nas respostas. Ele sente necessidade de ser mais direto.

Ele não consegue aplicar o politicamente correto “talvez”, usado na cultura brasileira, em seu novo país. Leeds-Hurwitz (2009, p. 891) desenvolveu esse tópico justamente nos seus estudos. A construção social é uma teoria do conhecimento em sociologia e teoria da comunicação que examina o desenvolvimento de compreensões do mundo construídas conjuntamente que formam a base de suposições compartilhadas sobre a realidade. Essa teoria se concentra na ideia de que os significados são desenvolvidos em coordenação com outros, não separadamente para cada indivíduo. É, justamente nessa teoria, que o entrevistado pode ser visto: na língua tcheca, ele deve coordenar-se com os demais para usar uma frase adequada e, assim, ser corretamente compreendido e, posteriormente, aceito na sociedade local. Como Dor (2015, p. 34) apropriadamente acrescenta, as pessoas devem concordar com conjuntos de padrões de comunicação para garantir que o ouvinte interprete a comunicação recebida de uma maneira suficientemente semelhante ao que o falante pretendia transmitir.

Décima sexta pergunta: Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar?

Língua portuguesa:

“Nunca. Têm questões básicas que precisam ser trabalhadas e eu não acredito que isso vai levar só uma geração, não vai levar só o meu tempo da vida. Então, mesmo que eu volte para me aposentar, daqui a cinquenta anos, eu ainda vou estar muito ... digamos mal-acostumado com coisas que são básicas aqui e inexistentes lá.”

Língua tcheca:

“Não, nunca. Porque aqui temos coisas muito melhores, como estrutura de transporte, segurança. Não acho que será feito no Brasil.”

O entrevistado responde da mesma forma em ambos os idiomas. Sua postura, assim como sua linguagem corporal, era clara. Uma observação a considerar na resposta em tcheco, ele usou o verbo “ter” na segunda pessoa do plural “aqui temos”, o que pode indicar duas possibilidades: o fato de que ele já se sente parte da sociedade tcheca; ou ele pode se expressar por si mesmo e sua esposa. Isso não fica claro na resposta, porém desperta ambiguidade.

Ele tenta se identificar com a República Tcheca, e é uma identificação incipiente como ele mesmo resalta em alguns pontos da entrevista, porém, ele pretende não só morar em um novo país, mas vivenciá-lo como sua nova pátria. Em suas respostas pode-se deduzir que do

ponto de vista racional e pragmático ele gosta de morar na República Tcheca (com suas vantagens e desvantagens) porque, na comparação com o Brasil, é melhor. Por isso, neste momento da sua vida, pretende conhecer e partilhar o património do seu novo país, privilegiando os seus costumes, cultura e história. Ao se identificar com seu novo país é admissível que o entrevistado o reconheça como sua pátria no futuro e, portanto, realmente se aproprie dele (porque faz sentido para ele), o que por sua vez muda e mudará sua identidade pessoal.

Silva, Melo, Anastácio (2009, p. 37) também pensam nessa direção: uma das possibilidades de um estrangeiro em um novo país é a adaptação. A visão de Spielberg (2004) e Abe (2017), que estão mais preocupados com a assimilação e principalmente a assimilação cultural, também pode ser aplicada ao caso deste entrevistado. Cada imigrante estabelece uma relação com o novo mundo, e conseqüentemente toma as suas próprias decisões, graças às quais percebe o novo mundo de diferentes perspectivas. Essa relação é dinâmica, volátil e mutável porque envolve a reconfiguração de um ser humano em constante transição e evolução, bem como do mundo no qual está inserido.

Ao considerar o transcrito acima é possível encoraja-se e fazer a seguinte observação: usar uma nova língua requer mais reflexão, mais tempo para pensar e encontrar palavras adequadas em comparação com a língua materna que é naturalmente mais impulsiva e espontânea. Segundo a fala não só deste entrevistado, mas também de acordo com as outras experiências observadas, a expressão e a comunicação em uma nova língua podem ser mais racionais, mais pragmáticas, o que muitas vezes podem levar à reconfiguração da identidade do indivíduo.

Olhando para o perfil geral do entrevistado, suas respostas e a situação socioeconômica em que se encontra voluntariamente, chega-se a uma conclusão lógica: ele está em processo de reconfiguração de sua identidade. Essa reconfiguração é parcialmente inconsciente (resposta tcheca à décima quinta pergunta), parcialmente direcionada e consciente (respostas à quarta e décima primeira pergunta).

APÊNDICE H – ENTREVISTADO Nº 8

Quadro 9 - Entrevistado Nº 8 = entrevista Nº 15 e 16

Idade e gênero	47, feminino
Naturalidade	Jaboticabal / SP, Brasil
Residente em	Praga, República Tcheca
Profissão	Engenheira e fotógrafa
Formação	Mestre em Engenharia Eletrônica
Língua não materna	Fala a língua tcheca muito bem em nível avançado, não tem problema nenhum na comunicação e expressão.
Estado civil	É casada com um cidadão tcheco, o qual conheceu no Brasil, e tem 3 filhas nascidas na República Tcheca (13, e gêmeas de 9 anos).
Tempo na Rep. Tcheca	Está domiciliada há 15 anos na República Tcheca.
Tempo de gravações	Língua portuguesa: 23 minutos, língua tcheca: 17 minutos.
Observação relevante	Única dos entrevistados brasileiros que declarou que “voltaria para morar no Brasil, se pudesse”, e afirmou que agora está em Praga apenas por causa das filhas. Única dos sujeitos entrevistados brasileiros que usa a língua tcheca todos os dias no trabalho.
Data de entrevistas	22 julho 2019
Local de entrevistas	No escritório do autor em Praga

Fonte: do autor

O sujeito entrevistado é uma mulher brasileira que apresenta “maturidade”, “paz de vida” e “energia vital positiva”, entre outros. A entrevista e conversa foi tão descontraída que a entrevistada forneceu informações além do que era esperado, entre outras na língua portuguesa: “Sim, eu já tenho a cidadania tcheca, sou cidadã tcheca. Mas sou brasileira.”, o que apontou,

como se fosse muito importante para ela, e depois riu amigavelmente: claramente foi uma alegação de perdão por essa afirmação.

No momento da entrevista em que se utiliza a língua tcheca, ela teve a opção de usar “tu” ou “o senhor” com o pesquisador. Ela entende a diferença de forma inequívoca e, devido à sua idade e maturidade, ele concordou automaticamente que a conversa em tcheco fosse conduzida usando “tu”.

Primeira seção das perguntas (aproximação dos entrevistados com o pesquisador):

A conversa ocorre em um ambiente muito agradável e descontraído. A entrevistada transparece calma, sua linguagem corporal não revela nervosismo. Em ambas as línguas, ela expressa-se de forma que mostra certeza do que está dizendo. É notório que quando fala em português, ela transmite sua fala como se fosse para os ouvintes que entendem a cultura brasileira, o que pode ser explicado por ter falado em português no momento. Quando fala em tcheco, fala sobre as especificidades da cultura tcheca na sua experiência; informações que seriam dificilmente entendidas para pessoas sem o conhecimento da cultura local.

Primeira pergunta: Por que você está morando na República Tcheca?

Língua portuguesa:

“Bom, para falar a verdade, eu moro aqui por causa do meu marido. Eu vim pra cá. Só.”

Língua tcheca:

“Moro aqui por causa do meu marido, vim para a República Tcheca por causa dele. Temos três filhas aqui: 13 anos e gêmeas de nove. Seus nomes são Tainara, Habaguanex e Araci, são nomes indígenas. Mas elas também têm nomes tchecos, mas eu uso esses nomes brasileiros. E não permito que as pessoas as chamem por nomes tchecos, insisto que todos as chamem de nomes indígenas: na escola, atividades depois da escola. Eu tenho configurado dessa forma. Quando elas tiverem 18 anos, as deixarei fazer o que quiserem. Não foi fácil registrar

os nomes brasileiros no cadastro¹³⁹. Portanto, elas têm dois nomes e sobrenome: brasileiro, tcheco e sobrenome. E o sobrenome é só Duba, não é Dubová¹⁴⁰ não, eu não queria isso.”

A entrevistada fala de forma breve e concisa em sua língua materna. Ao contrário, na língua tcheca, ela descreve, além da resposta em si, também sua trajetória familiar, onde fala enfaticamente sobre suas três filhas. Na parte em que explica a escolha dos nomes, a dificuldade de registrar esses nomes em seu novo país e a decisão de não adaptar o seu sobrenome e de suas filhas aos costumes culturais tchecos, há uma predisposição pela preservação do seu patrimônio cultural.

A entrevistada deseja se integrar ao máximo à sociedade tcheca, o que será visto nas próximas respostas. Porém, pela resposta em língua tcheca, fica visível seu esforço pela chamada aculturação, que neste caso inclui a aculturação aditiva, na qual ela consegue expandir seu repertório cultural existente (ABE, 2017), quando ela dá grande ênfase ao uso dos nomes de suas filhas que já nasceram na República Tcheca, e com isso deseja transmitir a elas, por meio de seus nomes e sobrenomes pessoais, parte de sua cultura brasileira. O processo de aculturação pode variar para cada indivíduo de acordo com o lugar, a época e os grupos sociais e está intimamente ligado à linguagem. Portanto, a cultura, neste contexto, tem uma influência significativa na língua, pois cada indivíduo necessita expressar os elementos culturais de uma

¹³⁹ A regulamentação dos nomes próprios varia consideravelmente de país para país e de período para período. Em alguns países é possível dar às crianças apenas nomes de uma lista predefinida; em outros, existem regras de procedimento para avaliar e aprovar nomes incomuns; em muitos países, não há restrições fixas. Na Tchecoslováquia socialista, medidas muito rígidas estavam em vigor com relação à possibilidade de escolher nomes para seus descendentes. Uma nova lei está em vigor na República Tcheca democrática desde 2001. É importante para esta tese de doutorado apontar que nomes que não constam da lista de nomes “aprovados” só podem ser utilizados em caso de justificações e defesas “adequadas”; por exemplo, no caso de estrangeiros. Mesmo assim, o nome deve ser aprovado pelo cadastro central de nomes que vai decidir (nota do autor).

¹⁴⁰ A mudança de sobrenome consiste na adaptação quanto ao gênero, ou também da condição familiar do portador, e na expressão de seu gênero gramatical. Algumas línguas endossam o sobrenome para determinar rapidamente o gênero de seu portador, a declinação correta e, assim, uma melhor compreensão das relações na frase (por exemplo, entender quem é o sujeito da frase e quem é o objeto). Ou a variante feminina do sobrenome é formada como uma variante masculino básica, ou as variantes masculino e feminina são gramaticalmente simétricas. Além disso, em algumas línguas e culturas, os sobrenomes das meninas (expressando afiliação familiar) foram distinguidos pelos sobrenomes dos maridos. O apelido de sobrenomes é típico especialmente para línguas flexionadas, nas quais geralmente é executado com sufixos específicos. No caso desta tese de doutorado, o sobrenome do marido é "Duba", a esposa automaticamente se chamaria "Dubová". No caso do autor da tese seria: "Pasek" e "Pasková". No caso de mulheres estrangeiras, elas podem solicitar uma isenção, que normalmente lhes é concedida (nota do autor).

determinada forma, mas de uma forma nova e diferente daquela a que está habituada na sua língua materna.

Segunda pergunta: Você gosta de morar na República Tcheca?

Língua portuguesa:

“Agora ... gosto. Mas nunca foi assim. Eu não gostava de morar aqui. Eu acho que ... eu sentia muita falta da minha família, do Brasil, tal ... eu praticamente deixei tudo lá pra vir pra cá, por essa escolha, por eu ter vindo pra cá, por causa dele e tudo. Antes de eu vir pra cá por indefinitivo, ele morou um ano lá no Brasil comigo, mas aí pela parte burocrática ... e tudo ... ele não conseguiu trabalho lá e aí ele precisou, né, por causa do visto ... e mas ele é tcheco, bem tcheco, nacionalista e ... não mora, não quer morar em outro lugar. Talvez só um curto tempo, mas ... a República Tcheca É O PAÍS (*ela destacou fortemente dizendo essa parte da frase, depois de concluir, ela riu muito*). Isso foi difícil para mim ... antes, agora não ligo (*risos*).”

Língua tcheca:

“Agora posso dizer que sim. Mas não foi assim. Foi mais difícil, mas está tudo bem. Estou acostumada, não me importo.”

Curiosamente, a concisão para esta resposta em português é exatamente o oposto, em comparação com as respostas da primeira pergunta. Na língua tcheca, a entrevistada fala de forma breve e concisa. Em contraste com primeira pergunta, ela falou bastante em sua língua materna, sobre assuntos relacionados à pergunta em si: deixar a família, a razão pela qual ela vive com seu marido na República Tcheca e o fato de seu marido ser um grande nacionalista, o que teve um efeito de longo prazo sobre ela. Pelas respostas, é compreensível a não classificação da sua vida no novo país em escalas de “Gostar Vs Não Gostar”, e sim pela ideia de que ela esteja “acostumada”.

De acordo com as respostas, pode-se deduzir que ela vivenciou um choque cultural considerável, que experienciou ao se mudar para um novo ambiente cultural e, principalmente, por ter emigrado seu ambiente de origem, o círculo de sua família e amigos. O choque cultural como um sentimento de ansiedade de uma nova cultura (OBERG, 1954; OBERG, 1960) não é mais percebido como uma doença como no passado e pode ser dividido em diferentes categorias; no caso deste sujeito de pesquisa, uma abordagem comportamental, psicológica e sociocultural pode ser considerada (CHAPDELAIN e ALEXITCH, 2004; SEARLE e WARD, 1990). Pode-se induzir que já atingiu o ponto de reconciliação interior com o fato de viver em um novo país quando diz em português: "Não ligo", e em tcheco confirma: "Estou acostumada, não me importo".

Terceira pergunta: O que você fazia em seu país, e o que está fazendo aqui?

Língua portuguesa:

“Eu trabalhava como engenheira, também. Eu era ... sou formada em engenharia eletrônica ... trabalhava numa ... num escritório de uma empresa de engenharia ... estava lá já três anos e meio ... eu larguei tudo ... o trabalho, a vida lá ... para vir para cá ... por causa dele e aí ... eu vim em fevereiro e já em abril eu consegui trabalho.”

Língua tcheca:

“Antes de eu chegar, eu trabalhava como engenheira, eu era engenheira lá em São Paulo, tinha tudo lá ... família, amigos, trabalho ... e vim para cá. Fiquei muito triste que deixei minha família lá ... senti que era minha culpa ... que vim para cá ... e que não podia estar com meus pais, e que não estava lá.”

A terceira pergunta foi respondida de forma igual em ambas as línguas. Porém, além de responder à pergunta, na qual não foram observados elementos relevantes para serem analisados, ela mencionou em ambas as línguas, e pela linguagem corporal era observável, que no passado se culpava por ter saído do Brasil, por ter deixado sua família lá. Aparentemente, esta questão ainda é delicada e pode ser um assunto que ressoa sentimentos indefinidos na entrevistada, no entanto, ela falou sobre esse período no tempo pretérito e, o tempo de moradia e o fato de ter três filhas já nascidas na República Tcheca, a faça ressignificar o sentimento de culpa por deixar os pais no Brasil.

Segunda seção das perguntas (intenção de perceber como se dá a interação do sujeito com a língua materna versus a língua oficial do país em que ele vive):

A entrevista continua em uma atmosfera agradável, sem perturbações externas. A entrevistada continua dando uma impressão de tranquilidade, explica tudo com coerência, e fala sem contenção. Em algumas partes, ela gargalha especialmente quando se lembra do período extremamente difícil quando estava aprendendo a língua tcheca.

Quarta pergunta: Você se comunica na língua portuguesa aqui, ou é usuário de outras línguas também?

Língua portuguesa:

“Bom, no trabalho só em tcheco, as pessoas na rua ... só em tcheco, dentro de casa eu só falo português com as minhas meninas, não utilizo outro idioma. E com o meu marido depende do humor dele, se ele quer ouvir tcheco ou português. Eu falo português com ele, mas quando ele me responde em tcheco, eu sei que ele não quer falar em português, então eu tenho que mudar para tcheco (*rindo bastante*). Eu uso inglês no trabalho, espanhol no trabalho ... no cotidiano, quando falo ou escrevo para os clientes ... porque eu trabalho na parte de vendas de equipamentos industriais e eu tenho região da América do Sul, e os países da Europa como responsabilidade e aí eu tenho que falar outro idioma.”

Língua tcheca:

“Eu me comunico em tcheco aqui na República Tcheca. Porém, em casa com as meninas, em português. No trabalho em tcheco, inglês ou espanhol.”

Em seu ambiente de trabalho utiliza principalmente a língua tcheca, às vezes se comunica na língua espanhola e inglesa. Com as filhas em casa fala apenas em português, já com o esposo se comunica na língua tcheca ou portuguesa, dependendo do seu humor. Na resposta em tcheco, ela simplificou o seu uso das línguas, enquanto, na resposta em português, ela amplia e explica mais sua relação com as línguas.

Nesta resposta, sobretudo em português, é muito importante observar a sua flexibilidade com o marido, até se pode dizer subordinação em termos de eliminação de conflitos e um grande esforço para preservar a sua língua materna, quando nas duas línguas ela confirma que só se comunica em português com as suas filhas. Essa realidade cotidiana confirma que a identidade é concebida em todas as suas multicamadas e diversidade e em conexão com o conceito de papéis internalizados do indivíduo formados por relações e suas dinâmicas variáveis (HRDÁ e ŠÍP, 2011, p. 442), neste caso particular é possível identificar a multiplicidade, a identidade é formada por vários papéis que se alternam e mudam de forma flexível na vida cotidiana, com ênfase na linguagem, a linguagem é um constitutivo da identidade, olha a realidade com uma certa perspectiva.

Neste ponto, é apropriado retornar à relação entre língua e identidade. A língua inclui não só quem a fala, mas também sustenta a identidade, a forma como vemos, compartilhamos, interpretamos e o que olhamos através do mundo (PÉREZ-REVERTE, 2019). A entrevistada em suas respostas mostra que existem exemplos inequívocos e bem estudados da conexão entre linguagem e identidade. Não apenas nessa resposta concreta, porém, por toda a entrevista, é possível reconhecer que ela certamente está passando por mudanças e reconfigurações em suas identidades dependendo do idioma que fala.

Quinta pergunta: Com quem você, geralmente, fala em português? Falando português aqui, como você se sente?

Língua portuguesa:

“Português com as minhas meninas e os meus amigos aqui. Falando português eu me sinto normal, tranquila. É o meu idioma (*risos*).”

Língua tcheca:

“Com filhas em casa e com amigas brasileiras. Eu falo tcheco com outros amigos e amigas. Não sinto diferença em falar tcheco e português, acho que sou igual.”

O sujeito pesquisado confirma os mesmos fatos nas suas respostas: usa o português de forma muito ativa no cotidiano. Ademais menciona pela primeira vez que se sente “normal” quando fala português, e ao mesmo tempo em sua resposta na língua tcheca toca na questão de sua identidade quando responde que “acho que sou igual” falando um idioma ou outro.

Nessa resposta, observam-se motivos fortes para a preservação da língua materna ao falar português com as filhas, o mesmo que nas respostas à quarta pergunta. Ao mesmo tempo, o indivíduo pesquisado tenta usar o idioma local com seus contatos tchecos. Há um aparente

entrelaçamento e fusão de identidades em uma rede de relações diversas com outras pessoas, de acordo com as línguas utilizadas, bem como uma clara ênfase no idioma utilizado, que são os princípios das identidades múltiplas que são moldadas pelas relações sociais e suas respectivas mudanças e dinâmicas, conforme discutido por Hrdá e Šíp (2011, p. 442). Com base nos teóricos expostos, o conceito de identidade é expressamente representado aqui em sua transparência cristalina como resultado de multicamadas, diversidade e dinamismo em conexão com papéis sociais do indivíduo.

Sexta pergunta: Você fala a língua tcheca fluentemente?

Língua portuguesa:

“Sim, falo.”

Língua tcheca:

“Acho que sim, mas cometo alguns erros, uso uma palavra errada aqui e ali, mas não tenho medo de falar, não me importo (*risos*).”

A entrevistada, conforme explicitado anteriormente, foi a única dos entrevistados brasileiros que para a pergunta “você fala a língua tcheca fluentemente?” respondeu “sim” em português, sem nenhuma hesitação. Na língua tcheca ficou um pouco menos convicta e depois respondeu: “Acho que sim”. Ela tem consciência de que atingiu um máximo imaginário no nível de conhecimento da língua tcheca, sobre o qual comenta com humor “[...] cometo alguns erros [...], mas não tenho medo de falar, não me importo”.

As respostas à sexta, sétima e oitava pergunta mostram aspectos muito semelhantes e adequados a análise de possíveis reconfigurações da identidade do sujeito. Por esse motivo, a análise será apresentada após as respostas à oitava pergunta.

Sétima pergunta: Com quem você, geralmente, fala tcheco? Falando tcheco, como você se sente?

Língua portuguesa:

“Com o meu marido, no meu trabalho ... com as pessoas do meu trabalho, na rua. Eu falo ... tipo assim ... eu sei que eu falo com sotaque

Língua tcheca:

“Com meu marido, no trabalho, no médico, em todos os lugares.”

e as pessoas percebem que sou estrangeira ... porque eu não falo o ... não é o perfeito ... a gramática 100 por cento. Tem os erros, mas eu não ligo pra isso ... eu falo ... eu não penso pra falar. Eu consigo explicar tudo em tcheco. Talvez eu não use as palavras corretas no momento ... exatas como os tchecos utilizam, mas consigo.”

Ela usa a língua tcheca sem restrições na vida cotidiana, outrossim, percebe que fala com sotaque brasileiro e com imprecisões que um falante nativo de tcheco reconhece e, portanto, identifica origem estrangeira nela. Mas ela tem certeza de que na língua tcheca consegue explicar tudo o que precisa e faz se entender em cada situação.

Infelizmente, o sujeito examinando não comentou a segunda parte da questão, então só pode ser estimado que quando ela fala em tcheco, ela não se sente desconfortável, nem estressada, mesmo sabendo que não tem a mesma proficiência da sua língua materna, mas isso não a limita. De acordo com as respostas, pode-se deduzir que o choque cultural não é mais vivenciado (OBERG, 1954; OBERG, 1960), mas também pode-se concluir que ela atingiu um estágio em que se dá conta de que é diferente e que sua própria identidade pode ser deduzida comparando às outras (BOURDIEU, 1989, p. 117), com essa realidade a entrevistada revela estar internamente equilibrada.

Oitava pergunta: Quando você chegou aqui, teve dificuldade com a língua tcheca? Quais?

Língua portuguesa:

“Falava um pouquinho só, o básico, mas logo depois eu comecei a estudar. Foi muito difícil, primeiro ano foi super difícil porque no trabalho eles não queriam falar em inglês, então eu tinha que me esforçar ... e falar o tcheco, então ... muitas coisas tipo falava o essencial em inglês ... algumas coisas ... e

Língua tcheca:

“Foi muito difícil, quando cheguei ..., mas um mês depois, já encontrei um emprego como engenheira de telecomunicações, mas as pessoas não falavam muito inglês lá, e para me comunicar um pouco com elas, tive que me esforçar mais, então fui para aulas da

... tinha que tentar o tcheco, então nesse período ... nesse primeiro ano foi basicamente mais difícil, eu frequentava três vezes por semana um curso, né, intensivo de tcheco à noite, depois do trabalho ... no trabalho falava também, tentava falar, em casa assistia muita televisão, meu marido também me ajudava em certo momento nesse período e ... é isso. Primeiro ano foi hiper difícil pra mim. Tinha hora que eu queria mandar pra aquele lugar o idioma tcheco e todas as pessoas (*explodindo em risos altos*).”

língua tcheca três vezes por semana, ouvia rádio, assistia televisão.”

Pode-se estimar e reconhecer que a entrevistada colocou muita energia, tempo, interesse e entusiasmo pessoal para aprender a língua tcheca. Ainda que com as inúmeras dificuldades, e em alguns momentos a vontade de não continuar, ela resistiu e pela necessidade de se comunicar com todas as pessoas no trabalho e na rua, ela conseguiu a fluência da língua. Não foi um período fácil para ela, como ela destaca em ambas as línguas. Essa dedicação e movimento em direção à meta podem ser entendidos como seu esforço extremo para se integrar e adaptar, por meio da língua local, à vida local.

Na sexta e sétima resposta, o sujeito entrevistado confirmou que está ciente do fato de que fala tcheco fluentemente, embora não no nível de um falante nativo, porém, o que é importante, ela se sente confortável mesmo sabendo que às vezes usa expressões inexatas na língua tcheca. Nas respostas à oitava pergunta, ela fala sobre seus esforços para aprender o idioma local da melhor maneira possível. De todas as respostas às três perguntas anteriores, sentiu-se um esforço enorme e muito intenso para se integrar no ambiente sociocultural local através da língua.

Silva, Melo, Anastácio (2009, p. 37) descrevem quatro possíveis situações que podem ocorrer com os imigrantes, como uma minoria que tem pouco poder ou importância na nova cultura. Se essas pessoas se sentirem inadequadas, têm que decidir como vão (ou não) aderir uma nova cultura. A entrevistada não embarcou no caminho da assimilação total, mas no caminho da integração, onde ela tem um interesse evidente em preservar sua língua materna, enquanto tenta se integrar o máximo possível na nova cultura através da língua local.

Como resultado, pode-se deduzir que o sujeito está passando por uma reconfiguração de sua identidade sociocultural em relação ao uso da língua tcheca, no ambiente tcheco e com falantes nativos tchecos. Tal resultado fica evidente à medida que as identidades são consideradas construídas discursivamente e envolvidas em práticas sociais e sistemas ideológicos amplos (MILLER, 2004, p. 290), onde o discurso é entendido em um sentido amplo como modos de estar no mundo ou modos de vida que integram palavras, ações, valores, crenças, atitudes e identidades sociais, bem como gestos, aparência, posições corporais e vestimentas. Posteriormente, a fala pode ser vista como parte de identidades que vem com roupas adequadas e instruções sobre como agir, conversar e escrever para assumir um papel social específico que os outros reconhecem (GEE, 1996, p. 127).

Nona pergunta: Você busca ambiente onde possa falar em sua língua materna? Por quê?

Língua portuguesa:

“Não, não busco. Eu busco ambiente que me agrada, somente. Independentemente do idioma que está lá dentro.”

Língua tcheca:

“Não, não busco, estou bem em qualquer lugar.”

A entrevistada demonstra estar integrada à língua, ambiente e cultura local, que para ela o que importa é se o local propicia sensação de agradabilidade, e se atende às suas expectativas e aos seus interesses. Neste sentido, a sua integração já foi explicada pelos Silva, Melo, Anastácio (2009, p. 37) na análise da resposta anterior.

Terceira seção das perguntas (entender os efeitos culturais repercutidos no cotidiano do sujeito):

Na terceira parte, a entrevistada aparentemente se atreveu a explicar mais detalhadamente as suas respostas na parte em português do questionário, visivelmente de forma aberta, deve-se notar que tem uma forte tendência para descrever “eles” quando fala dos tchecos. Também na parte em português, ela demonstra mais vivacidade, energia, autenticidade nas suas respostas. Às respostas em tcheco, é mais calma, quieta, fechada, o que se reflete na extensão e profundidade delas.

Décima pergunta: Como você percebe os hábitos e costumes dos tchecos? Tem algo marcante que poderia comentar?

Língua portuguesa:

“Eu vejo muita coisa diferente e ao mesmo tempo parecida. Não há tanta diferença ... vamos dizer, mas por exemplo, República Tcheca, que me surpreendeu ... o que não percebi logo no começo, é o país muito machista. Do meu ponto de vista. Mas é o machismo muito mais duro, do que o machismo que eu tava acostumada no Brasil ... tipo assim ... que a mulher mesmo ... não sei se a mulher em si se ela também se auto ... inconscientemente ... se autodefine como machista ..., mas o homem senta e a mulher tem que o servir, o homem não vai ajudá-la. E ele meio que exige que a mulher, além de trabalhar fora, tem que cuidar dos filhos, e cuidar da casa ... e dele também. Você tem que ter tudo ... meio que vamos dizer perfeita para ele ... pacote, porque ele não vai deixar, por exemplo, de sair com os amigos ... ou cuidar dos filhos, por exemplo, ou fazer alguma coisa pra que alivie o estresse da mulher. Eu falo no meu caso assim ..., mas eu acredito que há os diferentes, mas que é ... tipo ... não tem aquela coisa de falar assim: ah, ela tá estressada, tem muita coisa, vou lá e ajudá-la. Não tem. Ou eu nunca percebi. Você que se dane. Entendeu? Eu quero ser servido. Eu vou trabalhar para ganhar o dinheiro e a mulher se vira ... se a mulher quer ajuda ... aí

Língua tcheca:

“Eles são fechados completamente. Fechados ... bem, o que posso dizer ... foi difícil me acostumar, porque acho que eles não entenderam bem a minha opinião, de onde eu era ou como era, nem se retiraram de jeito nenhum para mudar sua opinião. Eu era estrangeira, tive que me adaptar, não eles. Se eu quisesse estar com eles e entendê-los, eu tinha que tentar entender, conversar. Não foi muito agradável. Antigamente eu não me sentia bem-vinda na República Tcheca. Os estrangeiros recém-chegados provavelmente se sentem diferentes hoje ... quando eu cheguei pela primeira vez como turista, estava tudo bem. Mas quando vim morar aqui, senti, não inteiramente pressão, mas senti que eu era uma estrangeira, que não pertencia aqui. Mas também foi logo depois da queda do comunismo, então as pessoas não estavam muito acostumadas com os estrangeiros. Não havia muitos estrangeiros aqui, então foi difícil para mim. Hoje é diferente, os novos estrangeiros não sabem, não sentem como era antes ... As tradições são semelhantes, mas é diferente que as famílias se reúnem em pequenos números, a família é só mãe, pai e você para os tchecos. Não se encontram em grandes grupos.”

depende ... tinha muito momentos, por exemplo ... como meu exemplo pessoal ... que eu precisava certa ajuda e ele não tinha disponibilidade para me ajudar. Não só em relação ao dentro de casa, mas com outras coisas ... simplesmente sair um pouco mais cedo, ou sair de onde ele estava para fazer ... levar a filha ao médico ... ou pegá-la no curso, vamos dizer ... não ... não tinha essa disponibilidade para ajudar. E fora, a parte de cultura e alimentação, essas coisas que são um pouco diferentes ... os tchecos gostam muito das tradições, de seguir essas tradições, ele é assim ... bem ... não são muito flexíveis, vou dizer. Tem certos tchecos, pelo meu conhecimento, que são bem assim ... tradicionais e não são nada flexíveis.”

O sujeito pesquisado em sua língua nativa fala expressamente sobre o machismo, semelhanças e diferenças entre o Brasil e a República Tcheca, e o papel subalterno da mulher na cultura tcheca, a partir do seu exemplo pessoal. Ela pondera em voz alta que as mulheres tchecas também podem ser, sem saber, machistas. Além disso, menciona que considera alguns cidadãos tchecos inflexíveis e tradicionais.

Pelo contrário, na língua tcheca fala exclusivamente sobre a sua experiência negativa com a adaptação ao ambiente tcheco, que não se sentiu bem recebida e que sempre foi ela quem teve de se adaptar. No entanto, cria uma hipótese para essa experiência de “distanciamento” ter sido causado em virtude do comunismo antes da época da sua chegada (como ela menciona), e por essa razão acredita que os tchecos não estavam acostumados com os estrangeiros, o que - a seu ver - mudou muito nos dias de hoje. Ela também destaca o estranhamento com o costume de as famílias tchecas se reunirem em pequeno número, em comparação com às brasileiras, pois, para os tchecos a família significa apenas o primeiro núcleo familiar.

Na resposta em português, ela se expressa com carga positiva, falando da experiência própria como algo que a moveu para frente e que não a incomoda mais hoje. Já na língua tcheca

ela tem entonação e linguagem corporal mais triste, com a fala mais devagar, deixa claro que os fatos que descreve foram desagradáveis para ela e que lhe custou muita energia para lidar com os acontecimentos. Em síntese, apontou as diferenças, porém o conteúdo não se contrapõe.

Como já foi mostrado e explicado nas seções anteriores desta dissertação, a identidade nunca é formada por um único aspecto, mas depende de muitos impulsos e elementos ao redor do indivíduo, que estão em constante mudança. Nas respostas anteriores à última pergunta, é evidente que por muito tempo ela experimentou um choque cultural significativo (OBERG, 1954; OBERG, 1960) com a nova cultura, com o pensamento dos tchecos e os costumes com os quais ela teve que lidar e aos quais ela teve se adaptar. Na contemporaneidade, é necessário compreender a identidade como formada por relações e suas dinâmicas variáveis (HRDÁ e ŠÍP, 2011, p. 442), neste caso particular, é possível focar especificamente: contextos parciais de cultura e história; um exame cuidadoso não apenas do próprio indivíduo, mas também do mundo exterior com o qual ele está rodeado; ênfase na combinação e fusão de identidades em uma rede de relacionamentos diversos com outras pessoas; ênfase em valores (a identidade é determinada por valores que são interpretados e mudam constantemente).

É instigante notar que nas respostas em tcheco ela menciona praticamente apenas experiências negativas, enquanto em português ela tenta falar de forma mais neutra e buscar aspectos positivos também. Por este ângulo, vale muito a pena lembrar que a própria linguagem dificilmente pode explicar todo o conteúdo sem o conhecimento da cultura. “A língua nunca expressa tudo. A cultura preenche os detalhes.” (EVERETT, 2019, p. 272) exprime precisamente a necessidade de o usuário de uma língua não-materna ter um conhecimento mínimo das expressões não linguísticas e culturais que permitem a compreensão dos significados.

Décima primeira pergunta: Você se identifica com estes costumes, ou se sente apenas como um “observador”?

Língua portuguesa:

“Não, tipo assim ... eu me adaptei a muitos deles, me adaptei, por exemplo o Natal, eu tenho o Natal em casa com família e tudo ... a Páscoa ... mesma coisa, né ... essas partes culturais, tradição, eu gosto e eu me

Língua tcheca:

“Participo dos costumes tchecos para que minhas filhas aproveitem o Natal. Eu faço tudo o que você faz em uma casa tcheca.”

identifico também. Nunca matei carpa (*rindo*) ... que faz é sempre a mãe do meu marido. Mas já fiz comida tcheca, os doces. Não sou uma observadora, eu já mergulhei na cultura e tradições, eu já faço.”

Ela adotou a cultura e as tradições tchecas, seguramente em grande parte por causa de seu marido e especialmente por causa de suas filhas, o que ela confirma na resposta no idioma tcheco. Ela se identifica com os costumes culturais de seu novo país, o que ratifica sua adaptação e integração. Pela sua resposta em tcheco, mais uma vez mais curta do que na sua língua materna, pode-se sentir um certo pragmatismo: "Eu faço tudo o que você faz em uma casa tcheca", o que também pode ser entendido como uma confirmação indireta das suas respostas anteriores, afirmando que na cultura tcheca, segundo sua própria experiência, é a mulher que é responsável por cuidar de toda a casa.

A entrevistada já está integrada ao meio ambiente e à cultura local, procura participar ativamente dos costumes e tradições locais e enfatiza que os faz principalmente com suas filhas, que já nasceram em um novo ambiente cultural, para que tenham acesso ilimitado ao conhecimento e à aquisição das tradições culturais da República Tcheca. Como explicam Silva, Melo, Anastácio (2009, p. 37), a entrevistada embarcou no caminho da integração, onde tem um claro interesse e esforço para se integrar o máximo possível na nova cultura e, ao mesmo tempo, que é evidente a partir de outras respostas nessa entrevista, tenta preservar sua língua materna e suas tradições culturais, como exemplo a nomeação de suas filhas por nomes indígenas. A análise dessa resposta está em certa medida relacionada, e é parcialmente semelhante às análises das respostas à oitava e à nona perguntas.

Décima segunda pergunta: Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica mais?

Língua portuguesa:

“Eu acho que é mais na parte de segurança, e também cultura ... um pouco da cultura, mas segurança que eu gosto, que eu me sinto bem

Língua tcheca:

“Segurança.”

aqui. Mas mas isso não me impede de estar ... de querer estar no Brasil, de querer viver lá.”

O sujeito entrevistado menciona a segurança em ambas as respostas como o elemento mais identificável do seu cotidiano tcheco. Paralelamente, em concomitância a esse cenário, ressalta-se que ela enfatiza que mesmo considerando o fator segurança, isso não a impede de querer retornar ao Brasil. Esse complemento na resposta sobre o possível retorno ao seu país natal é compreensível quando olhado comparativamente nas respostas: segurança na República Tcheca e segurança no Brasil.

É amplamente conhecido, e fundamentado por pesquisas teóricas, que um indivíduo satisfaz principalmente suas necessidades fisiológicas e, posteriormente, cuida de sua segurança, em uma compreensão ampla do termo. No caso da entrevistada, não está claro de que tipo de segurança ela está falando, porém, é compreensível que ela esteja falando sobre sua segurança pessoal, sobre crime contra pessoa e contra propriedade pessoal. Com base na primeira definição conhecida de cultura (TYLOR, 1870, p. 31), que define que cultura é, entre outras coisas, a soma de todas as “configurações” morais e legais da sociedade, e se o conhecimento da parte teórica é adicionado de que a cultura é apenas um dos aspectos básicos que afetam a língua e a identidade do indivíduo, pode-se deduzir que a entrevistada, sem dúvida, passa por mudanças na identidade sociocultural mesmo no caso de segurança.

Décima terceira pergunta: Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica menos?

Língua portuguesa:

“Acho que são relações interpessoais. Não é a mesma coisa, é muito diferente, eu percebo ... os tchecos ... os tchecos não são muito de visitar em casa, sempre tem que ter aquele apontamento, apesar de que eu gosto de apontamento de horário e tal ... eu sou um pouco até ... eu sou um pouco até a alemã ...

Língua tcheca:

“Relações interpessoais. Por estarem fechados, são um pouco diferentes. Eles têm pensamento e cultura diferentes. Não me importo, estou acostumada.”

essa parte de horário certo eu gosto, mas ... essa relação de que marcando horário pra se encontrar, tem que avisar ... ou não tem. Aquela coisa de visitar na casa ... a coisa a gente estava acostumado ... de trazer pessoas, amigos dentro de casa, aqui se encontra tudo fora ... no bar, no restaurante, vamos dizer ... não é, por exemplo, muito de ah vamos almoçar lá fora, no domingo, em algum lugar ... e ... eu não tenho amizades tchecas, realmente, aquelas amizades que eu posso confiar ... aquela coisa de vamos lá ... aqui não tenho isso de ligar para eles me escutarem ... não ... isso tenho só com as amigas brasileiras aqui. Lá, quando eu, por exemplo, chego lá ... em casa dos meus pais que ficam no interior do São Paulo, eu já aviso antes que vou tá lá e as amigas querem encontrar, ligo para elas ... ah posso passar aí, já posso de uma boa, aqui não tem isso. Aqui eu chego depois de um tempo ... não tem isso de querer de se encontrar. Aqui é ... vamos marcar para daqui a não sei quanto tempo ... essa parte para mim é mais fria, mais diferente, mais distante.”

Ela usou as afirmações: “Não me importo; estou acostumada” várias vezes em respostas anteriores, o que pode significar uma certa renúncia, devido a uma situação de conformidade em relação à sua situação familiar, mas também pode denotar uma certa expressão de paz interior, algo com que ela não se preocupa mais por entender que não mudará. Sua resposta no idioma tcheco é mais uma vez muito breve e curta, enquanto, na resposta em português, ela se abre mais, com mais detalhes, e demonstra descontentamento com a prática social local em relação à necessidade de marcar um encontro nos espaços coletivos, diferente do costume

brasileiro, e enfatiza a falta de maior espontaneidade dos tchecos. Além disso, é relevante observar que mesmo após uma estadia relativamente longa de quase 15 anos no ambiente tcheco, ela afirma não ter amigos tchecos, diferentemente dos outros sujeitos brasileiros pesquisados.

As práticas sociais estão intimamente ligadas aos papéis sociais, que são definidos como padrões de comportamento impostos externamente aos indivíduos e relacionados às expectativas dos outros (RODRÍGUEZ CAAMAÑO, 2001) e não têm relação com o próprio indivíduo. No entanto, papéis sociais e personalidades, na concepção de linguística aplicada, identidade, interação, se influenciam e se moldam. As ciências sociais relatam os papéis sociais (JANDOUREK, 2003, pp. 61-63) como um conjunto de normas, direitos, deveres e explicações que condicionam o comportamento dos indivíduos em um grupo. A partir das respostas, pode-se deduzir que o sujeito entrevistado não tinha alcançado, por diversos motivos, os papéis sociais que a sociedade e a cultura local esperam dele e, portanto, pode vivenciar seus sentimentos de decepção e incompletude. O papel social não é um fator decisivo para a interculturalidade, porém pode ser considerado como um dos aspectos que determinam o grau de problemas ou complicações entre duas ou mais culturas, onde a cultura é o conhecimento tácito e a prática visível dos papéis sociais, posições e formas de compartilhar na comunidade (EVERETT, 2019, p. 362).

Quarta seção das perguntas (específica de identidades em suas reconfigurações):

Repete-se o cenário das observações anteriores, onde a entrevistada fala muito mais para responder em português do que na língua tcheca. Ela expressa-se mais livre e menos limitada em sua língua nativa e mais fechada e limitada pelas regras sociais na língua tcheca. A linguagem corporal também expressa essas observações da mesma maneira.

Décima quarta pergunta: Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país?

Língua portuguesa:

“(*pensou por 5 segundos*) Eu me sinto mais fechada, mais sozinha, mas não diferente em si. Tipo assim ... eu sou o que eu sou ... as

Língua tcheca:

“Eu acho que não. Eu sou a mesma.”

pessoas se meio adaptam pouco a mim ... não é que eu não me adapto à situação ... eu sou muito flexível, eu me adapto muito bem ao ambiente, tanto que já morei em outros países, mas ... eu respeito aqui as tradições, respeito como eles são e tudo, então eu sou bem adaptável ..., mas ... eu internamente, do jeito que eu sou, não me sinto diferente, por exemplo, eu sei que eu tenho os limites até ao onde ir, até ao chegar, até ao falar e tal, eu sei e eu respeito, uma boa. Eu consigo me adaptar ... ser uma pessoa ... durante a convivência, né, com os tchecos, mas aí eu me solto, por exemplo, eu fico mais à vontade, eu sou realmente mais leve ... quando estou quando estou com ah ... com as pessoas com quem eu possa estar mais leve, vamos dizer assim. Não precisa ser apenas com os brasileiros, mas não com os tchecos no dia a dia, vamos dizer assim, entendeu? O ambiente me fecha muito. Aqui me sinto totalmente fechada, meio isolada, sozinha ... não sei ... é isso.”

Na resposta em tcheco, afirma que é a mesma pessoa. No entanto, isto contrasta fortemente com a resposta na língua portuguesa, onde confirma que é diferente e as razões para esta reconfiguração. Ela pondera longamente sobre os motivos pelos quais se sente outra pessoa e por isso tem a identidade diferente, na qual o ambiente é essencial para ela. Pode-se inferir que essas questões não são fáceis, nem resolvidas, para ela, como se ela estivesse lutando por quem ela é. Além das informações expostas, é evidenciado em muitas de suas respostas que ela quer se adaptar à cultura local, que quer estar livre de problemas, porém, apesar de seus esforços de longo prazo (15 anos na República Tcheca), ela se sente “totalmente fechada, meio isolada, sozinha”.

Ela falou sobre essa questão por dois minutos, o que pode ser considerado muito tempo. Ao contrário, no idioma tcheco ela respondeu em apenas sete segundos e deu a entender que já não queria alongar mais a sua resposta. Analisando as respostas, é necessário refletir, dentre outras coisas, sobre as emoções humanas, sobre a formação de identidades por meio do ambiente sociocultural, e sobre se expressar de forma completamente diferente em diferentes línguas. Todos esses fatores citados podem ser vistos nas respostas.

As emoções como processos construídos mentalmente e socialmente, incluindo experiências subjetivas de prazer e desprazer (MACHÁČ, 1985, p. 56), avaliam fatos, eventos, situações e resultados de atividades de acordo com o estado subjetivo deles e, assim, definem atitudes para como enfrentar a situação dada. As emoções do sujeito de pesquisa se manifestem inserindo suas falas de acordo com a língua que ela usa, e assim alterando o conteúdo da mensagem: na língua tcheca é “fechada” e, portanto, fala muito estritamente; em português ela se sente “livre” e expressa verbalmente tudo o que deseja.

Nas respostas também é possível observar e analisar que elas são em sua maioria mais curtas na língua tcheca, o que pode estar relacionado ao fato de que as pessoas que falam línguas diferentes pensam de forma diferente (BORODITSKY, 2003, p. 66), formulam seu pensamento de forma diferente (EVERETT, 2012, p. 264), e em interação com seu ambiente, eles organizam e reorganizam constantemente a visão de si mesmos e sua relação com o mundo ao seu redor, mergulhando assim, sem perceber, na reconfirmação e renegociação de sua própria identidade (NORTON, 1997, p. 410).

Décima quinta pergunta: Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua tcheca?

Língua portuguesa:

“Um pouco sim. Um pouquinho. Mas não tanto. Talvez a maneira de, de ... eu acabei entendendo melhor os tchecos, vamos dizer assim. Através do idioma, porque eu sabia o que eles estavam falando, o pensamento, como eles agiam, como eles ... do que eles estavam falando, entendeu? Com certeza, mudou bastante essa parte, mas não que eu

Língua tcheca:

“Como me vejo, sei mais sobre as pessoas ... o que pensam e falam. Também consigo prestar mais atenção aonde ir, onde dar o próximo passo. Até o meu limite. Mas por outro lado, me adaptei e a língua me ajudou.”

mudei por causa disso. Eu só tive uma outra ... outra visão, vamos dizer. Dos tchecos. Eu acabei conhecendo-os melhor.”

Ela é mais confiante na resposta na língua portuguesa, e fala novamente sobre sua adaptação e que conheceu melhor os tchecos depois de ter compreensão sobre/da língua tcheca. Conclui-se que após a efetiva possibilidade de comunicabilidade por meio da língua ela se reconfigura no sentido de entender que as referências que trazia enquanto estrangeira não se aplicavam na mesma lógica no novo país, e que a compreensão da forma pensamentos dos cidadãos tchecos por meio da língua e da cultura a ajudaram compreender que a diferença não se traduzia sobre si, e sim sobre um comportamento social local. E essa percepção do outro só foi dirimida quando ela buscou, por meio da adaptabilidade, o uso da língua.

Primeiro ela começou a aprender a língua tcheca e depois a entender e absorver a cultura local. A língua é sempre a primeira no processo de aprendizagem sobre um novo país, uma nova cultura. No entanto, a língua e a cultura não podem ser separadas uma da outra e devem ser estudadas, compreendidas e absorvidas juntas para que o indivíduo possa conhecer suficientemente a nova comunidade. Consequentemente se deduz que a língua não pode ser aprendida isoladamente sem cultura, nem a língua sem cultura. A linguagem inclui o homem e a cultura como um todo, dessa forma é possível especular que ninguém entende totalmente o que as outras pessoas estão dizendo. Nós entendemos o suficiente, o idioma apenas “satisfaz” nossos requisitos, mas não é de forma alguma um sistema de comunicação perfeito. No entanto, quando usado diretamente com a cultura, o idioma é incrivelmente complexo e rico (EVERETT, 2019, p. 344).

Décima sexta pergunta: Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar?

Língua portuguesa:

“Eu voltaria. Porque é o meu país, é onde eu me identifico. Eu nunca me identifiquei totalmente aqui na República Tcheca ... a casa das minhas filhas é aqui, elas nasceram aqui, têm amigas dela e tudo, mas quando

Língua tcheca:

“Sim, eu voltaria. Porque ... porque lá é o meu país. Mas por outro lado, porque meus pais têm algumas terras e quero cuidar delas. E eu quero estar mais perto dos meus pais e amigas. Eu costumava me sentir repartida ao

elas estão no Brasil, elas se sentem brasileiras, elas se sentem bem, elas se sentem à vontade. Não é o lugar onde elas ... ah eu não quero estar aqui ... elas têm pouco medo por causa da segurança, isso é normal, mas não que elas não desejam estar lá. Tanto a que às vezes elas não querem voltar, de lá pra cá. Elas sentem lá uma família, uma união e elas tem ... tipo agora ... a maior já tá com 13 anos, ela já tá fazendo amizades dela e tal ... e frequenta mais a casa das amiguinhas que até, praticamente, ano passado não frequentava. E é a coisa que a gente, deixa a criança dormir na casa das amiguinhas, ou as amiguinhas vão dormir na nossa casa ... e aqui não é tão comum, vamos dizer. Eu sou totalmente aberta com isso, eu peço pra ela convidar as amigas pra virem em casa, mas as vezes ela acaba indo para casa das amiguinhas. E as pequenas já são mais flexíveis, por exemplo, elas já dormem mais vezes nas casas das amiguinhas, e as amiguinhas mais vezes dormem aqui em casa, entendeu? E no Brasil, quando estamos lá, minhas amigas têm filhas na idade delas ... querem ficar lá ... passam tarde lá ... ah ... elas vão dormir aqui e já dormem lá, já as deixo, tá, pode ficar. Não tem essa coisa de pode não, já é uma coisa mais aberta. Aqui não funciona dessa maneira.”

meio, meio ali e meio aqui. E não foi muito agradável para mim, porque nunca me senti aqui e ali. Não foi fácil para mim. Agora não é algo de me sentir meio a meio, me sinto uma brasileira e sei que agora o que mais me mantém aqui são as minhas filhas. Apenas ... apenas ... então, quando as meninas forem grandes é que provavelmente irei para o Brasil, porque minha vida é lá.”

Na língua tcheca, a resposta é mais fatural, evidencia emoção, no entanto pode ser interpretada como uma certa adaptação à cultura local. Suas filhas são o único vínculo que ela

descreve atualmente para permanecer em seu novo país. Nas duas línguas, ela admite a vontade e o fato de que quer voltar ao Brasil, mas ao mesmo tempo justifica que ainda não é o momento certo.

Em resposta em sua língua nativa, ela declara que nunca se identificou com a República Tcheca, levando a compreensão sobre uma reflexão de si. Entretanto, ao continuar respondendo, ela se concentra praticamente apenas na situação de suas filhas, e isso é muito forte e decisivo para ela.

Em ambas as línguas, ela afirma que tem uma situação financeira estável no Brasil, graças às propriedades de terras dos pais. E talvez por essa razão ela seja a única dos entrevistados brasileiros que disse que queria voltar ao Brasil, o que ficou evidente nas respostas anteriores (todos os outros entrevistados responderam que não querem voltar para o Brasil e querem continuar morando na República Tcheca).

Ao usar o idioma tcheco, é notório como ela usa o pronome “eles” para descrever e se referir aos tchecos. A língua reflete a reconfiguração total ou no mínimo parcial da identidade, de acordo com a língua que usa: quando fala em tcheco, ele se considera tcheca ou no mínimo não estrangeira, quando fala português, ela é brasileira. No entanto, também é muito significativo que o uso do português com o marido dependa do seu humor. Esta entrevistada fornece elementos importantes e notáveis para futuras conclusões.

Por meio das respostas às perguntas finais, conclui-se que o sujeito pesquisado se integrou (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37) à sociedade tcheca de forma invulgar, mas nunca se assimilou à cultura tcheca (SPIELBERGER, 2004) e que o desejo de retornar ao seu país de origem é muito forte e prevalece sobre os demais, e só é postergado por pensar no bem de seus próprios descendentes.

Em resumo, na entrevista acima, alguns pontos importantes podem ser encontrados: ela fala muito especificamente na língua tcheca: influenciada pela língua e pela cultura local que a “fecha”, ela também fala de forma muito “brasileira” em sua língua materna, o que ela confirma ao dizer que ainda é brasileira; estou “acostumado” é uma afirmação muito forte para ela, que se repete em muitas respostas. Paralelamente, é muito integrada e até certo ponto assimilada à cultura tcheca e fala tcheco em um nível muito avançado; não está sendo honesta consigo mesma, ou sua reconfiguração é tão pronunciada que não percebe as diferentes respostas que foram registradas. Respondendo à décima quarta pergunta na língua tcheca: “Eu sou a mesma.” Na resposta em língua portuguesa, ao contrário, afirma: “me sinto totalmente fechada, meio

isolada, sozinha”. Isso pode ser patentemente interpretado como uma reconfiguração clara da identidade.

Das análises acima descritas conclui-se que a identidade da entrevistada se reconfigurou usando a nova língua e morando no novo ambiente sociocultural.

APÊNDICE I – ENTREVISTADO N° 9

Quadro 10 - Entrevistado n° 9 = entrevista N° 17 e 18

Idade e gênero	27, feminino
Naturalidade	Campo Grande / MS, Brasil
Residente em	Praga, República Tcheca
Profissão	Estudante de medicina na língua inglesa em Praga
Formação	Ensino médio completo
Língua não materna	Sua fluência na língua tcheca é melhor do que ela acredita: nível intermediário superior. Quer aprender ainda mais, porém sabe se expressar sem graves problemas lexicais e gramaticais, além disso sabe conjugar muito bem e não tem sotaque estrangeiro tão perceptível.
Estado civil	É casada com um cidadão tcheco, sem filhos.
Tempo na Rep. Tcheca	Está domiciliada há nove anos na República Tcheca.
Tempo de gravações	Língua portuguesa: 18 minutos, língua tcheca: 12 minutos.
Observação relevante	Única dos entrevistados que pediu o autor para usar palavra “senhora” para tratá-la em vez de “tu” na língua tcheca ¹⁴¹ . Outros sujeitos brasileiros preferiam que o autor da tese usasse “tu” no tcheco com eles, até porque usar “tu” é mais fácil na língua tcheca ¹⁴² .
Data de entrevistas	26 de julho de 2019
Local de entrevistas	No escritório do autor em Praga

Fonte: do autor

¹⁴¹ Na língua tcheca distinguimos muito a hierarquia na sociedade pelo uso da língua, e há regras sociais que determinam quem pode oferecer “tu” para quem e quem não pode oferecer. Por exemplo: a mulher sempre oferece para o homem; mais velho oferece para mais jovem etc. (nota do autor).

¹⁴² Fórmulas de tratamento são conhecidas como “distinção T-V” que existe em alguns idiomas e serve para transmitir formalidade ou familiaridade. Seu nome vem dos pronomes latinos “tu” e “vos”. A distinção assume várias formas e indica níveis variados de polidez, familiaridade, cortesia, idade ou até insulto ao destinatário. O campo que estuda e descreve esse fenômeno é a sociolinguística.

A entrevistada é uma brasileira que veio para a República Tcheca relativamente jovem e que gosta muito de sua vida atual. O seu caso é interessante em vários aspectos: a única dos sujeitos brasileiros que exigiu o uso de uma linguagem formal “senhora” com o pesquisador. Neste contexto, fala muito bem a língua local, apesar de ser estudante de medicina na língua inglesa, ela diz não se sentir mais em casa durante suas visitas ao seu país de origem, e como “se sente perdida entre dois mundos”.

Primeira seção das perguntas (aproximação dos entrevistados com o pesquisador):

Ela optou por se sentar à mesa para entrevista, apoiou os cotovelos e inclinou-se levemente na direção do pesquisador. Ela emanava uma energia positiva, sorrindo às vezes, e com isso a entrevista com ela foi muito agradável e descontraída. Em suas respostas, pareceu ser evasiva evitando entrar em detalhes pessoais nas respostas, em comparação com os outros entrevistados, sendo que sua abordagem geral da entrevista pode ser classificada como muito prática e profissional. Embora seja fluente em tcheco, é evidente que ela não é uma falante nativa da língua e, além disso, pode-se observar sua diligência no uso da fala, na escolha das palavras e na tentativa de falar gramaticalmente corretamente.

Primeira pergunta: Por que você está morando na República Tcheca?

Língua portuguesa:

“Eu estou aqui ... em agosto são 10 anos. Eu vim como intercambista, assim que terminei o ensino médio no Brasil, eu vim como intercambista aqui ... e eu gosto muito (*sorrindo muito*), e eu não queira voltar para o Brasil ... e quando eu voltei pra o Brasil no final do intercâmbio, eu não me sentia muito em casa, depois de três meses eu voltei pra cá ... pra estudar aqui e fiquei. Mas eu continuo indo para o Brasil a cada dois ... não ... duas vezes por ano, uma vez por ano pelo menos.”

Língua tcheca:

“Moro aqui há quase 10 anos. Vim como intercambista e gostei daqui, então decidi ficar ao invés de voltar para casa.”

Ela respondeu de forma praticamente idêntica, só que na sua língua materna expande a resposta em mais detalhes. Quando ela voltou pela primeira vez depois do intercâmbio ao Brasil, ela já “não se sentia muito em casa”, e relativamente cedo (após 3 meses) ela voltou para a República Tcheca definitivamente. Contudo, ela mantém contato com o seu país de origem viajando regularmente para lá.

Infelizmente, a entrevistada não explicou as razões exatas pelas quais ela fez o intercâmbio no exterior na primeira resposta. Na cultura tcheca existe um ditado popular: “vá fora para ganhar experiência” (*nota do autor*), então é possível supor que foi por motivos acadêmicos que podem ser entendidos como pressões sociais, isso é, cobrança da sociedade, ambos internos e externos, e que podem influenciar o comportamento e as opiniões de cada um de nós, e nos “estimular” a ir para o exterior com objetivo de viver uma experiência nova. Consequentemente, pode-se falar das bases da globalização e da migração em massa, e a partir desse entendimento pode se constatar que o conhecimento de uma língua estrangeira é uma vantagem indiscutível (RAFINO, 2019). Nesse contexto, já é tangível ressaltar pontos referentes a pontos específicos sobre a dificuldade de definição da identidade, que é discutida em trabalhos científicos no campo da psicologia do desenvolvimento e questões sociopsicológicas (VÝROST e SLAMĚNÍK, 2008), sociológico e pedagógico social (ŠVARŤÍČEK, 2007) ou no caso da linguagem e da identidade, especialmente sociocultural e sociolinguística (WERLEN, 2002) ou na pragmalinguística (AGUADO, 2013). Em um mundo globalizado, as viagens são uma rotina diária, levando a fluxos constantes de identidades, mudanças e reconfigurações, e por isso já se descreve uma volatilidade identitária (RAJAGOPALAN, 2003, p. 59), quando a identidade linguística nunca esteve tão exposta às influências estrangeiras na história humana, como tem avançado até os tempos atuais. A volatilidade e a instabilidade se tornaram traços característicos das identidades no mundo atual, que no caso da entrevistada também predeterminam sua identidade sociocultural em mudança.

Segunda pergunta: Você gosta de morar na República Tcheca?

Língua portuguesa:

“Eu gosto, principalmente ... coisas pequenas, não só a questão de segurança ... e também principalmente do clima. Porque eu

Língua tcheca:

“Sim, muito. Porque não está tão quente quanto lá. Embora seja quente no verão, leva apenas dois meses ... três. E depois nada. E

venho de uma cidade que é muito quente, sempre, eu costumo dizer que eu morei no verão por dezoito anos ... e aqui não, aqui pelo menos tem as estações (<i>sorrindo</i>).”	aqui está ... por exemplo ... como se diz ... elétricos, ônibus, metrô ... todos passam na hora e é mais seguro que no Brasil.”
---	---

Em ambas as línguas respondeu com grande entusiasmo e ânimo ao declarar: “sim, gosto de viver aqui”, e em ambos os idiomas respondeu da mesma forma, apenas os detalhes diferem de uma para outra resposta. Deu para perceber nessas respostas muita energia positiva, algo que poderia ser comparado ao sentimento de “sim, agora encontrei o que queria”, e é muito fácil estimar que ela não retornará ao seu país de origem com o objetivo de morar em um futuro próximo a menos que algo imprevisível aconteça. A partir dessas respostas, é possível deduzir seu interesse em continuar a vida atual no novo país.

As respostas para segunda pergunta contêm aspectos muito semelhantes a serem analisados, portanto, serão discutidos em conjunto com as respostas à terceira questão. E o fator “segurança” será analisado junto com as respostas à décima segunda pergunta.

Terceira pergunta: O que você fazia em seu país, e o que está fazendo aqui?

Língua portuguesa:

“Antes, como já disse ... eu saí de lá assim que eu terminei o ensino médio ... então ... praticamente eu só estudei e saí com os amigos e essas coisas ... e aqui eu continuo ... tô estudando agora ... medicina ... em inglês não no tcheco ... e ... é o que tô fazendo agora, tô no ... terminando segundo ano.”

Língua tcheca:

“Sou estudante, me formei no ensino médio no Brasil e estou estudando medicina aqui. Agora estou terminando meu segundo ano.”

Um fato interessante sobre essas respostas, que são praticamente idênticas em seu conteúdo, é o fato de o sujeito pesquisado estudar em inglês e mesmo assim o seu nível na língua tcheca é muito alto. O fato de não estudar medicina nem na língua local, nem na sua língua materna a coloca em uma situação mais difícil no que diz respeito à aprendizagem e utilização da língua tcheca, porém isso não se reflete na sua fluência no idioma local.

As respostas à segunda e terceira pergunta revelam um interesse positivo pela República Tcheca, que se reflete na motivação para se integrar na cultura e especialmente na língua local, embora estude em inglês. Nesse sentido, é muito apropriado, importante e esclarecedor direcionar esta análise para a própria motivação, que está intrinsecamente ligada às possíveis mudanças de identidade, pois explica quando e em que situações ela motiva as pessoas a agirem de acordo aos seus objetivos (OYSERMAN, 2015). A motivação é, sem dúvida, um fator que afeta significativamente o uso da língua e em seguida uma possível reconstrução da identidade, além de também ser um fator que afeta diretamente a aprendizagem por meio do uso de uma nova língua e, portanto, uma integração mais profunda em uma nova cultura (DÖRNYEI, 1998; 1994; NORTON, 2000; ANYA, 2017). A motivação, ou a falta dela, desempenha um papel crucial na situação de aprendizagem de uma nova língua e no desenvolvimento de competências linguísticas (ANJOMSHOA e SADIGHI, 2015, p. 130), o que se confirma no caso desta entrevistada que, embora usando tcheco praticamente menos do que inglês, o conhecimento do idioma local é bastante avançado.

Segunda seção das perguntas (intenção de perceber como se dá a interação do sujeito com a língua materna versus a língua oficial do país em que ele vive):

A conversa continua em um ambiente sério, porém agradável, sem distrações externas. A entrevistada está focada e demonstra interesse pelo tema da pesquisa e a fala é conduzida rapidamente pela entrevistada, em ambos os idiomas. Ela mantém distância pessoal, mesmo que em alguns momentos sorria ou ria alto. Seu conhecimento do tcheco é admirável ao entrevistador.

Quarta pergunta: Você se comunica na língua portuguesa aqui, ou é usuário de outras línguas também?

Língua portuguesa:

“Não muito, converso em português ... tem uma amiga só ... brasileira que tá morando em Pardubice¹⁴³ agora ... eu converso com ela pouco pela internet, às vezes a gente se

Língua tcheca:

“Em português ... falo com uma amiga e meus pais por telefone. Nos outros casos, falo inglês ou tcheco. Não sei mais o quê, porque estou ... na escola apenas em inglês, e estou

¹⁴³ Pardubice é uma cidade da República Tcheca localizada às margens do rio Elba, a 104 km a leste de Praga (nota do autor).

encontra, mas pouquíssimas vezes e eu converso em português só quando ligo pra minha mãe. Eu converso com os meus pais uma vez por dia, todo dia, porque eles ficam preocupados (*rindo*). Aqui eu converso mais em tcheco ou em inglês, em português não. Em tcheco quando tô falando ... às vezes com o meu marido ... com família dele sempre em tcheco ... e na rua ... dessas coisas, sim em tcheco, mas na escola ... por most¹⁴⁴ amigos serem todos inglês ... eu também converso com o meu marido em inglês, porque sou acostumada conversar com ele em inglês desde que eu era intercambista, não sabia tcheco, então eu me sinto estranho falando tcheco com ele ... então ... a gente costuma dizer que nós temos o nosso próprio idioma porque eu começo uma frase .. aí eu falo ... começo em inglês, meio tcheco, término em inglês ... e rápido, a gente nem pensa o que tá falando e ... os amigos dele ficam sem entender às vezes porque (*rindo*) ..., mas ele também fala sim ... comigo então ... O meu marido não fala português, ele fala espanhol, ele fez intercâmbio na Argentina ... então ele acha que já sabe o suficiente pra não ficar perdido, pra entender. Ele conhece os meus pais, eles não falam inglês então ... eles falam com ele em português, ele fala em espanhol ... e no final eles sempre sorriam ... eles fingem que se entendem e fica todo mundo feliz (*rindo*).”

na escola com bastante frequência, e em casa com meu marido ... inglês-tcheco ... meio que misturamos, eu diria meio a meio. Não tenho amigos aqui com quem só falaria tcheco.”

¹⁴⁴ Em sua resposta, utilizou a palavra inglesa “most”, que em português significa “maioria” (nota do autor).

Com um pouco de exagero, pode-se dizer que ela não usa a língua portuguesa na sua vida tcheca. Em ambas as respostas, menciona “uma amiga”, que não mora em Praga. Além disso, fala português remotamente apenas via internet com a sua família. Na universidade ela só usa inglês e fala com o marido sob um misto de tcheco e inglês, onde se percebe que, neste caso, o inglês está mais próximo dela. A mesma situação pode ser compreendida com seus comentários sobre o ambiente acadêmico, à proporção que pode ser confirmada pela resposta na língua portuguesa quando naturalmente ela usou uma palavra em inglês, não parou e continuou a resposta em português. Assim se pode imaginar como com o seu marido eles misturam as línguas.

Ela é a única respondente de todos os analisados para os quais é possível identificar a teoria da "translinguagem", fenômeno caracterizado por misturar línguas no seu cotidiano, como foi o caso da resposta a esta pergunta. É claro que ela, como pessoa não monolíngue, utiliza várias línguas, que se misturam entre si, como um sistema de comunicação integrado, para criar e compreender o sentido do mundo (CANAGARAJAH, 2011, p. 401). Essa mistura de formas de idiomas de diferentes fontes também inclui diferentes articulações de identidade e negociação dentro dos espaços sociais recém-criados. Essas identidades não são estáticas nem monolíticas, mas sim dinâmicas e complexas (WEI e HUA, 2013, p. 532). Para falantes multilíngues, pode ser natural que sua comunicação não seja em um único idioma, todavia os parceiros de comunicação podem usar todos os idiomas que falam (CANAGARAJAH, 2011, p. 14).

Quinta pergunta: Com quem você, geralmente, fala em português? Falando português aqui, como você se sente?

Língua portuguesa:

“Com a minha família mesmo, com minha amiga já faz tempo que nós nos falamos ... não tenho problema assim falando português aqui. Eu tenho ... eu percebo, que tenho problema quando ... por exemplo tô indo pro Brasil ... e vou por exemplo por Amsterdã, quando tô esperando pra embarcar no avião

Língua tcheca:

“Eu me sinto normal, não tenho nenhum problema ... é um pouco engraçado quando eu falo com a minha mãe no telefone no transporte público, e todo mundo olha para mim pensando “que língua é essa?”, e eles com certeza pensam, que é o espanhol.

de Amsterdã pra São Paulo, e eu vejo o povo falando português ... me dá tipo ... eu não gosto muito ... um pouquinho me irrita, não sei por que ... tipo ... não tenho ... uma noção ... eu não sei explicar. E quando tô no Brasil e tô dormindo e a minha mãe me acorda, eu respondo pra ela em tcheco (*risos*).”

Português não é uma língua muito conhecida por aqui.”

De acordo com suas respostas, pode-se deduzir que ela não tenta suprimir sua língua materna, porém, a percebe apenas como uma ferramenta de comunicação com sua família biológica. No entanto, também é possível observar que os brasileiros que falam português e que ela encontra em suas viagens ao Brasil a “irritam”, o que ela não consegue explicar. Ademais pode-se presumir que esse tipo de sentimento ocorre em pessoas que possuem uma relação indistinta, até crítica, com sua cultura original, que pode ser expressa na linguagem. Também é evidente que a língua tcheca se torna uma parte natural para ela quando comenta que, ao ser acordada do sono, ela responde a sua mãe em tcheco.

Dá para especular sobre a possível antipatia à língua materna, o que não cabe classificar como vergonha ou desapego, porém sim como destacamento, em síntese se pode entender como uma certa supressão subconsciente de tudo o que é brasileiro e representado pela língua. Conforme já mencionado na parte teórica, a linguagem está profundamente enraizada na mente do falante (KRUMM, 2003), onde a propriedade emocionalmente intensa da linguagem se manifesta, o que pode levar à rejeição consciente ou inconsciente da linguagem, o que então, sem dúvida, se manifesta no processo de desenvolvimento, mudanças e reconfiguração da identidade sociocultural.

Sexta pergunta: Você fala a língua tcheca fluentemente?

Língua portuguesa:

“Eu cometo vários ... erros ..., mas não ..., mas entendo muito bem, eu tenho certificado de B2, em Praga eu fiz ... então ... eu entendo melhor do que eu falo, digamos, porque às

Língua tcheca:

“Não, acho que entendo muito melhor do que falo porque cometo alguns erros ... e assim por diante.”

vezes ... as declinações (*rindo*) ... é muita coisa ... às vezes acontece.”

Em sua própria avaliação do nível da língua tcheca, pode-se dizer que ela está se subestimando. Em comparação com os outros entrevistados, ela tem uma base gramatical muito qualificada, o que revela que tenha estudado o tcheco sistematicamente.

As respostas à sexta pergunta, com o seu conteúdo expresso, seguem as mesmas da segunda e da terceira pergunta, o que significa que se pode voltar a dialogar sobre motivação, sob novos aspectos relevantes. Não é razoável repetir a análise já mencionada, mas pode ser ampliada: a motivação também pode ser vista como um impulso interno que inicia, dirige e mantém o comportamento em direção ao objetivo (FALCÃO, 2001, p. 62). Em outras palavras, se a entrevistada não praticasse suas habilidades no idioma tcheco, seu conhecimento a afetaria negativamente.

Sétima pergunta: Com quem você, geralmente, fala tcheco? Falando tcheco, como você se sente?

Língua portuguesa:

“Ahh ... quando tô na rua, quando tô no mercado, em qualquer situação em que eu não conheço a pessoa, mas sei que ela é tcheca ... às vezes com o meu marido, sempre com a família dele falo tcheco mesmo que eles falem inglês ..., mas com eles sempre em tcheco. Falando tcheco eu me sinto ... eu acho que um pouco ansiosa, porque não sei ... claro que não é minha língua nativa pra mim então ... não sai tão natural, eu acho, quanto português mas ... eu tenho que às vezes ficar prestando atenção numa palavra ou outra ... e quando escuto que o meu sotaque não é bom ou que ... eu fiz um erro ... ou

Língua tcheca:

“Com a família do marido e em qualquer outro lugar como supermercados, escritórios e coisas assim. Quando falo tcheco, fico um pouco nervosa, um pouco, porque sei que tenho que ... não quero falar mal ..., mas às vezes eu percebo que falo mal ou ..., mas não sei ... estou feliz por conseguir falar assim (*risos*) e por entender. Algumas pessoas me corrigem ... e depende de como elas me corrigem, como estão se expressando. É diferente quando alguém corrige e ajuda o senhor e às vezes quando diz apenas “não é assim” ... então depende disso.”

alguma coisa assim ... eu fico mais retraída....
 isso me limita no sentido de que eu fico mais
 quieta, não quero falar tanto quanto no
 português ou em inglês.”

Embora tenha a oportunidade de falar inglês (por exemplo com a família do marido), decide falar tcheco, de onde se pode deduzir que está muito interessada em usar e praticar a língua tcheca. Infelizmente para ela, que é perfeccionista e quer falar “corretamente”, como comenta, nos dois idiomas. Sua compreensão sobre erros e acertos na língua a “limita” a ponto de ela não querer falar tanto quanto como em português ou inglês, e conseqüentemente se sentir “retraída”.

Destaco nessa parte que a situação da segunda e terceira pergunta se repete. A motivação e a integração podem ser discutidas, além disso também a autocensura, que será mencionada e analisada a posteriori na análise de cidadãos tchecos que vivem no Brasil. Neste momento, a motivação para aprender uma língua pode ser vista como pensamentos e sentimentos que nos levam a querer fazer algo, assim como a querer continuar e transformar essa vontade em ação (WILLIAMS, 1995).

Oitava pergunta: Quando você chegou aqui, teve dificuldade com a língua tcheca? Quais?

Língua portuguesa:

“Eu tive. Porque quando eu ainda tava no Brasil, tentei procurar ... as informações na internet sobre a língua e tudo e ... fiz um curso, digamos, com um estudante brasileiro que tinha acabado de voltar de intercâmbio, então ele ensinou palavras básicas e tudo ..., mas eu lembro que primeira vez que achei ... antes desse curso, eu achei uma ... um site ensinando tcheco e eu colocava um áudio e

Língua tcheca:

“Sim, porque é uma linguagem muito complicada (*risos*). No início nunca entendi por que tudo tinha que mudar, não pude fazer aquelas declinações. Eu me lembro, bem no começo, quando eles me disseram: “Deniso¹⁴⁷, Deniso!”, e eu disse: “O que é Deniso?”, E eles disseram: “Esse é o seu nome.” e eu disse: “Não” (*risos*). E eles me

¹⁴⁷ Quando se precisa tratar a alguém na língua tcheca, usa-se a quinta declinação, aqui “Denise” muda para “Deniso”. Nesse caso, o nome foi alterado para preservar a privacidade da entrevistada, o nome Denise não é o nome real da entrevistada. Outro exemplo, no caso do autor da tese, a alteração será: Petr - Petře (nota do autor).

tentava repetir as palavra, e eu lembro que tava aprendendo os dias da semana: pondělí¹⁴⁵ ... oooo eu sei disso ... úterý ... consegui repetir ... středa¹⁴⁶ ... eu falei “ai, ai, ai” ... demorou algumas tentativas, aí ... čtvrtek ... eu falei “Meu Deus do céu, nunca vou falar essa língua” (*rindo*). E quando cheguei aqui ... falavam muito rápido e eu não consegui distinguir uma palavra e outra, só que tinha aprendido algumas palavras que ... eu consegui me orientar ..., mas pensei: “nunca vou conseguir aprender uma língua assim” ... era difícil, mas consegui (*rindo*).”

explicaram, esta é a declinação, e está mudando ... essas diferenças.”

Ela tem uma abordagem realista e sistemática para aprender um novo idioma. Mesmo antes de sua mudança, ela estava precisamente se preparando para a comunicação na língua local. Ela declara que o tcheco é uma língua difícil, mas também é interessante notar que ao mesmo tempo ela diz que já “conseguiu” aprender a língua.

Pode-se certamente discutir novamente a motivação e o esforço para se integrar à sociedade local, porém este caso é mais complexo, mais interessante e ainda mais misterioso, exigindo tempo e reflexão cuidadosa. No caso desta entrevistada, deve-se levar em consideração que as identidades e suas reconfigurações não são unificadas, são diferentes e muito diversas caso a caso. Aqui se pode reconhecer a identidade com sua dinâmica multifacetada e variável, onde é necessário levar em conta o exame cuidadoso não só do indivíduo, mas também do mundo exterior, que o cerca, usar múltiplas perspectivas, examinar também os valores que a pessoa desenvolve e a muda e, principalmente, a ênfase na linguagem, que é um elemento constitutivo da identidade (HRDÁ e ŠÍP, 2011, p. 442). Desse modo, é necessário reiterar que embora não fale tcheco durante os estudos e fala tcheco-inglês com o

¹⁴⁵ Pondělí, úterý, středa, čtvrtek significa em português: segunda, terça, quarta, quinta (nota do autor).

¹⁴⁶ A gramática da língua tcheca é desafiadora, mas ainda mais poderia ser a pronúncia das consoantes e de certa vogal. Alguns exemplos: ě (c com acento na forma de um pequeno “v” acima da letra) é pronunciado como “ts” e “ch”. O som mais difícil de todos é ř (r com acento na forma de um pequeno “v” acima da letra), até mesmo algumas crianças tchecas recebem aulas extras de pronúncia se não disserem esse som corretamente. Também é muito difícil para estrangeiros combinar consoantes em uma palavra, por exemplo, “čtvrtek”, que significa quinta-feira em português (nota do autor).

marido em casa, o seu nível de conhecimentos é muito elevado, como se utilizasse apenas a língua local para a sua comunicação.

Nona pergunta: Você busca ambiente onde possa falar em sua língua materna? Por quê?

Língua portuguesa:

“Não. É totalmente contra ... o que eu ... porque eu penso: eu vim pra cá, eu escolhi, eu tinha vindo como intercambista, depois resolvi vim pra cá pra morar ... então quero me adaptar a cultura daqui. Então eu acho que ... por exemplo sempre ... na internet tudo bem ... eu tô no grupo de brasileiros em Praga e eu tenho grupo de brasileiros na República Tcheca ... e ... tudo bem, na internet eu converso com eles, se alguém precisa de ajuda, eu oriento e alguma coisa assim ..., mas eu não gosto dessas coisas de “há festa brasileira”, e isso brasileiro ... eu não gosto, não me sinto muito bem, tipo, eu saí de lá, eu não quero ... ficar nessa bolha brasileira ... porque não é o que vim buscar.”

Língua tcheca:

“Não. Porque eu acho que quando eu moro aqui tenho que me adaptar e falar em tcheco ou inglês, porque agora muitos estrangeiros vivem aqui ..., mas ... eu não me importo de falar português, mas não preciso disto.”

A entrevistada expressa a mesma opinião nos dois idiomas: quer se integrar e se adaptar à cultura local e não quer ou não tem motivo, respectivamente, para se encontrar com os brasileiros no seu novo país, porque não gosta do sentimento de comunidade fechada “bolhas”. Ela tem uma visão bem definida do assunto e também é interessante detectar a sua visão da língua inglesa, a qual ela percebe como uma possível alternativa em relação à língua local, o tcheco.

A entrevistada já se reorientou e identificou com o seu novo papel, o que significa que se sente como uma cidadã da República Tcheca, além do que já se considere por si mesma suficientemente integrada na sociedade. Seu novo papel social pode ser visto como impulsionado pelas expectativas alheias e internas, conforme definido, por exemplo, por

Rodríguez Caamaño (2001), o que é uma afirmação muito polêmica. Os papéis sociais e as identidades devem interagir naturalmente uns com os outros e, como o papel social muda uma pessoa em particular é compreensível que também seja influenciado por essa pessoa. O papel social também é visto como um conjunto de normas, direitos, responsabilidades e explicações que condicionam o comportamento dos indivíduos em um grupo ou instituição (JANDOUREK, 2003, pp. 61-63). Entretanto outros aspectos como: interculturalidade (MOTA, SCHEYERL, 2004; MENDES, 2007), motivação para aprender uma nova língua (ANJOMSHOA e SADIGHI, 2015), integração, adaptação e possível rejeição de sua cultura original (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37), entram na formação de um papel social, que posteriormente afeta a identidade sociocultural do indivíduo.

Terceira seção das perguntas (entender os efeitos culturais repercutidos no cotidiano do sujeito):

Nessa parte da entrevista, o sujeito está mais relaxado e quer compartilhar com o pesquisador mais informações. Percebe-se que ela sempre pensa nas suas respostas e que já tinha formado opiniões muito claras sobre as questões pesquisadas. A conversa permanece em um clima e ambiente tranquilo e agradável.

Décima pergunta: Como você percebe os hábitos e costumes dos tchecos? Tem algo marcante que poderia comentar?

Língua portuguesa:

“Eu acho que já me adaptei muito aqui (*risos*) então não tem nada assim que ... que seja tão estranho aqui, eu acho ... tô tentando pensar em alguma coisa ... o que eu acho interessante é que os tchecos, eles são, em maioria, ateístas, que eu tinha escutado que cerca de 70 por cento de ateístas¹⁴⁸ ou então que não têm religião e no Brasil é o contrário, 70 por cento ... cristianismo. E aqui eu acho

Língua tcheca:

“Eu acho ... gosto do jeito que eles têm aqui. A cultura aqui: a maioria são ateus, mas eu gosto que eles realmente tenham esses hábitos cristãos. No Brasil, o oposto é verdadeiro. Gosto que mantenha a cultura.”

¹⁴⁸ De acordo com estatísticas, e comparando apenas sistemas democráticos de governo (o autor excluiu China e Coreia do Norte), a República Tcheca é o segundo país mais descrente do mundo, com 72 por cento da população. O primeiro é a Suécia com 73 por cento (nota do autor: tirado de <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/most-atheist-countries> no dia 05/07/2021).

interessante que mesmo sendo todo mundo ateu ... ou digamos ... vocês continuam tendo as tradições cristãs e mantendo ... por exemplo na Páscoa vocês comemoram, ou no Natal vocês ensinam as crianças sobre o menino Jesus ... e eu penso, em qual idade vocês falam que ... não tem menino Jesus (*sorrindo*) ..., mas eu acho muito bonito e interessante isso ... que vocês mantêm as tradições até mesmo em Praga, uma cidade grande ... eu acho muito bacana isso aqui. No Brasil mesmo sendo muito cristão não tem isso de manter tradição ... é mais festa.”

A entrevistada diz que se “adaptou”, então não se surpreende mais. Em qualquer caso, ela comenta em ambas as línguas sobre o fato de que existem tradições cristãs muito vigentes na República Tcheca, embora a população local seja, em sua maioria, descrente. Na língua tcheca, é muito significativo que ela use “vocês” ao falar sobre os tchecos, entretanto isso pode ser contextualmente entendido como uma forma de resposta quando a pergunta é formulada no sentido: fale sobre os tchecos.

A entrevistada passou por uma forma muito branda de choque cultural (OBERG, 1954; OBERG, 1960), quando ela conheceu a nova realidade em uma nova sociedade. O choque cultural é uma parte muito natural da mudança para um novo país, todavia a rejeição de uma nova cultura deve ser superada no interesse de uma integração mais profunda. Como já foi demonstrado em análises de questões anteriores, o sujeito pesquisado aceita a cultura tcheca, no entanto, em relação às questões religiosas e ao fato de os tchecos respeitarem fortemente as tradições, obviamente a surpreendeu. O que é muito positivo sobre sua abordagem é o fato de que ela usou essas diferenças culturais para pensar, refletir, comparando com os hábitos brasileiros e, finalmente, aceitá-las quando diz, “eu acho muito bacana isso aqui”. Mesmo nessa visão, é viável que esse fato cause uma reconfiguração parcial de sua identidade.

Décima primeira pergunta: Você se identifica com estes costumes, ou se sente apenas como um “observador”?

Língua portuguesa:

“Eu ... mais como observadora do que me sinto com isso ... eu acho que porque eu não cresci com isso, então ... por exemplo Natal quando a família se junta e começa a cantar as musiquinhas ... eu me sinto tipo ... é bonito e tudo mais não é ... minha coisa. Mas também no Brasil eu me sentia ... tão ... assim bem que ... é diferente. Aqui me sinto mais observadora do que ... eu acho que estou perdida entre dois mundos ... por exemplo, eu cresci vendo filmes com Natal com neve ... essas coisas e tal ... o Natal no Brasil é para gente na praia, no verão. Então, eu meio que ... quero me identificar com um lado ..., mas tava feliz na praia e tudo ... e quando vem o Natal com neve e presentes e tudo ... eu penso: “ah, quero ficar na praia” ... então é meio ... (*risos*).”

Língua tcheca:

“Mais como uma observadora, porque ... eu não cresci com isso. Porém é algo que eu gosto. Mas não sinto os costumes em mim.”

Como ela mesmo estava declarando, ela sente-se “mais observador do que ... eu acho que estou perdida entre dois mundos”, quer se identificar com os costumes tchecos, todavia se sente como uma observadora desses costumes e tradições que gosta. Não fica claro nas respostas se ela não se sente mais parte da cultura e dos costumes brasileiros e, também é possível, de acordo com as respostas, estimar que ela já está envolvida nos costumes tchecos.

Interculturalidade, cosmopolitismo são dois termos que podem ser identificados com clareza em suas respostas, quando ambos existem desde o início da humanidade, e quando ambos devem ser entendidos como realidade e oportunidade que promove sociedades amigáveis e abertas nas quais a simbiose é necessária e benéfica (PINKER, 2018, pp. 522-524). Nessa entrevista, novamente, pode-se observar um grande esforço de integração e adaptação,

em nenhum caso se pode falar em rejeição ou sentimento de exclusão (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37). Seu esforço para equilibrar seu estado atual, quando ela realmente desistiu de seus costumes brasileiros e tenta “mergulhar” em novos costumes tchecos, pode ser visto como um processo de renegociação, organização não só dentro de seu atual grupo social, mas principalmente dentro e em harmonia com a nova cultura, para a qual, é claro, seu conhecimento da língua tcheca abre as portas (EVERETT, 2019, p. 32). Similarmente a identidade do indivíduo examinado deve, portanto, ser vista através de uma visão pluralista na estrutura interdisciplinar em conexão com o fato de ela estar exposta a um grande número de intrusões nas quais essa identidade é reconfigurada (JANÍKOVÁ, 2016, p. 24-50). Ressalta-se também que as identidades de cada indivíduo estão em constante estado de transformação e reajustamento, adaptando-se às novas circunstâncias e relações estruturais (RAJAGOPALAN, 2004, p. 71) que ocorrem a cada momento individual da vida de um ser humano e, após aquele momento muda novamente, se transforma e tem que se recalibrar. Até que ocorra uma mudança de identidade mais forte e de longo prazo, especialmente no caso de mudanças importantes como a mudança para um novo país, o indivíduo pode se sentir como a entrevistada, “perdida entre dois mundos”. Em vista disso pode-se supor que os hábitos dos outros às vezes são difíceis de entender, porque não estão nos genes transferidos, temos que adaptar nossos próprios hábitos aos novos. Cada país tem tradições aceitas por gerações que não são questionadas porque não somos observadores e quando nos posicionamos como observadores, qualificamos não apenas os costumes do país anfitrião, mas também dos nossos ancestrais.

Décima segunda pergunta: Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica mais?

Língua portuguesa:

“Eu acho que ... segurança pra mim aqui é bem melhor ... as vezes eu ... eu vou em algum lugar, eu tô voltando para casa com a tram¹⁴⁹ que vai à noite, sozinha ... e minha mãe fala: “Mas como você faz isso?”, e eu falo: “Mãe, o perigo de voltar sozinha é que

Língua tcheca:

“Acho que gosto de segurança aqui, muito melhor do que no Brasil.”

¹⁴⁹ Tram é uma palavra inglesa, que em português significa: elétrico ou bonde em Portugal; VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) no Brasil (nota de autor).

alguém, algum bêbado vai vomitar em mim (*risos*)” ... não tem nada de tipo ... as vezes acontece uma coisa ou outra, mas não comparado com o Brasil ... não tem. E aqui também ... eu tive alguns problemas de saúde e afetaram um pouco minha vida e aqui o fato de as pessoas serem mais afastadas ... porque no Brasil é todo mundo, tipo ... já intimidade, confesse tudo, aqui não ... pessoas são mais frias (*usou símbolo de “entre aspas” que fez com suas mãos*) é melhor pra mim do que ... eu não sei, porque no Brasil ... geralmente ... todo mundo ... qualquer motivo é razão para abraçar, pra tudo ... já conversam com você, te tocam e tudo ... e aqui eu me meio que mudei, no sentido de ... manter a sua distância, conversa comigo mas mantenha sua distância ... e tipo que aqui há diferença de falar do jeito formal e falar do jeito informal ... então acho melhor, tipo ... tem mais ... demonstra mais respeito quando você fala ... mais hierarquia.”

A entrevistada menciona a segurança em ambas as respostas como o elemento mais identificável de seu cotidiano, assim como ela mencionou na resposta à segunda pergunta em português. Na língua tcheca, ela comenta a questão de maneira muito breve, o que pode ser explicado pelo fato de que a questão da segurança não é muito discutida, a segurança em si não é um fator socialmente preocupante na República Tcheca. Em português, por outro lado, ela discute o assunto com mais detalhes, principalmente quando o explica para sua família, que naturalmente se preocupa com ela, baseada na cultura e realidade brasileira. Ela também aprecia seu espaço pessoal e está realmente feliz que os tchecos sejam “frios” e “mais afastados”, também avalia positivamente a possibilidade de a língua tcheca conseguir expressar a fala de maneira mais precisa no modo formal e informal, o que ela utilizou até nessa entrevista com o

pesquisador. As reflexões estão enraizadas na cultura para evitar o perigo que ela enfrenta há gerações, além de ser difícil explicar que ela tem medo de algo que não conhece.

O tema segurança já foi discutido em detalhes nas entrevistas número três e oito, onde para os sujeitos entrevistados a segurança também foi entendida como algo que protege positivamente a vida, saúde e propriedade na cultura tcheca, e conseqüentemente esse sentimento de segurança ou insegurança pode afetar muito a reconfiguração das identidades socioculturais.

No caso deste indivíduo pesquisado, duas visões podem ser identificadas: segurança como fator social de proteção ao indivíduo (segurança coletiva), como descrita acima, e segurança como um espaço pessoal. Com isso, pode-se ver os aspectos culturais de sua percepção porque, da mesma forma como a identidade, a cultura é também abstrata e não pode ser tocada, mas é a força dinâmica encontrada nos indivíduos de cada sociedade que molda o comportamento de seus membros e derrete hierarquia e estruturas de valores (EVERETT, 2019, p. 100). O sujeito pesquisado valoriza na cultura local o fato do distanciamento entre as pessoas o que se seria mais “frio” na sua perspectiva, e mantém o espaço pessoal de que necessita e do qual fala em dois exemplos: não precisa confidenciar a todos sobre sua saúde, e pode usar o modo formal da língua tcheca e, portanto, também definir limites pessoais para cada interação com outros membros da sociedade. Essa entrevistada é a única dos brasileiros pesquisados que gosta desses aspectos culturais tchecos.

Décima terceira pergunta: Com qual parte do universo cotidiano tcheco você se identifica menos?

Língua portuguesa:

“Eu acho que vai ser comida (*risos*) ... porque ... por exemplo, eu não consigo entender, até hoje, como que vocês conseguem ter uma comida doce como comida principal. Por exemplo knedlíky¹⁵⁰ recheado ... porque onde

Língua tcheca:

“A comida ... não gosto muito. Porque doce como prato principal, ou muito gorduroso, muita batata ou porco, eu também não gosto ... e cebola - você coloca cebola em todo lugar! Eu venho de Campo Grande, tem a

¹⁵⁰ Knedlík (knedlíky em plural) é um prato cozido feito de massa. A composição da massa varia muito de acordo com as diferentes receitas. Knedlíky podem ser sem recheio ou com recheios diversos. Eles são formados em uma bola ou cone e fervidos em água com sal ou vapor. Knedlíky são servidos como refeição principal ou acompanhamento nas gastronomias da Áustria, Itália, Alemanha, Suíça, República Tcheca, e nas regiões de influência italiana e alemã do sul do Brasil (nota do autor).

eu cresci foi sempre: comida principal é salgada e doce vem depois. Então ... pra mim ... algumas coisas assim ... tipo ... arroz não me faz falta, eu gosto de batata ou knedlíky, normal, sem ser recheado, mas também tem muita carne de porco e cebola e eu não gosto ... então ... e muito ... não como. E as porções são muito grandes ... muito ... eu recebo um prato de comida ... tem muita batata e eu não como nem metade e meu marido fala: “Porque você faz isso, tem que comer.”, e eu falo: “Mas é muita batata, eu não ... como isso.” (*risos*.)”

segunda maior comunidade japonesa do Brasil, depois de São Paulo, então temos uma cultura e comida japonesa forte como sobá¹⁵¹, yakisoba¹⁵² e coisas assim, tenho muita saudade dessas coisas. Então, quando estou em casa, eu como. O que eu acho interessante no Brasil, em Campo Grande, é que quando a gente faz um churrasco normal, temos carne de boi, a gente tem mandioca, que é dos índios, então a gente já mistura a cultura e aí tem o molho de soja dos japoneses e aí temos um bom churrasco. Então está completamente misturado. Disso tenho saudade aqui.”

O sujeito entrevistado evidentemente “sofreu” no novo país por causa da comida. É um dos aspectos culturais que não lhe agrada muito e, segundo ela, não está acostumada. Na língua portuguesa, ela comenta mais sobre os pratos tchecos e se detém em algumas peculiaridades, na língua tcheca, ao contrário, lembrando e comparando a culinária japonesa a que ela estava acostumada em sua cidade natal. Entretanto, cozinhar não é apenas uma questão de hábito, é também uma questão de oportunidade (produtos que estão disponíveis), de clima (gordura com o sol não é bom) e de tradição.

A cultura, entre outras coisas, inclui todos os costumes e hábitos que o homem adquiriu como membro da sociedade, dos mais velhos e mais experientes, e que foram acumulados pelas gerações anteriores e que atualmente une e distingue a comunidade das demais (TYLOR, 1884; MATSUMOTO, 2002). Seus sentimentos de saudade, melancolia e nostalgia são causados pelo distanciamento dos hábitos alimentares de sua cidade natal, que lhe proporcionaram vivências agradáveis, e que atualmente não encontra em seu novo ambiente sociocultural. Esse sentimento, que faz parte da natureza humana e que se manifesta em determinado momento da vida, está relacionado a pessoas, fatos ou situações que vivenciaram no passado e a nostalgia

¹⁵¹ Sobá (そば ou 蕎麦) é um tipo de massa alimentícia japonesa feita à base de farinha de trigo sarraceno, podendo-se misturar ou não outros ingredientes à massa. A palavra soba significa trigo sarraceno na língua japonesa, porém também é utilizada como denominação genérica para massa alimentícia oriental em geral (nota do autor).

¹⁵² Yakisoba (焼きそば), é um prato de origem japonesa, cujo nome soba significa, literalmente, "macarrão de sobá frito" (nota de autor).

pode ter um significado positivo ou negativo, entretanto, no caso da entrevistada, pode ser percebida como neutra.

Quarta seção das perguntas (específica de identidades em suas reconfigurações):

Nesta parte da entrevista, a respondente ficou mais relaxada e em muitas perguntas comunicou mais informações por conta própria. Acima de tudo, ela estava muito interessada na questão de uma possível mudança em sua própria identidade, o que se refletiu em uma resposta detalhada em português. Ela manteve sua linguagem corporal no mesmo plano neutro, sorrindo ou rindo ocasionalmente, mas ainda firmemente “afundada” na cadeira, os cotovelos apoiados na mesa. A entrevista foi realizada de forma muito agradável e positiva, sendo perceptível que para ela o encontro foi percebido como um assunto sério e não como uma conversa com um amigo.

Décima quarta pergunta: Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país?

Língua portuguesa:

“Yes¹⁵³, sim, eu me percebo diferente, porque ... eu acho ... aqui eu sei que sou mais ansiosa, sou mais fechada, mais introvertida ... por exemplo, eu lembro uma vez quando fui ao Brasil, eu tava com a minha mãe no shopping, e ela me pegou e colocou o braço dela sobre mim ... e eu automaticamente retirei o braço dela, dizendo: “O que você está fazendo?”. Ela disse: “Oh, meu Deus! Você mudou.” Aquele foi o primeiro momento que eu percebi que tinha realmente mudado e tudo ... por exemplo a questão de ansiedade, uma vez eu comprei um pacote de Haribo (*ursinhos de goma: nota de autor*) e

Língua tcheca:

“Sim. Estou aqui mais fechada, introvertida... acho que quando eu comecei a aprender a língua tcheca, eles sempre me diziam que não falo bem e que tinha sotaque errado, e isso me machucou e me fechou ... falando inglês me sinto melhor, sou outra pessoa em inglês.”

¹⁵³ Yes é uma palavra inglesa, que significa sim em português (nota do autor).

eu comi ... tipo de ansiedade. Eu levei esse pacote pra Brasil, no avião ... fiquei no Brasil duas semanas e pacote ficou fechado, o tempo todo, eu não tive vontade ... assim que voltei pra cá, do aeroporto, cheguei em casa, eu abri ... não sei ... tipo não é uma coisa ... eu não queria comer doce, eu não queria comer nada no Brasil tipo ... eu tava feliz lá e tudo ..., mas quando chego aqui, tô ansiosa, tô ... tipo ... nervosa ... são coisas diferentes que já percebi que ... é diferente aqui ... quando tô falando português ... aqui ... uma vez eu encontrei essa minha amiga que já tinha falado, com outra brasileira que tinha recém-chegado ... foi única vez que encontrem elas duas juntas ... ficamos duas horas andando pela cidade conversando ... e eu era sorrindo, feliz, alegre ... tudo ..., mas em tcheco sou mais fechada, não que eu seja infeliz, mas que sou mais retraída, mais fechada.”

A parte tcheca da resposta confidencia que ela tem um “trauma” da época em que estava aprendendo a língua tcheca, quando tinha um professor que não a motivava adequadamente. É interessante que ela também cita a língua inglesa nessa resposta, o que representa conforto no uso, ou uma certa neutralidade para ela, quando o português está ligado ao Brasil e o tcheco está conectado ao novo ambiente sociocultural em que vive. Na parte em português da resposta, ela falou muito e descreveu em detalhes sua percepção da mudança de identidade, incluindo a experiência com a mãe.

Nas respostas em ambas as línguas, ele declara que se sente diferente quando está em um ambiente tcheco e fala tcheco. Ela menciona um incidente muito interessante quando ela caminhou por Praga com duas brasileiras e falou português, e isso a “remete” à sua identidade original. Nesse trecho do discurso, pode-se deduzir, logicamente, que a mudança de identidade

é causada principalmente pela linguagem, pelas pessoas com quem falamos e, também, pela cultura. Numa visão mais global da entrevistada, percebe-se que o processo de aculturação é um assunto bastante complexo, como será discutido na próxima parte do texto.

Suas respostas se encaixam exatamente na hipótese desta tese de doutorado, que aqui é confirmada de forma convincente. Assim a identidade se reconfigura de acordo com a língua que falamos. Naturalmente, sem pensar, as pessoas reproduzem a maneira como os outros falam (KRAMSCH, 1998, p. 65), e isso é confirmado por Everett (2019, p. 371) quando diz: “Falamos como aqueles com quem falamos”. Porém a partir de suas respostas, pode-se deduzir que a identidade é de fato reconfigurada durante o uso ativo de línguas estrangeiras. Então o idioma é o principal, e a cultura? Aqui, novamente, a citação de Everett (2019, p. 344) pode ajudar: “A linguagem inclui o homem e a cultura como um todo.” Assim, a cultura não está excluída, é parte essencial da reconfiguração, mas não deve ser considerada como a principal.

Décima quinta pergunta: Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua tcheca?

Língua portuguesa:

“Mudou ... acho que mais o jeito que eu entendo as outras línguas, o jeito que eu vejo o mundo ... mudou bastante nessa área, eu acho ... por exemplo, depois de começar a aprender tcheco, aí eu entendi porque que no português uma coisa funciona num jeito do que de outro ... e alemão, e inglês, então, realmente me ajudou entender isso, é mais uma visão do mundo, é mais uma visão de cultura um pouco ...”

Língua tcheca:

“Acho que não posso avaliar completamente só por causa do idioma, porque aprendi tcheco aqui ..., mas também há uma nova cultura, novas pessoas, novos pensamentos. Portanto, não posso julgar que foi apenas por causa do tcheco. Mas quando comecei a aprender tcheco, ajudou-me a compreender português ou inglês ... como funciona a língua, a cultura do mundo, o tcheco ajudou-me muito. Eu tive que aprender principalmente as declinações e o que cada uma dela faz, agora posso identificar mais ou menos essas declinações em português.”

Embora não tenha formação acadêmica na área de línguas, em comparação com outros entrevistados, ela fala sobre os benefícios de aprender uma nova língua do ponto de vista da

linguística e, claro, do seu próprio ponto de vista. Outrossim, ela destaca o fato de ter obtido uma visão geral muito melhor de como as línguas funcionam e, conseqüentemente, ter descoberto novas perspectivas sobre o mundo. Suas respostas, praticamente idênticas em ambas as línguas, dizem: a língua abriu novas possibilidades e me mostrou novos mundos, em vez de dizer: mudei por causa da língua.

A língua local abriu um novo mundo para ela. É a prova de que todos nós usamos a linguagem para pensar e, inversamente, influenciemos a linguagem com os pensamentos (EVERETT, 2012). A verdadeira conexão entre linguagem e pensamento está no próprio conhecimento que uma determinada linguagem nos transmite sobre o mundo inteiro. A linguagem é então usada para construir comunidades, culturas e sociedades, onde - graças à linguagem - as prioridades de valor de uma dada cultura são determinadas e explicadas (EVERETT, 2019, p. 32). Em suma, ao adquirir conhecimento de um novo idioma e, posteriormente, de uma nova cultura, ela certamente ganha novas oportunidades de reconfigurar suas identidades.

Décima sexta pergunta: Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar?

Língua portuguesa:

“Ah ... não sei ... talvez no futuro distante, porque ... principalmente questão de política e segurança que tá no Brasil ... eu não me vejo voltando agora ... não sei o que milagre acontece ... de repente tudo se ajeite ..., mas eu não vejo isso acontecendo, então ... eu acho que o Brasil mesmo só de férias, só com família ... não sei ... nunca vou falar nunca, mas ... por enquanto não vejo.”

Língua tcheca:

“Não, não ... porque eles ainda têm muitos problemas lá e acho que daqui a cinco, dez anos não vai melhorar, não. Não estou dizendo que nunca vou voltar a morar lá, mas não planejo isso. Mas eu também não planejava vir aqui (*risos*) ... então vou ver o que a vida traz (*risos*).”

Na resposta na língua portuguesa: “não sei”, hesita num primeiro momento, como se não quisesse ser muito categórica, mas na época atual não vê uma possibilidade real ou necessidade de regressar ao seu país de origem. Na sua língua materna, ela nunca sorri e observa-se, pela sua linguagem corporal, que é uma questão muito séria para ela e que tenta responder a essa pergunta de forma circunspecta e com siso devido à complexidade de fatores que cercam sua

segurança pessoal e demais dificuldades apontadas com relação ao Brasil. Em oposição, na resposta na língua tcheca “não, não”, ela é muito mais direta e inequívoca, porém no final ela sorri e brinca, como se o tcheco lhe desse certo distanciamento pessoal de uma questão tão séria. Por fim, pode-se concluir que sua percepção de mundo, apesar do mesmo conteúdo de respostas, é diferente dependendo do idioma que fala.

O culturalmente criado e compartilhado pelas gerações é o velho ditado tcheco: “quantas línguas você fala, mais pessoas você é” irradia diretamente nas suas respostas. Este ditado popular é confirmado direta ou indiretamente na parte teórica por uma série de pesquisadores, a exemplo: Rajagopalan (1998, p. 41), Evans (2014, p. 16), Joseph (2016, p. 30), Shaikh (2019, p. 167), bem como outros acadêmicos ou personalidades publicamente reconhecidas que são mencionados no final da parte teórica 2.2.5. É a linguagem que reconfigura a identidade? Ao final da análise das respostas à última pergunta, pode-se confirmar com muita probabilidade que quando a entrevistada fala português é brasileira, todavia quando fala tcheco é tcheca.

Com um olhar abrangente sobre essa entrevistada, isto é, analisando o vídeo e a sua fala e linguagem corporal, sugere que embora tenha sido muito séria e “profissional” (em termos de percurso da entrevista e ambiente). Eventualmente, há algumas informações sobre as quais ela não aprofundou, como informações pessoais (marido, finanças etc.), que também pode fazer parte da reconfiguração tcheca, onde as pessoas tendem a se mostrar menos para estranhos. Contudo, a análise precisa ser baseada nas informações coletadas e que são muito valiosas na perspectiva de confirmação da hipótese dessa tese de doutorado. É estimulante notar que as variações nas respostas em ambas as línguas, apesar de parecer serem pequenas, guardam em si informações muito reveladoras. Com uma probabilidade alta pode ser confirmado, baseado nas análises acima, que sua identidade sociocultural é diferente, nova, em processo de reconfiguração contínua.

De toda a entrevista e da análise, aplicando uma visão responsável e metódica, pode-se evidenciar três pontos memoráveis, que se apresentam como a ponta do iceberg na superfície do oceano: 1) o desenraizamento, porque “se sente perdida entre dois mundos”; 2) o inglês é uma língua neutra e confortável como ela destacou; e, sobretudo: 3) quando fala português, ela transmite a sua identidade brasileira, já quando fala em tcheco, aparece a identidade tcheca. Isso pode ser representado, por exemplo, quando ela descreve a segurança pela noite no retorno de transporte público, ao explicar para sua mãe em língua portuguesa, ela não precisa fazer isso em tcheco, uma vez que sabe que o fator da segurança social coletiva não é uma preocupação aos tchecos. Quando fala sobre culinária, ela descreve a comida tcheca em português (como se

estivesse explicando isso aos brasileiros), em tcheco ele descreve a comida brasileira da mesma forma (como se estivesse explicando isso aos tchecos), então ela assume o desconhecimento do ouvinte sobre essa comida. Pode-se notar um detalhe substancial: ela fala sempre com a mesma pessoa: a pessoa do pesquisador, no entanto quando ela troca de idioma, percebe-se que ela também reconfigura a sua identidade.

APÊNDICE J – ENTREVISTADO N° 10

Quadro 11 - Entrevistado N° 10 = entrevista N= 19 e 20

Idade e gênero	48, masculino
Naturalidade	Vysoké Mýto, República Tcheca
Residente em	Feira de Santana, BA
Profissão / formação	Professor de história na Universidade Estadual de Feira de Santana, professor de história e filosofia de formação em Praga, Doutor em história francesa de formação em Portugal.
Língua não materna	Fala a língua portuguesa fluentemente, não houve nenhum problema marcante na fala: tanto no uso de léxico quanto da gramática, o que eu avaliaria como nível Avançado Superior. Ele se expressou muito bem e com tranquilidade. Não se notou nenhuma mudança comportamental enquanto falava em ambas as línguas. A língua portuguesa é natural para ele.
Estado civil	Divorciado. Duas vezes casado com cidadãs brasileiras, sem filhos atualmente reside sozinho.
Tempo no Brasil	Nove anos, todo este período na cidade em Feira de Santana, BA
Tempo de gravações	Língua tcheca: 17 minutos, língua portuguesa: 18 minutos
Observação relevante	O autor foi o primeiro tcheco com quem ele se encontrou pessoalmente, desde que veio morar no Brasil.
Data de entrevistas	1 de outubro de 2019
Local de entrevistas	Restaurante. Bem “barulhento”, da sua escolha, em Feira de Santana / BA. Como não conhecia a cidade, e como foi bem difícil agendar este encontro, o autor não se opôs.

Fonte: do autor

O fato de ele ser filósofo de formação se revelou durante o encontro: estava tentando “filosofar” (fazendo perguntas, discutindo, usando termos técnicos) sobre cada palavra e procurando achar o significado “certo”. Percebi que não queria dizer tudo sobre a sua vida. A formação acadêmica se reflete muito em sua fala.

Ele me ofereceu usar “tu” na língua tcheca para o autor da tese e manteve o uso de “o senhor”. Como já foi explicado acima, “tu” e/ou “o senhor” são formas de tratamento conhecidas como “distinção T-V” que existe em alguns idiomas e serve para transmitir formalidade ou familiaridade. Seu nome vem dos pronomes latinos tu e vos. A distinção assume várias maneiras e indica níveis variados de polidez, familiaridade, cortesia, idade ou até insulto ao destinatário. Neste caso particular, e referindo-se à cultura tcheca, manter “o senhor” pode significar tentar manter uma “distância social”, ou seja, tentar não se aproximar da pessoa do entrevistador para além do nível agradável e confortável do entrevistado. Ele, tanto quanto a entrevistada No 9, foram os únicos que mantiveram esta forma de tratativa durante as entrevistas.

Durante todo o encontro quando se referiu aos amigos, sempre falou dos europeus com certo distanciamento, porque não quer se “contaminar” pela comunidade internacional para enxergar a perspectiva brasileira. Porém ele se isola também dos brasileiros porque não entende muito bem a sociedade local em seus relacionamentos pessoais. No que diz respeito à família brasileira, no modo geral, ele tem uma visão negativa e esse é um tema forte para ele.

Primeira seção das perguntas (aproximação dos entrevistados com o pesquisador):

Na língua tcheca ele foi mais curto, direto e exato, sem permitir ampliar elementos da sua resposta inicial. Já no português ele se mostrou mais tranquilo e aberto.

Primeira pergunta: Por que você está morando no Brasil?

Língua tcheca:

“Eu queria mudar minha vida, não gostava mais da minha vida na República Tcheca, tive a impressão de que minha vida estava esgotada, e porque tive oportunidade, me

Língua portuguesa:

“Conheci uma menina em Coimbra, quando eu fazia meu estágio, em Coimbra na universidade, eu conheci uma brasileira e eu terminei o meu doutorado e me mudei para cá, para mudar minha vida um pouquinho.”

mudei para o Brasil. Bom, isso é tudo para a primeira pergunta.”

Ao responder em tcheco ele apresenta argumentos fortes, porém mais racionais. O desejo de mudar de vida se sobrepõe, inclusive destacando sua vivência na República Tcheca. Já em português ele destaca aspectos mais relacionados ao campo das emoções e de forma mais relaxada e tranquila. O fato de ter conhecido a brasileira vem logo a princípio. Mudar de vida já parece menos significativo como “um pouquinho”. Já não é mais a razão primeira que move a sua escolha.

Analisando a sua resposta, e de acordo com a linguista tcheca Janíková (2016), a língua é fundamental para nossas identidades. Em consonância a essa afirmação, pode-se relacionar as respostas apresentadas pelo entrevistado. A comunicação pode ser usada em uma determinada língua para tentar mostrar ao interlocutor a partir de uma perspectiva mais positiva, ao enaltecer alguns fatos e omitir outros para que dessa forma sejamos percebidos mais positivamente. A visão da Janíková é também confirmada por Rajagopalan (2004, p. 71) ao dizer, que “em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo. [...] Não se pode falar em identidade fora das relações estruturais que imperam em um momento dado.” Como resultado, a identidade se molda pelos diálogos que são conduzidos e, com isso, os valores são formados e transmitidos aos ouvintes com os quais há comunicação.

Segunda pergunta: Você gosta de morar no Brasil?

Língua tcheca:

“É uma oportunidade para eu viver de forma criativa ou do meu jeito, e por isso eu gosto. É claro que não estou completamente feliz com a maneira como vivo até agora, mas nos nove anos em que estou aqui, estou me aproximando do estilo de vida que quero viver no futuro. Enfim, vamos para outra pergunta.”

Língua portuguesa:

“Eu gosto, eu prefiro calor, eu prefiro o clima. Para dizer a verdade quando eu cheguei aqui o que me impressionou, invadiu, acho que invadiu é uma palavra certa, são cores, muitas cores, calor também, imensidade do céu brasileiro, e cheiros, tudo isso que não tem na Europa.”

Pela segunda vez terminou a sua resposta em tcheco com: “enfim, vamos para outra pergunta.”, indicando fuga e pressa. Na resposta em português ele fala muito sobre emoções, sensações táteis, cromáticas, e a sua escolha da palavra “invadiu” pode significar algo que o domina por inteiro sem que ele tenha possibilidade de reação. Sua resposta na língua materna é mais complicada, abstrata e sofisticada.

Cada indivíduo constrói sua própria identidade através de experiências, emoções, conexão, aceitação e rejeição. A maneira mais apropriada de descrever a construção da identidade pode identificar “contrastos” com outros e estranhos. Em síntese, a identidade torna-se um conjunto de muitas questões que podem ser expressas em uma simples pergunta “quem sou eu?”, conforme afirma Bauman (2005, p. 13).

Tratando-se do entrevistado, na resposta em português, as emoções ocorrem em grande escala. Segundo Macháč (1985, p. 56), elas são o resultado dos processos mentais e socialmente construídos, incluindo experiências subjetivas de prazer e desprazer, acompanhadas de alterações fisiológicas, manifestações motoras, alterações de atenção e foco. As emoções de cada pessoa avaliam todos os fatos, acontecimentos, situações e resultados das atividades de acordo com o estado subjetivo e da relação com o avaliado, levando à atitude diante da situação. É relevante considerar que as emoções são fatores que podem interferir na construção das identidades, o que foi percebido na resposta em português. As emoções são experimentadas no uso de qualquer língua, especialmente na língua materna.

Terceira pergunta: O que você fazia em seu país, e o que está fazendo aqui?

Língua tcheca:

“Eu ensinei no meu próprio país, principalmente, estudei na faculdade por 10 anos. Dei aulas de ensino fundamental e médio, ou algumas aulas particulares, sempre foi relacionado ao idioma, mas também dei aulas de filosofia e história. E isso foi provavelmente o principal ... bem ... e depois fiz doutorado em Praga, em história ibero-latina, e quando terminei, fui embora. E aqui

Língua portuguesa:

“Eu trabalhava, geralmente como professor, eu ensinava várias coisas, eu ensinava na universidade, na escola básica, secundária etc. Eu estudei filosofia e história, ganhei mestrado, depois ensinei, depois como professor universitário, eu fiz doutorado em Praga, dos estudos ibero-americanos, eu escrevi tese sobre o Brasil, e ensinei ... ensinei ... ensinei ... e quando terminei o doutorado, eu mudei para o Brasil. E aqui

interpreto, traduzo e ensino. E estou estudando ao mesmo tempo.”	estou fazendo a mesma coisa, mais ou menos.”
--	--

A pergunta foi respondida de forma igual em ambas as línguas, revelando que o entrevistado possuía conhecimento sobre o Brasil, porém não foram observados elementos relevantes para serem analisados na perspectiva dessa tese.

Segunda seção das perguntas (intenção de perceber como se dá a interação do sujeito com a língua materna versus a língua oficial do país em que ele vive):

Em ambas as línguas já estava mais relaxado, com explicações não tão superficiais nas respostas. Depois de nove anos morando no Brasil, ele demonstrou sentir falta da sua terra, quando evidenciou que eu fui o primeiro tcheco com o qual ele interagiu pessoalmente na língua tcheca no Brasil em todo este tempo. Percebe-se uma tentativa de assimilação com o ambiente brasileiro ao se afastar do ambiente tcheco, mesmo isso promovendo embates internos conflitantes com mais ou menos sucesso.

Quarta pergunta: Você se comunica na língua tcheca aqui, ou é usuário de outras línguas também?

Língua tcheca:

“Eu uso tcheco remotamente ... internet, WhatsApp ... você é o primeiro tcheco com quem eu falo na língua tcheca durante minha vida no Brasil. Eu uso o português aqui, para o dia a dia, eu uso o inglês para ensinar, e aqui e ali o francês.”

Língua portuguesa:

“Não uso tcheco ... raramente. Eu uso inglês, isso me ajuda no meu trabalho. Eu uso inglês na maneira passiva, lendo, escrevendo ..., mas também uso inglês na comunicação. Eu uso um pouco de francês, tem pessoas aqui em Feira que falam francês ... E eu uso português na vida cotidiana.”

O entrevistado não utiliza a sua língua materna no cotidiano no Brasil, enquanto usa o português no dia a dia e é usuário de outras línguas por eventualidades. Em nove anos vivendo

no Brasil sem contato pessoal com nenhum outro falante da língua tcheca, por escolha, conota que ele queria se integrar na língua e cultura local.

As pessoas reproduzem naturalmente a forma como os outros falam (vocabulário, sintaxe, gramática, padrões de fala, sotaque e até irregularidades na fala), que Kramsch pesquisou (1998, p. 65), e Everett (2019, p. 371) representa a mesma linha de pensamento, declarando que “Falamos como aqueles com quem falamos”.

Ambos os linguistas explicam, na verdade, a situação atual do indivíduo em estudo, onde falar português diariamente pode significar adaptar a sua língua à situação e às pessoas com quem fala. Por analogia, pode-se falar em reconstrução da identidade dos falantes em função do uso da língua e do ambiente sociocultural em que estão imersos no momento da fala.

Quinta pergunta: Com quem você, geralmente, fala em tcheco? Falando tcheco aqui, como você se sente?

Língua tcheca:

“Pais, amigos - tudo à distância”, pensou e continuou: “Quando eu falo tcheco aqui me sinto exótico, marcado, ninguém vai me entender aqui, mesmo que eu esteja falando com você. Já porque sou branco, me sinto excluído.”

Língua portuguesa:

“Só à distância.”, parou para pensar e seguiu: “Diferente, exótico, não quero dizer excluído, mas exótico, é obvio que somos estrangeiros.”

Na língua tcheca ele traz elementos de uma sociedade em que ele, na época da entrevista, vivia, marcada pela racionalidade no cotidiano. Já em português ele relativizou a percepção de exclusão, e não destacou a sensação de não pertencimento naquele ambiente social pela questão de se sentir “exótico”. A sua visão pode ser confirmada segundo Everett (2019, p. 69) ao dizer que a linguagem só funciona porque as pessoas acreditam que os outros pensam da mesma maneira. Quando a compreensão não pode ocorrer, como neste caso, pode-se observar os sentimentos que o sujeito entrevistado descreveu.

Sexta pergunta: Você fala a língua portuguesa fluentemente?

Língua tcheca:

“Sim.”

Língua portuguesa:

“Sim.”

A pergunta foi respondida brevemente e de maneira idêntica em ambas as línguas, não tendo elementos relevantes para serem analisados.

Sétima pergunta: Com quem você, geralmente, fala português? Falando português, como você se sente?

Língua tcheca:

“Com todos. Não sinto português. Quando não sinto o meu corpo, é saudável. Porém no avião da empresa portuguesa TAP, já me sinto diferente, é outro português, estou diferente lá, já em Lisboa sinto-me diferente, sinto a diferença ali.”

Língua portuguesa:

“Com todos. No cotidiano. Me sinto bem. Existem situações as quais eu não entendo, gíria, piadas, isso continua sendo problema.”

Ele confirma, que na verdade, enfrenta problemas com a língua local, diferentemente do que relata na língua materna. Para um observador, percebe-se uma fluência no seu uso da língua portuguesa, reforçado pelo seu argumento ao comparar com a língua portuguesa usada em Portugal. Sua observação corrobora com a questão da pesquisa deste trabalho de que a linguagem usada em um determinado lugar afeta a identidade do indivíduo (LABOV, 1966; KRAMSCH, 1998). Pode-se entrelaçar o pensamento de Kramsch, com o próprio de Everett (2019, p. 13) quando ele diz que: “A linguagem surgiu gradualmente de uma cultura, formada por pessoas que se comunicavam umas com as outras. [...] A linguagem está a serviço da cultura.” Nesse sentido, seria fascinante e auspicioso para a comunidade científica pesquisar possíveis reconfigurações identitárias de brasileiros em Portugal e portugueses no Brasil, principalmente por utilizarem uma “língua semelhante”: o português europeu e o português brasileiro, respectivamente.

Oitava pergunta: Quando você chegou aqui, teve dificuldade com a língua portuguesa? Quais?

Língua tcheca:

“Não tive. Escrevi a minha dissertação de doutorado em Portugal. Fui casado duas vezes, as duas mulheres eram brasileiras, com uma delas também morei na República Tcheca e conversava com elas em português.”

Língua portuguesa:

“Não tive, não me lembro, não com a língua em si.”

O sujeito estudado ao responder na língua tcheca explica o porquê ele não teve problemas com o português. Já a sua resposta na língua portuguesa é muito mais breve e não explica os detalhes, como fez em tcheco. No entanto, é possível observar a sua imersão na língua portuguesa desde antes a sua chegada ao Brasil. A análise destas respostas corresponderia exatamente à análise realizada na quarta questão e suas respostas, e conseqüentemente não serão analisadas individualmente.

Nona pergunta: Você busca ambiente onde possa falar em sua língua materna? Por quê?

Língua tcheca:

“Não. Por coincidência encontrei você no LinkedIn. Não estou procurando ativamente a comunidade tcheca.”

Língua portuguesa:

“Não. Não sinto falta. Não sinto saudade de falar minha língua.”

O pesquisado não procura uma comunidade de outros compatriotas onde possa falar sua língua materna. Essa compreensão, segundo Silva, Melo e Anastácio (2009, p. 37) significa que ele tem um grande esforço de integração máxima na nova cultura, no novo ambiente, o que poderá se refletir posteriormente em sua reconfiguração sociocultural.

Terceira seção das perguntas (entender os efeitos culturais repercutidos no cotidiano do sujeito):

Na terceira seção o entrevistado se aventura claramente a explicar suas repostas com mais detalhes, aparentemente de maneira aberta e se nota que ele tem forte inclinação pelo ato de

“filosofar” sobre questões culturais, por exemplo, pensando de ângulos diferentes antes de definir uma única resposta.

Décima pergunta: Como você percebe os hábitos e costumes dos brasileiros? Tem algo marcante que poderia comentar?

Língua tcheca:

“É muito complicado. Em nossa cultura, por exemplo, espera-se que o homem se distancie racionalmente, e não demonstre emoções, o que não se compara ao homem brasileiro.”, pensando um pouco, ele continua: “Não percebo hábitos e costumes porque não vivo de acordo com eles. No entanto, isso me afeta porque os arredores esperam que eu faça. Os brasileiros sempre falam de comida, sempre falam de roupas. Somos obrigados a nos adaptar, mas internamente tenho problemas em aceitar. Eu resisto e fico na defensiva, o que então se manifesta nos relacionamentos. Este é o componente mais difícil da adaptação, esses hábitos e costumes.”

Língua portuguesa:

“Muito distante de mim, muito diferente. Eu sinto que devo me afastar ou devo me adaptar em seguir o mesmo. Eu sou uma vez assim, outra vez assim. Às vezes me sinto à vontade e as vezes não. Por exemplo, socialização das pessoas. O que é bem conhecido – os brasileiros não sabem como ficar sós, eles não são capazes de ficar sós. Eles não se vivenciam sós mesmos, eles se vivenciam só em contato com os outros. Psicologicamente falando eles não são conscientes de si mesmos. Eu, ao contrário, gosto muito de minha privacidade, de ficar só. Eu fico bem. Eu saio quando quero, eu não sinto obrigação quando tem algum evento de ficar com os outros. Eu escolho. Enquanto os brasileiros sempre vão.”

Ele já está claramente mais relaxado e, conseqüentemente, mais à vontade para expor suas impressões internas sem a preocupação de ser julgado.

Do ponto de vista de Gee (1996, p. 127), identidade é vista como construída discursivamente, podendo ser implementada nos modos de vida, nas interações, nas expectativas culturais de uma determinada sociedade. Essas expectativas se dão através da comunicação com as “instruções” relevantes, por exemplo, como agir, como falar etc. Considerando o pensamento de Gee, pode-se observar que o sujeito entrevistado reluta em se adaptar a essas instruções, “luta” contra elas, o que é reconhecível por seus comentários nas

respostas para a décima pergunta, em tcheco ao dizer: “Eu resisto e fico na defensiva.”, já em português comentou: “Eu sinto que devo me afastar ou devo me adaptar em seguir o mesmo.”

Décima primeira pergunta: Você se identifica com estes costumes, ou se sente apenas como um “observador”?

Língua tcheca:

“Certamente mais como um observador. Pelas razões que mencionei, mas há muitas outras, mas sinto que sobrecarregaria a conversa.”

Língua portuguesa:

“Na maioria das vezes fico como observador, porque não sou tão comunicativo como os brasileiros, não entendo sempre as piadas. Eu sou como os europeus, e isso é tipicamente europeu. Quando os europeus viajam fora da Europa, eles procuram comunicação emocional, e eu gosto de observar essas comunicações entre os brasileiros.”

Pela primeira vez, durante a resposta na língua tcheca, ele riu em voz alta, abertamente e com naturalidade. Em português respondeu da mesma maneira, exemplificando a razão de considerar-se um observador.

O entrevistado ao comentar sobre a sua “incompreensão das piadas locais” (sétima resposta em português: “Existem situações as quais eu não entendo, gíria, piadas, isso continua sendo problema.”, 11ª resposta em português: “[...]não entendo sempre as piadas.”) em alguns momentos da conversa, mostra o choque cultural, que pode ser atribuído à sua incapacidade de compreensão da cultura local, ou estrategicamente, mesmo ciente, aceita a justificativa para tal. A implementação de sua cultura em uma nova cultura lhe traz sentimentos de incompletude e inquietação, o que pode ser compreendido pelo conceito do choque cultural, descrito primeira vez por Oberg (1960, p. 180). O choque cultural causa desorientação pessoal do desconhecido modo de vida. Segundo Silva, Melo e Anastácia, autores do livro *Nômades Contemporâneos* (2009), um indivíduo que vive temporária ou permanentemente em outra cultura tenta, sem saber, refletir nela os costumes, valores e legados de sua própria cultura.

Décima segunda pergunta: Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica mais?

Língua tcheca:

“Esta pergunta me surpreendeu. Eu me sinto muito livre aqui. Não sinto a vinculação das normas brasileiras, que provavelmente nem conheço todas.”

Língua portuguesa:

“Eu acho que talvez poderia me dar satisfação no futuro”, parou para pensar e prosseguiu: “poderia ser educação e comunicação com os estudantes, onde eu poderia me desenvolver nas emoções.”

Nas respostas para as perguntas primeira, segunda e 12ª na língua portuguesa e primeira na língua tcheca, respectivamente, elas mostram claramente como as “emoções” são elementos importantes para o entrevistado, seja diretamente em sua fala, ou pelo conteúdo explicitado. As emoções são um fator muito importante para a construção e reconstrução das identidades socioculturais, elas que causam mudanças na atenção e são acompanhadas por mudanças fisiológicas, conforme descrito por Macháč (1985, p. 56). Ao se comunicar por meio da linguagem, cada um de nós experimenta emoções. No entanto, diferentes línguas têm diferentes impactos emocionais, de acordo com o cientista Huston (1999, p. 61). As emoções são uma importante manifestação da percepção da língua e da cultura para o sujeito entrevistado. Elas o controlam, dão-lhe uma sensação de novo e exótico, e isso se reflete nas expressões de sua linguagem. Em resumo, pode-se dizer que construímos nossa própria identidade também por meio das emoções.

Décima terceira pergunta: Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica menos?

Língua tcheca:

“Família. Por medo e má experiência, tenho uma posição defensiva. Com pessoas que não têm família é mais fácil para mim iniciar um relacionamento, quem tem família sempre tenta me atrair para essa família, e sinto isso como agressivo e coercitivo.”

Língua portuguesa:

“Existe um conceito, não sei se é o conceito, mas tanto faz, mas onde você sinta maior resistência, fraqueza, lá tem caminho, lá tem desenvolvimento, lá tem perspectiva. Quando eu falo sobre meus pontos fracos, resistência, eu também vejo as perspectivas

da evolução. O Brasil é um desafio para mim em várias situações.”

Na língua tcheca ele é muito expressivo, ao nomear um aspecto concreto: família. Já respondendo em português nota-se que ele reflete sobre a própria consciência para compreender a cultura brasileira. Essa posição pode ser explicada por Everett (2019, p. 100), ao afirmar que membros de qualquer sociedade compartilham cultura quando concordam sobre uma série de valores e sobre a prioridade relativa que atribuem a esses valores. Por outro lado, os membros da cultura compartilham conhecimentos e papéis sociais. Tais valores aplicados, e o conhecimento ou exemplos de expectativas de vários papéis sociais, são monitorados nas atividades de membros individuais da sociedade. Esta é a cultura em ação. A atitude do entrevistado em sua língua nativa menciona um aspecto cultural muito específico, enquanto em português ele fala “o Brasil é um desafio para mim” de uma maneira geral.

Quarta seção das perguntas (específica de identidades em suas reconfigurações):

O entrevistado se permite, ao contrário da primeira seção, falar muito mais além do que era necessário para responder. Na sua própria fala analisa as diferenças entre aspectos das culturas local e do país do nascimento. Isso significa que estava muito mais relaxado, aberto a se “expor” e opinar. Observam-se, no entrevistado, mudanças identitárias resultantes da língua e da cultura adquiridas. Ele mesmo polemiza sobre essas mudanças uma vez colocando a importância da cultura, outra vez dando mais ênfase à língua em si.

Décima quarta pergunta: Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país?

Língua tcheca:

“Com certeza me sinto mais livre. Há situações em que não me sinto livre porque sinto a vinculação de normas e a pressão da sociedade. Acho que me tornei muito conservador aqui. Você nasce de acordo com alguns padrões, e os seus pais lhe programaram. Porém chega em certa idade

Língua portuguesa:

“Claro, eu sou outra pessoa. Eu acho que eu pertencço mais a mim mesmo, no meu país eu acho que eu pertencia mais a cultura do meu país, meus ancestrais. Por exemplo, em relação ao corpo. O corpo é livre aqui. Diferente da Europa. Lá o corpo é disciplinado, por exemplo, o meu pai me

em que você percebe que a trajetória não combina mais com você. A cultura local sempre exige algo de mim.”

disciplinou para ter bom desempenho. Outro exemplo é a educação. A educação tem que conter o lúdico. Na Europa isso não existe. Para mim é grande desafio. Eu nunca tinha abordado educação como coisa lúdica. Para mim foi sempre coisa da disciplina. Educação é disciplina, autoridade, ordem. Aqui não. Na escola pública as crianças não têm disciplina. É totalmente diferente da Europa. Eu gosto muito da disciplina.”, parou para pensar e continuou: “Mas para ser criativo, você precisa liberdade.”, mais uma vez pausou antes de terminar a resposta: “Eu posso escolher o que eu quero das duas culturas.”

As respostas revelam a dimensão sociocultural da República Tcheca e suas implicações quanto a visão do mundo ao descrever sua experiência em relação à criação. Contudo, mesmo no Brasil existindo algumas normas e regras ele se sente livre diferentemente da sua terra natal. Em português ele confirma a sensação de liberdade, porém problematiza e analisa os aspectos culturais do Brasil e da Europa. Enfatizando o fator de ele se referir à Europa e não mais à República Tcheca é possível especular que, ao falar em português no Brasil, ele se apresenta como um europeu e não como cidadão tcheco, sendo essa uma forma de se definir para o interlocutor qual é seu lugar de origem. A sua visão é formada pela experiência de: disciplina, autoridade, hierarquia, mais uma vez enfatizando elementos tão enraizados da cultura tcheca.

A liberdade pode ser entendida como valor humano e social da cultura na qual o sujeito é educado e depois inserido, seja a cultura materna ou nova. Geertz (1973, p. 50) percebe esses valores como um produto cultural que nos foi inculcado, e isso nos orienta e nos direciona em nosso pensamento e nos ajuda a responder adequadamente no ambiente sociocultural em que nos encontramos no momento da fala. Nossas respostas tornam-se inevitavelmente mais eficazes quando usamos idiomas de acordo com o ambiente cultural. Nota-se no discurso do entrevistado que a referida liberdade pode ser entendida como uma “vitória” na luta em que

conquistou “tais liberdades” em sua trajetória histórica. Isso fica evidenciado nas respostas às questões 12 e 14 na língua tcheca e 14 na língua portuguesa, onde ele expressa “ser livre”.

O entrevistado, pelas respostas, duela internamente entre disciplina (a qual ele menciona quatro vezes na 14ª resposta em português), hierarquia e ordem (como ele foi “programado” por seus pais, como ele mesmo destacou na 14ª resposta em tcheco), e liberdade e ludicidade (que aprendeu no Brasil – vide na 14ª resposta em português). Como descreve Peter L. Berger (1966), cada papel social tem sua própria disciplina interna e molda, determina e modela a ação e os atores. Aqui podemos observar uma grande polaridade interna, se o entrevistado aceita uma nova cultura, aceita-a ou se rebela, rejeita-a e continua seus ensinamentos. Ele revela certa insegurança e admite grandes dúvidas sobre em qual dos “lados” se apoiar (liberdade ou disciplina – o que pode ser conferido em sua resposta em português para 14ª questão: “Eu gosto muito da disciplina. Mas para ser criativo, você precisa liberdade.”). Partindo das respostas para análise pode ser ressaltado que esse duelo o aflige, porém ele aceita conviver com as práticas sociais da cultura em que está imerso sem deixar de apontá-las, conforme dito na 13ª resposta em português: “Eu posso escolher o que eu quero das duas culturas.”

Décima quinta pergunta: Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua portuguesa?

Língua tcheca:

“Eu não acho que essa mudança tenha relação com a língua, o que muda você quando você fala com o nativo, você entra num outro espaço psicológico, em outro mundo, em outra cultura, você vive em outra língua, que é uma coisa psicológica que é só consequência dessa língua. Eu sou a mesma pessoa aqui, não mudei nada, apenas estou me autocensurando enquanto falo com brasileiros.”

Língua portuguesa:

“Sim, mudou, mas tem muito mais a ver com a cultura do que com a língua.”

Evidencia-se o efeito ambíguo nas respostas apresentadas por ele. Ao mesmo tempo que confirma uma mudança, ele afirma não ser pela língua. Porém ele responsabiliza a língua por

uma mudança psicológica no sujeito. Isso pode ser explicado pelo Everett (2012, 2019) ao dizer que a língua é um reflexo da sociedade em que vivemos, logo a língua falada é uma das principais fontes de identificação pessoal. Além disso, ela é uma forma possível de se expressar e se manifestar no sentido mais amplo possível para o mundo. Já na língua portuguesa o entrevistado também confirma haver uma mudança, entretanto atribui-la à cultura, e não a língua. Devido ao fato que o entrevistado não possui conhecimento do campo linguístico, ingenuamente apresenta uma separação entre língua e cultura, entretanto já é sabido que língua e cultura são indissociáveis. Amparado nessa compreensão, percebe-se que quando interagimos com o mundo através da linguagem é uma maneira de produzir cultura (MENDES, 2012, p. 375) e que o lugar da linguagem é o mesmo que o da cultura (ALMEIDA FILHO, 2002, p. 210).

No contexto de toda a resposta, é preciso colocar uma lupa na afirmação do entrevistado sobre a “autocensura”. Autocensura se caracteriza como: censura do autor da fala, seja ela escrita ou falada, onde o motivo mais comum para este fenômeno ocorrer é o medo da “punição” do sistema sociocultural. Coreth (1994, p. 91) fala de liberdade externa, que é o oposto de autocensura, onde o sujeito não é limitado por influências externas, o que vale também quando falamos de liberdade humana de pensamento e consciência, liberdade de religião, de expressão etc. Complementando, a liberdade interior do homem reside no fato de que não somos determinados nem por dentro, pela nossa própria natureza.

Atualmente, a autocensura é algo que deve ser evitado, por ser uma ameaça à sociedade, quando as identidades não podem ser exacerbadas por uma vigilância do comportamento social. Quando um estrangeiro, ou desconhecido começa a se comunicar com o outro, é possível que a primeira revelação permita prever sua categoria e atributos, que é conhecido como sua “identidade social”. Enquanto sociedade, as pessoas estão constantemente fazendo certas suposições sobre quem um indivíduo deve ser em público e como deva se expressar e comportar.

A autocensura é observada na resposta a décima quinta pergunta quando o respondente sofre um impacto em sua identidade social, que a agrava, e afeta as relações cotidianas em que vive conforme sugere Goffman (1963).

Décima sexta pergunta: Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar?

Língua tcheca:

Língua portuguesa:

“Agora uma situação interessante acontece quando eu volto para minha terra, me sinto como um turista, o país está ganhando atração para mim novamente. Não sei o que é, mas a República Tcheca começa a ter um apelo especial para mim. Estou no dilema, o conhecido versus o exótico; familiar versus exótico. Então aqui se torna familiar, ali se torna exótico.”

“Eu mudei para cá, eu me sinto tcheco morando fora. Eu sou pessoa que tenta viver do meu próprio jeito, intercultural, internacional. Eu posso mudar para o meu país, mas eu prefiro viver neste espaço aberto que me dá incentivo para viver da minha própria maneira.” Pensa um pouco e continua: “Eu acho que é sempre interessante viajar. Quando uma pessoa entra em um avião e sai em um mundo totalmente diferente então eu vejo depois sempre psicologicamente falando, uma grande mudança dentro de mim, provavelmente não dá para traduzir. Eu concordo com você que utilizando a língua a nossa identidade está mudando. Eu sinto isso bastante.”

Ao final da entrevista, depois de refletir sobre todas as questões, o próprio entrevistado muda sua concepção inicial e acredita que a língua sim, pode ser um elemento de mudança da identidade ao afirmar que: “[...] utilizando a língua a nossa identidade está mudando”. Antes ele creditava apenas aos fatores culturais, a exemplo do que disse na resposta 15^a em português: “[...] tem muito mais a ver com a cultura do que com a língua.”

Como Kramsch (1998, p. 65) declara, as pessoas reproduzem naturalmente a maneira como os outros falam: vocabulário, sintaxe, gramática, padrões de fala, sotaque e até mesmo irregularidades na fala. Everett (2019, p. 371) também concorda com essa ideia, afirmando que: “Falamos como aqueles com quem falamos.” Na língua tcheca muitas vezes ele se restringe a falar “tecnicamente”, um comportamento linguístico percebido pelo fato de estar em interlocução com um outro falante da língua tcheca. Porém, já em português, ele integra aspectos culturais e linguísticos do Brasil (por exemplo emoções, liberdade etc., o que pode ser confirmado no início da entrevista na primeira resposta, entre outros exemplos, em tcheco, e português, respectivamente). Ele utiliza aspectos da norma culta da língua portuguesa, devido ao seu ambiente cotidiano, com o qual ele interage e conseqüentemente se desenvolve, o que é mais profissional do que pessoal/familiar. O uso da língua é claramente uma imitação e

reprodução de outras pessoas (pais, professores, influenciadores etc.), que pode ser percebido como uma educação e adoção de uma nova cultura, adaptando nossa língua e linguagem à situação e às pessoas com quem falamos. Como consequência, podemos falar em reconfiguração da identidade dos falantes em função do uso da língua e do meio sociocultural em que estão imersos no momento da fala. Além de Kramsch (1988) e Everett (2019), esta confirmação é também percebida no trabalho de Labov (1966), ao analisar como a idade e a classe social podem ser percebidas ao utilizar determinadas palavras em suas variações linguísticas, consideradas atuais ou não utilizadas.

Cada indivíduo traz suas expectativas ao se mudar para um novo país, uma nova cultura. A expectativa do entrevistado era a experiência e o conhecimento mais profundo de uma vida parcialmente conhecida - sentimento esse adquirido por meio de sua esposa brasileira, com quem morava em Praga, e posteriormente por meio da segunda esposa brasileira, a qual conheceu em Portugal. Essas expectativas podem determinar o desenvolvimento que uma pessoa alcança em uma nova vida (RAJAGOPALAN, 1998, 2003). O entrevistado transpareceu a sensação da liberdade pessoal que, ao deixar a Europa, ele poderia alcançar, o que era difícil para ele ter, especialmente em sua cultura materna. No entanto, essa liberdade absoluta não existe em nenhuma sociedade. Códigos e regras sociais existem em todas as culturas e são “impostos” por ela. É interessante e ao mesmo tempo surpreendente ver como ele explica que não está disposto a seguir essas regras sociais na nova cultura. Ele está tentando fugir do mundo europeu, mas não consegue mergulhar completamente no mundo brasileiro, exatamente porque não existe essa liberdade individual que ele tanto buscou.

Em verdade, está integrado linguisticamente no Brasil. Ele alcançou profissionalmente a mudança e o processo que procurava, e é visível por suas respostas que a nova cultura o afeta muito (SHAIKH, 2019, p. 167), apesar de não a entender. Vale ressaltar que, por meio de uma entrevista, não podemos determinar justamente se ele atingiu suas expectativas ou não, apenas pressupor.

Durante a entrevista, quando questionado na língua tcheca, o entrevistado buscou em suas respostas demonstrar fatos e decisões movidos pela razão com perspectiva positiva sobre seus atos, revelando com isso uma preocupação em parecer socialmente aceito em reflexo na cultura tcheca. Esta conclusão é concebida a partir da comparação com as respostas para as mesmas questões na língua portuguesa desprovidas de tais preocupações “sociais”. Respondendo em português, ele traduz o verdadeiro pensamento de forma despreocupada em agradar ou não as expectativas ao seu redor.

Para algumas perguntas, especificamente segunda e sétima, o entrevistado, na língua tcheca, está tentando construir uma imagem socialmente valorada enquanto em português não tem a mesma preocupação ao ser percebido pelo interlocutor. Isso pode ser reflexo do fato que na cultura tcheca a disciplina e o status social são elementos valorizados (de acordo com o entrevistado e sua resposta à décima quarta resposta em português) que podem conduzi-lo a essa necessidade ao utilizar a língua tcheca.

A identidade do entrevistado se reconfigurou. Esta conclusão é ratificada pela Janíková (2016) e pelo próprio entrevistado na sua última resposta na língua portuguesa ao afirmar que: “Eu concordo com você que utilizando a língua a nossa identidade está mudando. Eu sinto isso bastante.” Porém ao responder à 12ª pergunta em português, ele avalia, ampliando outra possibilidade: “Sim, mudou, mas tem muito mais a ver com a cultura do que com a língua.” Em síntese, após a análise da entrevista em sua totalidade, pode-se confirmar que as identidades socioculturais se reconfiguram ao falar língua não-materna. As respostas do entrevistado confirmam um posicionamento defendido pela Linguística Aplicada (por exemplo ALMEIDA FILHO, 2002, p. 23; MENDES, 2012, p. 375) de que língua e cultura são indissociáveis: fala da importância da cultura na reconfiguração identitária na sua resposta em tcheco, mas considera a importância do papel da língua na reconfiguração identitária na resposta em português.

APÊNDICE K – ENTREVISTADO Nº 11

Quadro 12 - Entrevistado Nº 11 = entrevista Nº 21 e 22

Idade e gênero	34, masculino
Naturalidade	Kolín, República Tcheca
Residente em	Salvador, BA
Profissão / formação	Guia turístico, Mestre em antropologia de formação na Universidade em Praga.
Língua não materna	Fala a língua portuguesa quase fluente, não houve problema marcante na fala, nem no uso de léxico e gramática, ele poderia ser avaliado como nível de B2: Falante independente de Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas. Ele se expressou bem e com tranquilidade. Não foi percebida nenhuma mudança comportamental enquanto falava em ambas as línguas.
Estado civil	Solteiro, namorando uma cidadã brasileira, atualmente reside com ela, sem filhos.
Tempo no Brasil	Está domiciliado no Brasil desde 2014.
Tempo de gravações	Língua tcheca: 18 minutos, língua portuguesa: 15 minutos
Observação relevante	Observações interessantes: trabalha como guia turístico pela América Latina com clientes tchecos, logo utiliza a língua tcheca com eles, inglês com amigos estrangeiros, português com sua namorada, família e seus amigos, e espanhol durante as excursões pelos países falantes de espanhol.
Data de entrevistas	11 de dezembro de 2019
Local de entrevistas	Apartamento do autor em Salvador, BA.

Fonte: do autor

O entrevistado comunica com muita tranquilidade e essa calma se reflete em suas respostas. Ele as formula com prudência, revelando nitidez de que está pensando no que diz. Sua linguagem corporal é muito ilegível, praticamente toda a conversa fica no sofá em uma única posição, sem expressões corporais significativas.

Primeira seção das perguntas (aproximação dos entrevistados com o pesquisador):

Ele se mostra calmo e responde às perguntas com premeditação, não se alonga muito em detalhes nas suas respostas, porém, nota-se que suas respostas em português são mais longas.

Primeira pergunta: Por que você está morando no Brasil?

Língua tcheca:

“Mudei-me com a minha namorada em 2014 e, desde então, tenho realmente morado aqui, fiquei e trabalhei como guia turístico para a América do Sul.”

Língua portuguesa:

“Eu cheguei aqui em 2014, antes da Copa do Mundo. Cheguei aqui pra ... pra morar aqui com a minha namorada ... brasileira ... então o lugar me escolheu, eu não escolhi o lugar (*risos*). Mas eu gostei e decidi que não tem problema de passar mais anos aqui e aproveitar a vida.”

As suas respostas podem ser consideradas idênticas, no entanto, verifica-se que justifica mais a sua resposta na língua portuguesa, em que caracteriza os motivos da sua mudança para o Brasil como pessoais (namorada), enquanto na resposta em tcheco centra-se mais nas razões de trabalho.

A identidade muda com o uso da linguagem? Ou culturas diferentes que o indivíduo conhece? Por que ele se concentra em uma carreira de trabalho em tcheco e vida pessoal em português?

Há duas explicações possíveis: produto cultural e construção social, dois conceitos adequados para analisar essas respostas. Nesse caso, os ambientes tcheco e brasileiro podem ser percebidos como um produto cultural: em um ambiente a pessoa nasce, em outro ambiente (brasileiro para ele) são as ideias, expectativas e preconceitos que ele percebe e assim se torna

importante para ele. Segundo Geertz (1973, p. 50), pensamentos, valores, ações e até emoções são produtos culturais - produtos manufaturados, verdadeiramente a partir das tendências, habilidades e disposições com as quais se nasce. Em outras palavras, essa cultura é algo que nos orienta, nos reafirma como pensar, como reagir e como sentir em um ambiente sociocultural. Ao mesmo tempo, segundo Leeds-Hurwitz (2009, p. 891), a linguagem como construção social se desenvolve em grupos ou comunidades e não individualmente, o que está intimamente ligado ao produto cultural. A construção social é uma teoria do conhecimento em sociologia e uma teoria da comunicação que examina o desenvolvimento de uma compreensão criada em conjunto do mundo que forma a base de suposições compartilhadas sobre a realidade. O caso deste entrevistado mostra que ele é influenciado pelas expectativas de sua sociedade e da cultura em que cresceu e que de alguma forma o vinculam.

Segunda pergunta: Você gosta de morar no Brasil?

Língua tcheca:

“Gosto de morar no Brasil, acho que tem muitos lados legais ... a vida no Brasil ... e também os menos agradáveis, mas no final das contas a vida aqui é bem agradável.”

Língua portuguesa:

“Eu acho que eu gosto ... como ... tipo ... é um lugar lindo, é a cidade grande, tem todo tipo de serviço, tem tudo que a gente precisa para morar aqui. Como estrangeiro, claro que ... estou comparando o que eu posso ter na minha terra e o que eu posso ter aqui, de que jeito posso procurar as coisas, comprar as coisas, usar os serviços ..., mas no final não acho que é tão diferente, são coisas pequenas que fazem diferença aqui.”

Ele gosta de morar no Brasil, considera a vida aqui “agradável”. Vê-se que a sua resposta em português é novamente mais longa, e ele também admite que compara as duas vidas e conclui que “não é tão diferente”. Estas questões são apresentadas apenas para um melhor entendimento de sua situação geral de vida, sem a intenção de analisá-las.

Terceira pergunta: O que você fazia em seu país, e o que está fazendo aqui?

Língua tcheca:

“Estudei, trabalhei no meu país e ... o que faço aqui? Quando me mudei para Salvador, comecei a guiar os turistas ... então sou um guia.”

Língua portuguesa:

“No meu país eu estava estudando e trabalhando com contabilidade, cinco anos trabalhei com a contabilidade em uma empresa automotiva e aqui estou trabalhando como guia de turismo.”

Na resposta em português, ele dá detalhes de seu trabalho na República Tcheca, antes de se mudar para o Brasil. Na resposta em tcheco, ele não tem essa “necessidade”. Analisando com a lupa de aumento mais para as respostas, elas parecem idênticas, em outras palavras, foram respondidas de forma igual em ambas as línguas. Portanto, não foram observados elementos relevantes para essas respostas que devem ser analisados.

Segunda seção das perguntas (intenção de perceber como se dá a interação do sujeito com a língua materna versus a língua oficial do país em que ele vive):

O entrevistado em ambas as línguas irradia uma impressão descontraída e suas respostas foram mais detalhadas do que na primeira seção. Ele é um dos poucos migrantes tchecos nesta tese de doutorado que também usa sua língua nativa para fins de trabalho. A partir de suas respostas, pode-se entender que a questão de usar a linguagem não é crucial para ele, e que ele vê essas questões de um ponto de vista muito prático. Ele é muito flexível na questão do idioma, o que pode ser entendido pela quantidade de línguas em que consegue se comunicar.

Quarta pergunta: Você se comunica na língua tcheca aqui, ou é usuário de outras línguas também?

Língua tcheca:

“Eu me comunico em tcheco aqui se eu encontrar alguém da República Tcheca, mas fora isso é muito raro. Costumo me comunicar em português ou inglês, dependendo com quem falo. Quando são

Língua portuguesa:

“Não tem muitas possibilidades para se comunicar na língua tcheca aqui em Salvador. Geralmente a única oportunidade para me comunicar na minha língua é com os turistas tchecos que são os meus clientes.

estrangeiros, a língua comum geralmente é o inglês, pois o português não é falado por tantos estrangeiros em Salvador ... e com os locais em português. Eu uso muito pouco o espanhol.”

Então, uso outras línguas também, mas aí depende ... uso inglês para comunicar com outros amigos estrangeiros, uso português para falar com as pessoas locais, uso tcheco para falar com os meus clientes e raramente que uso espanhol ou o francês para comunicar com as pessoas de outros lugares.”

É perceptível que o entrevistado usa todas as línguas que conhece o tempo todo: tcheco, português, inglês, espanhol e às vezes francês. Ele pode ser considerado como uma evidência de que as línguas são expressão da identidade de quem delas se apropria. Aqueles que mudam de idioma em breve redefinirão sua própria identidade. Em outros termos, quem aprende um novo idioma será redefinido como uma nova pessoa (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69). Contudo, o mundo de hoje pode ser considerado em espaço e tempo em que a questão da identidade não é mais considerada pacífica. As identidades são cada vez mais percebidas como incertas e mutáveis, sujeitas a constantes renegociações. Uma das formas pelas quais as identidades passam pelo processo de renegociação, reagrupamento, é o contato entre pessoas, entre nações, entre culturas. A situação social em que se desenvolve ao longo da vida, sua presença e atividades são aceitas pelos outros; e é repetidamente discutido pelo discurso social rotineiro (VAN DIJK, 1998, p. 154; ARCHAKIS e TZANNE, 2005; CHRYSOCHOOU, 2003). A identidade é um fenômeno dinâmico indistinguível do contexto situacional em que o falante opera ou ao qual deseja pertencer. Por esse motivo, o processo de transformação da identidade nunca termina e varia de acordo com a interação social, desejos e encontros em que o falante está envolvido durante sua vida, geralmente única e altamente subjetiva (TABOURET-KELLER, 1997, p. 316, apud MARTÍNEZ, 2005).

Quinta pergunta: Com quem você, geralmente, fala em tcheco? Falando tcheco aqui, como você se sente?

Língua tcheca:

“Falava com o meu amigo Ivan, que morava aqui ... ele saiu do Brasil há dois ou três anos.

Língua portuguesa:

“Com você (*rindo*) e com os meus clientes tchecos. Não conheço outra pessoa tcheca

Agora basicamente apenas com os turistas tchecos que vêm aqui ... e são poucos. E falar tcheco ... me sinto bem. É minha língua nativa, é mais fácil de usar, você explica melhor as frases nela e, também, na língua materna ... é assim que você aprende o ambiente cultural em que você fala, ao contrário em português ... no meio cultural do Brasil, aprende-se, é claro, tenta-se absorver coisas que são culturais para se expressar corretamente, pois nem todas as notas, brincadeiras, perguntas podem ser feitas basicamente para que até mesmo uma pessoa local possa entendê-las. Mesmo que usemos as mesmas palavras, isso não significa que devemos nos entender no contexto das coisas sobre as quais estamos falando. Então, em tcheco, é claro, é mais seguro, em português, provavelmente não é um problema explicar com as palavras, mas dentro dessa opinião, é claro, muitas vezes há um problema.”

aqui, agora neste momento em Salvador. Falando tcheco aqui eu me sinto bem. É bom explicar para os meus clientes ... explicar coisas na minha língua própria ... porque eu posso explicar também as coisas culturais, você pode explicar ... não só as coisas, tipo históricas, história do lugar ... geralmente do Brasil, da Bahia, mas também você pode explicar, porque as pessoas estão fazendo algumas coisas que não estão parecidas, não são feitas parecidamente na República Tcheca então é bom falar em tcheco porque dá para entender para meus clientes.”

Ele usa o tcheco marginalmente, principalmente para o seu trabalho, porque ele não tem muitas oportunidades em Salvador. Quando fala tcheco, “sente-se bem”. Suas respostas mostram que ele tem consciência da importância da cultura no uso da língua. Ele percebe que quando duas pessoas falam a mesma língua, isso não significa automaticamente que se entenderão. Suas respostas são diferentes. Em tcheco fala sobre a dificuldade de usar a língua portuguesa sem compreender a cultura, enquanto, em português apenas diz que usa a sua língua materna para transferir parte desta cultura local para os tchecos, e decide traduzir a cultura de acolhimento através da sua língua materna. Portanto, valeria a pena perguntar se ele realmente absorveu a cultura local, ou se ainda é capaz de ver essas “pequenas” diferenças e de explicá-las aos turistas tchecos.

Tendo em vista o indivíduo pesquisado, a linguagem expressa, abraça e simboliza a realidade cultural (KRAMSCH, 1998, p. 5). Na verdade, o que se chama de “linguagem” é uma das produções históricas da capacidade de comunicação humana. Como resultado, todos os idiomas estão profundamente enraizados na cultura em que operam. Conforme mostrado na parte teórica deste trabalho, embora a linguagem seja principalmente uma ferramenta de pensamento, é uma ferramenta de comunicação. Isso significa que a linguagem é usada para pensar e está sendo feita constantemente sem que se perceba. Os pensamentos podem ser influenciados pela linguagem falada, e Everett (2012) argumenta que existe uma certa influência da linguagem na forma como vemos e entendemos o mundo. No entanto, a verdadeira conexão entre linguagem e pensamento é entre conhecimento e uso da linguagem, que também são formas de pensar. Ao usar uma linguagem, utilizamos não apenas o conhecimento que temos sobre ela, mas todos os tipos de conhecimento sobre o mundo, o que se refletiu nas respostas do entrevistado.

Sexta pergunta: Você fala a língua portuguesa fluentemente?

Língua tcheca:

“Falo português (*rindo*).”

Língua portuguesa:

“Eu gostaria (*rindo*). Tenho que melhorar porque nunca visitei um curso de português. Eu aprendi português só por falar. Então ... eu nunca sei até alguém me corrigir ... eu nunca sei se estou falando bem ou não porque eu acho ... que a minha língua portuguesa já dá para entender, mas pessoas são educadas e ninguém quer me falar – ooo amigo, isso não é correto, você tem que falar melhor. Então até que dá para entender, eu acho que tá bom, mas pra falar bem, bem ... ainda falta caminho.”

Para resposta na língua tcheca, ele brinca que só “fala” português, sem especificar se é “fluyente” ou não. Há mais a ser dito na resposta em português. Nunca estudou formalmente a língua portuguesa, consegue comunicar-se nas situações que precisa e, além disso, as pessoas

são “educadas” e não corrigem quaisquer imprecisões linguísticas dele. Mesmo assim, ele percebe que pode melhorar.

Como já foi mencionado na parte teórica, existem pessoas que, ao usarem conscientemente outras linguagens, procuram uma forma de expandir a sua identidade (KRESIC, 2006). Para que a linguagem seja usada para comunicação, o processo de "ensino e aprendizagem" de uma língua "estrangeira" deve ser entendido como parte integrante do processo mais amplo de redefinição de identidades. Portanto, pode-se deduzir logicamente que aquele que aprende um novo idioma será redefinido como uma nova pessoa. (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69). O sujeito pesquisado está em processo de aprendizagem da língua local, quer se aprimorar nela, através dos fenômenos analisados conclui-se que sua identidade está em processo de reconfiguração.

Sétima pergunta: Com quem você, geralmente, fala português? Falando português, como você se sente?

Língua tcheca:

“Com as pessoas que encontro como parte do meu trabalho, ou seja, viajando, e depois com as pessoas que tenho aqui como amigos em Salvador. Minha namorada e eu falávamos inglês, assim ficou estabelecido que sempre falaríamos inglês. Com a família dela em português, mas com ela até agora em inglês. Há pessoas na família dela que entendem, mas não falam. Então é uma situação interessante que quando estamos com a família, falamos em português, quando estamos sozinhos, em inglês. E quando falo português, me sinto bem. Bem ... depois desses anos aqui, bem.”

Língua portuguesa:

“Com as pessoas locais aqui. Com família da minha namorada, com pessoas de trabalho ... com os meus melhores amigos taxistas (*rindo muito*). Falando português eu me sinto bem. Eu realmente me sinto bem ... desde que eu posso entender as pessoas, claro que o sotaque baiano pode ser às vezes bem complicado para mim, mas ... no geral eu gosto de falar português, porque acho que já o posso entender e me deixa sentir bem quanto eu posso fazer ... falar piadas com as pessoas locais, quando a gente pode compartilhar esse tempo juntos e falar ... e aprender as coisas novas então ... eu gosto de falar português.”

Ele fala português com os amigos e familiares da namorada, mas fala inglês com ela porque não falava português quando se conheceram. Quando se mudou para o Brasil, ele falava

inglês e espanhol. Segundo ele, o conhecimento do espanhol ajudou-o a aprender mais rápido o português para que pudesse se comunicar com a população local. Em ambas as respostas, comenta que quando fala português “sente-se bem”. Ele também afirma na resposta em português que está feliz por poder se comunicar e se integrar socialmente com a população local. Ele conclui positivamente: “gosto de falar português”.

O entrevistado usa qualquer idioma em que possa se comunicar, e isso não por uma dependência dele e, sim, dos interlocutores. Nesse caso, a linguagem se torna um meio de comunicação, conforme definido por muitos linguistas, incluindo Čermák (1994, p. 35), Černý (1998, p. 83-84), Everett (2019, p. 10) e Travaglia (2009, p. 23), entre outros.

Oitava pergunta: Quando você chegou aqui, teve dificuldade com a língua portuguesa? Quais?

Língua tcheca:

“Certamente. Grande. Eu falava espanhol quando me mudei para cá, então o espanhol, de certa forma, vai ajudar no começo, mas essas são coisas básicas, porque o espanhol não é totalmente entendido aqui, então ... ajudou, mas é mais assim ... você tem simplificado sua jornada com o espanhol por muito tempo, talvez se eu não soubesse nada, aprenderia português mais rápido. Você também precisa perceber que quando eu viajo pela América Latina e passo alguns meses fora do Brasil e viajo para países de língua espanhola ... e vou para o Peru, Bolívia ou qualquer outro lugar, eles pensam que sou brasileiro. E quando volto aqui, as pessoas pensam que sou argentino.”

Língua portuguesa:

“Eu estava com muita dificuldade porque eu falava só espanhol como uma língua parecida com o português, mas como é parecida não ajuda pra aprender a falar o português mais rápido. Você usa o espanhol, mas é bem limitado o que você pode explicar em espanhol e o que você pode explicar em português. O português aqui abre muitas portas, mas o espanhol é muito limitado para comunicação de turismo números para saber, onde fica um lugar ou outro lugar ... coisas básicas. Mas não dá para falar tudo. Então eu falava inglês com a minha namorada e com os outros estrangeiros que eu conheci aqui ... o português é fundamental para o lugar como Salvador.”

Pode parecer ilógico, mas suas respostas sugerem que a língua espanhola foi uma amiga parcialmente falsa em sua vida. A princípio ela deu-lhe um sentimento de “ajuda”, mas olhando pelo retrovisor, muito provavelmente o impediu de aprender mais rápido o português, o que ele

comenta nesse sentido (ao contrário da resposta à sétima pergunta). Em sua resposta em tcheco, ele reflete que passa muito tempo em países de língua espanhola, o que certamente não o ajuda com o português. Na resposta em português, considera que essa língua em Salvador “abre muitas portas” e é “fundamental” para a comunicação.

Esta pergunta e suas respostas podem ser analisadas da mesma forma que a anterior, a sétima pergunta e suas respostas. A linguagem é uma forma de comunicação para ele, e ele pensa de forma muito pragmática e prática nessa direção.

Nona pergunta: Você busca ambiente onde possa falar em sua língua materna? Por quê?

Língua tcheca:

“Não. Não é necessário. Em primeiro lugar, esse ambiente não existe aqui, conheço outros lugares no Brasil onde isso seria possível. Mas eu não sinto falta. Acho que a comunicação em tcheco, seja hoje nas redes sociais ou em outro lugar ... é tão grande que não sinto falta de falar em tcheco.”

Língua portuguesa:

“Na verdade, não, porque tenho oportunidade de falar o tcheco pelas redes sociais ... então não estou procurando aqui. Se eu souber que tem outra pessoa que fala o tcheco, eu não tenho problema de me encontrar com ela, mas geralmente não é o caso. No início quando cheguei em Salvador, eu tava procurando trabalho, para fazer algo e não ficar em casa só. Então, eu procurei trabalho e claro que as outras línguas que eu falava ajudaram. Eu fui trabalhar, no início, como recepcionista num hotel. E por isso, também, eu pude usar as outras línguas, no mesmo tempo pude trabalhar e no mesmo tempo pude melhorar o meu português porque, é claro, que vários clientes que chegaram lá no hotel também ... foram daqui do Brasil, as pessoas que trabalharam comigo foram brasileiros ... eu melhorei lá, muito.”

O entrevistado é um cidadão do mundo, cosmopolita que não se fixa em um único idioma. O seu trabalho e estilo de vida permitem-lhe ter um contato muito regular e muito próximo com

diferentes culturas e diferentes línguas. Ele não busca ativamente ou sente falta do ambiente de língua tcheca e da língua em si. Pelas suas respostas, que são muito semelhantes, nota-se que ele é capaz de se adaptar ao novo ambiente e encontrar nele o bem que lhe convém.

Em certo sentido, pode-se falar de semelhanças com a oitava questão, ou melhor, com suas respostas. Para a comunicação, privada e profissional, utiliza linguagens que conhece, mas ainda não é possível traçar e, assim, analisar a imersão na cultura.

O aspecto social e a sobreposição social do uso da linguagem, que cumpre seu objetivo principal, podem ser utilizados para analisar essa questão. Pertencendo a um grupo social específico, a estratificação social ou mesmo a diversão no uso da linguagem é considerada eminentemente uma atividade e processo social (VAN DIJK, 2000), e é definida como uma abordagem de cognição e adaptação social com foco na comunicação social, que é exatamente um exemplo do entrevistado.

Terceira seção das perguntas (entender os efeitos culturais repercutidos no cotidiano do sujeito):

Na terceira seção das perguntas, o respondente difere mais pela primeira vez em suas respostas, explicando com mais detalhes do que anteriormente. É visível que ele está muito interessado nos aspectos culturais da vida local, que ele compara com a vida em seu país de origem, seguramente em virtude da sua formação acadêmica. Ele fala com uma voz calma e praticamente não mostra sua linguagem corporal, contudo age de forma natural.

Décima pergunta: Como você percebe os hábitos e costumes dos brasileiros? Tem algo marcante que poderia comentar?

Língua tcheca:

“No que diz respeito aos costumes culturais, eles são obviamente muito diversos, lindos e eu realmente aprecio que Salvador seja uma cidade cultural que mantém muito a sua bagagem cultural e os vários feriados que aqui acontecem. Porque sinto falta que República Tcheca, pelo menos na região

Língua portuguesa:

“Os hábitos ... não tenho problema nenhum com os hábitos, com os costumes, eu acho que é o diferente ambiente cultural, que coisas culturais são coisas culturais, que ... que nós, como pessoas que estamos morando aqui ... temos que aprender e respeitar, porque não tem outro jeito, não cheguei aqui

onde vivi, estes costumes não se mantêm, sinto falta do folclore em nosso país que é muito pouco ... usado, mas é tão ... pelo menos tão interessante como em qualquer outro lugar. Aqui, o povo soteropolitano realmente não renunciou a esse folclore e é uma parte muito importante da cultura deles, que me atrai e eu gosto e é legal. Viaja-se para outros países justamente para ver alguma alteridade, para olhar algo diferente do que se conhece e é isso que Salvador cumpre maravilhosamente. Em outras partes do Brasil eles não têm tanta cultura, não que sejam menos culturais, mas a cultura é em muitos aspectos mais parecida com a europeia. Mas Salvador graças a uma síntese da cultura africana e colonial, cristã ... oferecendo uma grande diversidade. Tem muita coisa que você tem que se acostumar aos poucos, porque, por exemplo, do nosso ponto de vista, falta lógica, ou até mesmo a gente vê os próprios brasileiros reclamando, porém ao mesmo tempo não resolvendo coisas que são ... iguais todos os dias. É preciso se acostumar com o fato de que algumas coisas são apenas ditas e não significam nada ... algumas coisas são ditas e querem dizer demais... é assim ... eles nem falam e querem dizer alguma coisa. O tom com que se fala é muito importante aqui. Não importa o que você diga se você falar de forma mais sublime, mas expresse no tom errado, então já está errado, então o conteúdo

para mudar o mundo, não cheguei aqui para mudar Salvador ... ou o jeito como as pessoas percebem a realidade delas. Isso é coisa que só quero entender melhor, para me sentir melhor aqui, mas não quero mudar nada aqui. Depende das situações, são coisas ... posso imaginar que como turista ... você tem vida muito boa aqui, porque não está confrontado com coisas da realidade dia por dia que tem os brasileiros que estão morando aqui. Tipo ... se você tem que resolver coisas aqui ... coisas oficiais, ir para um escritório, usar o banco, qualquer lugar ... tem que receber o CPF, tem que preencher o registro.... isso tudo demora muito, demora tanto tempo, que alguma pessoa pode facilmente perder a paciência. Isso não é só coisa pessoal que eu percebo que eu posso ver, que ninguém ... de que as pessoas locais também ... não estão felizes por esperar o dia todo para resolver uma coisa só e várias vezes não resolvem nada. Então ... são coisas que são complicadas para pessoas que ... que não estão acostumadas para demorar dia todo para ... receber um carimbo ... resolver uma coisa. Mas ... não sei o que eu posso fazer mais do que esperar como qualquer outra pessoa aqui, então espero.”

aqui não é tão importante se você o explicar
no tom certo, então você precisa ter cuidado
com o que tom que uma pessoa fala.”

Quando o entrevistado fala sobre a cultura local, comenta em língua tcheca sobre a riqueza da cultura de Salvador, uma mistura das culturas africana e colonial (cristã), e que, graças a essa diferença, ele gosta da cidade. Na parte em português ele observa, de uma forma geral, que temos de aprender e respeitar, porque não existe outro caminho, não é bom tentar mudar o mundo como pessoa de fora. Ele quer entender a cultura local para se sentir melhor. Ele responde à segunda parte da pergunta de maneira um pouco diferente nas duas línguas. Em tcheco, ele descreve a necessidade de se acostumar com as situações locais e recorrentes. O entrevistado também menciona, repetidamente, a necessidade de usar um tom adequado na comunicação. Em português, ele retrata mais a diferença entre a vida dos cidadãos locais e dos turistas. Aqui ele fala muito sobre a realidade de que tudo leva muito tempo e como é difícil para as pessoas se acostumarem com esse modo de vida, inclusive os próprios brasileiros.

Durante parte das suas respostas a forma como o entrevistado se expressa pode ser caracterizada como irônica e até moralizadora, mas não aplica nenhuma crítica específica da sociedade que descreve. Ele fala sobre folclore e cultura local, e sua abordagem aos detalhes curiosos do folclore geralmente tem um aspecto romântico. Seu interesse por pequenos detalhes, cores e locais pitorescos pode ser rastreado, e seu interesse pelo tema é óbvio. É tcheco que observa e descreve a cultura baiana e, ao falar do cotidiano em português, sente-se brasileiro, esquece a riqueza do folclore e reclama dos obstáculos do cotidiano. As respostas em ambas as línguas são muito diferentes.

Como já mencionado, a língua é um fator social e se caracteriza pelos aspectos culturais dos grupos aos quais pertence, e como algo intangível é construída por expressões culturais, externalizando a mentalidade da comunidade e retratando a “visão de mundo”. É apropriado citar, neste contexto, o pensamento de Everett (2019, p. 369): “Mudanças culturais causam mudanças linguísticas”. A partir disso, pode-se deduzir que a relação entre cultura e língua é mútua e, posteriormente, pode-se concluir que as mudanças linguísticas também trazem mudanças culturais.

Décima primeira pergunta: Você se identifica com estes costumes, ou se sente apenas como um “observador”?

Língua tcheca:

“Observador, sem dúvida. Porque um pouco de hábitos aqui, em essência, seria baseado em semelhanças com meu ambiente cultural, sejam feriados cristãos, por exemplo ... então minha família não estava de alguma forma enraizada ou profundamente imersa no Cristianismo ... isso significa que minha abordagem nunca é assim ... que eu ... sentiria que eram meus feriados. Gosto de ir ver, gosto de ver, gosto de procurar algo sobre isso, aprender ..., mas nunca sinto que é apenas algo de que me sentiria parte. Pode estar relacionado também ao fato de eu ser antropólogo ... eu tenho certo distanciamento aí, curiosidade de por que está acontecendo, mas basicamente ser observador faz parte da educação antropológica, então a gente mantém um certo distanciamento de certas coisas.”

Língua portuguesa:

“Eu adoro muito os costumes culturais aqui em Salvador, adoro as festas culturais, adoro ver as diferenças culturais que temos entre culturas nossas. Porque a cultura minha é diferente, a região onde eu moro na República Tcheca não é região muito cultural ... então eu admiro o ambiente cultural aqui em Salvador porque, em contraste com as outras regiões do Brasil, Salvador é o melhor lugar pra ver outros costumes ... coisas culturais pra observar essas coisas e ... como a gente já falou, com educação de antropólogo eu ... agradeço muito esse ambiente cultural aqui em Salvador.”

Em ambas as respostas, ele se refere diretamente à sua educação formal como antropólogo, comentando que “ser um observador é uma parte essencial da educação antropológica”. Isso é indiretamente confirmado na resposta em tcheco, quando ele diz: “Observador, sem dúvida”. Ambas as respostas podem ser entendidas nesta linha.

Devido ao fato de sua formação, será cientificamente sensato manter contenção e não analisar essas respostas em relação ao tema deste trabalho.

Décima segunda pergunta: Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica mais?

“Eu acho que é muito individual, mas certamente gosto de relacionamentos interpessoais, gosto do conceito de vida familiar, gosto do fato de que família aqui realmente significa muito, mais do que qualquer outro relacionamento. Eu gosto, acho natural. E essa é provavelmente a parte que eu gostaria de destacar no modo de vida deles, talvez hoje a minha também, porque a família da minha namorada são meus maiores amigos aqui em Salvador. Provavelmente é a parte que eu mais amo.”

“Acho que somos pessoas parecidas, depende também aqui, são várias diferenças culturais dentro só de Salvador, porque a sociedade na República Tcheca é muito homogênea. Aqui você tem diferenças não só culturais, mas também de estilo de vida. Tem muitas pessoas que são super parecidas com estilo como na Europa, e tem pessoas que são bem distantes desse estilo da Europa. Então depende com quem você está falando aqui, dentro de qual ambiente você está para avaliar esta pergunta. Mas se eu tenho como se identificar com algo aqui é o jeito como percebemos nossos países, nossas culturas, quando estamos dentro do país – reclamamos, quando estamos fora do país – adoramos nossos países. Então a roupa suja se lava em casa. Aqui reclamamos, fora admiramos, acho que isso é bem parecido para brasileiros e para tchecos.”

O entrevistado descreve a parte do universo cotidiano de maneira diferente nas respostas. Na resposta em tcheco, ele confessa que as relações familiares e a família como tal são as mais agradáveis para ele. Entretanto, em português fala da sociedade tcheca como muito homogênea, ao contrário de Salvador, que - embora seja uma cidade - tem muitas culturas diferentes, do continente europeu até continente africano. O que ele considera igual para ambos os países: a República Tcheca e o Brasil; é o fato de as pessoas reclamarem de seu país quando estão nele. Mas, ao contrário, eles o defendem e falam positivamente quando estão fora dele.

Pelas suas respostas pode-se deduzir que, quando fala português, se torna brasileiro, não fala sobre classes sociais, mas sobre modos de vida, já na língua tcheca fala sobre outros temas. Consequentemente, pode-se dizer que a linguagem expressa, abraça e simboliza a realidade cultural, conforme confirma Kramsch (1998, p. 5). Percebe-se ainda nas respostas que a linguagem trabalha a serviço da cultura que representa (EVERETT, 2019, p. 13). Além disso,

também é adequado utilizar a opinião de que o indivíduo fala, com bastante naturalidade, assim como os que o cercam (EVERETT, 2019, p. 371), o que se reflete na resposta desse entrevistado. Segue-se logicamente que as pessoas imitam e reproduzem as outras pessoas em seu ambiente, e então podemos certamente falar sobre a reconfiguração de identidades dependendo do ambiente sociocultural. Vale lembrar que a linguagem também é percebida como uma prática social criadora de realidade (FOWLER, 1985, p. 62), e outrossim, molda a maneira como os indivíduos veem o mundo e inclusive caracteriza a cultura de qualquer público em geral. Além do mais, é uma ferramenta com a qual conquistamos tudo no mundo. Além desses fatos, no entanto, a linguagem tem o poder de dominar ideias e criar várias identidades (SHAIKH, 2019, p. 167). Do exposto, pode-se concluir, que em certa medida o entrevistado apresenta identidades diferentes dependendo da linguagem que utiliza para dar ênfase à cultura descrita por ele.

Décima terceira pergunta: Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica menos?

Língua tcheca:

“Mais regionalmente, é basicamente um equívoco de pontualidade, que me vem como um grande desrespeito às pessoas, chegar atrasado em todos os lugares e esperar em todos os lugares ... muito tempo é passado aqui esperando. E você não se importaria se vocês soubessem ... tipo ... vamos dar um jeito um dia e tudo pode demorar ... eu posso vir mais tarde, você pode vir mais tarde ... tudo bem. Mas não gosto de falta de pontualidade. E também ... assim ... do meu ponto de vista, insinceridade, mas do ponto de vista deles não é insinceridade. Quando te disserem, te vejo amanhã ... então para mim é uma coisa clara, já estou anotando: nós veremos amanhã. Mas para eles isso significa

Língua portuguesa:

“No primeiro lugar, quando você chega aqui, todo mundo fala para você: cuidado, cuidado, cuidado. E você fica preocupado. Por que todo mundo quer cuidar de mim? Por que todo mundo sugere que eu tenho que cuidar de algo? E ... então, a parte da segurança é ... no primeiro lugar ... é uma coisa estranha antes de você se acostumar e já sabe que é só para ajudar você para proteger você ... que as pessoas falam assim. E depois o tempo, você também ... se aprende como é vida cotidiana aqui, como funciona, pra onde eu posso ir, pra onde melhor não ir, que horário é bom pra sair, que horário é mau pra sair, pra não arriscar ... então o lado da segurança é talvez ... coisa diferente, e também o lado pra se

apenas uma parte da saudação: tchau, se cuide. Às vezes é um mal-entendido cultural, mas é mais um problema da minha parte do que deles ... a gente precisa se acostumar a funcionar de maneira diferente.”

preocupar. Agora, essa coisa se mudou muito. Não me sinto inseguro aqui em Salvador, eu me sinto bem ... já passei vários anos aqui em Salvador e nunca passou nada comigo, nunca eu tava com a experiência ruim por causa da segurança. Então eu me sinto seguro.”

Ele fala na língua tcheca sobre o desrespeito ao horário dos encontros marcados e comenta que estava muito chateado e percebia esse fenômeno cultural como “desrespeito”. Em português, ele fala apenas de segurança pública no sentido de constante alerta por parte da população local. Depois de entender como funciona a cidade, para onde e quando ir e não, ele se sente seguro.

As respostas à décima terceira pergunta são muito semelhantes aos mesmos aspectos que as respostas à décima segunda pergunta. Em tcheco ele responde como tcheco: graças à sua língua materna, em português ele responde como se fosse brasileiro: graças à proficiência na língua portuguesa. Uma análise das respostas e uma conexão com a teoria neste contexto seria uma repetição do que foi escrito na análise da décima segunda pergunta.

Quarta seção das perguntas (específica de identidades em suas reconfigurações):

O entrevistado tem uma expressão relaxada e se permite falar muito mais do que o estritamente necessário para responder. A conversa continua em ambiente descontraído, sem perturbações externas. Ele fala com prudência, pensando nas respostas, e em suas respostas pode-se observar a dicotomia em sua identidade, em outras palavras, ela pode ser dividida em mais duas, opostas e complementares.

Décima quarta pergunta: Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país?

Língua tcheca:

Língua portuguesa:

“Eu mesmo acho que sou mais paciente ..., mas os outros não me percebem assim (*risos*).”

“Depende de que lado ... eu me sinto diferente porque aqui é calor, então estou suado cada dia (*risos*). Eu acho que bebo mais água do que a cerveja aqui mas geralmente eu não me sinto tão diferente que ... que eu gosto das mesmas piadas, eu gosto mesmo tipo das pessoas, gosto de aproveitar o dia, ficar positivo, essas coisas que são bem parecidas com outros países. É a coisa: no início, quando você chega, tudo é diferente, você acha que tudo é 180 graus diferente. Mas você conhece, você vê que tudo tem um motivo, tudo tem a razão por que, e você chega até o entendimento porque as coisas funcionam assim, e você chega também a entender que não é tão diferente ... são os jeitos diferentes, mas no final ... é igual.”

As respostas em ambos os idiomas são completamente diferentes. A resposta em tcheco é curta e fala apenas sobre o fortalecimento da paciência do entrevistado. Ele fala muito mais em português e filosofa sobre outras questões: condições climáticas, sobre o fato de gostar das mesmas piadas, das mesmas pessoas. Embora o novo país pareça muito diferente, com o tempo ele entendeu os motivos pelos quais as coisas funcionam de determinada forma e as pessoas reagem à sua maneira. Ele concluiu enfatizando que, apesar das várias formas distintas, tudo “é igual”.

Quando o entrevistado comenta que “você chega até o entendimento porque as coisas funcionam assim”, na verdade pode-se concluir que ele está dizendo que a princípio não entendia e agora entende. Dessa forma, ele realmente descreve a assimilação cultural quando ele assumiu os valores, comportamentos e crenças do grupo dominante, ou local, e os compreendeu (SPIELBERGER, 2004). Sua atitude também pode ser descrita como um entrelaçamento de culturas, onde o entrevistado amplia seu repertório cultural existente (ABE, 2017). A assimilação cultural está intrinsecamente ligada à linguagem, e se deve ter em mente

que a cultura influencia a linguagem neste contexto, porque todos precisam expressar os elementos culturais de alguma forma, mas isso se faz de uma forma diferente daquela a que estão acostumados em sua língua materna.

Décima quinta pergunta: Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua portuguesa?

Língua tcheca:

“Acho que mudei depois de passar alguns anos no Brasil. Um tem uma perspectiva ligeiramente diferente. Mas se se mudou pelo uso da linguagem ... mudou bastante porque eu aprendi a entender a vida aqui, a linguagem local me abriu mais entendimento sobre a vida local ... o universo brasileiro é mais compreensível para mim quando falo português, porque a gente tem as coisas explicadas de mais pontos de vista e tem melhor acesso a elas. O mal-entendido é como se ... um entendimento de que não apenas as palavras devem ter significado, mas também o entendimento em torno delas lhes dá uma dimensão diferente. Isso significa que aprender a língua em si, palavra por palavra, e nunca vir aqui, não faria, de fato, muito sentido para entender Salvador ou a vida em Salvador.”

Língua portuguesa:

“Não acho que muito. Facilitou minha vida que eu posso explicar o que eu quero explicar para qualquer pessoa ... eu posso deixar pessoas entender várias vezes, não sempre, mas o jeito como eu estava, como eu sou ... como eu sou ... não mudou muito ... com a língua portuguesa. Eu acho que ... agora eu me sinto muito mais seguro, tipo eu posso explicar as coisas, fazer piadas, posso falar com as pessoas, isso ... isso ... é bom, porque facilita a vida. Então eu me sinto melhor por falar português. Mas só por causa que eu aprendi outro idioma – o português – não me mudou como uma pessoa.”

O entrevistado responde de forma semelhante em ambas as línguas, porém se nota uma dicotomia ao se analisar mais detalhadamente as respostas. Na resposta na língua tcheca, ele confirma uma mudança e vê a linguagem como algo que o ajudou e tornou mais fácil para ele entender a população local, e ser entendido nesse cotidiano da vida local. Já na língua portuguesa, ao final da sua resposta, ele disse não sofrer mudança por ter aprendido a língua

portuguesa. Ele percebe que aprender palavras em uma nova língua é uma coisa, mas apenas aplicando essas palavras à vida local, ganha-se uma nova dimensão de compreensão da linguagem e conseqüentemente do contexto local e a cultura local se torna mais compreensível. Ele se sente mais seguro e também se sente bem quando fala português.

O entrevistado expressa com precisão, embora sem saber, a visão de que duas línguas diferentes não podem ser consideradas cópias perfeitas e devem ser trabalhadas dessa forma. Nenhum idioma pode ser traduzido com precisão para outro idioma, pois diferentes idiomas podem ter diferentes habilidades expressivas para diferentes tipos de informação (EVERETT, 2012, p. 294). Um exemplo amplamente utilizado é a palavra “saudade” em português, que, segundo muitos teóricos (por exemplo, ILARI, 2004, p. 24), não pode ser traduzida com precisão para outras línguas. Nesse ponto, a cultura torna-se importante, porque muda e complementa o contexto da informação comunicada, pois a cultura é, portanto, produto e produtora da linguagem. Da mesma forma, a linguagem é um produto e produtor de cultura (EVERETT, 2012, p. 169). Nesse ponto, vale lembrar que o usuário de uma língua não nativa precisa ter um conhecimento mínimo de expressões não linguísticas e, portanto, culturais, que permitam a compreensão de significados, porque a língua nunca expressa tudo, a cultura preenche os detalhes (EVERETT, 2019, p. 272). Essa indissociabilidade entre língua e cultura é claramente perceptível nas respostas do sujeito pesquisado.

Décima sexta pergunta: Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar?

Língua tcheca:

“Certamente. É um lugar que eu gosto, é um lugar que eu entendo (*risos*). É sentimento, porque quanto mais você fica fora do país ... o que é muito comum tanto para os tchecos, quanto para os brasileiros, quando você encontra brasileiros em qualquer lugar do mundo, mais sentimentais eles ficam com o Brasil, é simplesmente o melhor país que eles já conheceram, qual viram, onde já estiveram ..., mas quando estão em casa, é claro, reclamam muito sobre o Brasil, e eles têm

Língua portuguesa:

“Eu acho que sim ... que é imaginação fácil. Ainda tenho família lá, amigos ... então é possível voltar pra lá, mesmo que é possível continuar morar aqui. Ainda acho mais fácil voltar do que morar aqui porque ... claro com o futuro, com planejamento de família e outras coisas ... eu acho que a vida familiar: por lado da segurança, por lado da educação, por lado de serviços ... tipo ... plano de saúde, aposentadoria, de todas as coisas ... tudo é muito mais seguro e mais fácil na República

coisas parecidas com os tchecos. Nós, tchecos, também falamos bem do nosso país quando estamos fora dele, e nele mesmo, é claro, comentamos o que ali nos incomoda, o que me parece bastante semelhante. Posso imaginar que, quando estou em casa, vou simplesmente reclamar de coisas como qualquer outro tcheco. Mas também terei sentimento com o país, porque nasci lá, conheço gente lá, cresci lá e isso não dá pra tirar ou apagar de uma pessoa tão facilmente. Mas, quanto mais tempo uma pessoa vive fora de seu país, o sentimento aumenta para alguns e se neutraliza para outros. No meu caso, se eu morar aqui ou ali, nada vai mudar, não vou achar importante. Também está ligado à tecnologia - antes eu não sabia o que acontecia em casa - quando estava viajando - hoje sei tudo e em tempo real. O contacto é muito próximo e não me sinto desligado do meu país, por isso não me parece muito importante se aí estou fisicamente presente ou se a comunicação é à distância.”

Tcheca do que no Brasil. Mas isso também depende de vida que você arruma aqui. Então, se você arruma uma vida boa, trabalho bem pago, um salário bom, você também pode ter a vida de qualidade como você está acostumado da Europa. Mas claro que aqui pra ter a padrão da vida que você tá acostumado em Europa, você precisa ganhar muito mais do que na Europa, porque o custo da vida – tipo padrão da Europa – é bem caro.”

Apesar de, no início de ambas as respostas, ele se expressar no sentido de um futuro retorno ao seu país de origem, na continuação ele já argumenta sobre várias possibilidades. Ele está respondendo de maneira diplomática como se não quisesse ofender ninguém. Ele fala novamente sobre os sentimentos que muitas pessoas expressam: reclamam em casa sobre o seu próprio país e o elogiam no exterior. Em suas respostas não fica claro quais são seus planos para o futuro.

O sujeito pesquisado comenta o real estado do mundo como o percebe e pensa sobre ele. É observável que ele ao mesmo tempo considera as tecnologias digitais que estão mudando a comunicação. Tudo está online e em tempo real, em outras palavras, de modo que a necessidade

e a importância da presença física diminuem à medida que as possibilidades tecnológicas se expandem. Nesta seção, pode-se falar em identidade digital, que é descrita por alguns teóricos, como Barton e Lee (2012) ou Kress (2009). Por meio de novas mídias e conectividade, os limites do “aqui” e do “lá” são borrados, e é essa nova ordem social que marca com precisão essa fluidez e limitação. A velocidade com que os textos orais e escritos podem ser transmitidos tem apoiado o desenvolvimento de estruturas de linguagem que combinam a linguagem escrita e falada em direção à evolução. As redes sociais conectam pessoas de todo o mundo, proporcionam reuniões virtuais e promovem e cocriam uma nova identidade digital. Por conta das tecnologias digitais, o entrevistado consegue manter os vínculos com o seu país, e em certa medida isso pode influenciar nas possíveis reconfigurações identitárias.

Através de uma análise global deste indivíduo, pode-se chegar à conclusão bastante inequívoca de que ele reconfigura sua identidade de acordo com a língua que fala ou reage como duas pessoas diferentes: de forma diferente na sua língua materna, de forma diferente no português. Às vezes, essas mudanças são detectáveis apenas em uma inspeção mais detalhada, outras vezes são evidentes.

Na primeira pergunta, foram identificadas as construções sociais (LEEDS-HURWITZ, 2009, p. 891) como as principais que influenciam o entrevistado, melhor dizendo, sobretudo, as expectativas de sua sociedade e da cultura em que cresceu, ou no qual ele se encontra atualmente, e que o ligam e o transformam.

Na quarta, sexta e nona pergunta, o fator mais importante na possível reconfiguração da identidade foi denominado o aspecto social como forma de comunicação social (VAN DIJK, 2000) e discurso social (VAN DIJK, 1998, p. 154; ARCHAKIS e TZANNE, 2005; CHRYSSOCHOOU, 2003). Também foi possível observar que qualquer pessoa que aprendesse um novo idioma seria redefinida como uma nova pessoa (RAJAGOPALAN, 2004, p. 69).

Da análise da quinta, décima e décima segunda pergunta, pode-se deduzir que a linguagem expressa, abraça e simboliza a realidade cultural (KRAMSCH, 1998, p. 5). Quando fala português, ele se reconfigura de acordo com as normas culturais brasileiras, quando fala sua língua materna, aproxima sua cultura tcheca da sua identidade. A linguagem, portanto, controla e muda seus pensamentos e cria mais identidades (SHAIKH, 2019, p. 167), o que acontece sem o seu conhecimento, simplesmente pelo uso de uma linguagem que afeta a forma como o indivíduo vê e entende o mundo (EVERETT, 2012).

Na décima quinta pergunta, o respondente descreve claramente, embora sem saber, que nenhum idioma pode ser traduzido com precisão para outro, porque diferentes idiomas podem ter diferentes habilidades expressivas para diferentes tipos de informação (EVERETT, 2012, p. 294), e neste caso, a cultura torna-se importante porque muda e complementa o contexto da informação comunicada, porque a cultura é, portanto, produto e produtora da linguagem. Da mesma forma, a linguagem é um produto e produtor de cultura (EVERETT, 2012, p. 169).

A análise da última questão é interessante no contexto da transição para a vida online devido à pandemia global Covid-19, contudo, esta entrevista decorreu antes da pandemia, presencialmente. A identidade e suas possíveis configurações e reconfigurações devem ser mais percebidas também do ponto de vista da identidade digital (BARTON e LEE, 2012; KRESS, 2009), com a qual todos nós temos (tanto eu, quando escrevo estas linhas, e você, quando você lê minhas falas) experiências grandes e intensas, agradáveis e menos positivas. A avaliação das reconfigurações de identidade deve, portanto, focar mais nesses dois níveis: on-line e off-line.

Do exposto, uma única conclusão lógica pode ser tirada: a identidade do sujeito está em processo de reconfiguração e é muito influenciada pela língua que ele fala, porém também pela cultura na qual está imerso.

APÊNDICE L – ENTREVISTADO Nº 12

Quadro 13 - Entrevistado Nº 12 = entrevista Nº 23 e 24

Idade e gênero	49, masculino
Naturalidade	Zlín, República Tcheca
Residente em	Curitiba, PR
Profissão / formação	Empreendedor, possui empresa de assessoria e consultoria no Brasil, em sociedade com a sua esposa tcheca, para apoiar as empresas tchecas, que pretendem entrar no mercado brasileiro, não possui funcionários. Iniciou estudos para ser Médico de formação na Universidade de Carlos (porém não concluiu) em Praga, na República Tcheca.
Língua não materna	Fala a língua portuguesa quase fluentemente, não houve problema marcante na fala. Fluência, uso de vocabulário e gramática, o que dá para avaliar como nível de B2: Falante independente de Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas. Ele se expressou bem e com tranquilidade, porém com menos detalhes em português, e às vezes buscava em sua memória palavras para expressar melhor seu pensamento.
Estado civil	Casado, com cidadã tcheca, atualmente moram juntos, tem duas filhas com idades de seis e quatro anos, ambas nascidas no Brasil.
Tempo no Brasil	Está domiciliado no Brasil desde 2013.
Tempo de gravações	Língua tcheca: 31 minutos; língua portuguesa: 28 minutos.
Observação relevante	Em sua chegada ao Brasil, ele utilizou apenas o idioma inglês, porque a empresa o informou sobre o fato que não havia necessidade da língua portuguesa no exercício de sua função, o que se provou equivocado e gerou dificuldades adaptativas. Fala outras línguas, as quais foram classificadas por ele em ordem de proficiência: tcheco, inglês, português, francês, russo.
Data de entrevistas	28 de março de 2020

Local de entrevistas	Skype entre Salvador (casa do autor) e Curitiba / PR (sua casa).
----------------------	--

Fonte: do autor

Este entrevistado, diferente dos demais, se destaca porque mora no Brasil com esposa tcheca, e ambos migraram para o Brasil por conta do seu trabalho. Eles têm duas filhas tchecas-brasileiras, ambas nascidas em Curitiba, que falam tcheco em casa (ele é marido da entrevistada nº 17.). Ele veio para o Brasil a pedido de uma empresa tcheca, que abriu uma nova filial neste país. Já teve experiência profissional em várias partes do mundo, inclusive na República Tcheca, como China, México e Oriente Médio, o que certamente lhe permitiu obter um maior conhecimento de outras culturas, línguas e pode já ter causado reconfigurações de identidade, como será mais explorado na análise a seguir.

Em seu discurso, ele frequentemente se referia a si mesmo como “europeu”, não “tcheco”, o que pode estar relacionado às suas crenças e opiniões. Autodenominar-se “europeu” não é comum na cultura da República Tcheca, mas é possível que sob o peso da experiência estrangeira ele começou a se perceber um pouco diferente (por exemplo, levando em consideração o fato que a República Tcheca é um país desconhecido em algumas regiões do mundo, pode ser mais fácil e prático falar sobre si mesmo como “europeu”).

Durante a comunicação com o autor manteve se dirigindo a ele pelo “o senhor”¹⁵⁴ (nível hierarquicamente formal na língua tcheca), não sugeriu o uso do termo “tu” (menos formal) durante o encontro, o que considero natural, uma vez que ele é mais velho do que o autor, ou talvez tenha sentido necessidade de manter distância formal.

Ademais, é importante destacar que esta foi a primeira entrevista realizada remotamente pelo software Skype (em vez de presencialmente), dada a situação da pandemia mundial de COVID - 19, e da proibição de viajar.

Primeira seção das perguntas (aproximação dos entrevistados com o pesquisador):

¹⁵⁴ Cortesia significa uma maneira de agir que expressa respeito e estima pelos outros. O oposto é grosseria. A cortesia é expressa em uma forma social, mas é uma virtude e, diferentemente da etiqueta, não é apenas formal. Do ponto de vista da psicologia, a cortesia faz parte da programação social de um indivíduo, análise transacional, fome de estímulos e estrutura. A cortesia é expressa através da comunicação e está diretamente relacionada ao idioma (nota do autor).

Durante a entrevista, ele conota calma, e responde às perguntas com cautela, se expressa de forma pragmática e técnica, onde descreve mais fatos do que sentimentos. Suas respostas em sua língua materna são, na maioria dos casos, mais longas.

Primeira pergunta: Por que você está morando no Brasil?

Língua tcheca:

“Faz mais de sete anos, desde o início de 2013, quando vim ao Brasil para abrir uma filial para a América Latina para uma empresa tcheca. Essa é a resposta ao “porquê” aqui no Brasil. No entanto, deixei a empresa em 2017, mas decidimos continuar a viver aqui, e esse é outro “porquê”. Ficamos aqui porque sentimos que o mercado brasileiro tem potencial, tem oportunidades interessantes e que podemos nos beneficiar da experiência que adquirimos aqui até o momento.”

Língua portuguesa:

“Eu cheguei para cá em 2013, então estou morando aqui por mais que sete anos. Cheguei aqui para abrir uma filial da empresa tcheca aqui no Brasil e América Latina. Essa empresa foi vendida para uma corporação americana ... dos Estados Unidos. Foi em 2017, e nós decidimos, minha esposa e eu, sair da empresa, ficar aqui e abrir os nossos negócios e continuar com nossos projetos próprios.”

O único motivo relevante para se mudar e permanecer no Brasil foi o trabalho, que ele repete de forma idêntica em ambos os idiomas. Essas respostas não trazem aspectos potenciais para a análise da reconfiguração identitária, porém, ilustram sua situação de vida atual.

Segunda pergunta: Você gosta de morar no Brasil?

Língua tcheca:

“Definitivamente sim (*risos*). As condições e ambiente são completamente diferentes aqui do que na República Tcheca, do que na Europa, do que em outras partes do mundo, onde tenho experiências até agora. Sim,

Língua portuguesa:

“Sim, eu gosto de morar no Brasil. Por causa de ... de ambiente completamente diferente da República Tcheca, da Europa, e de outras regiões da minha experiência anterior. E também por causa que temos a família aqui,

gostamos de viver aqui, estamos aqui há muito tempo. Pessoalmente, posso dizer que gosto daqui ... quando estou no Brasil, porém, sinto saudades da República Tcheca, no momento em que estamos na República Tcheca há algum tempo, já estou ansioso para voltar ao Brasil, é assim ... tenho coisas específicas que gosto nos dois lugares.”

a nossa própria família, temos as filhas que nasceram aqui e a sociedade aqui é mais aberta para as famílias e para as crianças pequenas.”

Ele gosta de morar no Brasil, o que confirma em ambas as respostas: mora no Brasil há muito tempo e voluntariamente, porém tem saudades da República Tcheca assim como quando está na República Tcheca sente saudades do Brasil. Se considera pertencente a ambos países e culturas. O entrevistado tem a possibilidade de comparar com algumas partes do mundo em que viveu, no entanto, nunca se afastou totalmente das suas raízes tchecas, porque viaja regularmente ao seu país de origem e “sente saudades”. Na resposta em português, ele menciona filhas nascidas no Brasil, o que omite na resposta em tcheco.

As emoções não diferem muito entre as culturas. No entanto, as emoções, como os processos mentais e socialmente controlados (MACHÁČ, 1985, p. 56), fazem que os fatos, eventos, situações e resultados das atividades sejam julgados por cada um de nós de acordo com o estado subjetivo e relação com o avaliado, o que leva a uma atitude em relação à situação. A experiência emocional é cocriada pela cultura, mas também a determina. O entrevistado comenta sobre o “ambiente diferente” do Brasil em relação a outras partes do mundo, e percebe a sociedade brasileira como “mais aberta para famílias e crianças pequenas”. Ele não comenta esses fatos na língua tcheca, porque o uso de uma segunda língua pode atuar como uma função de distância, permitindo que os usuários de L2 evitem situações de ansiedade e expressem ideias em sua L2, o que seria muito preocupante em L1, conforme confirmado por Bond e Lai (1986, p. 182) e Javier e Marcos (1989, p. 453). As emoções também se mostraram fatores que podem interferir na construção de identidades. Sentimos emoções ao usar qualquer idioma. Línguas diferentes têm impactos emocionais diferentes em indivíduos bilíngues e multilíngues (HUSTON, 1999, p. 61).

Terceira pergunta: O que você fazia em seu país, e o que está fazendo aqui?

Língua tcheca:

“Na República Tcheca, abri o primeiro negócio após a decisão de abandonar os estudos. Como eu disse, estudei medicina por um período. Porém, como médico, nunca me formei, ou seja, tenho basicamente apenas metade dos estudos, aí eu decidi deixar, porque eu disse a mim mesmo que nunca ... nunca ia trabalhar como médico, embora estivesse perto disso e me esforçasse muito durante esses estudos, mas de novo naquele momento não estava disposto para abrir mão de todos os meus hobbies e interesses que eu tinha. Então, comecei um negócio depois da universidade, ou melhor ... comecei um negócio na universidade e seguimos em frente. Depois comecei a trabalhar para uma empresa que trabalhava na área de design e produção de móveis ... para uma empresa tcheca onde eu comecei projetos no Oriente Médio e na China ... e justamente dessa empresa que eu recebi uma oferta para abrir uma filial aqui no Brasil, que se encarregaria do mercado brasileiro e latino-americano. Abrimos um escritório aqui, abrimos um escritório também no México, montamos uma rede de abastecimento, que operávamos aqui. Basicamente, produzíamos no Brasil para os Estados Unidos e outros países da América Latina. E em 2017, a empresa foi vendida para uma grande corporação americana. E naquele momento, basicamente decidimos, decidimos ... eu e a minha esposa,

Língua portuguesa:

“No meu país durante os estudos na universidade eu já começava com os meus próprios negócios. Eu estudava, como eu já falei ..., mas eu nunca trabalhei como médico. Porque quando meus estudos quase terminaram, eu tinha metade dos exames finais da universidade. Eu já sabia que nunca vou trabalhar como um médico, por que eu não estava pronto para deixar todos os meus hobbies e tudo que gostaria fazer somente para ficar no ramo de medicina. Então eu comecei com as negociações, depois eu trabalhei para empresa de design, produtor de móveis, eu fiz os projetos para eles na China e outras regiões, outros mercados e recebi a proposta de abrir a filial dessa empresa aqui no Brasil. Então mudamos para o Brasil, eu juntamente com a minha esposa, e abrimos operações aqui em Curitiba no Brasil, para o Brasil e América Latina, e fizemos o mesmo no México também. Desenvolvemos a rede de fornecedores lá no México, e aqui no Brasil. Em 2017 paramos com isso quando a empresa foi vendida e começamos os nossos projetos próprios.”

é por isso que digo “nós”, decidimos sair da empresa e ficar aqui no Brasil e começar nossos próprios projetos. No momento, eu pessoalmente faço negócios em consultoria ... ajudando empresas tchecas e estrangeiras a serem capazes de abrir uma empresa aqui, entrar no mercado brasileiro, divulgar seus produtos, apoiar seus serviços aqui ou vice-versa, ajudo os brasileiros na busca para algo no exterior, na República Tcheca. Nos últimos dois anos, temos feito muito no campo da cerveja, que está florescendo aqui, ou até agora estava, e onde acho que há uma grande oportunidade para os tchecos transmitirem algumas de suas tradições e conhecimentos para os brasileiros.”

Em sua resposta na língua tcheca, ele fornece muitos detalhes sobre seus estudos e trabalho na República Tcheca e em outros países antes de se mudar para o Brasil. A resposta em português é mais breve, porém o conteúdo da mensagem permanece intacto. Pode-se dizer que o pensamento sobre a pergunta foi descrito da mesma forma nas duas línguas. Não se apresentaram elementos relevantes nessas respostas, que pudessem ser analisados no contexto do tema deste trabalho acadêmico.

Segunda seção das perguntas (intenção de perceber como se dá a interação do sujeito com a língua materna versus a língua oficial do país em que ele vive):

Em suas respostas, ele é muito analítico quando pensa em detalhes sobre mais aspectos das perguntas do que a maioria dos outros entrevistados. As suas respostas, na sua língua materna, são muito extensas e, comparadas com o português, muito ampliadas. À primeira vista, a intenção de compreender como ele interage com a língua materna em oposição à língua oficial do país em que vive é muito influenciada por sua história pessoal e profissional, na medida em

que possui vasta experiência em diferentes partes do mundo e, além disso, ele sabe como se comunicar ativamente em mais línguas estrangeiras do que é habitual na sociedade em geral.

Quarta pergunta: Você se comunica na língua tcheca aqui, ou é usuário de outras línguas também?

Língua tcheca:

“Bem, falo muito pouco tcheco, provavelmente não sobreviveria aqui no Brasil se me comunicasse em tcheco, mas falo em tcheco com minha esposa e filhas. Não falo muito tcheco na minha vida profissional, porque aqui em Curitiba somos apenas cinco tchecos, e todos viajamos muito por conta dos nossos trabalhos, então não há muitas oportunidades de nos encontrar. Ou melhor, nos vemos relativamente regularmente com um desses tchecos, porque trabalhamos juntos em alguns projetos, então é claro que aí falamos tcheco ..., mas fora isso, com todos os arredores, neste momento principalmente português. Às vezes uso outros idiomas, principalmente o inglês. E o inglês foi na verdade a principal língua que usei aqui até 2017, porque a empresa tcheca, e também a corporação americana ... tinha a língua de trabalho inglês. Então, embora eu estivesse contratando gente aqui para nossa empresa, tinha que ser brasileiros que falavam inglês, porque o inglês era comunicado lá. O português, no dia a dia, só comecei a falar depois de 2017, porque vim para o Brasil com o fato de basicamente

Língua portuguesa:

“Na verdade, a língua tcheca eu não uso no meu dia a dia aqui no Brasil, na vida profissional, porque como eu já falei, nós somos família tcheca então em casa com a família falamos tcheco. As nossas filhas ... elas falam tcheco e português mesmo. Têm o vocabulário diferente, o vocabulário português é mais amplo para elas, porque aqui na família nós falamos tcheco, mas elas têm possibilidades de falar com os adultos só. Então é isso. E sobre mim ... falo tcheco aqui, falo tcheco com os outros tchecos aqui em Curitiba, mas têm somente cinco tchecos aqui em Curitiba então as oportunidades são raras. Mas ... então na maioria com os clientes, parceiros, amigos conversamos em português aqui na vida profissional.”

como em qualquer parte do mundo, posso lidar com tudo com os idiomas que falo (*risos*) ..., mas aqui não é possível. Então, quando cheguei aqui, eu não falava português de jeito nenhum. Claro, comecei a aprender desde o início, porque sempre sinto que quando uma pessoa vive em algum outro ambiente, ela deveria ser capaz de comunicar pelo menos o básico naquele idioma local e com as pessoas locais, então comecei a aprender português imediatamente. E é disso que você precisa quando você viaja ou sai para a cidade, então, queira ou não, você tem que usar o português.”

A resposta em tcheco é notadamente mais longa que em português. Aqui o entrevistado fala detalhadamente sobre tudo relacionado às línguas com as quais se comunicou ou que usa atualmente. Fala pormenorizadamente sobre seu trabalho e menciona que o inglês foi uma parte importante de sua vida profissional, porém sem o conhecimento de português ele não poderia morar no Brasil. Expressa a opinião de que uma pessoa que vive em outro ambiente cultural deve ser capaz de falar a língua local. Em sua resposta na língua portuguesa, ele é mais breve, mesmo assim menciona suas filhas e suas habilidades de falar as duas línguas. Pode-se considerar de maneira resumida que nestas respostas evidencia-se que quando respondeu usando sua língua materna, focou na vida profissional enquanto na língua portuguesa atentou-se mais na dimensão pessoal.

Pode-se dizer que na cultura tcheca se fala mais em trabalho, enquanto na brasileira se fala mais em família e filhos? É provável que sim. A cultura é um valor ordenado, é o comportamento dos membros da comunidade, é abstrato, encontra-se nos indivíduos da sociedade que a compartilham quando concordam sobre um conjunto de valores e sobre a prioridade relativa que atribuem a esses valores. Por outro lado, os membros da cultura compartilham conhecimentos e papéis sociais. Nas ações individuais dos membros da sociedade, é possível observar valores e saberes aplicados ou exemplos de expectativas de diversos papéis sociais (EVERETT, 2019, p. 100). Os valores internalizados, o conhecimento

e a linguagem utilizada podem servir como ferramenta para que o indivíduo saiba mais precisamente o que fazer, o que esperar, como reagir etc., em diferentes situações. Além disso, segundo Geertz (1973, p. 50), a cultura é algo que nos orienta, nos garante como pensar, como reagir e como sentir em ambientes socioculturais, sejam eles diferentes ou não, em diferentes situações de vida e como usar a linguagem para se comunicar de forma mais eficaz. E é exatamente isso que acontece com este entrevistado.

Quinta pergunta: Com quem você, geralmente, fala em tcheco? Falando tcheco aqui, como você se sente?

Língua tcheca:

“Falamos tcheco em casa desde o início, porque a minha esposa também é tcheca, viemos para cá juntos, nasceram aqui duas filhas, uma tem agora quatro anos e meio, a outra tem seis anos, ambas falam tcheco, ambas falam português com exatamente da mesma fluência, falamos tcheco com elas desde o começo, elas basicamente até agora, quando falamos português em algum lugar, elas preferem ... falar tcheco na família, o que é bom ... e elas sabem tcheco ... devo dizer que a minha sensação é que em cada uma dessas línguas elas têm um vocabulário diferente ... porque em tcheco elas têm um pouco mais limitado, graças ao fato de terem a oportunidade de falar só conosco, adultos ou com a vovó, vovô e tias ... via Skype, mas elas não têm um contato regular com crianças que falam tcheco. Então elas têm o dicionário infantil mais amplo em português. Quando eu falo tcheco aqui, não vejo diferença entre o português... talvez só no que diz respeito às

Língua portuguesa:

“Sim, falo tcheco basicamente na minha família e frequentemente com um de meus parceiros que é tcheco e mora aqui em Curitiba e nós fazemos projetos juntos. Falando tcheco aqui eu não sinto nenhuma diferença, eu me sinto como tcheco falando tcheco. Falamos cada dia, falamos tcheco na família, com as crianças, eu falo tcheco com os meus pais e com os meus amigos e parceiros na República Tcheca pelo Skype, não me sinto diferente falando tcheco.”

algumas expressões, alguns detalhes,
 especificidades ... consigo expressar-me
 melhor em tcheco, mas por outro lado ...
 sinto-me bem falando tcheco aqui.”

Novamente, é muito visível que a resposta em tcheco é mais longa do que em português. Nela, ele explica os detalhes do domínio do idioma de suas filhas, que não é o foco deste trabalho acadêmico. Em outros aspectos, suas respostas são praticamente idênticas, sobre quando ele fala tcheco, e como ele se sente: bem.

Neste indivíduo pesquisado, é interessante observar a influência de sua família tcheca e os parceiros de negócios tchecos, em alta frequência com os quais ele usa sua língua materna. Esta é uma boa oportunidade para refletir se ele é capaz de mergulhar totalmente em uma nova linguagem e cultura do novo país, da qual não está constantemente cercado.

A cultura, a língua, os contatos sociais que o rodeiam no cotidiano pessoal e profissional são essenciais e são o resultado da ligação de saberes e comportamentos com os outros indivíduos da sua comunidade e lhe trazem sentido. Em cada grupo, portanto, ele automaticamente aplica regras diferentes, conhecimentos diferentes e uma forma diferente de comunicação. A cultura é, portanto, produto e produtora de linguagem. Da mesma forma, a linguagem é um produto e produtor de cultura (EVERETT, 2012, p. 169). À vista disso, o entrevistado transita de forma muito diferente e cotidiana entre diferentes culturas, línguas e contatos sociais. Conforme desenvolvido na parte teórica, a linguagem molda a maneira como os indivíduos veem o mundo e caracteriza a cultura de qualquer público em geral. Com isso, pode-se dizer, que a linguagem tem o poder de dominar ideias e criar identidades diferentes (SHAIKH, 2019, p. 167). Isso implica uma crença lógica: as pessoas que falam línguas diferentes pensam de maneira diferente e, portanto, criam identidades diferentes dentro de si mesmas, como observado e descrito no caso deste entrevistado.

Sexta pergunta: Você fala a língua portuguesa fluentemente?

Língua tcheca:

Língua portuguesa:

“Eu tento. Você vai ver por si mesmo¹⁵⁵ (risos). Eu digo, aprendi português aqui em movimento - em vez de aprender português sistematicamente. Não sinto que falo bem o português. Meu português é como um conhecimento passivo ... diria língua passiva. Quer dizer, se um brasileiro falar comigo, vou entender quase tudo. Mas se eu quiser falar, então talvez eu esteja cometendo erros gramaticais, ou não estou lembrando algumas palavras que eu entendo, quando outra pessoa está falando comigo, certo? Então eu chamo isso de conhecimento passivo da língua. Falo, dependendo do que ouço ou de como tento. Mas eu tenho que dizer ... eu não preciso colocar frases na minha cabeça ... primeiro em tcheco ... o que eu quero dizer ... e traduzi-las para o português, mas estou sempre tentando pensar em português e tentando falar direto o português, não importa como vai sair. Principalmente eu gosto quando uma pessoa ... um brasileiro aqui ... então quando ele me corrige aí, fico feliz, porque vou aprender, certo? Mas existem poucos deles, existem poucas pessoas que dirão a você o que e como é certo. Algumas pessoas sentem ... como ... que eles abajassem ou restringissem você de alguma forma ou algo assim. Pelo contrário, eu gosto e percebo isso como uma oportunidade de aprender, mas o sentimento dessas pessoas é mais como se

“Eu não posso dizer, não sei. É para o brasileiro, é para o quem fala português me avaliar ..., mas eu estou praticando todo dia, na verdade, e eu estou aprendendo todo dia. Não tenho problema de falar a língua assim ... mesmo que eu não conheça a língua perfeitamente. Então ... é ... sobre o brasileiro a dizer se eu falo fluentemente ou não o português. A minha percepção é ... que eu falo ... que eu tenho conhecimento passivo da língua portuguesa. O que eu acho é que eu entendo muito mais do que eu posso falar. Quando você fala português para mim, eu vou entender ... entender quase tudo. Mas se eu começo falar, as vezes eu estou perdendo as palavras, não consigo achar as palavras que eu ... que eu entendo quando alguma outra pessoa fala para mim.”

¹⁵⁵ A entrevista em tcheco foi gravada primeiro, em outras palavras, o autor da tese não conhecia o nível de conhecimento da língua portuguesa até o momento da própria entrevista em português (nota do autor).

elas chegassem ao nível da minha fala para que elas pudessem me entender ... ou sentir que eu não as entendo quando elas falam normalmente.”

Em tcheco, sua resposta é duas vezes mais longa e mais detalhada do que em português, porém em essência, elas são idênticas. O entrevistado explica seu conceito de habilidades de linguagem passivas e expressa o desejo de ser corrigido ao falar, porém destaca também o aspecto cultural dos brasileiros que não se sentem confortáveis e sem didática para corrigi-lo. Os aspectos possíveis para a análise de reconfiguração identitária são praticamente os mesmos das respostas na quinta pergunta, portanto, a sexta questão não precisa ser reanalisada por esse motivo.

Sétima pergunta: Com quem você, geralmente, fala português? Falando português, como você se sente?

Língua tcheca:

“Falo português com parceiros de negócios, com pessoas ao meu redor, basicamente em qualquer lugar aqui, quando você sai, você fala português em todo lugar. Com os professores na escola, com os porteiros no prédio onde a gente tem escritório, com a nossa babá que aqui vai cuidar das meninas quando elas não estão na escola - também português. Então, basicamente com a maioria das pessoas em português ... é claro que também temos alguns amigos e conhecidos que são ... uruguaios, do Paraguai, da Argentina ... com essas pessoas ... às vezes temos a oportunidade de falar inglês porque falam inglês ... e depois obviamente com as pessoas aqui, com quem eu me comunicava

Língua portuguesa:

“Com todo mundo aqui no Brasil. Porque ... porque ... aqui no Brasil sem falar português, eu acho, que você não vai sobreviver. Então eu vou ... para a loja, para o supermercado, para o restaurante ... eu falo português. Com professores e professoras na escola das meninas, também falo português. Com parceiros, clientes aqui no Brasil e os meus contatos eu falo português. Tenho amigos brasileiros ... também falo português. São alguns que eu conheço da era da empresa antiga, da empresa tcheca aqui, da abertura da filial dessa empresa aqui ... porque a língua dessa empresa ... essa foi a língua inglesa. Então todos os funcionários ... eles tinham que falar inglês, então com alguns nós ainda

em inglês, muitas vezes a gente fica falando inglês, porque eles também ... querem a oportunidade de praticar o inglês delas, mesmo sendo brasileiros. Quando falo português ... não tenho nenhum problema em ter vergonha de falar uma língua estrangeira mesmo que não falo essa língua perfeitamente. Eu não tenho problema com isso. Deixo isso para essa pessoa se ela me entende ou não ... ou se quer ou não quer entender ... não tenho nenhum problema com isso. Eu pessoalmente sinto basicamente uma limitação em ... dizer realmente o que eu quero ... apresentar minha ideia ... o conteúdo exato como eu sinto e o que é necessário ... às vezes eu tenho que esclarecer as coisas descrevendo em outras palavras ... eu tento explicar. Isso não preciso fazer em tcheco, porque tenho uma certa expressão ... ou uma certa frase para isso. Mas eu não sei em português ou meu vocabulário não é suficiente para eu conseguir dizer com tanta precisão. E às vezes me incomoda o fato de não conseguir expressar exatamente o que quero ou preciso. Também depende muito da situação ... não é para me frustrar, mas sim para me limitar ... às vezes tenho que procurar no dicionário ... encontrar as frases, encontrar as palavras ... me incomoda ..., mas novamente me obriga a lembrar-se disso e aprender a evitar a situação no futuro.”

continuamos falando inglês ... inglês quando nos encontramos de novo, porque para eles é uma boa oportunidade de praticar a língua inglesa. Falando português ... eu me sinto bem, eu me sinto bem, porque ... porque ... eu não tenho problema de tentar a falar o que eu quiser. Às vezes, eu sinto a dificuldade com as expressões para falar exatamente o que quero falar, porque como eu já falei, o meu vocabulário e o meu conhecimento da língua não é tal ... que eu falo perfeitamente. Então eu uso o jeito que eu consigo. Mas ... senão eu não sei ... não sei exatamente o que eu quero, eu estou usando essas ... ah ... é agora é essa situação. Eu não sei como falar em português, então preciso pensar sobre, sobre como explicar o que eu quero falar ... então estou usando outras palavras para explicar o que eu poderia dizer por uma frase, por exemplo. Mas as vezes eu me sinto bravo comigo porque eu preciso usar o tradutor ... usar outras palavras porque não posso me explicar no mesmo como na língua tcheca, por exemplo.”

O entrevistado em suas respostas, que são praticamente idênticas, é muito detalhado e explica seus sentimentos internos sobre o uso da língua portuguesa, ou de várias línguas, respectivamente. Pelas respostas, percebe-se que para ele o desconhecimento não é uma frustração, mas, ao contrário, uma motivação para se aperfeiçoar. Em suas respostas, ele também foge da pergunta brevemente, explicando que ainda usa ativamente a língua inglesa.

Se alguém está ciente de que não é capaz de expressar um de seus pensamentos em uma língua estrangeira, deve ser influenciado de alguma forma. Aí vêm as emoções que essencialmente mudam a identidade. Se uma pessoa aprende um novo idioma na idade adulta, seu uso será diferente do uso de sua língua materna. A língua materna é a língua do envolvimento pessoal e a segunda língua é a língua da distância e do desapego, ou pelo menos a língua de menor controle emocional sobre o indivíduo (PAVLENKO, 2002, p. 58). O segundo fator determinante na reconfiguração da identidade desse respondente é a motivação que é forte em seu caso. A motivação, neste caso, é a predestinação sociopsicológica do indivíduo, que o direciona à busca por objetivos (OYSERMAN, 2015). Quando o respondente não entende, ele sente um certo estado de tensão, um impulso interno que inicia sua ação, neste caso a busca por novas palavras e frases e, assim, controla suas ações e mantém o comportamento para atingir a sua meta (FALCÃO, 2001, p.62), em outras palavras, ser capaz de se comunicar melhor.

Oitava pergunta: Quando você chegou aqui, teve dificuldade com a língua portuguesa? Quais?

Língua tcheca:

“Quando me mudei para cá, não sabia uma palavra em português. No entanto, estou habituado a estas situações, falo tcheco, inglês, português, francês e russo. Comecei com o português do zero. Hoje, quando penso nisso ... olhando atrás ... é interessante que quando estou aqui no Brasil, primeiro eu me lembro das palavras em português. Mas quando estou na Europa, a palavra francesa vem primeiro na minha cabeça. E o francês me ajudou muito a aprender português aqui.”

Língua portuguesa:

“Eu aprendi o português aqui em andamento, aprendi só ... na maioria só pelo uso do idioma e necessidade de entender o português. No começo nós tivemos aulas ... os seis meses ... o básico ... duas vezes por semana, mas depois foi somente por utilizar o idioma. O conhecimento de francês me ajudou muito, porque é a mesma família das línguas, então a gramática é quase a mesma, então me ajudou muito a mim porque é muito similar. Quando cheguei aqui não falava nada de português. Eu achei que iria usar outros

idiomas como em qualquer outro lugar do mundo.”

Seu modo de vida cosmopolita e o conhecimento de cinco línguas lhe dão a oportunidade de ver os obstáculos como desafios. Sua leve observação de que sua presença física no Brasil o ajuda a usar o português, enquanto na sua estadia na Europa evoca palavras em francês, pode representar um fator potencialmente relevante.

A cultura, as emoções, e motivação são os principais aspectos que podem ser observados em suas respostas a essa pergunta. A análise sobre estas respostas seria repetida em conceitos e aspectos como na sétima questão, e, portanto, é supérflua.

Nona pergunta: Você busca ambiente onde possa falar em sua língua materna? Por quê?

Língua tcheca:

“Acho que não me importo, não estou procurando um ambiente onde eu possa falar tcheco, porque não tem muito aqui em Curitiba. Quando vou para São Paulo ou viajo para algum lugar onde os tchecos estejam e conheço eles, é claro que fico feliz em encontrá-los e aproveitar essa oportunidade. Mas não posso dizer que gostaria de me limitar ao ambiente tcheco ou que seria algo que eu procuraria, ou seja, quando eu puder escolher ir a algum lugar onde se fale tcheco ou onde se fale português ... então eu escolheria o lugar apenas porque o tcheco é falado lá, não posso dizer isso.”

Língua portuguesa:

“Na verdade, não posso dizer, não posso dizer que eu busco, não posso dizer que estou evitando, não posso dizer nada. Não tenho essa preferência, se eu tenho dois lugares e em um lugar eles falam tcheco e em outro lugar eles falam português, eu não posso dizer que vou escolher esse, onde eles falam tcheco somente porque eles falam tcheco. Sim, eu estou aproveitando as oportunidades de encontrar amigos, encontrar outros tchecos aqui no Brasil, é verdade, mas ... na verdade, não é preferência de procurar somente esse lugar onde eles falam tcheco.”

O entrevistado expressou de forma muito clara, em ambas as línguas, a sua opinião: ele não procura locais onde se fala o idioma tcheco, mas também não os evita. Sua opinião pode ser classificada como muito neutra e os lugares e as pessoas que o cercam não são selecionados com base na língua falada nesses espaços.

O indivíduo entrevistado não deseja restringir o acesso a diferentes ambientes dependendo do idioma utilizado, usa ativamente o tcheco, o português e o inglês no Brasil. Apesar de a cultura tcheca, que carrega consigo, ser minoria no novo país e não ter muita força ou importância na cultura anfitriã, graças à sua família, seus colegas e amigos tchecos, ele não se sente isolado, rejeitado ou marginalizado nesse novo lar e com isso pode se implicar que não seja levado a necessidade de tomar a decisão se vai ou não assimilar em cultura nova, como Silva, Melo e Anastácio (2009, p. 37) descreveram em suas pesquisas. Pode-se constatar que o homem pesquisado não está distinguindo entre assimilação total e integração total e simplesmente usa todas as possibilidades de que dispõe, sem preferências significativas. Essa atitude permite que ele transite suavemente entre sua cultura original e a nova, usufruindo assim sua cultura de origem e ao mesmo tempo se mantendo aberto à nova cultura do Brasil.

Terceira seção das perguntas (entender os efeitos culturais repercutidos no cotidiano do sujeito):

O sujeito pesquisado está muito fascinado por algumas questões culturais e as analisa em profundidade. Ele sabe exatamente o que lhe convém e o que não, e é capaz de trabalhar bem com isso. Se expressa com calma e pensa nas palavras escolhidas. A linguagem corporal não está sendo avaliada em virtude do que a entrevista foi realizada remotamente e o sujeito não esboçou movimentos que permitissem ser analisados.

Décima pergunta: Como você percebe os hábitos e costumes dos brasileiros? Tem algo marcante que poderia comentar?

Língua tcheca:

“Bem, é ... é o mundo completamente diferente aqui, uma cultura completamente diferente da que estamos acostumados na Europa, e como tchecos ... quando se trata de relacionamentos e coisas assim, acho que muitas vezes é superficial aqui ..., mas apenas você vai entender quando você mora aqui. Porque quando você vem de férias ou de

Língua portuguesa:

“Sim ... é o mundo e a cultura completamente diferente do que eu estou acostumado. Completamente diferente do mundo tcheco, e dos hábitos tchecos ... em forma de comprometimento, confiança e ... e essa poder de pegar ... tomar responsabilidade para próprios decisões das pessoas aqui no Brasil. É muito diferente, me incomoda ...

negócios e que é ainda mais curto, mas também de férias e você passa mais tempo aqui e tem oportunidade de viajar, aí você sente que ... sim, os brasileiros são abertos, são muito acolhedores, eles fariam tudo, mas no momento em que você começa a trabalhar aqui, você basicamente descobre que eles realmente prometem tudo isso ou dizem “sim” só porque não querem dizer “não”. E quando você realmente precisar que ele defenda sua palavra, você descobrirá que não vai acontecer ... e é um problema. Mas eles nem mesmo acham isso estranho. Eles simplesmente aceitam ... bem, sim, bem, então ... eu diria como “Deus não deu”. Eu prometi, mas Deus não deixou, eu não tenho culpa, porque ... a minha foi só a promessa, o que não aconteceu é culpa de outra pessoa. Aí tem outra coisa que eu ... que é desagradável para mim ... O brasileiro absolutamente não admite a sua responsabilidade por nenhuma coisa, por nada. Mas ele xinga e aponta para os outros quando eles fazem isso, mas quando se trata de si mesmo, está tudo bem e é algo que é comum e que todos têm que entender. Então, essas - nessa falta de confiabilidade - são coisas que você lê em qualquer lugar, e se você não depende disso no trabalho, você nem mesmo entende. O tempo ... o horário não desempenha nenhum papel aqui. No momento em que você tem um encontro marcado - não só a pessoa chega uma hora depois e leva tudo normalmente -

que a pessoa que mora aqui ... acho que precisa ser ... eu preciso estar pronto para enfrentar essas situações. O que eu não falei é que essas situações, como comprometimento, confiança e responsabilidade sobre os atos pessoais ... é sim ... é pior aqui do que na República Tcheca. As pessoas ... eles prometem, mas eles não entregam. Eles falam, eu vou fazer isso, isso e isso, mas quando você ... vai buscar, você não vai receber ... e todo mundo tá ... calmo, aceita isso, eu não. Para mim ... se eu falo alguma coisa, não precisa ser escrito, eu falo e eu estou fazendo ... e essas são as diferenças. Então, isso me incomoda. Porque lá, na República Tcheca, eu posso me sentir mais seguro, mais certo com a maior grupo das pessoas que eu nem conheço ... aqui as pessoas que eu conheço ... e eu toda vez tenho que estar pronto que algo não vai dar certo.”

ou nem chega - porque está chovendo, por exemplo. Essas são as desculpas.”

Na língua tcheca, ele descreve suas visões sobre os brasileiros e algumas de suas características específicas, e as compara sem perceber. Em contraste, em português, ele compara o Brasil duas vezes com a República Tcheca de forma bastante consciente e clara. Ele não tenta ser extra diplomático em nenhuma das línguas. É interessante notar que, apesar de sua longa vida no Brasil, ele percebe essas diferenças culturais com tanta intensidade.

Quando duas culturas se encontram, o que se chama de interculturalidade, na maioria das vezes, e nesse respondente é bastante evidente, ocorre um choque cultural. O entrevistado experimenta desorientação pessoal porque não está acostumado com os fenômenos que descreve: relações pessoais superficiais, promessas não cumpridas, falta de responsabilidade, uma visão diferente do valor do horário. Um modo de vida desconhecido, novas regras sociais e culturais podem causar ansiedade (OBERG, 1954; OBERG, 1960), que o entrevistado descreve quando, entre outras coisas, diz que isso o “incomoda” duas vezes em uma resposta. O choque cultural afeta a identidade pessoal de um indivíduo e pode ser de curto prazo ou persistente.

Décima primeira pergunta: Você se identifica com estes costumes, ou se sente apenas como um “observador”?

Língua tcheca:

“Certamente ainda me surpreendo, não posso dizer que lidaria com isso, que aceitaria ... e aprovaria. Aceito que moro aqui e que essas pessoas são diferentes e provavelmente eu ... não vou mudar todas elas ..., mas procuro mostrar-lhes e explicar meu ponto de vista. Então eu penso que uma pessoa tem que aprender a aceitar isso de alguma forma e contar com isso e estar preparada para isso ... senão ficaria louco ... que me pareceria

Língua portuguesa:

“Eu não posso dizer que sou o observador, porque eu ... isso me incomoda, isso tem a influência da ... na minha vida ... então eu não sou somente o observador e não pego essas coisas ... somente não aceito essas coisas, somente “ok” ... está acontecendo. Isso tem influência em mim ... então, então isso afeta a minha vida, mas eu achei aqui que eu não posso mudar todo mundo instantaneamente, mas posso trabalhar com as pessoas próximas

normal ou algo que eu começaria a fazer, acho que provavelmente não vai acontecer.”

de mim aqui e explicar por que me incomoda, porque eu tenho problema por isso. São as pessoas que entendem, são as pessoas que não entendem. Então ... eu posso dizer “sim”, tem a influência em mim, eu não me sinto somente como um observador, mas eu tenho que aceitar que tenho que ficar pronto para essas situações.”

O entrevistado ainda, depois de tanto tempo de moradia no Brasil, é afetado pelos costumes dos brasileiros e não se identifica com eles e, porém, não se considera um observador. Ele os aceita, mas tenta explicar seu ponto de vista para aqueles que estão ao seu redor. Esses costumes o incomodam muito, mesmo assim ele age como um otimista e está disposto a seguir trabalhando com eles. Em ambas as línguas responde de forma muito semelhante, em português é claro que dedica energia para encontrar as palavras adequadas para exprimir os seus sentimentos.

De ambas as respostas é possível observar um choque cultural, que ele ainda vivencia. Nesse sentido uma possível análise da reconfiguração da identidade seria a mesma já descrita na pergunta anterior.

Além do choque cultural, pode-se observar também que o entrevistado carrega consigo um repertório próprio de costumes, valores, rituais e patrimônios da própria cultura, que negocia incessantemente (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37). Essas discussões em andamento mostram que ele é um projeto inacabado, em constante transformação e que, muitas vezes, luta com sentimentos de incompletude. Cada indivíduo vive em uma reconfiguração permanente, lutando por algo que nem mesmo ele sabe exatamente o que é, e esse sentimento de inquietação ocorre principalmente entre os expatriados neste mundo global, onde os conflitos culturais dão um maior panorama das angústias existenciais.

Décima segunda pergunta: Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica mais?

Língua tcheca:

Língua portuguesa:

“... (*ele pensa por muito tempo*) ... não sei dizer... o que me convém muito aqui, e também acho que um dos motivos por que ficamos aqui e que gosto daqui é a forma como as crianças são acolhidas aqui... pela sociedade. Porque as crianças no Brasil são consideradas uma parte normal da sociedade. A criança é um membro válido da sociedade, quer tenha dois anos ou dois meses - então os brasileiros simplesmente tomam elas como parte da sociedade e ninguém as define de forma alguma e não tenta pressioná-las - como se estivesse em segundo plano. Portanto, isso é algo com o que me identifico absolutamente aqui, e que me cabe muito bem, e que, pelo contrário, não sinto no mundo ocidental e, portanto, na República Tcheca e na Europa, que seria assim comum.”

“É como o povo brasileiro, como a sociedade brasileira aceita as crianças e a família, o que é muito melhor do que na Europa ou na República Tcheca. Quando você tem crianças, tanto faz se são crianças pequenas de meses de idade ou de anos de idade ... você pode ficar com essas crianças em qualquer lugar. E todo mundo aceita as crianças como parte da sociedade, como parte normal da vida. As crianças são aceitas, as crianças são bem-vindas em todo lugar, eu não sinto o mesmo na cultura da República Tcheca e cultura europeia.”

Antes de começar a responder em tcheco, o entrevistado pensou muito. É perceptível que suas respostas são dadas a partir de duas perspectivas diferentes. Em tcheco fala de "pressão social" e em português fala de sentimento de "acolhimento". Ele é fascinado pela cultura da sociedade local em relação às crianças e compara esse fato com a Europa e a República Tcheca.

As culturas podem ser notadas da perspectiva de percepções individuais, e estas partes individuais que dão suporte e formam à cultura da sociedade. Nas respostas anteriores deste entrevistado, ele se identifica com um desses comportamentos sociais, quando se trata da questão do valor empregado na integração da criança como sujeito. Ele dá ênfase em ambas as línguas para esta questão, o que aqui pode-se falar de assimilação com esta dada parte da cultura, absorvendo o comportamento da cultura de acolhimento com a qual interage (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37).

Décima terceira pergunta: Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica menos?

Língua tcheca:

“Como provavelmente já mencionei, é a falta de confiabilidade e incapacidade de tomar uma decisão e assumir sua responsabilidade pela decisão que tomou ... e eu incluiria isso nessas relações interpessoais. O que acho difícil na República Tcheca ... mais difícil ... é formar um relacionamento amigável e mais profundo. Mas no momento em que dá certo, os relacionamentos são mais profundos, eles persistem. Já aqui no Brasil tudo flutua só na superfície ... e basicamente “sai dos olhos, sai da mente”. E basicamente, mesmo quando eu, como europeu, sinto de ter uma relação que criei - muitas vezes fico desapontado, porque em muitos casos não é.”

Língua portuguesa:

“Eu acho que são as relações interpessoais, que acho bem ... não são de profundidade, são só superficiais. Na maioria com esse comprometimento, confiança de pessoas e poder e vantagem das pessoas de pegar ... tomar a responsabilidade de decisões próprias.”

Nessas respostas, o entrevistado retorna em conteúdo às suas respostas à décima pergunta. Só na parte da resposta na língua tcheca os expande com sua visão sobre amizade e descreve as relações de superficialidade no Brasil. Essas respostas não serão discutidas e analisadas profundamente pois apenas repetir-se-ia o que já foi dito na análise da décima pergunta.

Quarta seção das perguntas (específica de identidades em suas reconfigurações):

O entrevistado aparentemente mantém-se relaxado, como nas partes anteriores da entrevista, e dá a impressão de que está pessoalmente interessado no assunto pesquisado. Ele admite que observa a mudança em si mesmo, em outras palavras, que reconfigurou a sua identidade, e outrossim expressa uma certa liberdade de escolha do lugar e do estilo de vida. Ao contrário de outros entrevistados, não foram encontrados elementos de autocensura.

Décima quarta pergunta: Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país?

Língua tcheca:

“Eu penso que sim. Eu acho (*risos*) que é porque talvez ... e é uma espécie de paradoxo ... aqui o modo de vida é mais calmo, é muito mais descontraído. Quando algo acontece, ninguém resolve extra. O que é mais agradável porque você tem tempo ... e mais tempo e mais paz de espírito para reagir. Mais uma vez, por outro lado, você deve estar constantemente alerta e sempre pronto para quando for surpreendido com o que não espera daquilo a que a pessoa está acostumada. Na República Tcheca, e agora vou comparar diretamente com a República Tcheca, porque estamos falando de tcheco e português, então na República Tcheca a pessoa parece estar sempre estressada e ainda precisa ... e ainda persegue algo, e algo precisa ser feito e é necessário fazê-lo e assim e se eu não fizer isso até ... então a pessoa está sob tal estresse. Mas, novamente, você conhece as consequências e pode esperá-las e controlá-las, você tem muito mais controle sobre o que está acontecendo. Estou muito mais calmo lá porque posso contar com um grupo muito mais amplo de pessoas, incluindo pessoas que nem conheço pessoalmente, enquanto estou aqui no Brasil ... eu acho que ... eu não estou tão calmo e muitas vezes eu xingo e fico com raiva ..., mas é porque algo me deixa estressado e pode

Língua portuguesa:

“Eu gosto de morar em ambos os lugares. Na verdade, agora moramos aqui. Quando estou aqui, eu sinto saudades da República Tcheca e da família lá. Quando nós estamos lá, depois de algum tempo eu já sinto saudades do Brasil, então eu gosto dos dois lugares e posso morar aqui mesmo que lá, eu gosto dos dois lugares.”

ser uma e outra vez acontecem para mim situações que não são normais e confortáveis para mim e sim para os brasileiros, e mesmo que eu esteja pronto para isso e tenha que contar com isso, ... muitas vezes me encontro em situações em que não posso continuar assim e isso acaba saindo de mim ... Eu sinto isso mais enquanto dirijo, por exemplo (*risos*).”

O entrevistado responde de forma diferente. O conteúdo da resposta em português se aproxima da sua resposta em tcheco à segunda pergunta, e é possível especular que ele não tenha entendido a pergunta corretamente. Na resposta em língua tcheca, ele admite que se vê de forma diferente, porém, defende essa mudança pelas diferenças culturais dos dois países. Em virtude de não entendimento da questão em português, a possibilidade de comparar e avaliar as duas respostas em suas diferenças é reduzida. No entanto, é possível observar elementos adequados para a análise da reconfiguração das identidades socioeconômicas. Devido aos aspectos muito semelhantes aplicáveis à análise, esta parte da entrevista está ligada à décima quinta questão, e ambas serão analisadas em conjunto.

Décima quinta pergunta: Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua portuguesa?

Língua tcheca:

“Eu acho que não. Eu acho que não. Porque tenho a oportunidade de comparar. Porque eu estive aqui... a maior parte do tempo que estamos aqui, já morei aqui e basicamente não falava português diariamente, como falo agora. Então acho que as situações que surgiram foram exatamente as mesmas, e não acho que mudaria de forma alguma conforme eu passasse a me comunicar mais em

Língua portuguesa:

“Eu acho que não, eu acho que não. Com certeza não mudou por causa de aprender a língua portuguesa. Mudou ... eu acho que os meus hábitos ... os meus ... como eu estou atuando se mudou por de morar em cultura diferente, porque as coisas que são comuns lá na República Tcheca não são comuns aqui ... então às vezes eu me sinto ... lá ... eu me sinto mais na pressão ..., mas bem ... mais seguro,

português e a falar mais em português, acho que não.”

porque como são as expectativas. Aqui tudo tá mais calmo, mais tranquilo, mas nunca sabe o que vai acontecer, alguma coisa que você não acha que vai chegar ... de novo eu estou falando sobre comprometimento, confiança ... é isso.”

O entrevistado responde da mesma forma em ambos os idiomas. Ele admite que se reconfigurou, no entanto, como na anterior (a décima quarta questão) vê essa mudança devido às diferenças culturais entre os dois países.

O entrevistado se move em um mundo multilíngue, está acostumado a usar línguas não maternas diariamente. Então, pode-se dizer que ele é influenciado por todas as línguas que fala? Sim, porque toda língua precisa de uma cultura, e assim mesmo, toda cultura precisa de uma língua. As culturas têm manifestações de códigos invisíveis que se manifestam em cada situação, e é por isso que o usuário do idioma precisa desse conhecimento para facilitar a compreensão das expressões individuais da linguagem, porque ela nunca é capaz de expressar tudo, a cultura está aqui para completar os detalhes (EVERETT, 2019, p. 272). O que o entrevistado faz ao usar a língua não é apenas traduzir e externalizar a ideia ou passar informações para outras pessoas, mas realizar ações, agir, reagir com um parceiro da comunicação. Assim, a linguagem é um lugar de interação humana, interação comunicativa por meio da produção de efeitos de sentido entre os parceiros em uma dada situação de comunicação (TRAVAGLIA, 2009, p. 23). Isso significa que a linguagem é usada para pensar e agir, e é feita sem que o indivíduo se dê conta disso. O pensamento pode ser influenciado pela linguagem falada, e Everett (2012) argumenta que há alguma influência da linguagem na maneira como vemos e entendemos o mundo. Posteriormente, a identidade é o resultado de vários processos de socialização simultaneamente estáveis e provisórios, individuais e coletivos, subjetivos e objetivos, biográficos e estruturais, que juntos constroem os indivíduos (DUBAR, 2005, p. 136).

Décima sexta pergunta: Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar?

Língua tcheca:

Língua portuguesa:

“Se eu pudesse ... eu posso, eu posso a qualquer momento. Basicamente sim, terei todo o gosto em regressar à República Tcheca ... agora ... não sinto vontade de me mudar para lá no momento. Não estou sentindo falta de nada aqui, não posso dizer que sentiria falta de algo na República Tcheca. Moro aqui no momento, me convém e não sinto necessidade de voltar à República Tcheca a qualquer custo. E se sairmos daqui ... se voltarmos para a República Tcheca ou for para outro lugar ... de novo ... não posso dizer.”

“Eu posso, eu posso todo dia, a cada momento felizmente eu posso voltar. Agora tá um pouquinho apertado, né? Mas se eu quiser eu vou voltar para a República Tcheca e vou morar lá. Na verdade, eu não entendo essa pergunta como “se eu puder”, porque eu posso, eu posso. Mas se a pergunta foi “se eu prefiro morar aqui no Brasil ou na República Tcheca”, eu posso morar lá, eu gosto de morar lá na República Tcheca, eu gosto de morar aqui no Brasil. Nesse momento, nós moramos aqui no Brasil com a família, nós aproveitamos esse tempo, temos as experiências novas, temos as novas oportunidades. Se vai dar certo, nós vamos morar aqui, se não vai dar certo, podemos voltar para República Tcheca, podemos mudar para um outro lugar do mundo, eu posso dizer. Mas, na verdade, eu gosto de morar aqui, mas se eu vou morar na República Tcheca, vou morar lá. Então, não tenho essas preferências.”

O entrevistado responde praticamente da mesma forma nas duas línguas. Há uma certa liberdade em suas respostas, nenhum apego forte e fixo com o local, o que é revigorante. Nesse sentido, essas respostas não trazem aspectos para a análise da reconstrução identitária, mas pode-se especular que o ponto da livre escolha não o limita e não predetermina seu comportamento em nenhuma direção particular. Este entrevistado pode servir de exemplo de cosmopolitismo porque não quer ser limitado pelas fronteiras geográficas estabelecidas pela sociedade.

Olhando em um contexto mais amplo, é necessário lembrar a singularidade deste entrevistado em vários aspectos que, sem dúvida, afetam sua identidade e visão de mundo: ele tem ampla experiência internacional com outras culturas e línguas, ele tem uma esposa tcheca e filhos nascidos no Brasil, com quem fala tcheco, usa ativamente vários idiomas quase

diariamente. A resposta à questão básica desta pesquisa, se as identidades socioculturais são reconfiguradas quando se fala uma língua não materna, é, portanto, muito complexa.

Por muitas razões, a resposta é sim, no entanto, é necessário resumir todos os aspectos analisados que influenciam nessa reconfiguração. Acima de tudo, são emoções muito fortes em algumas respostas (MACHÁČ, 1985, p. 56) e conseqüentemente traduzem a expressão de ansiedade na sua língua materna, enquanto na nova língua, no seu caso o português, consegue evitar essas demonstrações de ansiedade (BOND e LAI, 1986, p. 182; JAVIER e MARCOS, 1989, p. 453; PAVLENKO, 2002, p. 58), e essas emoções interferem na reconstrução da identidade (HUSTON, 1999, p. 61). Outro fator é o papel social que representa no seu meio social e as línguas que comunica no desempenho dessas funções: inglês, português e tcheco na vida profissional e privada. Cada língua contém o conhecimento, os valores e os papéis sociais que compartilha e espera de outros membros da comunidade, conforme afirma Everett (2019, p. 100) e Geertze (1973, p. 50), e que o orientam e ajudá-lo a responder adequadamente em qualquer ambiente sociocultural e nas diferentes situações de vida e, principalmente, ajudar a usar a linguagem para se comunicar de forma mais eficaz. Aqui, deve-se lembrar que a linguagem molda a forma como o respondente vê o mundo e controla ainda mais os pensamentos, criando assim diferentes identidades (SHAIKH, 2019, p. 167). Outro fator determinante na reconfiguração da identidade desse respondente é a motivação, que no seu caso é forte e o direciona a buscar soluções e atingir seus objetivos (OYSERMAN, 2015; FALCÃO, 2001, p. 62). Um outro fator determinante é o choque cultural, em que ele se sente ansioso e desorientado (OBERG, 1954; OBERG, 1960) e o descreve de forma muito expressiva e detalhada, o que afeta muito seu bem-estar e, portanto, sua identidade pessoal.

A identidade do entrevistado e sua reconfiguração são influenciadas pela língua que ele fala. No entanto, é preciso reconhecer que toda língua viva precisa de cultura, porque a língua nunca é capaz de expressar tudo, a cultura está aí para explicar os detalhes (EVERETT, 2019, p. 272). Suas identidades, que são transitórias e em constante mudança, são, portanto, o resultado de todos os aspectos descritos acima.

APÊNDICE M – ENTREVISTADO Nº 16

Quadro 14 - Entrevistado Nº 16 = entrevista Nº 31 e 32

Idade e gênero	31, feminino
Naturalidade	Praga, República Tcheca
Residente em	Rio de Janeiro, RJ
Profissão / formação	Freelance como coach: cursos de coaching, desenvolvimento pessoal, professora de inglês e alemão; mestre de formação em economia comportamental com psicologia de decisão na Holanda, bacharelado em economia em Praga e colégio com especialização em economia em Praga.
Língua não materna	Fala língua portuguesa fluentemente, não houve problema na fala. Fluência, uso de léxico e uso de gramática pode ser avaliada em nível de C1: Falante proficiente de Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas. Ela se expressou com uma estrutura sofisticada de pensamento e argumentação, e com tranquilidade. Comentou que o espanhol a ajudou muito com o português.
Estado civil	Mora com um cidadão brasileiro, sem filhos.
Tempo no Brasil	Está domiciliado no Brasil desde 2016.
Tempo de gravações	Língua tcheca: 19 minutos, língua portuguesa: 18 minutos
Observação relevante	Saiu da República Tcheca em 2010, trabalhou por um ano na Espanha, depois morou por mais um ano no Brasil, depois foi trabalhar por um ano na Áustria, estudou na Holanda, e passou um ano na República Tcheca, e depois tudo isso decidiu se mudar para o Brasil. Na chegada ao país, já para morar, ela já falava um pouco de português. Fala também outros idiomas, em ordem de proficiência colocado por ela: tcheco, inglês, português, espanhol e alemão. Manteve na comunicação o uso do termo “tu” (como explicado anteriormente).
Data de entrevistas	10 de abril de 2020

Local de entrevistas	Skype entre Salvador (casa do autor) e Rio de Janeiro, RJ (sua casa).
----------------------	---

Fonte: do autor

Esta entrevistada jovem tem uma vasta experiência internacional de estudos e estadias de trabalho em diferentes países onde se falam diferentes línguas. Além da sua língua materna, o tcheco, ela fala ativamente outras quatro línguas: inglês, português, espanhol e alemão. Nesse contexto, é muito difícil determinar qual idioma é L2, L3 etc. para ela.

Infelizmente, houve alguns problemas de conexão com qualidade instável durante esta entrevista remota, o que por vezes criou necessidade de repetição das perguntas e respostas para tornar o entendimento claro.

Primeira seção das perguntas (aproximação dos entrevistados com o pesquisador):

A entrevistada irradia energia positiva, está sorrindo e está ativamente envolvida na pesquisa, transparecendo calma. Às vezes dá uma conotação de que não quer entrar em detalhes sobre o assunto perguntado, o que pode ser devido à conexão técnica de pouca qualidade.

Primeira pergunta: Por que você está morando no Brasil?

Língua tcheca:

“Porque gosto daqui, porque tenho de tudo aqui, o mar ... gosto da natureza daqui, assim. Eu não gosto de tudo aqui. Eu gosto da natureza aqui. Moro perto da praia, faço surf. Eu gosto do clima, você pode ficar aqui na rua o ano todo ... bela natureza, floresta aqui, você pode ir às cachoeiras aqui, e assim por diante. Eu monto cavalos aqui.”

Língua portuguesa:

“É por causa da natureza aqui (*risos*), eu adoro a natureza aqui ... o mar, eu gosto de surfar, e tal, então é isso.”

A entrevistada escolheu viver no Brasil por motivos pessoais, essencialmente em razão da natureza, que ama. Contudo, essas respostas não trazem aspectos potenciais para a análise da reconfiguração identitária, porém, ilustram sua situação de vida atual.

Segunda pergunta: Você gosta de morar no Brasil?

Língua tcheca:

“Bem ... sim, eu moro (*risos*). Se eu omitir algumas coisas, sim.”

Língua portuguesa:

“Eu gosto ... sim, tem coisas que eu não gosto não, mas tem outras que eu gosto, sim.”

Olhando tanto a primeira como a segunda pergunta e suas respostas, é perceptível que ela tem ressalvas sobre morar no Brasil, porém ela apresenta os aspectos mais positivos para esta decisão, principalmente pela natureza que o país possui e pelas possibilidades a ela associadas. As respostas à segunda questão são tão breves que não dão muitas informações para análise, ela gosta da vida no Brasil, entretanto tem coisas que ela não gosta e que não quis expor em detalhes nesta parte da entrevista, porém ao longo da entrevista esses elementos aparecerão nas suas respostas. Essa pergunta e suas respostas não serão analisadas na perspectiva da reconfiguração da identidade.

Terceira pergunta: O que você fazia em seu país, e o que está fazendo aqui?

Língua tcheca:

“No meu país? Porém ... não moro na República Tcheca desde os 21 anos ... então estudei na República Tcheca. Porém, depois de concluir os meus estudos, saí de forma tão diferente que não estava mais na República Tcheca. Eu estudei o bacharelado na República Tcheca, e depois morei ... no final desse bacharelado, morei na Espanha por um ano, depois morei nas Ilhas Canárias, depois morei no Brasil por um ano, aí voltei a Europa, mas eu morei na Áustria, depois morei na Holanda. Depois fiquei um ano na República Tcheca, mas não fiz muito (*risos*). E então ... estou aqui agora. Bem, estudei na

Língua portuguesa:

“O que eu fazia no meu país ... antes de vir? Ah, foi uma jornada um pouco grande. Primeiro estudei, né? Só que depois, quando eu tinha 21 ... 22 anos, eu já meio saí do meu país e aí passei um ano estudando na Espanha, depois trabalhei nas Ilhas Canárias, depois vim para o Brasil pela primeira vez, depois trabalhei ... espera ... sim, trabalhei na Áustria, depois fui estudar na Holanda e depois passei um ano na República Tcheca, mas não tava trabalhando lá não. E aí, cheguei pra cá (*risos*).”

República Tcheca quando estava lá. E eu trabalho no Brasil. Então, trabalhei nesses outros países também, mas nunca trabalhei na República Tcheca. Trabalhei na Áustria, trabalhei na Espanha.”

Nas duas respostas, que são praticamente iguais, ela descreve sua vida antes de vir para morar em definitivo no Brasil. Fica evidente que ela não tem experiência de trabalho na República Tcheca, por outro lado, nenhuma experiência de estudo no Brasil. É muito explícito que ela é muito cosmopolita e sua visão de mundo é certamente influenciada pela quantidade de experiência internacional e pelo número de línguas em que consegue se comunicar.

A entrevistada é um exemplo claro de que as identidades estão em constante processo de mudança e transformação (HALL, 2000, p. 108; RAJAGOPALAN, 2004, p. 71). Em cada momento da vida, as identidades mudam e se adaptam às novas circunstâncias que surgem e são identificáveis nestas respostas: trabalho, estudo, nova língua, novo país, cultura. Rajagopalan (RAJAGOPALAN, 2004, p. 71) vai além em seu raciocínio e suas ideias podem ser narradas de que as identidades têm uma sobreposição social e relacional, o que significa que as pessoas em sua individualidade não são os únicos criadores de sua própria identidade, e que identidades não são mais considerados um processo totalmente interno. Em relação a essa entrevistada, os aspectos descritos podem ser esperados e serão revelados com mais detalhes nas próximas respostas e em seus depoimentos.

Segunda seção das perguntas (intenção de perceber como se dá a interação do sujeito com a língua materna versus a língua oficial do país em que ele vive):

A segunda seção das perguntas é feita para entender como a respondente interage com a língua tcheca em comparação com a língua portuguesa. Antes da pandemia, ela praticamente não usava o tcheco e não está de forma alguma fixada em sua língua materna, no sentido de que ela sentiria falta de não falar o tcheco, porém, mesmo assim, adora a sua língua materna. De tempos em tempos, sente falta da cultura tcheca. Fala português muito fluentemente e não tem problemas para expressar o que quer, mas está ciente de suas limitações parciais no uso do idioma local. Durante esta seção da entrevista, continua calma e serena, pensa nas perguntas e suas respostas.

Quarta pergunta: Você se comunica na língua tcheca aqui, ou é usuário de outras línguas também?

Língua tcheca:

“Quase nunca em tcheco, uso principalmente português e inglês, às vezes alemão. Português em casa com o meu namorado brasileiro e com pessoas na rua. Inglês quando ensino... principalmente, inglês no trabalho.”

Língua portuguesa:

“Não, na maioria das vezes eu uso o português e o inglês para trabalhar, também. Tcheco ... não, na verdade não uso não. Agora na quarentena tô usando um pouco mais, porque falo com a minha mãe, falo com outras pessoas, né? Só que geralmente ... dia a dia quase nada. Teve uma época que mesmo falava tcheco muito pouco, então ... o português uso em casa, uso na rua, com amigos, pra resolver tudo, né? Resolver as coisas. Até para marcar as aulas, tenho alunos que preferem marcar as aulas em português. E inglês uso no trabalho, porque dou aula.”

Ela praticamente não usou o idioma tcheco em sua vida no Brasil, que mudou parcialmente com a pandemia mundial de COVID-19. Utiliza o português na vida privada e na profissional usa o inglês, às vezes o alemão.

Como já mostrado, pessoas que falam línguas diferentes realmente pensam de maneira diferente. A linguagem é um dom humano único, central para nossa experiência de ser humano. É importante ter ciência que existem milhares de línguas no mundo. A maioria das perguntas sobre se e como a linguagem molda o pensamento e a identidade simplesmente começa com a observação de que as línguas são diferentes (BORODITSKY, 2003, p. 66). A partir das falas da entrevistada, fica evidenciado que ela fala três línguas diferentes no dia a dia, o que, supondo que a linguagem molda as pessoas, reconfigura sua identidade. Neste ponto, é adequado notar que o inglês é atualmente percebido como uma língua com diferentes sistemas e muitos padrões que adaptam valores e identidades plurais (CANAGARAJAH, 2006, p. 197). Conclui-se, portanto, que o conhecimento da língua inglesa não significa automaticamente mudanças na própria identidade, mas a coexistência de várias identidades.

Quinta pergunta: Com quem você, geralmente, fala em tcheco? Falando tcheco aqui, como você se sente?

Língua tcheca:

“Com minha mãe no telefone, com amigos da República Tcheca, e às vezes eu encontro alguns tchecos que moram aqui. Agora que tem quarentena, eu falo mais tcheco, porque converso mais com minha mãe e amigos lá, agora é melhor, mais natural. Mas quando eu fiquei sem falar tcheco por muito tempo, era tão estranho, agora é mais natural, eu não usava muito antes da quarentena, então me sentia estranha. Mas eu já tive isso na Espanha quando estive lá por um ano e liguei para minha mãe e disse uma coisa para ela e.... joguei palavras em espanhol nela, às vezes acontecia comigo (*risos*). Está melhor agora. Às vezes eu jogo umas palavras em português ... agora ensino inglês para minha prima pelo Skype e agora tenho que explicar para ela em tcheco e às vezes começo a falar em português ao invés de tcheco (*risos*), é assim que a palavra em português sai de mim. Isso é muito engraçado. Quando uma amiga falou comigo, ela disse que eu estava cantando porque peguei o som do português que parece como se fosse cantado para os tchecos, então ela disse que eu falo tcheco da mesma forma agora (*risos*).”

Língua portuguesa:

“Com família e os meus amigos, lá e aqui, aqui tenho menos, né, que falam tcheco. Agora na quarentena não vejo eles, até minha amiga que mora ao lado me falou: não quero ver você não até tudo isso acabar. Ela tá com muito medo, ela se distanciou completamente. E falando tcheco aqui ... agora tô falando um pouco mais, então é mais tranquilo. Quando passo muito tempo sem falar tcheco, acabei falando meio torto, estava saindo cantando, até minha amiga falou que estava falando cantando em tcheco (*risos*). Parecido com o português, né? Porque o português canta, né? Eles prolongam tudo e eu tava, sim, falando assim em tcheco (*risos*). Eu acho que agora nem tanto, mas não sei. Mas me sinto bem, sim.”

Segundo suas respostas, a respondente está sempre muito imersa no ambiente linguístico em que vive. Ela menciona sua experiência na Espanha, quando o espanhol se tornou mais natural para ela do que o tcheco, e ela também vive essa experiência com o português, quando se sentia “meio torta” por não ter falado tcheco por muito tempo e o português era mais natural para ela. Outrossim descreve como as especificidades linguísticas do português afetam subsequentemente sua pronúncia em sua língua materna.

Pelas respostas da entrevistada, pode-se compreender que sua identidade linguística é fortemente influenciada pelo ambiente em que se encontra atualmente, exatamente conforme a fala da desconhecida autoria: “Sei a que lugar você pertence, conforme você fala”. A identidade linguística pode ser entendida como uma relação presumida ou atribuída entre o próprio sentimento de si e a linguagem de comunicação (BLOCK, 2009, p. 40). A identidade linguística da entrevistada permite que ela se considere parte de uma determinada comunidade (PARK, 2012). Segundo Le Page (1980), todo ato de fala é um ato de identidade. A linguagem é um indicador básico de identidade. As escolhas linguísticas são processos inconscientes realizados pelo falante e estão associadas às muitas dimensões constitutivas da identidade social e aos diversos papéis sociais que o usuário assume na comunidade de fala. O que determina a escolha de uma ou outra variedade é a situação específica de comunicação. A globalização, que afeta a identidade de cada um de nós, também está fazendo uma grande diferença neste debate. Nunca na história da humanidade as identidades linguísticas das pessoas foram tão expostas a influências estrangeiras como estão hoje. A volatilidade e a instabilidade se tornaram uma marca registrada das identidades no mundo pós-moderno (RAJAGOPALAN, 2003, p. 59).

Sexta pergunta: Você fala a língua portuguesa fluentemente?

Língua tcheca:

“Sim, sim, sim. Eu falo.”

Língua portuguesa:

“Acredito que sim (*risos*). Eu acho que sim.
Sim, sim, falo.”

Ela confirma nas duas línguas que é fluente em português, o que é confirmado durante a entrevista. Essas respostas são aqui registradas apenas para contextualização das opiniões do respondente e não serão analisadas.

Sétima pergunta: Com quem você, geralmente, fala português? Falando português, como você se sente?

Língua tcheca:

“Com todos, com meu namorado, com pai dele, com clientes, com amigos, na loja. Quando falo português é bom, para mim é bem natural, não me sinto mal. Só que não consigo pronunciar “três” e “dez”, tudo bem ... eu vou dizer essas palavras e eles sempre acham que estou dizendo o outro número (*risos*).”

Língua portuguesa:

“Igual. Não tem muita, muita diferença. Fora do “dez” e “três” ... quer dizer que eu pronuncio quase igual ... e “ele”, “ela” ... então têm essas coisas que às vezes é uma confusão, né? Então, eu evito ... vou no mercado e ... quando peço pão, não peço dez, peço onze, ninguém confunde com três (*risos*), e pronto, tá resolvido. Mas fora disso, não sei, as vezes pode acontecer alguma outra palavra que pergunto, mas ... só que sim, agora lembrei uma coisa ... eu acho que o tcheco tem mais humor do que o português, sei lá ... ou, de repente, tem essa diferença, eu acho que sim, nas línguas. De repente não sei muito humor em português. No tcheco a gente brinca muito com as palavras ... os filmes antigos. Em português eu não consigo brincar com as palavras da mesma forma como eu brinco no tcheco. Faço diminutivo, rimos, invento palavra, tem o dobro sentido em tudo. É uma diferença que agora eu percebi aqui, que agora lembrei.”

Mesmo sabendo da dificuldade de algumas palavras, não é estressante para a entrevistada e ela tem estratégias para resolver. Além disso, reflete sobre o português e a sua incapacidade de “brincar com a língua”, que compara com a sua língua materna.

Nesse sentido, caberia questionar se a linguagem pode preencher todos os conteúdos, significados que todo grupo social requer. A resposta seria sim. A própria cultura assume o papel de preencher as lacunas que a linguagem pode deixar em aberto. Todas as culturas têm

manifestações de códigos implícitos, mesmo silenciosos, que podem aparecer, mas que, dependendo da situação, podem ser compreendidos no contexto dos grupos em que estão inseridos. E é por esta razão que o respondente necessita de um conhecimento mínimo de expressões não linguísticas, mas culturais que possibilitem uma compreensão dos significados na língua materna. A linguagem não é capaz de expressar tudo. A cultura preenche os detalhes restantes (EVERETT, 2019, p. 272). Então, é possível que a respondente não conheça a cultura local o suficiente se ela não conseguir, em suas palavras, “brincar com a língua”? Ou esse conhecimento é dado pelo grupo em que vive e com quem tem contato? As respostas a essas perguntas são claras: é compreensível que o indivíduo fale como aquele com quem fala (EVERETT, 2019, p. 371). Claro, a entrevistada imita e reproduz outras pessoas no uso da língua local e absorve a educação e a cultura da língua nas situações sociais dadas e das pessoas com quem fala. O resultado lógico é a reconfiguração de sua identidade dependendo do uso da linguagem e do ambiente sociocultural em que ela está imersa na fala.

Oitava pergunta: Quando você chegou aqui, teve dificuldade com a língua portuguesa? Quais?

Língua tcheca:

“Sabe, não sei o que quer dizer com quando cheguei aqui? Eu vim para cá pela primeira vez em 2011, mas na época não vim para morar. Eu estava aqui visitando ... de férias, o plano foi ficar por três meses, no final fiquei uns dez. E depois fiquei dois anos na Europa e depois voltei a morar aqui. Mas quando cheguei aqui, já sabia um pouco de português ..., mas já sabia espanhol. E isso me ajudou muito. Eu os entendi melhor. Foi muito mais fácil do que quando estava na Espanha e não falava espanhol. Então, quando vim para cá, eu não sabia muito português, mas aprendi muito graças ao meu espanhol.”

Língua portuguesa:

“Quando cheguei pela primeira vez? Não, assim, não tive tanta dificuldade porque já falava espanhol antes. Então, o espanhol ajudou muito ... já deu para entender, né? Aí, aprendi mais rápido. Mas assim, claro, eu ficava perguntando as coisas toda hora.”

A entrevistada atua como uma “cidadã” do mundo, é curiosa, aberta, flexível e não se limita às fronteiras geográficas e locais físicos. Antes de se mudar para o Brasil, ela já tinha experiência no país durante as férias, que duraram mais do que o planejado. O conhecimento de espanhol ajudou-a a aprender português mais rápido. Essas respostas não representam elementos adequados para análise.

Nona pergunta: Você busca ambiente onde possa falar em sua língua materna? Por quê?

Língua tcheca:

“Se estou buscando? Não, não muito. Às vezes eu encontro amigos tchecos. Mas não é por falar tcheco, é por causa da cultura, por causa do humor que temos, por causa da percepção da realidade, não é por falar tcheco. Falamos meio tcheco, meio português quando os brasileiros estão conosco ... os maridos e as esposas, então falamos português. E quando ficamos um pouco a sós, falamos tcheco. É bom falar tcheco, tcheco é lindo!”

Língua portuguesa:

“Assim ... buscar, não busco por causa disso não, busco mais as pessoas do meu país, para compartilhar as coisas, temos a mesma visão das coisas, enfrentamos os mesmos problemas culturais. Assim, é legal desabafar. Não busco para falar tcheco, não é isso. Ah, quero falar tcheco – não. É mais ... quero estar com alguém quem está percebendo as coisas da mesma forma, é da mesma cultura e tá enfrentando as mesmas dificuldades, não é pra falar tcheco.”

Em sua resposta tcheca, ele confessa seu amor pela língua tcheca, dizendo: “É bom falar tcheco, tcheco é lindo!”. Em ambas as línguas, ela confirma a exatidão do provérbio tcheco “vrána k vráně sedá, rovní rovného se hledá”, que existe em português como “pássaros da mesma plumagem voam juntos”, e ratifica a ideia de que a semelhança é um determinante fundamental da atracção interpessoal. Nesse caso particular, a respondente se refere à semelhança cultural.

Os sentimentos e o comportamento da entrevistada podem ser visualmente caracterizados pelo conceito de cultura, que foi definido pela primeira vez pelo antropólogo britânico Tylor (1870, p. 31) e que é entendido como um sistema abrangente de tudo o que a entrevistada ganhou como membro da sociedade tcheca, como linguagem, conhecimento, religião., arte, leis, morais ou costumes. No confronto diário com uma nova cultura, a brasileira, às vezes sente que falta a sua cultura materna e, por isso, em suas próprias palavras, quando se encontra com

cidadãos tchecos, utiliza a língua materna, porque a cultura é o que une uma determinada comunidade e a diferencia das demais. É perceptível, que em todas as sociedades em que vive, a entrevistada aceita a cultura local e tenta assimilá-la. Entendendo o conceito de cultura sendo um conjunto de atitudes, valores, crenças e comportamentos compartilhados por um grupo de pessoas (MATSUMOTO, 2002). Além disso, é necessário compreender que a cultura é uma rede abstrata que forma e conecta papéis sociais, domínios de conhecimento hierarquicamente estruturados e valores ordenados. A cultura é dinâmica, mutável, reinterpretada a cada momento. Deve-se acrescentar que os membros de qualquer sociedade compartilham uma cultura quando concordam sobre um conjunto de valores e sobre a prioridade relativa que atribuem a esses valores (EVERETT, 2019, p. 100). Do exposto, a interpretação lógica subsequente é que a respondente reconfigura sua identidade, de acordo com a sociedade humana, as línguas e, portanto, a cultura em que se encontra atualmente. A entrevistada expressa o prazer de se encontrar com pessoas que têm uma cultura materna comum e, ao mesmo tempo, enfrentam o desafio de uma nova cultura, que também se tornou comum.

Terceira seção das perguntas (entender os efeitos culturais repercutidos no cotidiano do sujeito):

Nesta seção, a entrevistada, nas duas línguas, expressa-se de forma enérgica, usa mais expressões faciais, entonação de voz e emoções fortes podem ser percebidas em sua fala. A cultura local, que se reflete em seu dia a dia, tem um efeito muito intenso sobre ela.

Décima pergunta: Como você percebe os hábitos e costumes dos brasileiros? Tem algo marcante que poderia comentar?

Língua tcheca:

“Oh Meu Deus (*risos*) ... eles são muito ... mimimi. Você tem de falar bla, bla, bla.... tomar cuidado, não pode dizer nada direito, porque é rude. Às vezes eles me dizem que sou rude. Porque às vezes eu digo algo diretamente e esse é provavelmente o maior problema para mim aqui. Não é permitido

Língua portuguesa:

“Os hábitos, costumes? Eles sempre prometem um monte de coisa (*risos*) ... sim, claro, com certeza venha para minha casa ... claro que eu vou vir, ... ninguém chega. Eles adoram festa, todo mundo junto, ninguém se escuta, mas todo mundo tava junto (*risos*).”

dizer as coisas direitinho, nada pode ser dito. Isso é o maior problema para mim, não é natural para mim, é terrível, mas já estou aprendendo.”

Em ambas as línguas, a entrevistada comenta costumes diferentes que são marcantes para ela. De acordo com o contexto e as formas de falar, expressões faciais e expressões não linguísticas com que comunicou essas informações, são os hábitos e costumes que não lhe agradam e que lhe causam algum desconforto. As respostas apontam dois aspectos adequados para análise. Choque cultural, que se manifesta nas duas línguas, bem como autocensura, que a entrevistada revela apenas na resposta em tcheco.

O choque cultural foi identificado e analisado muitas vezes com os outros entrevistados. A entrevistada encontra um ambiente cultural diferente do seu materno (eles sempre prometem muitas coisas), ela experimenta rompimento de expectativas, em outras palavras desorientação (claro que venho, ... ninguém chega) e tudo isso devido à imigração para um novo país, mudança entre ambiente social e transição para um modo de vida diferente. O choque cultural descreve a ansiedade experimentada por indivíduos que vivem em uma nova cultura (OBERG, 1954; OBERG, 1960).

A autocensura que se apresenta em suas respostas foi também identificada no respondente número 10. A entrevistada se autocensura porque “não se pode dizer nada direito, porque é rude. Às vezes eles me dizem que sou rude” e percebe que “não é permitido dizer as coisas direitinho, nada pode ser dito”. Por esse motivo, ela se sente incomodada, até mesmo com medo de ser “punida” pelo meio sociocultural em que vive, e assim restringe sua liberdade externa (CORETH, 1994, p. 91). A autocensura também pode ser observada em atividades triviais, como mitigar e ajustar a opinião da palavra falada de acordo com quem o sujeito está falando. A entrevistada não sente liberdade de expressão ao dizer “não é natural para mim, é terrível, mas já estou aprendendo”, porém, essa liberdade é essencial para uma pessoa na sua autorrealização, para a qual ele precisa de espaço pessoal. A liberdade interior do homem reside então no fato de que não somos determinados nem mesmo por dentro por nossa própria essência (GOFFMAN, 1959). Segundo Goffman (1963), a sociedade categoriza as pessoas de acordo com atributos considerados normais e naturais. A interação social rotineira sob condições especificadas permite-nos lidar com os outros de uma forma previsível, sem atenção e

pensamento especiais, o que não é possível para a entrevistada e, portanto, sua identidade social está sob pressão, sob a qual ela se reconfigura.

Décima primeira pergunta: Você se identifica com estes costumes, ou se sente apenas como um “observador”?

Língua tcheca:

“Bem ... não sei, acho que mais como um observador (*risos*). Quanto ao tema dos hábitos deles ... como vão aquelas celebrações gigantescas, me dá nos nervos, tem muita gente, ninguém se conhece ... e todo mundo me pergunta ... ah de onde você é e fala tão bem o português (*risos*). Acho que sou mais um observador, provavelmente mantive meus hábitos. Provavelmente sim. Como eles te convidam para todos os lugares e não foi um convite de verdade ... claro que eu irei e eles não virão de jeito nenhum ... então eu não sei, bem. Se esses são os hábitos. Portanto, provavelmente sou mais um observador.”

Língua portuguesa:

“Eu acho que me sinto mais como um observador, sim ... porque ... não sou assim, ficar com muita gente, prometer as coisas ... aquela coisa do mimimi que falei, né ... tem que falar tudo com cuidado ... e assim falar com as pessoas, claro que estou aprendendo e eu sou mais ..., mas não é nada natural para mim (*risos*).”

Em geral, as respostas à pergunta são as mesmas em ambos os idiomas. Em ambos, ela problematiza dos hábitos e costumes que descreveu nas respostas anteriores. Por não se identificar com certos aspectos culturais dos costumes brasileiros, ainda se sente apenas uma observadora.

Por estar em uma cultura nova, não a de sua materna, a respondente é exposta a interações entre pessoas cujas percepções culturais e sistemas simbólicos são diferentes o suficiente para mudar o evento de comunicação (SAMOVAR, PORTER, MCDANIEL, 2010, p.12). A cultura, portanto, torna-se uma característica distintiva que cria uma interface diferente entre grupos ou indivíduos que se encontram e se comunicam. Este cenário, com o qual a respondente ainda não se identifica totalmente, inclui também o choque cultural e a autocensura, conforme descrito na análise da décima pergunta.

Décima segunda pergunta: Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica mais?

Língua tcheca:

“Segurança definitivamente não é, não há segurança aqui (*risos*). Comida depende de que ... açaí eu adoro, sim. Gente ... eu tenho que pensar. Provavelmente como eles conseguem apreciar a natureza ... eles respeitam a natureza, me parece assim, e o tempo livre que eles aproveitam ao máximo, provavelmente é isso. Aí ... daquilo que eles apreciam realmente as coisas, a natureza e sempre a admiram, gosto disso.”

Língua portuguesa:

“Aquilo que falei ... a natureza, eles adoram a natureza aqui, eles sempre aproveitam, aproveitam o tempo livre, né? Eles gostam de ter o tempo livre e aproveitar o tempo livre ... então acho que seria isso.”

O aspecto da natureza é repetido desde a primeira pergunta. A vertente do lazer é mencionada pela primeira vez e apenas na resposta em português. Nesse contexto, a assimilação cultural é esperada, pois a entrevistada se identifica mais com a abordagem da natureza e a percepção do tempo de lazer e, assim, tenta absorver o comportamento da cultura anfitriã com a qual entra em contato (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37). A respondente assume, assim, os valores, comportamentos e crenças de outro grupo (SPIELBERGER, 2004), o que também pode ser descrito como uma aculturação em que o indivíduo expande seu repertório cultural atual ao invés de substituir a cultura ancestral (ABE, 2017).

Décima terceira pergunta: Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica menos?

Língua tcheca:

“Um pouco de tudo, um pouco de segurança, isso me assusta ... já fui assaltada, então estou com medo. Da cultura também um pouco ... o que não combina comigo também ... estou

Língua portuguesa:

“Principalmente segurança, e umas das partes da cultura que já falei, né? Aquele mimimi, aquelas festas, aí eu não curto não ... a bebida, porque eles bebem pra caramba (*risos*).”

reclamando sempre de algo ... não devo, porque depois eles me dizem para sair daqui e voltar para minha terra. Eles sempre prometem muitas coisas, porém você não pode contar com eles, é preciso ter muito cuidado em quem pode confiar e em quem não pode confiar, elas inventam muito e mentem, não gosto disso não. Não vejo isso na República Tcheca, lá não preciso ter tanto cuidado com as pessoas. Aqui eu tenho que escolher as pessoas certas.”

A entrevistada fornece mais informações, com mais detalhes na língua tcheca. Seria porque ela quer ser mais diplomática em português? Suas respostas criam cenário implícito da relação de dualidade, amor e ódio com o Brasil. Uma relação que envolve emoções atuais ou alternadas de amor e ódio, o que é especialmente comum quando as emoções são intensas. No entanto, suas respostas expressam principalmente choque cultural e autocensura, aspectos teóricos estes que já foram descritos com mais detalhes na análise da décima resposta.

Quarta seção das perguntas (específica de identidades em suas reconfigurações):

A entrevistada está obviamente interessada pessoalmente no tema do trabalho e mostra suas emoções em expressões não linguísticas, especialmente na entonação, velocidade da fala e expressões faciais. As respostas na sua língua materna são mais curtas, em português ela pensa mais nas suas respostas.

Décima quarta pergunta: Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país?

Língua tcheca:

“Se eu me percebo diferente? Não, não acho que não. Não me percebo diferente.”

Língua portuguesa:

“Diferente me mesmo? Não me percebo diferente, mas claro que tinha que mudar algumas coisas, reclamar menos. Tchecos

adoram reclamar, aqui eles não gostam disso. Tinha que parar um pouco. Também não posso ser tão direta tenho que falar com as pessoas com muito cuidado depois de quatro anos eu tô mudando essas coisas, né? Mas algumas coisas acho que tô mudando até pra bem porque vejo que as pessoas aqui são muito agradecidas, mais do que a gente, né? Então isso também estou aprendendo ... ser mais agradecida pelas coisas. Isso acho positivo, né? Mas aquela coisa que tem que ..., mas reclamar menos também é positivo, né? Mas aquela coisa que tem que falar com a pessoa ... com muito cuidado, Nossa Senhora! (*risos*) Isso é perda de tempo acho, eu queria falar coisas papapa (*mostrando movimentos rápidos da mão como se estivesse atirando*) aqui não posso.”

Há uma diferença marcante em suas respostas. Na língua tcheca, ela está convencida de que não mudou em nada. Por outro lado, admite grandes mudanças na sua resposta em português: não pode reclamar tanto como na língua tcheca, tem que falar com mais cautela, no entanto, reconhece que avalia algumas mudanças positivamente.

Verifica-se que a entrevistada percebe sua própria identidade ao falar em português, em comparação com os locais, e essa identidade seja sempre reconfigurada na interação com os seres ao seu redor e de acordo com a forma como ela se apresenta, como atua e como sejam os seus discursos aceitos por outros, assim dizendo, que sua identidade é reformulada pelo discurso social de rotina, conforme descrito por diversos autores (por exemplo VAN DIJK, 1998, p. 154; ARCHAKIS e TZANNE, 2005; CHRYSOCHOOU, 2003). Essa interação é possível por meio da comunicação, do diálogo, da expressão, da troca de ideias etc., quando a linguagem entra nela, o que é importante para constituir identidades e desse ponto de vista percebemos a linguagem não apenas como uma representação do mundo e do pensamento ou como ferramenta de comunicação, mas sim, como forma de interação social (KOCH, 2003, p. 128).

É possível confirmar, analisando a entrevistada, que a identidade é parcialmente ou mesmo predominantemente construída pela linguagem no contato social. Em outras palavras, toda vez que as pessoas falam, elas não apenas trocam informações com seus parceiros de comunicação; eles também organizam e reorganizam constantemente seu senso de quem são e como se relacionam com o mundo social, aliás, tratam da construção e negociação identitária (NORTON, 1997, p. 410). E esse é exatamente o exemplo da pessoa que está sendo examinada, onde sua identidade é polêmica, interativa, social, porque ela define e rotula quem é, na presença do outro e em oposição ao outro. A maneira como ela se define é quem ela é, e é assim que ela se vê na frente dos outros.

Essas respostas são muito ricas em pontos para possíveis análises, porém, aspectos como a autocensura e sua assimilação da cultura brasileira seriam apenas uma repetição do que já foi mencionado nas respostas anteriores.

Décima quinta pergunta: Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua portuguesa?

Língua tcheca:

“Depois do que aprendi português? Depois não ... não, como essa língua teria algum efeito nisso? Não. Não é a língua. Eu tive que mudar por causa da cultura, não posso reclamar tanto, não posso dizer coisas de maneira tão direta (*risos*). Mas isso não é coisa da língua, é da cultura. Não sinto que a língua que me mudou. Não sentia isso com nenhuma língua a qual eu aprendi, como se essa linguagem me mudasse, não.”

Língua portuguesa:

“Ah, agora tá com a língua! Não, acho que não. Só daquela coisa que falei de humor, de brincar com palavras. Em tcheco eu brincava mais do que eu brinco com o português, fora disso ... não sei, estava pensando se ... pode ser porque não seja minha língua materna ... se não sei tanto brincar com as palavras ..., mas eu não escuto as pessoas brincar com as palavras aqui, me parece que não tem isso igual que em tcheco, eu não escuto as pessoas. Aquela coisa que você pega uma palavra e você remonta ela e usa ela ... sei lá ... não tem isso. E, também outra coisa que a gente usa muito, as partes dos filmes clássicos, todo mundo fica falando daquelas partes do filme e todo mundo começa a rir ...

não tô escutando isso também não. Talvez seja que eu não conheço e tal ... não escuto as pessoas usando, é muito raro. E o tcheco tem um humor negro (*risos*) ... que aqui não vale muito (*risos*). Aí ... me lembrei de uma coisa das línguas, isso é interessante, que em tcheco tem muito que fala assim “Já se z toho zabiju. Já skočím z mostu. Já se snad zabiju.¹⁵⁶” e essas coisas, né? E o que acontece. Eu falo isso em português, mas quando falo isso, aqui não se fala isso, aqui acham que tô falando sério. E aí começa ... você não valoriza sua vida! Já entendi que não posso falar isso ... vou me matar ... como assim, essa menina é doida, ela tá querendo se matar (*risos*). É engraçado para mim.”

A resposta em língua portuguesa é, comparando com a sua língua materna, enorme e de conteúdo muito abrangente. Em tcheco, a entrevistada compara a situação quando aprendeu e usou outras línguas e coloca sua mudança na cultura. Em português, ela fala mais sobre brincar com a língua, aspecto que ela não percebe e que sente falta na cultura local e gostaria de utilizar. Também menciona o humor negro, frequentemente usado na língua tcheca, como algo significativo para ela.

No exemplo da entrevistada pode-se observar que sua língua está a serviço da cultura (EVERETT, 2019, p. 13), e que a língua emerge de uma cultura formada por pessoas que se comunicam. Esta comunicação é multicultural, gerando experiências em que carrega consigo um repertório de costumes, valores, rituais e património da sua própria cultura, que pensa e reflete constantemente na nova cultura. Seu pensamento e comportamento mostram que o ser humano é um projeto inacabado, constantemente remodelado, e que muitas vezes luta com sentimentos de incompletude. A entrevistada, como sujeito em construção, luta por algo que nem ela sabe exatamente o que é, e esse sentimento de inquietação ocorre principalmente entre

¹⁵⁶ Traduzido para língua portuguesa significa: Eu vou me matar por isso. Vou pular da ponte. Talvez eu me mate (nota de autor).

os expatriados neste mundo globalizado, em que os conflitos culturais tornam visíveis os anseios existenciais (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37). É perceptível que o sujeito pesquisado vê o mundo a partir de uma perspectiva própria e limitada, o que pode dificultar a comunicação, principalmente em um ambiente intercultural e no uso de outra língua que não é sua língua materna. Quando esta entrevistada usa a sua nova língua, o português, ela traz consigo seu próprio conhecimento do mundo e quer ser capaz de dizer e fazer numa língua estrangeira o que faz na sua língua materna. Sua relação entre as línguas é difícil porque vê sua língua materna como algo amplo e a língua estrangeira como algo pequeno e duvidoso (RINVOLUCRI, 2001, p. 41).

Décima sexta pergunta: Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar?

Língua tcheca:

“Eu não voltaria ... bem eu posso, mas não voltaria porque não tem mar lá (*risos*). Essa é uma resposta estúpida, não é? (*risos*) Você provavelmente não recebeu isso de ninguém ainda, não é? Porque não há mar lá. Se houvesse mar e ondas para surfar ... e praias, eu voltaria para lá e ficaria mais feliz lá do que aqui, acho (*risos*).”

Língua portuguesa:

“Ah sim, eu posso voltar. Mas eu voltaria se tivesse mar e natureza lá. Mar, praia, natureza. Natureza pegaria daqui e botaria lá, aí moraria lá. Que a cultura e as pessoas eu prefiro lá ... tá tem umas coisas que aqui eu prefiro também, que pessoas são mais alegres, aproveitam mais a vida ..., mas mesmo assim eu preferia morar lá, porque as pessoas são mais certas, mais corretas, mais diretas. Eu posso confiar mais nas pessoas lá.”

A entrevistada percebe que tem a liberdade de decidir retornar à sua terra natal. Em suas respostas, ela retoma o amor pela natureza local, o mar, a praia e a oportunidade de surfar. Na etapa atual da sua vida, isso é mais importante do que o fato de afirmar que provavelmente seria mais feliz em sua terra natal.

A entrevistada fica dividida internamente quando prefere parte do Brasil, mas por outro lado acha que seria mais feliz na República Tcheca. É um exemplo de como a identidade deve ser entendida em todas as suas múltiplas camadas e pluralidade e no contexto do conceito dos papéis internalizados do indivíduo, confirmando assim as palavras de muitos especialistas que

falam não apenas de uma, mas de mais identidades formadas por relações e sua dinâmica variável (HRDÁ e ŠÍP, 2011, p. 442). E é por isso que as características mais importantes da compreensão atual da identidade incluem, por exemplo, um exame cuidadoso não apenas do indivíduo, mas também do mundo exterior, a ênfase no entrelaçamento e fusão de identidades em uma rede de relacionamentos diversos com outras pessoas. Além disso, é necessário entender que a identidade é formada por vários papéis, que se alternam e se alteram com flexibilidade no cotidiano, é dinâmica, é determinada por valores interpretados e em constante mudança.

Olhando o conjunto da entrevista e presenciando detalhadamente as respostas individuais, pode-se concluir que sim, a pessoa pesquisada reconfigura sua identidade de acordo com o idioma que fala. Suas identidades estão em constante processo de mudança e transformação (HALL, 2000, p. 108; RAJAGOPALAN, 2004, p. 71). Suas identidades têm uma sobreposição social e relacional, o que significa que as pessoas em sua individualidade não são as únicas criadoras de sua própria identidade, e que as identidades não são mais consideradas um processo totalmente interno. Pode-se observar a partir da entrevistada que é verdade que pessoas que falam línguas diferentes realmente pensam de forma diferente (BORODITSKY, 2003, p. 66). Percebe-se nas falas da entrevistada que ela utiliza várias línguas todos os dias, o que sem dúvida reconfigura sua identidade. Sua identidade é fortemente influenciada pelo ambiente em que se encontra. A identidade linguística da entrevistada permite que ela se considere parte de uma comunidade (PARK, 2012), mas é preciso lembrar que, de acordo com Le Page (1980), todo ato de fala é um ato de identidade. A linguagem é um indicador básico de identidade. A entrevistada fala várias línguas diariamente, então ela é um exemplo do fato de que a instabilidade e a variabilidade se tornaram uma marca registrada das identidades no mundo pós-moderno (RAJAGOPALAN, 2003, p. 59). No entanto, é preciso lembrar que a linguagem não pode expressar tudo e a cultura completará os detalhes restantes (EVERETT, 2019, p. 272). O resultado é uma reconfiguração de sua identidade em função do uso da linguagem e do ambiente sociocultural em que está imersa na fala. É claro a partir de suas respostas que os membros de qualquer sociedade compartilham uma cultura quando concordam sobre um conjunto de valores e a prioridade relativa que atribuem a esses valores (EVERETT, 2019, p. 100). O choque cultural (OBERG, 1954; OBERG, 1960) foi frequentemente identificado no caso desta entrevistada. Além disso, a autocensura foi detectada e analisada (CORETH, 1994, p. 91), o que afeta significativamente sua identidade quando não dispõe de espaço e liberdade pessoal (GOFFMAN, 1959). A identidade do sujeito é configurada pelo discurso social cotidiano (VAN

DIJK, 1998, p. 154; ARCHAKIS e TZANNE, 2005; CHRYSSOCHOOU, 2003), bem como pela interação social (KOCH, 2003, p. 128). A análise da entrevistada pode confirmar que a identidade é parcialmente ou mesmo predominantemente construída pela linguagem no contato social (NORTON, 1997, p. 410). Além disso, percebe-se que sua relação entre as línguas é difícil porque percebe sua língua materna como algo amplo e uma língua estrangeira como algo pequeno e duvidoso (RINVOLUCRI, 2001, p. 41). A identidade da pessoa pesquisada deve ser compreendida em todas as suas múltiplas camadas e pluralidade e no contexto do conceito de papéis internalizados do indivíduo e suas dinâmicas variáveis (HRDÁ e ŠÍP, 2011, p. 442).

APÊNDICE N – ENTREVISTADO Nº 17

Quadro 15 - Entrevistado Nº 17 = entrevista Nº 33 e 34

Idade e gênero	35, feminino
Naturalidade	Dačice, República Tcheca
Residente em	Curitiba, PR
Profissão / formação	Empreendedora em informática, com 15 funcionários; Mestra em informática aplicada, em Praga, República Tcheca; Estudante do doutorado em informática aplicada em Praga, República Tcheca.
Língua não materna	Fala língua portuguesa quase fluentemente, não houve problemas marcantes na fala. Fluência, uso de léxico e uso de gramática pode ser avaliado em nível de B2: Falante independente de Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas.
Estado civil	Mora com um cidadão tcheco, com duas filhas de quatro e seis anos, nascidas no Brasil.
Tempo no Brasil	Está domiciliada no Brasil desde 2013.
Tempo de gravações	Língua tcheca: 25 minutos, língua portuguesa: 18 minutos
Observação relevante	Fala em tcheco com esposo, filhas e na universidade tcheca. Também às vezes fala tcheco na frente dos não falantes, para eles não saberem o que está sendo discutido – até no ambiente do trabalho. Fala português com seus funcionários na sua empresa, às vezes inglês, com não-brasileiros. Utilizava língua inglesa na primeira empresa e agora com ex-funcionários da empresa tcheca e com amigos internacionais. Ela colocou as línguas em ordem de proficiência: tcheco, inglês, português.
Data de entrevistas	15 de abril de 2020
Local de entrevistas	Skype entre Salvador (casa do autor) e Curitiba (sua casa).

Fonte: do autor

Essa entrevistada, uma jovem mulher e mãe de duas filhas, mudou-se para o Brasil em 2013 devido ao trabalho de seu marido tcheco (entrevistado nº 12). A empresa tcheca, responsável pela vinda do seu marido para o Brasil, foi vendida em 2017 e eles decidiram ficar no país e abrir seu próprio negócio. Na comunicação durante a entrevista, manteve o uso do termo “senhor” (conotação anteriormente já explicada) durante todo o contato, desde a solicitação até a efetiva realização da entrevista. Outro fator que pode afetar sua possível reconfiguração de identidade é o estudo de doutorado na universidade em Praga, o qual é feito todo na língua tcheca, portanto seu contato com o idioma tcheco é mais intenso do que no caso de outros entrevistados.

Primeira seção das perguntas (aproximação dos entrevistados com o pesquisador):

O indivíduo pesquisado revela ser uma pessoa alegre e sorridente que participa ativamente da pesquisa. Sua abordagem no geral é construtiva e positiva. É possível observar que na língua tcheca ela está mais confiante e se expressa com maior precisão.

Primeira pergunta: Por que você está morando no Brasil?

Língua tcheca:

“Moramos aqui há sete anos, desde 2013. E por quê? Viemos aqui a trabalho, a trabalhar, o meu marido teve oportunidade de trabalhar aqui e a gente ficou aqui ... tivemos duas crianças ... duas filhas, então conseguimos visto permanente aqui. E quando a empresa decidiu se mudar para o México, tivemos a oportunidade de ir para o México ou voltar para Praga. Decidimos ficar aqui no Brasil, porque já aprendemos a andar aqui, então achamos que era um país interessante e que podíamos voltar a qualquer momento, então arriscamos e ficamos aqui.”

Língua portuguesa:

“Moramos aqui há sete anos, já. E chegamos da República Tcheca por causa do emprego, por causa do trabalho do meu marido e decidimos ficar aqui depois de trabalho acabou, depois da empresa saiu do Brasil, então nós decidimos ficar aqui ... isso foi mais fácil, porque temos duas filhas que nasceram aqui, então para nós ficou bem tranquilo pra ... pra ganhar o visto ... pudemos ficar aqui.”

A entrevistada se mudou para o Brasil por causa da oferta de emprego que o seu marido recebeu. Como, entretanto, tiveram duas filhas no Brasil, decidiram “arriscar” e ficar. Essas respostas não fornecem aspectos adequados para a análise relacionada ao tema deste trabalho acadêmico, porém, são publicadas aqui devido à maior compreensão da respondente.

Segunda pergunta: Você gosta de morar no Brasil?

Língua tcheca:

“(risos) ... depende, depende. Acho que sim (risos). Como se ... eu tivesse decidido que quero ficar aqui, que não voltarei para a República Tcheca a menos que seja absolutamente necessário. Então eu acho que sim ... tem certas coisas que ... são de certa forma um challenge¹⁵⁷ ... ou um desafio ... é difícil se acostumar, mas quando você se acostuma, eu acho que isso se torna vantajoso para você.”

Língua portuguesa:

“Eu gosto ... (risos) depende, mas eu acho que são fatores que gosto aqui, principalmente eu gosto de várias coisas que eu gosto aqui, são alguns aspectos da cultura que tem aqui ... e natureza é maravilhosa, acho que isso é muito legal ... e eu me sinto mais tranquila aqui. E, também, claro que, já temos uma família aqui, crianças têm escola aqui, então já estamos acostumados aqui. Tem uma ótima natureza aqui, moramos fora da cidade, então isso pode ser um aspecto, né? E têm alguns aspectos da cultura que eu gosto aqui, que não deixa a pessoa ficar tão estressada, não tem tanta exigência ... profissional, por exemplo.”

Ela admite na língua tcheca que pode retornar à República Tcheca a qualquer momento, se for necessário. Curiosamente, ele usa uma palavra em inglês “challenge” que no contexto da cultura tcheca é muito atual em relação da sua idade, educação e experiência de trabalho e de vida, por isso não será explicado usando a teoria de translinguagem. Em ambas as línguas, admite que a cultura local é um “desafio” para ela, mas no português já se sente “mais tranquila” do que na sua terra natal.

¹⁵⁷ A entrevistada usou a palavra “challenge” em inglês na resposta em tcheco, e essa palavra foi mantida em sua forma original durante a transcrição e tradução. Em português significa “desafio” (nota do autor).

A observação da entrevistada de que “têm alguns aspectos da cultura que eu gosto aqui, que não deixa a pessoa ficar tão estressada, não tem tanta exigência ... profissional, por exemplo” pode ser elegantemente conectada com a citação de Everett (2019 , p. 100), quando ele diz: “A cultura é uma rede abstrata que molda e conecta papéis sociais, domínios de conhecimento hierarquicamente estruturados e valores ordenados.” e continua: “Os membros de qualquer sociedade compartilham uma cultura quando concordam sobre um conjunto de valores e a prioridade relativa que atribuem a esses valores. Por outro lado, os membros de uma cultura compartilham conhecimentos e papéis sociais. expectativas de diferentes papéis sociais. Esta é a cultura em ação.”

Terceira pergunta: O que você fazia em seu país, e o que está fazendo aqui?

Língua tcheca:

“Fiz negócios e estudei na República Tcheca. Eu me formei na faculdade lá e cerca de meio ano depois, nos mudamos para o Brasil. Lá fiz o mestrado e também trabalhei ... Fiz negócios, tinha minha própria empresa, depois também trabalhei na área de informática para empresas de desenvolvimento ... e na verdade, quando viemos para o Brasil ... eu estava grávida (*risos*) ... então, direto da universidade eu tirei licença maternidade aqui ... então eu estava em licença maternidade por três anos ... ou eu não estava em licença maternidade¹⁵⁸ mas eu tive uma filha e depois uma segunda filha e agora ... no processo comecei a trabalhar para a empresa na qual o meu marido trabalhava, era consultor e agora... já se passaram três ou quatro anos desde que

Língua portuguesa:

“No meu país, na República Tcheca, eu estudei ... eu trabalhei também, também tive uma empresa ... empreendedora também, e também trabalhei para outras empresas na área de informática ... e ... então foi isso. Quando eu cheguei para o Brasil, cheguei grávida ... tenho duas crianças (*risos*) ... nasceram aqui, comecei trabalhar para a mesma empresa do que meu marido, e depois eu abri minha empresa aqui. Então aqui estou trabalhando.”

¹⁵⁸ Contextualmente, pode-se entender que ela não recebeu o benefício social remunerado chamado “licença-maternidade” nem do estado tcheco nem do brasileiro, de modo que sua declaração pode soar confusa (nota do autor).

comecei o meu próprio negócio aqui, por isso trabalho... e há dois anos comecei a estudar na Universidade de Economia e Negócios de Praga à distância (*risos*).”

Em ambos os idiomas, a respondente se coloca de forma muito semelhante, não há diferenças entre eles. Ela estudou, trabalhou, teve filhas, e agora trabalha e faz o doutorado à distância, conseqüentemente pode-se avaliar que é uma mulher muito ativa e ocupada. O fato do nascimento de duas filhas no contexto de um novo país cuja língua não falava bem (veja as respostas para as seguintes perguntas) com certeza mudou a sua vida, no entanto, este não é o tema deste trabalho acadêmico. As respostas ficam aqui registradas para um melhor entendimento de sua situação de vida.

Segunda seção das perguntas (intenção de perceber como se dá a interação do sujeito com a língua materna versus a língua oficial do país em que ele vive):

Esta parte é fascinante e reveladora. A respondente fala com calma e uniformidade nas duas línguas, embora explique que nem sempre é assim, é perceptível que na sua língua materna é mais precisa e mais calma na fala. Uma observação relevante: ela nunca parou de falar em tcheco depois de se mudar para o Brasil, nem mesmo por um curto período, o que afeta sua identidade, podendo causar reconfigurações mais lentas. É visível que ela pensa nas perguntas, gosta e se interessa pelo conteúdo da entrevista.

Quarta pergunta: Você se comunica na língua tcheca aqui, ou é usuário de outras línguas também?

Língua tcheca:

“Então, principalmente o português. O tcheco também, mas eu só falo tcheco com meu marido e filhas, ou às vezes com as pessoas da República Tcheca, com minha família. E no trabalho, na primeira empresa a gente usava mais o inglês, na verdade é a

Língua portuguesa:

“Eu uso tcheco, língua tcheca com meu marido, com minhas crianças e com alguns amigos, com clientes tchecos também, com pessoas tchecas (*risos*) ... uso língua tcheca. E com ... eu falo português ... comunico-me em português com a minha equipe, com todo

maior parte do primeiro ... quatro anos, eu parecia não saber muito português (*risos*) e só agora, nos últimos dois ou três anos, estou começando a me comunicar em português... na maioria das vezes.”

mundo aqui no Brasil que não é ... quem não é brasileiro eu comunico tcheco ... e com outras nacionalidades comunicamos inglês. Às vezes comunico também em inglês com as pessoas que estão da empresa anterior, já nos acostumamos a falar em inglês junto, são todos que falam inglês, então ... às vezes, depende. Então eu falo tcheco, inglês e português todos os dias.”

Desde o início, após sua imigração para o Brasil, a entrevistada falava apenas tcheco em casa com sua família, depois inglês no trabalho e atualmente usa os três idiomas no dia a dia. Devido às circunstâncias, a respondente tornou-se uma pessoa multilíngue, ou poliglota, que é um termo linguístico que varia do monolinguismo (conhecimento de uma língua) ao bilinguismo (conhecimento de duas línguas) para a área de conhecimento de muitas ou mais línguas. Essas pessoas falam e se comportam de maneira diferente de acordo com a linguagem que usam (por exemplo, BORODITSKY, 2003, p. 66; KOCH, 2003, p. 123; RAJAGOPALAN, 1998, p. 41; REVUZ, 1998, p. 227; SHAIKH, 2019, p. 167). Ela se comunica de forma diferente com amigos que falam inglês do que com amigos que falam tcheco ou português. A obrigação de se comportar de maneira diferente em diferentes culturas e línguas faz com que os multilíngues formem identidades diferentes. Nesse sentido, identidade linguística refere-se à forma como uma pessoa se identifica (ou é identificada por outras) em cada uma das línguas de seu repertório linguístico, conforme discutido, por exemplo, por Block (2009, p. 40).

Quinta pergunta: Com quem você, geralmente, fala em tcheco? Falando tcheco aqui, como você se sente?

Língua tcheca:

“Com meu marido e com filhas, amigos e conhecidos ou, por exemplo, se tivermos clientes na República Tcheca, então clientes tchecos. E quando falo tcheco, como me sinto

Língua portuguesa:

“Normal ... eu me sinto confortável. Às vezes falando tcheco na frente das pessoas ... brasileiras ... um pouco estranho, eles estão com bastante perguntas e dúvidas, então ..., mas às vezes é bom, porque eles não estão

... na frente das pessoas? (*risos*) Me sinto | entendendo, então posso falar (*risos*) ..., mas normal, não me incomoda.” | me sinto confortável, tranquila.”

Conforme mencionado em partes anteriores da entrevista, ela nunca parou de falar sua língua materna. Alguns outros entrevistados tiveram um período em que praticamente não falavam tcheco, essa entrevistada sempre usou e usa sua língua materna ativamente. Provavelmente seja por isso que ela comenta que se sente “normal” e “confortável”. Em algumas situações, seu conhecimento do tcheco dá a ela a vantagem de ser capaz de se comunicar sem preocupação sobre qualquer coisa com seu marido ou parceiros de negócios tchecos na frente de brasileiros ou outros estrangeiros que não entendem.

Constata-se que ela percebe que não mudou seu papel social ao se mudar para um novo país. Seu papel social mudou com o fluxo natural do tempo: agora é mãe, trabalhadora e empresária. Se ela não tivesse se mudado, seus papéis sociais teriam mudado de qualquer maneira, independentemente de seu destino atual. Em seu cotidiano brasileiro, ela criou sua “bolha social tcheca”, que é muito importante no seu caso (em comparação com os demais entrevistados) e não pode ser ignorado na análise geral, principalmente porque nessa “bolha social” ela tem: suas filhas, cônjuge, doutorado e usa o idioma tcheco para todas essas situações e atividades. Isso atua como um fator de reconfiguração da sua identidade.

Esta entrevistada, em comparação com outros, fala a sua língua materna constantemente, diariamente e em diferentes situações da vida. A linguagem é conhecida por ser uma prática criadora de realidade social (FOWLER, 1985, p. 62). Nesse processo de interação e relacionamento social, as pessoas aprendem e adquirem conhecimentos. O contato constante com o mundo exterior leva ao desenvolvimento intelectual e à criação da nossa própria realidade, à absorção da cultura na qual estamos imersos. A entrevistada pode realmente mergulhar na língua e na cultura local quando está constantemente “fechada” em sua bolha social? Provavelmente sim, mas não com a mesma intensidade de outros entrevistados pesquisados. Nesse contexto, é importante perceber que a linguagem é usada para construir comunidades, culturas e sociedades. Elas são construídas por meio de histórias e conversas, tanto orais quanto escritas; cada um ajuda a definir e justificar as prioridades compartilhadas por culturas ou indivíduos (EVERETT, 2019, p. 32). A entrevistada está, sem dúvida, privada de alguma forma dessa experiência, o que pode “retardá-la” no processo de reconfiguração da identidade.

Sexta pergunta: Você fala a língua portuguesa fluentemente?

Língua tcheca:

“Eu diria que sim, falo fluentemente ..., mas não sei se estou falando bem. Eu acho ... não é problema para eu falar rápido (*risos*), mas é difícil falar corretamente ... às vezes algumas palavras ... meu pessoal ... minha equipe reclama que eu falo errado ... então às vezes eles me corrigem (*risos*) ..., mas eles já aprenderam isso, estão acostumados.”

Língua portuguesa:

“Acho que falo fluentemente, mas tem umas palavras ... que estou fugindo ... sei que não falo corretamente. Não tem problema de falar rapidinho, mas tem problema de falar corretamente, às vezes eu preciso pensar sobre as palavras (*risos*).”

Ela percebe que “não fala bem” e que sua “equipe reclama que ela fala errado”, contudo, está pronta e acostumada a ser corrigida. Em sua resposta em português, ele admite que está “fugindo” de palavras difíceis. No entanto, ela é capaz, obviamente, de expressar tudo o que precisa.

A entrevistada reconhece que tem uns “problemas” com algumas palavras e, portanto, procura as mais “adequadas”. Vale lembrar que a linguagem funciona somente porque as pessoas acreditam que os outros pensam como elas a ponto de entenderem o que elas os querem dizer. Quando alguém diz o que está pensando é porque acredita que o seu interlocutor será capaz de entendê-lo, inferir conclusões a partir de suas próprias experiências e relacioná-las às palavras (EVERETT, 2019, p. 69). Para que duas pessoas se comuniquem claramente por meio da linguagem, elas devem compreender não apenas a língua, mas também o contexto cultural e social em que se encontram. As palavras e expressões da linguagem utilizadas na situação só fazem sentido em um contexto em que a experiência dos sujeitos é descrita pela linguagem, mas não determinada por ela. Se falantes de diferentes línguas maternas usam uma língua comum e não se entendem, pode ser porque eles não compartilham a mesma maneira de ver e interpretar os eventos e o mundo; eles podem discordar dos significados e valores que as palavras expressam.

Sétima pergunta: Com quem você, geralmente, fala português? Falando português, como você se sente?

Língua tcheca:

“O português ... principalmente no trabalho, na empresa onde trabalho ... A gente conversa muito com as pessoas que aqui trabalham, por exemplo eu tenho uma babá com quem falo português ... então ... basicamente em qualquer outro lugar ... com qualquer cliente que fale português, em uma loja ... sei lá ... em todos os lugares aqui, aliás ... com advogados, com médicos. Não temos apenas brasileiros trabalhando na nossa empresa, temos dois colombianos lá no momento, tínhamos alguns funcionários do Peru antes, mas ... então falo português com eles também ou inglês ... com um, é assim que alterna. Eles têm sotaque forte, eu tenho sotaque, então como é melhor ... às vezes eles entendem mal, às vezes eu entendo mal ... então às vezes ... quando nós dois temos uma língua em comum ... língua não materna, não importa se é português ou inglês, então trocamos conforme necessário. E à segunda pergunta, como me sinto quando falo português (*risos*) ... me sinto retardada ... me sinto mal. Quando falo, não é um grande problema para mim, mas às vezes as pessoas não me entendem e têm medo de perguntar, então às vezes não me sinto completamente à vontade e confortável para falar. É pior para mim com a comunicação escrita, nem quero começar porque sinto que quando erro -

Língua portuguesa:

“Com quem normalmente? Com as pessoas brasileiras. Eu acho que ... se não estou em casa, eu só falo português. E como me sinto? Mal, eu me sinto como ... eu não consigo me expressar o que eu quero ... isso ... preciso improvisar, com bastante coisas. Isso pode me frustrar um pouco, às vezes ... depende da situação. Se é uma situação um pouco mais apertada ... mais específica ... por exemplo situação profissional, eu me sinto mal ... porque se tiver algum argumento ... claro que não é bom ... porque eu não consigo explicar, não consigo convencer a pessoa (*risos*) ... não consigo me defender (*risos*), com mesmo jeito e mesma eficiência ... apresentar um projeto, por exemplo.”

porque nunca estudei o português - sinto que eles acham que tenho uma educação baixa, por isso tenho um problema com isso. Portanto, no trabalho, sempre peço aos meus colegas que editem meu texto escrito. Porque não me sinto ... não confio em mim mesma nessas situações. Mas quando a gente oferece algum produto ou um cliente liga ... eles sempre querem falar comigo (*risos*) ..., mas eu tento evitar (*risos*) ... não me sinto confiante.”

A resposta na língua tcheca é significativamente mais longa em comparação com o português. Usa o português para o dia a dia, no entanto comenta que às vezes prefere mudar para o inglês, onde se sente mais confiante. Usar a língua portuguesa não é natural para ela, ela usa uma afirmação forte de que se sente “retardada”, se sente “mal” e às vezes tenta evitar a comunicação na língua portuguesa até no trabalho, sente que não pode “se defender em português” com a mesma eficiência.

Apesar de tudo o que disse, durante a entrevista não apresentou sinais de nervosismo nem estresse ao falar em português, mas é simplesmente perceptível que na sua língua materna é muito mais calma e precisa nas suas falas.

Cada um constrói sua própria identidade por meio de experiências, emoções, conexões, aceitações e rejeições. No momento em que a entrevistada não se sente bem em usar uma nova língua (o português) e se contrapõe às outras, pode se fazer muitas perguntas para se “orientar” em seu novo papel, nova situação e, assim, verificar sua nova identidade. Um conjunto dessas possíveis perguntas pode ser materializado em uma pergunta básica: “Quem sou eu?” (BAUMAN, 2005, p. 13), o que pode ajudar a todos, inclusive o sujeito estudado, a descrever a própria identidade. Percebe-se que a identidade pode ser entendida como as diferentes formas pelas quais os indivíduos definem ou querem ser definidos nos contextos sociais aos quais pertencem (HOLLIDAY, HYDE e KULLMAN, 2004). Nos vários discursos que os indivíduos utilizam para influenciar as percepções que outras pessoas podem ter sobre eles. Neste ponto, também é importante mencionar suas emoções negativas, que são legíveis pelas respostas. As emoções, como processos mentais e socialmente construídos, são fatores que podem interferir

na construção de identidades, incluindo experiências subjetivas de prazer e ressentimento, acompanhadas de mudanças fisiológicas, manifestações motoras, mudanças na atenção e no foco (MACHÁČ, 1985, p. 56). Sentimos emoções ao usar qualquer idioma. Línguas diferentes têm impactos emocionais diferentes em indivíduos bilíngues e multilíngues. Resulta do exposto que a entrevistada está experimentando uma reconfiguração da sua própria identidade.

Oitava pergunta: Quando você chegou aqui, teve dificuldade com a língua portuguesa? Quais?

Língua tcheca:

“Falava nada, a empresa escondeu isso de nós, eles nos disseram que todo mundo aqui fala inglês então não teríamos problema ... o que não é inteiramente verdade (*risos*). Mesmo quando chegamos ao aeroporto internacional aqui, eles nem falavam inglês, nem “hello” lá, então foi um choque cultural. Então a primeira pessoa que tivemos aqui foi uma intérprete com a qual estávamos 24 horas por dia antes de aprendermos português (*risos*) ... foi difícil.”

Língua portuguesa:

“Eu não tive dificuldades (*rindo muito*), porque não falava nada. ... isso foi um fator bastante difícil, isso foi muito difícil até o momento que aprendemos o português, isso foi bem difícil ... eu chorei nos primeiros seis meses, eu chorei. Isso foi um choque cultural grande (*risos*).”

A entrevistada descreve seu choque cultural no primeiro contato com o Brasil, que ocorreu de forma diferente do que ela esperava. Sem capacidade de comunicação na língua local, o choque foi muito intenso, o que ela comenta ao dizer “chorei nos primeiros seis meses”.

Esta entrevistada experimentou o maior choque cultural em comparação com todos os indivíduos pesquisados nesta tese. Sem conhecimento do idioma, mesmo com intérprete, em um ambiente novo e desconhecido onde ninguém fala inglês (em suas palavras), e grávida, ela deve ter experimentado grande desorientação e ansiedade pessoal (OBERG, 1954; OBERG, 1960). Acredita-se que ela passou por todos os quatro tipos de choque cultural em seu processo de adaptação: cognitivo, comportamental, fenomenológico, psicológico e sociocultural (CHAPDELAINE e ALEXITCH, 2004; SEARLE e WARD, 1990). A entrevistada vivenciou sentimentos de inquietação, que são descritos principalmente entre os expatriados neste mundo

globalizado, em que os conflitos culturais tornam visíveis as angústias existenciais (SILVA, MELO, ANASTÁCIO, 2009, p. 37).

Nona pergunta: Você busca ambiente onde possa falar em sua língua materna? Por quê?

Língua tcheca:

“Provavelmente não, não estou buscando, pode ser porque tenho marido e filhas que falam tcheco ..., porém eu não me preocupo com a língua ..., mas eu fico muito mais calma quando estou na República Tcheca, resolvo tudo sozinha e rapidamente. Aqui é mais difícil, porque as pessoas concordam com muitas coisas, mesmo que elas não entendam uma palavra e conseqüentemente as coisas não acontecem, e eu não sei se é por causa da língua ou por outro motivo. Em tcheco, resolvo tudo muito rapidamente. Em português, tudo leva mais tempo, talvez seja porque eles me entendem mal. Não sei se é a língua ou é cultural, porque os brasileiros resolvem as coisas mais rápido. Quando nos encontramos com os tchecos, há mais uma razão cultural do que a língua. Os brasileiros não têm muito senso de humor, do tipo que estamos acostumados (*risos*). E me parece que aqui é difícil formar laços pessoais, todos relacionamentos são mais de trabalho. Não há brasileiros com os quais eu conseguiria normalmente conversar.”

Língua portuguesa:

“Não, eu não tenho ... não sinto necessidade. Não sinto falta da língua tcheca ... falo bastante em casa em língua tcheca com crianças ... e o marido ... agora não ... às vezes ... sim.”

Na sua língua materna, ela tem uma necessidade óbvia de falar mais sobre a pergunta, enquanto a sua resposta em português é muito breve. Para além da questão, as suas ideias, na

língua tcheca, levam-na a considerar a rapidez de resolução de várias situações na sua língua materna versus em português, e há comentários adicionais sobre alguns aspectos culturais que sente diferentes.

Principalmente, sua resposta em sua língua materna mostra sinais de choque cultural e sua comparação das duas culturas. Essas respostas não serão analisadas aqui, pois a análise da questão anterior seria repetida.

Terceira seção das perguntas (entender os efeitos culturais repercutidos no cotidiano do sujeito):

Os aspectos culturais são muito importantes para esta entrevistada, o que ela vivencia intensamente no seu dia a dia e se reflete em suas respostas. Embora, tecnicamente falando, ela tenha filhas brasileiras e já mora no Brasil há muito tempo, existem elementos culturais que ainda a surpreendem e que ela descreve em muitos detalhes. Isso é observável em sua linguagem corporal, quando ela usa expressões faciais, entonação e acelera e desacelera sua fala mais do que nas perguntas anteriores.

Décima pergunta: Como você percebe os hábitos e costumes dos brasileiros? Tem algo marcante que poderia comentar?

Língua tcheca:

“A primeira coisa que me vem à cabeça é tomar banho e escovar os dentes (*risos*) me parece que eles são muito limpos, que cuidam muito bem do corpo ... fico chocada que tragam um pacote de escovas de dente para trabalhar e escovar seus dentes quatro vezes durante o dia: depois do almoço, depois de um lanche. Alguém até me ofereceu ... que se solidarizou por mim, que eu esqueci minha escova de dente ... que ele vai me dar porque tem uma sobressalente (*risos*) ... então é isso aqui ... isso é outra coisa (*risos*). É como

Língua portuguesa:

“Eu não conheço muitos dos hábitos de Natal e Páscoa, porque não teve muita oportunidade de conhecer, celebramos do nosso jeito aqui dentro da nossa casa com a minha família. Mas um hábito interessante é a cultura do corpo ... pessoas daqui são muito limpas ... eles cuidam bastante do corpo dele, escovam dente sempre, depois de toda comida. Tomam banho várias vezes por dia. Vão sempre para academia, fazem exercício físico cada dia praticamente.”

quando eles tomam banho duas vezes ao dia, então me parece que é bom que eles cuidem muito bem do corpo e também, o que notei aqui, uma das primeiras coisas que eles fazem esporte todos os dias, que é aqui ... eu não sei se é só em Curitiba ... mas na República Tcheca estou acostumada a falar ... que você treina, significa que treina uma vez na semana, quando treina três vezes na semana é como um cara, mas quando eles treinam aqui, treinam cinco vezes por semana, gostam muito de fazer esportes todos os dias, que uma vez por semana não é a bastante para eles ... Então me parece que eles se importam muito com o corpo, com o visual, com a impressão externa ... como eles se vestem, isso é muito visível. E eles também não fumam, não é? A relação deles com o álcool e o fumo, então eu diria que é diferente, você não vê multidões de fumantes em pé aqui. E ... também sobre o álcool ... a gente está acostumada a ir a algum lugar e tomar um drink, aqui eles já estão olhando para a gente que a gente é quase alcoólatra ... então é diferente também. Parece tudo decente e limpo aqui.”

Em sua resposta em português, a entrevistada sintetiza de forma praticamente resumida o que disse na resposta em tcheco. Acima de tudo, descreve uma “cultura do corpo” que é muito diferente para ela e, portanto, destaca sobre isso com muitos detalhes.

Analisando essa questão, pode-se concluir que o choque cultural, como fator corresponsável pela reconfiguração da identidade, está novamente presente. Por esse motivo, essas respostas não serão analisadas com referência à análise dada na oitava questão.

Décima primeira pergunta: Você se identifica com estes costumes, ou se sente apenas como um “observador”?

Língua tcheca:

“Bom, gosto de alguma coisa, como a limpeza e os cuidados com o corpo ... é isso que me motiva, então comecei a treinar também e parei de fumar ... só fumo em casa secretamente ..., mas acho ... algumas coisas me parecem estranhas. Como tenho certeza, diria que estou acostumada, e que tento aceitar para mim mesma ... e algumas coisas realmente me surpreendem ... eles sempre se abraçam e mantêm contato físico constante ... então eu diria que estou mais como uma observadora com essas coisas (*risos*).”

Língua portuguesa:

“Depende ... eu gosto desses costumes. Alguns eu gosto ... acho que são importantes, são aqueles que gostaria de ter, acho que é bom para sua saúde e mais fácil entrar nesses hábitos ... todo mundo te apoiando, tem infraestrutura para isso, tem esses costumes, aí gosto. Mas tem alguns costumes que ainda não estou entendendo e estou observando ... por exemplo ... tipo ... escovar dentes cada dia quatro vezes, eu acho estranho, trazer todo esse equipamento para trabalho (*risos*) ... acho que é bom, não é mal ... é diferente.”

A entrevistada diz o mesmo conteúdo nos dois idiomas. Ela é muito clara sobre o que gosta na cultura brasileira e o que não é do seu gosto. Ela percebe alguns aspectos da cultura positivamente e que a motiva, outros observa e ainda não está acostumada com eles.

A entrevistada, como a grande maioria dos seres humanos, está em constante processo de interação e relações sociais com o seu entorno. O contato contínuo com o exterior leva à aprendizagem, à aquisição de conhecimento, ao desenvolvimento intelectual e à criação da sua própria realidade e à absorção da cultura na qual estamos imersos. Do ponto de vista da respondente, pode-se elencar em assimilação cultural, que é um processo no qual um grupo ou a cultura minoritária tenta se assemelhar a um grupo dominante ou adota os valores, comportamentos e crenças desse grupo (SPIELBERGER, 2004). Pode ser descrito como uma analogia de aculturação (penetração mútua de culturas), também pode ser uma chamada aculturação aditiva, em que o indivíduo expande seu repertório cultural atual ao invés de substituir a cultura ancestral (ABE, 2017), que é o caso deste sujeito pesquisado. O processo de assimilação de cada indivíduo pode variar de acordo com o lugar, a época e os grupos sociais e está intimamente ligado à linguagem. Nesse contexto, a cultura exerce grande influência sobre

a linguagem, pois é necessário expressar os elementos culturais de alguma forma, mas de forma diferente na própria língua materna, conforme evidenciado por Fowler (1985, p. 62): “a linguagem é uma prática social que cria realidade”.

Décima segunda pergunta: Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica mais?

Língua tcheca:

“Essa é uma pergunta muito difícil ... com o que me identifico? A cultura corporal me serve, me motiva ... senão provavelmente a comida, tudo fresco, é ótimo ... eles têm um problema de logística, então não têm muitas opções (*risos*) ... é melhor eles escolherem um laranja aqui do que mandar numa caixa de São Paulo, e até me cai bem, acho ótimo. E também acho bom que essas pessoas sejam muito tolerantes, não sei se concordo com isso, porque me causa problemas ... porém, é algo que não causa tanto estresse quanto na República Tcheca ... e mais uma coisa, é algo que eu não pensei imediatamente e foi por isso que ficamos aqui, eles têm um relacionamento muito bom com crianças ... e eles amam crianças ... às vezes tenho um problema com isso ... ver as crianças de forma tão positiva quando elas correm e gritam (*risos*), então eu provavelmente não posso perceber isso totalmente assim, mas basicamente me convém muito porque temos nossas filhas.”

Língua portuguesa:

“Eu acho que eu gosto da parte da cultura que tá mais aberta, né? Eu gosto bastante que eles sejam muito amigáveis com crianças ... os brasileiros, que amam crianças. E, também acho que é uma cultura muito tolerante, muito aceitável, né? Eles aceitam qualquer coisa ... não é muito crítico aqui. Isso que eu gosto que a pessoa tente achar um lado bom de qualquer coisa errada ... tudo tem um lado bom, mesmo que seja uma hipocrisia (*risos*), mas tem (*risos*). Então eu acho que isso é uma parte da cultura que é boa ... que podemos aprender ... não sempre criticar, mas tentar achar um lado bom.”

Embora a entrevistada admire alguns temas culturais que a satisfazem (relacionamento de adultos com crianças, por exemplo), não consegue, em suas próprias palavras, se identificar com eles. Na resposta em português, é visível uma relação parcialmente “esquizofrênica” com a tolerância brasileira, que ela admira e ao mesmo tempo a denomina de hipocrisia. Mesmo em suas respostas, ela tenta não criticar a cultura anfitriã, mas falar diplomaticamente e comentar as diferenças do ponto de vista positivo.

Essas respostas contêm elementos de assimilação cultural e, portanto, sua análise seria uma mera repetição do que já foi dito na questão anterior.

É importante notar que a entrevistada que interage com outras pessoas que vêm de diferentes contextos linguísticos e socioculturais o faz com respeito e, portanto, o conceito de interculturalidade deve ser levado em consideração.

Décima terceira pergunta: Com qual parte do universo cotidiano brasileiro você se identifica menos?

Língua tcheca:

“A falta de confiabilidade ... que eu vejo como o outro lado dessa tolerância ... é a simplicidade com qual eles tiram conclusões ... então a falta de confiabilidade ... e um pouco de superficialidade em certas coisas. Eles tiram conclusões rapidamente e simplesmente não são confiáveis no sentido de “se Deus quiser”. Eu não concordo com isso, porque é alibismo, eles não têm relação com a responsabilidade. Para mim, é alibismo. Porque estamos esperando que algo aconteça ... aconteça sozinho (*risos*). Eles lamentam que você tenha um problema porque eles não fizeram algo ... e eles sinceramente e empaticamente lamentam que isso tenha acontecido ..., mas não têm um segundo passo para fazer o que prometeram

Língua portuguesa:

“Comprometimento ... comprometimento e responsabilidade que eu acho que ... na verdade, tem mais uma coisa, que lembrei agora ... eles têm muita confiança ... então é fácil de manipular, não acho bom, não sei se é falta da educação ... ou é falta da experiência (*risos*), mas eu acho que eles compram qualquer coisa, eles acreditam ... não é que não gosto, para vender é bom, mas acho que é perigoso.”

... então é uma coisa que me irrita aqui todos os dias.”

A entrevistada tem um pensamento muito analítico e vincula as perguntas e respostas ao que ela mesma disse nas seções anteriores. Basicamente, ela coloca tolerância e falta de confiabilidade em uma cesta, o que não é um elo muito comum. Em sua língua materna, ela é mais crítica, dizendo: “isso me irrita”, do que em português, onde ela se preocupa essencialmente com os brasileiros quando diz “(os brasileiros) têm muita confiança ... [...] ... é perigoso” para eles.

Em suas respostas, a entrevistada descreve claramente o choque cultural (OBERG, 1954; OBERG, 1960) ao falar sobre álibis, falta de confiança e outros aspectos culturais que a “irritam a cada dia”. Pode-se considerar que ela está sentindo desorientação pessoal, ansiedade e desconforto. Na sua interação com o seu entorno imediato, cujas percepções culturais e sistemas simbólicos se diferenciam para mudar o acontecimento comunicacional (SAMOVAR, PORTER, MCDANIEL, 2010, p.12), a cultura torna-se um traço distintivo que cria uma interface diferenciada entre os grupos ou indivíduos que se encontram e se comunicam, pode-se falar de interculturalidade. Em princípio, não existe uma cultura melhor que a outra.

Quarta seção das perguntas (específica de identidades em suas reconfigurações):

Na última parte da entrevista, ela deixa uma impressão muito equilibrada, é diplomática em suas declarações e se ela identifica diferenças, tenta descrevê-las de um ângulo positivo e aplicar os conhecimentos recém-adquiridos sobre seu novo país a seu favor.

Décima quarta pergunta: Você se percebe diferente, morando aqui em comparação com o seu país?

Língua tcheca:

“Sim, é mais uma vida profissional aqui, é muito sobre trabalho, não tenho muitos amigos aqui, enquanto na República Tcheca ... pode ser devido ao fato de eu ter chegado

Língua portuguesa:

“Sim. Eu acho que aqui fico mais tranquila (*risos*). Por causa da cultura, porque não tem tanta exigência nas pessoas. Por exemplo, com minha educação aqui, eu consigo várias

grávida (*risos*) ... então na República Tcheca as possibilidades eram diferentes ... então pode ser porque foi antes das crianças e depois das crianças ... minha vida na República Tcheca é mais social (*risos*) ..., aqui não ... aqui é tudo profissional, apenas relações profissionais.”

coisas ... meus resultados na República Tcheca são de média, não são muito extraordinários. Mas aqui com a minha educação ... sou excelente ... eu percebo que consigo fazer mais coisas, sou mais calma aqui, porque me pareço mais competente aqui. Lá na República Tcheca minha vida foi mais social, aqui é trabalho.”

A entrevistada descreve o que se pode chamar duas vidas diferentes: a passada na República Tcheca e a atual no Brasil. Porém, sua experiência é incomparável, pois descreve a vida “antes e depois das filhas” e ademais o fato de nunca ter trabalhado na República Tcheca, enquanto trabalha no país atual. O nível definido do padrão educacional brasileiro a satisfaz porque ela o excede e conjuntamente e conseqüentemente a faz se sentir mais relaxada.

Quando a entrevistada se mudou para o Brasil, ela teve que aprender um novo idioma e se orientar em um novo ambiente cultural. Seu papel social também mudou significativamente. A nova língua não poderia ser aprendida isoladamente porque está sempre associada a fatores como o ambiente social em que a aprendizagem ocorre, e as influências culturais e de identidade desse ambiente. A língua é sempre uma prática social e seu aprendizado se dá nas relações sociais nas quais as identidades são constantemente reconstruídas (BRISOLARA, 2015, p. 111). A importância do papel social do sujeito examinado na nova sociedade também não deve ser esquecida. O papel social pode ser visto como padrões de comportamento impostos ao indivíduo de fora e relacionados às expectativas dos outros, onde o papel é sempre definido em termos das expectativas dos outros, nunca em termos de características do sujeito (RODRÍGUEZ CAAMAÑO, 2001). Seu papel de mãe “brasileira” é definido por um conjunto de normas, direitos, obrigações e explica o que condiciona seu comportamento na nova sociedade (JANDOUREK, 2003, pp. 61-63). É provável que os pais tenham papéis sobrepostos, mas nunca idênticos, entre as duas culturas diferentes (EVERETT, 2019, p. 362). Os papéis sociais na nova cultura são inerentemente parte da interculturalidade, eles interagem, embora os papéis sociais não sejam decisivos para a interculturalidade, mas podem ser considerados um dos aspectos que determinam o grau de contato e comunicação contínuos entre duas ou mais culturas. O papel social individual da entrevistada se desenvolve ao longo de sua vida, quando ela implementa uma nova cultura em sua vivência cultural materna, e em certa medida adapta-

se. Aqui, vale lembrar que a identidade é um fenômeno dinâmico indistinguível do contexto situacional em que a respondente pesquisada atua ou ao qual deseja pertencer. Por esse motivo, o processo de transformação da identidade nunca se esgota e muda de acordo com as interações sociais, desejos e encontros dos quais a entrevistada participa durante sua vida e que geralmente são únicos e altamente subjetivos (TABOURET-KELLER, 1997, p. 316, apud MARTÍNEZ, 2005). Do exposto, pode-se determinar que sua identidade é polêmica, interativa, social, pois define e rotula quem ela é, na presença do outro e em oposição ao outro. A forma como a entrevistada define quem ela é, está dentro de si mesma, e é assim que ela se vê na frente dos outros.

Décima quinta pergunta: Na sua percepção, mudou a sua maneira de ser depois que aprendeu a língua portuguesa?

Língua tcheca:

“Certamente algumas coisas mudaram. Eu mudei a maneira como me comunico de “diretiva” e “objetiva” para mais “comunicativa no sentido de bla, bla, bla”, então você não diga apenas “sim” e “não” (*risos*) ... o que é definitivamente bom, para que eu possa perguntar “como você está, e seus filhos?” ... sinto que isso é importante aqui, as pessoas esperam ... e me ajuda às vezes ... elas ficam mais felizes quando você fala mais com elas. Provavelmente estou mais calma ..., mas não é a língua, é a cultura ... eu não me sinto tão estressada aqui ... Com o tempo, entendi o que é apropriado dizer e o que não é, eles são muito sensíveis a isso. Não temos dessa maneira lá, perguntamos quando precisamos descobrir algo e temos a resposta. Aqui não. Quando você pergunta

Língua portuguesa:

“Acho que sim, acho que fico mais amigável, talvez não seja a palavra certa ... mais paciente, mais tranquila, para receber resposta (*risos*). Não fico tão insistente, às vezes isso ajuda. Se a pessoa não quer se abrir, não se abre, não ajuda pressão. Lá funciona ao contrário, na República Tcheca, se eu preciso alguma coisa, eu preciso criar um pouco de pressão (*risos*). Aqui é ao contrário, pessoa se precisa acalmar (*risos*).”

direto, é ofensivo para eles e eles não responderão de qualquer maneira.”

Sua descrição é prática, ela entendeu as regras culturais da sociedade local que cocria a cultura brasileira, e para ela, a língua é um meio prático de comunicação que ela usa de forma consciente. Ela descreve, de fato, diferenças equilibradas nos aspectos culturais usados para uma comunicação bem-sucedida em ambas as culturas dessemelhantes.

Neste ponto é muito oportuno pensar sobre o contexto da formação da identidade discursiva. A entrevistada “aprende” a ser quem ela precisa ser em um novo ambiente social e cultural, em práticas discursivas em que interage com outras pessoas. A construção e, portanto, a reconstrução da identidade pode ser alcançada por meio de expressões linguísticas, mais especificamente por meio da fala e da narração. A identidade da respondente se materializa por meio do discurso (ARCHAKIS e TZANNE, 2005, p. 271; SCHIFFRIN, 1996, p. 198; SCHRAUF, 2000, p. 128; WODAK, 1999, p. 153). O sujeito pesquisado é um exemplo de identidade instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, incompleta e associada a estruturas discursivas e narrativas (SILVA, 2000, p. 97), sendo que as identidades são construídas discursivamente, envolvidas em práticas sociais e amplos sistemas ideológicos (MILLER, 2004, p. 290). A entrevistada entende o uso da linguagem como uma prática social que implica a compreensão desta como uma forma de agir historicamente situada e socialmente constituída, mas também constitutiva de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crenças (RESENDE e RAMALHO, 2004, p. 189). Resulta do exposto que o sujeito passa por um processo de reconfiguração de sua identidade em relação ao uso de uma nova língua - o português.

Décima sexta pergunta: Se você pudesse, voltaria para o seu país para morar?

Língua tcheca:

“Provavelmente não ... primeiro puder, posso a qualquer momento. Mas eu não penso nisso agora, eu tenho essa opção, bom ... a gente sabe, mas eu não penso nisso ... agora não sei

Língua portuguesa:

“Acho que não, no momento ... cara! Não sei o que vai acontecer agora por causa da pandemia ..., mas pelo ... acho que não. Tenho as mesmas oportunidades aqui e lá. Então ... não sei.”

o que meu marido pensa (*risos*), mas eu não penso em voltar.”

A entrevistada evidencia que tem oportunidade aberta para retornar à sua terra natal, porém, não considera regressar à República Tcheca nesta fase da sua vida atual. Ela demonstra que se estabeleceu no novo país e atualmente não tem necessidade ou vontade de voltar. As respostas desta questão, embora interessantes, não fornecem aspectos adequados que contribuam para um melhor processamento deste trabalho acadêmico, portanto não serão analisadas.

Tomando uma visão global de toda a entrevista, da vida do indivíduo pesquisado e de suas respostas, é necessário lembrar alguns fatos que, sem dúvida, atuam como fatores para sua reconfiguração de identidade: ela nunca deixou de falar ativamente sua língua materna, ela vive em uma família tcheca com filhas tchecas, que pode ser caracterizada como uma certa “bolha social”, ela usa ativamente o inglês em seu trabalho e, em parte, também em sua vida privada. Esses fatos a levaram a se tornar uma poliglota com diversas identidades, onde essas identidades mudam de acordo com a linguagem utilizada (ex. BORODITSKY, 2003, p. 66; KOCH, 2003, p. 123; RAJAGOPALAN, 1998, p. 41; REVUZ, 1998, p. 227; ŠAJCH, 2019, p. 167). A linguagem é, pode-se dizer, uma prática criativa da realidade social (FOWLER, 1985, p. 62). Suas diferentes identidades são entendidas como diferentes formas pelas quais os indivíduos se definem ou querem ser definidos nos contextos sociais a que pertencem (HOLLIDAY, HYDE e KULLMAN, 2004).

Muitas partes da entrevista mostraram choque cultural (OBERG, 1954; OBERG, 1960) ora por não saber o idioma, e precisar usar o serviço de um intérprete; estar em um ambiente novo e desconhecido; chorar por seis meses enfrentando a nova realidade. Quando ela fala também sobre álibis brasileiros, falta de confiança e alguns outros aspectos culturais que a “irritam a cada dia”.

A aprendizagem do novo sempre se dá em um determinado meio social e é sempre uma prática social, que se dá através das relações e interações sociais nas quais as identidades são constantemente reconstruídas (BRISOLARA, 2015, p. 111). A entrevistada teve que adaptar seus padrões de comportamento, que se baseiam nas expectativas dos outros (RODRÍGUEZ CAAMAÑO, 2001; JANDOUREK, 2003, pp. 61-63), e, portanto, o processo de transformação de sua identidade nunca termina e muda conforme às interações sociais, desejos e encontros

que ela passa durante a sua vida, os quais geralmente são únicos e altamente subjetivos (TABOURET-KELLER, 1997, p. 316, apud MARTÍNEZ, 2005).

A respondente é um exemplo de identidade instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, incompleta associada a estruturas discursivas e narrativas, conforme Silva (2000, p. 97). Pode-se inferir que a entrevistada está em processo de reconfiguração de sua identidade em relação ao uso da nova língua - o português.

APÊNDICE 0 – TABELA AUXILIAR

E1	E3	E5	E8	E9	E10	E11	E12	E16	E17
D, oportunidade, namorada CZ, Everett-1 (grupo social), Geertz	M, oportunidade, namorada CZ, Everett, (Raja-ID se adapta	M, oferta de trabalho antes, SA	M, namorado que se tornou marido, aculturação, Abe	M, oportunidade, intercâmbio na RT e ficou, reconfiguração da ID, Raja e outros	D, trabalho em PT, mulher em CZ, ID influenciada pela língua, Janiková	M, namorada BR, pensamento como produto cultural, LI como construção social, Geertz, Leeds	M, oferta de trabalho antes, SA	M, natureza, mar, SA	M, oportunidade - marido dela ganhou trabalho no BR, SA
M, a vida é mais tranquila, SA	M, me tornei pessoa melhor, Everett-cultura	M, gosta muito, ID por meio da língua, Raja, Shaikh	M, agora sim, antes não, choque cultural, Oberrig, Chapelaine	M, gosta muito, segurança, 3+4p	D, gosta, porém às vezes menos, emoções, quem sou eu? Bauman, Macház	M, gosta, SA	M, sim, gosta, emoções, distância, Macház, Bondi, Marcos, Huston	M, sim, SA	M, sim, alguns aspectos não, cultura, Everett
M, sempre estudante, 3 SA	M, estudante, professor, compareza cultura, Tazaf	M, trabalhava e deixou tudo lá, ficou triste, SA	M, trabalhava e deixou tudo lá, ficou triste, SA	M, estudava, muita motivação, Oyerman, Dornal, Abirajonhoo	M, estudava, trabalhava, SA	M, estudava, trabalhava, SA	M, estudava, trabalhava, reconfiguração constante, Hall, Raja	M, estudava, trabalhava, reconfiguração	M, estudou, trabalhou, SA
M, multilingue (PT, ENG, 4 CZ), Raja	M, quer se integrar, ID inconspicua na prática discursiva, Silva, Motia, Raja	M, CZ, EN, PT, ES, relações variáveis, visão do mundo, Hrdá, Pérez-Verente	M, CZ, EN, PT, ES, relações variáveis, visão do mundo, Hrdá, Pérez-Verente	M, EN, CZ, PT, Translinguagem, não usa PT muito, Canagarajah, Wei	M, não usa CZ, usa PT, EN, FR, falamos como aqueles com quem falamos, Kramsch, Everett	M, tcheco para trabalho, PT para vida, EN, ES, língua como nova pessoa, Raja, Van Dijk	M, CZ na vida pessoal, PT trabalho, tem esposa tcheca, papel social, cultura, Everett, Geertz	M, não usa tcheco, LI são diferentes, ID plurais, Boroditsky, Canagarajah	M, usa CZ em casa, PT na rua e trabalho, EN, Pessoa muda com a LI, Boroditsky, Koch, Raja, Shaikh
M, choque cultural, 5 Oberrig	M, outras línguas percebem o mundo diferentemente, Everett	M, não sinto diferença, identidade múltipla, Hrdá	M, não sinto diferença, identidade múltipla, Hrdá	M, irrita ela escutar o PT na RT, língua na mente do falante, Krumm	M, só a distância, língua, Everett	D, fala sobre cultura através da língua, Kramsch, Everett	M, cada dia na família dele, vê diferença nas línguas, Everett, Shaikh	M, cada dia na família dele, vê diferença nas línguas, Everett, Shaikh	M, em casa com família, se sente normal, LI cria realidade social, Fowler, Everett
M, relativamente bem - minimamente passível, 6 SA	M, uma guerra sem fim, Everett	M, um pouco, como 6+7+8p	M, sim, fala, 6+7+8p	M, fala bem porém se abateu, motivação, Falcão	M, agora sim, SA	ID, sim, gostaria, LI como expansão da ID, Krosic, Raja	M, semia falar constantemente, 4+6p	M, sim, SA	M, fala rápido, não constantemente, Everett
M, analfabeto, 7 ignorância = choque cultural, Oberrig	M, quer se integrar, se permite usar CZ com confiança, Silva	M, me frustra, insegurança, 6+7+8p	D, fala bem, não penso para falar, 6+7+8p. Choque cult., ID em comparação com outros Oberrig+Bourdieu	M, motivação e integração, talvez autocensura, motivação, Williams	M, com todos, se sente diferente no TAP, língua em serviço da cultura, Labov, Kramsch, Everett	M, gosta de falar PT, LI como meio de comunicação, Cermak, Carny, Everett, Travaçã Falcão	M, PT com todo mundo, resposta longa! LI materna é pessoal, L2 de distância e do desapego, Pavlenko, Dyerman, Falcão	M, com todos, sente se da mesma, cultura preenche os detalhes, falar como aqueles com quem falo, Everett	M, trabalho. Sente se retardada - não pode se defender. Quem sou eu? Sauman, contexto social, Holliday, emoções, Macház
M, quer ser ouvido, não quer ser ignorado, 8 Bourdieu, Van Dijk	M, não falava nada, quiz se integrar, Silva	M, estudava antes, estudou russo também, ID como dif. Processos de socialização e aprendizagem, Dubar, Raja	M, estudava muito, passou pela reconfiguração, ID como práticas sociais, papel social, Silva, Miller, Gee	M, motivação, se esforça muito, elemento constitutivo da ID, Hrdá	M, não. Motivação forte, 4+8p	M, muita dificuldade, LI como meio de comunicação, Cermak, Carny, Everett, Travaçã Falcão	M, muita dificuldade, não falava nada! 7+8p.	M, não teve dificuldade, já falava um pouco, SA	M, muita, não falava nada, choque cultural, Oberrig, Chapelaine, Silva
M, assimilação cultural, 9 Spießberger, Abe	M, aprender a LI e a CU é obrigação dele, quer a integração máxima, Silva	M, não. O CZ é indispensável, quer falar, ID na sua pluralidade, Janiková, Hrdá	M, já estou integrada na cultura e língua, integração máxima, Jendourek, Motia, Silva	M, não. Motivação, integração na cultura, adaptação máxima, Jendourek, Motia, Silva	M, não, integração máxima, Silva	M, não. LI como processo social, Van Dijk	M, não busca, porém gosta de cultura tcheca e da língua, Tyler, Matsumoto, Everett	M, não busca, porém gosta de cultura tcheca e da língua, Tyler, Matsumoto, Everett	M, não - têm marido e filhas tchecas, 8+9p.

10	M, choque cultural, assimilação cultural, Oberig, Silva	D, em C2 fala bem, em PT fala mal dos tchecos. Integração, assimilação, Silva, Miller, Raja, Spielberger, Abe	D, quer se integrar, quer entender a cultura, 10+11perg.	D, machismo, adaptação negativa na cultura C2, choque cultural, relações dinâmicas, cultura preenche os vazios, Oberig, Hrdi, Everett	M, choque cultural, adaptação, Oberig	D, muito filosófico, ID construída discursivamente. Gise	D, resposta longa, forma le tom da fala é super importante para brasileiros, vídeo de mundo, Everett	M, muito diferente - as culturas, se irrita, choque cultural, Oberig	D, não pode falar direito, promessas, choque cultural, autocensura, Oberig, Corseth	M, cultura do corpo, choque cultural, Oberig
11	D, não respondeu a pergunta, assimilação cultural, Everett	M, integrar se, não é observador, Samovar	M, observador, quer se integrar, Silva	M, observadora, simbiose, adaptação, Pinker, Silva, Everett, Janibová, Raja	M, observador, choque cultural, Oberig, Silva	M, não é observador, se irrita com os costumes, Silva	M, observadora, valores do grupo, cultura ancestral, Spielberger, Abe	M, observadora, se irrita com os costumes, Silva	M, observadora, valores do grupo, cultura ancestral, Spielberger, Abe	M, não se identifica com eles, esquizofrênica, 11+12p.
12	D, fala sobre outras coisas nas perguntas. Zona de conforto, Norton, Olson	M, assimilação, gosta dos relacionamentos interpessoais, Silva	M, relações interpessoais que gosta, assimilação, Falamos como aqueles com quem falamos - Everett 10+11perg.	M, segurança e possibilidade de voltar para o Brasil, reconstrução pela cultura, Tyler	D, livro, emoções como percepção língua e da cultura, Machaj, Huston	M, os brasileiros acolhem as crianças, Silva	M, aproveitar o tempo livre, natureza, assimilação, Silva, Spielberger, Abe	M, não se identifica com eles, esquizofrênica, 11+12p.	M, não se identifica com eles, esquizofrênica, 11+12p.	M, não se identifica com eles, esquizofrênica, 11+12p.
13	M, exclusão ou discriminação, Silva	M, comida, SA	M, comida BR, assimilação cultural, Spielberger, Abe	M, comida, cultura, Tyler, Matsumoto	D, família, desafio, cultura, Everett	M, confiabilidade, pessoas, 10+13p.	M, segurança, cultura, 10+13p.	M, segurança, cultura, 10+13p.	M, segurança, cultura, 10+13p.	D, confiabilidade, comprometimento, choque cultural, Oberig, Samovar
14	M, sabe que não é o mesmo, mas tentando ser a mesma pessoa, Raja	M, ele se viu pessoa mais calma, tem liberdade, menos agressiva, Everett	D, ela se percebe diferente em PT, mesma em C2, emoções, pensa diferente em C2, Machaj, Boroditsky, Everett, Norton	M, se percebe diferente, não já é tcheca, Falamos como aqueles com quem falamos, Everett, Krausch, e cultura em Judo	M, sou outra pessoa - mais livre, valor como produto cultural, Gertz, papel social, Berger	D, sim, não entendeu a pergunta, 14+15p.	M, não é diferente, mas preciso mudar :) discurso social, Van Dijk, como ID em construção, Briodara, Rodriguez, Everett	M, não é diferente, mas preciso mudar :) discurso social, Van Dijk, como ID em construção, Briodara, Rodriguez, Everett	M, antes e depois das filhas, não por causa da língua, relações sociais como ID em construção, Briodara, Rodriguez, Everett	M, antes e depois das filhas, não por causa da língua, relações sociais como ID em construção, Briodara, Rodriguez, Everett
15	M, limitação é diferente pela língua, frustração, Everett, Metakate	D, quer integração, quer aprender C2, Rinvolluri, Raja	D, não em PT, sim em C2, construção social, Leida-Hurwitz, Dor	M, é diferente, a língua ajuda a entender a cultura, satisfação, Everett	M, mudou, porém por causa da cultura / autocensura, Mendes, Almeida, Corseth, Goffman	M, não mudou, U para completar a cultura, Everett, Tranaglia, Dubar, Rinvolluri	M, mudou por causa da cultura, U no serviço da cultura, Everett, Silva, Rinvolluri	M, mudou por causa da cultura, U no serviço da cultura, Everett, Silva, Rinvolluri	M, mudou por causa da cultura, U no serviço da cultura, Everett, Silva, Rinvolluri	M, mudou por causa da cultura, U no serviço da cultura, Everett, Silva, Rinvolluri
16	M, sem saber o que fazer. JELÉ PROVA QUE A LINGUA LHE RECONFIGUROU	M, nunca quer voltar! Muito forte, SA	M, nunca SA	M, voltaia (única BR), dificuldades na adaptação, SA	M, não sabe, RT se tornou médico, Falamos como aqueles com quem falamos, Krausch, Everett, Labov	M, sim, porém agora não precisa, ID dinâmica, Hrdi	M, sim, porém agora não precisa, ID dinâmica, Hrdi	M, sim, porém agora não precisa, ID dinâmica, Hrdi	M, sim, porém agora não precisa, ID dinâmica, Hrdi	M, provavelmente não, ID em mudança com U diferente usada, Boroditsky, Raja, Renvu, Fowler
		Está no processo de reconfiguração identitária	Ela já se reconfigurou pela língua e cultura	Ela já se reconfigurou pela língua e cultura	Ele se reconfigurou! Com toda certeza	ela se reconfigurou	ela se reconfigurou	ela se reconfigurou	ela se reconfigurou	Ela se reconfigurou, não se sabe a razão